

## Subcapítulo 7.2: Mortes Ilícitas e Desaparecimentos

### Forçados

Subcapítulo 7.2: Mortes Ilícitas e Desaparecimentos Forçados.....	1
7.2.1 Introdução.....	2
7.2.2 Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados durante o conflito interno: 11 de Agosto a 24 de Setembro de 1975 .....	8
Mortes ilícitas antes do movimento da UDT de 11 de Agosto de 1975 .....	15
Mortes em 11 de Agosto, dia do movimento armado da UDT .....	15
Mortes ilícitas após o movimento armado da UDT, 12 a 17 de Agosto.....	18
Mortes ilícitas entre 18 e 20 de Agosto.....	21
Mortes entre 21 e 30 de Agosto, período principal do conflito interno armado .....	23
Execução de presos e outros homicídios em Setembro .....	27
Outros homicídios.....	30
7.2.3 Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados durante a ocupação indonésia (1975/1999).....	33
Mortes ilícitas perpetradas pelos militares indonésios antes da invasão de Dezembro de 1975 .....	33
Mortes ilícitas perpetradas pelos militares indonésios durante a invasão de Díli, 7 e 8 de Dezembro de 1975 .....	37
Mortes ilícitas perpetradas pela Fretilin após a invasão indonésia (Dezembro de 1975 e Fevereiro de 1976).....	52
Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados pelas <i>ABRI</i> após a Invasão Indonésia, 1976/1979 .....	64
Mortes após a queda das bases de apoio .....	79
<i>Fontes: HRVD, Testemunhos n.ºs 03058, 09194, 03190 e 05305; CRRN, Comunicado, sem data.</i> .....	130
Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados da responsabilidade da Fretilin/ Falintil 1976/1979 .....	130
Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados pelas <i>ABRI/TNI</i> (1980/1984) .....	158
Execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados perpetrados pelo <i>TNI</i> 1985/1989.....	211
Execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados perpetrados pelas forças de segurança indonésias, 1990/1998 .....	215
Violações fatais cometidas pela Fretilin/Falintil, 1980/1999 .....	251
Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados, 1999 .....	265
7.2.4 Conclusões.....	316
Conflito interno, 1974/1976 .....	317
Ocupação indonésia 1975/1999.....	321

## 7.2.1 Introdução

A Comissão calcula que tenham ocorrido cerca de 18.600 mortes ilícitas e desaparecimentos durante o período do seu mandato. A grande maioria foi perpetrada pelas forças de segurança indonésias. A proporção do número total de mortes e desaparecimentos atribuídos às forças de segurança indonésias foi aumentando regularmente ao longo dos anos da ocupação, embora o número absoluto tenha diminuído na maioria dos anos desde meados da década de 1980 até 1999.

### Definições

A privação arbitrária da vida humana é proibida ao abrigo do direito internacional dos direitos humanos.<sup>I</sup> Mesmo quando uma emergência ameaça a vida de um país, as obrigações referentes ao direito à vida não podem ser limitadas de modo algum (ou seja, “por cláusulas derogatórias”).<sup>II</sup> O direito de uma pessoa a não ser privada da sua vida de uma forma arbitrária também se aplica durante um conflito armado. Durante um conflito dessa natureza, saber se a privação da vida é ou não arbitrária é questão que deve ser determinada pela aplicação das regras do direito internacional humanitário.<sup>III</sup> As mais importantes destas regras, para os efeitos do presente subcapítulo, são as seguintes.

- O homicídio qualificado de civis é sempre proibido.
- É proibido matar intencionalmente combatentes que já não estejam a participar no combate por estarem feridos ou doentes, terem sido capturados, ou terem deposto as armas.

No presente subcapítulo, a Comissão adoptou determinada terminologia para se referir às violações analisadas. Os termos “execuções extrajudiciais” ou “mortes ilícitas” são indiscriminadamente utilizados para referir quaisquer homicídios qualificados que violem o direito à vida, tal como acima descrito. Para maior brevidade, o presente subcapítulo utiliza os termos “homicídios” ou “execuções” para exprimir o mesmo significado.

Os termos “execução em massa” e “massacre” também são utilizados ao longo do presente subcapítulo. A Comissão definiu “execução em massa” como o homicídio de cinco ou mais pessoas especificamente marcadas como alvos, levado a efeito num mesmo local durante uma única operação, encontrando-se as vítimas efectivamente indefesas. “Massacre” é definido pela Comissão como o homicídio indiscriminado de cinco ou mais pessoas, levado a efeito num mesmo local durante uma única operação, encontrando-se as vítimas efectivamente indefesas. A utilização de “indiscriminado” apresentada nesta definição não pretende insinuar que o grupo que é objecto de ataque tenha sido escolhido de forma aleatória, apenas que as pessoas do grupo não foram marcadas individualmente. Por conseguinte, em alguns dos massacres descritos no presente subcapítulo — como os massacres que se seguiram ao incidente de Kraras, em Agosto de 1983, o Massacre de Santa Cruz de 12 de Novembro de 1991 e o Massacre da Igreja Suai, em Setembro de 1999 — o comportamento dos atacantes não foi indiscriminado no sentido de os seus actos não serem dirigidos contra um determinado grupo de

---

<sup>I</sup> Declaração Universal dos Direitos Humanos, Artigo 3º; Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, Artigo 6º; e direito consuetudinário: ver Comité de Direitos Humanos, Comentário Geral nº 24, parágrafo 8.

<sup>II</sup> Pacto Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos, Artigo 4º, nº 2; Comité de Direitos Humanos, Comentário Geral nº 6, parágrafo 1.

<sup>III</sup> Parecer Consultivo sobre a Licitude da Ameaça ou da Utilização de Armas Nucleares, (1996) Relatórios do Tribunal Internacional de Justiça 226 em 240.

pessoas, nem terem sido desencadeados por determinado acontecimento, mas apenas no sentido de esses mesmos actos não terem escolhido como alvo certas pessoas dentro do grupo atacado.

Embora um “massacre” definido desta maneira não constitua uma violação isolada de uma determinada regra do direito internacional (constituindo, pelo contrário, um grupo de violações), a Comissão considera ser importante referir-se a massacres porque estes demonstram a dimensão e a gravidade deste tipo de homicídios.

A Comissão adoptou a proposta de definição de desaparecimentos forçados utilizada pelo Grupo de Trabalho das Nações Unidas encarregado de elaborar um Instrumento Normativo Juridicamente Vinculativo para a Protecção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados.<sup>IV</sup> Em conformidade com o mesmo, a Comissão define “desaparecimento forçado” como:

A detenção, prisão, rapto ou qualquer outra forma de privação da liberdade perpetrada por agentes do Estado, ou por pessoas ou grupos de pessoas agindo com a autorização, o apoio ou a aquiescência do Estado, seguida da recusa em reconhecer essa privação da liberdade ou de ocultação do destino ou do paradeiro da pessoa desaparecida, colocando essa pessoa fora da protecção da lei.<sup>V</sup>

O direito internacional proíbe a perpetração de desaparecimentos forçados.<sup>VI</sup> A Declaração sobre a Protecção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados estipula que ninguém deve ser sujeito a desaparecimento forçado e que nenhuma circunstância excepcional — seja uma guerra, ameaça de guerra, instabilidade interna ou outra emergência — podem ser invocadas como justificação para desaparecimentos forçados.<sup>VII</sup> Os Estados têm a obrigação de tomar medidas específicas para evitar o desaparecimento forçado de pessoas e devem investigar e mover acções judiciais contra os desaparecimentos quando estes ocorrem.<sup>VIII</sup> Além do direito à vida, os desaparecimentos violam o direito da vítima à liberdade e à segurança da sua pessoa, a não ser alvo de tortura e maus-tratos, a ser tratada com humanidade quando privada de liberdade e a ser reconhecida como pessoa perante a lei.<sup>IX</sup> Os desaparecimentos também podem “provocar angústia mental nos familiares da vítima, em grau suficiente para

<sup>IV</sup> A definição continua a ser tema de discórdia nas deliberações do Grupo de Trabalho, mas a origem dessa discórdia é se a definição deve ser alargada de modo a incluir intervenientes não estatais actuando sem autorização, apoio ou aquiescência do Estado. Uma vez que os desaparecimentos em Timor-Leste não foram perpetrados por tais pessoas, esta dificuldade não afecta o uso que a Comissão dá à definição do Grupo de Trabalho.

<sup>V</sup> Documento de trabalho preparado pelo Presidente do Grupo de Trabalho com o objectivo de se elaborar uma proposta de instrumento normativo juridicamente vinculativo para a protecção de todas as pessoas contra os desaparecimentos forçados, no final da sua 4ª Sessão (31 de Janeiro – 11 de Fevereiro de 2005), E/CN.4/2005/CRP.4, 7 de Março de 2005, artigo 1º.

<sup>VI</sup> Declaração sobre a Protecção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, Resolução da Assembleia Geral 47/133, 18 de Dezembro de 1992, artigo 2º.

<sup>VII</sup> Documento de trabalho preparado pelo Presidente do Grupo de Trabalho com o objectivo de se elaborar uma proposta de instrumento normativo juridicamente vinculativo para a protecção de todas as pessoas contra os desaparecimentos forçados, no final da sua 4ª Sessão (31 de Janeiro – 11 de Fevereiro 2005), E/CN.4/2005/CRP.4, 7 Março 2005, artigo 3º.

<sup>VIII</sup> Comité de Direitos Humanos, Comentário Geral nº 6, parágrafo.4; Declaração sobre a Protecção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, Resolução da Assembleia Geral 47/133, 18 de Dezembro de 1992, artigos 3º e 4º.

<sup>IX</sup> Jegatheeswara Sarma vs Sri Lanka (2003) Comunicado do CDH nº 950/2000, parágrafo 9.3; Declaração sobre a Protecção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, Resolução da Assembleia Geral 47/133, 18 de Dezembro de 1992, artigo 1º, nº 2.

constituírem violação da proibição de tortura e tratamento ou punição cruel, desumano ou degradante”.<sup>x</sup>

A especial repugnância associada aos desaparecimentos, devida à incerteza sobre o destino da vítima e o sofrimento por isso provocado àqueles que lhe são próximos, é também reconhecida na proposta de declaração da ONU, onde se refere que “actos que constituam desaparecimento forçado devem ser considerados uma infracção contínua enquanto os perpetradores continuarem a ocultar o destino e o paradeiro de pessoas que tenham desaparecido e esses factos continuem por esclarecer”.

Na prática, a distinção entre execuções e desaparecimentos foi frequentemente pouco nítida durante os anos de conflito em Timor-Leste. Ao longo da sua investigação, a Comissão recebeu, por vezes, vários depoimentos sobre o mesmo caso, em que uma pessoa afirmava que a vítima tinha desaparecido e outra, por ter tido um acesso mais directo ao acontecimento, afirmava que a vítima fora executada. Independentemente de as informações darem a vítima como executada ou desaparecida, o elo comum que une todos estes casos, e causa de profunda e contínua angústia para os familiares e amigos, é o facto de os restos mortais da vítima nunca terem sido recuperados. Os familiares das pessoas desaparecidas que prestaram depoimentos à Comissão, alguns dos quais são citados abaixo, sublinharam frequentemente a angústia provocada pelo facto de poder haver pessoas capazes de identificar o local onde os cadáveres foram eliminados e que poderiam ajudar a recuperá-los.

## Metodologia

Para adquirir uma imagem rigorosa dos homicídios e desaparecimentos que tiveram lugar em Timor-Leste durante os anos do conflito, a Comissão adoptou diversas abordagens:

- A Comissão reuniu 7.668 testemunhos narrativos dos 13 distritos de Timor-Leste e de refugiados residentes em Timor Ocidental. Os depoentes do processo de recolha de testemunhos da Comissão relataram um total de 5.120 homicídios singulares e 835 desaparecimentos.
- Na fase inicial do seu trabalho, a Comissão realizou consultas em cada subdistrito, com o objectivo de identificar acontecimentos em que tivessem ocorrido violações importantes dos direitos humanos. Durante esta consulta, muitas pessoas falaram sobre massacres e homicídios que tiveram lugar na sua comunidade. Com base nestas informações, bem como noutras fontes, os colaboradores da Comissão realizaram aproximadamente 1.000 entrevistas a testemunhas e sobreviventes de homicídios e desaparecimentos nos 13 distritos.
- Dezassete vítimas e duas testemunhas especializadas prestaram depoimentos na Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, realizada em Díli entre 19 a 23 de Dezembro de 2003. Os sobreviventes conseguiram descrever a brutalidade que testemunharam ou sofreram durante o período de 25 anos de conflitos. Algumas testemunhas apresentaram recomendações à Comissão sobre como assegurar que estas violações graves não voltassem a acontecer.
- A Comissão realizou debates ao nível das comunidades em 216 sucos, para documentar as experiências colectivas das comunidades referentes a violações dos direitos humanos. Durante estes debates, as pessoas falaram sobre homicídios e desaparecimentos que ocorreram na sua comunidade.

---

<sup>x</sup> Quinteros vs Uruguay (1983) Comunicado do CDH nº 107/1981, parágrafo 14; Jegatheeswara Sarma vs Sri Lanka (2003) Comunicado do CDH nº 950/2000, parágrafo 9.5.

- A Comissão, juntamente com peritos em estatística, realizou um projecto especial para elaborar uma estimativa do número total de mortes devidas a todas as causas, incluindo homicídios, durante o conflito. O projecto consistiu em dois exercícios de recolha de informação: um recenseamento de lápides tumulares com e sem inscrição, descobertas em 492 cemitérios em todo o país (a Base de Dados do Recenseamento de Cemitérios — GCD); e um estudo realizado em 1.322 agregados familiares escolhidos aleatoriamente sobre as mortes e as deslocações sofridas por essas famílias durante o período do conflito (o Estudo Retrospectivo da Mortalidade – RMS). No estudo, foi pedido aos inquiridos que especificassem a causa da morte, que poderia incluir homicídio. Para chegar a esta conclusão sobre a estimativa do número de mortes, a Comissão combinou os dados da GCD com os dados recolhidos através do processo de recolha de testemunhos.<sup>XI</sup>
- A Comissão também recebeu documentação sobre este tópico. O Gabinete do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, por exemplo, disponibilizou um estudo importante sobre a violência ocorrida em 1999. A Comissão também teve acesso a dados reunidos por organizações não governamentais nacionais e internacionais sobre homicídios e desaparecimentos ao longo do período do conflito.

A análise do presente subcapítulo baseia-se na análise quantitativa dos dados recolhidos pela Comissão ao longo do seu processo de recolha de testemunhos, na Base de Dados do Recenseamento de Cemitérios e no Estudo Retrospectivo da Mortalidade, bem como em entrevistas realizadas pela Comissão a testemunhas e, ocasionalmente, a perpetradores e fontes secundárias. Embora tendo utilizado os dados quantitativos para esclarecer padrões importantes da violência, no tempo e no espaço, a Comissão entende que, para se alcançar um entendimento abrangente dos homicídios ocorridos em Timor-Leste durante o período do mandato, é preciso que estes sejam inseridos no contexto em que ocorreram e isso só é possível através de entrevistas realizadas expressamente para esse fim.

### Síntese quantitativa

Com base na sua análise quantitativa, a Comissão concluiu que, dos cerca de 18.600 mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de não combatentes timorenses perpetrados entre 1974 e 1999, a esmagadora maioria, 70%, foram perpetrados pelas forças de segurança indonésias, incluindo auxiliares timorenses.<sup>XII</sup> As mortes ilícitas e desaparecimentos forçados foram perpetrados pela Resistência, bem como pelas forças de segurança indonésias. O perfil temporal dos homicídios e desaparecimentos atribuídos à Resistência é muito diferente do que é atribuído às forças de segurança indonésias. Segundo as informações recebidas, os homicídios e desaparecimentos perpetrados por membros da Resistência encontram-se concentrados nos primeiros anos do conflito, sobretudo durante e depois do conflito interpartidário conhecido como “a guerra civil” e durante as purgas intrapartidárias da Fretilin de 1976 e 1977/1978. Enquanto 49,0% (561/1.145) de todos os homicídios e desaparecimentos documentados ocorridos em 1975 são atribuídos à Fretilin/Falintil, a percentagem (embora em 1976/1984 não represente o número absoluto de homicídios e desaparecimentos) diminui acentuadamente em cada período subsequente, atingindo 16,6% (563/3.398) dos homicídios e desaparecimentos documentados ocorridos em 1976/1984, para 3,7% (18/488) em 1985/1998 e para 0,6% (5/898) em 1999. Existe

<sup>XI</sup> A HRDAG é uma divisão da Benetech Inc., sediada em Palo Alto, Califórnia, EUA. Os funcionários da HRDAG incluem estatísticos, programadores informáticos e peritos em ligação entre registos. Os membros da equipa da HRDAG trabalharam em documentação sobre direitos humanos e projectos de análise em larga escala em cinco continentes, em mais de doze países ao longo dos últimos 20 anos. A HRDAG trabalhou com Comissões oficiais de apuramento da verdade no Haiti, na África do Sul, na Guatemala, no Peru, no Gana e na Serra Leoa; com o Tribunal Penal Internacional para a Antiga Jugoslávia; e com grupos de direitos humanos não-governamentais em El Salvador, no Camboja, na Guatemala, na Colômbia, no Afeganistão, no Sri Lanka e no Irão. Para mais informações, consulte <http://www.hrdag.org>.

<sup>XII</sup> Os auxiliares incluem grupos de “defesa civil” (incluindo *Hansip*, *Ratih*, *Wanra* e *Kamra*), membros da administração local desempenhando um papel de “segurança”, grupos paramilitares (como o *Tonsus* e as várias “Equipas” que antecederam as milícias formadas em 1998/1999), e os próprios grupos de milícias.

um aumento correspondente na percentagem de homicídios e desaparecimentos atribuídos às forças de segurança indonésias e aos seus auxiliares timorenses.

### Mortes e desaparecimentos perpetrados pela Resistência

A Comissão não pretende, de modo algum, minimizar as violações cometidas pela Resistência. Nas fases iniciais do conflito, muitas figuras da liderança política e militar da Resistência comportaram-se com extrema brutalidade, não só para com os seus adversários políticos, mas também para com cidadãos comuns. No entanto, durante a década de 1980 e 1990, tanto as provas quantitativas como as provas qualitativas confirmam que o número de homicídios e desaparecimentos atribuídos à Resistência diminuiu acentuadamente. Além disso, por diversos motivos, foi muitas vezes difícil à Comissão assegurar-se de que a Resistência tinha efectivamente responsabilidade institucional pelas mortes ilícitas e desaparecimentos que lhe são atribuídos. Uma vez que a sociedade timorense se tornou fortemente militarizada durante este período, o estatuto de muitos dos civis mortos pela Fretilin/Falintil era frequentemente ambíguo. O facto de as vítimas incluírem pessoas que foram colocadas em risco à força pelas forças de segurança indonésias complica ainda mais a atribuição de responsabilidade. Além disso, sobretudo durante ataques armados, nem sempre as informações disponíveis permitem distinguir de maneira clara se uma determinada vítima foi especificamente marcada como alvo. Por último, pelo menos em alguns casos, sobretudo, mas não apenas, em 1999, a Comissão recebeu informações credíveis, incluindo de pessoas que tinham sido censuradas pelos seus actos, de que o Comando Supremo das Falintil não consentiu institucionalmente as violações cometidas pelos seus elementos.

### Mortes e desaparecimentos perpetrados pelas forças de segurança indonésias

Em contrapartida, os militares indonésios recorreram continuamente ao homicídio e ao desaparecimento, durante todo o período da ocupação de Timor-Leste pela Indonésia. Esta continuidade constitui indicação de que os homicídios e os desaparecimentos prosseguiram o objectivo estratégico geral de eliminar a oposição à ocupação, aterrorizando a população em geral. O carácter geral dos homicídios e desaparecimentos perpetrados pelas forças de segurança indonésias, os métodos específicos por elas utilizados e a impunidade garantida aos perpetradores são outros indicadores.

A natureza e dimensão dos homicídios e desaparecimentos perpetrados pelas forças de segurança indonésias mudaram ao longo do tempo, à medida que a ocupação indonésia de Timor-Leste e a resistência a essa ocupação passavam por diferentes fases. Os homicídios e desaparecimentos perpetrados pelas forças de segurança indonésias atingiram níveis máximos em 1975/1979, 1983/1984 e 1999. No entanto, embora entre 1975 e 1999 houvesse alguns anos com um número de homicídios relativamente baixo, o facto de existirem máximos de homicídios e desaparecimentos nos primeiros e últimos anos da ocupação, talvez constitua uma indicação de que as forças de segurança indonésias sempre estiveram preparadas para recorrer a execuções ao longo do período da ocupação.

Os homicídios perpetrados pelas forças de segurança indonésias tinham um carácter particularmente hediondo. Os métodos utilizados variavam desde: morte devido a privação grave numa cela de prisão; execuções públicas realizadas com a mais extrema brutalidade, nas quais os aldeões eram, por vezes, obrigados a participar; execuções em locais supostamente secretos, que na realidade se tornaram do conhecimento geral; e execuções indiscriminadas de grandes números de pessoas em espaços confinados.

O facto de as execuções serem frequentemente realizadas em público acrescenta força às provas de que essa prática era sistemática e aceite pelos militares indonésios, quer fossem ordenadas quer consentidas pelos oficiais de alta patente. Os perpetradores directos e os oficiais seus comandantes beneficiavam de quase total impunidade pelos seus actos.

Nos anos imediatamente após a invasão, as forças indonésias participaram em operações para ganhar controlo sobre o território, primeiro ocupando vilas e sucos de importância estratégica e depois destruindo as bases da Resistência no interior e deslocando à força a população civil sob controlo da Fretilin para campos de reinstalação controlados pela Indonésia. A Comissão recebeu vários relatos que mencionam que as forças indonésias mataram não combatentes durante esta fase do conflito. Por vezes, as pessoas mortas tinham sido denunciadas como membros da Fretilin, mas muitas das vítimas destes homicídios eram elementos da população civil escolhidos aleatoriamente como alvos. Os cidadãos comuns eram marcados como alvos em diversas outras circunstâncias: enquanto procuravam víveres ou tratavam dos seus afazeres diários, quando encontravam forças de segurança indonésias em operações, por retaliação contra ataques das Falintil e devido a suspeitas de manterem contacto com a Fretilin/Falintil ou terem conhecimentos sobre estas instituições.

Enquanto participavam em ofensivas contra bases da Fretilin/Falintil e ataques às suas posições, bem como no rescaldo dessas operações, as forças de segurança indonésias mataram civis e outras pessoas que não participavam no combate, incluindo combatentes rendidos e capturados. A maioria dos relatos desta natureza recebidos pela Comissão referem-se ao período entre 1977 e 1979, quando muitas das pessoas que tinham fugido para as montanhas passaram a estar sob custódia das forças indonésias devido a rendição ou captura, e foram sumariamente executadas. A Comissão recebeu informações que indicam que continuaram a ser cometidas violações deste tipo em operações posteriores, nomeadamente a *Operasi Kikis*, em Junho/Setembro de 1981.

Durante os primeiros anos da ocupação, mas sobretudo em 1978/1979 e em 1983/1984, os comandantes, soldados e auxiliares das *ABRI* perpetraram mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de maneira sistemática e generalizada contra pessoas que tinham sido membros activos da Resistência e pessoas suspeitas de manterem contactos clandestinos com membros da Fretilin/Falintil ainda activos na luta armada.

Ao longo da ocupação, mas sobretudo no início da década de 1980, os comandantes, soldados e auxiliares das *ABRI* perpetraram mortes ilícitas e desaparecimentos forçados contra civis para punir colectivamente as comunidades suspeitas de apoiarem as forças das Falintil. A punição indiscriminada de pessoas que se sabia terem estado anteriormente relacionadas com o movimento da Resistência e a punição colectiva de comunidades foram particularmente graves no rescaldo de ataques das Falintil a tropas e alvos militares indonésios, como o ocorrido em Díli em Junho de 1980, em Mauchiga (Hatu Bulico, Ainaro) e região circundante, em Agosto de 1982, e em Kraras (Viqueque), em Agosto de 1983.

No período entre 1985 e 1998, o número de homicídios e desaparecimentos perpetrados pelas *ABRI* e pelos seus auxiliares diminuiu relativamente aos anos anteriores da ocupação. A Comissão recebeu relatos de cerca de 250 homicídios e desaparecimentos, menos de 20 por ano, referentes ao período entre 1985 e 1998, excluindo-se deste número o Massacre de Santa Cruz. No entanto, houve alguma continuidade em relação ao passado. As forças de segurança indonésias continuaram a matar e a provocar o desaparecimento de civis com ligações, ou suspeitos de terem, a grupos que resistiam à ocupação, incluindo membros da Fretilin/Falintil, das redes clandestinas e de outros grupos pró-independência. Durante esse período, tal como em anos anteriores, as forças de segurança indonésias também continuaram a perpetrar homicídios aleatórios de elementos da população civil que tinham sido recrutados à força para operações militares ou que travavam dos seus afazeres diários, ou por retaliação, como, por exemplo, após os ataques das Falintil em Alas (Manufahi), em Outubro de 1998. Reagindo a uma alteração na estratégia da Resistência, também marcaram manifestantes como alvos: o

mais famoso destes casos é o do Cemitério de Santa Cruz, mas também já acontecera antes e durante a visita de embaixadores da União Europeia em Junho de 1997.

Em 1999, os homicídios e desaparecimentos regressaram a níveis nunca vistos desde finais da década de 1970. Em vários aspectos, apresentavam semelhanças flagrantes, de método e objectivo, com os homicídios e desaparecimentos perpetrados nos primeiros anos da ocupação, tendo por alvo activistas políticos e a população civil em geral, com o objectivo de intimidar a população, desta vez para votar a favor da integração na Indonésia. Em dois aspectos, diferiam dos homicídios e desaparecimentos perpetrados em fases anteriores do conflito: em primeiro lugar, a confiança das forças de segurança indonésias em apoiaram-se nos seus auxiliares, que actuavam sozinhos para levar a efeito a campanha contra a população civil; em segundo lugar, após o resultado do acto eleitoral se tornar conhecido, o homicídio tornou-se simplesmente punitivo e vingativo, independentemente de qualquer outro objectivo superior.

## 7.2.2 Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados durante o conflito interno: 11 de Agosto a 24 de Setembro de 1975

A Comissão recebeu informações de 1.070 homicídios de não combatentes cometidos em 1975. Destas informações, apenas 73,6% (787/1.070) registam o mês do acontecimento. A Comissão recebeu 348 testemunhos onde se relatam violações fatais ocorridas nos meses de Agosto e Setembro de 1975, correspondentes a cerca de 44,2% (348/787) dos testemunhos que contêm informação sobre o mês do acontecimento. O número relativamente baixo dos casos relatados à Comissão demonstra as limitações do processo de recolha de testemunhos. A Comissão crê que cerca de 1.500 a 3.000 pessoas morreram durante o conflito interno. Nessa época, os observadores do CICV afirmaram o seguinte:

O total de vidas humanas perdidas é muito difícil de quantificar. Em toda a ilha morreram...3.000 pessoas. Segundo parece, a maioria das vítimas eram não combatentes, aparentemente mortos em combates de rua, ou por represálias exercidas quer pela Fretilin quer pela UDT. O estado de espírito reinante é o de vendeta (conflito).<sup>1</sup>

Baseado nos testemunhos recebidos pela Comissão, o gráfico seguinte apresenta o padrão das mortes ilícitas ocorridas em 1975/1976, por grupos de perpetradores e de vítimas.

[graph b100perp\\_vict75.pdf](#)

O conflito interno de Agosto/Setembro de 1975 registou-se num contexto de tensões crescentes entre os partidos políticos formados em finais de 1974. Após a ruptura da coligação UDT/Fretilin, em Maio de 1975, o caos e a violência políticos instalaram-se nas comunidades, por todo o território. Várias influências externas incentivaram esta violência, incluindo a campanha oculta de desestabilização desenvolvida pela Indonésia a partir de Timor Ocidental e o vacilante processo de descolonização conduzido por Portugal. Os próprios partidos políticos timorenses incentivaram o comportamento antagónico e violento por parte dos seus membros. Algumas

pessoas ou grupos aproveitaram a oportunidade para resolver conflitos antigos, pouco relacionados com o conflito político.<sup>XIII</sup>

No depoimento apresentado à Comissão, Xanana Gusmão descreveu o ambiente de violência e impunidade crescentes, durante os meses que antecederam o movimento armado de Agosto de 1975:

*Notámos que os líderes partidários se mostravam pouco interessados em reduzir o nível de violência e em enfrentar o que se passava. Por vezes, observávamos que os partidos reagiam com satisfação a informações fornecidas pelos seus apoiantes, como: “Espancámos fulano” ou “Matámos sicrano”. Eram vistas como pequenas vitórias...Quando um partido conseguia a adesão da maioria das pessoas num subdistrito, não deixava os outros partidos fazer campanha nessa área. Por isso, quando outros partidos se dirigiam a esses sítios, as pessoas atacavam-nos, impediam-lhes o caminho, boicotavam-nos, atiravam pedras umas às outras e espancavam-se mutuamente.<sup>2</sup>*

---

<sup>XIII</sup> Ver relato pormenorizado do período que precedeu o conflito interno armado no Capítulo 3: História do Conflito. Na presente secção sobre os antecedentes, fornece-se apenas um resumo de vários elementos, no contexto do conflito interno.

## **Programas de rádio: partidarizar e incitar à violência**

A Comissão observa que uma das características marcantes da violência interna de 1975 foi a utilização de programas radiofónicos pelos partidos políticos para incitarem à violência e espalharem o ódio. No decurso da Audiência Pública Nacional da CAVR sobre o Conflito Político Interno, os líderes timorenses descreveram a forma como a UDT e a Fretilin se serviram dos programas de rádio para fazerem ataques pessoais e para atacarem os partidos políticos, ao longo do breve período da descolonização, bem como os prejuízos causados por esses ataques.

Domingos de Oliveira, então Secretário-Geral da UDT, recordou a maneira como os partidos políticos rivais recorriam à rádio para se difamarem mutuamente, pouco depois de o processo de descolonização autorizar a criação de associações políticas:

*Surgiu uma nova situação que criou problemas. Os primeiros comunicados deste teor apareceram na rádio, feitos pelos estudantes timorenses que haviam vindo de Portugal. Exprimiam-se com muita dureza contra a UDT. Diziam que os da UDT eram ultraconservadores desejosos de manter a situação tal como estava e que não queriam a independência... Não era verdade e, por isso, a UDT reagiu. Então, a ASDT reagiu de novo e assim começou a balbúrdia que marcou o relacionamento entre os dois partidos ... Devo reconhecer que esta situação infeliz continuou e foi piorando. Na rádio e as relações entre velhos amigos foram-se degradando, de tal maneira que já não nos considerávamos amigos. Os debates, calmos a princípio, tornaram-se muito nervosos e tensos. Creio que isto está enraizado na nossa cultura: discutimos, queremos bater uns nos outros e depois acabamos a bater na testa e a interrogarmo-nos sobre como foi possível acontecer isto na nossa terra... atacámo-nos uns aos outros com programas de rádio.*<sup>3</sup>

João Carrascalão, também líder da UDT naquela altura, confirmou o uso da rádio para instigar as divisões:

*Quando me envolvi, em Abril de 1975, os partidos já se atacavam uns aos outros. Já andavam a dizer coisas feias uns dos outros, com abusos verbais recíprocos. Os programas de rádio eram apenas armas de arremesso, destinados a provocar — “este galo vermelho é um fascista”, “este é um laçao da Indonésia”. Abusos verbais constantes, sempre na tentativa de atear fogos com faíscas como estas.*<sup>4</sup>

Mari Alkatiri, à época um comissário político de alto nível da Fretilin, sublinhou a natureza pessoal de muitos dos ataques feitos na rádio:

*Houve tantas coisas que correram mal, por isto ou por aquilo. Não tínhamos controlo sobre as coisas: tentávamos, mas não conseguíamos controlar tudo... por exemplo, na rádio, toda a gente dizia o que lhe apetecia... A Rádio Maubere era usada apenas para nomear pessoas. Eu próprio tive de ir lá, para controlar o uso dos nomes das pessoas.*<sup>5</sup>

Mário Carrascalão, à época alto responsável político da UDT, descreveu a maneira como o ataque aos adversários políticos na rádio se transformou num obstáculo ao diálogo como solução para as divergências:

*Acho que um dos grandes problemas para nós era não haver qualquer comunicação. As pessoas não se sentavam à mesma mesa. Não havia debates. Não havia ninguém para promover debates, as pessoas só se insultavam através da rádio.*<sup>6</sup>

Francisco Xavier do Amaral, então presidente da Fretilin recordou que, assim que o movimento da UDT de 11 de Agosto foi posto em marcha, a rádio tornou-se uma importante ferramenta para incitar à violência em todo o território:

*A Rádio Díli mandava a UDT atacar Bucoli [Baucau, Baucau]. Diziam: “Prendam os da Fretilin, vão e prendam-nos em Cairui [Laleia, Manatuto], vão e prendam esses comunistas.” E eu pensava, que comunistas?...Eles diziam que toda a Fretilin era comunista...Eu passava os dias a ouvir a rádio...Ouvi que tinham atacado em Aileu, atacado em Ermera, atacado em Letefoho, os de Atsabe apareceram e atacaram o Comité Central em Aileu. De Turiscaí, Funar, Fatumakerek, Laclubar, Soibada e Barique, vieram juntos formando uma cruzada. Eles diziam: “esta guerra é uma cruzada, uma guerra contra o comunismo. E isto com a bênção dos padres. Os padres rezavam com eles numa grande missa e davam-lhes a bênção.”<sup>7</sup>*

Segundo depoimentos igualmente recebidos pela Comissão, os agentes dos serviços de informação indonésios também aproveitavam os programas de rádio para difundirem propaganda a partir de Timor Ocidental. Domingos Oliveira contou à Comissão que a informação recolhida em todo o território pelos agentes indonésios servia de base à propaganda diariamente feita nos programas radiofónicos difundidos a partir de Kupang, Timor Ocidental:

*O programa de rádio de Kupang atacava a Fretilin por ser comunista. Atacava a UDT por ser neocolonialista, por querer manter os laços com Portugal...Tudo o que a Fretilin fazia aparecia nesse mesmo dia nas notícias da Rádio Kupang. Tudo o que a UDT fazia, nesse mesmo dia aparecia noticiado na Rádio Kupang.<sup>8</sup>*

Mari Alkatiri relatou à Comissão a mensagem difundida pelos programas de rádio de Kupang, após o movimento da UDT de 11 de Agosto:

*A Indonésia começou a pensar que a UDT tinha mesmo vencido e, por isso, a rádio indonésia de Kupang começou a acusar a UDT de ser comunista pró-soviética e a Fretilin de ser comunista pró-chinesa. [Afirmavam] que toda a gente era comunista. Amigos, podemos ver que, comunistas ou não comunistas, a Indonésia ia entrar de qualquer maneira em Timor-Leste.<sup>9</sup>*

Em meados de 1975, a situação caracterizava-se por tensão crescente entre os partidos políticos, instigação praticada por todos os partidos, através de programas de rádio, e a cada vez maior ausência de lei e ordem. Um factor que influenciou de maneira decisiva a ampliação da violência, de um movimento armado a um conflito mais generalizado, foi a distribuição de armas pelos dois partidos políticos aos seus apoiantes civis. Mário Carrascalão descreveu o modo como os civis foram armados em toda a cidade de Díli:

*Quando cheguei a Díli (a 14 de Agosto de 1975), percebi que um só grupo comandava, os militares. Não existiam comandantes civis em Díli. Quem comandava o movimento? Não vi qualquer orientação política. Não havia orientação política no movimento. Tratava-se de um movimento militar. Pode dizer-se que as massas os seguiam...com velhos e rapazes de armas na mão por toda a cidade de Díli...*

*No interior, a situação era diferente. No interior, os líderes partidários da UDT assumiram efectivamente o controlo. O controlo e o comando. Creio que havia alguém que servia de elo de ligação com os comandantes militares e operacionais. Não sei quem o teria nomeado...*

*Em Palapaço [o quartel-general da UDT em Motael (Dom Aleixo, Díli)], encontrei velhos, rapazes e homens novos...miúdos de 12 anos de armas na mão. Vi o filho de um amigo meu, com 12 ou 13 anos, de G3 em punho...*

*Uma pequena parte dessas armas de fogo haviam sido retiradas das administrações subdistritais. A Fretilin levou algumas, a UDT também. Quando ao maior volume de armas ao dispor da UDT, eu não estava em Díli, mas ouvi dizer que tinham sido retiradas da Polícia de Díli.<sup>10</sup>*

Repetindo o mesmo ponto de vista, Mari Alkatiri, antigo membro do Comité Central da Fretilin, descreveu o caos resultante da distribuição descontrolada de armas:

*Em Díli, a Fretilin e a Apodeti estavam unidas contra a UDT. Havia muita confusão e as armas de fogo eram distribuídas sem critérios. Uma vez que as armas haviam sido distribuídas sem critério, o Comité Central [da Fretilin] mandou-me descer de Aileu [a Díli], no dia 20 ou 21 de Agosto. Nessa época, à hora do pequeno-almoço toda a gente da Fretilin e da Apodeti ia comer ao Quartel. Pus um papel na porta, para as pessoas irem ao pequeno-almoço. Vieram ao pequeno-almoço e toda a gente [Apodeti inclusive] entregou as suas armas.<sup>11</sup>*

A agravar ainda mais a situação, muitos dos timorenses que pertenciam às forças armadas portuguesas abandonaram a sua neutralidade. Embora alguns aderissem à UDT e apoiassem o seu movimento de 11 de Agosto, a maioria colocou-se ao lado da Fretilin quando esta iniciou a sua insurreição armada, a 20 de Agosto. Em parte, isto aconteceu porque os dois partidos políticos havia muito que contactavam os membros os militares, procurando assegurar a sua fidelidade. O antigo tenente do Exército Português, Rogério Lobato, recordou mais tarde:

*Posso afirmar que a UDT lançou uma campanha de angariação de apoios, especialmente dirigida aos graduados das forças armadas, os sargentos. Mas a Fretilin também fez campanha aberta, não oculta, entre as forças, para mobilizar os soldados.<sup>12</sup>*

Havia existências substanciais de armamento em Timor Português, uma vez que Portugal mantinha armas fornecidas pela NATO no território. Os portugueses não intervieram na guerra civil, o que significa que os partidos conseguiram requisitar as armas para uso militar assim que os soldados entraram no conflito.

O quadro abaixo incluído resume a experiência de seis sucos durante o conflito interno, relatada durante os debates comunitários organizados pela Comissão:<sup>13</sup>

Comunidade	Síntese
Mulo, Hatu Builico, Ainaro	<p>1975: Dois delegados da Fretilin (do subdistrito vizinho) de Maubisse apareceram e disseram aos delegados locais da Fretilin para nos venderem cartões (de identidade do partido). Tivemos medo e, por isso, pagamos um escudo para comprar um cartão. Então a Fretilin disse-nos para nos cumprimentarmos como "camarada", para mostrarmos o grande respeito que tínhamos uns pelos outros.</p> <p>Agosto de 1975: a Fretilin hasteou a sua bandeira na casa de um delegado, abaixo do centro de saúde de Wisei, Dare, no suco de Mulo (Hatu-Builico, Ainaro) A partir de então, Dare ficou dividida entre os da estrada de baixo (Fretilin) e os da estrada de cima (UDT). Um membro da Fretilin prendeu dois catequistas por um dia, durante o qual não receberam comida nem bebida, e depois capturou mais seis apoiantes da UDT. Levaram-nos para a escola primária de Dare e castigaram-nos.</p> <p>Os apoiantes da UDT que viviam em Maubisse planearam o envio de forças a Mulo, vindas de Nunomogue, para salvar os presos da UDT. Pouco depois, a Fretilin trouxe 200 homens de Maubisse "para matar-nos a todos". Quando o</p>

	<p>grupo da Fretilin chegou a Tatiri, Mulo (Hatu-Builico, Ainaro), um líder comunitário trouxe um búfalo para abatê-lo em Dare, apelando ao fim do ódio entre a Fretilin e a UDT.</p> <p>Depois de o grupo da Fretilin comer, um quadro da Fretilin fez uma visita aos membros da UDT que estavam presos. Nós, as mulheres, chorámos, porque pensámos que os seis tinham sido mortos — embora isso não tivesse acontecido.</p> <p>Então, um líder da Fretilin dirigiu-se a Nunomogue, onde capturou e matou um apoiante da UDT, embora o seu corpo nunca fosse encontrado.</p> <p>Então, forças compostas por membros da UDT e <i>malae</i> (forasteiros) dirigiram-se a Dare e arriaram a bandeira da Fretilin.</p>
Kasabauk (então Maudemo), Tilomar, Covalima	<p>1974: Em geral, a vida era calma e feliz, embora o <i>liurai</i>, Saneti, punisse as pessoas que não trabalhavam nos campos.</p> <p>1975: A Fretilin distribuiu cartões do partido. Um quadro local da Fretilin disse às pessoas que era melhor aderirem à Fretilin. Só duas pessoas aderiram à UDT, mas muitas aderiram à Apodeti. Após a insurreição armada lançada pela Fretilin, as pessoas da Apodeti foram detidas. Disseram-lhes que aderissem à Fretilin e várias foram recrutadas para as Falintil em Tilomar.</p>
Uaitame, Quelicai, Baucau	<p>1974: Havia dois partidos políticos nesta comunidade, a Fretilin e a UDT.</p> <p>1975: Depois do movimento da UDT de 11 de Agosto de 1975, os líderes locais da UDT levaram cerca de 50 apoiantes da UDT para Díli. Não se verificou qualquer reacção importante por parte dos membros locais da Fretilin, no seguimento da insurreição armada conduzida pela Fretilin em Díli.</p> <p>11 de Setembro de 1975: líderes da Fretilin visitaram Quelicai, dizendo aos apoiantes que criassem estruturas civis e militares. Seis líderes da UDT foram detidos pela Fretilin e levados para a Descascadeira (um centro prisional na cidade de Baucau), onde ficaram presos durante um mês.</p>
Orlalan/ Batara, Laclubar, Manatuto	<p>1975: A UDT aproveitou a sua posição dominante para intimidar as pessoas, convencendo-as a integrarem uma força que estava a ser recrutada para atacar a base da Fretilin no subdistrito vizinho de Turiscai. Os apoiantes da UDT em Laclubar juntaram forças com os de Soibada e de Barique, reunindo uma força de 300 homens em Fatumakerek. Dali, partiram para atacar Turiscai. No entanto, o ataque fracassou porque as forças da Fretilin estavam mais bem armadas.</p> <p>Pouco depois, a Fretilin de Turiscai (Manufahi) contra-atacou, investindo sobre Laclubar. As forças da Fretilin-Turiscai confiscaram os haveres e os animais de criação das pessoas, matando alguns animais e levando os outros para Turiscai. Também capturaram cinco líderes partidários da UDT e levaram-nos amarrados para Turiscai, onde foram castigados. Apenas Raja Monis [o <i>liurai</i>] regressou; os restantes foram mortos em Turiscai.</p>
Bibileo, (Viqueque, Viqueque)	<p>1974: Uma pequena maioria preferia a UDT, relativamente à ASDT/Fretilin e à Apodeti. Houve distribuição de cartões do partido no escritório do chefe de suco. As pessoas sentiam-se ambivalentes em relação aos partidos.</p> <p>1975: Após o movimento da UDT de 11 de Agosto, toda a gente se pôs do lado deste partido, por ser o vencedor. Depois, após a insurreição armada lançada pela Fretilin, a população dividiu-se em duas forças: uma aguardou a chegada das forças da Fretilin, em Sukaer Oan, Caraubalu (Viqueque, Viqueque); e a outra esperou em Natarbora. Após a vitória das forças da Fretilin na guerra civil, a população juntou-se à Fretilin.</p>
Saburai, Maliana, Bobonaro	<p>1974: A maioria da população aderiu à Fretilin, mas o chefe de suco era membro da UDT. Antes da formação dos partidos, já havia um crescente sentimento de desagrado contra o chefe de suco.</p> <p>11 de Agosto de 1975: Após o movimento da UDT, todos os apoiantes da Fretilin foram detidos e presos no escritório do administrador do distrito, antes de serem transferidos para Corluli (um edifício em Maliana utilizado pela UDT como prisão após o movimento de 11 de Agosto). A UDT mandou toda a gente para a cidade de Maliana.</p> <p>30 de Agosto de 1975: Tropas do Esquadrão de Cavalaria nº 5 (do Exército Português), aquarteladas em Bobonaro, dirigiram-se a Maliana. Os apoiantes da UDT e da Apodeti foram forçados a evacuar para Timor Ocidental durante um mês. Cerca de 500 pessoas da aldeia de Masage deslocaram-se para Tahon, Timor Ocidental. Várias foram torturadas, mortas e enforcadas. Cerca de 50 mulheres foram violadas. Muitas crianças morreram de doença.</p> <p>16 de Outubro de 1975: Tropas indonésias atravessaram a fronteira em Memo (Akidiru Laran).</p> <p>17 de Outubro de 1975: Os indonésios assumiram o controlo de Maliana.</p>



## Mortes ilícitas antes do movimento da UDT de 11 de Agosto de 1975

Segundo depoimentos recebidos pela Comissão, foram perpetrados vários homicídios nas duas semanas imediatamente anteriores ao movimento da UDT de 11 de Agosto. Vários destes homicídios foram perpetrados pela Fretilin em Ermera e em redor de Maubisse (Ainaro).<sup>14</sup> Aparentemente tratou-se de homicídios isolados, reflectindo as tensões crescentes em duas áreas onde ambos os partidos gozavam de fortes apoios.

A Comissão recebeu indícios corroborados do homicídio, pelas forças da Fretilin, de cerca de 10 a 25 pessoas no suco de Maulau (Maubisse, Ainaro), no dia 7 de Agosto de 1975. Segundo o depoimento colectivo prestado à Comissão, a população de Maulau encontrava-se então dividida, quanto à sua fidelidade política. Recordaram um conjunto de acontecimentos que conduziram a um surto de violência. Em Setembro de 1974, um grupo de apoiantes da Fretilin deslocou-se para o vizinho subdistrito de Turiscaí (Manufahi). Em Janeiro de 1975, rebentou um conflito entre um apoiante da UDT e um delegado da Fretilin, durante uma cerimónia tradicional das colheitas em Maulau. Em Agosto de 1975, as tensões aumentaram quando um líder da Fretilin visitou os subdistritos vizinhos de Turiscaí (Manufahi) e Lequidoe (Aileu), fazendo discursos a incitar à violência comunitária. O líder incentivou os apoiantes da Fretilin a “limpar os espinhos em Lumoluli”, uma aldeia do suco de Maulau. Segundo a população de Maulau, esta iniciativa acabaria por conduzir a um ataque das forças da Fretilin, provenientes de Lequidoe, Turiscaí e Manumera, (Turiscaí, Manufahi), no dia 7 de Agosto. Os atacantes concentraram-se em três aldeias — Maleria, Lumoluli e Ussuli. Segundo este depoimento colectivo, houve muitas pessoas mortas, centenas de habitações incendiadas e animais de criação mortos e roubados. Os apoiantes da UDT fugiram para Maubisse, deixando atrás de si em Maulau os idosos e as crianças.<sup>15</sup>

A Comissão recebeu igualmente depoimentos sobre mortes ilícitas perpetradas por forças da UDT. No dia 10 de Agosto, um delegado da Fretilin chamado Armando Barros foi morto por forças da UDT em Lisapat, Aifu (Hatulia, Ermera).<sup>16</sup> Nesse mesmo dia, outro delegado da Fretilin foi capturado e preso pelas forças da UDT em Gleno (Ermera). Essas mesmas forças tentaram matá-lo, mas ele conseguiu fugir.<sup>17</sup>

## Mortes em 11 de Agosto, dia do movimento armado da UDT

Na noite de 10 de Agosto, a UDT lançou em Díli o seu movimento armado. A 11 de Agosto registou-se uma torrente de mortes ilícitas nos distritos centrais e orientais. A maioria destes casos corresponde a homicídios perpetrados por membros da UDT em Liquiça e Ermera.

## **Dias de caos e de confrontos armado em Díli**

Em Agosto de 1975, os moradores de Díli testemunharam em primeira mão os acontecimentos ligados ao conflito armado entre os partidos políticos. Habitantes dos bairros de Díli e dos sucos da região relataram à Comissão as suas recordações dessa época.

### **Colmera (Vera Cruz, Díli)**

O povo de Colmera recordou que, no dia 11 e Agosto de 1975, chegaram a Díli três companhias da UDT provenientes de Baucau, Lospalos e Laclubar. A zona ocidental de Díli encontrava-se sob controlo da UDT. A liderança da Fretilin retirou-se para a área de Mota Ulun, em Bemori, no dia 11 de Agosto. No dia seguinte, 12 de Agosto de 1975, os líderes da Fretilin em Díli “pediram ajuda ao povo e ao Comité Regional da Fretilin em Aileu”. No dia 13 de Agosto, uma viatura veio buscar os líderes a Balibar, levando-os para Aileu. Nesse dia, apoiantes da UDT incendiaram a casa de Francisco Xavier do Amaral em Audian, arriaram a bandeira da Fretilin e fizeram detenções (de líderes importantes da Fretilin). No dia 17 de Agosto de 1975, a Fretilin atacou a Companhia de Instrução (o centro de formação do Exército Português em Aileu), levando consigo armamento e outro material. A 21 de Agosto de 1975, a liderança da Fretilin criou uma comissão, em colaboração com as organizações das mulheres e da juventude, OPMT e OPJT, para “exercer controlo e ajudar as pessoas com necessidade de alimentos.” Segundo o povo de Colmera:

*Não havia comida e todos tinham fome. Todas as actividades económicas ficaram suspensas. As escolas não funcionavam e não havia serviços médicos. Nessa época, só conseguíamos obter assistência médica em Lahane.*<sup>18</sup>

### **Asucaí Lorosa'e (Nain Feto, Díli)**

Os moradores de Asucaí Lorosa'e recordaram os dias posteriores ao movimento armado da UDT:

*No dia 11 de Agosto, ao acordarmos, soubemos que a UDT tinham lançado o seu golpe. [As forças de segurança] reuniram-se na casa de um líder da Fretilin perto do Cemitério Chinês...No dia 16 de Agosto, o governador Lemos Pires e o chefe do Estado-Maior português, Marcelino Barreto, tentaram encontrar-se [com os líderes da Fretilin] para resolver o conflito...[os líderes da Fretilin] já tinham instruído as tropas em Aileu para se revoltarem e desarmarem [o exército português] e a UDT pretendia tomar o poder.*

*As tropas em Díli, no Quartel general de Taibessi, e a PM perto de Palapaço [estavam preparadas] para lançar um contragolpe à meia-noite do dia 18 de Agosto. No dia 20 de Agosto, Lemos Pires deu autoridade a Rogério Lobato para assumir o comando das tropas timorenses e entregou-lhe as armas do arsenal. Nos dias 22 a 24 de Agosto, os civis receberam armas do quartel-general para reforçarem as tropas.*

*Os apoiantes da UDT fugiram para Timor Ocidental e a Fretilin começou a prender apoiantes da UDT e da Apodeti no Quartel-general em Taibessi e na Comarca [Balide]. Os membros do Comité Central da Fretilin que ali chegavam espancavam-nos arbitrariamente. Em Setembro, era constituída a Comissão de Polícia de Segurança Pública Inquérito Política Militar (CIPM), para “organizar a situação”. Muitas pessoas presas na Comarca morreram de doença e muitas foram feridas.”<sup>19</sup>*

### **Bemori (Nain Feto, Díli)**

Os habitantes de Bemori descreveram assim a alteração da normalidade das suas vidas:

*Em 1975, a situação aqueceu. As pessoas começaram a apedrejar-se mutuamente e a lutarem umas com as outras, usando lanças e catanas. Algumas pessoas construíram caves em casa, para servirem de esconderijo. Entre Outubro e Dezembro, toda a gente fugiu de casa para se esconder nas zonas vizinhas. Algumas pessoas fugiram e refugiaram-se em grutas durante vários meses. A situação alimentar era difícil e muita gente teve fome, mas ninguém morreu dela.<sup>20</sup>*

### **Mortes ilícitas perpetradas pela UDT em Liquiça**

A Comissão recebeu indícios corroborados de que no dia 11 de Agosto de 1975, as forças da UDT, chefiadas por M1, lançaram uma série de ataques contra o suco de Darulete (Liquiça, Liquiça), uma área perto da *Fazenda Kaitugloa*, propriedade da família Carrascalão. Segundo depoimentos de testemunhas, os ataques, lançados para capturar o líder local da Fretilin Afonso dos Santos, resultaram na morte de dois civis, conhecidos como Mau Manu e Lakucai.<sup>21</sup>

Uma testemunha ocular do homicídio, o filho da vítima Mau Manu, relatou à Comissão que oito apoiantes armados da UDT, entre os quais M1, M2, M3, M4 e M5, balearam e mataram Mau Manu, um habitante local que fugia de sua casa para as montanhas. Guilherme Martins relatou à Comissão a morte de seu pai:

*Por volta das 8 de manhã do dia 11 de Agosto, M1 e a sua gente apareceram com quatro armas de fogo: FBP, duas Mauser e uma pistola...Depois de chegarem a nossa casa, o meu pai, Mau Manu, saiu e começou a caminhar na direcção da montanha. M1 e a sua gente começaram então a disparar sobre ele, a partir da estrada. Uma bala atravessou o pescoço do meu pai e saiu-lhe pela testa. O meu pai caiu de imediato no chão, embora ainda não estivesse morto. Então, um membro do grupo de M1 encontrou o meu pai e golpeou-o com uma catana no ombro esquerdo, três vezes, uma do lado esquerdo do pescoço, no ventre e três vezes atrás do joelho. Então o meu pai morreu.<sup>22</sup>*

Logo após o homicídio de Mau Manu, o mesmo grupo de homens armados matou outro aldeão, chamado Lakucai. Lakucai era um idoso, cego de um olho. Cozinhava e lavava os pratos para um funcionário do tribunal local. Segundo o depoimento prestado pela sua mulher, Adelina Freitas, Lakucai foi morto após o assassinio de Mau Manu. Decapitaram-no e a sua cabeça foi espetada numa estaca em frente da casa de Afonso dos Santos, em Darulete. Os homens armados levaram o carro de Afonso dos Santos, quando não o descobriram em casa. Adelina Freitas relatou à Comissão que teve de ir buscar a cabeça do marido à frente da casa de Afonso dos Santos. Envolveu-a num pano timorense tecido, um *tais*, junto de novo a cabeça ao corpo, que tinha ficado a cerca de 500 metros de distância, e enterrou o marido numa sepultura perto de sua casa, em Darulete.<sup>23</sup>

Noutro incidente, a UDT prendeu apoiantes da Fretilin, provocando pelo menos um homicídio. No dia 11 de Agosto, as forças da UDT entraram numa zona chamada Pukemenan, no suco de Leotela (Liquiça, Liquiça), e prenderam vários apoiantes da Fretilin. Segundo Marçal da Conceição, um dos sete homens, Paulo Madeira, foi esfaqueado até à morte. Os outros foram conduzidos ao suco de Dato (Liquiça, Liquiça).<sup>24</sup>

## **Mortes perpetradas pela UDT em Manufahi, Ermera e Aileu**

O movimento de 11 de Agosto da UDT foi a causa directa de confrontos violentos e mortes ilícitas em alguns distritos. Alguns destes homicídios tiveram como vítimas, sem margem para dúvidas, apoiantes partidários armados; outros, porém, civis desarmados.<sup>XIV</sup>

A Comissão recebeu um depoimento sobre um homicídio no distrito de Manufahi. Os líderes e apoiantes da UDT procuravam activamente membros da Fretilin. Tendo encontrado Carlito da Silva, um apoiante da Fretilin, mataram-no num lugar chamado Fore-Udo, em Letefoho (Same, Manufahi), a 11 de Agosto de 1975.<sup>25</sup>

Segundo informações recebidas, nesse mesmo dia, em Ermera, o líder local da UDT, M6, deteve e matou Mau Manu, apoiante da Fretilin em Talitu, na fronteira de Railaco Kraik.<sup>26</sup>

Em Aileu, houve confrontos violentos no dia 11 de Agosto que provocaram a morte de três pessoas, Mali Bere, Mariano e António. No meio do caos, os homicidas não foram identificados. Porém, alguns civis em Henrian, Madabeno (Laulara, Aileu), suspeitaram mais tarde que três membros da UDT haviam sido responsáveis pelo homicídio. Detiveram um homem chamado Martinho, à época o *liurai* local, e mais dois homens, Domingos e Basco.<sup>27</sup>

## **Mortes ilícitas após o movimento armado da UDT, 12 a 17 de Agosto**

Na semana que mediou entre o movimento armado da UDT e o lançamento da insurreição armada de 18 de Agosto pela Fretilin, ocorreram com regularidade mortes ilícitas em vários dos distritos centrais e ocidentais. A maior parte destes homicídios foram perpetrados por membros da UDT. Em alguns casos, os líderes locais da Fretilin foram marcados como alvos a abater.

## **Mortes perpetrados por apoiantes da UDT em Liquiça**

Após os homicídios acima descritos, ocorridos a 11 de Agosto, nos três dias que se seguiram bandos salteadores de indivíduos armados da UDT mataram pelo menos oito civis. Duas das oito vítimas foram decapitadas e as respectivas cabeças exibidas em público, em incidentes separados, em frente das casas dos líderes locais da Fretilin. Só uma das oito vítimas era líder da Fretilin. Segundo os relatos das testemunhas, as outras vítimas eram aparentemente transeuntes inocentes.

No dia 13 de Agosto de 1975, apoiantes da UDT mataram e decapitaram um líder local da Fretilin no suco de Leotela (Liquiça, Liquiça). Segundo o depoimento de Brígida Martins, filha da vítima, quatro membros armados da UDT apareceram à procura de João Martins, um líder local da Fretilin, na sua casa de Banitur, Leotela (Liquiça, Liquiça). Ao descobrirem que não se encontrava, os homens armados incendiaram-lhe a casa. No entanto, foi mais tarde capturado por outro apoiante da UDT, numa área do suco chamada Pukemenaro. Na presença do seu irmão, mulher e filha, foi amarrado e obrigado a caminhar. Um dos captores, M10, pegou na sua lança e golpeou João Martins pelas costas. Por isso, João Martins caiu, por perda de sangue, numa zona chamada Rai Robu. M10 decapitou João Martins, gritando “Viva a UDT, eu cortei a cabeça à Fretilin”. Levou a cabeça para a plantação de Kaituglao (Durulete, Liquiça, Liquiça). Segundo depoimentos de testemunhas, uma senhora idosa, membro da UDT, conhecida como M11, desempenhou um papel importante, ao incitar este homicídio – incentivando o assassino a agir, ou dando-lhe ordens nesse sentido.<sup>28</sup>

---

<sup>XIV</sup> Para este período, em muitos casos é difícil de apurar de maneira conclusiva a diferença entre civis e apoiantes partidários armados.

## Tensões crescentes em Maubisse, Ainaro

Muitos dos casos de mortes ilícitas resultaram de conflitos entre comunidades vizinhas. Em alguns casos, a violência teve motivações políticas. Contudo, noutros casos foram os conflitos de raiz local que motivaram a violência, tanto como as divergências políticas entre UDT e Fretilin.

Em conversas separadas com a Comissão, os habitantes dos sucos de Manelobas, Manetu e Edi recordaram um confronto ocorrido em Agosto de 1975 em Manelobas e Manetu, entre forças da UDT provenientes de Ermera e forças da Fretilin oriundas de Turiscai. Em Manelobas, a comunidade relatou à Comissão que, após este confronto inicial, as forças da Fretilin balearam e mataram dois membros das forças da UDT de Ermera em Ernaró, Manelobas (Maubisse, Ainaro). Em seguida, as forças da UDT incendiaram habitações e mataram animais de criação em Manelobas. A Fretilin capturou dois apoiantes da UDT e trouxe-os para Turiscai, onde foram mortos. Outro apoiante da UDT foi morto no centro do suco, em Ernaró. Depois de o decapitarem, levaram a cabeça para Turiscai. Os apoiantes da Fretilin fugiram para Turiscai.<sup>29</sup>

Em Manetu, a maioria dos habitantes aderiram à ASDT, posteriormente, Fretilin. No entanto, o *liurai* abriu uma delegação da UDT. A comunidade de Manelobas recordou que forças da UDT provenientes de Ermera incendiaram habitações, matando e roubando animais de criação. Num tiroteio junto à fronteira fluvial com Manelobas, dois soldados da UDT foram mortos. Os apoiantes da Fretilin fugiram para Turiscai. Junto à foz da ribeira, na aldeia de Boro Ulu, Manetu (Maubisse, Ainaro), na fronteira com Turiscai, a Fretilin matou um aldeão que trabalhara para o *liurai* de Manetu.<sup>30</sup>

Os habitantes de Edi recordaram esse mesmo acontecimento. Porém, descreveram-no como tendo sido um ataque de quatro dias levado a efeito por forças da UDT de Ermera, Atsabe e Maubisse, durante o qual muitas habitações foram incendiadas e animais de criação mortos. Recordaram igualmente o homicídio de dois apoiantes da Fretilin, um dos quais foi decapitado. Relataram à Comissão o desaparecimento do *liurai* local, fugido para Aileu, onde foi preso pela Fretilin. Nunca mais voltou a ser visto.<sup>31</sup>

No dia 14 de Agosto, no suco de Maulau, apoiantes da Fretilin vindos de Turiscai incendiaram oito habitações em Laka Malikau, Maulau (Maubisse, Ainaro). Este ataque realizou-se uma semana após um ataque anteriormente lançado contra este suco por forças da Fretilin, a 7 de Agosto (ver supra) e como resposta ao movimento armado de 11 de Agosto da UDT. Foi reunido um grupo de 30 membros das forças da UDT de Ermera. Por fim, o líder da Fretilin Januário Soares, bem como o comandante de companhia e os seus homens, chegaram e disseram ao povo: “Acabaram-se os partidos. Agora todos pertencem ao partido do povo Maubere (Fretilin) e não haverá mais mortes.” Por essa altura já tinham morrido 37 pessoas, na sua maioria apoiantes da UDT.<sup>32</sup>

Num incidente separado, ocorrido a 13 de Agosto de 1975, apoiantes da UDT no suco vizinho de Asumano (Liquiça, Liquiça) reuniram-se em casa de M12, líder local da UDT, e hastearam a bandeira da UDT.<sup>33</sup> Segundo depoimentos recebidos pela Comissão, este grupo de homens — do qual faziam parte, entre outros, M13, M14, M15, M16, M17, M18 e M19 — dirigiram-se a pé a casa do chefe de suco de Asumano, levando consigo um idoso que se acreditava possuir poderes sagrados (*lulik*). Realizaram uma cerimónia ritual sob um pau de bandeira, ficando cada vez mais agitados. Nesse momento, um homem chamado Mau Besi aproximou-se da multidão e, de repente, o grupo agrediu-o. Perseguiram-no com uma lança e com catanas e, por fim, capturaram-no, decapitaram-no e espetaram a sua cabeça numa estaca, debaixo do pau de bandeira, em frente à casa do chefe de suco. A cerimónia ritual prosseguiu. Quando terminou, trouxeram a cabeça de Mau Besi para casa de M12.<sup>34</sup>

A Comissão recebeu igualmente informações de que, nesse mesmo dia, seis outras pessoas foram mortas na aldeia de Siskualema, Asumano (Liquiça, Liquiça) e na aldeia de Hatumatilu,

Asumano (Liquiça, Liquiça), seguindo aos homicídios detenções de membros da Fretilin e outras pessoas.<sup>35</sup>

### **Mortes isolados perpetrados por apoiantes da Fretilin e da UDT em Aileu e Manufahi**

Segundo depoimentos recebidos pela Comissão, no dia 13 de Agosto dois membros da UDT, Manuel de Jesus e Alberto Sousa, foram detidos por um grupo de apoiantes da Fretilin (M20, M21, M22 e outros). As duas vítimas foram conduzidas a Remexio, em Aileu. Após o encontro com outro grupo de membros da Fretilin, as duas vítimas foram executadas na ribeira entre Acumau (Remexio, Aileu) e Darlau.<sup>36</sup>

Bere-Sera relatou à Comissão o homicídio do seu pai, Maubere, na aldeia de Betulalan, Aitutu (Hatu Bulico, Ainaro), no dia 14 de Agosto de 1975. As forças da UDT mataram-no e, em seguida, incendiaram-lhe a casa. Francisca Bere-Sera sepultou os restos mortais do seu pai.<sup>37</sup>

### **Mortes perpetrados por apoiantes da UDT em Ermera**

No dia 11 de Agosto, membros da UDT detiveram um grupo de apoiantes da Fretilin, entre os quais se contavam Anacleto Pires, Martinho dos Santos, António de Deus, Abel Pinto e José Bosco. A UDT amarrou-os a um pau de bandeira e, depois, prendeu-os durante 40 dias. No dia 14 de Agosto, o líder local da UDT, M6, levou o secretário local da Fretilin, chamado Vicente, para Aifu, onde foi morto. Isto provocou um violento confronto entre membros da UDT e da Fretilin em Dukurai (Letefoho, Ermera), causador da morte de, pelo menos, um civil, chamado Mau Bere Menco.<sup>38</sup>

Outro homicídio foi perpetrado no subdistrito de Hatulia (Ermera), a 15 de Agosto. As forças da UDT capturaram cinco homens — Marcelino, Rasi Batu, Maumeta, Maubuti Maubere e um delegado da Fretilin chamado Julião. Amarraram-nos juntos e trouxeram-nos para um local chamado Guntur, Leimea Kraik (Hatulia, Ermera). Julião foi então conduzido ao leito da ribeira e morto a tiro.<sup>39</sup>

### **Mortes em massa perpetradas pela UDT e pela Fretilin em Turiscai e Laclubar**

Num ciclo de violência e de contra-violência, apoiantes da UDT e da Fretilin mataram-se uns aos outros no suco de Fatumakerek (Laclubar, Manatuto) e no subdistrito de Turiscai (Manufahi). Em Agosto de 1975, forças da UDT provenientes de Soibada, Laclubar e Barique reuniram 300 homens em Fatumakerek para atacarem a base da Fretilin em Turiscai, a 19 de Agosto. A Fretilin estava mais bem armada e derrotou o ataque. No entanto, segundo Francisco Barbosa, a UDT matou três apoiantes da Fretilin — António Barbosa, Tito Manuel e um homem conhecido como Jacinto.<sup>40</sup>

Segundo o depoimento de uma testemunha, as forças da Fretilin tentaram intervir para pôr fim à violência. Em entrevista à Comissão, Francisco Xavier do Amaral recordou ter enviado 11 membros da Fretilin do subdistrito de Turiscai a um encontro com apoiantes da UDT no suco vizinho de Foholau (Turiscai, Manufahi). Segundo informação sua, a delegação foi enviada a Foholau para impedir mais combates entre membros das duas comunidades, ligados entre si por estreitos laços familiares, embora com filiações partidárias opostas.<sup>41</sup> Mateus Soares, um dos sobreviventes dos homicídios que se seguiram, relatou o seguinte à Comissão:

*Quando o conflito entre os partidos políticos rebentou, em Agosto de 1975, encontrava-me em Turiscai. Nessa época, a UDT organizou ataques em várias áreas — incluindo Laclubar, Soibada e Turiscai. Não sei por que razão esses ataques foram lançados, nem quantas pessoas morreram. Depois de acabarem, regressaram a Foholau, em Turiscai, onde a UDT fez o seu quartel-general.*

*Francisco Xavier do Amaral organizou uma missão composta por 11 combatentes da Fretilin, chefiada por Geraldo Barbosa. O objectivo da missão era deslocar-se a Foholau para conversações com a UDT, sobre a colaboração entre os dois partidos. Caminhámos até Foholau, mas assim que chegámos os militantes da UDT atacaram-nos e capturaram-nos. Não nos deram quaisquer oportunidades para explicar a razão da nossa vinda. Limitaram-se a amarrar-nos pelas mãos e começaram a torturar-nos.*

*Mais tarde, levaram-nos para Laoda, em Fatumakerek, onde a tortura continuou. Não nos deram de comer nem de beber. Na zona de Laoda havia uma casa tradicional. No exterior desta casa, havia apoiantes da UDT que afixavam as suas armas numa pedra de amolador. Exibiram orgulhosamente as suas catanas, lanças, espadas e flechas. Então, alguém dentro da casa deu início a um ritual tradicional. Saltou para a rua e começou a correr, saltando e gritando conforme o ritual. Nós ainda tínhamos as mãos amarradas e ficámos com muito medo. Quando o ritual terminou, arrastaram-nos até uma pequena colina perto da casa e, depois, até à beira de uma ravina. Espiçaram os meus amigos com lanças, empurrando-os para a ravina. Eu estava amarrado a um amigo. Os apoiantes [da UDT] atiraram uma catana na nossa direcção. Falhou o alvo e cortou a corda que nos ligava. Atirei-me para a ravina, embora ainda tivesse as mãos atadas atrás das costas. Eles atiraram pedras e lanças para a ravina. Uma delas atingiu ...o nosso chefe, Geraldo Barbosa, que ainda estava vivo quando caiu pela ravina. Apenas três dos meus amigos sobreviveram a este massacre: José Morena, Gaspar e outro.<sup>42</sup>*

Após este incidente, os apoiantes da Fretilin de Turiscai retaliaram e, segundo as informações recebidas, mataram seis pessoas.<sup>43</sup>

### Mortes ilícitas entre 18 e 20 de Agosto

No dia 18 de Agosto, a Fretilin preparou a sua resposta ao movimento da UDT de 11 de Agosto. Embora a UDT ainda continuasse a cometer mortes ilícitas, e partir desta data a Fretilin tornou-se o principal perpetrador.

## **Mortes em massa perpetrados pela Fretilin em Aileu**

Um dos distritos onde ocorreu um grande número de mortes ilícitas, nos dias que se seguiram à insurreição armada lançada em resposta pela Fretilin, foi Aileu, onde a Fretilin estabeleceu o seu quartel-general, após o movimento da UDT de 11 de Agosto. Domingos da Silva Soares informou a Comissão que, no dia 19 de Agosto, um líder da Fretilin chamado M23 e um grupo de membros da Unetim (ala juvenil da Fretilin) detiveram Afonso Mesquita e levaram-no para o centro prisional de Unmenlau (Laulara, Aileu). O pai de Afonso Mesquita, Mau Loe, veio perguntar pelo filho e foi por sua vez detido e preso. Afonso Mesquita conseguiu escapar e, devido a isso, o seu pai foi morto por um membro da Unetim. O corpo foi atirado para a ribeira Berloi-Fatisi, (Turiscaí, Manufahi).<sup>44</sup>

Joanico Pereira relatou à Comissão que a Fretilin prendeu um grupo de oito homens em Fatisi (Laulara, Aileu), por suspeitar que fossem espiões da UDT. No dia 20 de Agosto, os oito foram levados e cinco deles mortos na ribeira Berloi-Fatisi. Os restantes três foram mortos perto de Fatisi. Os oito mortos chamavam-se Mannusa, António, Leandro, Mausoko, Maukuta, Laubelam, Maimeta e Manuel.<sup>45</sup>

## **Mortes por vingança perpetrados pela Fretilin em Liquiça**

Durante um debate com a Comissão, a população de Asumano (Liquiça, Liquiça) recordaram que os membros da Fretilin começaram a retaliar contra os homicídios perpetrados pela UDT na semana anterior (ver relato na secção supra, intitulada 'Mortes após o movimento armado da UDT, 12 a 17 de Agosto). No dia 20 de Agosto, as forças da Fretilin hastearam a sua bandeira na aldeia de Hatumatilu, Asumano (Liquiça, Liquiça). A Fretilin capturou e prendeu 40 seguidores da UDT e, depois, levou-os para Leorema (Bazartete, Liquiça). A maioria dos presos foi mais tarde libertada por ordem de Graciano da Silva, um líder da Fretilin que estivera preso pela UDT. No entanto, oito presos foram mortos numa área chamada Fatubessi, na aldeia de Hatumatilu, Asumano.<sup>46</sup>

No dia 20 de Agosto de 1975, forças da Fretilin de Aileu raptaram sete membros da UDT que se encontravam na plantação de Kaitugloa, em Liquiça, cenário de homicídios anteriormente perpetrados pela UDT.<sup>xv</sup> Conduzidos a Darulete, ali foram executados, numa área chamada Mampatia, Darulete (Liquiça, Liquiça). Entre as sete vítimas, contavam-se quatro homens chamados Evaristo, Mau Loe, Maubuti e Maulaku.<sup>47</sup> Uma das vítimas destes homicídios, Carlos Vicente de Sousa, ferido durante o ataque da UDT contra Darulete, expôs à Comissão o seu ponto de vista sobre estes acontecimentos violentos:

*É preciso falar com objectividade. Houve uma guerra e ela faz parte da nossa história. A UDT começou-a, depois a Fretilin vingou os homicídios durante o “contragolpe”. Nessa época, havia pouco respeito pela humanidade ou pela justiça. Sete pessoas foram mortas em Darulete.*<sup>48</sup>

Este incidente foi corroborado pela comunidade Darulete durante um debate com a Comissão.<sup>49</sup> O povo de Darulete lembrou também que, além das pessoas mortas, mais 50 foram presas. No entanto, tal como acontecera em Asumano, a intervenção do líder local da Fretilin, Afonso dos Santos, garantiu a sua libertação.

---

<sup>xv</sup> A Fazenda Kaitugloa era uma plantação de café pertencente à família Carrascalão. Vários homicídios ocorreram nas suas imediações durante o período do conflito interno. Ver relatos nas secções sobre Mortes durante o dia 11 de Agosto e sobre Mortes ilícitas após o movimento armado da UDT, 12 a 17 de Agosto.

### **Morte perpetrada pelas forças da UDT em Ermera**

No seu depoimento à Comissão, Abel de Oliveira Pinto referiu-se ao homicídio de um homem chamado Mausoco Meugoco, em Sandato (Letefoho, Ermera). Atingido a tiro por forças da UDT, chefiadas por M24, Mausoco foi decapitado e a sua cabeça trazida para a cidade de Letefoho.<sup>50</sup>

### **Mortes entre 21 e 30 de Agosto, período principal do conflito interno armado**

Durante o conflito com a UDT, a Fretilin contou com o apoio da maioria dos membros timorenses das Forças Armadas portuguesas e o conflito armado travou-se essencialmente em Díli. A superioridade militar da Fretilin permitiu-lhe levar rapidamente a melhor. No início de Setembro, já as forças da UDT batiam em retirada e os combates entre os dois lados haviam praticamente terminado. No entanto, a morte de civis continuou. Estes homicídios foram perpetrados pelos dois lados, mas sobretudo pela Fretilin. Sabe-se que ambos os lados perpetraram homicídios em massa durante este período.

### **Morte de presos perpetrados pela UDT em Palapaço, Díli**

Depois de a UDT assumir o controlo de Díli, a 11 de Agosto, houve apoiantes da Fretilin presos no quartel-general da UDT em Palapaço, Díli. A Comissão recolheu provas sobre as mortes de três homens no centro prisional de Palapaço, controlado pela UDT. Esses três homens chamavam-se José Siqueira, Domingos Conceição e José Espírito Santo.<sup>51</sup>

A Comissão obteve indícios corroborados sobre o homicídio de um dos presos, José Siqueira, membro do Comité Central da Fretilin, no dia 24 de Agosto de 1975. Segundo Mário (Marito) Reis, testemunha do homicídio, José Siqueira ficou agitado porque, durante a prisão, não conseguira tomar um medicamento necessário para um problema de saúde específico que o afectava. Começou a gritar. Os gritos chamaram a atenção dos guardas prisionais, que eram de Ermera. Um deles abriu fogo, matando José Siqueira de imediato. O corpo permaneceu na prisão até ao dia seguinte de manhã.<sup>52</sup>

No dia seguinte, 25 de Agosto de 1975, Marito Reis voltou a testemunhar a aparente morte accidental a tiro de dois homens, Domingos Conceição e José Espírito Santo. Marito Reis relatou à Comissão que, por volta das 5 da tarde, os dois homens, acompanhados por mais um idoso, saíram da área onde se encontravam presos para se dirigirem às instalações sanitárias, escoltados por um guarda armado da UDT. De repente, um tiro de morteiro lançado pelas Falintil caiu, algures perto de Palapaço. Surpreendido com o ruído, o guarda armado premiu o gatilho: a bala atravessou o corpo de José Espírito Santo e alojou-se no de Domingos Conceição. Os dois prisioneiros morreram.<sup>53</sup>

### **Cidadãos portugueses mortos durante o conflito interno**

Embora a maioria dos cidadãos portugueses se retirassem para a “zona neutral” de Farol e não desempenhassem qualquer papel no conflito armado, alguns envolveram-se. Destes, o mais destacado foi o tenente-coronel Rui Maggiolo Gouveia, comandante da PSP (Polícia de Segurança Pública). Capturado pela UDT a 11 de Agosto, três dias mais tarde declarou formalmente o seu apoio à UDT.<sup>54</sup> Após a insurreição armada da Fretilin, o tenente-coronel Maggiolo Gouveia foi detido e preso pela Fretilin, primeiro em Díli e depois em Aileu, até ser executado pela Fretilin em Dezembro.<sup>XVI</sup> Se bem que o tenente-coronel Maggiolo Gouveia fosse o oficial português de patente mais elevada morto, houve outros executados. Um deles foi Lino “Cowboy”, morto pela Fretilin em Same, em Janeiro de 1976.<sup>55</sup>

### **Mortes em massa perpetradas pela Fretilin em Ermera**

Em depoimento colectivo prestado à Comissão, a comunidade do suco de Lacló (Atsabe, Ermera) recordou um massacre perpetrado pela Fretilin a 22 de Agosto. Relataram à Comissão que as tropas da Fretilin, vindas de Aileu e Maubisse, entraram no suco de Paramin (Atsabe) e mataram 11 pessoas, falsamente acusadas de serem membros da Apodeti.<sup>56</sup>

Também em Ermera, um membro da UDT chamado António Exposito foi morto em Tokoluli (Railaco, Ermera), no dia 20 de Agosto. O líder local da Fretilin, M25, deteve três membros da UDT. Mais tarde, António chegou, sendo espancado e morto a tiro. O corpo foi atirado para dentro de sua casa e incendiado.<sup>57</sup>

### **Morte de um preso pela UDT em Ermera**

A Comissão ouviu depoimentos sobre a morte ilícita de um preso pelas forças da UDT, em Ermera, nos finais de Agosto. A morte ocorreu no dia 26 de Agosto, quando um membro da Fretilin chamado António Salsinha escapou aos captores da UDT no suco de Poetete (Ermera, Ermera). Encontrava-se em mau estado, por ter sido espancado pelas forças da UDT, e, por isso, regressou a casa em busca de cuidados médicos. No entanto, quando as forças da UDT descobriram a sua fuga, perseguiram-no até casa, voltaram a detê-lo e, no dia 27 de Agosto, mataram-no a tiro.<sup>58</sup>

### **Massacre de presos pela UDT em Wedauberek ( Mahaquidin, Alas, Manufahi)**

A Comissão ouviu testemunhos sobre o homicídio de 11 apoiantes da Fretilin numa praia chamada Meti Oan, em Wedauberek, no dia 27 de Agosto de 1975. Segundo Ilídio Maria de Jesus, filho de uma das vítimas, as forças da UDT prenderam 11 apoiantes da Fretilin em Alas, no dia 11 de Agosto. Entre os presos encontravam-se membros da organização de juventude ligada à Fretilin, chamada Unetim. Entre os membros da UDT responsáveis pela detenção, encontravam-se Lemos, Afonso Verdial, Jorge Faria e Carlito. Os presos da Fretilin foram mantidos em Alas entre 11 e 16 de Agosto. No dia 17 de Agosto, foram transferidos para Same. Ao tomarem conhecimento de que forças da Fretilin, vindas de Aileu, se aproximavam, os apoiantes da UDT levaram os prisioneiros para Sul, rumo à costa, e mataram-nos. Ilídio Maria de Jesus, que viu os corpos imediatamente após os homicídios, relatou o seguinte à Comissão:

<sup>XVI</sup> Ver secção sobre Mortes perpetradas pela Fretilin.

*Uma vez lançado o golpe de Estado da UDT, este partido começou a deter pessoas. Entre os prisioneiros encontrava-se o meu pai, José Maria. Mantiveram-no detido em Alas, entre 11 e 16 de Agosto, e depois levaram-no para Same, até 24 de Agosto. Quando as Falintil avançaram contra Same, vindas de Aileu, os membros da UDT fugiram para Natarbora, Manatuto, levando consigo 11 prisioneiros da Fretilin. O seu plano inicial consistia em matar os prisioneiros em Natarbora, mas os habitantes da região recusaram-se a permiti-lo.*

*Na manhã de 27 de Agosto, passou por nossa casa um camião com os 11 prisioneiros na parte de trás, rodeados de guardas armados, mas aparentemente não amarrados. O meu levantou o braço e cerrou o punho, ao passar. Ouvimos dizer que iam ser levados para Besusu [Alas, Manufahi]...A UDT aconselhará-nos a fugir para as florestas, se não quiséssemos ser mortos; por isso, eu, a minha mãe e os meus irmãos e irmãs mais novos fugimos para o cume de uma colina nas redondezas. Enquanto lá estávamos, ouvimos tiroteio vindo da praia de Meti Oan, Wedauberek.*

*Quatro dias mais tarde, a 31 de Agosto, tropas das Falintil vindas de Same descobriram os corpos na praia de Meti Oan. Os outros prisioneiros mortos com o meu pai foram o secretário Regional, o enfermeiro Ponciano; o vice-secretário, Sabino Soares Pereira, de Pikuário que era criador de gado; o segundo vice-secretário, Bernardino Hornay; o delegado adjunto, António Guterres; Domingos Lobato, presidente da organização estudantil Unetim; Chiquito Kaduak, Francisco, Domingos Ribeiro e Alexandre da Costa, todos membros da Unetim; e Tonito Ribeiro, outro membro da Unetim que só tinha 17 anos. Tonito e Domingos [Ribeiro] eram filhos do enfermeiro Ponciano. Nesse mesmo dia, deslocámo-nos ao local do massacre, na praia de Meti Oan, e encontrámos lá dez corpos, incluindo o do meu pai. O meu pai fora atingido a tiro no estômago. Tinha as mãos cobertas com os seus próprios intestinos, que haviam saído do buraco feito no seu estômago. A mão de Domingos Ribeiro havia sido separada do corpo.<sup>59</sup>*

### **Morte de um líder da Apodeti pela Fretilin em Same (Manufahi)**

As forças da Fretilin entraram em Same no dia 27 de Agosto. Por essa altura, a maioria dos combatentes da UDT já haviam fugido para Leste, para os distritos de Baucau e de Viqueque.<sup>60</sup> Monis da Maia, então segundo secretário da Apodeti no distrito de Manufahi, relatou à Comissão a prisão e homicídio de Celestino da Silva, secretário regional da Apodeti:

*No dia 27 de Agosto, o exército da Fretilin entrou em Same. A UDT fugira para Leste. Permanecemos em Same, para assistirmos à chegada do exército. Assim que me avistaram, os soldados da Fretilin capturaram-me e espancaram-me até eu desmaiar. Fui conduzido a uma escola, juntamente com várias pessoas — incluindo Celestino da Silva. O líder da Fretilin António Cepeda chegou à escola e mandou Celestino limpar a porcaria existente na latrina. Quando Celestino desempenhava essa tarefa, um soldado da Fretilin matou-o a tiro com uma [carabina] Mauser. Nós permanecemos detidos na escola durante dois dias.<sup>61</sup>*

Monis da Maia relatou igualmente à Comissão um incidente, durante o qual pensou que todos os prisioneiros, incluindo ele próprio, iriam ser executados. Porém, de forma inesperada, o comandante da Fretilin, Mau Hunu, mudou de ideias e a execução foi travada:

*Durante a cerimónia do hastear da bandeira, 11 de nós fomos trazidos para fora da prisão, para sermos mortos. No ultimo instante, Mau Hunu mudou de ideias e disse: “Se todos forem mortos, quem iremos governar depois da independência: árvores e pedras?” Por isso, levaram-nos de volta para a prisão.<sup>62</sup>*

#### **Mortes ilícitas perpetradas por apoiantes da Fretilin em Aileu**

No dia 22 de Agosto de 1975, o apoiante da UDT Luís Casimiro foi baleado na anca pelo membro da Fretilin José Tilman. Nessa ocasião, encontrava-se escondido debaixo de uma cama em casa dos sogros, em Nunurema (Maubisse, Ainaro). Segundo a sua mulher, Rosa Pina Meneses, arrastaram-no rua fora até ao hospital local, onde os ferimentos receberam tratamento médico. Contra a opinião médica, membros das milícias da Fretilin levaram Luís Casimiro para Aileu. A família de Luís Casimiro crê que ele foi mais tarde executado em Aisirimou (vila de Aileu, Aileu), no dia 26 de Agosto de 1975, baseada em informações fornecidas por um vizinho e apoiante da Fretilin, que disse ter assistido ao homicídio. Suspeitam igualmente de que um familiar, movido por razões de vingança pessoal, estaria implicado no assassinio.<sup>63</sup> Porém, segundo Lucas da Costa, então encarregado de guardar os portugueses presos em Aileu, Luís Casimiro morreu na prisão de Aisirimou, devido ao tiro recebido em Maubisse.<sup>64</sup> Francisco Xavier do Amaral, parente por afinidade de Luís Casimiro, referiu-se a este caso no depoimento por si apresentado à Comissão. Segundo esse depoimento:

*Sei que morreu, porque estava sempre com ele. Uma vez que era parente do meu irmão mais velho pelo lado da mulher, pedi ao meu irmão que fosse a Maubisse salvá-lo, mas ele não estava lá, tinha fugido...Regra geral [a causa da morte das pessoas era o] problema político, [mas] havia gente que se servia da política para desenvolver as suas próprias acções...e o caso do Luís é um desses.<sup>65</sup>*

Noutro caso relatado à Comissão, no dia 30 de Agosto a Fretilin matou dois homens, Francisco de Araújo e Duarte de Araújo, em Ainaro. Estes homicídios foram perpetrados por forças da Fretilin, comandadas por M33. Os corpos das vítimas foram deitados à ribeira, em Surale-Barele.<sup>66</sup>

## Execução de presos e outros homicídios em Setembro

O padrão dos homicídios em Setembro está estreitamente associado à retirada da UDT, atravessando os distritos ocidentais de Timor-Leste rumo a Timor Ocidental. No dia 24 de Setembro, as forças da UDT atravessaram a fronteira em Batugade, entrando em Timor Ocidental. A maioria dos homicídios ocorridos neste período sobre os quais foram recebidas informações tiveram lugar em Ermera, incluindo uma execução em massa registada em 1 de Setembro.

### **Mortes em massa de presos perpetrados pela UDT em Klaek Reman (Ermera, Ermera)**

À medida que as forças da Fretilin, no seu avanço, conquistavam o controlo de Díli e de Aileu, as forças da UDT em Ermera começaram a tomar medidas cada vez mais desesperadas. No início de Setembro, a UDT fora derrotada em Díli. Embora a UDT se mantivesse forte em Ermera, as forças da Fretilin foram progredindo para oeste. Segundo informações recebidas pela Comissão, no dia 1 de Setembro de 1975 pelo menos 30 presos foram executados em Ermera por forças da UDT em retirada, quatro dos quais em Klaek Reman (Ermera, Ermera) e 26 em Aifu (Ermera, Ermera). Manuel Duarte, sobrevivente do homicídio de Klaek Reman, relatou à Comissão este incidente:

*Na manhã do dia 12 de Agosto de 1975, fui capturado e levado para Aifu com mais quatro pessoas. Em Aifu havia muitos prisioneiros. Amarraram-nos e obrigaram-nos a deitar-nos no chão, como se fossem porcos. Mantiveram-nos ali detidos durante duas semanas. No dia 20 de Agosto, como resposta ao contragolpe em Díli, a UDT fugiu para Ermera. M6 transferiu-nos da prisão em Aifu para outra prisão em Ermera. Guardaram-nos lá durante cinco dias. Lá dentro, estavam 70 pessoas, empilhadas umas sobre as outras, numa única cela. A retrete era apenas um bidão, no meio da cela.*

*No dia 1 de Setembro, um comandante da UDT mandou as forças armadas levarem Lourenço dos Santos, Armando Barros, Miguel Salsina, Vicente, Armando e eu próprio para Aifu, a fim de nos matarem. Antes de chegarmos a Aifu, encontrámo-nos com membros das forças armadas [da UDT] e com o seu comandante, vindos da direcção de Aifu, e mandaram-nos que nos dirigíssemos para Klaek Reman, Ermera.*

*Em Klaek Reman, confiscaram-nos os relógios de pulso e o dinheiro e pensámos que nos iam matar. Reunimo-nos ali a um segundo grupo de prisioneiros que antes também se encaminhavam para Aifu. Não falámos uns com os outros. Limitámo-nos a rezar.*

*Um grupo de 70 pessoas foi levado para Aifu. Havia duas crianças nesse grupo. Eram meus parentes. Esse grupo foi baleado com carabinas. Alguns morreram e alguns conseguiram sobreviver.*

*Seis de nós fomos conduzidos a Klaek Reman. Lourenço pediu tempo para rezar, antes de ser morto. Golpearam-nos com lanças. Rebolámos por uma ribanceira abaixo, caindo numa plantação de café perto da ribeira. Os soldados vieram atrás de nós e bateram-me no maxilar até quebrá-lo. Então, deitaram-nos todos em fila, cobriram-nos os corpos com um oleado, ramos e pedaços de madeira, e deixaram-nos ali a morrer. Eu tinha as mãos atadas com arame, mas consegui empurrar para o lado os ramos e a madeira e levantei-me. Bebi um pouco de água, que me deixou doente, e depois escondi-me numa pequena gruta formada por uma cascata seca...Ao entardecer, descobri capim alto ali perto e deixei-me desmaiar, totalmente exausto.<sup>67</sup>*

Manuel Duarte conseguiu arrastar-se até à casa de um amigo. Um enfermeiro local prestou-lhe cuidados médicos. No dia seguinte, 2 de Setembro, as forças da Fretilin chegaram e ele foi transportado até Díli, onde recebeu tratamento médico da Cruz Vermelha. Segundo Manuel Duarte, dois membros do grupo de seis pessoas executadas em Klaek Reman sobreviveram: ele próprio e Lourenço dos Santos, secretário regional da Fretilin em Ermera.<sup>68</sup>

#### **Mortes em massa de presos perpetrados pela UDT em Aifu (Ermera)**

Florentino de Jesus Martins pertencia ao grupo de presos levados pela UDT para Aifu, a fim de os executar. No depoimento por si prestado à Comissão, corroborou o encontro casual com os seis presos que iam ser conduzidos a Klaek Reman para ser mortos. Relatou a história da execução de, pelo menos, 26 presos em Aifu, nesse mesmo dia, 1 de Setembro de 1975:

*M34 era a pessoa que dava ordens para matar os presos. Mas M6 e M35 é que deram a M34 instruções para assassinar os presos. Quando chegámos à residência de M35, em Aifu, disseram-nos para descansarmos primeiro um pouco. Depois, trouxeram-nos para o exterior em pequenos grupos, de cerca de quatro pessoas, para limpar as ervas em frente da casa. Estávamos por ali, apenas sentados...*

*[De repente] o meu amigo, Virgílio Exposto, e outra pessoa, foram levados para a esquina do armazém e atingidos a tiro. A arma disparou e nós começámos a chorar. Pensámos: "É agora, vamos morrer todos". Então, mais quatro pessoas foram levadas para serem mortas e a arma disparou. Essas pessoas levadas para serem mortas iam de mãos amarradas e foram baleadas com uma (carabina) Mauser.*

*Depois de mortas essas pessoas ficámos cerca de 30. Então M34 deu ordens para interromper as execuções por um momento. Estávamos ainda sentados no terraço. Penso que M34 recebeu um cartão de Pedro Lemos [Falintil, Ermera] que dizia: "Senhor M34, deve libertar imediatamente os setenta e tal prisioneiros. Esta noite. Aifu está cercada e as nossas forças aproximam-se, vindas de Hatulia e Leorema."<sup>69</sup> Florentino de Jesus Martins e os restantes presos foram libertados na manhã seguinte. Mas alguns haviam escapado de noite. Segundo depoimentos de testemunhas, 26 pessoas foram executadas em Aifu. Se acrescentarmos a este número as quatro pessoas mortas em Klaek Reman, isto significa que pelo menos 30 presos da prisão da UDT em Ermera foram mortos no dia 1 de Setembro de 1975.<sup>70</sup>*

### **Morte de preso da UDT e desaparecimento de líder da Apodeti, por forças da Fretilin em Railaco (Ermera)**

A Comissão ouviu testemunhos indicativos de que, assim que ganhou ascendente em Ermera, no início de Setembro, a Fretilin também perpetrou homicídios. Em Setembro de 1975, as forças da Fretilin entraram no subdistrito de Railaco (Ermera). Cerca de 50 apoiantes da UDT, incluindo um homem chamado Mateus Soares, refugiaram-se em casa de Daniel Carvalho, secretário regional da Apodeti em Ermera. Eufrazia de Jesus Soares, mulher de Daniel Carvalho, recordou ter recebido instruções do seu marido para pôr um pano branco à frente de casa, para indicar a sua neutralidade no conflito. Daniel Carvalho escreveu uma carta ao comandante da Fretilin, pedindo-lhe que as forças da Fretilin não recorressem à violência em Railaco. Quando a Fretilin entrou em Railaco, Daniel Carvalho entregou às tropas da Fretilin os 50 apoiantes da UDT. No entanto, sem qualquer aviso, Mateus Soares foi separado do grupo e executado. Eufrazia de Jesus Soares relatou à Comissão o que o seu marido lhe disse sobre o incidente:

*O meu marido disse: "Não sabia que as coisas iam acabar assim. Pensei que se eles se rendessem estariam em segurança. Mas uma pessoa foi morta. Sinto-me culpado, não devia tê-los entregue, devia tê-los deixado ir... agora sinto-me muito mal, porque mataram uma pessoa."<sup>71</sup>*

Segundo Eufrazia de Jesus Soares, alguns dias depois, Daniel Carvalho foi capturado por tropas da Fretilin e levado para Aileu. Mais tarde, voltaram a transferi-lo com outros presos para Same, em Manufahi. A família nunca mais voltou a vê-lo.

### **Mortes de presos perpetrados pela Fretilin em Aileu**

A Comissão recebeu informações sobre uma série de homicídios perpetrados no início de Setembro. No dia 28 de Agosto, um grupo da Fretilin deteve e prendeu nove membros da UDT em Aileu. No dia 3 de Setembro, o grupo da Fretilin deteve mais 8 membros da UDT. Duas pessoas foram mortas, uma delas chamada major Lourenço e a outra membro da Apodeti. Uma terceira vítima, Simplício, foi morta em Soibada (Manatuto) e decapitada. Outro homem, Abílio Amaral, também foi morto pela Fretilin em Daisoli, Fatubosa (vila de Aileu, Aileu).<sup>72</sup>

### **Mortes ilícitas perpetradas por forças da Fretilin em Manatuto**

A Comissão recebeu depoimentos sobre o homicídio de 10 membros da UDT em Manatuto, em Setembro de 1975. No dia 4 de Setembro, as forças da Fretilin atacaram o suco de Hatukonan

(Laclo, Manatuto) e detiveram 12 membros da UDT. Nove deles foram levados para Makati e mortos. No dia 7 de Setembro, outra vítima, Pascoal Bernardo, foi detida pela Fretilin, sendo posteriormente amarrada debaixo de um pau de bandeira. Foi morto a tiro e depois decapitado.<sup>73</sup>

### **Mortes em massa de presos da UDT pela Fretilin em Katrai-Kraik e Ermera (Ermera)**

A Comissão recebeu indícios corroborados referentes ao homicídio de sete apoiantes da UDT no dia 15 de Setembro, perpetrado por forças da Fretilin no suco de Katrai-Kraik (Letefoho, Ermera). Estes homicídios parecem ter sido casos de vingança exercida pela Fretilin contra as execuções perpetradas pela UDT a 1 de Setembro. Segundo uma testemunha ocular dos homicídios, Adelino Maia, as forças da Fretilin chefiadas por M36 e por dois milicianos da Fretilin chamados M37 e M38 detiveram sete apoiantes da UDT no suco de Katrai-Kraik. Entre os membros da UDT contavam-se Teti Mau, Mau Saka, Lequimau, Caetano, Maurema, Saka Bere e Mau Bere. Levados para um local chamado Germano, no suco de Katrai-Leten, ali foram executados.<sup>74</sup>

Foi descrito à Comissão o homicídio de um comandante da UDT capturado. O capitão Miguel Martins era um comandante da UDT de Ermera que foi capturado pela Fretilin em Cailaco (Ermera), quando tentava fugir para Timor Ocidental, no dia 15 de Setembro. Levaram-no para Bobonaro e, depois, de volta para Ermera. No dia 25 de Setembro, sujeitaram-no a uma audiência de “justiça popular” pela Fretilin. O líder da Fretilin M39 perguntou ao povo reunido em assembleia: “Se responderem ‘Vai para Aileu!’ ele vive. Se responderem ‘Fica em Ermera’ ele morre.”<sup>75</sup> Entre a multidão, a maioria das pessoas eram familiares de vítimas da violência da UDT e, por isso, gritaram: ‘Fica em Ermera’. Então M39 ordenou a dois membros da Fretilin que amarrassem o capitão Miguel Martins. O capitão pediu licença para rezar, agradeceu ao público a cruz que lhe deram e pediu ao filho mais velho que olhasse pelos seus irmãos e irmãs mais novos. Então os dois membros da Fretilin levaram-no para Dadesan, em Ermera, e mataram-no a tiro.<sup>76</sup>

### **Outros homicídios**

A Comissão recebeu informação sobre mortes ilícitas ocorridas neste período que aparentemente não se enquadram nos padrões genéricos acima descritos. Um exemplo foi o homicídio de 12 membros da Apodeti por apoiantes da Fretilin em Bobometo (Oesilo, Oecusse), algures durante o mês de Setembro.<sup>77</sup> Outro foi a detenção de 11 membros da Fretilin em Atauro por um chefe de suco, António Maria Gomes, apoiante da UDT. Quatro destes homens foram mortos pela UDT.<sup>78</sup> Estes homicídios parecem ter sido incidentes isolados ocorridos em distritos onde, salvo estas excepções, pouca violência se fez sentir nesse período. Eles são demonstrativos do impacto do conflito interno na sociedade timorense, bem como do facto que esse conflito provocou mortes ilícitas em lugares de todo o território.

## Responsabilidade política pelo conflito interno armado

Durante a Audiência Pública Nacional da CAVR sobre o Conflito Político Interno de 1974/76, líderes partidários da UDT e da Fretilin referiram-se à questão sensível da responsabilidade pelo conflito interno e pelo grande número de mortos que provocou. Seguem-se alguns excertos de afirmações por eles feitas.

Domingos Oliveira, então Secretário-geral da UDT:

*E deste Movimento [de 11 de Agosto] surgiu uma crise sobre a qual outros já falaram. As pessoas mataram-se umas às outras, muitas pessoas. Lamento que tantas pessoas fossem mortas. Não foi só a Fretilin a matar gente da UDT, mas também a UDT a matar gente da Fretilin. A UDT matou três pessoas na prisão em Palapaço...e a Fretilin reagiu aos homicídios na prisão. Muitos prisioneiros da UDT morreram também, morreram tantos. Alguns foram mortos em Aileu, alguns foram mortos em Maubisse e outros foram mortos noutros lugares. Precisamos de, pouco a pouco, fazer uma investigação para podermos compreender onde morreram.*

João Carrascalão, então membro do Comité Central da UDT:

*Quero começar por dizer a todos vós que eu fiz mal à minha comunidade. Todas as vítimas da UDT que a Fretilin matou, foi por minha culpa. Porque a iniciativa do movimento de 11 de Agosto foi minha. Aceito toda a responsabilidade para apurar a verdade. Se querem descobrir quem deve ser culpado, não precisam de procurar mais longe. A culpa foi minha. Carregarei sobre mim este peso. É importante, meus amigos, se querem apontar o dedo a alguém, apontem-no apenas a mim.*

*Não houve ordens para deter membros da Fretilin, nem para levá-los para a prisão. Ficámos surpreendidos quando vimos que a prisão ficou de repente cheia. Não houve ordens dadas pelo Comité Central [da UDT]. Esta acção foi espontânea...e muitas pessoas agiram motivadas por razões pessoais, [devido ao que tinha acontecido em] anos anteriores e aproveitaram esta oportunidade e prenderam as pessoas de maneira arbitrária...Todos os dias eu ia às prisões da UDT e libertava 50 a 60 pessoas.*

*Pois é, não havia controlo. De quem é a culpa? A culpa é minha. Aceito-a. Não precisam de procurar muitas pessoas para culpar. Tanta gente morta, quase 1.200 pessoas...Esquecemo-nos da nossa maior responsabilidade...Eu fiz mal, porque não compreendi o povo timorense."*

Francisco Xavier do Amaral, então presidente da Fretilin:

*Havia muita confusão. Todos estavam exaltados, com o sangue a correr quente nas veias, e, por isso, as pessoas batiam umas nas outras e a violência acontecia. Quando uma pessoa vencia, vingava-se de outra. Quando a outra vencia, vingava-se nesta. Assim se passaram as coisas em 1975. Este é um problema no nosso país. Por exemplo, algumas pessoas trabalhavam num lugar e eram despedidas. Vingavam-se dos seus superiores quando tinham essa oportunidade. Libertavam o seu ódio. Espancavam-se mutuamente até se matarem...Isto faz parte do carácter timorense. Quando o sangue está quente, acontecem estas coisas. Dizemos: ontem tu bateste no meu pai, no meu filho, no meu irmão mais novo, sem razão. E, assim, o ódio começa. Está sempre presente.*

Mari Alkatiri, então um comissário político de alto nível da Fretilin:

*[Durante] a fase inicial da agressão, em Agosto e Setembro, tanta coisa aconteceu e muitas pessoas foram mortas. Matámo-nos uns aos outros...como afirmei no meu testemunho anterior...Durante a guerra entre a UDT e a Fretilin, muitas pessoas morreram. Alguns falam num máximo de 3 mil pessoas. Não acredito que 3 mil pessoas tivessem morrido nesta guerra, mas saberemos isso com mais certeza no futuro.*

### 7.2.3 Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados durante a ocupação indonésia (1975/1999)

Mortes ilícitas perpetradas pelos militares indonésios antes da invasão de Dezembro de 1975

#### **Distritos ocidentais (Agosto a Dezembro de 1975)**

As incursões dos militares indonésios contra os distritos ocidentais de Timor-Leste tiveram início nos finais de Agosto de 1975, sendo lançadas por três grupos de tropas das forças especiais — a saber, *Tim Susi*, *Tim Tuti* e *Tim Umi*. Estas unidades trabalharam em conjunto com um grupo de timorenses conhecido como “Partidários”, que era treinado, armado e dirigido pelas *ABRI*.<sup>79</sup>

As operações encobertas levadas a efeito pelas equipas das Forças Especiais e pelos “Partidários” tiveram lugar entre Agosto e Dezembro de 1975. As três equipas entraram em Timor-Leste através da fronteira com Timor Ocidental. Desenvolveram actividades separadas e, mais tarde, reagruparam-se em Atabae (Bobonaro), em Dezembro de 1975. A Comissão documentou pelo menos 20 mortes ilícitas de civis ocorridas nestes meses, nos subdistritos de Atabae, Cailaco, Maliana, Balibó e Bobonaro, do distrito de Bobonaro.<sup>80</sup>

Cláudio Vieira, um “Partidário” que participou nas operações secretas como membro da *Tim Umi*, relatou à Comissão o homicídio de dois civis perto do Monte Taroman, perpetrado pelo “Partidário” M41, que acompanhou a *Tim Umi* na sua incursão contra Suai, em Setembro de 1975. Os dois civis, não identificados, um homem e uma mulher, foram capturados e mortos por catana. Os seus corpos foram abandonados à beira da estrada.<sup>81</sup>

Em 1975, soldados das *ABRI* e uma unidade de “Partidários” comandada por M42 mataram pelo menos dois civis nos subdistritos de Balibó e Atabae.<sup>xvii</sup> Numa área denominada Litete, em Balibó, o grupo armado capturou um civil chamado Bau-Mau. Segundo o depoimento de uma testemunha, Bau-Mau recusou-se a entregar o arco e a flecha que trazia consigo. Foi então capturado, a sua casa incendiada e os seus animais de criação roubados. Mataram-no e o seu corpo foi abandonado numa área denominada Aipasrah.<sup>82</sup>

Com base nos dados recolhidos pela Comissão, o maior número de mortes resultantes de operações militares secretas anteriores à invasão tiveram lugar no distrito de Ermera. Segundo Marciana Gracia, as forças indonésias infiltraram-se no subdistrito de Atsabe em Setembro de 1975, entrando por Cailaco (Bobonaro). Na aldeia de Coileki Babor Leten, suco de Baboe Leten (Atsabe, Ermera), capturaram e mataram quatro prisioneiros da UDT que ali se encontravam detidos pela Fretilin — chamados Mau Butar, Berleki, Beremau e Mausico. Foram espancados e mortos em Haulete, suco de Malabe (Atsabe, Ermera), por ordem do comandante do Batalhão 403 e do comandante dos “Partidários”, M43.<sup>83</sup> A Comissão recebeu do mesmo depoente informação relativa ao homicídio de quatro outros civis, Casimiro Soares Gomes, Letisiga, Berhali e Loe Mau, em quatro incidentes separados ocorridos em Atsabe. Dois dos quatro trabalhavam nos campos quando foram mortos.<sup>84</sup>

A Comissão recolheu indícios corroborados referentes a um grande número de mortes de civis ocorridas no dia 8 de Setembro de 1975, em Aifu (Atsabe, Ermera). Segundo Florentino de Jesus, o grupo *Tim Susi*, comandado por M44, entrou em Ermera de madrugada. Em Hatulia (Ermera) travou combates com as forças das Falintil. Duas pessoas foram mortas, de cada lado. O grupo *Tim Susi*, composto por membros das *ABRI* e dos “Partidários”, retirou para Haekesak

<sup>xvii</sup> Esta testemunha referiu também à Comissão a morte de um combatente. O soldado das Falintil Talo Bere foi morto a tiro por este grupo em Pona Ahi (Balibó, Bobonaro).

(Atambua, Timor Ocidental, Indonésia), e, depois, regressou a Ermera através de Asulau e Matarobu-Borro (Ermera). Florentino de Jesus relatou à Comissão que dezenas de civis foram mortos quando a *Tim Susi* chegou a Aifu. Entre os mortos contava-se Hélder Varela, filho do antigo administrador do subdistrito.<sup>85</sup> Florentino de Jesus relatou igualmente à Comissão que um soldado das Falintil, Celestino Soares, foi morto durante este ataque.<sup>86</sup> As informações relativas a este ataque foram confirmadas por Tomás Gonçalves, um antigo membro dos “Partidários”, que declarou à Comissão terem sido mortos pelo menos 70 civis.<sup>87</sup>

### **Homicídio de cinco jornalistas em Balibó**

Às primeiras horas da manhã do dia 16 de Outubro de 1975, uma força militar indonésia sob disfarce, dirigida pela *Tim Susi* comandada pelo capitão M44 (nome de código major Andreas) lançou um ataque para capturar a cidade de Balibó (Balibó, Bobonaro).<sup>88</sup> Segundo cálculos de Tomás Gonçalves, participaram cerca de 700 homens no ataque, incluindo centenas de auxiliares timorenses e uma força de comandos pára-quedistas que reforçava a própria *Tim Susi*. As forças indonésias começaram por bombardear Balibó, a partir da costa Norte e a partir da direcção de Maliana, lançando seguidamente um ataque vindo de três direcções.<sup>89</sup> Durante o ataque, cinco jornalistas de duas estações de televisão australianas foram mortos. Greg Shackleton (29 anos) e Tony Stewart (21) eram ambos australianos; juntamente com o jornalista neozelandês Gary Cunningham (27), trabalhavam para a estação de televisão *Channel Seven*, de Melbourne. Brian Peters (26) e Malcolm Rennie (29), ambos britânicos, trabalhavam para a estação de televisão *Channel Nine*, com sede em Sydney. Os jornalistas encontravam-se em Balibó desde o dia 13 de Outubro, fazendo reportagem sobre as operações militares secretas indonésias no interior de Timor-Leste e prevendo um ataque indonésio contra a cidade.

A morte dos jornalistas em Balibó atraiu, desde então, muita atenção a nível internacional. O Governo australiano ordenou dois inquéritos sobre as mortes, em 1995 e 1998, dirigidos por Tom Sherman. Dois livros recentemente publicados, onde se investigam as mortes dos cinco jornalistas — *Cover-Up* (2001), da autoria de Jill Jolliffe, e *Death at Balibo, Lies in Canberra* (2000), de Desmond Ball e Hamish McDonald — contêm informação nova e importante. O livro *Kopassus* (2003), de Ken Conboy, fornece informações sobre a operação militar lançada para capturar Balibó, baseando-se em entrevistas com fontes militares indonésias que participaram nessa operação. Em meados de 2000, a Polícia Civil (*Civpol*) da UNTAET criou uma Unidade de Crimes Históricos no âmbito da Unidade de Investigação Nacional (*NIU*) e deu início a uma investigação sobre as mortes de Balibó. No âmbito desta investigação, no dia 22 de Março de 2001, o Representante Especial do Secretário-Geral da ONU, Sérgio Vieira de Mello, escreveu ao Procurador-Geral da Indonésia solicitando entrevistas com nove suspeitos que estariam estarem na Indonésia. O Procurador-Geral recusou o pedido, alegando que o Parlamento indonésio não ratificara um memorando de entendimento referente à cooperação entre a UNTAET e o seu gabinete, pondo assim eficazmente termo à investigação da *Civpol*.

Todos os inquéritos sobre as mortes têm sido limitados por dois factos: por um lado, os restos mortais dos jornalistas, sepultados no cemitério de Tanah Kusir, em Jacarta, nunca foram sujeitos a investigação científica e, por outro, as testemunhas-chave na Indonésia recusaram-se a prestar depoimento aos diversos inquéritos oficiais até agora realizados. Os materiais adiante fornecidos concentram-se nos depoimentos prestados por testemunhas à Comissão sobre as circunstâncias das mortes dos jornalistas.

#### *Guido dos Santos*

Guido dos Santos, então um auxiliar de saúde da Fretilin com 24 anos, há muito que é uma testemunha fundamental dos acontecimentos de Balibó. Apresentou o seu primeiro relato como testemunha ocular logo após o acontecimento.<sup>90</sup> Em Agosto de 2000, participou numa reconstituição organizada em Balibó por Jill Jolliffe. Guido dos Santos não foi entrevistado por

Tom Sherman, uma vez que não se encontrava em Timor-Leste quando o Governo australiano ordenou os seus inquéritos.<sup>91</sup>

A Comissão entrevistou Guido dos Santos em Julho de 2004 e gravou uma entrevista em vídeo em Balibó, em Setembro de 2004. Neste vídeo, Guido dos Santos explicou que os jornalistas lhe acenaram quando ele se encontrava perto do enorme gondeiro no ponto em que a estrada de Cova entra na praça.<sup>92</sup> Ele estava a defender a praça contra as tropas atacantes vindas da Secção Portuguesa, mas então percebeu que os soldados inimigos já se encontravam na estrada de Maliana, do lado oposto da praça. Foi então que viu um jornalista tombar. Pensou que o jornalista fora baleado, embora não tivesse bem a certeza se se teria lançado para o chão, deitando-se numa tentativa de evitar o tiroteio.<sup>xviii</sup> Quase no mesmo instante em que viu o jornalista cair, Guido dos Santos viu também e ouviu os restantes jornalistas gritarem “Austrália, Austrália”, com as mãos erguidas no ar. Em vez de caminhar na direcção dos jornalistas, preferiu correr para as traseiras de outra loja-residência chinesa que dava para a praça, junto ao limite do campo de futebol da escola e por detrás do enorme gondeiro, trepando em seguida pelo declive lateral do forte. Continuou a ouvir os gritos dos jornalistas durante cerca de dois minutos, até alcançar um caminho onde se sentiu seguro. Guido dos Santos confirmou à Comissão que, à semelhança do que afirmou em entrevistas anteriores, o homem que viu tombar era “grande e careca”, descrição que corresponde a Brian Peters.<sup>93</sup> Na entrevista gravada em vídeo que deu à Comissão, Guido dos Santos identificou com convicção a primeira casa na estrada de Maliana como o local onde os jornalistas foram efectivamente mortos.

#### *Olandino Guterres*

Olandino Guterres era um apoiante da UDT que fugiu de Balibó para Timor Indonésio. Depois de receber treino militar em Haekesak (Timor Ocidental), regressou a Balibó integrado na força atacante. Entrevistado pela Comissão em Junho de 2004, em Díli, Olandino Guterres informou que se encontrava por detrás da casa onde os jornalistas se tinham alojado:

*Ouvi uma voz: “Tembak. Maju.” (Disparem! Avancem!). Ouvi o som das AK a disparar. Começaram a atirar. Já havia luz do dia...Recuando um pouco, viu-os entrar todos na casa. Também entrei. Vi três jornalistas australianos, dentro da casa. Os corpos estavam nas cadeiras, um deles precisamente à janela. Quando ainda estava a olhar, assim, Yunus ordenou: “Eh, tu! Sai daqui. Vai para ali. Monta guarda ali. Não fiques aqui.”<sup>94</sup>*

No relato feito à Comissão, Olandino Guterres declarou ter-se então dirigido às traseiras da casa. Disse que todas as portas da casa estavam abertas e, por isso, podia ver o que se passava lá dentro. Ouviu um soldado indonésio dizer: “Se não saíres cá para fora, atiro uma granada”:

*Talvez o jornalista australiano tivesse ouvido a palavra “granada” [granat em indonésio] e saiu para o exterior com as mãos levantadas...Ouvi-o dizer: “Desculpe, sou um turista” [em inglês]. Foi M45 quem o trouxe para fora. Assim que o trouxe para fora, atingiu-o imediatamente com a sua faca de comando. O quinto saiu da casa de banho...[e] ele [M45] esfaqueou-o nas costas.*

---

<sup>xviii</sup> Numa entrevista da CAVR a Elias Lopes, um membro da UDT que fez parte da força de ataque contra Balibó, o entrevistado afirmou ter visto que um estrangeiro saíra da residência sozinho. Porém, afirma que as tropas indonésias o mandaram embora, ouvindo depois tiroteio. Entrevista da CAVR a Elias Lopes, *Kampung Merdeka*, Comoro, Díli, 27 de Julho de 2004.

Olandino acrescentou que o capitão M44 dera ordens a M45 para desembainhar a faca.<sup>xix</sup>

*Tomás Gonçalves*

Em 1975, Tomás Gonçalves comandava as tropas da Apodeti em Balibó, destacadas com o grupo de comandos pára-quedistas dirigido pelo capitão Ali Musa.<sup>xx</sup> Em Abril de 1999, fugiu para Macau, depois de se recusar a comandar um grupo de milícias. A Comissão entrevistou Tomás Gonçalves em Outubro de 2003, em Maio de 2004 e em Setembro de 2004. Tomás Gonçalves prestou igualmente depoimento à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre o Conflito Político Interno de 1974/76, em Dezembro de 2003. Segundo o seu testemunho, por volta das 6 da manhã ele viu quatro homens saírem da casa, um à frente e três atrás. Não conseguiu ouvir o que diziam, mas pensou que se estavam a render. Então viu os soldados a disparar. Viu Yunus Yosfiah, Ali Musa e Kirbiantoro no grupo de soldados que cercavam a casa. Crê que eles dispararam também, mas não conseguiu reconhecer com exactidão quem fez os disparos. Nesse momento, não houve disparos provenientes da posição da Fretilin. Continuando a disparar, os soldados entraram na casa e arrastaram os corpos dos jornalistas para dentro, onde os queimaram até os reduzirem a cinzas numa pilha de lenha regada com gasolina.

#### *Sequência possível dos acontecimentos*

Embora estes relatos de testemunhas não sejam totalmente consistentes entre si e difiram, em alguns aspectos, daquilo que as mesmas testemunhas afirmaram noutras ocasiões, a Comissão crê que, com base nos depoimentos destas testemunhas, é possível reconstituir uma narrativa coerente sobre o que aconteceu naquela manhã. A Comissão considera credível o seguinte relato, baseado nestes depoimentos.

Por volta das 6 da manhã, um jornalista, possivelmente Brian Peters, foi atingido a tiro à frente da primeira casa na estrada para Maliana. O tiro foi disparado pelas tropas atacantes que avançavam vindas da estrada de Maliana, encontrando-se prestes a chegar à praça onde Guido dos Santos viu cair o jornalista.<sup>xxi</sup> Uma razão possível para o jornalista se encontrar na estrada é que tivesse acabado de descer da colina com uma máquina de filmar, tentando regressar à casa, quando, acidentalmente se deparou com as tropas que avançavam.<sup>xxii</sup> Os jornalistas que se encontravam na casa gritaram “Austrália, Austrália”, erguendo as mãos no ar, e continuaram a gritar durante cerca de dois minutos. Tomás Gonçalves disse ter visto quatro pessoas a serem atingidas a tiro frente à porta de casa, uma caminhando à frente e três atrás. Era-lhe impossível ver o primeiro jornalista cair, porque isso aconteceu quando Guido dos Santos ainda estava no limite da praça e Tomás Gonçalves ainda não se encontrava lá nessa altura. O que ele viu foi os soldados indonésios dispararem intencionalmente sobre os restantes jornalistas, entrando em seguida na casa enquanto o tiroteio prosseguia. Alguns dos jornalistas poderão ter caído à porta de casa. Mas houve pelo menos um jornalista que fugiu para dentro de casa, sendo morto nas traseiras, possivelmente por M45.

A Comissão crê igualmente que membros das *ABRI* vestiram os corpos dos jornalistas mortos, alguns ou todos, com uniformes, fotografando-os em seguida de metralhadoras em punho. Embora os relatos das testemunhas fornecidos à Comissão sejam pouco coerentes entre si

---

<sup>xix</sup> Entrevista da CAVR a Olandino Guterres. “M45” foi identificado como um membro da assembleia local entre 1992 e 1997 em Baucau (Jill Jolliffe, *op. cit.*, pp. 281-301).

<sup>xx</sup> Tomás Gonçalves afirmara a Jill Jolliffe que acompanhava Kirbiantoro, mas nas suas entrevistas à Comissão disse sempre que fizera parte do grupo que atacou vindo de trás da Secção Portuguesa e que este grupo era chefiado pelo capitão Ali Musa.

<sup>xxi</sup> O relato de Lucas Jerónimo, embora o seu testemunho não fosse registado como prova, apoia esta hipótese.

<sup>xxii</sup> O relato de Lucas Jerónimo, que afirma ter visto um jornalista a filmar, caindo em seguida, também se coaduna com a presente versão dos acontecimentos. Ver o artigo reproduzido em Tom Sherman, *Report on the Deaths of Australian based journalists in East Timor in 1975*, 1996, pp. 31-32.

quanto ao destino dado aos corpos dos jornalistas, todas as fontes são unânimes em afirmar que foram queimados em Balibó.<sup>95</sup>

### *Conclusões*

A Comissão crê que o relato acima apresentado corresponde com coerência à informação que lhe foi disponibilizada. O que implica que a morte dos cinco jornalistas não resultou de fogo cruzado, ou de um infeliz efeito colateral da operação de conquista de Balibó lançada pela Indonésia. Além das tentativas feitas pelos jornalistas para se identificarem junto dos soldados indonésios, há provas substanciais de que a força atacante tinha conhecimento prévio da presença de jornalistas australianos em Balibó, incluindo o reconhecimento por parte do general Murdani de que recebera informações referentes a essa presença.<sup>96</sup> A Comissão entende igualmente que os relatos semioficiais indonésios, nos quais se sugere que os membros da força atacante teriam encontrado os corpos dos jornalistas depois da tomada da cidade, não correspondem às provas por si recolhidas.<sup>97</sup> Com base no seu limitado inquérito a estes acontecimentos, a Comissão não reivindica encontrar-se em posição de estabelecer conclusões definitivas sobre o que aconteceu em Balibó no dia 16 de Outubro de 1975. No entanto, crê efectivamente que as suas próprias conclusões constituem base suficiente para promover uma investigação mais aprofundada sobre a verdade fugidia relativa a este assunto.

### **Mortes ilícitas perpetradas pelos militares indonésios durante a invasão de Díli, 7 e 8 de Dezembro de 1975**

Os militares indonésios lançaram a invasão em larga escala de Díli, na madrugada de domingo, dia 7 de Dezembro de 1975. Navios da marinha de guerra indonésia dispararam fogo de artilharia contra Díli durante cerca de uma hora, após o que foram lançadas tropas pára-quedistas sobre o coração de Díli e desembarcados fuzileiros em Kampung Alor (Dom Aleixo, Díli), a Oeste do centro da cidade. Efectivos do Comando de Forças Especiais de Combate (*Kopassandha*) dividiram-se em três equipas, cada qual encarregada de conquistar e manter uma determinada localização estratégica.

Pelas 4.30h da manhã, várias centenas de fuzileiros indonésios a bordo de tanques anfíbios e navios de transporte de tropas desembarcaram na praia de Kampung Alor. Pouco antes de o nascer do sol, a 7 de Dezembro, a primeira vaga de nove aviões da Força Aérea indonésia iniciou a formação de ataque sobre a Ilha de Ataúro, voaram para Oeste rumo ao estreito de Wetar, e, depois, aproximaram-se de Díli vindos de Leste. O lançamento de pára-quedistas foi iniciado às 5 e 45 da manhã. Os que saltaram a Oeste da residência do governador, junto à Rua José Maria Marques, defrontaram-se com forte resistência. Havia vários postos de milícia da Fretilin localizados na zona. Um deles localizava-se no piso térreo do edifício da Cruz Vermelha, a partir do qual uma milícia da Fretilin se envolveu em combates intensos com os pára-quedistas invasores.

### **Morte ilícita de civis de etnia chinesa em Colmera, 7 de Dezembro de 1975**

Na manhã de 7 de Dezembro, as tropas indonésias aproximaram-se do edifício Toko Lay, localizado ao lado do edifício da Cruz Vermelha, na Rua José Maria Marques. Um pára-quedista indonésio, cujo pára-quedas ficara preso no topo do edifício algum tempo antes, estava pendurado à frente do edifício, morto. As tropas indonésias deram ordens aos ocupantes de Toko Lay para que saíssem do edifício. Segundo informação coligida pela Comissão, havia cerca de 20 pessoas no edifício, todas de etnia chinesa.<sup>98</sup> Um homem de etnia chinesa, chamado Tsam I Tin, e o seu filho (possivelmente chamado Tsam Mou Tang) saíram do edifício ao lado. Segundo as informações recebidas pela Comissão, os soldados indonésios mataram a tiro Tsam

I Tin e balearam uma vez o filho, mas este sobreviveu.<sup>99</sup> As pessoas que se encontravam no edifício Toko Lay foram levadas para o porto.<sup>100</sup>

A Comissão recebeu indícios corroborados referentes a este incidente. Hermínio da Silva da Costa declarou à Comissão que, ao acompanhar o general Benny Murdani numa volta pela cidade, no final desse dia ou no dia seguinte, encontraram um mulher de etnia chinesa perto do armazém Lay cujo marido fora atingido a tiro. Hermínio relatou à Comissão que essa mulher pediu ajuda para sepultar o marido e Murdani respondeu: “Lamento se houve algum erro. Eu sou responsável e peço-lhe desculpa.”<sup>101</sup>

**Table 1 - Vítimas no edifício contíguo ao Toko Lay, manhã de 7 de Dezembro de 1975, relatadas à CAVR**

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Tsam Yi Tin	Empregado de loja	Idade ~50, de Turiscai	Morto
2. Tsam Meu Yang		Filho do nº 1	Ferido

Nessa manhã, em Colmera, as tropas indonésias ordenaram a todos os moradores que saíssem de suas habitações e dos locais de trabalho. Segundo o depoimento de uma testemunha, os soldados indonésios, de boinas verdes, queriam revistar-lhe a casa em busca de armas. Durante a busca, as tropas descobriram um grupo de pessoas de etnia chinesa escondidas num rego de escoamento por detrás da casa de Li Nheu Ki, na Rua Sebastião da Costa. Uma testemunha relatou à Comissão ter ouvido dizer que havia pessoas que tinham sido mortas e quis enterrá-las. Quando olhou para fora da porta da casa onde se encontrava viu os cadáveres, mas teve medo e voltou para dentro.<sup>102</sup>

**Table 2 - Vítimas na casa de Li Nheu Ki, manhã de 7 de Dezembro de 1975, relatadas à CAVR**

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Li Nheu Ki		Idade ~60	Morto
2. Pu Kim Seong	Empregado do Sang Tai Hoo	Idade ~48	Morto
3. Lay Siu Siong			Morto
4. Yong Yung Nhang		Idade ~60	Morto
5. Mulher de Yong Yung Nhang		Idade ~60	Morta
6. A Fa [Lay Kim Fa?]	Cozinheiro/empregado de loja	Idade ~22	Morto
7. Li Chap Pin	Carpinteiro	Idade ~30	Morto
8. Jong Kui Jung		Idade ~30	Morto
9. Li Chap Kang		Idade ~40	Morto

Segundo informações recebidas pela Comissão, houve pelo menos mais cinco pessoas de etnia chinesa mortas na área de Colmera, a 7 de Dezembro. Por volta do meio-dia, um empresário chamado Lay Kim Chang, de cerca de 38 anos, saiu da sua loja e foi imediatamente morto a tiro por soldados indonésios, que então lhe roubaram o seu relógio de pulso, de elevado valor. À tarde, um informador militar indonésio identificou o dono de uma loja, chamado Lay Chung To, de cerca de 60 anos, como membro da Fretilin e possuidor de uma bandeira da Fretilin. Foi imediatamente morto a tiro. Segundo as informações recebidas, mais três pessoas foram executadas.<sup>103</sup>

**Table 3 - Outras mortes de pessoas de etnia chinesa, ocorridas na manhã de 7 de Dezembro de 1975, relatadas à Comissão**

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Lay Kim Chang	Proprietário de loja	Idade ~38	Morto
2. Lay Chung To	Proprietário de loja	Idade ~60	Morto
3. Jong Kong Yi	Empresário	Idade ~60	Morto
4. Wong Seu Fa	Empregado da Fa Qui	Idade ~50	Morto
5. Lay Si Leong			Morto

As pessoas de etnia chinesa que se encontravam no edifício Toko Lay foram levadas para as docas. Em 1984, um homem chamado Chong Kui Yan relatou à Amnistia Internacional que os ocupantes do Toko Lay foram conduzidos ao Sporting Clube, onde foram ameaçados de arma apontada. Depois foram conduzidos à entrada do porto, sendo de novo ameaçados. As mulheres e as crianças receberam ordens para se dirigirem à escola chinesa, enquanto um grupo de 16 homens teve de escavar uma grande vala no parque, onde mais tarde foram sepultados os soldados indonésios mortos.<sup>104</sup>

### **Mortes no edifício da Assistência, 7 de Dezembro de 1975**

Aquando da invasão indonésia de Díli, muitas famílias viviam no recém-construído edifício da delegação do Ministério dos Assuntos Sociais português (Assistência), localizado na esquina Sudeste do cruzamento entre a Rua Albuquerque e a Rua Caicoli. Estas famílias haviam-se refugiado no edifício da Assistência porque as suas habitações em Vila Verde e noutros bairros tinham sido incendiadas em Agosto, durante o conflito armado entre a UDT e a Fretilin.

Na manhã de 7 de Dezembro, simpatizantes da Fretilin que haviam previamente recebido treino militar reuniram-se no edifício da 15ª Companhia de Caçadores (Companhia 15) em Caicoli, em busca de armas e munições. O comandante da Companhia não se encontrava presente. Alberto de Oliveira Camra contou à Comissão que os membros da milícia da Fretilin dispararam contra os pára-quedistas indonésios que desciam. O combate durou até se acabarem as munições aos membros da milícia da Fretilin, que então fugiram.<sup>105</sup>

Ao princípio da tarde, os soldados indonésios aproximaram-se do edifício da Assistência. Os soldados descobriram um pára-quedista indonésio cujo pára-quedas se havia emaranhado nos cabos de electricidade nessa manhã, sendo morto a tiro. Segundo Francisco da Cunha, antigo agente da Polícia Militar portuguesa:

*Um capitão fora morto pelas Falintil da Companhia de Caicoli — Casa Quinze. Nessa altura, começámos a trocar tiros com as ABRI/TNI. Porém, as nossas forças já não conseguiram sustentar o avanço e, por isso, retirámo-nos e juntámo-nos à Companhia de Balide.<sup>106</sup>*

Os soldados fizeram descer o militar morto. Nesse momento, havia uma bandeira da Fretilin hasteada no pau de bandeira perto da garagem, a Oeste do edifício velho da Assistência. Depois de garantirem a segurança da zona, os soldados levaram o militar para o pau de bandeira, arriaram a bandeira da Fretilin e, então, mandaram que todos os civis saíssem do edifício da Assistência.

Os familiares de Bernardo Moniz encontravam-se no segundo andar, nas traseiras do edifício, e, por isso, foram dos últimos a abandoná-lo. A filha de Bernardo, Felismina dos Santos da Conceição, então com 12 anos, disse à Comissão que, do segundo andar do edifício, olhou para o outro lado da rua e conseguiu ver dois soldados indonésios mortos e um soldado da Fretilin morto junto ao pau de bandeira, ao lado da garagem de ambulâncias do edifício velho da Assistência.<sup>107</sup>

Os soldados indonésios ordenaram aos civis que se reunissem do outro lado da rua, frente ao novo edifício da Assistência. Os soldados indonésios mandaram também que os civis do bairro de Vila Verde se reunissem no campo. Francisco Soriano relatou à Comissão que ele e os seus familiares se esconderam na casa de um agente da Polícia Militar portuguesa, de apelido Santos, porque a casa era de boa construção e conseguia aguentar balas. Porém, ao princípio da tarde a casa foi atingida por uma bala e as pessoas saíram para a rua. Os soldados

indonésios mandaram-nas reunir-se no campo do outro lado da rua, em frente ao edifício da Assistência.<sup>xxiii</sup>

Os soldados separaram os homens das mulheres e das crianças. Mandaram as mulheres rezarem e revistaram o grupo de cerca de 80 homens.<sup>108</sup> Então os soldados disseram aos homens para irem para o edifício da Companhia 15, ao lado do edifício velho da Assistência, onde lhes foi ordenado que trouxessem todas as coisas móveis para o exterior. Felismina dos Santos da Conceição, que estava no campo com as mulheres e as crianças, disse à Comissão que vira o seu pai e o sargento Mesquita transportarem os bens móveis da Companhia 15 para o exterior. Depois disso, os homens foram conduzidos à fachada lateral do edifício. Francisco Soriano contou à Comissão que viu lá os corpos de dois pára-quedistas indonésios mortos.<sup>109</sup> Mandaram aos homens que formassem em filas. Francisco Soriano relatou à Comissão:

*[Depois de] deixarmos a Companhia, as ABRI mandaram-nos formar...As ABRI apontaram-nos armas, mandando-nos mover, e nós formámos em linha. Três filas, ou três linhas. Mandaram-nos formar em linha, mas não percebíamos indonésio. Uma vez formados em linha, eles [das ABRI] começaram a discutir qualquer coisa entre si. A única coisa que eu consegui perceber foi o que tinham escrito nas camisas — 501. Boinas verdes...estávamos formados em três linhas, três linhas compridas.<sup>110</sup>*

Os soldados indonésios tiveram uma discussão de 10 a 15 minutos. Então, três dos soldados apontaram as armas ao grupo de homens timorenses. Quando viu isto, Francisco virou-se e desatou a correr. Então os soldados abriram fogo contra os homens. Enquanto corria, Francisco conseguiu ver dois dos seus amigos serem atingidos por balas. Domingos Pinto Faria foi baleado na cabeça e tombou. Manuel recebeu uma bala na coxa. Depois de correr cerca de 100 metros, Francisco sentiu-se atingido por uma bala nas costas.

Domingos Soares relatou à Comissão que se encontrava entre este grupo de homens quando o tiroteio começou. Declarou o seguinte:

*Eu estava na primeira linha. Depois de cair, [apercebi-me] de que uma bala me tinha atingido no braço. Um amigo chinês que estava alinhado comigo também foi baleado, caindo atravessado sobre o meu corpo, morto. Então vi que havia muita gente morta. Só conhecia poucos pelo nome: Jacinto Cândido e Tomás Conceição — ambos meus professores — e Domingos Urbano.<sup>111</sup>*

Felismina dos Santos da Conceição relatou à Comissão que, pouco depois de o grupo de homens ter sido levado para o edifício da Companhia 15, ouviu tiroteio durante 15 a 20 minutos, bem como o som de várias granadas a explodir. Passado algum tempo, uma das amigas de Felismina, uma rapariga chamada Isabel, levantou-se e foi levar alguma água ao local do tiroteio. Quando Isabel chegou ao local, os soldados indonésios estavam a afastar-se na direcção de um edifício chamado Sang Tai Hoo, em Colmera. Isabel regressou ao grupo de mulheres e informou-as que todos os homens tinham sido mortos.

Ao ouvirem isto, Felismina e várias mulheres dirigiram-se ao local, para verem o que se passara. Quando Felismina chegou ao edifício da Assistência, viu que os homens tinham sido baleados,

---

<sup>xxiii</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Soriano, Díli, 4 de Julho de 2004. Ver também a entrevista da CAVR a Alberto de Oliveira Camra, Díli, 17 de Agosto de 2004, que relatou ter ouvido dizer a Josefina Pereira Noronha que o seu marido, Lourenço Pereira, fora morto por soldados indonésios em Vila Verde na manhã de 7 de Dezembro de 1975.

vendo-se pedaços de corpos espalhados pelo sítio. Felismina encontrou o irmão, Jacinto Ferreira Simões, de 17 anos:

*Ergui a cabeça do meu irmão de imediato, pousando-a sobre o meu regaço. Dei-lhe um pouco de água. Pouco depois, senti-me molhada. Percebi então que a água que eu dera ao meu irmão saíra do seu pescoço para o meu colo. Pouco depois, ele morreu-me no meu regaço.*<sup>112</sup>

Felismina e as amigas regressaram então ao campo e, juntamente com as outras mulheres e crianças, dirigiram-se para Vila Verde. No caminho, avistou o pai, Bernardo Moniz, vindo da direcção do quartel-general da Polícia Militar, na Rua Albuquerque. Vinha banhado em sangue. Bernardo Moniz explicou à filha que não estava ferido; o sangue pertencia a outros homens que haviam sido mortos.

A Comissão recebeu informação de vários informadores sobre o número de vítimas no edifício da Assistência. Os números variam entre 23 pessoas e um máximo de 60 a 70 pessoas.<sup>xxiv</sup> A Comissão conseguiu identificar as seguintes vítimas:

**Table 4 - Vítimas identificadas do edifício da Assistência, Caicoli, relatadas à Comissão**

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Domingos Pinto Faria			Morto
2. Domingos Xavier	Polícia Militar	De Viqueque	Morto
3. António Mesquita	Segundo-sargento		Morto
4. Manuel	Criado em casa de Santos		Morto
5. Graciano de Carvalho	Enfermeiro		Morto
6. Rosa Lay	Condutor de ambulância		Morta
7. Jacinto Ferreira Simões		Idade 17	Morto
8. Jacinto Cândido	Professor		Morto
9. Tomás Conceição	Professor		Morto
10. Silvino das Neves			Morto
11. Luís António Salsinha			Ferido
12. Domingos Urbano		Parente morto S. Maloa	Ferido
13. António de Araújo	Antigo soldado		Ferido
14. Francisco Soriano	Membro da milícia da Fretilin	Idade 17, de Díli	Baleado nas costas
15. Carlos Afonso	Membro da Unetim		Baleado na mão
16. Domingos			
17. José de Carvalho			
18. Cico Badak	Turista		Ferido
19. Bernardo Moniz		Falecido em 1981	
20. João Brito	Membro da milícia da Fretilin	De Ermera	
21. Domingos Soares		Idade 9	Ferido

Domingos Freitas relatou à Comissão que, dois dias depois da invasão indonésia de Díli, se dirigiu na companhia de uma mulher chamada Cândida e do seu filho à procura do marido de Cândida, agente da Polícia Militar portuguesa. Por detrás do edifício da Companhia 15

<sup>xxiv</sup> Entrevista da CAVR a Alexandrino do Rego, Díli, 22 de Agosto de 2004. Alexandrino diz ter contado 23 cadáveres no local. Felismina dos Santos da Conceição, entrevistada pela CAVR em Novembro de 2003, e Filomeno Gomes, entrevistado a 25 de Junho de 2004, disseram ambos que havia “dezenas” de vítimas; ver também entrevista da CAVR com um informador anónimo [A3], Díli, 16 de Agosto de 2004, que disse haver 40 vítimas, entre homens e mulheres; ver ainda James Dunn, *Timor: a People Betrayed*, Jacaranda Press, The Jacaranda Press, Milton, Queensland, 1983, p. 284. Ver igualmente Amnesty International, *East Timor Violations*, pp. 27-29.

encontraram dezenas de corpos em decomposição que haviam sido parcialmente devorados pelos animais.<sup>113</sup>

No dia 9 de Dezembro, os militares indonésios ordenaram a vários civis timorenses que queimassem os corpos por detrás do edifício da Companhia 15. Segundo Filomeno Gomes, o pessoal militar indonésio obrigou-o a queimar cadáveres em decomposição num sítio localizado entre o edifício da Companhia 15 e o actual edifício da PLN (Serviços de Electricidade).<sup>114</sup> De igual modo, Alexandrino do Rego relatou à Comissão ter incinerado 23 corpos perto do edifício velho da Assistência. Só conseguiu identificar dois cadáveres: Rosa Lay, uma condutora de ambulância, e Graciano de Carvalho, um enfermeiro.<sup>115</sup>

### **Cadáveres nas instalações da Polícia Militar portuguesa**

A Comissão recebeu informação sobre cadáveres avistados nas instalações da Polícia Militar portuguesa, localizadas ao lado do edifício novo da Assistência, na Rua Albuquerque. Sebastiana Henrique Guterres Soares Belo, então membro da Unetim, relatou à Comissão que, no dia 8 de Dezembro de 1975, saiu de Taibessi e dirigiu-se ao bairro de Caicoli, em busca de comida. Diz ter visto dois camiões *Hino* entrar nas instalações da Polícia Militar. Sentindo curiosidade sobre o que se passava lá dentro, Sebastiana disse ter subido a uma árvore, para conseguir olhar para dentro do complexo. Então viu lá dentro soldados indonésios e civis timorenses carregado cadáveres para dentro do camião.<sup>116</sup>

### **Execuções no Matadouro, 7 de Dezembro de 1975**

Na tarde de 7 de Dezembro, as tropas indonésias aproximaram-se do edifício do Matadouro, um matadouro público na época portuguesa, localizado cerca de 400 metros a Sul do edifício da Assistência, no fim da Rua Albuquerque. Depois de conquistar o poder em Agosto de 1975, a Fretilin criara ali um posto da milícia.<sup>117</sup>

A Comissão recebeu várias informações sobre pessoas executadas na vizinhança deste edifício, com algumas variações de pormenor. Um informador relatou à Comissão que, depois de as tropas indonésias terem desembarcado no dia 7 de Dezembro, os moradores locais permaneceram na área e alguns dos homens ajudaram as tropas, que haviam criado um posto numa colina, do alto da qual se avistava a área.<sup>118</sup>

A meio da tarde de 7 de Dezembro, algumas das mulheres, crianças e idosos que haviam permanecido no campo em frente do edifício velho da Assistência deslocaram-se para Sul, rumo ao Matadouro. No final da tarde, contudo, as tropas indonésias ordenaram a vários dos moradores locais que saíssem das suas habitações. Segundo Maria Filomena Godinho, o seu pai mostrou aos soldados indonésios “um cartão de membro e uma bandeira da Apodeti.” Segundo o seu relato à Comissão, nesse final de tarde de 7 de Dezembro:

*As ABRI vieram direitas a nossa casa e mandaram-nos sair...No Matadouro, fomos divididos em dois grupos, homens num e mulheres noutra. Então os homens foram todos mortos a tiro. Eu vi as ABRI baleá-los. Testemunhei isso com os meus próprios olhos.*<sup>119</sup>

Três pessoas foram mortas juntas: o pai de Maria Filomena, Vicente Godinho, o seu irmão mais velho, Teodoro Godinho, e o proprietário da casa onde se encontravam, Lourenço. Segundo outro informador:

*Quatro membros das ABRI dirigiram-se a casa de Lourenço e começaram a espancá-lo, bem como a dois dos seus amigos, Teodoro Godinho e Vicente Godinho, usando as coronhas das carabinas. Um dos filhos de Lourenço, Domingos Pereira, chegou e pediu aos perpetradores que parassem de torturar as vítimas. Então os quatro membros das ABRI arrastaram Lourenço, Teodoro e Vicente para o jardim e mataram-nos a tiro. Chegou então Francisco Xavier e começou a protestar contra as acções dos perpetradores. Por isso, um dos perpetradores matou igualmente Francisco Xavier a tiro, no jardim da casa do Matadouro.*<sup>120</sup>

Acácio da Costa Carvalho relatou à Comissão que, no dia 10 de Dezembro de 1975, ouviu dizer que vários familiares seus tinham sido mortos a tiro pelos soldados indonésios por volta das 4 da tarde, do dia 8 de Dezembro. Acácio ouviu falar dos homicídios a sua mãe e tia, ambas testemunhas dos mesmos. Descreveram-lhe a maneira como as tropas indonésias criaram um posto na colina a Sul do Matadouro, chamaram os homens para a rua, fizeram buscas em todas as habitações e depois executaram três pessoas: o pai de Acácio, Júlio da Costa, um dos tios de Acácio e Francisco Xavier (também conhecido como Mausale).<sup>121</sup>

Outra testemunha forneceu informações sobre mais três pessoas mortas na zona do Matadouro, durante a tarde de 8 de Dezembro:

*No dia 8 de Dezembro, às 4 da tarde, José dos Santos, que acabara de sair do hospital [em Lahane], na companhia de dois dos seus amigos, Manuel Febu e Duarte da Silva, foram mortos pelas ABRI/TNI no Matadouro. O meu filho, Liberato dos Reis Soriano, presenciou este incidente. Os seus corpos não foram queimados.*<sup>122</sup>

Vários outros informadores relataram à Comissão terem ouvido falar nas execuções ocorridas no Matadouro. Um informador disse que se encontrava com um grupo de soldados do *Kostrad*, que chegou ao Matadouro por volta das 4 da tarde, no dia 8 de Dezembro, e que viu três cadáveres no local.<sup>123</sup>

A Comissão concluiu que as pessoas abaixo enumeradas foram mortas pelas tropas indonésias na vizinhança do edifício do Matadouro:

**Table 5 - Vítimas identificadas na vizinhança do Matadouro, nos dias 7 e 8 de Dezembro de 1975, relatadas à Comissão**<sup>xxv</sup>

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Vicente Godinho	Funcionário público	Idade ~50	Morto
2. Teodoro Godinho		Filho do nº 1	Morto
3. Lourenço da Conceição		Residência perto do Matadouro	Morto
4. Francisco Xavier Luís Pereira		Adulto parente do nº 5	Morto
5. Júlio da Costa		Idade ~50	Morto
6. José dos Santos			Morto
7. Duarte dos Santos			Morto
8. Manuel Febu			Morto

<sup>xxv</sup> Outras possíveis vítimas poderiam ter sido, entre outros, António dos Reis, de 30 anos, Zeca e Inácio, um antigo agente da Polícia Militar de Viqueque. Ver entrevistas da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 16 de Agosto de 2004, a Calistro de Jesus Brito, Díli, 29 de Junho de 2004 e a Iria de Araújo, Díli, 4 de Agosto de 2004.

## **Homicídios na ribeira de Maloa, 7 de Dezembro de 1975**

João Dias Ximenes relatou à Comissão que se encontrava em sua casa, no Bairro Pite, na manhã de 7 de Dezembro. Disse ter ficado em casa com a família durante a manhã inteira; no entanto, às 2 da tarde os soldados indonésios entraram no Bairro Pite e mandaram toda a gente sair de casa e formar em linha. Por volta das 3 da tarde, os moradores locais ouviram dizer que vários civis haviam sido mortos na ribeira de Maloa, Bairro Pite (Dom Aleixo, Díli). Às 4 da tarde, João Ximenes acompanhou os soldados indonésios ao local. Viu oito cadáveres de homens, mas só conseguiu identificar um deles, o de Crissogono Fraga. Os soldados indonésios mandaram os civis regarem os corpos com gasolina e incendiá-los. Segundo João Ximenes, os oito homens foram mortos porque um soldado indonésio fora morto por forças da Fretilin.

Outros informadores disponibilizaram igualmente informação sobre cadáveres na mesma área. Felismina dos Santos da Conceição relatou à Comissão que, na tarde de 8 de Dezembro, integrava um grupo de mulheres que se deslocou de Vila Verde até Guarda Colmera, no bairro de Tuanalaran. Perto de Guarda Colmera, as mulheres encontraram soldados indonésios. Os soldados fizeram uma mulher subir para uma viatura e afastaram-se. Então, os soldados levaram consigo cinco homens. Quando os cinco homens regressaram, contaram ao grupo de mulheres que os soldados os haviam obrigado a enterrar um grupo de civis mortos na ribeira de Maloa.<sup>124</sup> De igual modo, Iria de Araújo relatou à Comissão que, na tarde de 8 de Dezembro, após a execução em massa ocorrida em Ailok Laran, Bairro Pite (Dom Aleixo, Díli), caminhou ao longo da ribeira de Maloa, até ao Bairro Pite, e viu vários cadáveres na ribeira de Maloa.<sup>125</sup>

## **Docas de Díli, 8 de Dezembro de 1975**

A 7 de Dezembro, pára-quadistas indonésios do *Kostrad* e do *Kopassus* passaram a noite no que hoje é o edifício do Hotel Timor — então ainda não acabado de construir — localizado frente às instalações portuárias de Díli. Um informador timorense relatou à Comissão que ele e vários amigos que haviam sido presos pela Fretilin na sede da Polícia, perto do Antigo Mercado, passaram a noite no Hotel Timor no dia 7 de Dezembro, onde se encontraram com um comandante de pelotão indonésio chamado F. Sinaga.<sup>126</sup> Na manhã de 8 de Dezembro, estava presentes um grande número de militares do *Kostrad* e do *Kopassus* no edifício, que tinham dormido na noite anterior naquelas instalações vazias.

Uma testemunha, pertencente ao grupo de seis pessoas anteriormente presas pela Fretilin que haviam dormido no pequeno parque em frente do Hotel Timor, relatou à Comissão que, às 6 da manhã de 8 de Dezembro, se aproximou de um soldado perto do parque e pediu-lhe licença para ir lavar a cara. O soldado autorizou-o a entrar no parque grande, 50 metros para Oeste. A testemunha diz ter visto no parque grande um timorense com cerca de 25 anos morto, trajando à civil e de rosto virado para o chão.<sup>127</sup>

Na manhã de 8 de Dezembro, um grupo de 16 homens de etnia chinesa que haviam sido presos na casa da alfândega na noite anterior, recebeu ordens dos soldados indonésios para continuar a cavar no parque, acabando por enterrar cerca de 20 soldados indonésios.<sup>128</sup>

Na manhã de 8 de Dezembro, os soldados indonésios mandaram civis em vários locais do centro de Díli que se dirigissem para o porto. Um informador relatou à Comissão que se encontrava em Colmera com um grupo de cerca de 20 pessoas de etnia chinesa que tencionavam deslocar-se até à embaixada de Taiwan. O grupo caminhou de Colmera até às docas, onde os soldados indonésios os impediram de prosseguir, mandando-os ficar na rua.

“Sentámo-nos ali, a olhar para o oceano. Não nos autorizaram a olhar para trás, para o Hotel Timor. Havia lá muitos soldados.”<sup>xxvi</sup>

Pouco depois das 8 da manhã do dia 8 de Dezembro, alguns parentes do Primeiro-ministro da Fretilin, Nicolau Lobato — incluindo a sua mulher, Isabel — encontravam-se numa casa situada na esquina da Rua Fernando com a Rua Formosa, mesmo por detrás do Banco Nacional Ultramarino (BNU). Este grupo de 15 pessoas decidiu caminhar até Motael, para procurar refúgio em casa do padre Monteiro. Em entrevista recente, Laurinha Guterres Barreto Ximenes, irmã de Isabel Lobato, contou a um jornal local:

*Estávamos a tentar chegar à Igreja de Motael, em busca de refúgio. Quando chegámos ao cruzamento do edifício do Sporting, o porto de Díli estava cheio de soldados indonésios. Mandaram ao nosso grupo que se reunisse no parque da Câmara Eclesiástica.*<sup>129</sup>

Várias testemunhas lembram-se de terem visto Isabel Lobato em frente do porto. Uma delas disse: “[Eu] vi chegar a mulher de Nicolau...Trazia vestido um *tais* [pano tradicional].”<sup>130</sup>

A Comissão recebeu informações de várias fontes sobre a maneira como o pessoal militar indonésio tratou os civis reunidos em frente do Hotel Timor. Segundo uma fonte, as tropas indonésias davam bebidas e cigarros aos civis e perguntavam quem pertencia à Fretilin:

*[Eles] perguntavam: “alguém da Fretilin pode levantar a mão?” “Alguém sabe falar bahasa [indonésio]?”...ninguém levantou a mão, mas havia alguém que falava indonésio e eles apontaram para essa pessoa [que era da Fretilin].*<sup>131</sup>

A Comissão apurou que vários membros da Apodeti, anteriormente presos pela Fretilin entre Outubro e 7 de Dezembro, e que, na noite anterior, haviam dormido no edifício da Intendência e no porto, ou perto deste, serviram de intérpretes aos militares indonésios no dia 8 de Dezembro. Além disso, a Comissão crê que vários destes antigos prisioneiros denunciaram pessoas aos militares indonésios, identificando-as no meio da grande multidão de civis. Estes civis foram denunciados tendo por critério a sua pertença à Fretilin, ou as associações nela filiadas (por exemplo, a Unetim), ou as suas relações de parentesco com líderes importantes da Fretilin. Frederico dos Santos Almeida, que esteve preso pela Fretilin na prisão de Comarca Balide até 7 de Dezembro, contou à Comissão:

*Chegámos [ao Hotel Timor]. Mandaram que nos reuníssemos em frente ao hotel. Pouco depois, a mulher do Dr. Gonçalves chegou e sentou-se ao nosso lado. Logo a seguir, os soldados [ABRI] levaram consigo Arnaldo [dos Reis Araújo] para dentro [do hotel]. Então levaram a mulher de Nicolau para a praia.*<sup>xxvii</sup>

A Comissão apurou que Isabel Lobato foi escoltada até à zona portuária, entrando pelo portão Leste.<sup>xxviii</sup> Minutos depois ouviram-se disparos de armas de fogo. Vários outros

<sup>xxvi</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], Díli, 24 de Agosto de 2004. Ver também entrevista da CAVR a Alexandrino do Rego, Díli, 4 de Fevereiro de 2004, que relatou à Comissão que, ao chegar à zona de Colmera por volta do meio-dia e meia hora, no dia 8 de Dezembro, viu soldados indonésios a mandarem que as pessoas saqueassem as lojas. Ver também entrevista da CAVR a Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, 9 de Agosto de 2004.

<sup>xxvii</sup> Entrevista da CAVR a Frederico dos Santos Almeida, Díli, 29 de Agosto de 2003. É importante reparar que a Comissão recebeu informações contraditórias sobre quem identificou Isabel Lobato às tropas indonésias.

<sup>xxviii</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 13 de Agosto de 2004, que contou à Comissão: “E então eles levaram a mulher do Senhor Lobato para o porto. Vi-a ser escoltada até ao porto. No entanto, nessa altura pensei que que queriam fazer-lhe perguntas sobre o paradeiro do seu marido.” Em 1984, a irmã de Isabel Lobato, Laura Barreto,

membros da Fretilin, ou parentes de membros da Fretilin, foram igualmente seleccionados no meio da multidão, nessa altura, sendo todos escoltados para o porto. Segundo Hermínio da Silva da Costa:

*A pessoa que lá vi [no porto] era a Senhora Isabel. O seu filho chorava, agarrando-se à saia da mãe. Depois, Rosa Bonaparte, Borja da Costa e outra pessoa [foram levados para o porto]. Eram três ou quatro pessoas.<sup>132</sup>*

Uma testemunha ocular relatou à Comissão que, pouco depois de terem levado Isabel Lobato para o porto, ele foi contactado pela sua irmã, Laurinha Barreto, que lhe disse ter ouvido um tiro, pedindo-lhe se podia saber o que acontecera. Ele dirigiu-se a um soldado à frente do hotel e foi escoltado até ao porto. Quando chegou à zona portuária, viu “dezenas” de cadáveres perto da entrada ocidental, incluindo os corpos de duas ou três mulheres, entre os quais o de Isabel Lobato, que fora baleada nas costas.<sup>133</sup>

**Table 6 - Vítimas identificadas, ou vistas pela última vez, no porto, a 8 de Dezembro de 1975, relatadas à Comissão**

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Isabel Lobato	Doméstica	Mulher de Nicolau Lobato	Morta
2. Rosa Muki Bonaparte	Membro do Comité Central da Fretilin		Morta
3. Bernardino Bonaparte	Membro do Comité Central da Fretilin		Morto
4. Francisco Borja da Costa	Membro do Comité Central da Fretilin		Morto
5. Bimba da Silva	Membro da Unetim		Desaparecida
Roger East <sup>xxix</sup>	Jornalista	Australiano	Desaparecido
Silvina Epifania M. da Silva	Membro da Unetim		Desaparecida

Depois de Isabel Lobato, Rosa Muki Bonaparte e Francisco Borja da Costa serem escoltados até à zona portuária, registaram-se vários movimentos importantes:

---

relatou à Amnistia Internacional que o informador da Comissão A3 escoltou pessoalmente Isabel Lobato até ao porto. Ver entrevista da Amnistia Internacional “Entrevista com Laura Barreto – 4 de Julho de 1984, Lisboa” (mimeografada, 3 páginas).

<sup>xxix</sup> A Comissão não recebeu quaisquer informações em primeira mão sobre a morte de Roger East. Ver um relato da morte de East em James Dunn, *Timor: a People Betrayed*, Jacaranda Press, The Jacaranda Press, Milton, Queensland, 1983, pp. 286-289.

- Vários informadores relataram à Comissão que, algum tempo depois das 9 da manhã, foram levados do porto para Kampung Alor, onde se reuniram com um “comandante” indonésio.”<sup>134</sup>
- Algures durante a manhã de 8 de Dezembro, o general L.B. Murdani chegou ao aeroporto de Díli numa aeronave Twin Otter, passando em seguida a inspeccionar Díli num veículo anfíbio BTR-50.<sup>135</sup> Encontrou-se com o coronel Dading Kalbuadi, com o coronel Sinaga e com o coronel da Marinha de Guerra R. Kasenda, perto do edifício do governador.
- Pouco depois das 10 da manhã, Hermínio da Costa da Silva acompanhou o general Benny Murdani durante uma digressão por Díli. Visitaram Toko Lay, onde uma mulher chinesa lhes contou que o marido fora morto pelas tropas indonésias.<sup>136</sup>
- Outra testemunha ocular relatou à Comissão que, por volta das 10 da manhã, ele e vários outros amigos pró-Apodeti se ofereceram como voluntários para acompanharem as patrulhas das tropas indonésias em Díli. Afirmou que o seu grupo saiu do porto, passou pelo edifício do governador, por Toko Lay, pela Rua Formosa, por detrás do edifício do governador, pelo edifício da Assistência, pelo Matadouro, por Balide e regressou finalmente ao porto.<sup>137</sup>

### **Execuções em massa, início da tarde**

A Comissão recebeu informações de várias pessoas sobre execuções em massa perpetradas nas docas de Díli, a 8 de Dezembro. Alexandrino do Rego, então enfermeiro militar destacado no Hospital de Lahane, forneceu à Comissão informações pormenorizadas sobre os acontecimentos ocorridos no porto, ao princípio da tarde de 8 de Dezembro. Afirmou ter chegado a Colmera por volta do meio-dia e meia hora e não ter visto qualquer cadáver na zona. Dois soldados do *Kopassandha* escoltaram-no então até ao porto. Pelo caminho, ouviu conversas entre outros soldados do *Kopassandha*, a perguntarem a um homem timorense onde estavam os comunistas, tendo esse homem apontado para as residências-lojas dos chineses do outro lado da rua.

Alexandrino do Rego relatou à Comissão que ele e os dois soldados do *Kopassandha* chegaram ao parque localizado frente ao porto; “então, vi um grupo de pessoas de etnia chinesa receberem ordens para prepararem os relvados localizados frente ao porto para serem transformados em sepulturas.” Ele explicou que, depois de entrar nas instalações portuárias:

*Mandaram-me encostar à parede, de pé, para assistir à morte das pessoas pelas ABRV/TNI no porto. Eu estava encostado à parede, de frente para o mar, e vi as ABRV matarem pessoas e atirarem ao mar [os cadáveres]...Obrigaram-nos a formar em linha e mataram-nas a tiro de imediato. Quando acabaram com um grupo, mandaram logo avançar o outro. Cada grupo tinha cerca de 20 pessoas.*<sup>138</sup>

Alexandrino do Rego explicou que foi então escoltado até um lugar debaixo do pontão, para se encontrar com um médico indonésio num barco de borracha rápido:

*Depois de assistir à morte dos dois grupos de pessoas, fui levado a um sítio debaixo do pontão, para me encontrar com um médico, Hadi Santoso, que tinha o posto de tenente-coronel. Dois membros do seu pessoal acompanharam-me. Estava escuro e usavam velas. Estavam dentro de um barco de borracha — o médico, com quatro membros do Pelotão Tanggo...Entrei para dentro do...barco de borracha e mandaram-me falar com o médico. Então disse-lhe que pertencia ao quadro do hospital militar. O médico pareceu-me satisfeito e deu-me algumas tarefas para fazer...[Eu] continuei a ouvir tiroteio e ainda se ouviam pessoas a cair à água.<sup>139</sup>*

Segundo Alexandrino do Rego, os dois grupos de pessoas que viu serem mortas a tiro nas docas eram timorenses e não eram de etnia chinesa. Alexandrino do Rego relatou à Comissão que, depois de falar com o Dr. Santoso, regressou ao hospital militar de Lahane.

O relato de Alexandrino do Rego, descrevendo vários grupos a serem executados, é corroborado pelo depoimento de Alberto de Oliveira Camra, que contou à Comissão que, da Igreja de Motael, localizada a uns 300 metros do porto, conseguiu ver vários grupos grandes a serem executados nas docas de Díli.

*Sô depois de ouvirmos o tiroteio é que saímos [da igreja] e vimos as pessoas a serem formadas em linha e fuziladas...Foram todas fuziladas de uma vez, porque os militares estavam alinhados junto à parede e elas [as vítimas] receberam ordens para formar sobre o pontão..Cerca de 25 a 30 pessoas foram mortas de cada vez...Formavam em linha, ou em grupo — 25 a 30 pessoas de cada vez. Quando começámos a assistir, talvez já tivessem sido fuzilados um ou dois grupos. Depois, foi formada uma nova linha — a terceira linha e uma quarta.<sup>140</sup>*

Devido à distância, Alberto Camra não pôde reparar se as vítimas eram timorenses ou de etnia chinesa.

A Comissão não conseguiu identificar quaisquer das pessoas executadas à beira das docas. No entanto, a Comissão recebeu informações sobre vários cadáveres avistados no dia 9 de Dezembro, ao longo da praia e no mar, a Leste do porto, crendo que alguns desses cadáveres pertenciam a pessoas mortas no porto no início da tarde de 8 de Dezembro.<sup>xxx</sup>

### **Desaparecimento de um grupo de trabalhadores composto por pessoas de etnia chinesa, ao final da tarde de 8 de Dezembro**

Na manhã de 8 de Dezembro, um grupo de 16 homens de etnia chinesa (que haviam sido presos nas casas da alfândega, na noite anterior) recebeu ordens dos soldados indonésios para escavar uma grande sepultura no parque localizado em frente do porto. Alexandrino do Rego relatou à Comissão que, quando chegou ao porto por volta da 1 da tarde, viu homens a trabalhar no parque. Depois de se reunir com o médico militar, Dr. Hadi Santoso, Alexandrino do Rego recebeu ordens para regressar a Lahane. Chegou a Lahane, por volta das 2.30h da tarde, onde

<sup>xxx</sup> HRVD, Testemunho nº 03742. O depoente afirma que, no dia 9 de Dezembro, viu os corpos de Isabel Lobato e de Rosa Bonaparte na praia, em Díli. Ver também James Dunn, *Timor: a People Betrayed*, Jacaranda Press, The Jacaranda Press, Milton, Queensland, 1983, p. 288.

se encontrou com a sua família, e então, por volta das 3 da tarde, saiu de Lahane com vários amigos, em duas viaturas. O Grupo chegou ao porto por volta das 3.30h da tarde. Quando lá chegou, ainda viu o grupo de homens de etnia chinesa a fazerem escavações no parque.

*Não vi mais corpos. Não vi ninguém lá [no porto]. Só havia uma pessoa, um chinês, fora [no parque]. [Eles] ainda estavam em frente do porto, escavando valas. Ainda os mesmos [homens].<sup>141</sup>*

Outra testemunha relatou à Comissão que esteve no parque, em frente do Hotel Timor, desde manhã até ao final da tarde, no dia 8 de Dezembro. Por volta das 4 da tarde, militares indonésios mandaram-no levar 127 pessoas de etnia chinesa a Kampung Alor.

*[As ABRI] mandaram-nos todos ir para Kampung Alor. Quando partimos do Hotel Timor, então [eu] vi algumas pessoas a sepultar soldados [indonésios]. Cerca de 10 pessoas.<sup>142</sup>*

Algum tempo depois, parte do grupo de trabalho composto por homens de etnia chinesa desapareceu. A Comissão crê que foram executados na zona do porto. A testemunha que transportou as 127 pessoas de etnia chinesa a Kampung Alor relatou à Comissão ter ouvido que oito destas pessoas tinham sido mortas e duas libertadas. Em depoimento à Comissão, um sobrevivente destes homicídios, actualmente a viver na cidade australiana de Melbourne, afirmou:

*O meu tio Lay Pin Leong, o meu primo Lai Siu Xian e o meu cunhado Leong Yun Fa foram levados e nunca mais voltei a vê-los. Mais tarde, disseram-me que tinham sido mortos. Não sabemos o que lhes fizeram aos corpos, ou se os atiraram para o oceano. Um soldado agarrou-me pelo ombro — pensei que me ia levar para o local onde estavam a matar pessoas. Falei com ele em indonésio e disse-lhe que era de Kupang e que queria voltar a Kupang um dia. O soldado disse-me “tu és dos nossos” e deixou-me ir. O meu irmão também falou em indonésio com o soldado e ele deixou-o ir.<sup>143</sup>*

A Comissão apurou que os seguintes membros do grupo de trabalhadores de etnia chinesa presentes no parque foram feitos desaparecer, presumindo que tenham sido executados na zona portuária, no final do dia de 8 de Dezembro.

**Table 7 - Pessoas de etnia chinesa desaparecidas e presumivelmente executadas no porto, 8 de Dezembro de 1975, relatadas à Comissão**

Nome	Profissão	Dados pessoais	Violação
1. Lay Pin Leung	Empresário	Empresário	Desaparecido
2. Lay Siu Xian (Assio)		Idade 19; filho do nº 1	Desaparecido
3. Lay Siu Chang		Idade 30; filho do nº 1	Desaparecido
4. Lay Su Chean		De Aileu; idade 25	Desaparecido
5. Chung Tjeo Ching		Idade ~40, de Liquiça	Desaparecido
6. Lay Mi Fon	Motorista	Idade 40 e tal	Desaparecido
7. Lay Kian Pau	Estudante	Idade 17; filho do nº 6	Desaparecido
8. Leung Yung Fa (A Fa Qi)?		Idade 19	Desaparecido
9. Lay Su Po	Empregado de loja	De Aileu; Idade 18	Desaparecido
10. Lay To Su		De Suai	Desaparecido
11. Lay Tin Chang	Empregado de loja	Idade 22; de Bobonaro	Desaparecido
12. Yong Tsoi Sin			Desaparecido

Dos 16 homens que integravam o grupo de trabalho de etnia chinesa presente no parque, a Comissão conseguiu identificar três sobreviventes. A Comissão não conseguiu apurar o destino dos restantes membros do grupo de 127 pessoas de etnia chinesa presas em Kampung Alor.

### Execuções em Ailok Laran, 8 de Dezembro de 1975

A Comissão recebeu informações sobre mortes extrajudiciais ocorridas ao longo da ribeira de Maloa, no bairro de Ailok Laran, cerca de um quilómetro a Sudoeste do edifício do Matadouro. Iria de Araújo, então com 25 anos, relatou à Comissão que, ao final da tarde de 8 de Dezembro, apareceu o seu tio, Daniel de Araújo, vindo da direcção do edifício da Assistência. Vinha ferido. Segundo Iria, o seu tio disse aos familiares para retirarem para Sul, mas o pai de Iria, Alfredo de Araújo, discordou e eles ficaram em sua casa. Iria de Araújo relatou à Comissão que, no dia 8 de Dezembro, os soldados indonésios mataram um grupo de homens na ribeira de Maloa:

*Por volta das 5.30h da tarde, eles [ABRI] chegaram à margem da ribeira [Maloa]. Pusemo-nos de pé e enfrentamo-los. Rendemo-nos assim mesmo, rendemo-nos a eles...Olhamo-los de frente e eles separaram-nos de imediato — homens num grupo, mulheres e crianças noutra. Os homens foram levados colina acima e as mulheres foram empurradas rumo à estrada para o Matadouro. Então chegámos à ribeira, em frente da casa do Sr. Tomás Ximenes. Uma vez lá chegada, olhei para trás. As ABRI tinham começado a juntá-los [aos homens].<sup>144</sup>*

Curiosamente, as tropas indonésias retiraram o irmão de Iria de Araújo do grupo e fizeram-lhe perguntas.

*Retiraram o meu irmão António, então no quinto ano [da escola], do grupo de homens. Eu estava longe, mas vi-os claramente a puxá-lo e a separá-lo do grupo.<sup>145</sup>*

Iria de Araújo explicou que os soldados conversaram com António e, depois, executaram-no. Então, os soldados abriram fogo contra o grupo de homens, matando-os todos. Iria explicou:

*Em seguida, [as ABRI] cercaram-nos e dispararam uma série de tiros contra os homens. Vi tudo com os meus próprios olhos. Vi com os meus próprios olhos que os [soldados] indonésios os balearam.<sup>146</sup>*

A Comissão apurou que 17 homens foram mortos e só um sobreviveu.<sup>xxxI</sup> A maioria das vítimas eram de Ainara e muitos eram membros ou seguidores do partido monárquico KOTA.

**Table 8 - Vítimas identificadas de Ailok Laran, no dia 8 de Dezembro de 1975, relatadas à Comissão<sup>xxxII</sup>**

Nome	Profissão	Dados Pessoais	Violação
1. António de Araújo	Antigo militar	Idade 26?	Morto
2. Pedro de Araújo		Idade ~33	Morto

<sup>xxxI</sup> Esta lista de vítimas baseia-se numa lista em língua portuguesa, intitulada: "Nome de alguns massacrados pelos soldados indonésios na Zona da Malao, Ail Loc Laran e Bairro do Matadouro, Díli, nos primeiros dias (8/12/1975) do ataque indonésio a Díli) [Documento disponibilizado à CAVR por Anthony Goldstone].

<sup>xxxII</sup> Outra possível vítima é Afonso de Araújo, de 39 anos.

3. Francisco Xavier Araújo		Idade 38, pai do nº 4	Morto
4. Abílio Israel Xavier Sousa		Idade 17, filho do nº 3	Morto
5. Salustiano de Araújo		Idade 40, irmão do nº 3?	Morto
6. Albino Sousa da Silva		Idade 15, filho do nº 5	Morto
7. José Mendes		Idade 42, irmão do nº 3	Morto
8. Alcino de Araújo Sousa		Idade 26	Morto
9. Alexandre de A. Carvalho	Antigo militar	Idade ~26-28	Morto
10. Marçal de Araújo Carvalho		Idade 23, de Ainaro	Morto
11. Antero da Conceição		Idade 22, de Ainaro	Morto
12. Adelino de Araújo		Idade ~29, de Ainaro	Morto
13. Luciano de Araújo			Morto
14. António dos Reis			Morto
15. Vasco da Silva		Idade 56	Morto
16. Vidal de Araújo		Idade 31	Morto
17. Tomás Xavier			Morto
18. Honório			Ferido

Francisco Soriano relatou à Comissão que, no dia 9 de Dezembro, soldados indonésios chegaram a Manumeta Raihun e pediram a vários homens que ajudassem a queimar cadáveres. Embora ele não os tivesse sepultado directamente, o seu tio fez parte do grupo levado à ribeira de Maloa para enterrar as 12 pessoas naturais de Ainaro.<sup>147</sup>

A Comissão recebeu informações sobre um segundo incidente no mesmo local, mais tarde, durante a noite de 8 de Dezembro. Segundo Iria de Araújo, na noite de 8 de Dezembro, o seu pai e o seu tio foram à ribeira ver os cadáveres. Os soldados indonésios dispararam tiros, um dos quais atingiu e matou Juvêncio de Araújo, primo de Iria, com 2 ou 3 anos de idade, que estava nos braços de sua mãe, a alguma distância dos homens.<sup>148</sup>

Além dos principais casos acima discutidos, que envolveram homicídios em massa, a Comissão recebeu informações acerca de numerosos homicídios e cadáveres encontrados em Díli durante os primeiros dias após a invasão. Menos de metade destas pessoas podem ser identificadas pelo nome. O Quadro 9 indica os locais onde estas pessoas foram mortas, ou onde os seus cadáveres foram vistos.

**Table 9 - Civis mortos e cadáveres encontrados em Díli, 7 a 10 de Dezembro de 1975, relatados à Comissão**

Local	7 de Dezembro		8 de Dezembro		9 de Dezembro		10 de Dezembro	
	Morto	Cadáver	Morto	Cadáver	Morto	Cadáver	Morto	Cadáver
Becora	-	-	-	-	-	-	1	-
Bidau Lecidere	2	1	-	2	-	4	-	-
Bairro Grilos	1	-	-	-	-	-	-	-
Bairro Formosa	-	5-6	-	-	-	-	-	-
Audian	1	-	-	-	-	-	-	-
Museu/docas	-	-	-	6-8	-	4	-	-
Caicoli	-	-	-	2	-	-	-	-
Vila Verde	1	-	-	-	-	-	-	-
Lahane	-	-	-	-	-	-	1	-
Ponte Cais e/Porto	2	-	-	1	-	-	-	-
Mandarin	5-6	2	-	1	-	1	-	-
Motael	-	-	-	-	-	2	-	-
Palapaço	-	-	-	-	-	-	-	-
Bairro Pite	1	-	-	-	-	-	-	-
Sungai Maloa	-	-	-	3	-	-	-	-
Fatumetan	-	-	-	-	-	-	2	-
Kampung Alor	-	-	-	-	-	-	-	-
Sem local	1	-	-	-	-	-	-	-
Total	14-15	8-9	-	15-17	-	11	4	-

Destas 52 a 56 pessoas, 48 a 50 eram homens, 6 mulheres, e 11 a 12 tinham origem étnica chinesa. Combinando estes números com os casos principais referidos nas secções anteriores, a Comissão pode fornecer a seguinte síntese das mortes/execuções de civis relatadas à Comissão para o período de 7 a 10 de Dezembro de 1975.

**Table 10 - Número total de civis mortos ou executados, 7 a 10 Dezembro 1975, relatado à Comissão**

Local	Timorenses	Chineses	Australianos	Total
Colmera				
Junto de Toko Lay	-	1	-	1
Casos individuais	-	5	-	5
Casa de Li Nheu Ki	-	8-9	-	8-9
Edifício da Assistência	23-60	-	-	23-60
Matadouro	8-11	-	-	8-11
Sungai Maloa	8	-	-	8
Porto				
Manhã	6-15	-	1	7-16
Execuções em massa	60-75	-	-	60-75
Grupo de trabalho chinês	-	13	-	13
Ailok Laran	18	-	-	18
Outros casos	41-44	11-12	-	52-56
Total	164-231	38-40	1	203-272

A Comissão recebeu informações sobre vários civis feridos durante a invasão. Além das pessoas feridas no edifício da Assistência e da única pessoa que ficou ferida na execução em massa de Ailok Laran, nestes feridos inclui-se um rapaz de nove anos de etnia chinesa, visto perto do edifício do governador, e um homem chamado Orlando Costa.<sup>149</sup>

Por fim, a Comissão recebeu informações acerca de várias pessoas que foram dadas como desaparecidas durante este período, embora não tenha sido possível determinar se foram mortas, ou se fugiram para as montanhas para reunir-se à Fretilin.

#### Mortes ilícitas perpetradas pela Fretilin após a invasão indonésia (Dezembro de 1975 e Fevereiro de 1976)

No dia da invasão em larga escala de Díli, lançada pela Indonésia a 7 de Dezembro de 1975, muitos dos principais membros da liderança da Fretilin em Díli já haviam retirado para Aileu. Com eles foram as pessoas que a Fretilin mantinha presas no Quartel-general em Taibessi (Díli). Nesse mesmo dia, os cento e tal prisioneiros que haviam sido detidos pela Fretilin na Comarca, Balide, foram simplesmente autorizados a sair da prisão; muitos deles uniram esforços com a força invasora indonésia (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos). Em Aileu, os cerca de 900 presos trazidos de Díli juntaram-se à população prisional ali já presente, cuja estimativa varia entre as 1.000 e as 1.300 pessoas.<sup>xxxiii</sup> A Comissão recebeu informações segundo as quais várias centenas destes presos foram mortos em Aileu, em Maubisse (Ainaro) e na região de Same (Manufahi) em Dezembro de 1975 e em Janeiro de 1976, à medida que a Fretilin/Falintil recuava perante o avanço das forças indonésias. Foi também afirmado que vários membros dos escalões mais elevados da liderança da Fretilin estiveram directamente implicados nestes homicídios. A Comissão recebeu igualmente testemunhos individuais sobre execuções ocorridas noutros distritos na mesma época, incluindo Manatuto, Ainaro, Ermera e Lautém, mas não conseguiu levar mais longe as investigações sobre estas informações.

<sup>xxxiii</sup> Sobre o número de presos trazidos de Díli, ver a entrevista da CAVR a Assis dos Santos [transcrição sem data]; sobre o número detido em Aileu, após a evacuação dos presos vindos de Díli, ver a entrevista da CAVR a Humberto Martins da Cruz, Díli, [sem data].

## Execuções em Aileu, Dezembro de 1976

A Comissão recebeu depoimentos sobre homicídios em massa ocorridos em Dezembro de 1975, em vários locais perto do armazém de Aisirimou, onde a Fretilin mantinha a maioria dos seus prisioneiros. As testemunhas prestaram depoimento sobre homicídios em Saboria e Aituni, ambos a cerca de 3km da prisão, e em dois locais de Aisirimou, ambos a cerca de 2km da prisão. A Comissão foi igualmente informada da existência de dois outros lugares, outro local em Aisirimou e o cemitério chinês, onde prisioneiros foram executados, segundo as informações recebidas.

Com base na generalidade dos relatos recebidos de antigos prisioneiros em Aileu, onde se descreve a prática regular de execuções nocturnas, parece provável que as execuções não se limitaram aos acontecimentos específicos sobre os quais a Comissão recebeu depoimentos.

Uma testemunha, Miguel Fátima Soares, relatou à Comissão que, quando o homem encarregado da gestão dos assuntos correntes da prisão e da realização das execuções, Humberto Martins da Cruz, chegava ao armazém onde os prisioneiros se encontravam detidos com uma folha de papel na mão, isso significava que ele iria fazer a chamada dos nomes de prisioneiros que, uma vez levados, nunca mais voltariam a aparecer. Dois outros prisioneiros, Alexandre da Costa Araújo e Serafim do Nascimento, declararam ter visto prisioneiros serem levados com regularidade, normalmente a altas horas da noite, com as mãos amarradas atrás das costas. Eram levados para um local previamente definido, onde havia covas já cavadas, e mandavam-nos rezar as suas orações. Outra testemunha relatou à Comissão que, de tarde, era prática de rotina mandar os prisioneiros cavar covas nas traseiras da Igreja de Aileu.<sup>150</sup>

Alexandre da Costa Araújo, no seu depoimento prestado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, descreveu o homicídio de dez presos em Saboria, em Dezembro de 1975, cometido por uma equipa comandada por Humberto Martins da Cruz:

*Eu e o meu irmão Afonso Araújo éramos membros da UDT. Na época do golpe de Estado eu estava a viver no suco de Saboria e não sabia nada do assunto. Quando o contragolpe da Fretilin ocorreu, fui capturado e levado para Aisirimou onde, no meio de várias centenas de prisioneiros trazidos de outras regiões, fui forçado a trabalhar na horta comunitária da Fretilin. Passado algum tempo, fui oficialmente libertado da prisão. No entanto, durante várias semanas depois disso, ainda era obrigado a trazer lenha a Aisirimou, todas as tardes, e não me autorizavam a dormir na minha própria casa em Saboria. Após várias semanas nestas tarefas, deram-me permissão para dormir em casa.*

*Certa vez, às 11 da noite, estava eu a dormir em minha casa quando ouvi o ruído de um carro, seguido de alguém a bater-me à porta. Senti-me angustiado e com medo. Abri a porta e vi a cabeça do director da prisão, Humberto, à espera. Convidei-o a entrar, mas ele disse-me apenas para o acompanhar. Percebi que estava bêbedo, mas tinha de fazer o que me mandava. Levou-me a um lugar onde estava um camião estacionado, com pessoas lá dentro. Eram dez pessoas, mas eu só reconheci duas delas. Um deles era Maubale [do suco] de Selo.*

*Ele ordenou aos seus homens que fizessem as pessoas descer do camião. Então, mandou os prisioneiros formar em linha, deu-lhes tempo para rezarem e disparou um tiro. Assim que disparou esse tiro, os seus homens dispararam as G3 contra os prisioneiros. Os prisioneiros estavam apenas a dez metros de distância e tiveram morte instantânea. Então, Humberto mandou-me chamar pessoas da zona para virem enterrar os corpos.*<sup>151</sup>

No depoimento por si prestado à Comissão, Humberto Martins da Cruz, o director da prisão de Aisirimou que liderava os pelotões de fuzilamento, apresentou um relato impressionantemente parecido do que parece ter sido outra execução em massa, igualmente ocorrida numa noite de Dezembro de 1975. O grupo era composto por 23 a 26 presos e incluía o antigo comandante da Polícia portuguesa, o coronel Rui Maggiolo Gouveia, que tomara o partido da UDT após o movimento armado da UDT. Os pormenores da execução, desde os prisioneiros serem trazidos amarrados, por volta das 11 da noite, para um local de execução onde uma cova que seria a sua sepultura comum já havia sido cavada, ao sinal de pistola dado por Humberto Martins para que o seu pelotão abrisse fogo, confirmam os depoimentos prestados por outras pessoas de que as execuções obedeciam a uma rotina.

Segundo Humberto Martins, a decisão de executar os presos fora tomada à hora do jantar por seis líderes da Fretilin, entre eles alguns membros do Comité Central, bem como líderes locais e o comandante das Falintil em Aileu.<sup>xxxiv</sup> Humberto Martins recordou:

*Às 11 da noite apareceram-me em casa...Passaram por minha casa de caminho para o local onde os prisioneiros se encontravam detidos, porque deveríamos levá-los para serem mortos em Aisirimou...Foi decidido no dia anterior, ao jantar, que os prisioneiros seriam mortos...Eu cumpri a ordem e segui-os até Aisirimou, até ao local onde os prisioneiros deveriam ser executados.*

*Ao chegar, vi lá 23 a 26 prisioneiros à espera, junto a uma vala que fora preparada para eles. Os prisioneiros estavam amarrados. A vala fora cavada à tarde, no dia antes de serem executados. Antes de serem executados, eu disse-lhes é agora, por isso se alguém quiser fugir, vá em frente. Um deles respondeu-me...viemos aqui para morrer, não para viver.*<sup>152</sup>

Humberto Martins da Cruz afirmou que, então, deu sinal aos outros membros do pelotão de fuzilamento para abrir fogo, dando ele próprio um tiro na direcção dos prisioneiros. O pelotão disparou as suas G3 e houve uma granada atirada.

Alexandre da Costa Araújo prestou depoimento sobre outro homicídio em massa de presos, perpetrado numa zona chamada Manifunihun, em Aisirimou:

---

<sup>xxxiv</sup> Humberto Martins afirmou que a decisão de executar os prisioneiros foi tomada pelas seguintes pessoas: José da Silva (comandante da companhia de Aileu e vice-chefe do Estado-Maior das Falintil), Adão Mendonça (chefe do Comité Regional de Aileu), Alarico Fernandes (membro do Comité Central), Sebastião Sarmento (membro do Comité Central), Luís Castro, Pedro Aquino e Gildo Ribeiro. Outras fontes confirmaram à Comissão, total ou parcialmente, que estas pessoas foram, em última análise, responsáveis pela execução dos prisioneiros (ver, por exemplo, as entrevistas da CAVR a Adelino Gomes, Díli, 11 de Junho de 2003; José Catarino Gregório Magno Trindade de Melo (Labut Melo), 23 de Julho de 2004 e Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, 9 de Agosto de 2004).

*Certa noite, a população do suco de Saboria ouviu dizer que mais de 100 prisioneiros iriam ser levados da prisão em Aileu para Manifunihun, Aisirimou. Entre os prisioneiros encontrava-se o meu genro, Felisberto dos Santos, que fora capturado pela Fretilin em Soibada. Quando a população de Saboria soube da transferência dos prisioneiros mostrou-se muito perturbada. Vários de nós dirigimo-nos em segredo a Aisirimou. Aisirimou fica a montante de Saboria, por isso subimos silenciosamente a ribeira, pelo meio da água, até ao local onde os prisioneiros estavam a ser guardados. Parámos num lugar de onde conseguíamos avistar os prisioneiros e vários carros estacionados, mas ainda nos encontrávamos a alguma distância deles. Pouco depois, ouvimos disparos de armas de fogo e gritos. O tiroteio durou cerca de 15 minutos. Não conseguimos ver exactamente o que se passou porque, assim que os gritos pararam, regressámos a Saboria. Até hoje, ninguém sabe ao certo quantas pessoas morreram naquele massacre. Algumas pessoas dizem 90 mortos, outras que cerca de 160 pessoas morreram.*<sup>153</sup>

Cerca de 150 prisioneiros foram transferidos para Maubisse no dia 8 de Dezembro, sendo detidos noutra armazém. Um prisioneiro julgou que estavam a ser levados para lá a fim de serem mortos e que haviam sido salvos, porque as tropas da Fretilin em Maubisse se opuseram veementemente ao plano. No entanto, dois grupos de prisioneiros, um composto por líderes da UDT, na sua maioria *mestiços*, e o outro por 30 a 40 líderes da Apodeti, foram trazidos de volta para Aileu, em ocasiões diferentes, e mortos ali. Segundo as informações recebidas, um membro do Comité Central, Hélio Pina (Mau Kruma), que se encontrava em Aileu nessa altura, presenciou as execuções, que foram levadas a efeito por equipas comandadas por Humberto Martins da Cruz e pelo seu ajudante, Pedro Aquino.

### **Morte ilícita de presos pela Fretilin em Maubisse (Ainaro)**

Um grupo formado por 300 a 400 presos foi evacuado de Aileu no dia 27 de Dezembro de 1975, no momento em que as tropas indonésias se aproximavam da cidade. Os presos foram obrigados a carregar caixas com munições e, segundo as informações recebidas, vários deles, enfraquecidos pela fome e pelos maus-tratos, morreram durante o percurso. O grupo chegou a Maubisse no dia seguinte, 28 de Dezembro de 1975. João da Costa, um apoiante da UDT originário de Same que fora transferido para Aileu com outros prisioneiros em Setembro, falou à Comissão sobre a execução de um grupo de presos em Maubisse, na noite de 28 de Dezembro de 1975. Integravam esse grupo o major Lourenço, um líder da UDT de Same, Amândio Coelho, director da pousada de Maubisse, Celestino e Manuel Belo, de Baucau, Jacques Pan e um homem de etnia chinesa não identificado. Foram conduzidos ao exterior e executados no cruzamento com a estrada que ramifica para Turiscai.<sup>154</sup>

Outro grupo dos prisioneiros que haviam sido trazidos para Maubisse foi também levado de volta para Aileu, mais ou menos por esta altura, aparentemente para serem ali executados. Um membro do grupo crê que foram salvos devido à intervenção de Nicolau Lobato:

*[Numa ponte chamada Fatubosa], talvez a um quilómetro de Aileu...[havia] muitas pessoas e soldados, Polícia Militar do lado Leste...Disseram: “O que vão fazer com eles? São nossos irmãos. Por que têm de matá-los?”...A pessoa que mandava...disse: “Amigos...eu recebi uma carta do vice-presidente da Fretilin, Nicolau Lobato, mandando o carro regressar [a Maubisse]...O que aconteceu foi que, quando íamos a caminho [de Aileu], no cruzamento de Maubisse-Turiscari, Nicolau Lobato e Eduardo dos Anjos estavam lá, de binóculos, observando os aviões [indonésios] a bombardear Aileu. Ele viu o nosso carro passar...Não sei o que aconteceu, mas quando estávamos em Fatubosa há 10 ou 15 minutos, chegou uma carta do vice-presidente [dando instruções às tropas] para mandarem regressar o carro.*

### **Mortes em Same, finais de Janeiro de 1976**

A Comissão recebeu indícios corroborados referentes a uma série de execuções ocorridas em Same nos finais de Janeiro de 1976, quando as forças indonésias capturaram o vizinho suco de Betano (Same, Manufahi) e começaram a avançar sobre a própria vila de Same.

- No dia 27 de Janeiro, sete prisioneiros, incluindo o secretário-geral da Apodeti, José Fernando Osório Soares, foram executados em Hat Nipah, Holarua.
- No dia 29 de Janeiro, 11 prisioneiros foram retirados do edifício da escola primária, em Same, sendo levados para o que pensaram ser a sua execução; nove deles fugiram durante o percurso, mas dois foram mortos.
- No dia 29 de Janeiro, cerca de 30 prisioneiros foram mortos no edifício da escola primária de Same.

No dia 29 de Dezembro de 1975, os restantes 300 a 400 presos foram evacuados para Sul, de Maubisse para Same, acompanhando a retirada das forças da Fretilin. Foram forçados a carregar caixas com munições durante a marcha até Same, onde chegaram no dia seguinte. No dia 2 de Janeiro de 1976, os presos foram divididos em grupos, com base na avaliação feita pela Fretilin do nível de ameaça levantada por cada um deles; porém, no entender de João da Costa, um dos incluídos na categoria “perigosíssimo”, os seus carcereiros não conheciam suficientemente cada um dos seus prisioneiros, a título individual, para serem capazes de fazer essa avaliação. Os membros do grupo classificado como “perigosíssimo”, no qual se incluía o secretário-geral da Apodeti, José Fernando Osório Soares, foram presos numa cela subterrânea no posto do administrador do subdistrito, na vila de Same.<sup>155</sup> As pessoas consideradas menos perigosas ficaram presas na escola primária da vila.

No dia 27 de Janeiro, depois de Betano ter caído nas mãos dos indonésios, todos os prisioneiros foram transferidos para Holarua, para casa do major Lourenço, o líder da UDT morto em Maubisse um mês antes. Nessa mesma noite, o membro do Comité Central, César Mau Laka, deslocou-se à casa e mandou levar oito pessoas, supostamente para investigação.<sup>156</sup> Os oito, José Fernando Osório Soares, secretário-geral da Apodeti, e mais sete presos, Domingos Osório Soares, Arlindo Osório Soares, Mário Zores, Monis da Maia, Saidi Musa, Manuel Jacinto e Peter Mu (também conhecido como Peter Vong), foram levados para um lugar chamado Hat Nipah.

Monis da Maia, o único sobrevivente do grupo, relatou à Comissão:

*No dia 27 de Janeiro, as ABRI entraram em Betano. A Fretilin esforçava-se por lidar com a situação e fomos transferidos para Holarua. O nosso grupo ficou em casa do major Lourenço. Um dia, depois de ter estado a rezar dentro de casa, alguém chamou-me do exterior. Quando cheguei lá fora, a pessoa que me havia chamado arrancou-me os botões da camisa. Fiquei surpreendido e disse: “Porque me rasga a camisa? O que fiz eu? Vou ser morto?” Alguém, por detrás de mim, disse: “Dá-lhe uma facada, para ele se calar.”*

*Puseram-me uma venda, atiraram-me para dentro de um carro, com mais algumas pessoas, e levaram-nos embora, para nos matarem. Quando chegámos a Hat Nipah, o carro parou. Fomos tirados do carro, um por um. O primeiro a ser retirado foi Arlindo Osório. Arlindo gritou que não o matassem logo, mas as pessoas balearam-no de imediato. Depois, puxaram por Domingos Osório e deram-lhe um tiro. A seguir, foi a vez do secretário-geral da Apodeti, José Osório Soares, que disse: “Não nos matem assim. Deixem-nos morrer no campo de batalha.” Mas eles mataram-no a tiro.*

*Então tiraram para fora Saidi Musa, Peter Vong e Manuel Jacinto, matando-os a tiro, um por um. Saí do carro e disse: “Deixem-me rezar, primeiro.” Ajoelhei-me, fechei os olhos e entreguei-me nas mãos de Deus. Apontaram-me as armas. As balas partiram e eu caí no chão. Não faço ideia como foi possível, mas a bala feriu-me apenas de raspão, na parte de trás da cabeça. Dos oito que fomos levados para sermos mortos, seis morreram no local. Um dos outros, Mário Zores, sobreviveu, mas foi morto mais tarde.<sup>157</sup>*

Deixaram Monis da Maia ali, para morrer. Arrastou-se pelo chão, até alcançar sítio seguro, conseguiu encontrar refúgio em casa de familiares, em Same, e sobreviveu — com uma ferida superficial na cabeça. Assis dos Santos, um membro da Apodeti que fora detido em Díli no dia 4 de Outubro e, depois, acompanhara o itinerário seguido pela Fretilin e pelos seus presos de Díli para Aileu e, mais tarde, até Maubisse, Same e Holarua, assistiu à morte de Mário Zores, que também sobrevivera à execução em massa do dia 27 de Janeiro. No dia seguinte, Mário Zores saiu do seu esconderijo perto da casa de Holarua onde os prisioneiros se encontravam detidos, em busca de comida. Um homem viu-o comer um pouco de milho perto do poço do suco e desatou a chamar outras pessoas para ali virem com lanças e arcos. Um homem atirou uma lança, que se cravou no estômago de Mário Zores. Não o tendo morto, outro homem matou Mário Zores a tiro.<sup>158</sup>

Durante a noite de 28 de Janeiro de 1976, 34 dos presos foram transferidos pelas forças da Fretilin, chefiadas por César Mau Laka (membro do Comité Central), de Holarua para Same, onde se reuniram a mais 10 presos detidos no edifício da escola primária. A regularidade das visitas feitas por César Mau Laka era reveladora de que lhe fora atribuída a responsabilidade pela sua custódia. Segundo os relatos recebidos, outros líderes nacionais e locais da Fretilin terão desempenhado um papel na decisão relativa ao destino a dar aos prisioneiros. Foram eles, entre outros: os membros do Comité Central Nicolau Lobato, Lito Gusmão, Hamis Bassarewan (Hata), Alarico Fernandes e Kanusa Bino e os líderes locais da Fretilin Pedro Cortereal, Adriano Cortereal e António Cepeda.

Na manhã seguinte, 11 dos presos — João Pereira, Nicolau dos Santos, José Tilman, Miguel Pereira, Mateus de Araújo, Afonso de Araújo, José Miquita, Lebeak Lobato, Paulo Pereira, João Pereira e Lino Cowboy — foram levados da escola primária numa viatura, supostamente para serem presentes a uma audiência de justiça popular. Partindo do princípio de que iriam ser executados, quando a corda que os amarrava a todos juntos se tornou lassa, todos tentaram saltar para fora da viatura. Lino Cowboy tropeçou e foi morto a tiro. Segundo as informações recebidas, Paulo Pereira também foi morto.<sup>159</sup>

A fuga dos outros membros do grupo encolerizou César Mau Laka, que irrompeu pelo edifício da escola adentro. João da Costa, sobrevivente da matança que se seguiu, relatou à Comissão os acontecimentos:

*César Mau Laka liderou a execução dos presos. Entrou na sala da escola e gritou: “Formem em linha.” Nós levantámo-nos. Ele disse: “Os vossos amigos que iam ser julgados, fugiram. Foram a correr para os indonésios, que agora vêm aí para nos matar. Vocês todos, agora, rezem!” Antes de terminarmos as nossas orações, eles começaram a disparar. Três pessoas dispararam, até ficarem sem balas. Depois, três outras começaram a disparar. A seguir, outras três. Quando saíram, atiraram uma granada.*

*Eu ficara por debaixo destes cadáveres. Levantei-me e deixei-me ficar num canto. O meu irmão segurou-me por detrás. Não iria sobreviver. Segurei-lhe o estômago, mas o sangue jorrava abundantemente.*<sup>160</sup>

Cerca de 30 pessoas morreram neste massacre. João da Costa viu o seu irmão esvair-se em sangue, até à morte. Ele e mais três outras pessoas — Filipe António de Aquino Caldas, Bento dos Reis Fernandes e Nazário Cortereal — foram os únicos sobreviventes. Conseguiram escapar, saltando pela janela.<sup>161</sup>

As execuções acabaram, depois de um grupo de comandantes das Falintil dos distritos do Leste terem forçado essa decisão.<sup>xxxv</sup> Os comandantes e os seus homens apressaram-se a acorrer a Holarua, vindos de Aileu e de Viqueque, ao ouvirem que Nicolau Lobato tinha ordenado a execução de José Osório Soares e dos outros líderes da Apodeti. Testemunhas relataram à Comissão que entre esses comandantes se encontravam um sargento chamado Guido, que prestara serviço na Polícia Militar portuguesa, Paulino Gama (Mauk Moruk), Ologari, António Pinto (Kalohan), Moisés Quina, Joaquim Ossu, Albino Gusmão e Júlio Nicolau.<sup>162</sup> Segundo Sera Malik, que acompanhava os comandantes quando estes chegaram a Same, eles defenderam que era errado a Fretilin matar irmãos timorenses; o diferendo tornou-se tão grave, que por pouco se evitou um tiroteio entre ambas as partes.<sup>163</sup> Quando os comandantes partiram de Same, levaram consigo um grupo de prisioneiros que residiam no Leste do território. Em Março de 1976 o Comité Central da Fretilin emitiu uma directiva que anulava todas as medidas restritivas impostas aos prisioneiros da UDT, embora mantendo sob detenção alguns prisioneiros da Apodeti.<sup>164</sup> A partir de então, alguns dos prisioneiros acabaram por se integrar na população em geral que se encontrava sob controlo da Fretilin, enquanto outros desempenharam papéis activos na Resistência; outros ainda optaram por deslocar-se para áreas sob controlo dos indonésios. Em zonas sob controlo da Fretilin, os antigos membros da UDT e da Apodeti

<sup>xxxv</sup> Segundo as informações recebidas, estes não foram os únicos comandantes que se opuseram às execuções.

Francisco Gonçalves relatou à Comissão que Raul Isaac, um comandante de Same, colocara sob sua protecção um dos nove ou dez presos fugidos do camião que, aparentemente, os conduzia ao local da sua execução, a 29 de Janeiro. Segundo Francisco Gonçalves: “Então eles levaram-no directamente à presença do Vice-presidente, Nicolau Lobato, e ele disse: ‘Este homem [está] comigo. Não quero que ninguém lhe toque.’ Ele não lhe tocou.”

continuaram a ser suspeitos e, por vezes, foram alvo de violações dos direitos humanos, inclusive de homicídio (ver adiante).

### **Níveis de responsabilidade**

Dirigentes da Fretilin de hoje e de antigamente já reconheceram que houve execuções em massa perpetradas em Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976 e que a Fretilin, enquanto instituição, tem responsabilidade política por elas (ver Caixa intitulada Responsabilidade da Fretilin e execuções de Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976, adiante).<sup>xxxvi</sup> Sustentam igualmente que a execução dos prisioneiros não teve origem em qualquer decisão formal do Comité Central, resultando sim das condições caóticas geradas pelo ataque devastador dos indonésios e pela consequente perda de controlo sobre os acontecimentos por parte da Fretilin (ver declarações prestadas por Mari Alkatiri e por Xanana Gusmão, citadas na Caixa: Responsabilidade da Fretilin e execuções de Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976, adiante).

A Comissão aceita que os homicídios perpetrados em Aileu, Maubisse e Same não se apoiaram formalmente em qualquer decisão do Comité Central. No entanto, entende que, segundo os indícios disponíveis, estas acções contaram com o apoio efectivo não só de líderes locais da Fretilin mas também, a título individual, de membros do Comité Central que se encontravam nessas áreas quando os homicídios foram perpetrados.

Testemunhas dos homicídios ocorridos nos dois meses que se seguiram à invasão indonésia de 7 de Dezembro referiram nomes de membros do Comité Central da Fretilin que se encontravam em Aileu, Maubisse e Same na época das execuções. Segundo as informações recebidas, alguns destes membros do Comité Central tiveram conhecimento de que as execuções estavam a ter lugar, outros participaram directamente na decisão sobre quem deveria ser executado e outros estavam presentes no momento das execuções.

Francisco Xavier do Amaral, Presidente da Fretilin e da RDTL em Dezembro de 1975, relatou à Audiência Pública Nacional da Comissão sobre o Conflito Político Interno, realizada em Dezembro de 2003 que, embora o Comité Central da Fretilin não tivesse tomado qualquer decisão formal de matar os prisioneiros, uma vez sucedida a invasão dos indonésios, o sentimento favorável à execução dos prisioneiros ganhou terreno a todos os níveis:

*Posso explicar as coisas assim: não foi tomada qualquer decisão. Quando se põe alguma coisa por escrito, então diz-se que é uma decisão.*

*Por vezes trocamos impressões, conversamos com os nossos amigos. E essas nossas ideias, houve pessoas...que as interpretaram como sendo nossas decisões ...*

*Por isso, alguns membros [da Fretilin] tomaram a decisão de matá-los, para que o inimigo não pudesse pôr-nos em perigo. Talvez esta fosse a opinião comum, mais ou menos comum, dos líderes a todos os níveis.<sup>165</sup>*

No seguimento da invasão, as atitudes dos líderes endureceram, por vezes devido às repercussões pessoais da perda de familiares. Neste clima, os líderes a título individual não apresentaram comportamentos necessariamente coerentes. Como acima se referiu, a Comissão

---

<sup>xxxvi</sup> Ver, por exemplo, as palavras de Mari Alkatiri, membro do Comité Central desde 1974 e actualmente secretário-geral do Partido, citadas na Caixa: Responsabilidade da Fretilin e execuções de Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976, (adiante).

foi informada que Nicolau Lobato interveio para evitar a execução de um grupo de prisioneiros. A Comissão recebeu igualmente informações de que, alguns dias mais tarde, quando um grupo de prisioneiros da Apodeti se recusou a obedecer a uma ordem de carregar caixas com munições de Maubisse para Same, Nicolau Lobato lhes disse que não o fizessem perder a paciência, senão seriam mortos: “Não me façam aborrecer, porque perdi a minha família. Perdi tudo. Vocês têm de colaborar.” Mais tarde, em Same, pediu-lhes desculpa por ter feito aquela ameaça.<sup>166</sup>

No entanto, embora a situação imediatamente a seguir à invasão fosse sem dúvida caótica e os sentimentos relativos às pessoas filiadas em partidos que colaboravam com os indonésios se tornassem exaltados, as informações recebidas pela Comissão indicam o seguinte: os homicídios ocorridos neste período não foram totalmente aleatórios, um padrão de abuso contra os prisioneiros emergira nos meses anteriores, preparando o terreno para as execuções, e haviam sido montadas estruturas rudimentares que continuaram a funcionar no período imediatamente posterior à invasão.

Ao longo dos meses que precederam a invasão, quando Aileu se tornou o maior centro de detenção de presos provenientes de distritos de todo o território, desenvolveu-se nesta cidade uma cultura de abuso que não excluía a possibilidade de execução. As pessoas responsáveis pelos prisioneiros aí detidos não mostravam qualquer tipo de respeito pelos direitos elementares dos presos. Durante este período, os prisioneiros sofreram privações extremas, foram sujeitos a violências graves e viram-se forçados a prestar trabalhos forçados, embora frequentemente enfraquecidos pela fome e pelos maus-tratos. Muitos deles morreram em resultado destas condições. Em Aileu, os funcionários da Fretilin criaram e puseram em funcionamento estruturas destinadas à investigação, julgamento e encarceramento dos opositores políticos. Embora estas formas institucionais não tivessem capacidade para garantir a protecção dos prisioneiros e não a proporcionassem, elas constituíam um sistema que funcionava através de uma cadeia de comando. Um sistema semelhante funcionou também em Same, durante um breve período de tempo.

A ameaça específica das execuções andava no ar pelo menos desde que eclodiu a guerra civil. Embora muitas (possivelmente a maioria) das execuções mais antigas atribuídas à Fretilin, nos meses anteriores à invasão de 7 de Dezembro, pareçam tratar-se de homicídios por vingança, localizados, nem todos o foram — sobretudo os ocorridos em Aileu. De acordo com uma testemunha, a questão que consistia em decidir se a Fretilin devia ou não executar os opositores detidos começou a ser discutida entre os líderes pouco depois da sua bem-sucedida insurreição armada de Agosto de 1975. Nessa época, uma facção defendia a execução dos prisioneiros da UDT detidos no Quartel-general.<sup>xxxvii</sup> Vários prisioneiros da UDT foram executados em Marabia, no momento da sua transferência para Aileu, em Setembro de 1975.<sup>167</sup>

Francisco Gonçalves, membro de um grupo de prisioneiros transferido de Díli para Aileu no dia 13 de Setembro, recorda que o grupo recebeu um aviso sinistro do presidente da Fretilin, Francisco Xavier do Amaral:

*No dia 13 de Setembro, quando fomos transferidos para Aileu, às quatro horas da manhã, Xavier do Amaral veio conversar connosco, para dar-nos informação. E então disse-nos que, se a Indonésia invadisse Timor-Leste, todos iríamos morrer. Éramos prisioneiros, bons para fazer...adubo, “prisioneiros para café” — Xavier disse isso.*

Pouco depois de a Fretilin lançar a sua insurreição armada de Agosto de 1975 e de começar a deter membros da UDT, Nicolau Lobato criou um Comité de Investigação presidido por Lucas da Costa, em Aileu, para avaliar o envolvimento dos prisioneiros da UDT no movimento armado.

<sup>xxxvii</sup> Entre os membros que defendiam a execução dos prisioneiros, contavam-se Alarico Fernandes, Sebastião Montalvão, Gildo Ribeiro e Domingos Ribeiro [Entrevista da CAVR a Humberto Martins da Cruz, Díli, sem data].

Mais tarde, em Outubro, quando a Fretilin começou a deter líderes da Apodeti em resposta ao crescente número de incursões da Indonésia, este Comité também os investigou, sobretudo para obter informações secretas sobre as intenções da Indonésia relativamente a Timor. Porém, algum tempo depois de Outubro, o presidente do Comité, Lucas da Costa, deslocou-se para Atsabe e o Comité foi dissolvido.<sup>168</sup>

A experiência vivida por um grupo composto por, pelo menos, 12 membros da Apodeti que aparentemente escaparam por pouco de serem executados, após serem detidos aquando da repressão exercida pela Fretilin sobre os apoiantes da Apodeti em Outubro de 1975, é um bom exemplo da maneira como o abuso dos prisioneiros já estava bem enraizado nessa época.

Numa entrevista à Comissão, Labut Melo recordou a sua detenção em Díli, a 4 de Outubro, e a sua transferência para Aileu com mais líderes da Apodeti, a 19 de Outubro. Na noite da sua chegada a Aileu, o grupo foi levado à presença do Comité de Investigação. A “audiência”, realizada perto da ribeira, em Aisirimou, começou ao fim da tarde e prolongou-se até às duas ou três horas da manhã do dia seguinte. Entre as pessoas que se recordam ter assistido à audiência, encontravam-se presentes alguns dos indivíduos que participaram na triagem e execução dos prisioneiros em Dezembro, a saber, Pedro Aquino, Paulo Manulin e Humberto Martins da Cruz, entre outros. Segundo Labut Melo e Hermínio da Silva da Costa, outro membro do grupo da Apodeti entrevistado pela Comissão, os prisioneiros foram interrogados sobre os planos de invasão da Indonésia e receberam ameaças de morte dos homens que conduziam a audiência, Lucas da Costa e Pedro Aquino, sendo igualmente espancados pelos seus subordinados.<sup>169</sup> Segundo Labut Melo:

*Depois de acabarmos a refeição da noite, veio outra ordem do Comité de Justiça, ou do “Tribunal de Justiça Maubere”, ou lá o que fosse que eles tinham em Aisirimou, sob o comando de Lucas [da Costa], [António] Barbosa [e] Pedro [Aquino (Naimau)]. No essencial, os 25 membros do nosso grupo estavam nas mãos deles...Em Ribeira, junto à ribeira Aisirimou, fomos recebidos com paus e com todo o tipo de agressões...deram-nos uma autêntica sova...Não sei o que dissemos, que tipos de ruídos fizemos, se gritámos ou não, não sei, só sei que fomos torturados até às 2, ou quase 3, da manhã. E as declarações que nos fizeram foram as mesmas que ouvimos nessa primeira manhã: “Irmãos, fizeram um erro, escolheram a Apodeti. Se a Indonésia invadir, nem um de vocês ficará vivo, todos irão morrer”. Então, eu disse-lhes... “Se morrermos, morremos, e se vivermos, isso está nas mãos de Deus, e é Deus que decide sobre a vida e a morte.” Eram Lucas e Pedro Naimau que davam ordens, enquanto Paulo Manulin e os outros, todos analfabetos, se limitavam a cumprir as suas obrigações.<sup>170</sup>*

No dia 22 de Outubro, os líderes da Apodeti foram transferidos novamente para Díli, onde ficaram detidos na prisão da Comarca, Balide, até à invasão indonésia, a 7 de Dezembro. Hermínio da Silva da Costa e Labut Melo afirmaram à Comissão, em separado, acreditarem que deviam a vida à intervenção de pessoas do alto comando em Díli.<sup>xxxviii</sup>

---

<sup>xxxviii</sup> Hermínio da Silva da Costa afirma terem sido salvos por quatro comandantes das Falintil enviados a Aileu por Rogério Lobato, depois de uma intervenção do CICV em sua defesa. Labut Melo crê que a ordem superior partiu do próprio Nicolau Lobato, que acedeu à intervenção do sargento Constâncio Soares, parente da mulher de um dos presos, António Parada.

Embora a prática de executar os prisioneiros pudesse ter conquistado o apoio de alguns líderes da Fretilin e comandantes das Falintil, bem como dos níveis hierárquicos mais baixos em ambas as organizações, ela não era universalmente aceita. A Comissão ouviu vários relatos de soldados e comandantes que se recusaram a participar em execuções e que, em alguns casos, tomaram medidas para impedi-las. Logo após a invasão, no início de Dezembro, Guido Soares, então vice-ministro da Defesa e chefe do Estado-Maior das Falintil, e as tropas sob seu comando, partiram de Aileu para Ainaro, levando consigo um grupo de prisioneiros, que assim escaparam ao destino dos prisioneiros executados em Aileu, Maubisse e Same.<sup>171</sup> Segundo as informações recebidas, as tropas das Falintil em Maubisse recusaram-se a participar num plano destinado a executar cerca de 200 prisioneiros que foram trazidos para Aileu com esse objectivo no dia 8 de Dezembro de 1975. Um grupo de comandantes do Leste intervieram com êxito e conseguiram impedir as execuções em Same nos finais de Janeiro. Em Maubisse e em Same, as tropas que se opuseram às execuções apresentaram os mesmos argumentos: “São timorenses, nossos conterrâneos. Não devemos matá-los.”<sup>172</sup>

## **Responsabilidade da Fretilin e execuções em massa em Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976**

Membros do Comité Central da Fretilin, no presente e no passado, abordaram o tema da morte ilícita de presos da UDT e da Apodeti, no decurso da Audiência Pública Nacional da CAVR sobre o Conflito Político Interno, de 1974/76, em Dezembro de 2003. Xanana Gusmão, então membro do Comité Central da Fretilin, referiu-se a estas mortes nos seguintes termos:

*Os prisioneiros da UDT e da Apodeti foram levados para as montanhas, não com intenções de serem mortos...mas os pára-quedistas já estavam a pousar...as tropas indonésias ocupavam Díli, sempre a aproximar-se, a aproximar-se.*

*Controlo, enfim posso dizer...que havia falta de controlo...O massacre de Aileu, alguns dizem que foi por gosto de vingança política, mas eu não acredito que se tratasse de política partidária, sobretudo porque havia já falta de controlo. Nós, membros do Comité Central da Fretilin, os membros políticos civis, no momento da invasão, o pessoal militar da [Fretilin] disse-nos que se não queríamos andar armados...que nos limitássemos a fugir...A população fugia, fugia, fugia para as montanhas...Posso afirmar que o massacre não foi um programa político planeado, não foi uma medida política, nem uma estratégia. Aconteceu, é verdade. Aconteceu. E o massacre de Same mostra que nós, no Comité Central da Fretilin, não tínhamos capacidade [de controlo]...porque o inimigo empurrava, empurrava, empurrava...A atenção das Falintil e do Comité Central da Fretilin estava totalmente concentrada no avanço do inimigo...Não podemos afirmar que o partido mandasse fazer aquilo, não, o problema é que as forças do inimigo se aproximavam, vindas do Leste, vindas da fronteira, e depois em Díli, pára-quedistas em Baucau, pousando em Lospalos, em Viqueque...a situação era de falta de controlo...não podemos dizer que a Fretilin tivesse organizado aquilo.*<sup>173</sup>

Mari Alkatiri, então membro do Comité Central da Fretilin, relatou à Comissão que a Fretilin, enquanto organização, deve assumir as responsabilidades:

*Se querem que eu vos diga quem os matou, não sei. Não estava cá. Agora digo que, sobre os massacres da Fretilin, deve ser a Fretilin como organização a assumir a responsabilidade. Não foi um massacre perpetrado pela Fretilin, mas um massacre perpetrado por elementos da Fretilin. No entanto, a Fretilin, enquanto organização, deve assumir as responsabilidades devido ao contexto e não fugir a essas responsabilidades...Quem foi responsável pelas mortes em Aileu e em Same? Se as encarmos sob o ponto de vista da justiça, é preciso ter em conta a responsabilidade individual. Quem era a pessoa que ordenou os homicídios? De um ponto de vista político, torna-se matéria de responsabilidade colectiva, responsabilidade da organização. Precisamos de reconhecer estas duas perspectivas e não confundir responsabilidade individual e colectiva*

*Do ponto de vista político, mesmo que os superiores não tivessem controlo, a responsabilidade pertencia à organização política. [Os líderes] não tinham controlo. Podem não ter aprovado o que aconteceu, mas essa é uma questão à parte. Se não conseguiam controlar os seus cargos, existe responsabilidade política. Neste momento, ando pessoalmente a tentar descobrir quem ordenou as mortes. Quem deu a ordem? Mas confesso que ainda não sei. Se soubesse, diria. Se não o dissesse em público, di-lo-ia à Comissão.*<sup>174</sup>

Francisco Xavier do Amaral, então presidente da Fretilin, classificou como difíceis as escolhas então feitas pela Fretilin, no momento em que as tropas indonésias avançavam. Ele disse crer que nenhuma decisão formal foi tomada a nível do Comité Central ou do Governo, mas que, por medo e por pânico, foram tomadas decisões de matar os presos, por vezes com a aprovação de altas figuras da Fretilin:

*Posso explicar as coisas assim: não foi tomada qualquer decisão. Quando se põe alguma coisa por escrito, então diz-se que é uma decisão.*

*Por vezes trocamos impressões, conversamos com os nossos amigos. E essas nossas ideias, houve pessoas...que as interpretaram como sendo nossas decisões. Porque as nossas ideias são apenas opiniões nossas. Por vezes eu tenho uma opinião e digo-a.*

*Estávamos no meio da guerra, desta guerra, fugindo dos nossos inimigos; fugimos e levámos connosco as pessoas que tínhamos prendido, os inimigos que tínhamos prendido. Antes mesmo de termos tempo para recuperar o fôlego, dissemos: “Eles estão perto. O que fazemos agora? Temos de continuar a fugir. Não temos muitas opções. Não há transportes, não há alimentos, não há remédios, não temos nada.”*

*Algumas das pessoas que prendemos estavam já gravemente doentes, muitas delas muito fracas. Por isso, tivemos de pensar sobre o assunto. Deixamo-los aqui, vivos? Fugimos e deixamo-los aqui? Ou matamo-los e fugimos depois? Vejo perigo nestes dois casos. Se os deixamos aqui vivos, eles podem cair nas mãos dos inimigos. Se abandonarmos, por exemplo, um membro da UDT ou da Apodeti, e se ele cair nas mãos do inimigo indonésio, os militares indonésios podem vir e ele pode cair nas suas mãos. A Indonésia pode exercer pressão sobre ele e pode descobrir-nos. Podem enganá-lo e ele pode confessar. Disto, podemos chegar a uma conclusão: se ele já está fraco e não consegue acompanhar-nos a pé, e se queremos levá-lo connosco mas não temos força para carregá-lo, e não há garantia de que consigamos chegar até um local seguro, então o que é melhor: que ele morra, ou que morramos nós? Por isso, alguns deles tomaram a decisão de matá-los, para que o inimigo não pudesse pôr-nos em perigo.*

*Talvez esta fosse a opinião comum, mais ou menos comum, dos líderes a todos os níveis.*<sup>175</sup>

Rogério Lobato, antigo comandante das Forças Armadas, num depoimento comovente, manifestou a sua dor pelas perdas trágicas dos dois lados do conflito e o seu sentido de responsabilidade pelos acontecimentos:

*Quero dizer que muita gente morreu neste processo da guerra. Não quero aqui atribuir culpas. Acho que é importante que consigamos apurar os factos...é verdade que a Fretilin matou muitos prisioneiros da UDT...a UDT matou também prisioneiros da Fretilin...Eu quero...concentrar a atenção naquele que é o enforque da Comissão, os direitos humanos. Nessa época, eu era comandante das Forças Armadas. Eu devo assumir as responsabilidades por muitas coisas que aconteceram.*<sup>176</sup>

## Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados pelas *ABRI* após a Invasão Indonésia, 1976/1979

Os dados recolhidos pela Comissão revelam uma escalada consistente das mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados pelas forças de segurança indonésias e os grupos coadjuvantes durante 1976/1979, e que em 1978/1979 atingiram um pico.

Durante o período entre 1976 e o final de 1978, os militares indonésios consolidaram lentamente o seu domínio sobre o território de Timor-Leste. Foi apenas no final deste período que conseguiram controlar o território na sua totalidade. No final de 1976, as forças de ocupação indonésias controlavam as principais vilas e estradas de ligação. Este facto forçou a Resistência timorense e grande parte da população civil a refugiar-se nas montanhas e nas florestas do interior do país. A partir do final de 1977, a dinâmica da guerra começou a pender decisivamente

para o lado das forças indonésias, à medida que as áreas sob o controlo da Fretilin/Falintil começaram a cair nas suas mãos. Em meados de 1978, todas as vilas dos subdistritos eram controladas pelos indonésios, e as *ABRI* iniciaram uma ofensiva final contra as grandes concentrações de população que continuavam a resistir em áreas como Alas em Manufahi, a planície de Natarbora (Manatuto), o Monte Ilamano em Manatuto e no Monte Matebian. Uma vez encurraladas nestas áreas confinadas, as populações foram alvo de bombardeamentos em grande escala por terra, ar e mar. A Fretilin/Falintil deixou de ter capacidade para se defender ou as populações que a haviam seguido para essas áreas. Durante este período, várias centenas de milhares de timorenses foram capturados ou renderam-se às forças indonésias. No início de 1979, a maioria dos timorenses vivia sob controlo indonésio, geralmente nas circunstâncias muito restritivas dos campos de reinstalação (ver Capítulo 7.3: Deslocação Forçada e Fome).

Durante este período, embora muitos civis timorenses estivessem presos pelos militares, os prisioneiros detidos pelas *ABRI* eram mantidos nessa situação sem serem formalmente acusados ou levados a julgamento. Os homicídios ocorreram em diversas circunstâncias. Houve homicídios indiscriminados de civis que realizavam as suas actividades diárias, homicídios de civis durante operações militares; homicídios de presos; execuções sumárias de civis que se renderam; e o homicídio específico e deliberado de membros da Fretilin e de combatentes que se renderam.<sup>xxxix</sup> Mas todas as mortes de civis em cativeiro foram extrajudiciais e ilícitas.

Esta secção consiste em duas subsecções. A primeira descreve os padrões genéricos de homicídios e desaparecimentos perpetrados pelas *ABRI* e pelos seus grupos coadjuvantes ao longo do período 1976/1979. A segunda concentra-se no período 1978/1979 quando, após a queda das bases de apoio, os homicídios e desaparecimentos perpetrados pelas *ABRI* e pelos grupos coadjuvantes atingiram um pico. São apresentadas as provas recolhidas pela Comissão de que, durante esse período, as *ABRI* executaram uma campanha coordenada com o objectivo de eliminar os dirigentes da Fretilin/Falintil que se tinham rendido ou sido capturados.

### **Padrões de mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados pelas *ABRI*, 1976/1979**

#### *Civis mortos durante as operações militares*

A Comissão ouviu inúmeros depoimentos acerca do homicídio arbitrário de civis encontrados por membros das *ABRI* em missões de patrulha ou durante operações militares. Em muitos destes casos, os civis foram mortos indiscriminadamente à medida que as forças indonésias alargavam o seu domínio a novas áreas ou conduziam operações em áreas que não eram controladas por nenhum dos lados. Embora muitos civis fugissem à frente das forças invasoras, aqueles que ficaram para trás ou tiveram o azar de se encontrar com patrulhas indonésias foram muitas vezes abatidos à vista. Por exemplo:

---

<sup>xxxix</sup> Após a rendição, um indivíduo perde o seu estatuto de combatente, sendo-lhe garantida protecção na sua qualidade de prisioneiro de guerra. As *ABRI* violaram sistematicamente este direito, e actuaram de forma deliberada, procurando como alvos e executando membros das Falintil que se tinham rendido.

- Américo da Costa e a sua esposa foram mortos pelas *ABRI* quando entravam em Hera a 16 de Janeiro de 1976. As Falintil tinham recuado, deixando para trás alguns aldeões. Américo da Costa e a sua esposa foram descobertos pelas *ABRI* quando colhiam milho, e mortos a tiro.<sup>177</sup>
- A 11 de Fevereiro de 1976, tropas das *ABRI* entraram em Lelaos (Dare, Díli). Com as suas baionetas, mataram dois civis, António Soares e Inácio de Jesus.<sup>178</sup>
- No início de Março de 1976, os Batalhões das *ABRI* 315, 512 e 401, com o apoio de uma unidade *Armed (Artileri Medan, Artilharia de Campo)*, entraram no subdistrito de Letefoho (Ermera). Começaram a procurar e a atacar os locais onde a população civil se escondera. Na aldeia de Hatugau, mataram a tiro Sebastião Lemos. Em Eraulo, detiveram dois homens suspeitos de tentarem contactar as Falintil, Cristovão Soares e Filomeno, executando-os em Mandoki Lau. As forças indonésias prosseguiram o seu assédio à população, levando esta a fugir primeiro para a Floresta de Talo, em Hatulia, e depois de volta a Tata, em Letefoho. Os sobreviventes que permaneceram em Eraulo foram reinstalados na vila de Letefoho, onde permaneceram durante três anos.<sup>179</sup>
- Um depoente contou como fugira com a sua esposa e filhos para Halaltur na aldeia de Railaco Leten, quando tropas do Batalhão 726 entraram no subdistrito de Railaco (Ermera) em Abril de 1976. A sua esposa ficou gravemente doente e disse à família que a abandonasse e fugisse para evitarem ser mortos pelas tropas indonésias que avançavam. A restante família aceitou o seu conselho. Quando o Batalhão 726 a encontrou sozinha a dormir numa casa, matou-a a tiro.<sup>180</sup>
- Por volta da mesma época, Vicente de Jesus e a sua esposa, Raimunda da Conceição, foram atingidos a tiro por uma unidade não identificada das *ABRI* e por Partidários quando entravam no subdistrito de Railaco (Ermera). Vicente morreu dos ferimentos sofridos. A sua esposa foi ferida numa coxa mas sobreviveu.<sup>181</sup>
- Em Março de 1978, quando as *ABRI* atacaram o Monte Bibileo (Viqueque), a população que aí se concentrara dispersou-se. Um depoente contou à Comissão que a sua tia idosa ficara para trás. Passados alguns dias, o depoente e o seu irmão regressaram à aldeia. Descobriram que a senhora fora morta pelas *ABRI* e o seu cadáver meio devorado por cães.<sup>182</sup>

#### *Civis mortos quando realizavam as sua actividades diárias*

- Desde os primeiros dias da ocupação, as vidas dos civis que procuravam comida nas áreas onde as forças indonésias tinham estabelecido postos ou conduziam operações passaram a estar também em perigo. Por exemplo:
- Após a captura de Betano (Same, Manufahi) pelas forças indonésias, em Janeiro de 1976, o depoente e a sua família fugiram para a aldeia próxima de Fatumeta. Em Abril de 1976, quatro membros da família foram atingidos a tiro por fuzileiros quando procuravam comida em Bermet Buiudo, perto do posto dos fuzileiros. A mãe do depoente e uma sua tia morreram dos ferimentos sofridos.<sup>183</sup>
- Em Setembro de 1976, as forças indonésias entraram na aldeia de Selo (Aileu, Aileu). Porque estavam desesperados para encontrar comida, um grupo de quatro pessoas, Martinho, José, Martina e Teresa foram à povoação de Lio, aldeia de Selo Kraik (Laulara, Aileu) em busca de mandioca. Os soldados indonésios capturaram Martina e mataram Teresa a tiro. Martinho e José conseguiram fugir e procuraram refúgio num posto das Falintil. Porque eram suspeitos de trabalharem para as *ABRI*, foram enviados para Weberek (Alas, Manufahi).<sup>184</sup>
- Carlito e Armindo encontraram uma patrulha das *ABRI* quando andavam a caçar na área de Rate Naruk (Viqueque, Viqueque) a 7 de Fevereiro de 1977. A unidade, não identificada, das *ABRI* disparou sobre ambos. Armindo morreu imediatamente. Carlito foi gravemente ferido, mas foi descoberto pelo seu tio no dia seguinte e recuperou.<sup>185</sup>

- Em Julho de 1977, tropas indonésias descobriram Justina e o seu marido Talo Mali quando procuravam comida no mato, no subdistrito de Atsabe (Ermera). Justina e Talo Mali foram detidos sob a suspeita de estarem a recolher comida para a Fretilin/Falintil. Foram mantidos presos durante 10 dias em Atsabe onde Talo Mali foi sujeito a interrogatórios contínuos, sendo espancado e submerso em água. Talo Mali foi depois entregue às tropas de uma unidade *Armed (Artileri Medan, Artilharia de Campo)*. Foi levado para Airea, aldeia de Paramin (Atsabe, Ermera) onde foi colocado na borda de um grande buraco escavado pelas tropas e morto a tiro.<sup>186</sup>

A Comissão recebeu numerosos relatos de homicídios de civis mantidos em campos de detenção após a sua rendição em massa no final de 1978.<sup>187</sup> Confrontados com situações de fome extrema, eles abandonavam os campos para irem ao mato ou a antigas hortas em busca de folhas e raízes comestíveis ou de seiva de palma. Sabiam que se fossem apanhados seriam acusados de manterem contactos com as Falintil e seriam provavelmente mortos. O padre José Tavares recordou a situação no campo de concentração do subdistrito de Natarbora, Manatuto, onde se rendeu em 1978:

*Aqueles que estavam no campo não estavam autorizados a sair...a não ser que recebessem ordens das ABRI. Aqueles que sofriam de fome eram obrigados a ir caçar secretamente no mato. Caso se viesse a saber que tinham ultrapassado a linha de demarcação seriam considerados...[como tendo tido] contactos com as Falintil. Essas pessoas...eram de um modo geral imediatamente mortas.*<sup>188</sup>

Em 1978, durante as rendições em massa no Monte Matebian, um grupo rendeu-se às ABRI em Venilale, Baucau. O depoente, que era membro do grupo, esteve preso durante cerca de um ano na sede do Comando do Subdistrito Militar (*Koramil*) em Venilale. Ao ser libertado em Dezembro de 1979, veio a saber que a sua esposa, Ermelinda, e as suas duas filhas, Joana e Anina, tinham sido espancadas até à morte por tropas dos Batalhões 721 e 503 quando as mulheres procuravam comida na área de Uaihae em Uaioli. Os seus corpos tinham depois sido queimados, de acordo com um homem que estava com as mulheres mas que sobrevivera.<sup>189</sup> Em Agosto do mesmo ano, quatro civis que se tinham rendido andavam também à procura de comida. Eles não tinham obtido uma autorização (*surat jalan*) para deixar a área em torno do campo. No Monte Tokegua, em Samagata, aldeia de Sagadate (Laga, Baucau), foram detidos pelo Batalhão 141. Um deles, Anurai, foi depois levado para o Rio One Bu'u e morto. Um outro, Kotedora, foi levado para Kotamutodo, e morto diante de toda a aldeia, incluindo mulheres e crianças. Um terceiro foi morto em Uasagia (Laga, Baucau).<sup>190</sup>

Sebastião da Costa, o seu irmão, Paulino, e as suas irmãs, Isabel e Maria, foram apanhados quando procuravam comida. Foram capturados em 1979, em Lakawa (Baguia, Baucau) por tropas do Batalhão 141 que os meteram num estábulo para búfalos de água. Um mês mais tarde, as suas famílias encontraram os seus corpos em decomposição no estábulo e fizeram-lhes um funeral decente.<sup>191</sup>

Loi Lu e a sua família renderam-se em 1978. Eles viviam à beira da estrada em Uaioli (Venilale, Baucau). Porque estava demasiado enfraquecido pela fome para caminhar, e a família não tinha comida, Loi Lu roubou a Pedro uma fruta-pão para alimentar a família. Pedro apanhou-o e entregou-o ao *liurai* António. O *liurai* António, por sua vez, entregou-o aos elementos do Batalhão 745, que o levaram para Natarbora em Manatuto, onde o mataram.<sup>192</sup>

Em Setembro de 1979, quando os militares indonésios se estavam a preparar para a grande ofensiva na área, soldados do *Kodim* de Viqueque apanharam Leki-Rubi em Uaimata Rae (Ossu, Viqueque), quando se dirigia para a sua horta para aí trabalhar. Mataram-no no próprio local onde o encontraram.<sup>193</sup>

*Civis mortos por suspeita de trabalharem para a Fretilin/Falintil ou de terem conhecimentos sobre esta*

Desde os primeiros dias da ocupação, foram mortos civis vivendo em áreas controladas pela Indonésia, sob suspeita de terem estado em contacto com a Fretilin/Falintil. Por exemplo:

- Marcelo e a sua família renderam-se às *ABRI* em 1976, em Bazartete (Liquiça). Foram autorizados a regressar à sua aldeia natal de Lehata. Um conhecido timorense denunciou Marcelo e o seu primo, Manuel, como espiões da Fretilin, a tropas do Batalhão 401 que realizavam uma patrulha. As tropas abriram fogo sobre Manuel, que fugiu para a sua casa na aldeia de Pisulete. No dia seguinte, as tropas do Batalhão 401 encontraram e detiveram Manuel. Mataram a tiro Manuel e levaram seis outros jovens da aldeia. No dia seguinte, ordenaram à população de Bazartete que se reunisse diante da igreja local. Uma vez reunida, as tropas das *ABRI* ordenaram-lhes que cavassem um grande buraco. Depois, os seis jovens foram trazidos das antigas instalações da Companhia Portuguesa, com sinais claros de terem sido violentamente espancados. As tropas do Batalhão 401 alinharam os seis jovens à beira do buraco e mataram-nos a tiro.<sup>194</sup>
- Em 1976, Maubere era um de 13 homens e duas mulheres que tinham sido recrutados no subdistrito de Bobonaro (Bobonaro) por um comandante de Partidários chamado M218, a fim de trabalharem como *TBO* para as *ABRI*. Um dia, os indonésios e os Partidários prenderam e amarraram todos os 13 homens, acusando-os de terem roubado munições e de as terem entregado à Fretilin. Os 13 foram informados que seriam levados para Hauba (Bobonaro) para serem executados. Uma vez em Hauba, as tropas libertaram todos os homens à excepção de Maubere, que mataram. O seu corpo foi atirado para uma ribeira e nunca foi recuperado.<sup>195</sup>
- A 23 de Março de 1976, dois jovens, Cristovão e Filomeno Soares, levavam alimentos e roupas ao secretário de zona da Fretilin de Letefoho (Ermera), com quem haviam estabelecido um contacto clandestino. Uma patrulha do Batalhão 512 interceptou-os e sugeriu-lhes que os ajudassem a encontrar elementos da Fretilin/Falintil no mato. Os dois recusaram e foram mortos a tiro num local chamado Marconi em Eraulo (Railaco, Ermera).<sup>196</sup>

Também houve presos que foram mortos por não revelarem ou confirmarem a informação que os seus interrogadores pretendiam. Em 1978, por exemplo, membros do Batalhão 403 mataram dois homens, Anselmo e António Cardoso, no Monte Derok Loke (Lacluta, Viqueque) porque eles foram incapazes de dizer onde se encontrava Xanana Gusmão ou onde estavam escondidas armas das Falintil.<sup>197</sup>

Em 1979, um prisioneiro, Manuel da Silva, foi confrontado com João da Rosa nas instalações do Comando Militar Distrital (*Kodim*) em Viqueque. Os seus interrogadores exigiram que Manuel da Silva confirmasse que João da Rosa tinha fornecido alimentos às Falintil. Quando Manuel da Silva insistiu que não fora João da Rosa, mas outra pessoa, foi-lhe passada uma corda em volta do pescoço e apertada até ele morrer.<sup>198</sup>

#### *Civis mortos em retaliação contra ataques das Falintil*

- As forças indonésias também mataram alegadamente civis em retaliação contra ataques das Falintil. Em diversos casos reportados à Comissão, os homicídios parecem ter sido uma forma indiscriminada de punição em substituição de interposta pessoa ou de punição colectiva, destinada a constituir um aviso geral à população e a dissuadir as Falintil de perpetrarem ataques ulteriores:
- Em Janeiro de 1976, tropas indonésias responderam a um ataque das Falintil em Hauba (Bobonaro) levando nove civis da aldeia para Atsabe, onde foram mortos.<sup>199</sup>
- A 4 de Março de 1976, um grupo de membros da Apodeti deteve 16 civis timorenses, levando-os para o subdistrito de Hato Udo (Ainaro), onde ficaram presos numa casa e foram obrigados a trabalhar para a unidade das *ABRI* aí estacionada. Durante o mês de Março, houve um ataque das Falintil na área em que as forças indonésias sofreram baixas. Quatro dos 16 prisioneiros foram levados por um soldado e um homem timorense para Betano, Manufahi, supostamente para descarregar um navio. Nunca mais foram vistos.<sup>200</sup>

#### *Civis mortos durante ataques das ABRI*

Embora as mortes não intencionais de civis durante combates e no fogo cruzado entre beligerantes não sejam consideradas violações de direitos humanos, nalgumas situações a Comissão teve dificuldade em determinar se os membros das *ABRI* tiveram o cuidado suficiente de estabelecer a distinção entre combatentes e civis, e para evitar baixas entre estes últimos, utilizando a força de modo discriminado e proporcional. Nalguns destes casos, grupos compostos inteiramente por civis foram atacados:

- A Comissão recebeu informações sobre um caso sucedido no início da guerra, quando um grupo de civis tentou defender-se das forças invasoras. A 15 de Março de 1976, quando o Batalhão de Infantaria 509 atacou a vila de Ainaro (Ainaro), cerca de 60 civis tentaram opor-se aos invasores, que estavam bem armados. A maioria ou mesmo a totalidade destes civis foram mortos.<sup>201</sup>
- Em Maio de 1977, as *ABRI* atacaram um grupo de civis que se escondera no Monte Kablaki, entre Ainaro e Manufahi. Dez civis foram mortos durante o ataque.<sup>202</sup>
- Em 1978, tropas dos Batalhões 744 e 745 levaram a cabo um ataque em Aisapu, aldeia de Asulau (Hatulia, Ermera) durante o qual mataram um grande número de pessoas. O depoente que reportou este ataque à Comissão recolheu informações acerca de 13 famílias diferentes que tinham perdido um total de 88 familiares durante o ataque. Pelo menos algumas das vítimas foram referidas como estando presas pelas tropas quando foram mortas. As vítimas incluíam membros de um clã da *uma kain* (grupo de agregados familiares) de Poeleu, que perdeu 15 familiares.<sup>203</sup>

#### *Civis mortos quando se encontravam presos pelas forças de segurança indonésias e grupos coadjuvantes*

Desde os primeiros dias da guerra que as *ABRI* detiveram regularmente civis.<sup>204</sup> Em muitos casos, isto resultou directamente em execuções sumárias. Noutros casos, as vítimas foram torturadas ou maltratadas primeiro, ou levadas para outros locais e depois assassinadas. Este padrão de homicídios ocorreu durante o período 1976/1979.

- Em Janeiro de 1976, cinco pessoas foram mortas imediatamente após a sua captura pelo Batalhão 126 em Hatugeo (Atsabe, Ermera).<sup>205</sup>
- Em 1976, José Cortereal e a sua família renderam-se em Tirilolo, Holarua, Same, Manufahi). Foram levados por tropas indonésias e *Hansip* para Lesulau em Holarua, onde dois os seus elementos, Sirimau e Calistro, foram mortos a tiro.<sup>206</sup>

Muitos homicídios de civis ocorreram enquanto estes se encontravam presos às ordens dos militares. As vítimas eram detidas, levadas para uma instalação militar, e assassinadas. Noutros casos, os civis desapareceram após a sua detenção ou captura. Presume-se que tenham sido mortos, mas não surgiram quaisquer testemunhas para confirmar que foi esse o seu destino.<sup>207</sup> Por exemplo:

- Em 1976, quando três civis foram chamados ao posto do Batalhão 327 em Mau Ulo (Maubisse, Ainaro), os soldados ordenaram que fossem atados. Um deles foi libertado, mas os outros dois foram levados para a vila de Ainaro, e nunca mais apareceram.<sup>208</sup>
- António dos Reis contou à Comissão como ele, o seu pai e irmão saíram do mato e se renderam ao Batalhão 405 em Maubisse (Ainaro) em Abril de 1976. Enquanto estavam em cativo, foram frequentemente espancados e pontapeados, e todas as noites eram submersos em água. Um ano mais tarde, António e o seu irmão foram libertados, mas as tropas indonésias mataram o seu pai, Francisco Xavier, e enterraram o seu corpo perto da pousada de Maubisse.<sup>209</sup>
- Em Janeiro de 1976, as *ABRI* entraram em Ossu (Viqueque), provocando a fuga de muitas famílias. A 23 de Setembro de 1976, as *ABRI* capturaram cinco homens que tinham fugido para o mato no mês de Janeiro, incluindo Leki Gari, e levaram-nos para as instalações do *Koramil* em Ossu, onde já estavam muitos outros prisioneiros que tinham sido detidos por suspeita de trabalharem com a Resistência. No *Koramil*, foram sujeitos a interrogatórios acompanhados de agressões com pistolas, tubos de aço e pontapeados. Leki Gari, e outro preso chamado Olobere, foram depois levados para as instalações do Batalhão 202 em Ossu, onde estavam muitos outros prisioneiros. Nessa mesma noite, Olobere, Leki Gari e uma terceira pessoa, Mariano, foram levados para as instalações do Batalhão 202 e mortos a tiro.<sup>210</sup>
- A 8 de Novembro de 1978, soldados do *Koramil* em Laga, distrito de Baucau, foram à aldeia de Soba (Laga, Baucau) e detiveram Pedro Pereira. Levaram-no para as instalações da Polícia Militar no suco de Laga para investigação. Nesse mesmo dia, de tarde, Pedro Pereira regressou a Soba com os seus captores. As tropas detiveram dois outros homens de Ro'ó Liu, Gregório Pereira e João Pereira, e levaram-nos para o posto de comando militar. No dia seguinte, João e Pedro Pereira foram levados para Baucau e desapareceram.<sup>211</sup>

As unidades das *ABRI* também mataram mulheres e crianças que tinham feito prisioneiras. A Comissão recebeu informações sobre o que sucedeu em Janeiro de 1976 a uma mulher e às suas duas crianças, que foram detidas por tropas indonésias em Tailau, em Ermera. A mulher, que estava grávida, era irmã de um comandante das Falintil e fora denunciada por um informador. Soldados indonésios e dois Partidários timorenses violaram-na. No dia seguinte, as *ABRI* mataram a mulher e os seus filhos.<sup>212</sup>

As mulheres detidas pelas forças indonésias também podiam desaparecer. Durante o ataque a Matebian em Outubro e Novembro de 1978, uma mãe, Luciana, e duas das suas filhas, Etelvina e Albertina, foram feridas quando sofreram um ataque do Batalhão de Infantaria 202. Luciana foi levada para Díli para receber tratamento e recuperou. Etelvina e Albertina foram levadas para o hospital de Baucau. Quando regressou de Díli, Luciana tentou encontrar as suas filhas no hospital, mas o pessoal do hospital não sabia o que lhes tinha acontecido e as duas nunca foram localizadas.<sup>213</sup>

Os grupos coadjuvantes timorenses também prenderam pessoas que se tinham rendido recentemente, matando-as de seguida. A Comissão recebeu diversos testemunhos que descrevem o homicídio de pessoas que se renderam, cometidos pela unidade *Tonsus* (*Peleton Khusus*, Pelotão Especial) criada pela *Kopassandha* nos subdistritos de Barique, Soibada e Laclubar (Manatuto):

- Em Fevereiro de 1979, cinco homens — Manuel Carlos, Lekihonik, Pinto, Raimundo de Oliveira e Armando Soares — que se tinham rendido recentemente em Orlalan (Laclubar, Manatuto) foram levados pelo *Tonsus*, comandado por M312, para a base do *Kopassandha* em Orlalan. Após uma semana de cativeiro, durante a qual foram sujeitos a espancamentos contínuos, os cinco foram atados juntos com corda à volta do pescoço e levados por quatro *Tonsus* para um local chamado Manglima onde foram mortos a tiro.<sup>214</sup>
- Na mesma área, algures em 1979, dois civis descritos como “suspeitos de serem militantes da Fretilin”, Mali Arus e Miguel Daholo, foram detidos por membros do *Tonsus* pouco tempo depois de se terem rendido. Foram levados para Laclubar, tendo sido violentamente espancados durante o caminho. Uma vez em Laclubar, Mali Arus sofreu mais espancamentos que provocaram a sua morte, duas semanas mais tarde. Três semanas mais tarde, o próprio depoente e cinco outras pessoas, incluindo o seu pai, Graciano Bere Mauk, e os seus primos, Martinho e Mau Leki, também se renderam e foram levados para o posto do *Tonsus* em Orlalan. Pouco tempo depois, três membros do grupo, Graciano Bere Mauk, Martinho e Mau Leki foram levados para o exterior e mortos a tiro por membros do *Tonsus*.<sup>215</sup>

Muitos civis foram mortos durante interrogatórios e sob tortura, ou após terem sido violentamente espancados quando se encontravam sob custódia dos militares.<sup>216</sup>

Em Janeiro de 1976, o administrador do subdistrito, Mateus Ximenes, ordenou a detenção de Cipriano Magno Ximenes, que se rendera recentemente, em Soba (Laga, Baucau). Após a sua detenção, foi entregue a uma unidade de fuzileiros. Dois dias mais tarde juntaram-se-lhe na prisão a sua esposa e filha. Todos os três foram agredidos pela mulher e filha de um dirigente local da UDT. Três dias mais tarde, Cipriano Magno Ximenes foi morto.<sup>217</sup>

Em 1978, depois da sua família se ter rendido em Uatu-Lari (Viqueque), a *Hansip* detiveram o filho do depoente, Afonso, levando-o para o posto do Batalhão 202 que ali existia. Foi tão maltratado pela *Hansip* e por tropas das *ABRI* que, embora autorizado a regressar a casa, acabou por morrer dos ferimentos sofridos.<sup>218</sup>

Em 1979, quatro homens renderam-se ao Batalhão 202 na zona de Matebian. Foram levados para Viqueque onde foram espancados pela *Hansip* com as coronhas de armas e pontapeados. Um dos homens morreu dos maus-tratos uma semana mais tarde. O depoente contou que durante o seu ano de prisão em Viqueque, dois outros prisioneiros, Mário Harec e Júlio Soares, também foram tão barbaramente agredidos pelo comandante M313 da *Hansip* que também eles morreram.<sup>219</sup>

### “Ele foi para a escola ...”

Ao longo de vários anos e em diversos distritos, os elementos das *ABRI* usaram um conjunto característico de termos para se referirem ao homicídio ou desaparecimento das suas vítimas. As pessoas que eram levadas para serem executadas ou que tinham desaparecido eram descritas como tendo ido “tomar um banho” ou “para Jacarta/Bali/Quelicai”, “caçar” ou “numa operação”. No entanto, de todos estes termos, aquele que era mais comumente usado pelas *ABRI* e pelos grupos coadjuvantes timorenses para explicar um desaparecimento era dizer que a vítima “foi para a escola”.<sup>220</sup> Foram reportados à Comissão casos de pessoas que “foram para a escola” nos distritos de Aileu, Ainaro, Baucau, Díli, Lautém e Manufahi. O caso reportado mais recuado no tempo em que alguém foi “mandado para a escola” foi em Ainaro, em 1976.<sup>221</sup> A expressão também foi usada no contexto dos desaparecimentos que se seguiram aos ataques das Falintil em Díli, em Junho de 1980 e que acompanharam a *Operasi Persatuan* (Operação Unidade) em 1983/1984.<sup>222</sup> Mas o número mais elevado reportado à Comissão de casos de pessoas que “foram para a escola” ocorreu em 1978/1979. Do ponto de vista da Comissão, a utilização repetida e generalizada deste e de outros eufemismos é prova de que os militares indonésios e os seus coadjuvantes executavam as suas vítimas segundo um procedimento operacional tipificado que emanara de níveis mais elevados da cadeia de comando.

Em muitos dos casos do período 1978/1979, foram os dirigentes da Fretilin e os comandantes das Falintil que se tinham rendido que foram “enviados para a escola”.

Em Março de 1979, num de vários casos de desaparecimento envolvendo antigos dirigentes da Fretilin ou comandantes das Falintil reportados de Manufahi por volta dessa época<sup>XL</sup>, seis dirigentes da Fretilin que se tinham rendido em Betano (Same, Manufahi) com um grande grupo de pessoas em Novembro foram postos a construir estradas. Pouco tempo depois, os seis — José da Conceição, Francisco da Conceição, Franco da Costa, Paulino Teli, Martinho Aulaku e Sebastião Nunes — foram convocados por dois funcionários locais timorenses e informados de que todos, à excepção de um, iriam ser “mandados para a escola”. Cinco nunca mais foram vistos. O sexto, José da Conceição, foi obrigado a juntar-se à *Hansip*.<sup>223</sup>

Três membros importantes da Resistência, do Sector Centro Norte, Domingos Damião, comandante de uma companhia das Falintil, Anacleto Mendonça, outro comandante das Falintil e António Sarmiento, delegado, renderam-se em 1978 e foram recrutados como *Hansip*. Em Março ou Abril de 1979, quando a *Hansip* local desfilava em parada nas instalações do RTP 6 e RTP 8 na vila de Aileu, os três foram chamados pelo nome e mandados apresentar-se na casa do comandante militar distrital (*Dandim*). A última vez que os três foram vistos estavam a ser transportados numa coluna de jipes militares indonésios. No dia seguinte, um capitão do exército indonésio foi a casa de António Sarmiento para devolver o relógio e aliança de casamento deste. O capitão disse que as vítimas “estavam a estudar numa escola”. No mesmo dia, a esposa de Anacleto Mendonça também recebeu a visita de um capitão. Também ele lhe entregou o relógio e aliança do marido. No entanto, a sua explicação sobre o paradeiro de Anacleto foi diferente: o capitão disse que Anacleto “foi para a guerra” no Leste.<sup>224</sup>

<sup>XL</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n.ºs 03429 e 03401 e CAVR, Perfil Comunitário de Debu-Waen, vila de Mahaquidan, subdistrito de Alas, distrito de Manufahi.

Em Parlamento (Moro, Lautém) oito *Hansip* — Horácio Silveira Lopes, Amaro Amaral, Inácio dos Santos, Venâncio Gusmão, Rodolfo da Costa Júnior, Sebastião Maria Lourdes Oliveira, Justino dos Santos e Domingos Dias dos Santos — foram chamados ao *Koramil* a 14 de Maio de 1979, suspeitos de terem estado em contacto com um comandante das Falintil. Sete deles foram mais tarde vistos a serem levados por tropas pertencentes ao Batalhão 745. Apenas um dos sete regressou. Os familiares dos homens desaparecidos foram informados repetidamente que tinham “ido para a escola”. Vários depoentes disseram que tinham acabado por saber que os seus familiares tinham sido mortos perto das instalações do Batalhão 745 em Assalaino (Fuiloro, Lospalos, Lautém) e Sepelata (Bauro, Lospalos, Lautém). Os corpos de duas das vítimas foram mais tarde encontrados em Assalaino e o de outra em Sepelata.<sup>225</sup>

*Por vezes, quando uma família ouvia dizer que um familiar tinha “ido para a escola”, concluía imediatamente que fora assassinado.<sup>XLi</sup> Tal era particularmente óbvio quando, por exemplo, uma vítima que tinha supostamente sido “enviada para a escola em Jacarta” era iletrada.<sup>226</sup> Noutros casos quando, por exemplo, os familiares eram informados de que as vítimas iam ser enviadas para cursos sobre Pancasila, a ideologia do Estado indonésio que era obrigatória para os funcionários públicos indonésios, a explicação podia parecer inicialmente convincente e apenas com o passar do tempo os familiares acabavam por compreender o verdadeiro significado daquilo que lhes tinha sido dito.<sup>XLii</sup>*

*Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de civis e combatentes que se tinham rendido e sido capturados*

Durante os anos de 1976/1979, várias centenas de milhares de civis timorenses desceram das montanhas ou saíram do mato e renderam-se. As rendições aconteceram a um ritmo constante ao longo de 1976 e 1977, e depois aumentaram em 1978. Na segunda metade de 1978, as rendições atingiram um novo pico quando as forças indonésias ocuparam as últimas bases da Resistência (ver Parte 3: História do Conflito). Ao renderem-se, os civis foram submetidos a um processo de selecção, destinado a determinar se tinham sido membros da Fretilin ou das Falintil e, em caso afirmativo, se tinham ocupado posições de liderança. As execuções e os desaparecimentos foram consequência frequente desse processo. Membros conhecidos da Fretilin, civis suspeitos de manterem actividades clandestinas e combatentes que se tinham rendido foram as vítimas mais usuais. Os homicídios e os desaparecimentos atingiram a sua maior intensidade na primeira metade de 1979, vários meses após as rendições em massa do final de 1978 e no período em torno do fim da *Operasi Seroja*, no final de Março de 1979.<sup>XLiii</sup>

*Mortes e desaparecimentos sob custódia militar e após rendição ou captura*

Muitos homicídios de civis que se haviam rendido foram casos evidentes de execução sumária.<sup>227</sup> Por exemplo:

<sup>XLi</sup> Ver, por exemplo, o HRVD, Testemunho nº 03401, em que, quando o depoente foi informado de que a sua filha “fora para a escola”, compreendeu imediatamente que tinha sido assassinada.

<sup>XLii</sup> Ver os Testemunhos nº 05365, 05369, 05376 e 05364. O MPR organizara estes cursos, conhecidos como P-4 (*Pedoman Penghayatan dan Pengamalan Pancasila*), no âmbito do Tap MPR No. II/ MPR/1978.

<sup>XLiii</sup> A 26 de Março de 1979, o comando operacional especial, *Komando Tugas Gabungan Seroja (Kogasgab Seroja)*, foi abolido e as actividades operacionais dos militares em Timor Leste foram colocadas sob as ordens de um novo Comando Sub-regional (*Korem*), denominado *Korem 164/Wira Dharma*, que constituía o topo de uma estrutura territorial que se estendia até ao nível das aldeias. Esta alteração, ajustando as estruturas militares indonésias em Timor Leste àquelas que existiam na própria Indonésia, destinava-se a indicar que a Resistência fora vencida e que Timor Leste tornava-se uma província indonésia [ver Parte 4: Regime de Ocupação, secção sobre As Forças Armadas indonésias e o seu Papel em Timor-Leste].

- Em 1976, um membro das Falintil, Loe-Sili, foi capturado por cinco elementos das Forças Especiais indonésias em Mabil-Loa, Saburai (Maliana, Bobonaro). Imediatamente após a sua captura e interrogatório, os soldados mataram-no.<sup>228</sup>
- Um membro da Fretilin, Dasbere, foi detido a 5 de Maio de 1976 por elementos do Batalhão 403 em Leimea Leten (Atsabe, Ermera). Foi levado para Clikata. Os soldados indonésios fizeram-no posar com uma bandeira portuguesa e tiraram-lhe fotografias. Depois mataram-no.<sup>229</sup>
- A 9 de Dezembro de 1976, quatro soldados indonésios detiveram Raimundo Pereira e Berleto Moniz em Matai (vila de Suai, Covalima) depois de terem sido informados por um membro do partido Apodeti de que eram membros da Fretilin. Os dois foram levados para Tua-Laran e mortos.<sup>230</sup>
- Em 1978, uma mulher chamada Guilhermina foi capturada por tropas do Batalhão 503 em Leorema (Bazartete, Liquiça). Os soldados encontraram um cartão da OPMT (a organização de mulheres da Fretilin, Organização Popular de Mulher Timorense) na sua posse. Ela foi imediatamente executada.<sup>231</sup>
- Em 1978, um pai e um filho, Uatu Suu e Kenawatu, foram capturados em Nabolu, Uaioli (Venilale, Baucau) por uma força *Hansip* comandada por M314. Foram depois mortos e os seus corpos deixados onde tinham tombado. O filho de sete anos de Uatu Suu, que testemunhara os homicídios, foi levado por dois *Hansip* e viveu com eles em Ossu (Viqueque) até 1995, altura em que os seus familiares o levaram de volta para Venilale.<sup>232</sup>

Em 1978, quando a ofensiva indonésia contra a Resistência atingiu o seu auge, grupos de civis foram atacados tanto quanto tentaram render-se como quando tentaram resistir no mato. Dois relatos do subdistrito de Natarbora em Manatuto ilustram o dilema que as pessoas enfrentavam na altura:

- Em Natarbora, algures em 1978, quando muitos civis se estavam a render, o padre Carlos pediu a um grupo de civis que já se rendera que regressasse ao mato e trouxesse de volta as pessoas que estavam gravemente doentes para que pudessem ser tratadas. Quando o grupo saiu do mato, foi atacado por uma unidade do *Kopassandha*. Uma pessoa, César Gonçalves, morreu no ataque.<sup>233</sup>
- Em Novembro de 1978, forças indonésias trouxeram Francisco Xavier do Amaral, o antigo presidente da Fretilin, de avião até Natarbora para que convencesse as pessoas que ainda resistiam nessa região a render-se. Em consequência do apelo de Xavier do Amaral, muitas pessoas renderam-se, mas outros não o fizeram. Uma vez que os indonésios sabiam que ainda havia muitas pessoas que se recusavam a render-se, deitaram fogo ao mato, e muitos foram os que morreram queimados.<sup>234</sup>

A 18 de Novembro de 1978, tropas da unidade de fuzileiros *Pasmar 9* e membros da *Hansip* detiveram oito civis e levaram-nos para as instalações da Polícia Militar na aldeia de Laga (Baucau). Durante o mês e meio de cativo, os oito foram interrogados e sujeitos a várias formas de tortura, incluindo o estrangulamento e os choques eléctricos nos órgãos genitais. Três elementos do grupo, Naunoto, Domingos e Nokorika, foram levados pela Polícia Militar e desapareceram.<sup>235</sup>

A 16 de Dezembro de 1978, João Pereira foi detido em Buibau (Baucau, Baucau) e preso nas instalações do *RTP 18 (Resimen Tim Pertermpuran, Regimento de Equipa de Combate)*, localizado em Buibau. Durante esse período foi espancado. A 21 de Dezembro, um membro do comando militar distrital de Baucau (*Kodim*) veio às instalações do *RTP* e levou o depoente e cinco outros prisioneiros, que espancou. Um comandante *Hansip*, chamado M315, levou dois dos presos, Mateus Ximenes e Ernesto Ximenes, para a ribeira de Wesele e matou-os a tiro. Os outros quatro prisioneiros foram depois autorizados a regressar a casa.<sup>236</sup>

Pessoas que se tinham rendido recentemente ou que tinham sido capturadas também morreram em cativeiro em resultado das torturas e maus-tratos sofridos durante os interrogatórios:

Pouco depois de Celestino Pinto e sua esposa terem descido do Monte Matebian em 1978, ele foi detido na vila de Uatu-Lari (Viqueque) por elementos do *Kopassandha* e *Hansip* por suspeita de ter estado em contacto com dois membros das Falintil, António e Jorge. Os seus interrogadores agrediram-no e pontapearam-no durante todo um dia enquanto tentavam extrair informações acerca dos dois membros das Falintil. Ele morreu no dia seguinte, dos ferimentos sofridos.<sup>237</sup>

### **A execução em massa de civis capturados em Turiscai**

Felismina Soares é a única testemunha ocular sobrevivente da execução em massa de 13 homens de Turiscai (Manufahi) a 22 de Fevereiro de 1979.

As vítimas viviam com muitos outros num local chamado Sabailolo na aldeia de Foholau, depois de terem fugido das suas habitações na vila de Turiscai, quando as tropas indonésias avançaram sobre esta em Fevereiro de 1976.<sup>238</sup> A 22 de Fevereiro de 1979, um grupo de *Hansip* locais sob o comando de M316 reuniu e deteve cerca de 30 homens, mulheres e crianças em Sabailolo e começou a levá-las de volta para a vila de Turiscai. Quando o grupo chegou à ribeira próxima de Sabailolo, M316 ordenou aos seus soldados que buscassem os 13 homens do grupo. Em seguida, os homens foram separados das mulheres.

Onze dos 13 homens foram levados para junto de uma ravina sobranceira à ribeira. Felismina Soares só se recorda dos nomes de oito dos 11: Beremali, Ta Mali, Bere Leki, Mau Leki, Mau Leki, Maubere, Maubere, outro Maubere. M316 ordenou a três dos seus homens, cujos nomes não recordava, que matassem os 11 a tiro e depois lançassem os seus corpos na ravina. Depois, e como se fizesse tarde, os *Hansip* e os membros sobreviventes do grupo dormiram no local onde ocorrera a execução. No dia seguinte, M316 ordenou aos sobreviventes que prosseguissem a viagem para Turiscai. Pelo caminho, revistou os dois homens que tinham sobrevivido, o antigo chefe de aldeia de Liurai, Sebastião, e o seu irmão, e roubou-lhes os pertences. M316 ordenou depois que os dois fossem mortos a tiro. Os seus corpos não foram sepultados. M316 ainda vive em Timor-Leste<sup>239</sup>

*Mortes seleccionadas de dirigentes e de elementos suspeitos de pertencerem à Fretilin/Falintil após a sua rendição ou captura*

Existe um padrão claro na actuação das *ABRI* de escolha como alvos, entre a população civil que se rendera, de elementos suspeitos de pertencerem à Fretilin. A Comissão recebeu informações sobre numerosos casos de execução de civis suspeitos de serem membros da Fretilin, ou de terem ligações a esta organização.<sup>240</sup>

Por vezes, aqueles que eram mortos já estavam a viver há algum tempo sob controlo indonésio mas tornavam-se suspeitos, possivelmente apenas por ser descoberta a sua ligação à Fretilin:

- Em Março de 1976, membros da *Hansip* capturaram um homem chamado Maukei em Suro Kraik (Ainaro, Ainaro) e prenderam-no em Leolima (Hato Udu, Ainaro). Em Abril de 1976, foi levado para Luro em Leolima, onde juntamente com outros quatro indivíduos de Suro Kraik, foi assassinado por seis membros da *Hansip*, alegadamente por ordem do administrador do subdistrito (*camat*), M316, de Hato Udu e soldados do Batalhão 327 que estavam estacionados em Hatu-Udo à época. Maukei foi detido e morto porque fora um delegado da Fretilin e era suspeito de auxiliar a Fretilin no mato e, por isso, de ter "duas caras".<sup>241</sup>
- A 20 de Setembro de 1978, Umberto Xavier, um antigo delegado da Fretilin, e a sua esposa, Bicolo, que era membro da Fretilin, foram mortos por elementos da *Hansip* em Gourema, Fatukero (Railaco, Ermera), algum tempo depois de terem sido capturados por forças indonésias.<sup>242</sup> Em 1979, um pelotão da *Hansip* espancou e torturou sete membros de uma família que tinham detido por terem sido identificados como simpatizantes da Fretilin. Vários deles foram espancados tão violentamente que ficaram com maxilares partidos e lesões graves na cabeça. Um dos elementos da família, Artur Mendonça, morreu em resultado dos ferimentos sofridos, e outro membro do grupo, Orlando Mendonça, foi levado para Maubisse (Ainaro) onde foi assassinado.<sup>243</sup>

As pessoas suspeitas de serem membros da Fretilin/Falintil podiam ser mortas imediatamente após a sua rendição ou captura.<sup>244</sup> Luís Pereira descreveu o padrão de homicídios seleccionados de elementos das Falintil em Manatuto:

*Se um Fretilin [Falintil] armado se rendia, [ele não passava] por um processo normal, mas era tratado separadamente. Todos eram interrogados pela Intel [serviços de informação militares], uma equipa de investigação militar que chegara de Manatuto. Todas as decisões sobre o destino a dar aos prisioneiros eram claramente tomadas a nível interno pelos militares. Frequentemente, os Fretilin [Falintil] eram autorizados a regressar a casa. No entanto, podia acontecer que um ou dois meses mais tarde fossem detidos em suas casas e mortos. Tonsus, ou outra pessoa com ordem para os ir buscar, levava-os para as instalações do Kopassus. Depois de o Kopassus ter tomado uma decisão, eles eram mortos. Se lhes amarravam as mãos atrás das costas, o assassinio era perpetrado pelo Tonsus. Os únicos que tinham autoridade para ordenar um homicídio eram os Kopassus.*<sup>245</sup>

Os fundamentos nos quais os militares indonésios se baseavam para concluir que tais pessoas eram membros dessas organizações eram frequentemente ténues. Em casos que foram reportados à Comissão, a posse de um livro era considerada uma prova de que a pessoa fora um quadro da Fretilin e a inspecção das mãos daqueles que se rendiam em busca de calosidades era um modo habitual de determinar se alguém fora guerrilheiro das Falintil. Num caso, o nome do suspeito foi considerado pelas *ABRI* motivo suficiente para o assassinar:

- João de Deus relatou como, quando se rendeu ao Batalhão 512 em Letefoho (Ermera) em 1976, foi preso porque os soldados encontraram um cartão de membro da Fretilin no seu bolso. Ele esteve preso com duas outras pessoas. Uma delas era Nicolau Rosa. Nicolau foi morto porque tinha o mesmo nome do dirigente da Fretilin, Nicolau Lobato.<sup>246</sup>
- Quando um grupo se rendeu ao Batalhão 312 em Haeconi (Baguia, Baucau), em Matebian Feto, em Outubro de 1978, os soldados escolheram três homens, Luís Lopes, Basílio e Moisés, porque tinham o cabelo longo e eram suspeitos de serem guerrilheiros das Falintil. Os três foram separados do resto do grupo e nunca mais foram vistos.<sup>247</sup>
- Em Março de 1976, Armindo Gonçalves Martins e Maria Fátima renderam-se ao Batalhão 507 em Bonuk em Holbelis, Labarai (Suai, Covalima) com um grupo de cerca de 500 civis. Os soldados suspeitaram que Armindo fora um guerrilheiro da Fretilin. Separaram-no dos outros e mataram-no.<sup>248</sup>

Uma consequência deste processo de selecção grosseiro foi que muitos guerrilheiros comuns das Falintil e pessoas que não tinham participado nos combates acabaram por ser executadas. Por exemplo:

- Mau Buti e Lelo Sea eram soldados das Falintil que se renderam em 1978. Foram detidos em Fevereiro em Rotuto, Same, Manufahi por ordem das *ABRI*. Depois foram levados, a pretexto de irem recolher comida, mas foram mortos a tiro por dois timorenses, um dos quais era o chefe da aldeia.<sup>249</sup>
- Em Agosto de 1978, António da Costa Gono, um guerrilheiro das Falintil, rendeu-se às *ABRI* em Manatuto. À meia-noite foi levado por um grupo de soldados, incluindo três elementos timorenses das *ABRI*. Foi levado para o posto da Polícia, preso e torturado. Daí foi levado para as instalações locais dos militares, localizadas no Hotel Asiceo, onde desapareceu.<sup>250</sup>
- Também em Agosto de 1978, um membro das Falintil chamado Kai Fonok rendeu-se com 31 civis da sua base em Hali Oan (Lacluta, Viqueque). Três dias mais tarde, Kai Fonok foi chamado por elementos da *Hansip* e mandado seguir com eles para o mato a fim de recuperar armas deixadas pelas Falintil. Uma vez no mato, os elementos da *Hansip* mataram-no a tiro.<sup>251</sup>
- Em 1979, soldados o Batalhão 202 capturaram Jaco Reis, um antigo comandante de pelotão das Falintil, e os civis Naha Kai, o seu irmão mais novo, Sigi Kai, Uatumau, e uma outra pessoa não nomeada em Coleigo Uaida (Ossu, Viqueque). Depois de serem interrogados pelo comandante no *Koramil* de Ossu, foram presos no posto do Batalhão 202 e nunca mais vistos.<sup>252</sup>

A Comissão recebeu depoimentos de diversas fontes indicando que após a queda da base da Resistência de Matebian, muitas pessoas suspeitas de pertencerem à Fretilin ou às Falintil foram executadas.

- A 25 de Novembro de 1978, três homens, Pedro Alves Cabral, Laiara e José Ximenes, desceram para Umurafa, no sopé do Monte Matebian, em Quelicai, e foram capturados por elementos do Batalhão 312. Os soldados indonésios acusaram os três de serem comunistas, amarraram-nos e agrediram-nos com as coronhas das armas. Os soldados pontapearam Pedro Alves Cabral repetidamente na cabeça, vazando-lhe um olho. Os três homens foram depois colocados no bordo de uma ravina e mortos a tiro.<sup>253</sup>
- Quando Luís Soares dos Santos desceu de Matebian e se rendeu com a sua família em Atelari (Laga, Baucau) em 1979, os soldados indonésios encontraram na sua posse um saco contendo duas granadas. Levaram-no para o posto que tinham em Atelari para investigação. Ele foi autorizado a regressar ao “campo de reinstalação” onde a sua família estava a viver. Alguns dias mais tarde, foi anunciado que as pessoas que se encontravam no campo de reinstalação podiam regressar às suas habitações. No entanto, ao mesmo tempo, Luís Soares dos Santos e os seus três irmãos que tinham estado no mato com ele foram detidos pela *Hansip* e levados para Baucau a fim de, segundo os elementos da *Hansip*, prosseguirem a investigação. Passada uma semana os três irmãos regressaram, mas Luís nunca chegou a fazê-lo.<sup>254</sup>
- Em Dezembro de 1979, Carolino Ximenes foi capturado em Matebian por soldados indonésios do Batalhão 502 juntamente com 47 outros homens, todos suspeitos, aos olhos dos soldados indonésios, de serem guerrilheiros das Falintil. Segundo o depoente, os homens eram na realidade civis. As famílias foram informadas de que os homens capturados iriam para a escola e regressariam a casa uma vez terminada esta. Nunca voltaram a aparecer.<sup>255</sup>
- Depois de terem descido de Matebian em Novembro de 1978, as pessoas da aldeia de Afaloicai (Uatu-Carbau, Viqueque) foram mandadas reunir-se num campo pelo Batalhão de Infantaria 502. Os soldados indonésios escolheram 13 homens com um aspecto físico mais robusto que disseram iriam trabalhar como *TBO*. Os 13 foram levados para as antigas instalações da administração portuguesa, onde foram amarrados e interrogados durante dois dias, enquanto lhes eram administrados choques eléctricos. Entretanto, cinco elementos da *Hansip* foram mandados cavar sepulturas para os 13 num local chamado Garaulu em Afaloicai. Dois dias após terem sido levados para interrogatório, os 13 homens foram transportados para Garaulu e mortos a tiro por membros do Batalhão 502. Os cinco elementos da *Hansip* estiveram presentes nas execuções e, uma vez terminadas, foi-lhes ordenado que sepultassem os 13 cadáveres. Segundo um informador, que era um *Hansip* em Uatu-Carbau na altura das execuções mas que fora anteriormente um comandante das Falintil responsável pelas 13 vítimas, estas eram soldados das Falintil.
- Uma semana mais tarde, o comandante do Batalhão 502 ordenou às *Hansip* que cavassem mais duas sepulturas em Garaulu. Dois homens, Carlos da aldeia de Irabin Leten em Uatu-Carbau e Armindo de Baguia (Baucau), que eram suspeitos de terem estado em contacto com os guerrilheiros, foram então executados na presença do vice-comandante do *Koramil*, M318. A Comissão recebeu informações sobre sete outros homens que foram mortos em Uatu-Carbau em Dezembro de 1978 por soldados do Batalhão 502 pouco tempo depois de se terem rendido. Pelo menos três deles — Borloi, Gaspar Asukai e Belarmino Maunaha, todos da aldeia de Bahatata em Uatu-Carbau — foram aparentemente alvo da acção dos militares por causa da sua compleição física robusta.<sup>256</sup>
- A Comissão recebeu testemunhos implicando cada uma das unidades militares envolvidas no assalto a Matebian, no homicídio ou desaparecimento de civis ou de combatentes fora dos combates, no período que rodeou a queda da base.<sup>257</sup> Nos meses que se seguiram às rendições em massa no Monte Matebian, vários desses batalhões, incluindo principalmente os Batalhões 202, 502, 721 e 745, foram perpetradores directos de execuções em massa de pessoas ligadas à Fretilin e às Falintil e que tiveram lugar no início e em meados de 1979 em Baucau, Viqueque, Lautém e Manatuto (ver adiante).

Por exemplo, diversos testemunhos recebidos pela Comissão referem o desaparecimento de pessoas que tinham sido levadas para as instalações do Batalhão 202 em Uaida, Ossu de Cima (Ossu, Viqueque). Em 1979, pouco depois de se ter rendido em Uatu-Lari e de ser deslocado para a vila de Ossu, Afonso da Silva foi à sua aldeia natal de Nahareka (Ossu, Viqueque) em busca de comida para aliviar a fome da família. Aí encontrou um comandante das Falintil chamado Rosito, que era um velho amigo seu. Foi visto a abraçar e a conversar com Rosito por dois homens que o denunciaram ao Batalhão 202 na vila. Ao regressar à vila, Afonso da Silva foi detido e levado para as instalações do batalhão em Uaida (Ossu). Desde então, a sua esposa nunca mais ouviu falar do que lhe sucedeu.<sup>258</sup>

## Mortes após a queda das bases de apoio

A Comissão recebeu depoimentos desenvolvidos sobre o homicídio sistemático de dirigentes da Fretilin e comandantes das Falintil. Recebeu também indícios de que estes homicídios seleccionados ocorreram em todos os anos do período entre 1976 e 1979. No entanto, segundo as informações recebidas, o maior número desta categoria de homicídios ocorreu em 1978/1979. A concentração de homicídios de dirigentes da Fretilin e comandantes das Falintil na primeira metade de 1979, meses e, por vezes anos, depois de muitos deles se terem rendido ou terem sido capturados e a sua natureza generalizada indica que os homicídios foram sistemáticos e que resultaram de uma decisão de alto nível para impedir o ressurgimento da Resistência, eliminando os elementos sobreviventes da liderança.

As palavras de um prisioneiro em Baucau descrevem o clima de medo constante da época:

*O tópico habitual das conversas do dia-a-dia era os crimes: mais dois tinham sido assassinados, não-sei-quem foi chamado pelo Kotis [Comando Tático] ou pelos RTP [Regimentos de Equipas de Combate] para ser interrogado; não-sei-quem foi torturado no Flamboyán; não-sei-quem já desapareceu; e coisas do género.*<sup>259</sup>

A natureza sistemática desta operação era evidente para os presos, bem como para a população em geral, lançando o sobressalto até em locais (como Suai) onde os combatentes e activistas rendidos e capturados não tinham sido levados a desaparecer, mas temiam-no.<sup>260</sup>

Em 1977, o Presidente Suharto prometeu amnistia a todos os combatentes da Fretilin, oferecendo-lhes uma garantia de segurança caso se rendessem. Muitos líderes da Fretilin e das Falintil também negociaram termos de rendição com os militares indonésios e com membros timorenses da administração civil, que incluíam garantias semelhantes para eles próprios e para a população que se rendesse com eles. Tanto a amnistia presidencial como os arranjos a nível popular foram sistematicamente quebrados.

Em Agosto ou Setembro de 1978, a assistente da Fretilin, Merita Alves, na altura presa em Díli, recebeu uma carta em inglês de Alarico Fernandes, com o cabeçalho “*Sky Light*”. A carta descrevia um plano para negociar a rendição dos seus parceiros e seguidores, então na floresta, com os serviços de informação indonésios. Embora Alarico Fernandes tenha sobrevivido, muitos outros do grupo “*Sky Light*” não sobreviveram. Sebastião Montalvão (Lais), Afonso Redentor, António Pinheiro (Botemau), Amadeo de Coelho (Surik) e João Bosco Galucho Soares encontram-se entre os desaparecidos. Pensa-se que Sebastião Montalvão tenha sido levado de helicóptero para Remexio (Aileu), após a sua rendição, onde terá sido executado.<sup>261</sup>

Segundo as informações recebidas, embora muito antigos líderes da Resistência que desapareceram ou foram executados após a captura ou a rendição tenham ficado presos durante um período longo a fim de serem interrogados, ou libertados da prisão antes de desaparecerem ou serem executados, outros, nomeadamente António Carvarino (Mau Lear),

Hamis Bassarewan (Hata), Hermenegildo Alves e César Mau Laka, terão sido mortos pouco depois de ficarem sob a custódia dos militares indonésios e outros, como Bi Lear (Maria do Céu Carvarino) desapareceram algum tempo depois de se renderem, mas sem nunca chegarem a entrar no sistema de prisão (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos).

César Mau Laka, membro do Comité Central da Fretilin e Comissário Político do Sector da Fronteira Sul, foi capturado por tropas das *ABRI* em Manuwen, uma região entre Natarbora e Manatuto, em Novembro de 1978, e levado para Dilor (Viqueque), onde foi preso e interrogado pelos militares durante alguns dias, tendo sido torturado e ameaçado de execução. Um oficial de alta patente das *ABRI* chamado Sutarto (provavelmente o brigadeiro-general Damianus Sutarto, à data, comandante do Comando das Operações de Segurança [*Koopskam*] para Timor Leste) dirigiu-se ao local de helicóptero para falar com César Mau Laka. Sutarto incitou-o a colaborar e a dizer-lhe onde eram as bases da Fretilin e das Falintil. César recusou-se a falar. Sutarto partiu. Nessa noite, César Mau Laka foi levado e não voltou a aparecer.<sup>262</sup>

Bi Lear (Maria do Céu Carvarino) era assistente da Fretilin e conselheira política da CPN (Comissão Política Nacional). Em Fevereiro de 1979, o seu marido, Mau Lear, o vice-presidente da Fretilin, foi capturado perto de Manatuto. Pouco depois, Bi Lear tentou negociar a sua rendição no campo de concentração junto a Ostico (Baucau, Baucau), onde outros líderes da Fretilin já se tinham rendido.<sup>263</sup> O Padre Locatelli, agiu como intermediário na rendição de Bi Lear e ela foi levada para Venilale (Baucau), onde ficou em casa de um colaborador timorense e sob o controlo da Polícia Militar até Abril. Durante este período, foi visitada em duas ocasiões pelo comandante do Comando Sub-regional (*Danrem*) de Timor-Leste, coronel Adolf Sahala Rajagukguk. Embora o objectivo destas visitas não seja conhecido, é provável que Bi Lear tenha sido pressionada para contactar membros da Resistência ainda activos. Pouco depois, Bi Lear foi levada e desapareceu.<sup>264</sup>

Esta secção centra-se no impacto da campanha coordenada de execuções e desaparecimentos em 1979 em Díli, Baucau, Lautém, Manufahi e Viqueque. A campanha estendeu-se a outros distritos, incluindo Aileu (ver Caixa: “Ele foi para a escola”, supra) e Manatuto (ver Quadro: Mortes no distrito de Manatuto, Fevereiro a Abril de 1979, adiante), onde foi reproduzido o padrão de marcar como alvos pessoas que tinham sido membros activos da Fretilin e das Falintil, incluindo muitas que foram recrutadas para instituições como a *Hansip*.

## Díli

**Table 11 - Pessoas referidas como estando sob custódia em Díli antes do seu desaparecimento/execução**

	Posição	Data da Morte/desaparecimento	Local da Morte/desaparecimento	Fonte
Adão Cristovão	<i>Tonsus</i>			
Agostinho Tilman				
Alito Alves				
Aníbal Araújo	CCF			
António Carvarino (Mau Lear)	CCF			
António Policarpo				
Cornélio Exposto				
Domingos Ribeiro	Chefe do Estado-Maior, Falintil			
Duarte da Silva		Abril 1979	Díli	
Filomeno Alves				
Filomeno				

Exposto				
Hamis Bassarewan (Hata)	CCF			
Horácio Alves				
Inácio Fonseca (Solan)	CCF			
Jacob Ximenes				
João Baptista de Jesus	Comandante de Sector			
João Bosco Sarmento Quintão	CCF	14 de Abril de 1979	Díli	HRVD, Testemunho nº 03759
João Bosco Galucho Soares	CCF			
João da Conceição	CCF	14 de Abril de 1979	Díli	
Maria Borges		8 de Março de 1979	Díli	
Juvenal Inácio (Sera Key)	CCF			
Leopoldo Joaquim				
Manecas Exposto		Abril de 1979	Díli	
Maria Goreti Joaquim				
Mateus Barbosa		8 de Março de 1979	Díli	HRVD, Testemunho nº 05775
Mateus Siqueira		8 de Março de 1979	Díli	
Moisés Rafael Tilman		10 de Abril de 1979	Díli	
Olhada			Díli	
Onório Pereira				
Óscar Leopoldino Araújo	CCF			
Paulino Pereira				
Paulo Mesquita				
Paulo Rodrigues	CCF			
Sebastião Sarmento				
Sebastião Montalvão				
Vítor Fernandes		Maio de 1979	Díli	

Fontes: HRVD, Testemunhos n.ºs 03529, 03602, 03759, 05671, 08037, 08041 e 08115.

Muitos altos dirigentes da Fretilin e comandantes das Falintil foram levados para Díli e presos na Comarca (Balide, Díli) ou no centro de interrogatório de Sang Tai Hoo.<sup>265</sup> A maioria desapareceu subsequentemente, por volta de Março/Abril de 1979, incluindo alguns que tinham sido libertados da prisão para depois serem novamente detidos. Segundo as informações recebidas, vários foram levados para locais de execução perto de Díli, como Tacitolu, a Oeste de Díli, e Areia Branca, a Leste; outros foram transferidos para centros de detenção fora de Díli, onde permaneceram até serem executados em locais próximos<sup>266</sup>.

Merita Alves rendeu-se em Ilimano (Lacló, Manatuto), a 20 de Julho de 1978. As ABR/ suspeitavam que ela fosse mulher de uma pessoa importante da floresta porque ela parecia saudável e bem alimentada. Depois de a interrogarem no posto, as ABR/ levaram-na para Díli, a

22 de Julho, onde ela passou a noite em casa de um familiar. No dia seguinte, foi levada por agentes dos serviços de informação para o centro de interrogatório de Sang Tai Hoo, onde permaneceu até Dezembro de 1978. Em Janeiro de 1979, foi transferida para o centro de interrogatório do *Kotis*, na prisão do Farol. Alguns prisioneiros do Sang Tai Hoo podiam ir a casa, mas tinham de se apresentar duas vezes por dia no *Kotis*.<sup>267</sup> Em Março de 1979, a maioria dos prisioneiros libertados voltaram a ser detidos e os que foram presos com ela tornaram-se vítimas do que Merita Alves chamava “ataques nocturnos” (*penangkapan malam*): eram levados e desapareciam:

*Todas as noites, os militares levavam presos, que desapareciam ou eram mortos. A operação "ataque nocturno" começou em Março de 1979 Naquela altura, todos os que tivessem ligações com a Fretilin corriam o risco de serem assassinados ou de desaparecerem...Depois de sofrer várias formas de tortura, fui libertada em Agosto de 1979. O resto do grupo foi morto.*<sup>268</sup>

Durante este período, outros encontravam-se presos na Comarca, Balide, mas eram regularmente levados para o Sang Tai Hoo e depois para o *Kotis*, no Farol, para serem interrogados. Segundo as informações recebidas, algumas das figuras de liderança que estiveram presas da Comarca e desapareceram posteriormente foram: João da Conceição, João Bosco Sarmento Quintão, Inácio Fonseca (Solan) e Domingos Ribeiro. Segundo as informações recebidas, João da Conceição e João Bosco Quintão foram levados da Comarca em Fevereiro de 1979 por tropas do *Kopassandha* e não voltaram a ser vistos. Segundo as informações recebidas, Domingos Ribeiro foi levado da Comarca na noite de 18 de Abril de 1979 com vários outros, incluindo Manecas Exposto (que tinha voltado a ser detido pouco antes) e Meno Alves. Pensa-se que tenham sido executados na Areia Branca e em Tacitolu.<sup>269</sup>

Segundo as informações recebidas, outras pessoas que desapareceram de Díli foram levadas para outros locais para serem executadas. Solan, por exemplo, terá sido levado da Comarca em finais de Fevereiro e pensa-se que tenha sido transferido para o quartel-general do *RTP 16* em Baucau, antes de ser levado para Lacudala, em Quelicai (Baucau), em finais de Abril de 1979, e executado.<sup>270</sup> Outros que tinham sido libertados após um curto período de prisão no Sang Tai Hoo e depois detidos novamente também poderão ter sido enviados para Baucau, antes de serem executados em Lacudala, Lospalos (Lautém) ou em Uatu-Lari (Viqueque). Entre estes contam-se: Sera Key (Juvenal Inácio), Leopoldo Joaquim, Aníbal Araújo e José Alcino João Baptista Soares de Jesus.

Maria de Fátima Vaz de Jesus, funcionária da OPMT, e o seu marido, João Baptista Soares de Jesus, comandante do Sector da Fronteira Sul, foram capturados num local chamado Lobata, na zona de Halic, Covalima, em 17 de Maio de 1978. Só foram levados para o Sang Tai Hoo, em Díli, por volta de Novembro de 1978, depois de passarem tempo presos em Bobonaro e em Liquiça. Quando o Sang Tai Hoo deixou de funcionar como centro de interrogatório, ambos tiveram de se apresentar diariamente no quartel-general do *Kotis*, no Farol. A 19 de Março de 1979, João Baptista Soares de Jesus desapareceu, depois de se apresentar no *Kotis*.<sup>271</sup>

Maria de Fátima Vaz de Jesus disse à Comissão:

*Sempre que eu perguntava pelo meu marido, o TNI respondiam: "Talvez ele tenha voltado para a floresta"...Por vezes, queremos esquecer, mas não conseguimos porque o nosso coração ainda dói. É difícil, porque ainda não sabemos ao certo onde estão os ossos dele. Onde é que o mataram e enterraram? O meu filho, quando era pequeno, perguntava-me com frequência: "Porque não perguntas aos manda-chuva onde é que o pai foi morto? Onde é que foi enterrado?" Ele era apenas uma criança, mas também queria saber e isso não era fácil.<sup>272</sup>*

A Comissão tomou conhecimento dos nomes de muitos dos funcionários indonésios que trabalhavam no Sang Tai Hoo e no quartel-general do *Kotis*. O Sang Tai Hoo era dirigido pelo major Bambang e o centro de interrogação do *Kotis* pelo major Syamsun. O comandante geral do *Kotis* foi identificado como sendo o major Sunarto. Alguns dos outros que também realizavam interrogatórios nestes locais eram o major Sinaga, o major Ganap, o major Mukhdi, o capitão Ali Musa, o major Sutorus, o major Yani, um certo major Freddy e outros, como Gunardi e Aziz Hasyim, cuja patente é desconhecida. Pensa-se que muitos destes oficiais estejam vivos e que poderiam revelar o que aconteceu às pessoas que desapareceram enquanto se encontravam sob a sua custódia.

## O desaparecimento de Luísa<sup>XLIV</sup>

As *ABRI* utilizavam figuras conhecidas da Resistência para efeitos de propaganda, dentro e fora de Díli. Algumas destas pessoas estavam autorizadas a viver em casa, mas eram regularmente recolhidas pelas *ABRI*, para serem exibidas em público, para efeitos de propaganda, ou para visitarem o interior do território de helicóptero e dirigirem apelos às pessoas que ainda resistiam à rendição. A Comissão tomou conhecimento de, que sempre que uma delas era levada, as *ABRI* diziam às suas famílias que as tinham levado “para um passeio” até Baucau. Geralmente, não regressavam.<sup>273</sup>

O exemplo que melhor ilustra este tipo de tratamento é o de Luísa, uma jovem activista da Unetim que se tornou símbolo internacionalmente conhecido do sofrimento das mulheres timorenses. Luísa foi detida pela primeira vez em Dezembro de 1975, quando tinha 17 anos e foi presa no *Snack Bar Tropical* e depois no centro de interrogatório de Sang Tai Hoo.<sup>274</sup> Desde essa altura até ao seu desaparecimento, quase quatro anos mais tarde, foi constantemente assediada por militares indonésios e sujeita a períodos intervalados de prisão, durante os quais era torturada e violada sexualmente.<sup>275</sup> Durante esse tempo, foi utilizada pelas *ABRI* para efeitos de propaganda. Segundo as informações recebidas, também foi vítima de abusos sexuais perpetrados por vários comandantes militares.<sup>276</sup>

Durante esses anos, Luísa manteve contacto com os seus companheiros da floresta, mas achou que era seu dever permanecer em Díli. No entanto, parece ter mudado de opinião em 1978: a última vez que esteve presa parece ter sido nesse ano, quando foi descoberto um plano seu para fugir de Díli com um grupo de outras mulheres e juntar-se às forças da Resistência na floresta.<sup>277</sup> Ela estava em Díli em Julho de 1978, quando se encontrou Merita Alves no Sang Tai Hoo e lhe mostrou as cicatrizes que acumulara devido a anos de maus-tratos. Nessa altura, Luísa já não estava presa, mas tinha de se apresentar regularmente no Sang Tai Hoo. Foi transferida para Baucau algures em 1979, onde viveu uma espécie de semiliberdade semelhante, passando algum tempo com uma família local e, segundo as informações recebidas, até trabalhando com uma rede clandestina, mas tendo de se apresentar regularmente no centro de interrogatório do Flamboyan e de acompanhar os funcionários indonésios em missões de propaganda. Segundo as informações recebidas pela Comissão, Luísa foi vista pela última vez em Setembro de 1979.<sup>278</sup> Segundo Merita Alves, Luísa constava de uma lista de pessoas que haviam sido seleccionadas para desaparecer.<sup>279</sup>

### Distrito de Baucau

Table 12 - Homicídios em Quelicai, 1978/1979

<sup>XLIV</sup> Não é o seu nome verdadeiro. Foi utilizado um pseudónimo para proteger a identidade da vítima.

	Posição	Local de Origem	Local de rendição/captura	Data de rendição/captura	Data de execução/de reaparecimento	Local de execução/desaparecimento	Perpetrador(es)
Abiro Guimarães					5/1/1979	Quelicai	
Afonso Cristovão					5/1/1979	Quelicai	
Albino Gusmão (Kiti Karson)	Ex-membro da Polícia Militar	Maluro, Quelicai	Venilale	11/1/1978	5/1/1979	Quelicai	<i>Armed 13</i>
Alcina Ximenes			Afaça, Quelicai	14/4/1979	4/1/1979	Lacudala	<i>Armed 13, Batalhão 321 e Sukarelawan</i>
Antonino Correia		Seiçal, Baucau	Buruma, Baucau	3/1/1979		Lacudala	RTP 18
Antonino Varia	Vice-comandante, 1ª Companhia		Abafala, Quelicai	3/1/1979	3/1/1979	Lacudala	Batalhão 315, <i>Armed 13</i>
António Espírito Santo			Afaloicai, Uatu-Lari	1979		Quelicai	
Aquilino de Oliveira Pinto (Eli Lau)	1ª Companhia, ex-professor	Buruma, Baucau	Abafala, Quelicai	3/1/1979	3/1/1979	Lacudala	RTP ?
Cândido Felipe Neto Wemau	1ª Companhia, ex-professor		Abafala, Quelicai	3/1/1979	3/1/1979	Lacudala	Flamboyon, RTP 18
Celestino Belo			Afaça, Quelicai	14/4/1979	4/1/1979	Lacudala	<i>Armed 13, Batalhão 321 e Sukarelawan</i>
Celestino Peloy	Comandante	Laga	Ailemilari, Tequinaumata, Laga	7/3/1979/4-79	21-3-79/5-79	Lacudala	<i>Camat Mateus, Hansip, Pasmal 8, Koramil Laga</i>
Dara-Koo		Laga		2/1/1979	6/1/1979	Lacudala	"Polisi", Kades, Koramil
Dino Monteiro		Ossu			5/1/1979	Lacudala	
Domingos Belo			Afaça, Quelicai	14/4/1979	4/1/1979	Lacudala	<i>Armed 13, Batalhão 321 e Sukarelawan</i>
Domingos Gaio					5/1/1979	Lacudala	Flamboyon, RTP 18
Domingos Torres	Delegado do comissariado, ex-seminarista	Uatu-Carbau/Uatu-Lari?	Buruma	11/1/1979	Entre Maio e Junho de 1979	Lacudala	Flamboyon, RTP 18
Domingos Ximenes			Afaça, Quelicai	14/4/1979	4/1/1979	Lacudala	<i>Armed 13, Batalhão 321 e Sukarelawan</i>

							<i>an</i>
Du Dara			Letemumu, Quelical			Lacudala	
Félix Ximenes		Laga		2/1/1979	6/1/1979	Lacudala	"Polisi", Kades, Koramil
Francisco				11/1/1978	11/1/1978	Quelical	
Francisco da Costa Correia				15/8/79		Quelical	<i>Kodim, Armed</i>
Francisco Freitas		Buibau, Baucau			5/1/1979	Quelical	
Francisco Marques	Delegado comissariado				Entre Maio e Junho de 1979	Quelical	
Gaspar Correia	Delegado comissariado, Baucau	Seiçal			Entre Abril e Junho de 1979	Quelical	<i>RTP 16</i>
Gil Freitas	Comandante do <i>Tonsus</i>				3/1/1979	Lacudala	
Gregório Pereira		Afaça, Quelical			Entre Maio e Junho de 1979	Lacudala	
Inácia					1979	Quelical	
Inácio Fonseca (Solán)	CCF, Adjunto	Tutuala, Lautém	Ossu	12/1/1978	4/29/1979	Lacudala	
Jacinta Gaio					5/13/1979	Lacudala	
Jaime Cabral (Mau Leka)					Início 1979	Lacudala	
Januário Braga					Entre Maio e Junho de 1979	Lacudala	
Januário Gaio		Guruça, Quelical			5/1/1979	Lacudala	
Jeremias Soares		Uatu-Lari			5/1/1979	Lacudala	
João de Baguia		Baguia			Entre Maio e Junho de 1979	Lacudala	
João Branco	Comandante do <i>Tonsus</i>	Lospalos		1976	3/1/1979	Lacudala	<i>Armed</i>
João Meneses			Afaloicai, Uatu-Lari	1979	Entre Abril e Junho de 1979	Quelical	
Joaquim Fraga (Au Lela)					Entre Maio e Junho de 1979	Lacudala	
Joaquim Ximenes			Afaça, Quelical	14/4/1979	4/1/1979	Lacudala	<i>Armed 13, Batalhão 321 e Sukarelaw an</i>
José Alcino					Entre Maio e Junho de 1979	Lacudala	
José Gaio (Mau Seklai)	Assistente	Guruça, Quelical	Quelical	Novembro de 1978?	5/1/1979	Lacudala	
José Ximenes		Quelical		Novembro de 1978?	Entre Maio e Junho de 1979		

Laiara		Quelical		Novembro de 1978?	Entre Maio e Junho de 1979		
Lino da Costa		Ponta Leste			6/1/1979	Lacudala	
Lino Olocasa	Comandante de Sector	Uatu-Carbau	Quelical	11/1/1978	1/1979	Lacudala	Batalhão 315, Flamboyann, RTP 16
Lourenço Gaio Ximenes		Abafala, Quelical			5/1/1979	Lacudala	
Luísa Gaio					5/13/1979	Lacudala	
Manu Loi				11/1/1978	11/1/1978	Lacudala	
Marçal Alcino	Assistente de Zona				Entre Maio e Junho de 1979	Quelical	
Marçal Braga		Quelical			Entre Maio e Junho de 1979	Quelical	
Mateus dos Santos					5/1/1979	Lacudala	Armed 13, Albino (Hansip)
Paulo Agapito Gama	Comandante	Laga	Ailemilari, Tequinaumata, Laga	2-79/7/3/1979/4-79	21-3-79/5-79	Lacudala	Camat Mateus, Hansip, Pasmal 8, Koramil Laga
Paulo Gaio		Guruça, Quelical			5/1/1979	Lacudala	
Paulo Soares					Entre Maio e Junho de 1979	Quelical	
Pedro Alves Cabral		Quelical		Novembro de 1978?	11/1/1978	Quelical	
Rui Freitas					Entre Maio e Junho de 1979	Quelical	
Sebastião Alves			Afaloicai, Uatu-Lari	1979			
Sidónio Sarmento (Mau Anik)	secretário, ex-professor	Laisorolai		11/1/1978	13-5-79	Lacudala	Flamboyann, RTP 18, Armed 13
Tadeo Freitas Moniz (Laicana)	Comandante 1ª Companhia	Quelical	Abafala, Quelical	Entre Fevereiro e Março de 1979	5/1/1979	Lacudala	Batalhão 315, (Fatumaca, casa de Aleixo Ximenes), RTP 16, Armed 13
Virgílio Dias	Delegado do Comissariado, Díli				6/1/1979	Lacudala	RTP 16

Fontes: HRVD, Testemunhos n.ºs 07800, 00572, 07682, 03908, 08051, 07712, 02127, 07760, 00595, 00597 e 07787; CAVR, Entrevistas a I Zeferino Armando Ximenes, Baucau, 13 de Junho de 2003, Constantino dos Santos, Letemumu (Quelicai, Baucau), 13 de Junho de 2003; José Correia (Calala), Tirilolo (Baucau, Baucau), 24 de Março de 2004, Fernando José Freitas Soares e Venâncio dos Santos Alves, Quelicai, 2 de Maio de 2004; CRRN, Comunicado de Julho de 1983, Gatimor n.º 6, 1983; Perfil Comunitário de Maluro, Quelicai.

Segundo as informações recebidas, centenas de pessoas foram mortas ou desapareceram em circunstâncias diversificadas no distrito de Baucau entre finais de 1978 e meados de 1979: imediatamente após a rendição, em execuções públicas, enquanto procuravam alimento ou tratavam dos seus afazeres diários, e em postos militares, quartéis-generais ou noutros locais utilizados como centros de detenção em todo o distrito.<sup>XLV</sup> As mais conhecidas destas mortes ocorreram em locais de execução em Quelicai (Baucau) no período entre Abril e Junho de 1979. A Comissão reuniu os nomes de 59 pessoas que pensa terem sido mortas em vários locais de execução em Quelicai, sendo Lacudala o local utilizado com mais frequência.<sup>XLVI</sup> Este número encontra-se muito abaixo do total mencionado por fontes entrevistadas em Quelicai, em cuja opinião mais de 300 pessoas poderiam ter sido ali executadas. Estas fontes baseiam as suas estimativas em listas que viram e no número de ossadas de pessoas mortas no local e subsequentemente recolhidas.<sup>XLVII</sup> Lacudala era um local de execução para onde eram levadas pessoas de uma vasta área a fim de serem executadas. Por conseguinte, embora muitas das pessoas mortas em Lacudala fossem de Quelicai, havia vítimas de Lospalos (Lautém), Ossu, Uatu-Lari e Uatu-Carbau (Viqueque), bem como de outras zonas do distrito de Baucau, incluindo Venilale, Laga e Bagaia.<sup>280</sup> A maioria das pessoas mortas em Quelicai, embora não todas, tinha posições de liderança na Fretilin ou nas Falintil.

O perfil das vítimas é indicado pelos seguintes relatos:

- Tadeo Freitas Moniz (Laicana) que se rendeu ao Batalhão 315 em Kotaisi, Abafala (Quelicai, Baucau) a 7 de Março de 1979, com uma companhia completamente armada. Segundo as informações recebidas, a sua rendição foi negociada com antigos responsáveis da Fretilin e das Falintil que se tinham rendido ou sido capturados anteriormente e actuavam sob instruções do coronel Iswanto.<sup>281</sup> Passada uma semana, Tadeo Freitas Moniz e o seu adjunto, Antonino Varia (Ria), foram levados para Lacudala e executados. Alguns dos membros das suas tropas fugiram e outros foram recrutados para a equipa paramilitar Saka.<sup>282</sup>
- João Branco, antigo membro do Comité Central da Fretilin que se rendera com outras pessoas aos indonésios em Lospalos, em 1976, e fora depois nomeado para dirigir uma força auxiliar com 200 homens chamado Tonsus (*Peleton Khusus*), e um dos seus tenentes, Gil Freitas, foram mortos em Lacudala em Março de 1979. João Branco tinha participado com a sua Tonsus na destruição da base das Falintil/Fretilin em Matebian. Segundo as informações recebidas, vinte e sete dos membros do Tonsus foram mortos por elementos do Batalhão 745 em Trisula (Lautém), e outros poderão

<sup>XLV</sup> Para execuções sumárias, ver HRVD, Testemunhos n.ºs 00536, 07069, 05729, 00538, 05395, 06802, 07781, 07761, 02127, 07758, 00521, 09188, 02127, 07087, 07778, 03072 e 02362; para desaparecimentos, ver HRVD, Testemunhos n.ºs 07069, 06147, 03933 e 07047; para homicídios após a vítima ser presa em postos militares e quartéis-generais, ver HRVD, Testemunhos n.º 03908, 07930, 07117, 00126, 07076, Perfis Comunitários de Alawa Kraik (Bagaia, Baucau) e de Bahamori (Venilale, Baucau); para homicídios de pessoas que procuravam víveres ou tratavam dos seus afazeres diários, ver HRVD, Testemunhos n.ºs 03895, 00542, 00548, 06110, 03879, 07713 e 07797.

<sup>XLVI</sup> Lacudala não era o único local de execução na zona de Quelicai. Segundo as informações recebidas, havia outros em Samateku, Alaslai, Lawaliu e Lebenei [Entrevista da CAVR a Constantino dos Santos, Letemumu (Quelicai, Baucau) 13 de Novembro de 2003].

<sup>XLVII</sup> Segundo as informações recebidas, os corpos das vítimas executadas eram atirados para ravinas perto dos locais de execução. Segundo as informações recebidas, as execuções pararam em 1980, com a chegada a Quelicai do Batalhão 114, vindo de Aceh. O Batalhão 114 autorizou os familiares das vítimas a recolher as ossadas e a enterrá-las [Entrevistas da CAVR a Constantino dos Santos, Letemumu (Quelicai, Baucau) 13 de Novembro de 2003; e a Leonel Guterres, Quelicai (Quelicai, Baucau), 13 de Novembro de 2003].

ter sido mortos em Lacudala, em Março 1979, além de João Branco e Gil Freitas.<sup>XLVIII</sup>  
283

- Em Março ou Abril de 1979, um grupo comandado por Agapito Gama e o seu adjunto, Celestino Peloy, negociou a sua rendição ao batalhão de fuzileiros, *Pasmar 3*, em Ailemilari (Tequinaumata, Laga, Baucau). Foram-lhes dadas garantias de que não seriam maltratados, caso se rendessem. Inicialmente, ficaram “concentrados”, mas não foram maltratados. No entanto, duas semanas depois, o administrador do subdistrito (*camat*) de Laga, Mateus, e tropas da *Pasmar 3* foram buscar Agapito Gama e Celestino Peloy. Segundo as informações recebidas, foram levados para o *Koramil* da cidade de Baucau. Em Maio ou Junho, foram levados para Lacudala e executados.<sup>284</sup>
- Um antigo combatente das Falintil, João Galho Ximenes, disse à Comissão que ao descerem do monte Matebian, ele e os seus companheiros de luta fizeram um acordo com os membros da administração local e da *Hansip* de Quelicai, garantindo a sua segurança. O acordo foi confirmado através de um juramento feito sobre a bandeira indonésia. Pouco depois, cinco membros do grupo — Degono, Dulabi, Dugou, Amdegu e Medebele — foram levados pela *Hansip* e mortos.<sup>285</sup>

Embora as pessoas executadas em Lacudala fossem geralmente marcadas como alvos devido aos seus papéis na Resistência, a Comissão foi informada de casos em que as vítimas não se enquadravam nesses critérios. Por exemplo, Norberto Correia, um empregado da delegação em Baucau do Departamento da Agricultura Indonésio, nunca tinha estado nas montanhas e parece ter sido morto por ter dois filhos que ainda lutavam ao lado da Resistência.<sup>XLIX</sup>

A Comissão foi informada de outro caso, em que a pessoa morta foi vítima de uma exibição horrenda de violência aleatória.

A 23 de Abril de 1979, Alcina Ximenes e seis familiares seus, incluindo uma criança com quatro anos de idade, foram capturados por soldados indonésios do Batalhão 321 e membros da *Hansip* num local chamado Afateri Doro, em Afaça (Quelicai, Baucau), e levados para o suco de Mulia (Laga, Baucau). Os três homens adultos da família, Joaquim Ximenes, Domingos Ximenes e Celestino Belo, foram amarrados e o grupo foi levado de carro para o quartel-general da *Armed* (*Artileri Medan*, Artilharia de Campo) em Quelicai, onde um *Hansip* disse ao comandante da *Armed* que os três tinham sido líderes na floresta. Os soldados da *Armed* atacaram então os homens, espancando-os e pisando-os.

No dia seguinte, os três foram levados para Lacudala, mandados ficar perto de um buraco no chão e baleados. Domingos e Celestino Belo morreram imediatamente. Joaquim Ximenes não: conseguiu rastejar para fora do buraco, apesar de ter sido atingido por três balas. Os soldados agarraram-no, atiraram-no novamente para o buraco e depois bombardearam-no com pedras. Como ele não morreu, enterraram-no vivo.

Quando os soldados regressaram à base, uma das mulheres, Alcina Ximenes, que estava grávida na altura, perguntou aos soldados das *Armed* o que acontecera aos três homens. Disseram-lhe que, se queria saber, podia ir com eles e ver. Ela foi levada para Lacudala, onde também foi morta. Depois, o seu filho de quatro anos foi espancado até à morte. Duas outras

---

<sup>XLVIII</sup> Segundo as informações recebidas, pelo menos 19 elementos do Tonsus de João Branco foram mortos em Lautém e em Díli por volta da mesma altura [ver Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados em Lautém, adiante]. Alguns meses antes, eles tinham participado no ataque indonésio a Matebian, mas foram acusados de terem “duas caras”. As suspeitas dos indonésios tinham fundamento: após a deserção de João Branco para o lado dos indonésios, Xanana Gusmão manteve contactos com ele e com a organização clandestina com que ele trabalhava no subdistrito de Tutuala [Xanana Gusmão, Timor-Leste – Um Povo, Uma Pátria, pp. 37, 38-39 e 41].

<sup>XLIX</sup> Segundo as informações recebidas, Norberto Correia foi morto apesar de ter dado quatro búfalos ao chefe da secção de serviços de informação do *Kodim* de Baucau (*Kasi-1*) [CRRN, Comunicado de Julho de 1983].

mulheres permaneceram presas mais dois meses, durante os quais foram repetidamente violadas sexualmente pelos soldados e pela *Hansip*.<sup>286</sup>

Alguns quadros de nível superior ou intermédio da Fretilin ou comandantes das Falintil, que se renderam ou foram capturados em Novembro e Dezembro de 1978, foram levados para a cidade de Baucau e interrogados por elementos da *Kopassandha*, nos centros de interrogatórios do Hotel Flamboyan ou de *Uma Merah*, por vezes durante várias semanas, até serem transferidos para o quartel-general do RTP 18, em Teulale. Desse local, muitos deles foram levados para Lacudala, para serem executados: alguns foram levados para Quelicai logo após a detenção<sup>287</sup>, outros passaram primeiro por um *Koramil* ou outra instalação militar.<sup>288</sup> Dois sobreviventes da viagem para Lacudala entrevistados pela Comissão recordam terem sido levados num camião militar chamado *Reo* para o *Koramil* de Quelicai, onde foram interrogados pelo comandante da unidade *Armed* 13, primeiro-tenente M231, assistido por intérpretes timorenses, dos quais o mais conhecido era M232. A *Armed* 13, um dos batalhões sob o comando do RTP 18, também realizou as execuções.<sup>289</sup> Um antigo *Hansip*, Constantino dos Santos, disse à Comissão que uma das suas tarefas era manter os registos no *Koramil* de Quelicai. Ele recordou que havia um “livro vermelho” com 375 nomes de pessoas que tinham sido executados, ou iam sê-lo.<sup>290</sup>

Zeferino Armando Ximenes recordou:

*Fui posto num veículo chamado Reo com as mãos amarradas e fomos para Quelicai [vindos do quartel-general do RTP 18 na cidade de Baucau] a 13 de Maio de 1979, que me lembro por ser Dia da Assunção. Quando lá chegámos, fomos interrogados noite dentro...Não fomos espancados, mas ficámos à espera da nossa vez de morrer, porque disseram-nos que íamos ser mandados para a escola, como os nossos companheiros Tadeo Soares Laicana, Domingos Gaio e Solan, que nos disseram ter ido para a escola no estrangeiro. Na manhã seguinte, havia um veículo e soldados indonésios, com uma lista de pessoas de Baucau que tinham estado relacionadas com a Fretilin, à nossa espera, para nos levarem para Ponto Alto, a Norte de Quelicai.*<sup>291</sup>

Zeferino Armando Ximenes foi salvo da execução devido à intervenção de um funcionário de logística que o conhecia e, coincidentemente, estava na base da *Armed* 13 quando ele estava prestes a ser transportado para o local da execução.<sup>292</sup>

José Correia (Calala), que se rendera ao major Iswanto em Laga, juntamente com 13 outros combatentes armados das Falintil, também conseguiu evitar a execução. Ao ser novamente detido em Junho de 1979, foi colocado num veículo *Reo* que tinha acabado de chegar de Lospalos. No veículo, encontravam-se cerca de 14 prisioneiros, que ele pensou serem de Lospalos. As duas únicas pessoas que reconheceu foram João Branco e Gil Freitas. A Comissão foi informada de que os prisioneiros estavam sentados em silêncio. As suas mãos estavam amarradas atrás das costas e eles não podiam virar a cabeça para os lados, sendo obrigados a olhar para a parte da frente do veículo. Foram directamente levados para o quartel-general da *Armed* 13, em Quelicai, e depois para Lacudala, onde José Correia foi colocado num edifício enquanto esperava pela sua vez de ser executado. Ele ficou preso com cerca de 20 pessoas, que iam todas ser executadas, incluindo José Gaio. Os *TBO* e os *Hansip* trabalhavam noite e dia a preparar as sepulturas onde as vítimas de execução iam ser enterradas.<sup>293</sup>

A Comissão não conseguiu confirmar estimativas mais elevadas do número de pessoas executadas em Quelicai. No entanto, a Comissão entende ser credível que a lista de nomes das vítimas por si compilada não é exaustiva. Uma das razões para esta conclusão é o facto de outras pessoas presas nesta ocasião terem seguido parcialmente o mesmo percurso daquelas

que a Comissão sabe terem sido mortas em Lacudala ou noutros locais em Quelicai, a saber, detenção, prisão e interrogatório acompanhado de tortura, num dos vários centros de interrogatório específicos, como o Flamboyan, o *Kodim* ou o quartel-general do *RTP* 16, em Baucau. No entanto, no caso destas outras vítimas, o seu destino após este processo é desconhecido, pois foram apenas dadas como desaparecidas. Além disso, muitos dos dados como desaparecidos nestas circunstâncias, como o antigo secretário da Fretilin de Baucau, Eduardo Ximenes, eram quadros de nível superior ou intermédio da Fretilin ou comandantes das Falintil e, por conseguinte, também se enquadram no perfil da maioria das pessoas mortas em Quelicai. Assim, embora não existam relatos que confirmem que foram mortos em Quelicai, é possível que isso tenha acontecido. Esta hipótese é reforçada pelo facto de as vítimas terem sido simplesmente dadas como desaparecidas em vários dos testemunhos recebidos pela Comissão e outras informações recebidas pela Comissão indicarem que, de facto, teriam sido mortas em Quelicai.<sup>294</sup> L

Durante esta época, os desaparecimentos ocorriam em todos os subdistritos do distrito de Baucau. Alguns destes casos de desaparecimento são mencionados abaixo.

#### *Baguia*

Em Setembro de 1978, um dia após a sua rendição, Abel do Carmo e Alberto Freitas foram convocados pelo administrador do subdistrito (*camat*) de Baguia, que os informou que iam ser levados para Laga. Nunca mais foram vistos.<sup>295</sup>

Em Junho de 1979, o administrador do subdistrito, M233, ordenou a um grupo de homens que subissem o monte Matebian em busca das Falintil. Os homens capturaram Gaspar Kasaroi, que foi entregue ao *Koramil* de Baguia e depois desapareceu.<sup>296</sup>

Em Dezembro de 1978, oito homens capturados pelo Batalhão 502 em Matebian foram considerados suspeitos de pertencerem às Falintil. As suas famílias foram informadas que eles iam para a escola e que só regressariam depois de terminarem os estudos. Eles nunca mais regressaram.<sup>297</sup>

#### *Baucau*

Numa data não especificada em 1979, o secretário da Fretilin de Baucau, Eduardo Ximenes (Gamukai), os seus irmãos, Badanau e Bedusobu, e o seu cunhado, Inácio da Costa, foram capturados pelo chefe de suco de Afaça (Quelicai), M234, e um chefe de aldeia chamado M235. Os quatro homens foram levados para o *Kodim* de Baucau. O seu tio, que fugira do *Kodim*, disse à família que os três tinham sido levados para serem mortos naquela noite. Segundo outro testemunho, que também parece ser sobre a morte de Eduardo Ximenes, ele foi levado para Quelicai, onde foi morto por soldados indonésios.<sup>298</sup>

Em Março de 1979, elementos do *RTP* 18 detiveram António Correia na casa de Gaspar Sarmiento em Suliwa, Buruma. O seu paradeiro posterior é desconhecido. A 7 de Abril de 1979, dois *Hansip* detiveram Fernando Saldanha em Kaisahe, Ono-Sere, Buruma dizendo-lhe que ele fora convocado pelo *liurai*/chefe de suco, M237. Ele foi levado para o dormitório do *TNI* em Teulale, Baucau (que, provavelmente também servia de quartel-general ao *RTP* 18). Nunca mais foi visto.<sup>299</sup> LI

---

<sup>L</sup> A Comissão também tomou conhecimento de vários casos em que pessoas desaparecidas por volta desta altura no distrito de Baucau foram de facto executadas noutros locais além de Lacudala.

<sup>LI</sup> O Perfil Comunitário da CAVR do suco de Buruma, subdistrito de Baucau, distrito de Baucau (2 de Dezembro de 2003) inclui a história de uma mulher, cujo nome não é referido, que em 1979 levou alimentos ao seu marido, que estava preso, e foi informada que ele tinha sido levado para Quelicai.

### *Laga*

Em Novembro de 1978, quatro pessoas — Domingos dos Santos da Costa, que fora chefe de aldeia na floresta, José Rusa Fuik, comandante da Força de Autodefesa, e Pedro e Amaro, ambos membros da Força de Intervenção — foram detidos e levados para o posto da Polícia Militar de Laga. Depois do interrogatório, durante o qual todos foram torturados, os três últimos desapareceram.<sup>300</sup>

Em 1979, Luís Antero Ximenes, antigo combatente das Falintil, foi detido em Laga por membros do *Koramil* e por um funcionário da administração local porque não tinha efectuado o registo junto das autoridades indonésias após descer das montanhas. Passadas três semanas, a sua família viu-o ser levado num jipe. O depoente correu atrás do jipe e ouviu as últimas palavras do seu pai: “Diz à tua mãe que estou amarrado e não sei para onde me levam. Se eu morrer, nunca mais voltaremos a encontrar-nos. Só se eu viver, voltaremos a encontrar-nos.” Ele nunca mais voltou.<sup>301</sup>

A 9 de Junho de 1979, um comandante das Falintil, Afonso de Carvalho, rendeu-se às forças indonésias em Laga. Nessa noite, elementos do Batalhão 745 levaram-no para Baucau, para ser interrogado. Ele nunca mais voltou.<sup>302</sup>

Após a rendição de um grupo de seis pessoas ao *TNI* na área de Atelari em 1979, descobriu-se que uma delas, Luís Soares dos Santos, membro das Falintil, tinha duas granadas. O grupo foi levado para o posto de Atelari para ser investigado. Alguns dias depois, o *TNI* anunciaram que as pessoas seriam autorizadas a regressar às suas habitações, mas Luís, Gaspar Soares, Mateus e Miguel foram levados para Baucau para mais investigações. Passada uma semana, todos menos Luís dos Santos foram autorizados a ir para casa. Luís dos Santos nunca mais foi visto.<sup>303</sup>

### *Quelicai*

Um homem chamado Dai-Dara foi acusado pelas Forças Armadas indonésias de ser membro das Falintil quando as suas mãos foram examinadas, após a sua rendição, em Novembro de 1978. Ele foi levado e nunca mais foi visto.<sup>304</sup>

Em 1979, duas pessoas, suspeitas de manterem contacto com as Falintil, Ganuloi, da aldeia de Gugulai, e Railari, da aldeia de Karanu, foram detidas pelo *TNI* e levadas para Laga. Nunca mais foram vistas.<sup>305</sup>

### *Vemasse*

A 16 de Novembro de 1978, a equipa paramilitar *Sukarelawan* capturou quatro pessoas — Domingos Lekiwati, Inácio Pereira, Januário dos Reis e Tomás Samut — durante uma operação no monte Ossuala, Vemasse. Nessa noite, soldados indonésios e membros da Equipa *Sukarelawan* levaram-nos para o Hotel Flamboyan, em Baucau. Eles não voltaram a aparecer.<sup>306</sup>

### *Venilale*

A 8 de Novembro de 1978, quatro homens, dois chamados António Guterres, um chamado Joaquim Loi e um outro não identificado, desceram de Matebian e foram capturados por soldados indonésios ao chegarem a Quelicai. Foram obrigados a andar durante quatro dias, até chegarem a Uaibua, Uatohaco, em Venilale. Quando chegaram ao posto do *TNI* e da *Hansip*, foram presos pelo *TNI*, sob o comando do major M238 e *Hansip*, sob o comando de M239. Quando a irmã de um dos homens, Maria, foi ao posto levar-lhes comida, disseram-lhe que os quatro tinham sido levados para o *Koramil* de Venilale. Ela foi ao *Koramil* e disseram-lhe que o

seu irmão ainda estava no posto de Uaibua e que os outros tinham sido libertados. António Guterres não voltou a aparecer.<sup>307</sup>

Por volta da mesma altura, Joaquim Guterres saiu da floresta e rendeu-se ao Batalhão 721 no *Koramil* de Venilale. O seu destino posterior é desconhecido.<sup>308</sup>

O relato que se segue é ilustrativo de que o clima de medo criado pelos homicídios fazia com que o seu impacto se estendesse para além das pessoas directamente marcadas como alvos e das que lhes eram próximas.

Maria da Silva Soares apresentou-se para rendição em Quelicai em Fevereiro 1979, juntamente com Laikana. Passado algum tempo, soube que Laikana tinha sido detido por dois *Hansip* e desaparecido. Maria, temendo pela sua própria segurança porque o seu marido, Raimundo Cabral, era combatente das Falintil e ainda se encontrava na floresta, fugiu com os seus seis filhos para a floresta em redor da área de Aneilo (Laisorolai Kraik, Quelicai).

Em Março de 1979, dois dos seus filhos, Amaro e Justino, morreram de fome e doença. Pouco depois, os seus outros quatro filhos, Ana Maria, Betina, Anakai e Reaminga, também morreram. Maria conseguiu então estabelecer contacto com o seu marido. Durante vários anos, deslocou-se com ele e os seus camaradas das Falintil entre os distritos de Baucau e Lautém, frequentemente sob ataque das forças indonésias.<sup>309</sup>

#### Distrito de Lautém

**Table 13 - Homicídios em Lospalos, 1979 por subdistrito e grupo**

Local/Grupo	Nome	Posição	Circunstâncias relatadas de morte/desaparecimento
Lospalos			
	Afonso de Albuquerque	secretário da Zona	Desapareceu do <i>Kodim</i> de Lospalos
	Afonso Sávio		Morto Batalhão 745 em Lausepo
	Adão Amaral		Morto em 1979
	Alberto Nunes	Delegado do Comissariado	Morto em 1979
	Calisto Rego	Delegado do Comissariado	Morto na vila de Lospalos
	Dinis dos Santos Gandara	Assistente	Morto pelo Batalhão 745 em Kivira Ara, Tximo, Loré
	Duarte Amaral		Morto após tortura em Lospalos
	Felicidade dos Santos Gandara	Delegada do Comissariado	Morta pelo Batalhão 745 em Lausepo
	Francisco Sarmento Loy	Delegado do Comissariado	Morto pelo <i>Hansip</i> na vila de Lospalos
	Augusto Sanches	Colaborador, Sector Ponta Leste	Morto pelo Batalhão 745 em Kurisa, Loré
	Jacinta Pereira	Assistente	Morta pelo Batalhão 745 em Lausepo
	João Ernestino de Andrade Sarmento	Enfermeiro	Desaparecido do <i>Kodim</i> de Lospalos em Abril 1979
	José Farseira	Fretilin	Desaparecido 1979
	José Fernandes		Desaparecido 1979
	José Ferreira da Conceição		Desaparecido 1979
	Orlando Marques	Administrador de subdistrito ( <i>camat</i> ), Iliomar	Desaparecido depois de levado à base do Batalhão 745 em Trisula, Junho de 1979

	Paulo Nunes	Assistente	Desaparecido depois de levado a Lospalos
	Pedro Sanches	Vice-comandante de Sector, Falintil	Morto Batalhão 745 em Lausepo
	Raul Monteiro	Ex-seminarista	Morto na vila de Lospalos
	Raul dos Santos	Delegado Comissariado	Desaparecido depois de levado a Lospalos
	Victor dos Santos Gandara		Possivelmente morto com Felicidade dos Santos Gandara e Jacinta Pereira em Loré
Outros locais - Lospalos			
	Fernando Sanches	Ex-liurai de Fuiloro	Morto em Sapuada, Home
	Tomé Cristovão	Ex-Apodeti	Morto em Sapuada, Home
Fuiloro			
	Adelino da Costa Sávio		Morto em 1979
	Araújo		Morto em 1979
	Arnaldo da Costa		Morto em 1979
	Asu Chai		Morto em 1979
	Bokleman		Morto em 1979
	Carlos Cabral		Morto em 1979
	Crispim Lopes		Morto em 1979
	Duarte dos Santos (ou Duarte Amaral)		Morto em 1979
	Eugénio Mosinaca		Morto em 1979
	Feliciano		Morto em 1979
	Fernando Lavantu		Morto em 1979
	Jecarunu		Morto em 1979
	Jesus da Costa		Morto em 1979
	Júlio Rodrigues		Morto em 1979
	Justino Kiar Moko		Morto em 1979
	Justino Sanches		Morto em 1979
	Lamberto de Jesus		Morto em 1979
	Lourenço Viana		Morto em 1979
	Luís Pereira		Morto em 1979
	Luís Ximenes		Morto em 1979
	Manuel Loi Malai		Morto em 1979
	Marcelino Pereira		Morto em 1979
	Nasório Mendes		Morto em 1979
	Pedro		Morto em 1979
	Pedro Valentim		Morto em 1979
Loré I			
	Albino Adriano		Morto em 1979
	António da Costa		Morto em 1979
	João		Morto em Dezembro de 1979 pelo Batalhão 745
	Kaivaca		Morto em 1979
	Lavan Lovaia		Morto em 1979
	Loimoco		Morto em Dezembro de 1979 pelo Batalhão 745
	Mário Provincial		Morto em Dezembro de 1979 pelo Batalhão 745
	Melchior		Morto em 1979
	Pedro da Conceição		Morto em 1979
	Rogério da Conceição		Morto em 1979
	Sela Moko		Morto em 1979
	Sico Falu Malai		Morto em 1979
	Tanirauno		Morto em 1979
	Tito da Conceição		Morto em 1979

Raça			
	Agapito		Morto em 1979
	David Lopes		Morto em 1979
	Edmundo da Silva		Morto em 1979
	Filomeno		Morto em 1979
	João Baptista		Morto em 1979
	José Oliveira		Morto em 1979
	Natalino		Morto em 1979
Bauro			
	Álvaro Lopes		Morto em 1979
	Crispim Caetano		Morto em 1979
	João Soares		Morto em 1979
	José Caetano		Morto em 1979
	Kaicavanu		Morto em 1979
	Moko		Morto em 1979
	Leogildo Freitas		Morto em 1979
	Lina dos Santos		Morto em 1979
	Luís Lopes		Morto em 1979
	Orlando Bosco		Morto em 1979
	Roberto Marques		Morto em 1979
	Rosário		Morta em 1979
Home			
	Capecai		Morto em 1979
	Soru-Koru		Morto em 1979
	Telu Kuro		Morto em 1979
Tutuala			
Mehara			
	Alarico da Costa		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Alcino		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Gonçalo Soares		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Gabriel Soares		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Carolino Carvalho		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Miguel Monteiro		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Orlando	Comandante de Zona	Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	João Caetano		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	António do Carmo		Morto no posto do Batalhão 745 em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, em Junho 1979
	Victor Pires	Hansip	Desaparecido após

			detenção pelo <i>Hansip</i> em 1979
	Faustino Guimarães	<i>Hansip</i>	Desaparecido após detenção pelo <i>Hansip</i> em 1979
Moro			
	Afonso		Executado em Daudere pelo Batalhão 745 em 1979
	Bendito		Executado em Daudere pelo Batalhão 745 em 1979
	Tomás da Costa		Transferido pelo <i>Kopassandha</i> para o Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979; relato de que foi morto em Assalaemo, Fuiloro
	Rui		Transferido pelo <i>Kopassandha</i> para o Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979; relato de que foi morto em Assalaemo, Fuiloro
	Paulo		Executado em Daudere pelo Batalhão 745 em 1979
	Alcino Fernandes Xavier		Executado em Adaveri, Serelau pelo Batalhão 508 e <i>Hansip</i> , 1978
	António João Lopes		Executado em Adaveri, Serelau pelo Batalhão 508 e <i>Hansip</i> , 1978
	Domingos dos Santos		Executado em Adaveri, Serelau pelo Batalhão 508 e <i>Hansip</i> , 1978
	Alfredo dos Santos	Clandestina/ex-comandante	Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	Óscar Victor	Clandestina	Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	Virgílio dos Santos	Clandestina	Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	Duarte		Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	Mário Amaral		Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	Pedro		Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	António Xavier		Morto pelo Batalhão 745 em Etipiti, Com em Junho ou Julho 1979
	José		
	Amaro Amaral	<i>Hansip</i> /clandestina	Transferido pelo <i>Kopassandha</i> para o Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979

	Venâncio Gusmão	<i>Hansip/clandestina</i>	Transferido pelo Kopassandha to Batalhão 745 e Desaparecido em Maio 1979; relato de que foi morto em Assalaemo, Fuiloro
	Sebastião Maria Lourdes	<i>Hansip/clandestina</i>	Transferido pelo Kopassandha to Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979
	Horácio Silvério Lopes	<i>Hansip/clandestina</i>	Transferido pelo Kopassandha to Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979
	Rodolfo da Costa Júnior	<i>Hansip/clandestina</i>	Transferido pelo Kopassandha to Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979; relato de que foi morto em Sepelata, Bauro
	Inácio dos Santos	<i>Hansip/clandestina</i>	Transferido pelo Kopassandha to Batalhão 745 e desaparecido em Maio 1979
	Pedro dos Santos	Delegado	Desaparecido após detenção pelo Batalhão 745
	José da Silva		Desaparecido após detenção pelo Batalhão 745
	Martinho da Silva		Desaparecido após detenção pelo Batalhão 745
	Júlio de Castro		Desaparecido após detenção pelo Batalhão 745
	Kacoli		Morto em Etipiti, Com pelo Batalhão 745
	Pedro		Morto em Etipiti, Com pelo Batalhão 745
	José		Morto em Serelau, Com pelo Batalhão 745
	Júlio		Morto em Serelau, Com pelo Batalhão 745
	Alcino da Costa		Morto pelo Batalhão 408
	António da Costa		Desaparecido do <i>Kodim</i> em Outubro 1978
	Pedro Nogueira		Detido pela <i>Brimob</i> , transferido para o Batalhão 745, torturado e morto em Trisula, Assalaemo, Fuiloro, Outubro 1979
	Anudai		Morto a tiro na praia de Lautém pelo Batalhão 745, 1979
	Liabui 1		Morto a tiro na praia de Lautém pelo Batalhão 745, 1979
	Liabui 2		Morto a tiro na praia de Lautém pelo Batalhão 745, 1979
	Koofou		Morto a tiro na praia de Lautém pelo Batalhão 745, 1979

Luro			
Grupo de Benedito			
	Antero dos Santos		Desaparecido do <i>Kodim</i> , Fevereiro 1979
	Benedito Sávio	Assistente	Desaparecido do <i>Kodim</i> , Fevereiro 1979
	Bernardino Carvalho		Desaparecido do <i>Kodim</i> , Fevereiro 1979
	António Reis		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Câncio da Silva		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Félix Gonzaga		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Felisberto da Cruz		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Fernando da Costa Lopes		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Hermenegildo Viegas		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	José Viegas		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Lambario Lopes		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Manuel Monteiro Leite		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Marçal dos Reis Noronha		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Maria Olga		Desaparecido, possivelmente em Fevereiro de 1979
	Moisés Fernandes		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Pedro Alvares Cabral		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Tomas Ximenes		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Zeferino Freitas		Morto pouco após captura pelo Batalhão 305
	Casimiro dos Santos Alegria	Assistente	Relato de que foi morto pelas ABRI em Darapu'u, Baricafa, 1979
	Domingos Mário		Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, 1979
	Aleixo Soares Malimau		Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, Dezembro de 1979
	Alfredo Ramos		Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, Dezembro 1979
	Amélia da Silva		Desaparecido do

			<i>Koramil</i> , Luro, Dezembro de 1979
	António da Conceição		Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, Dezembro de 1979
	Hermenegildo da Costa	Assistente da Fretilin	Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, Dezembro de 1979
	Manuel da Costa		Desaparecido do <i>Koramil</i> Luro, Dezembro de 1979
	Manuel Soares		Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, Dezembro de 1979
	Duarte dos Santos		Desaparecido do <i>Koramil</i> , Luro, Dezembro de 1979
	João Freitas	Chefe de aldeia	Morto pelo Batalhão 315, 1979
	Antero Teixeira	Assistente da Fretilin	Desaparecido de Luro, 1979
<b>Membros do <i>Tonsus</i></b>			
	Acácio Alvares Fernandes		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Adão de Jesus Cristovão		Desaparecido, relato de que foi levado para Díli, Abril 1979
	Alarico Caetano		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Aleixo Amaral		Desaparecido, relato de que foi levado para Díli, Abril 1979
	Armindo Alvares Fernandes		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Artur Amaral		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Domingos Sávio		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Duarte Romão Vieira		Desaparecido, relato de que foi levado para Díli, Abril 1979
	Eduardo dos Anjos Caetano		Desaparecido, relato de que foi levado para Díli, Abril 1979
	Fernando Lopes		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Gil Cristovão		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Inácio		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979

	Joaquim de Jesus		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Levorgildo dos Santos		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau
	Manuel Patrício Mendes		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Nicolau Quintas		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau
	Patrício Fernandes		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979
	Paulino Pereira		Desaparecido, possivelmente morto em Lacudala, Quelicai, Baucau, Abril 1979

*Fontes: HRVD, Testemunhos nºs 04422, 05332, 00703, 02115, 03979, 02262, 01618, 01615, 02293, 00740, 01649, 01622, 01636, 02257, 02252, 02264, 00793, 00702, 00788, 00706, 00740, 00793, 00737, 00740, 00702, 00741, 00706, 00788, 00713, 01623, 02115, 03979, 02293, 02286, 01604, 02300, 02254, 01650, 02130, 07585, 03968, 09117, 04435, 05369, 05376, 05264, 05365 e 02798; CAVR, Perfis Comunitários de, Fuiloro, Bauro, Loré I, Raça e Home (todos em Lospalos), Mehara e Loro (ambos em Tutuala), e Iparira e Laiara (Parlamento, Moro); Entrevistas da CAVR a Teresa Corvelo Ávila Marçal Sarmiento, Díli, 25 de Setembro de 2005; e José Correia (Calala), Tirilolo, Baucau, 24 de Março de 2004; CRRN, Comunicado.*

Em Lautém, cerca de 20 pessoas foram executadas ou desapareceram naquilo que parece ter sido parte da campanha generalizada contra antigos detentores de cargos na Fretilin e comandantes das Falintil. No entanto, muitos dos que foram mortos ou desapareceram durante este período foram pessoas suspeitas de terem actividades clandestinas na altura da sua detenção. A maioria dos antigos detentores de cargos na Fretilin e comandantes das Falintil sobre os quais a Comissão recebeu informações específicas, foram executados ou desapareceram em Abril e Maio de 1979, por volta da mesma altura em que os seus homólogos de outros distritos se confrontavam com o mesmo destino. Alguns trabalhavam na administração indonésia como professores, enfermeiros ou elementos da administração civil na altura da detenção. Outros tinham estado presos desde a sua captura ou rendição, em Novembro de 1978. Geralmente, eram levados para o *Kodim* de Lospalos e, após serem interrogados por membros do *Kopassandha*, eram levados por membros do Batalhão 745 e mortos. Embora muitas das vítimas tenham simplesmente desaparecido, em alguns casos, timorenses que trabalhavam com as forças indonésias como motoristas e noutras profissões auxiliares, descobriram os locais onde as vítimas tinham sido executadas. Os locais mencionados com mais frequência eram Assalaino, Lausepo e o cemitério junto ao quartel-general do Batalhão 745, no suco de Fuiloro (Lospalos), embora, segundo as informações recebidas, outras pessoas fossem levadas para locais mais distantes, como Ililapa e Kurisa Apa, à beira da ribeira de Tximo, em Loré, e Sapu Ara, em Home (Lospalos). Os familiares dos desaparecidos eram informados de que as vítimas tinham partido em operações, ido para a escola, ou fazer um curso.

João Ernestino de Andrade Sarmiento era o enfermeiro-chefe de Lospalos antes da invasão e continuou a trabalhar como enfermeiro e a treinar outros na profissão na floresta. Em 1977, foi detido no Sector Central Oriental por ser “agente de Xavier” sob ordens de membros do Comité Central ali sediados e por pouco não foi executado (ver abaixo). Rendeu-se na cidade de Uatu-

Carbau (Viqueque), após a queda da *base de apoio* do monte Matebian, em Novembro de 1978.<sup>310</sup>

Numa noite de Janeiro de 1979, depois de ser informado de que os *Hansip* de Uatu-Carbau planeavam matá-lo, a família fugiu para Lospalos. Ele continuou a trabalhar como enfermeiro no hospital, embora todos os dias fosse visitado em sua casa por membros do *Kopassandha*. A 30 de Maio, por volta das nove horas da noite, um soldado do *Kopassandha* levou João Ernestino de Andrade Sarmento para o *Kodim*. João Ernestino foi acompanhado pelo seu filho de 12 anos, Joãozinho. Joãozinho esperou do lado de fora da sala onde o pai estava a ser interrogado durante várias horas, até que lhe disseram para ir para casa. Ele ouviu gritos durante esse tempo. João Ernestino regressou para casa por volta das duas horas da manhã e disse a Maria Teresa que tinha sido interrogado e torturado e recebido ordens para voltar ao *Kodim* às cinco horas da manhã. Ele regressou ao *Kodim* com Joãozinho, que foi mandado para casa à meia-noite. João Ernestino nunca mais voltou para casa. A sua viúva foi informada pelo homem que conduziu o veículo em que os homens levados para o local de execução que João Ernestino de Andrade tinha sido morto com outros prisioneiros em Lausepo. A sua viúva não pôde confirmar esta informação porque teve medo de procurar as ossadas do marido.<sup>311</sup>

Um casal, ZN e AO, ambos antigos delegados na floresta, foi dado como desaparecido em meados de Abril de 1979. Segundo as informações recebidas, AN foi levado do *Kodim* de Lospalos para Kurisa Apa, em Loré, junto à ribeira de Tximo, onde foi esfaqueado até à morte o seu corpo foi atirado à ribeira. BN foi levada para Lausepo com outra mulher, M242, onde foram ambas torturadas e violadas sexualmente antes de serem executadas com metralhadoras.<sup>312</sup>

Antero dos Santos foi levado para o *Kodim* 1629, em Lospalos, pouco depois de se render em Kotamuto (Luro), em Fevereiro de 1979, com dois outros homens de Luro, Afonso Albuquerque e Bernardino Carvalho. Cerca de um mês depois, foi levado num camião *Hino* em direcção a Motolori, juntamente com Afonso Albuquerque, Benedito, Pedro Sanches e Afonso Sávio. O seu destino posterior é desconhecido, embora eles tenham sido vistos a dirigir-se para Iliapa.<sup>313</sup>

Segundo as informações recebidas, Francisco Sarmento Loy, que fora delegado no Sector da Ponta Leste, vivia em Lospalos quando foram buscá-lo a Mehara e morto algures em 1979 por um pelotão da *Hansip* sob o comando de M239, que o baleou pessoalmente até à morte, amarrou o seu corpo e levou-o para Lospalos, onde foi atado a um veículo militar e arrastado pelas ruas.<sup>314</sup>

O maior número de mortes e desaparecimentos de pessoas suspeitas de actividades clandestinas relatado à Comissão ocorreu na região Com-Mehara, onde um grupo de combatentes da Resistência liderado por Xanana Gusmão se refugiou após a queda da base de apoio de Matebian.<sup>315</sup>

Foram detidos vários grupos de pessoas nesta área entre Junho e Outubro de 1979, que foram executadas ou desapareceram.

Um dos alvos foram os familiares de Humberto da Costa, colaborador do comando do sector da Ponta Leste que estava escondido na floresta com Xanana Gusmão, e outras pessoas suspeitas de serem activistas da Resistência em Mehara. O pai de Humberto, Gonçalo Soares, dois dos seus tios, Gabriel Soares e Miguel Monteiro, um irmão, Alarico da Costa, e quatro outros, Carolino Carvalho, João Caetano, Alcino e António do Carmo, foram detidos em Mehara, em Junho de 1979, por membros do Batalhão 745 e foram levados. O seu destino posterior é desconhecido, mas os seus familiares pensam que — baseados inclusive em informação que lhes foi dada por membros do Batalhão 745 — alguns, ou todos, foram mortos no cemitério Upo Piti, em Lospalos, no quartel-general do Batalhão 745, em Trisula, Assalaino (Fuiloro, Lospalos) ou ali perto, em Silari. Segundo as informações recebidas, Humberto da Costa, e dois outros combatentes das Falintil, um deles chamado Martinho, foram mortos em combate durante uma

operação com o Batalhão 745, a *Hansip* e membros do grupo paramilitar Equipa *Nuklir*, comandada pelo então subadministrador do distrito de Moro, Edmundo da Conceição, na área de Com, a 17 de Outubro de 1979.<sup>316</sup>

Os *Hansip* da área de Com-Mehara também se tornaram suspeitos e foram detidos, tendo depois desaparecido.

Sete *Hansip* da aldeia de Laiara (Parlamento, Moro, Lautém) Venâncio Gomes, Amaro Amaral, Sebastião Maria Lourdes, Horácio Silvério Lopes, Rodolfo da Costa Júnior, Inácio dos Santos e Justino dos Santos, que tinham sido recrutados para trabalhar como *Hansip* no suco de Maina I, foram convocados ao *Koramil* de Moro a 14 de Maio de 1979. Foram interrogados por membros do *Kopassandha* por serem suspeitos de terem fornecido munições às Falintil. Passadas algumas horas, foram levados por elementos do Batalhão 745, supostamente para “irem para a escola”. Só um dos sete, Justino dos Santos, voltou a aparecer. As famílias das vítimas souberam mais tarde que algumas tinham sido mortas pelo Batalhão 745 em Assalaino (Fuiloro, Lospalos) e em Sepelata (Bauro, Lospalos) e os cadáveres de três das vítimas foram posteriormente encontrados nesses dois locais.<sup>317</sup>

Victor Pires e Faustino Guimarães, da aldeia de Loro (Tutuala) eram dois *Hansip* que desapareceram em 1979, juntamente com vários outros, após serem detidos pelo seu comandante, M239. Quando o irmão de Victor Pires perguntou a M239 onde ele estava, foi-lhe dito que ele “estava a trabalhar na floresta”. No entanto, nem ele nem Faustino voltaram a aparecer.<sup>318</sup> Segundo o irmão mais velho de Victor Pires, ele era um *Hansip*, juntamente com Faustino e outros cujos nomes foram esquecidos, sob o comando de M239. Quando o depoente perguntou a M239 onde estava o seu irmão, M239 disse-lhe que ele estava a trabalhar na floresta, mas ele nunca mais apareceu.<sup>319</sup>

Em Moro (Lautém), pelo menos três grupos distintos e várias pessoas suspeitas de participarem em actividades clandestinas foram detidas e executadas por volta desta altura, durante o que parece ter sido uma operação realizada pelo Batalhão 745 com o objectivo de destruir redes clandestinas na área.<sup>LII</sup>

---

<sup>LII</sup> Durante 1979, após estarem mais de um ano presos num campo de reinstalação em Parlamento, os aldeões desta área foram autorizados a regressar aos seus sucos. No entanto, as *ABRI* descobriram uma rede clandestina chamada ‘Ajuda Nan Maran’, e enviaram os aldeões de Muaspusu, Vailovaia e Lohomata para um novo campo de reinstalação em Com, onde a segurança estava a cargo dos Batalhões 512 e 745 e, segundo as informações recebidas, as condições eram ainda piores do que em Parlamento [Entrevista da CAVR a Edmundo da Cruz, Com, Moro, Lautém, sem data].

- Cinco homens de Muaspusu (Aurlopo, Com), Óscar Victor, Duarte, Mário, Pedro e Virgílio, foram detidos em Junho ou Julho de 1979 por membros do Batalhão 745 sob ordens do seu comandante, o capitão Joko Himpuno. Mais tarde, nesse mesmo dia, depois de serem torturados no posto do Batalhão 745 em Com, os cinco foram levados para a praia de Etipiti (Com) e mortos. Segundo as informações recebidas, Virgílio foi baleado na nuca e depois golpeado nas costas por três membros do Batalhão 745, chamados M240, M241 e M242. O *Babinsa* mandou as famílias recolherem os cadáveres. No dia seguinte, membros do Batalhão 745 queimaram todas as habitações de Muaspusu. Segundo as informações recebidas, os homens tinham sido membros activos do movimento clandestino, mas foram presos porque outro homem, Caetano Vilanova, fugira para a floresta.<sup>320</sup>
- Um depoente que foi recrutado à força para esta mesma operação, realizada com o Batalhão 745, sob o comando de M243, relatou que, após queimarem as habitações de Muaspusu, as tropas deslocaram-se para Etipiti, onde detiveram mais cinco homens, Pedro, Kacoli, Júlio e José, e um outro, cujo nome o depoente desconhecia, por serem suspeitos de pertencerem ao movimento clandestino. Os homens foram levados para a floresta e interrogados. Pedro e o quinto homem foram então levados para as instalações administrativas do suco, em Com, e os outros três foram levados para um local chamado Seler. Após serem violentamente espancados, os três foram então levados para um local chamado Keermoko, e foram decapitados, um de cada vez. Os seus corpos foram deixados a apodrecer. O depoente soube mais tarde que Pedro e Kacoli também tinham sido mortos.<sup>321</sup>
- José da Silva fora o delegado principal de Com (Moro, Lautém). A 15 ou 16 de Junho de 1979, membros do Batalhão 745, liderados por M243, levaram-no, juntamente com dois sobrinhos seus, Martinho da Silva e Pedro dos Santos, outro antigo delegado, e o primo de ambos, Júlio de Castro, das aldeias de Iraonu e de Pitileti, em Com, para a aldeia de Etipiti.<sup>322</sup> O comandante indonésio disse que os homens iam participar numa operação ao monte Caicere, em busca da Fretilin e que regressariam quando a operação terminasse. Nunca mais voltaram. Segundo um testemunho prestado à Comissão pela mulher de José da Silva, ele tinha mantido contacto com a Fretilin na região de fronteira de Com-Mehara.<sup>323</sup> Outra fonte disse à Comissão que Martinho da Silva e Pedro dos Santos costumavam pescar e entregar o pescado à Fretilin, na floresta.<sup>324</sup>
- Alcino Fernandes Xavier, Domingos dos Santos e António João Lopes foram detidos, provavelmente em 1979, por soldados do Batalhão 508, membros da *Hansip* e da Polícia e pelo administrador do subdistrito e comandante do grupo paramilitar Equipa *Nuklir*, M244, sob suspeita de terem participado em actividades clandestinas. Os homens foram levados para um local na floresta chamado Adaveri (Serelau, Moro), onde Alcino foi morto.<sup>325</sup>
- Estanislau, Afonso, Bendito, Tomás da Costa, Paulo e Rui foram detidos em Daudere, Moro por membros do Batalhão 745, algures em 1979, enquanto apanhavam cocos. Foram levados para um local próximo chamado Leiresi e interrogados sobre se conheciam Paulino, um comandante das Falintil que ainda se encontrava na floresta. Quando negaram conhecer Paulino, foram amarrados. Nessa noite, Estanislau conseguiu fugir, mas os outros foram levados para um local chamado Serekara (Daudere, Moro) e mortos a tiro. Mais tarde, nessa noite, os outros foram também mortos a tiro. Dois depoentes ouviram os tiros. Os corpos ficaram por enterrar durante três anos, no local onde ocorreram os homicídios.<sup>326</sup>

- Existe um outro caso possivelmente relacionado com o anterior, ocorrido na mesma área e por volta da mesma altura. Anudai foi detido em 1979 no suco de Lautém (Moro, Lautém) por um membro do Batalhão 745 chamado M245, e um TBO, chamado M246, juntamente com a sua mulher, Libabui 1, a tia do depoente, Libabui 2, e outro familiar, Koofou. Os quatro foram levados para a praia de Lautém, onde M245 matou Liabui 1 a tiro e feriu Anudai na coxa. M245 informou os outros familiares sobre o que acontecera e dois deles dirigiram-se ao local para recolher o cadáver. Nessa noite, M245 e M246 voltaram a deter Anudai, Liabui 2 e Koofou, e levaram-nos novamente para a costa, onde os mataram a tiro. A família teve demasiado medo de recolher os cadáveres e só o fez passados três ou quatro anos.<sup>327</sup>

Além destas detenções em grupo, outras pessoas suspeitas de manterem contacto com as Falintil foram igualmente detidas e executadas em Moro nesta altura.

Alcino da Costa Ximenes foi capturado por tropas indonésias em Junho de 1977, em Moro, e levado para Díli, onde foi interrogado durante quatro meses. Quando regressou a casa, no suco de Serelau, em Moro, manteve as suas relações clandestinas com a Resistência. Algures em 1978, enquanto passeava, foi cercado por elementos do Batalhão 408, que lhe ordenaram que fosse apanhar cocos. Enquanto o fazia, foi morto a tiro. O administrador do subdistrito, M244, disse à mulher de Alcino da Costa Ximenes, enquanto a ameaçava com uma pistola, que ele atacara os soldados indonésios e fugira para a floresta.<sup>328</sup>

Em Outubro 1979, um membro do movimento clandestino chamado António da Costa, de Fuiluro (Lospalos, Lautém), recebeu uma carta do líder das Falintil, Dinis, para a entregar ao chefe de suco, M248. António da Costa entregou a carta a M248 e M248 deu-a ao Comando Militar Distrital (*Kodim*) de Lospalos. Jaime deteve António e entregou-o ao comandante do Comando Militar Subdistrital de Moro (*Koramil*), cujo nome era M247. M247 ordenou à Equipa *Nuklir*, o grupo paramilitar comandado por M244, que levasse António da Costa para o quartel-general do Comando Militar Distrital (*Kodim*). No *Kodim*, António ficou preso com alguém chamado Carlos. Quando Carlos foi libertado, disse que António da Costa fora levado para um local desconhecido.<sup>329</sup>

Pedro Nogueira foi detido por membros da *Brimob* (Brigada Móvel da Polícia) em Leven, Com, a 20 de Outubro de 1979, e levado para o quartel-general do Batalhão 745 em Trisula, Assalaino (Bauro, Lospalos), onde foi torturado, sendo esfaqueado e queimado em várias partes do corpo. Nesse mesmo dia, três dos seus filhos, Amélia, Juliana e Ermenegildo, foram levados para o posto do Batalhão 745, em Luarai, Fuiluro (Lospalos), onde foram interrogados sobre Pedro, em particular sobre se ele alguma vez enviara ajuda às Falintil, mais especificamente ao seu filho, Júlio. Os filhos de Pedro Nogueira foram espancados durante o interrogatório, mas foram autorizados a ir para casa a 23 de Outubro. Nesse mesmo dia, Pedro Nogueira foi morto a tiro. A 25 de Outubro, os seus filhos foram novamente chamados ao posto do Batalhão 745, em Luarai, e interrogados sobre se Júlio tinha ido a Leven desde a morte do pai.<sup>330</sup>

Membros de grupos clandestinos de outros subdistritos de Lautém também desapareceram ou foram executados durante esta época. No início de Dezembro de 1979, oito pessoas suspeitas de pertencerem a uma rede clandestina no subdistrito de Luro — Duarte dos Santos, Aleixo Soares (Malimau), Alfredo Ramos, Amélia da Silva, António da Conceição, Hermenegildo da Costa, Manuel Simões e Manuel dos Santos — foram mandadas para o *Koramil* de Luro pelo administrador do subdistrito de Luro, Filomeno Branco. As oito pessoas foram vistas pela última vez quando saíram do *Koramil* de helicóptero, às seis horas da manhã do dia 3 de Dezembro de 1979. As suas famílias foram informadas de que o grupo ia fazer um curso de ideologia do Estado indonésio (*Penataran P-4*), em Lospalos. O seu paradeiro posterior é desconhecido.<sup>331</sup>

Algum tempo antes do desaparecimento dos oito, um *Hansip*, Afonso Pinto, levava CO e Hermenegildo da Costa até casa do administrador do subdistrito. Depois de Hermenegildo da

Costa negar ter qualquer conhecimento sobre uma carta das Falintil para o administrador do subdistrito, os dois foram ameaçados, mas autorizados a voltar para casa. Alguns dias mais tarde, CO foi levada para o posto do Batalhão 126, onde já se encontrava outro prisioneiro, Alfredo Ramos. Foi violada sexualmente e mandada para casa. No dia seguinte, de manhã cedo, CO foi chamada ao *Koramil*, onde já se encontravam os outros sete. Desapareceram naquele dia.<sup>LIII 332</sup>

Além de antigos líderes da Fretilin e comandantes das Falintil, também eram mortas pessoas normais, que se tinham rendido e sido integradas no regime de ocupação indonésio, nomeadamente como membros da administração civil ou auxiliares de forças de segurança como a *Hansip* ou o *Tonsus*.

Segundo as informações recebidas, entre essas pessoas encontravam-se membros do *Tonsus* liderada por João Branco, alguns dos quais foram executados em Quelicai (ver supra) e outros que podem ter sido mortos Lospalos (ver Quadro: Mortes em Lautém, 1978/1979). Entre essas pessoas encontrava-se também Orlando Marques, de Raça, que tinha sido capturado em Fevereiro de 1976, quando pára-quadistas indonésios aterraram na planície de Lospalos. Orlando Marques juntou-se à administração civil indonésia e tornou-se administrador do subdistrito de Iliomar. Segundo um testemunho prestado à Comissão pela sua mulher, ele foi detido em Tutuala, em Junho de 1979, por membros do Batalhão 745 e levado para o quartel-general do batalhão, em Trisula. Os seus familiares não foram autorizados a visitá-lo e nunca mais o viram.<sup>333</sup>

Ao longo dos seus seminários de perfil comunitário, a Comissão também recebeu relatos com nomes de cerca de 40 outras pessoas de sucos do subdistrito de Lospalos, que foram executadas ou desapareceram durante 1979. Pouco se sabe sobre as circunstâncias em que desapareceram ou foram executadas. Um caso típico sobre o qual se sabe mais do que é habitual é o de Mário Provincial, um agricultor da aldeia de Vailana, no suco de Loré I, que tinha 56 anos quando morreu. Segundo um testemunho prestado à Comissão, ele foi levado com dois outros aldeões por membros do Batalhão 745, em Dezembro de 1979, aparentemente para construir uma cabana para o batalhão. Com efeito, eles foram levados para um local próximo e, com base no tiroteio ouvido por um outro aldeão, pensa-se que tenham sido mortos a tiro.<sup>334</sup>

## Distrito de Manufahi

**Table 14 - Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados no distrito de Manufahi, 1978/1979**

Nome	Posição	Data e local de captura/re ndição	Data de execução/desapare cimento	Perpetrador	Fonte(s)
Alas					
Anselmo	Falintil		Espancado até à morte pelas <i>ABRI</i> em Alas	<i>ABRI</i>	Perfil Comunitário, Debu-Waen, Mahaquidin, Alas
Manuel Luís	Falintil	Capturado	Morto pelas <i>ABRI</i>	<i>ABRI</i>	Perfil

<sup>LIII</sup> Num caso que pode estar relacionado, Domingos Mário, um *TBO* no *Koramil* de Luro, foi detido por escrever uma carta dirigida a Filomeno Branco a pedido de um membro das Falintil que se encontrava na floresta. Segundo o relato recebido, Domingos Mário foi levado por elementos indonésios do Batalhão 305 para um local chamado Nundelarin, também em Luro, onde foi golpeado com uma baioneta e queimado com cigarros na bochecha. Nove dias depois, foi autorizado a voltar para casa. Três dias depois, tropas indonésias e *Hansip* foram buscá-lo e ele desapareceu [HRVD, HRVD, Testemunho n° 04435]. Outras pessoas detidas por volta desta altura em Luro por serem suspeitas de manterem contacto com a Fretilin/Falintil e que foram posteriormente mortas ou desapareceram, foram João Freitas, chefe da aldeia de Buanumar (Kotamoto, Luro) [HRVD, Testemunho n° 02798], Casimiro dos Santos Alegria, um antigo assistente de Baricafa, (Luro, que, segundo as informações recebidas por morto pelas forças indonésias em Darapu'u, Baricafa em 1979, algum tempo depois de ter sido capturado no monte Matebian em 1978 [HRVD, Testemunho n° 09117] e Antero Teixeira, um antigo assistente.

		em 1978	em Uma Metan		Comunitário, Lurin, Taitudak, Alas
Florindo da Costa	Falintil	Capturado em 1978	Morto pelas <i>ABRI</i> em Uma Metan	<i>ABRI</i>	Perfil Comunitário, Lurin, Taitudak, Alas
Duarte Almeida			Morto em Uma Metan, Fevereiro de 1979		HRVD 01587, 01506, 01576; Perfil Comunitário, Taitudak, Manus, Alas
João da Silva			Morto em Uma Metan, Fevereiro de 1979		HRVD 01576; Perfil Comunitário, Taitudak, Manus, Alas
João Martins Fernandes			Morto em Uma Metan, Fevereiro de 1979		HRVD 01576; Perfil Comunitário, Taitudak, Manus, Alas
Remígio Baptista			Morto em Uma Metan, Fevereiro de 1979		HRVD 01576; Perfil Comunitário, Taitudak, Manus, Alas
Luís Monteiro			Morto em Hatu- Udo, Fevereiro de 1979		HRVD 01576; Perfil Comunitário, Taitudak, Manus, Alas
António Cepeda	Secretário Zona Same	Manu- Mera, Alas, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandh</i> <i>a</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750
António Lisboa	Comandante de pelotão	Manu- Mera, Alas, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandh</i> <i>a</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750
Luís Marçal	Secretário de suco Letefoho	Manu- Mera, Alas, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandh</i> <i>a</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750, Perfil Comunitário Letefoho
José Henrique	Comandante de companhia	Manu- Mera, Alas, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandh</i> <i>a</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750
Mateus Cortereal	Comandante de Zona Same	Hatu Rai, Same, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandh</i> <i>a</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750
Jaime Sarmiento	Comandante de Zona	Hatu Rai, Same,	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandh</i>	HRVD 04750

	Maubisse	Março de 1979	interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>a</i> e <i>Hansip</i>	
Pedro Cortereal	Secretário de suco Holarua	Hatu Rai, Same, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandha</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750, 04081?, 04073?
Martinho Cortereal	Comandante pelotão	Hatu Rai, Same, Março de 1979	Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandha</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750, 04081?, 04073?
Armando da Silva	Comandante		Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandha</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750
Vidal	Comandante		Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandha</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750, Perfil Comunitário Letefoho
Luciano	Comandante		Morto em Halikuloli pela <i>Hansip</i> após interrogatório e tortura pelo <i>Kodim</i> e <i>Kopassandha</i> , Março de 1979	<i>Kodim</i> , <i>Kopassandha</i> e <i>Hansip</i>	HRVD 04750, Perfil Comunitário Letefoho
Manuel Adão			Morto pela <i>Hansip</i> em Uma Metan, Alas, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05410
Marçal Osvaldo			Morto pela <i>Hansip</i> em Uma Metan, Alas, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05410
João Bosco Francisco	Colaborador Alas		Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Batalhão 401/ <i>Hansip</i> ?	HRVD 05153, 03427, 03429, 03401. 04071; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi
José Maria (Mausiri)	Adjunto	Kolkeu, 11 Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Batalhão 401/ <i>Hansip</i> ?	HRVD 05153, 03427, 03429, 03401. 04071, 04088; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi; <i>Ringkasas Kasus</i>
Ermelita Coelho (Siri Lou)	OPMT Alas	Kolkeu, 11 Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Batalhão 401/ <i>Armed</i> 10/ <i>Hansip</i> ?	HRVD 05153, 03427, 03429, 03401. 04071, 04088; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi;

Eduardo dos Anjos (Kakuk)	Comité Central da Fretilin	Kolkeu, 11 Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Batalhão 401/ <i>Armed 10/Hansip?</i>	HRVD 05153, 03427, 03429, 03401. 04071, 04088; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi; <i>Ringkasan Kasus</i>
Plácido da Costa	Comandante de companhia	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05153, 03427, 03429; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi
Hipólito Fernandes	Comandante de pelotão	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05153, 03427, 03429; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi
Benjamin da Costa	Comandante Serac, Alas	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05153, 03427, 03429, 03414, 03442; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi
Isidoro Fernandes	Falintil	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05153, 03427, 03429; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi
António Vicente		Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	Desapareceu de Uma Metan, Alas, Março de 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 05153, 03427, 03429; Perfil Comunitário Debu-Waen, Mahaquidin, Alas, Manufahi
Vicente António Dias			Morto em entre Uma Metan e Betano, 1979	<i>ABRI</i>	HRVD 03431
Hermínio Baptista			Morto em Lebos, 10 ou 11 Março de 1979	<i>Hansip/Linud 100</i>	HRVD 04071, 04069, 04088, 04100, 04069
Estêvão da Costa			Morto em Lebos, 10 ou 11 Março de 1979	<i>Hansip/Linud 100</i>	HRVD 04071, 04069, 04088, 04100
Maliuca			Morto em Uma Metan, Alas, 10 ou 11 Março de 1979	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04088, 04100
Francisco da Silva	Delegado		Morto em Uma Metan, Alas, 10 ou 11 Março de 1979	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04088, 04100
Pedro Pereira			Morto em Uma Metan, Alas, 10 ou 11 Março de 1979	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04088, 04100
Vidal Cina da Cruz	Comandante	Betano, 1979	Morto em Uma Metan, Alas, 10 ou	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04088, 04100

			11 Março de 1979		
Francisco da Conceição	Delegado	Betano, 1978	Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085; Entrevista da CAVR a Saturnino Tilman
Franco da Costa	Assistente Política	Betano, 1978	Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085; Entrevista da CAVR a Saturnino Tilman
Paulino Verdial (Teli)	Delegado	Betano, 1978	Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085; Entrevista da CAVR a Saturnino Tilman
Martinho Pereira (Aulaco)	Delegado, Ailalu	Betano, 1978	Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085; Entrevista da CAVR a Saturnino Tilman
Sebastião Nunes	Vice-delegado	Betano, 1978	Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085; Entrevista da CAVR a Saturnino Tilman
Bernardino Almeida			Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085
Clementino da Conceição			Março ou Julho de 1979; desaparecido; relato de que foi morto na ribeira de Karau Ulun, Betano	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 04073, 04081, 04085
João Nascimento Pires		Nu Laran, Taitudak, Alas	1979; desaparecido; relato de que foi morto pela <i>Hansip</i> em Lacló	<i>Hansip</i>	HRVD 0342, 00802, 03433
Edmundo Amaral			1979; Morto pelas <i>ABRI</i> em Fore Karin, Dotik, Alas	<i>ABRI</i>	HRVD 03438
Crispim			1979; Morto em Uma Metan	<i>Hansip</i>	HRVD 04023
Eulália		Uma Metan, Taitudak, Alas	10 Maio de 1979; Morta junto à ribeira de Soisara, Mahaquidin, Alas	<i>Hansip</i>	HRVD 03423, 03456
Turiscai					
Alúcio Barbosa	Delegado	Ailelek, Fahinehan, 1979	1979; abatido a tiro em Manumera pelo <i>Koramil/Hansip/Linud 100/Linud 700</i>	<i>Koramil/Hansip/Linud 100/Linud 700</i>	HRVD 06610, 06610, 06525; Perfil Comunitário, Manumera, Turiscai
João Dias	Delegado	Aimoulako	Fevereiro de 1979;	<i>Hansip/Linu</i>	HRVD 03491,

		, Fahinehan , Janeiro de 1979	espancado até à morte em Manumera	<i>d 100</i>	03790; Perfil Comunitário, Manumera, Turiscai
Tome	Delegado		1979; Morto pela <i>Hansip</i> em Fatufaelaran, Turiscai	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Beremeana, Turiscai
Lequibere			1979; Morto pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Beremeana, Turiscai
António Monteiro			1979; Morto pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Beremeana, Turiscai
Valente Soares			Fevereiro de 1979; Morto em Manumera	<i>Linud 100</i>	HRVD 03491, 03790
Mauhalik			Fevereiro de 1979; Morto em Manumera	<i>Linud 100</i>	HRVD 03491, 03790
Nidal			Fevereiro de 1979; Morto em Manumera	<i>Linud 100</i>	HRVD 03491, 03790
Armindo Godinho			1979; abatido a tiro em Mindelo	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Manumera, Turiscai
Berehunuk		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	1979; abatido a tiro em Datarua, Fahinehan	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Manumera, Turiscai
Beremalik		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	22 Fevereiro de 1979; morto a tiro na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD 06440
Bere Leki		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	22 Fevereiro de 1979; morto a tiro na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Ta Mali		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	22 Fevereiro de 1979; morto a tiro na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Mau Leki		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	22 Fevereiro de 1979; morto a tiro na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Maubere		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	22 Fevereiro de 1979; morto a tiro na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
José		Foholau, Turiscai,	22 Fevereiro de 1979; morto a tiro	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a

		Fevereiro de 1979	na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>		Felismina Soares; HRVD
Duas pessoas não identificadas		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	22 Fevereiro de 1979; mortas a tiro na ribeira de Saibololo em Foholau, Turiscai, pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Sebastião		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	23 de Fevereiro de 1979; morto a tiro em Hulala, Liurai entre Foholau e Turiscai	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Maubere		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	23 de Fevereiro de 1979; morto a tiro em Hulala, Liurai entre Foholau e Turiscai	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Maubere		Foholau, Turiscai, Fevereiro de 1979	23 de Fevereiro de 1979; morto a tiro em Hulala, Liurai entre Foholau e Turiscai	<i>Hansip</i>	Entrevista da CAVR a Felismina Soares; HRVD
Fatuberliu					
Berleki	Falintil		Morto em Saluki, Fatuberliu, 1978		
Marubi	Falintil		Desaparecido após captura pelas <i>ABRI</i> em Wailuhu, Fatuberliu, 1978		
António	Falintil		Desaparecido após captura pelas <i>ABRI</i> em Wailuhu, Fatuberliu, 1978		
Berloi	Falintil		Desaparecido após captura pelas <i>ABRI</i> em Wailuhu, Fatuberliu, 1978		
Adriano Gomes		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Bi-Luís		Capturada em Aicora, Alas, 1978	Morta pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Cristiano da Costa		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Francisco da Costa		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Ijiménio da Costa		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776

Inácio da Costa		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Jaimito		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Lekibere		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Maubere		Capturado em Aicora, Alas, 1978	Morto pela <i>Hansip</i> em Laututo, Fahinehan	<i>Hansip</i>	HRVD 04776
Arneu	Falintil	Capturado em Fatuberliu, 1979	Espancado até à morte na base do <i>Kopassandha</i> em Fatuberliu	<i>Kopassandha</i>	HRVD 03018
Ricardo Lobato			Morto a tiro pelas <i>ABRI</i> perto de uma casa em Betun Laku, Clacuc, Fatuberliu, 1979		HRVD 03449
Humberto Hornay	Comandante de companhia		Fevereiro de 1979; abatido a tiro em Welalika, Fatuberliu	<i>Hansip/Koramil</i>	HRVD 03464; Perfil Comunitário Caicasa, Fatuberliu
Agusto de Jesus	Comandante, Armas Brancas		Fevereiro de 1979; abatido a tiro em Welalika, Fatuberliu	<i>Hansip/Koramil</i>	HRVD 03464; Perfil Comunitário Caicasa, Fatuberliu
Francisco Ximenes	Comandante de pelotão		Fevereiro de 1979; abatido a tiro em Welalika, Fatuberliu	<i>Hansip/Koramil/Linud 100</i>	HRVD 03464, 03455; Perfil Comunitário Caicasa, Fatuberliu
José Ximenes	Povo		Fevereiro de 1979; abatido a tiro em Welalika, Fatuberliu	<i>Hansip/Koramil</i>	HRVD 03464; Perfil Comunitário Caicasa, Fatuberliu
Luís de Andrade (Amatuak)	Comandante de companhia	Aidikmean Tutun, Alas	8 de Abril de 1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Jorge da Costa (Jorge de Jesus)	Comandante	Aidikmean Tutun, Alas	5 de Abril de 1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Pedro Abílio	Soldado	Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Hilário	Comandante, Armas Brancas	Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu

Joaquim Magalhães	Comandante de companhia	Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Martins da Costa	Falintil	Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
João Cairo	Falintil	Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Borfiri		Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Webere		Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Tetiseran		Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
Berkoli		Aidikmean Tutun, Alas	1979; Morto na Cidade Velha de Fatuberliu (Welaloho?)	<i>Hansip/ABRI</i>	Perfil Comunitário, Fatucahi, Fatuberliu
João Abílio Fernandes			1979; Morto em, Fatuberliu		AI (1985)
João Raul (João Gentio)			1979; Morto em, Fatuberliu		AI (1985)
Moisés Tilman de Araújo			1979; desaparecido, Fatuberliu		AI (1985)
Luís Alves			1979; Morto no posto do Batalhão 643 em Aidiklaran, Fatukmutin, Caicasa, Fatuberliu	Batalhão 643	HRVD 03470
Francisco Ximenes		Caicasa, Fatuberliu	1979; morto a tiro pelo <i>Linud 100</i>	<i>Linud 100</i>	HRVD 03455
Tobias da Costa		Fatucahi, Fatuberliu , Fevereiro de 1979	1979; desaparecido quando sob custódia do Batalhão 745	Batalhão 745	HRVD 03424
Caetano de Araújo		Fatucahi, Fatuberliu , Fevereiro de 1979	1979; desaparecido quando sob custódia do Batalhão 745	Batalhão 745	HRVD 03424
Martins		Fatucahi, Fatuberliu , Fevereiro de 1979	1979; desaparecido quando sob custódia do Batalhão 745	Batalhão 745	HRVD 03424
João Mamede		Fatucahi, Fatuberliu , Fevereiro de 1979	1979; desaparecido quando sob custódia do Batalhão 745	Batalhão 745	HRVD 03424
António Fernandes	Comandante de batalhão	Welamusa , Fatucahi,	Morto pela <i>Hansip</i> na vila de Fatuberliu	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 03424, 07021, Perfil Comunitário,

		Fatuberliu , Dezembro de 1978/início de 1979			Clacuc, Fatuberliu
Zaulino Borges Torrezão	Comandante	Welamusa , Fatucahi, Fatuberliu , Dezembro de 1978/início de 1979	Morto pela <i>Hansip</i> na vila de Fatuberliu	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 03424; Perfil Comunitário, Clacuc, Fatuberliu
Marcos da Costa Fernandes	Assistente	Welamusa , Fatucahi, Fatuberliu , Dezembro de 1978/início de 1979	Espancado até à morte pela <i>Hansip</i> na vila de Fatuberliu	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 03482, 03278: Perfil Comunitário, Clacuc, Fatuberliu
Francisco Fernandes	Comandante	Welamusa , Fatucahi, Fatuberliu , Dezembro de 1978/início de 1979	Morto pela <i>Hansip</i> na vila de Fatuberliu	<i>ABRI/Hansip</i>	Perfil Comunitário, Clacuc, Fatuberliu
Luís Ximenes	Falintil	Rendição em Aubaha, Clacuc, Fatuberliu , 1979	Morto pela <i>Hansip</i> no cimo do Monte Clacuc, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 03487, 03488
Carlos Carlito		Rendição em Aubaha, Clacuc, Fatuberliu , 1979	Morto pela <i>Hansip</i> no cimo do Monte Clacuc, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 03487, 03488
Francisco Lopes	Comandante de pelotão	1979	Morto pela <i>Hansip</i> em Fatuk Mutin, Welaluhu, Fatuberliu Lama	<i>ABRI/Hansip</i>	HRVD 03471
Francisco da Cruz	Comandante	Riamori, 1979	Morto pelo <i>Linud</i> <i>100</i> em Riamori	<i>Linud 100</i>	HRVD 03474, 03492
João Baptista		1979	Morto	<i>ABRI</i>	HRVD 03492
João Tariri		Caicasa, Fatuberliu , 13 Janeiro de 1979	Desaparecido; relato de que foi morto em Baberuk, Fatuberliu	<i>Linud 100</i>	HRVD 03464
Prudêncio Maia	Colaborador Sector Centro Sul	15 Abril de 1979; Capturado em pelo <i>Linud 100</i>	Morto na presença da família a 24 de Abril em Fatubessi, Welaluhu, Caicasa, Fatuberliu pela <i>Hansip</i>	<i>Linud</i> <i>100/Hansip</i>	HRVD 04030
Felisberto Gouveia Leite	Enfermeiro destacado	Janeiro de 1979;	Desaparecido entre Fevereiro e Março	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de

	junto da Comissão de Apoio e Solidariedade (CAS)	Capturado em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morto em Ailui, Fahinehan		Maria da Costa; Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Alexandrina Amélia Agosto de Pires Leite	Mulher de Felisberto	Janeiro de 1979; Capturada em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecida entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morta em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de Maria da Costa; Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Maria Auxiliadora Filomena Pires Leite (Karilesu)	Filha de Felisberto e Alexandre Amélia; mulher de Rogério Lobato; membro da CAS	Janeiro de 1979; Capturada em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecida entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morta em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de Maria da Costa; Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Dulce Maria Pires Leite (Iilloe)	Filha de Felisberto e Alexandre Amélia; membro da CAS	Janeiro de 1979; Capturada em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecida entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morta em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de Maria da Costa; Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Rui Manuel Baptista Pires Leite	Filho de Felisberto e Alexandre Amélia	Janeiro de 1979; Capturado em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecido entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morto em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de Maria da Costa; Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Maria de Fátima Baptista Pires	Filha de Felisberto e Alexandre	Janeiro de 1979; Capturada	Desaparecida entre Fevereiro e Março de 1979 após	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de Maria da Costa;

	Amélia	em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morta em Ailui, Fahinehan		Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Áurea Fontes Gusmão (Olo Bere)	Filha adoptiva de Felisberto e Alexandre Amélia; membro da CAS	Janeiro de 1979; Capturada em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecida entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morta em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	HRVD 05759; Testemunho de Maria da Costa; Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa: AI (1985)
Domingos	Guarda-costas	Janeiro de 1979; Capturado em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecido entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morto em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa
Pedro Kulo		Janeiro de 1979; Capturado em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecido entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morto em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa
Câncio		Janeiro de 1979; Capturado em/rendição em Aituha/Rai maliak, Alas?	Desaparecido entre Fevereiro e Março de 1979 após transferência do campo de reinstalação em Fahinehan para a custódia do <i>Linud 100</i> na Igreja de Fahinehan, Fatuberliu; relato de que foi morto em Ailui, Fahinehan	<i>Linud 100</i>	Entrevista da CAVR a Bernardo da Costa
Same					
Pedro Maumanas	Comandante, Armas Brancas	Ferido e capturado em Dolok,	Morto pelas ABRI em Betano, 1978	ABRI	Perfil Comunitário, Debu-Waen,

		Alas pelas <i>ABRI</i> , 1978			Mahaquidan, Alas
Mali Mau		Capturado em Likbau, Ulu, Same, 1978	Morto em no local após captura pela <i>Hansip</i>	<i>Hansip</i>	HRVD 04918
Mau Buti	Falintil		Levado de casa pela <i>Hansip</i> por ordem das <i>ABRI</i> e morto em Bukuil Ulun, Rotuto, Same, Fevereiro de 1978(9?)		HRVD 04765
Lelo Sea	Falintil		Levado de casa pela <i>Hansip</i> por ordem das <i>ABRI</i> e morto em Bukuil Ulun, Rotuto, Same, Fevereiro de 1978(9?)		HRVD 04765
Alcino da Costa Vidal	Delegado da Fretilin, Aldeia Biti- Makererek, Alas		Morto pelas <i>ABRI</i> a 7 de Agosto de 1978 em Betano	<i>ABRI</i>	HRVD 05434
Luís Gonzaga			Morto pela <i>Hansip</i> na vila de Same pouco tempo após rendição, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 04727, 04732
Mário Fernandes			Morto pela <i>Hansip</i> na vila de Same pouco tempo após rendição, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 04727, 04732
Quei No	Fretilin, chefe de suco Tutuloro		Morto pelas <i>ABRI</i> em 1979 em Daisua, Same	<i>ABRI</i>	HRVD 05421
Kotimeta			Morto pela <i>Hansip</i> em Daisua, Same, 1979	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Daisua, Same
Kosteti			Morto pela <i>Hansip</i> em Daisua, Same, 1979	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Daisua, Same
Baresi			Morto pela <i>Hansip</i> em Daisua, Same, 1979	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Daisua, Same
Daukolik			Morto pela <i>Hansip</i> em Daisua, Same, 1979	<i>Hansip</i>	Perfil Comunitário, Daisua, Same
Raimundo			Espancado até à morte pela <i>Hansip</i> em Betano, 1979	<i>Hansip</i>	HRVD 04091
Cerca de 20 pessoas			Desapareceram do edifício da escola de Same, 1979	<i>Hansip/ABRI</i>	HRVD 05408

Em finais de 1978, muitos habitantes dos subdistritos de Turiscaí, Same e Fatuberliu tinham fugido para o subdistrito de Alas para evitar as forças de ocupação indonésias. Durante os anos posteriores à invasão, muitos aldeões tinham seguido um caminho tortuoso, que incluiu desvios para Oeste, para o monte Kablaki, e para Leste, para Lequidoe, até chegarem a Alas. Muita da população de Alas tinha permanecido no subdistrito nos anos posteriores à invasão, embora após a chegada das *ABRI* a Betano no início de 1976, muitos tenham fugido para Norte e para Oeste, para as montanhas, até regressarem a Alas, por altura do ataque indonésio de 1978. A

população de Alas tinha aumentado devido ao afluxo de pessoas vindas de outros distritos, incluindo Aileu, Manatuto, Ainaro, Díli, Liquiça e Viqueque.<sup>335</sup> Ao renderem-se ou serem capturadas em finais de 1978 e no início de 1979, muitas das pessoas que tinham vindo de Turiscail, Same e Fatuberliu foram devolvidas aos postos dos subdistritos, onde ficaram concentradas sob controlo das *ABRI*. No entanto, várias pessoas provenientes de outros distritos não foram devolvidos aos respectivos subdistritos, tendo sido forçados a permanecer em Alas. A maior concentração destas pessoas ficou presa em Uma Metan, nas encostas do monte Lebos. No início de 1979, encontravam-se presas em Uma Metan cerca de oito mil pessoas deslocadas de todas estas áreas, guardadas por um destacamento misto de forças das *ABRI* (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos).

Após as rendições e capturas de finais de 1978 e início de 1979, um grande número de pessoas foram mortas ou desapareceram em Manufahi. Durante a sua investigação, a Comissão recebeu os nomes de 140 pessoas de todos os subdistritos de Manufahi, que foram mortas ou desapareceram durante este período. O maior número de mortes ocorreu no subdistrito de Alas, sobretudo em Uma Metan e nas áreas circundantes. Pensa-se que o subdistrito de Fatuberliu tenha sido palco do segundo maior número de homicídios no distrito.<sup>LIV</sup> Em cada um dos subdistritos de Manufahi, grupos específicos da *Hansip*, actuando sob ordens de unidades das *ABRI*, foram os perpetradores directos de muitos dos homicídios relatados à Comissão. Muitas das vítimas eram pessoas que tinham sido activas na Resistência, como funcionários da Fretilin ou comandantes das Falintil.

#### *Alas*

Segundo informações recebidas pela Comissão, vários grupos de pessoas foram executadas ou desapareceram em Uma Metan, pouco depois de se terem rendido ou de terem sido capturadas, no início de 1979.<sup>LIV</sup>

A comunidade de Manus saiu da floresta em Fevereiro de 1979 e rendeu-se na área de Tutuloro, em Alas. Pouco depois, *Hansip* liderados por M323 levaram quatro homens — Duarte Almeida, João da Silva, Martins Fernandes e Remígio Baptista — de Uma Metan, que posteriormente desapareceram. Um quinto homem, Luís Monteiro, fugiu e procurou refúgio em Hatu Udo (Ainaro), mas foi perseguido por M249 e os seus homens e foi morto.<sup>LVI 336</sup>

Segundo as informações recebidas, um grupo formado por, pelo menos, doze membros da Fretilin e comandantes das Falintil dos subdistritos de Same e Alas, foi executado em Uma Metan, após ser capturado em Março de 1979. Os doze homens eram: António Cepeda, secretário da Zona de Same; António Lisboa, comandante de pelotão das Falintil; Luís Marçal, secretário do suco de Letefoho (Same); José Henrique, comandante de companhia das Falintil; Mateus Cortereal, comandante da Zona de Same; Jaime Sarmento, comandante da Zona de

---

<sup>LIV</sup> Embora houvesse relativamente menos casos no subdistrito de Same, havia alguns [ver HRVD, Testemunhos n.ºs 07021, 04765, 04727 e 04732; e CAVR, Perfil Comunitário, suco de Daisua, subdistrito de Same, distrito de Manufahi, 3 de Julho de 2003]. Segundo as informações recebidas, o número relativamente pequeno de casos ocorridos em Same deve-se, provavelmente, à proximidade de Uma Metan, para onde foram transferidas algumas das vítimas de Same.

<sup>LIV</sup> Além dos grupos cujos casos são descritos adiante, também foram relatados à Comissão casos de pessoas que foram executadas ou desapareceram, nomeadamente o desaparecimento do comandante da Força de Defesa (FADE, Armas Brancas) de Alas, Pedro Matumanas [CAVR, Perfil Comunitário, Debu-Waen, Mahaquidin, subdistrito de Alas, distrito de Manufahi, 3 de Dezembro de 2003, e a execução de José Nascimento Pires, que, segundo as informações recebidas foi apanhado por *Hansip* e levado numa patrulha a Turiscail, onde foi morto a tiro [HRVD, Testemunhos n.ºs 00802, 03433 e 03442].

<sup>LVI</sup> O homicídio destas quatro pessoas foi aparentemente a continuação de um ciclo de violência que remontava à guerra civil. Pensa-se que o pai de M249, M254, líder da UDT em Alas, possa ter estado implicado no homicídio de 11 activistas da Fretilin em Wedauberek, a 27 de Agosto de 1975 (Alas, Manufahi). A Fretilin deteve M254 quando assumiu o controlo de Alas, no início de Setembro de 1975. M254 conseguiu fugir, mas foi encontrado por um grupo de activistas da Fretilin, formado por M255, M256, M256 e M257, e foi morto [ver secção supra, e HRVD, Testemunhos n.ºs 01585, 01597, 01599 e 03426].

Maubisse; Pedro Cortereal, secretário do suco de Holarua (Same); Martinho Cortereal, comandante de pelotão; Armando da Silva; Jaime; Vidal; e Luciano.

Segundo as informações recebidas, foram todos levados para o *Kodim* de Same após a captura, onde ficaram vários dias presos. Segundo as informações recebidas, enquanto estiveram no *Kodim* de Same, foram torturados pelo comandante do *Kodim*, o tenente-coronel M250, e por membros do *Kopassandha*. Os prisioneiros foram então transferidos, ficando sob a custódia do comandante do *Kopassandha* de Uma Metan, o capitão M251. Desse local, foram entregues a uma equipa da *Hansip* liderada por M249 e executados.<sup>337</sup>

Segundo as informações recebidas, num outro caso, um grupo de membros das Falintil de Alas foram mortos em Uma Metan, ou num local próximo. Os membros eram: João Bosco Fernandes, colaborador para o sector de Alas; Plácido da Costa, comandante de Companhia das Falintil; Hipólito Fernandes, comandante de pelotão; Benjamin da Costa, comandante;<sup>338</sup> Isidoro Fernandes, membro das Falintil; e António Vicente, comandante adjunto de Zona.

Entre as últimas pessoas a renderem-se no subdistrito de Alas, encontravam-se o adjunto Mausiri (José Maria), um membro do Comité Central da Fretilin, Eduardo dos Anjos (Kakuk), e uma funcionária da OPMT com 18 anos, Siri Lou (Ermelita Coelho). Vários grupos formados por pessoas que se tinham rendido foram novamente enviados para a floresta em busca destes três membros. Em Março de 1979, sete pessoas receberam ordens do Batalhão de Infantaria Aerotransportada 700 para regressarem à floresta em busca deles. Encontraram-nos num local chamado Kolkeu. Os três estavam gravemente feridos e foram facilmente convencidos a entregar as suas armas de fogo. Foi enviado um helicóptero para os transportar para Uma Metan. Segundo um testemunho prestado à Comissão por Alfredo da Costa Coelho, pai de Ermelita Coelho, ela foi mandada para a escola em Fevereiro de 1979, o que significa que foi morta, juntamente com o adjunto Mausiri, pela *Armed 10 (Artileri Medan, Artilharia de Campo)* e por *Hansip* (M249, M252 e M253) depois de o *Kopassandha* os entregar.<sup>339</sup>

Em Março de 1979, foi pedido a um *Hansip*, Luciano Ribeiro, que elaborasse uma lista com os nomes das pessoas que se tinham rendido em Betano em finais de 1978 e que eram líderes da Fretilin. Entre eles, encontravam-se os seguintes: Francisco da Conceição, antigo delegado; Franco da Costa, antigo assistente; Paulino Verdial (Paulino Teli), antigo delegado, Martinho Pereira Aulaku, antigo delegado; e Sebastião Nunes, vice-delegado. Alguns deles foram obrigados a trabalhar na construção de estradas, durante algum tempo com um grupo formado por 200 pessoas que se tinham rendido, enquanto outros, incluindo Sebastião Nunes, desempenharam o papel de *TBO* numa operação em Alas, Tutuluru e Mindelo. Em Março, 13 pessoas, incluindo as cinco da lista, foram convocadas pelo *liurai*, M258, e pelo chefe de suco, M31, e informadas que iam ser enviadas para a escola. As cinco pessoas da lista foram a casa buscar roupas. Não voltaram a ser vistas desde então. Segundo as informações recebidas, foram mortas na ribeira de Karau Ulun, em Betano.<sup>340</sup>

Por volta de 10 de Março de 1979, outro grupo, formado por 14 homens, todos antigos membros das Falintil, foi levado de Betano para Uma Metan. O grupo incluía três comandantes de secção, Vidal da Cruz, Hermínio da Costa (de Selihasan) e Estêvão da Costa (de Wedauberek), Maliuca, Francisco da Silva e Pedro Pereira. Segundo testemunhas oculares, Vidal da Cruz e Francisco da Silva foram escolhidos por soldados indonésios de entre um grupo de prisioneiros que estava a cortar relva, sob o pretexto de irem cortar madeira. Pouco depois, o resto do grupo ouviu tiros. Depois, os soldados indonésios chamaram Maliuca e Pedro Pereira e o grupo voltou a ouvir tiros. No dia seguinte, enquanto o resto do grupo recebia mapas e guias de marcha (*surat jalan*), preparando-se para ir em busca de Mausiri e Kakuk, os soldados indonésios escolheram Estêvão da Costa e Hermínio da Costa. Quando os restantes elementos do grupo saíram de Uma Metan para ir procurar Mausiri e Kakuk, ouviram o som de tiros, vindo da direcção de Lebos.<sup>341</sup>

### *Turiscai*

Em Turiscai, surge também um padrão semelhante de homicídios tendo como alvo pessoas rindidas e capturadas com posições de liderança na Fretilin e nas Falintil. Segundo as informações recebidas, um delegado de Foholau, Alúcio Barbosa, foi morto a tiro pelas *ABRI* ou pela *Hansip*, por se ter queixado sobre a pouca quantidade de alimentos dados a um grupo obrigado a construir estradas, o que lhe valeu a acusação de estar “a fazer política”.<sup>342</sup> Segundo as informações recebidas, a *Hansip* local, sob o comando de M260 (ver secção sobre o Massacre de Foholau, supra) espancou até à morte outro delegado, João Dias, em Manumera, e matou a tiro dois outros activistas da Fretilin, Armindo Godinho e Berehunuk.<sup>343</sup>

### *Fatuberliu*

Em Fatuberliu, o *Koramil* local, os Batalhões de Infantaria Aerotransportada 100 e 745, mais uma vez com o apoio da *Hansip*, executaram muitas pessoas anteriormente ligadas à Fretilin ou às Falintil, incluindo membros de ambas as instituições e cidadãos comuns. Depois de a população do subdistrito ser concentrada na cidade de Fatuberliu, o comandante do *Koramil* seleccionou aqueles que eram, supostamente, líderes da Fretilin e das Falintil com a ajuda do administrador do subdistrito, M261. Os escolhidos foram: Umberto Hornay, comandante de companhia das Falintil, Augusto de Jesus, comandante das FADE, Francisco Ximenes, comandante de pelotão, e José Ximenes, descrito como “uma deles”. Os homens foram entregues a uma unidade da *Hansip* de Soibada (Manatuto), liderada por M262 e por M263, e mortos a tiro.<sup>344</sup>

Segundo as informações recebidas, a mesma unidade da *Hansip* matou outro grupo misto, com comandantes das Falintil e cidadãos comuns, em Fatuberliu. O grupo era formado por três comandantes, Luís Amatuak, Jorge da Costa e Hilário, três soldados das Falintil e quatro outras pessoas, três das quais deviam ter cerca de 70 anos.<sup>345</sup>

Um padrão semelhante de violência grave dirigida sobretudo, mas não exclusivamente, a membros da Fretilin e das Falintil e às suas famílias evidencia-se dos relatos provenientes de Fatuberliu sobre esta época, como por exemplo:

- Depois de se renderem em Fatucahi, Fatuberliu, em Fevereiro de 1979, os membros de um grupo das Falintil foram desarmados e espancados. Segundo as informações recebidas, depois de terem dado informações falsas sobre a localização da Fretilin, quatro deles, Caetano de Araújo, Tobias da Costa, Martins e João Mamede, foram levados e desapareceram.<sup>346</sup>
- Segundo as informações recebidas, um outro grupo, formado por líderes da Fretilin e das Falintil, que incluía um assistente, Marcos da Costa, um comandante de batalhão, António Fernandes, e dois outros comandantes, Zaulino Torrezão e Francisco Fernandes, foi capturado em Wemerek (Alas) e enviado para Fatuberliu, onde os seus elementos foram mortos pela *Hansip* liderada por M262. Segundo um testemunho prestado à Comissão, Marcos da Costa recebera ordens dos seus captores para levar uma carta a M262. Quando entregou a carta, foi espancado com um martelo na testa, foram-lhe cortadas as orelhas e foi-lhe ordenado que as comesse. Algumas horas mais tarde, foi morto a tiro.<sup>347</sup>
- DO, de 50 anos de idade e comandante das Falintil, rendeu-se com a sua família em Riamori (Fahinehan, Fatuberliu) em 1979. O chefe de suco, M270, disse aos membros do Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100 que, por ser comandante, ele tinha de ser morto ou as suas familiares do sexo feminino tinham de ser violadas sexualmente. Ele foi de facto morto, mas os membros do Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100 também violaram sexualmente, por várias vezes, duas das suas filhas, até o batalhão ser substituído por outro, o 643, em 1980. Eles disseram às filhas que as violavam porque um dos seus irmãos ainda estava na floresta.<sup>348</sup>
- Em 1979, Francisco Lopes, um comandante de pelotão das Falintil, desceu das montanhas para se render ao *TNI*. Foi mandado para casa. Mais tarde, dois *Hansip* de Soibada levaram-no para Fatuk Mutin (Welaluhu, Fatuberliu), onde M271 o matou a tiro.<sup>349</sup>
- No dia 15 de Abril, Prudêncio Maia, antigo colaborador das Falintil para o Sector Centro Sul, foi capturado por tropas do Batalhão de Infantaria Aerotransportada 700. Após nove dias na prisão, foi autorizado a regressar a sua casa, em Fatuberliu, para visitar a família. No dia 24 de Abril, uma unidade da *Hansip*, liderada por M271 e M263, foi a casa de Prudêncio Maia e levou-o para um local chamado Fatubessi (Welaluhu, Caicasa, Fatuberliu), onde os sete elementos da unidade lhe ordenaram que se virasse de costas para eles e o mataram a tiro. A sua família foi levada para assistir ao homicídio.<sup>LVI</sup>

---

<sup>LVI</sup> HRVD, Testemunho nº 04030. Outros homicídios ocorridos em Fatuberliu são relatados nos HRVD, Testemunhos nºs 03464, 03470 e 03455.

### Execução em massa em Fahinehan

Em Fevereiro ou Março de 1979, 12 a 14 pessoas, incluindo sete membros de uma só família, foram executadas em Ailui, a cerca de um quilómetro do campo de reinstalação de Fahinehan, em Fatuberliu. Entre as vítimas, encontrava-se o pai da família, Felisberto Gouveia Leite, que trabalhara como enfermeiro na floresta, e três das suas filhas, que haviam trabalhado com Comissão de Apoio e Solidariedade (CAS), fornecendo alimentos às pessoas necessitadas na floresta (ver Subcapítulo 7.4: Deslocação Forçada e Fome). Uma das filhas, Maria Auxiliadora Filomena Pires, era mulher de Rogério Lobato. A Comissão foi informada que, até serem executados, viviam com todos os outros no campo de reinstalação de Fahinehan, desde a sua rendição em Janeiro de 1979. A Comissão também foi informada que Filomena foi persistentemente assediada por soldados indonésios, que tentaram convencê-la a tornar-se uma esposa das *ABRI*, mas ela recusou sempre. Certo dia, a família foi informada que ia ser levada de avião para Díli e escoltada para fora do campo pelo Batalhão de Infantaria Aerotransportada 100. Quando as pessoas do campo ouviram os tiros, pensaram que não era nada de especial, apenas as *ABRI* a matar búfalos outra vez. A Comissão recebeu os nomes de dez das pessoas que foram mortas a tiro:

Felisberto Gouveia Leite – marido

Alexandrina Amélia Augusto Pires Leite – mulher

Maria Auxiliadora Filomena Pires Leite (Karilesu) – filha e mulher de Rogério Lobato

Dulce Maria Pires Leite (Ililoe) – filha

Rui Manuel Baptista Pires Leite – filho

Maria de Fátima Baptista Pires Leite – filha

Áurea Fontes Gusmão (Olo Bere) – filha adoptiva

Domingos – guarda-costas da família

Pedro Kulo – “um português”

Câncio – “um português”.<sup>350</sup>

### Uatu-Lari, Viqueque

**Table 15 - Lista de pessoas relatadas à CAVR como mortas/desaparecidas após detenção em Uatu-Lari, Novembro e Dezembro 1978, e Março e Abril 1979**

Nome	Posição	Local de Origem	Data de Morte/Desaparecimento	Circunstâncias de Morte/Desaparecimento
Acácio				
Acácio de Carvalho	Fretilin/OPJT Matahoi	Afaloicai		
Adelino de Carvalho	Fretilin	Afaloicai, Lena	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	
Adolfo		Uatu-Carbau		
Afonso		Matahoi	1979	
Afonso Barreiro			1983	
Afonso Henrique Freitas		Matahoi		
Afonso Manu Uai		Ossu	Fevereiro de 1979	
Afonso Menezes	Fretilin		25/11/78	
Agapito	Falintil		15/3/79	

Aquino				
Alfredo	Fretilin	Afaloicai, Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	
Alfredo Pereira			Fevereiro de 1979	
Alfredo Ribeiro			23/11/78	
Amaro		Bobo Laco, Macadique		
Amaro Lourenço Ximenes	Falintil	Macadique		
Amélia			25/3/92	
António da Costa		Ossu, Uaibobo		
António da Costa		Afaloicai, Uatu-Lari		
António do Rosário		Afaloicai		
António Miguel		Ossu, Uaibobo		
António Naco Lai		Ossoai Ua, Afaloicai		
Armando		Afaloicai, Uatu-Lari		
Armindo		Afaloicai		
Bobu		Aba Dere, Babulo	1978	
Cai Mau		Vessoru, Bahabuga		
Cai Mau		Aba Dere, Babulo		
Cai Mau		Macadique		
Celestino		Caidana Lari, Macadique		
Chiquito		Bai Uari, Matahoi		
David Lebre		Uatu-Carbau	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	Detenção/desaparecimento
David Loi Siba	Comandante Zona Uatu-Carbau		23/11/78	Desaparecimento
Domingos		Uma Kiik, Uaitame		
Domingos Hernâni			Fevereiro de 1979	Detenção (Ossu)/Desaparecimento
Domingos Rosário		Afaloicai	1978	Morte
Domingos Torres		Sana, Uaitame		
Duarte da Costa			Janeiro de 1979	Morte
Eduardo	Falintil		1979	Morto em situação de não combate
Ereleto	Fretilin		1976	Detenção/Morte
Feliciano	Falintil	Sana, Uaitame	1979	Detenção/Tortura/Morte
Fernando da Silva		Uaitame		
Francisco Soares		Matahoi		
Gaspar	Fretilin	Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1979	Detenção/desaparecimento
Gaspar		Afaloicai, Uatu-Lari		
Gaspar		Uai Cai, Afaloicai		
Gaspar		Bai Uari,		

		Matahoi		
Gaspar Pinto	Delegado	Matahoi	25/11/78	Detenção/Tortura/Morte
Gaspar Raileki			Fevereiro de 1979	Detenção (Ossu)/Desaparecimento
Germano Fernandes		Balabaciba, Vessoro		
Gregório		Ossurua, Ossu		
Gregório Maulelo (Gregório Cai Kuli Oho)	Delegado Baguia	Caicoli-Ho Baguia	1979	Detenção/Tortura/Morte
Helena	OPMT	Afaloicai		
Hermenegildo		Sana, Uaitame		
Ildefonso		Uatu-Carbau		
Isabel de Sousa		Afaloicai		
Jacinto		Afaloicai, Uatu- Lari		
Jacob		Nuno Malau, Afaloicai		
Januário		Nuno Malau, Afaloicai		
Jeremias		Bai Uari, Matahoi		
Jeremias Amaral		Matahoi		
João	Falintil	Sana, Uaitame	1979	Detenção/Tortura/Morte
João		Lia Sidi, Babulo		
João Baptista		Baha Buga, Vessoro		
João Berçamas (João Berchmans)		Matahoi		
João de Menezes		Ossocai Ua, Afaloicai		
João Gamu Noko			Fevereiro de 1979	Detenção (Ossu)/Desaparecimento
João Miguel	Delegado	Babulu, Liaside	25/11/78	Detenção/Tortura/Morte
João Soares		Beli, Babulu		
Jorge		Afaloicai, Uatu- Lari		
Jorge Barros		Macadique		
José Samor			1978?	Morte
Julião Sarmento		Baki Laco, Macadique		
Júlio Baptista Makikit	Fretilin	Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	Detenção/desaparecimento
Júlio Pires	Delcom Builale	Afaloicai, Uatu- Lari	23/11/78	Desaparecimento
Júlio Soares		Osso Bubo, Afaloicai		
Juvenal Inácio		Viqueque		
Kong Sung		Baha O, Vessoro		
Lafaek	Falintil	Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	Detenção/desaparecimento
Leão		Uani Uma, Matahoi		
Leão de Jesus		Matahoi		
Leão Ximenes		Sana, Uaitame	1979	Detenção/Tortura/Morte
Lequede	Fretilin		1976	Morte
Lequibere		Macadique		
Lequi-Tek			1978	

Lino		Ossu		
Lino Alokasa		Ossu de Cima		
Loi Cou		Babulu, Abadere		
Luís			1976	Morte
Luís	Falintil		1976	Detenção/Morte
Luís	Falintil	Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	Detenção/desaparecimento
Luís			1978	
Luís		Uatu-Carbau		
Luís		Lacarato, Macadique		
Luís Freitas		Matahoi		
Luís Loi Leki		Matahoi		
Luís Pinto		Macadique		
Luís Ualisakar		Macadique		
Manuel	Falintil		1976	Detenção/Morte
Manuel		Lari, Afaloicai, Uatu-Lari		
Manuel		Ua Sufa, Matahoi		
Manuel Braga		Goni Uro, Macadique		
Manuel da Costa		Matahoi		
Manuel da Silva			Fevereiro de 1979	Detenção (Ossu)/Desaparecimento
Manuel Menezes			1976	Morte
Manuel Manumau		Macadique		
Manuel Manusu			Fevereiro de 1979	Detenção (Ossu)/Desaparecimento
Manuel Soares		Macadique		
Manuel Uaisanua			Fevereiro de 1979	Detenção (Ossu)/Desaparecimento
Mariano Loi Lequi		Macadique		
Mário		Uai Cai, Afaloicai		
Martins		Lugasa, Viqueque		
Mau Kili		Matau, Vessoro		
Mau Rubi		Uatu-Lari, Macadique		
Miguel		Ossu, Nahareka		
Miguel		Ua Sufa, Matahoi		
Miguel		Matahoi		
Miguel Cai Rubi		Macadique		
Miguel da Silva		Matahoi		
Nau Rubi		Macadique		
Nogueira Freitas		Uatolo, Matahoi		
Oka			1978	Morte
Olokasa	Falintil		Dezembro de 1978	Detenção/Morte
Palmira		Matahoi		
Paulo Freitas			1976	Detenção/Morte
Pedro			00/00/79	Morte
Pedro Nahaloi			00/00/79	Morte

Ricardo	Falintil	From Sana, Uaitame	1979	Detenção/Tortura/Morte
Roberto		Matahoi, Uaniuma		
Roberto Menezes	Falintil	Sana, Uaitame	1979	Detenção/Tortura/Morte
Salvador da Silva		Foho Mano, Uaitame		
Saua Dara		Matahoi		
Sebastião		Uaitame		
Sebastião		Caidana Lari Macadique		
Sebastião Alves da Silva	Delegado Matahoi	Matahoi	23/11/79	Desaparecimento
Sebastião Boruloi		Vessoru, Baha O		
Sebastião Uatocai		Macadique		
Sequito	Assistente		25/11/78	Detenção/Tortura/Morte
Silvino	Falintil	Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	Detenção/desaparecimento
Solan	Adjunto	Lospalos	Dezembro de 1978	Detenção
Tana Mota		Díli		
Tawameta		Díli		
Teófilo Duarte		Matau, Vessoro		
Valente	Falintil	Uatu-Lari	Entre Janeiro e Abril de 1980 (1979?)	Detenção/desaparecimento
Valente		Uatu-Carbau		

Fontes: HRVD, Testemunhos n°s 07278, 07450, 07451, 07441, 07528, 04185, 04200, 07459, 03145, 07485, 08069, 06804, 06010, 07331, 07528 e 05252, 03145-2, 07278-4; Perfil Comunitário de Uaimori-Tul (Viqueque, Viqueque); Informação Sobre a Situação de Algumas Zonas de Timor Leste, Díli, 13 de Maio de 1982; e Informações, documento disponibilizado à CAVR por Napoleão de Almeida, 25 de Maio de 2004.

A Comissão recebeu os nomes de cerca de 140 pessoas que foram executadas ou que desapareceram depois de terem estado presas em Uatu-Lari. Os prisioneiros tinham estado em dois locais antes de serem executados ou de terem desaparecido: no *Koramil* de Uatu-Lari, que fora, em tempos, uma escola primária portuguesa; e numa casa que era propriedade de uma pessoa de etnia chinesa chamada Mo Tem-Po, que tinha sido requisitada pelos Batalhões 202 e 721 para servir de quartel-general do *Kotis* (*Komando Taktis*) para o interrogatório das pessoas que tinham sido capturadas ou que se tinham rendido em finais de 1978. Cerca de 300 pessoas de Uatu-Lari, de outras partes do distrito de Viqueque e de outros distritos, incluindo Díli e Baucau, foram seleccionadas para serem presas, após se renderem ou serem capturadas. Alguns dos prisioneiros foram executados ou desapareceram pouco depois.<sup>351</sup> LVIII Muitos deles foram libertados ao longo dos três meses seguintes; e outros continuaram presos até Março e Abril de 1979, altura em que ocorreram a maioria dos homicídios e desaparecimentos.<sup>352</sup> Em Março e Abril, as *ABRI* ordenaram nova detenção dos presos libertados que tinham ocupado cargos em estruturas da Fretilin e das Falintil e depois lançaram uma campanha de homicídios e desaparecimentos.

Segundo as informações recebidas, alguns dos prisioneiros eram levados para locais fora de Uatu-Lari para serem mortos, incluindo o *Kodim* de Viqueque e de Lacudala, em Quelicai (Baucau), e outros desapareceram.<sup>LIX</sup> Segundo as informações recebidas, os homicídios

<sup>LVIII</sup> Além das pessoas que foram executadas pouco depois de serem presas em Uatu-Lari, também houve casos de pessoas mortas imediatamente após a rendição [ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n°s 06804 e 07363].

<sup>LIX</sup> Segundo as informações recebidas, entre as pessoas que estiveram presas nos centros de detenção de Uatu-Lari encontravam-se dois membros da alta liderança da Resistência, Solan (Inácio Fonseca) e Olakasa, que se pensa terem sido executados em Lacudala, Quelicai, em Abril ou Maio de 1979 [ver adiante e HRVD, HRVD, Testemunho n° 06093]. O brigadeiro-general Taur Matan Ruak disse à Comissão ter tido conhecimento de que Sera Key (Juvenal Inácio) fora

começaram em Março, mas é mais provável que tenham ocorrido em Abril.<sup>353</sup> Foram perpetrados em vários locais, em Uatu-Lari.

De uma perspectiva local, dois acontecimentos parecerem ter estado na origem dos homicídios. Em Fevereiro de 1979, tinha havido um ataque das Falintil em Salerin, durante o qual foram mortos quatro timorenses e um soldado indonésio.<sup>354</sup> Pouco depois do ataque, poderá ter havido uma reunião entre seis timorenses que se tinham rendido em Novembro do ano anterior e Kalasa, um comandante das Falintil que ainda se encontrava na floresta. A *Hansip* e os funcionários do suco que foram informados sobre essa suposta reunião relataram-na às *ABRI*.<sup>LX</sup>

Estes incidentes poderão ter indicado às *ABRI* que a Resistência ainda estava viva no subdistrito e que beneficiava do apoio de timorenses rendidos e capturados que tinham sido libertados da prisão. No entanto, tal como noutros distritos, as vítimas parecem ter sido escolhidas não por estarem directamente implicadas em actividades recentes da Resistência, mas por terem sido membros activos da Resistência antes de se renderem ou serem capturadas. Entre elas, contavam-se muitas pessoas que tinham sido continuamente detidas desde o mês de Novembro do ano anterior. Por exemplo, numa noite de Março de 1979, um grupo de nove pessoas, formado por cinco delegados, um secretário de aldeia, um assistente, um comandante de Zona das Falintil e um membro da OPJT, foram levadas do local onde estavam presas e nunca mais voltaram.<sup>LXI</sup>

As execuções tiveram início por volta da mesma altura em que começaram, noutros distritos, os homicídios e os desaparecimentos de pessoas que tinham sido membros activos da Resistência antes da rendição ou da captura. Segundo um relato, só começaram a ser completamente organizadas no dia 9 de Abril. Segundo as informações recebidas, nessa data, o comandante do Batalhão 721 convocou líderes locais nomeados pelos indonésios para uma reunião, na qual lhes foi ordenado que voltassem a deter os presos que tinham descido de Matebian em Novembro, a maioria dos quais — mas não todos — tinham sido libertados em Janeiro. No dia 15 de Abril, numa outra reunião, à qual compareceram 63 membros da *Hansip*, funcionários do suco e outros timorenses, o comandante do Batalhão 721 anunciou que os membros da Fretilin e das Falintil que tinham voltado a ser detidos deviam ser mortos.<sup>355</sup> Os comandantes das *ABRI* reactivaram as equipas compostas por timorenses que tinham sido formadas para interrogarem os que tinham sido capturados, ou que se tinham rendido em Novembro de 1978, e para decidirem “se devíamos morrer ou ficar vivos”.<sup>356</sup> <sup>LXII</sup> No dia 1 de Abril foi iniciada uma vaga de

---

morto em Uatu-Lari. O brigadeiro-general Taur Matan Ruak foi capturado com Sera Key em Ossu, no início de 1979; ele fugiu posteriormente e investigou pessoalmente a morte de Sera Key. [Entrevista da CAVR ao brigadeiro-general Taur Matan Ruak, Díli, 9 de Junho de 2004]. O homicídio de pessoas que tinham estado presas no *Kodim* de Viqueque é relatado no HRVD, Testemunho nº 03602, por um depoente que foi transferido de Uatu-Lari para o *Kodim*.

<sup>LX</sup> Existem dúvidas sobre se a reunião teve ou não lugar. Segundo o relato de Napoleão de Almeida, as informações sobre a reunião foram dadas por dois homens que foram capturados e que andavam, aparentemente, em busca de búfalos para cultivar os seus campos. Os dois foram levados à presença de seis líderes do suco e disseram-lhes que não andavam à procura de búfalos, mas sim de “homens na floresta” (*ema ailaran*), e se tinham deparado casualmente com a presumível reunião [Informações, documento disponibilizado por Napoleão de Almeida à CAVR, 25 de Maio de 2004]. Os seis homens que eles disseram ter visto a falar com o comandante das Falintil — Adelino de Carvalho, João Berçamas, Luís Uaisakar Lakarate, Sebastião da Silva, Manuel Braga e Julião Sarmento — eram todos antigos líderes da Fretilin ou comandantes das Falintil que, segundo as informações recebidas, foram mortos ou desapareceram em Abril de 1979 [ver Quadro adiante].

<sup>LXI</sup> Eram: Adelino Umu Segue (secretário de aldeia), David Loisiba (comandante de zona das Falintil, Uatu-Carbau), Gregório Maulelo (delegado, Baguia), Sebastião Alves da Silva (delegado, Matahói), Acácio de Carvalho (OPJT, Matahói), Júlio Pires (delegado do comissariado, Builale), Sequito (assistente), Gaspar Pinto (delegado) e João Miguel (delegado) [HRVD, Testemunho nº 07451].

<sup>LXII</sup> Em Novembro de 1978, havia três equipas a actuarem no quartel-general do *Kotis*, em Uatu-Lari: uma equipa de civis formada por dez pessoas e dirigida por um chefe de suco de Babulu, M272; uma equipa militar formada por nove pessoas e dirigida pelo administrador do subdistrito de Uatu-Lari, M273; e uma equipa de mulheres, cujo único elemento parece ter sido M277 [CAVR, Perfis Comunitários dos sucos de Matahói e Macadique, subdistrito de Uatu-Lari, distrito de Viqueque]. Segundo as informações recebidas, quando foram reactivadas em Março de 1979, os elementos das três equipas interrogaram — e maltrataram — os presos em conjunto [HRVD, Testemunho nº 03602].

homicídios que continuou ao longo dos dois dias seguintes em Ulusu, Uatu-Lari, Lia Sidi, Saqueto e Beço.<sup>LXIII</sup>

A dimensão e a cronologia das execuções indicam à Comissão que, embora os factores locais tenham desempenhado um papel na decisão de as levar a efeito, as execuções foram implementadas como parte de uma estratégia mais ampla e coordenada, a nível central, com o objectivo de eliminar a Resistência de uma vez por todas.

Lúcio Meneses Lopes, um dos vários prisioneiros que nunca tinham sido libertados desde a sua rendição em Uatu-Lari, em Novembro de 1978, sobreviveu a uma das execuções em massa em Ulusu. Ele descreveu o sucedido na Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres:

*Dois Hansip trouxeram uma lista com nomes de prisioneiros e chamaram-nos um a um. Esta lista tinha sido dada à Hansip pelos militares indonésios...O meu nome não estava na lista. Mas, mais tarde, dois Hansip vieram ao centro de detenção e acrescentaram o meu nome, no fim da lista. O meu nome era o vigésimo oitavo. Eles chamaram-nos e disseram: “Agora vão procurar a Fretilin na floresta.”*

*As pessoas que escoltaram os prisioneiros eram [que ainda se encontram em Kupang] e [que morreu em Kupang]. Nada nos aconteceu durante o caminho. Por vezes, os Hansip caminhavam à nossa frente, outras vezes nós íamos à frente deles e eles seguiam-nos. Caminhámos durante duas horas na estrada para Ulusu. Quando chegámos a Ulusu, eles entregaram-nos ao Batalhão 721 das ABRI. Quando lá chegámos, o Bapak [palavra que significa pai frequentemente utilizada pelos timorenses para se referirem aos soldados indonésios] disse: “Por favor, descansem primeiro. Sentem-se!” Todos se sentaram, [mas] um companheiro e eu decidimos ficar de pé. Então, eles deram-nos cigarros Blue Ribbon. O Bapak começou a falar: “Agora nós vamos procurar a Fretilin”... Cerca de 15 minutos depois, eles voltaram a falar: “Agora vamos embora para ir à procura da Fretilin.”*

---

<sup>LXIII</sup> *Informação Sobre a Situação de Algumas Zonas de Timor Leste*, op. cit.; O Perfil Comunitário da CAVR sobre o suco de Matahoi, subdistrito de Uatu-Lari, distrito de Viqueque menciona os locais onde eram realizadas execuções como sendo: Ulusu, Munu-Malau, Beço, Uai-Mahu e Kaidawa Marak. O Perfil Comunitário da CAVR sobre o suco de Macadique, subdistrito de Uatu-Lari, distrito de Viqueque menciona os locais de execução como sendo: Ulusu, Uatu-Ila, Liasidi, Hunu Malau, Uatu-Lari Leten e Beço.

Os 14 de nós fomos divididos em dois grupos. Sete foram enviados para a Zona 17 de Agosto e os outros foram levados encosta abaixo. Começámos a andar para um local onde os soldados estavam a preparar-se. A meio do caminho, o meu amigo Adelino de Carvalho, que estava comigo, disse-me: “Lopes, talvez esta seja a altura em que vamos morrer.” Eu respondi: “Só Deus pode decidir se viveremos.” Quando chegámos a uma colina, eles [os militares indonésios] ordenaram-nos: “Sentem-se todos! Olhem, a Fretilin está ali!” Nós sentamo-nos. Mas eu não me sentei no chão. Agachei-me, para estar a postos, caso acontecesse alguma coisa má. Pouco depois, as armas começaram a disparar. E eu saltei imediatamente e corri pela encosta abaixo. Eles despejaram balas sobre nós. Uma bala raspou a minha cabeça e arranhou-a. Ao chegar lá abaixo, escondi-me num buraco na rocha. Vi-os [os soldados indonésios] à minha procura, mas eles não me encontraram.<sup>357</sup>

**Table 16 - Mortes no distrito de Manatuto, Fevereiro a Abril de 1979**

	Posição	Data de captura/r endição	Local da captura	Data de morte morte/desaparecimento	Local de morte morte/desaparecimento	Perpetrado r(es)
Barique						
Francisco Barros	Vice-secretário da Zona	9/3/1978	Casohan, Barique	Pouco tempo após captura	Casohan, Barique	
		9/3/1978	Casohan, Barique	Pouco tempo após captura	Casohan, Barique	
Laleia						
João Baptista	Secretário da Zona	3/1/1979	Laleia	Pouco tempo após captura	Raimea	Batalhão 745
António da Costa	Comandante de Companhia	3/1/1979	Laleia	Pouco tempo após captura	Desconhecido (identificado como TBO)	Batalhão 745
Salvador da Costa	Comandante de Companhia	3/1/1979	Laleia		Desconhecido (identificado como TBO)	?
Valdemiro André Viegas	Comandante de Companhia	3/1/1979	Laleia		Desconhecido (identificado como TBO)	?
Francisco Ximenes	Comandante de Companhia	3/1/1979	Laleia		Desconhecido (identificado como TBO)	?
Mariano da Sousa	Comandante de pelotão/Hansip	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Clementino José Branco Ximenes	Comandante de pelotão/Hansip	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
João de Brito Ximenes	Comandante de pelotão/Hansip	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Gregório Soares	Comandante de secção/Hansip	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
António Rufino da Costa	Comandante de secção/Hansip	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Felisberto Viegas	Vice-secretário da Zona/Hansip	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
João Viegas	OPJT,	1/1/1979		Fevereiro de	Laleia?	Batalhão

	Responsável da Zona/ <i>Hansip</i>			1979		745
Sebastião Gusmão	Secretário de suco/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Mário Ximenes	Chefe de suco/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Domingos Bartos Ximenes	Membro das Falintil/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Sérgio da Costa Gusmão	Membro das Falintil/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Felipe da Costa	Membro das Falintil/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Filomeno Gusmão	Membro das Falintil/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
José Bento	Membro das Falintil/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
José Vong	Membro das Falintil/ <i>Hansip</i>	1/1/1979		Fevereiro de 1979	Laleia?	Batalhão 745
Paulo Malati Soares				Fevereiro de 1979	Laleia	Batalhão 745/631
Salvador Ximenes				Fevereiro de 1979	Laleia	Batalhão 745/631
Salvador Ximenes	Delegado de suco			4/1/1979	Karkida (na estrada Laleia-Manatuto)	?
António Virgílio da Costa Freitas	Soldado			4/1/1979	Karkida (na estrada Laleia-Manatuto)	?
Manuel Boavida	Soldado			4/1/1979	Karkida (na estrada Laleia-Manatuto)	?
Francisco Inácio	Soldado			4/1/1979	Karkida (na estrada Laleia-Manatuto)	?
Tomás Bonaparte Soares	Soldado			4/1/1979	Karkida (na estrada Laleia-Manatuto)	?
António Soares	Soldado			4/1/1979	Karkida (na estrada Laleia-Manatuto)	?

Fontes: HRVD, Testemunhos n<sup>os</sup> 03058, 09194, 03190 e 05305; CRRN, Comunicado, sem data.

## Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados da responsabilidade da Fretilin/ Falintil

1976/1979

A Comissão ouviu vários depoimentos acerca do homicídio de não combatentes perpetrado pela Fretilin e pelas Falintil durante o período que vai de Fevereiro de 1976/1979.<sup>LXIV</sup> Durante este período, os dirigentes e membros de ambas as organizações foram implicados em violações fatais na maioria dos distritos do território, embora a incidência territorial desses homicídios se alterasse ao longo do tempo. Importantes dirigentes da Fretilin e comandantes das Falintil ordenaram muitos dos homicídios reportados à Comissão e, nalguns casos, foram eles próprios os perpetradores.

<sup>LXIV</sup> Os homicídios perpetrados pela Fretilin/Falintil durante o período Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976 são descritos na secção sobre Mortes após a queda das bases de apoio, supra.

Em termos genéricos, os alvos dos homicídios podem ser divididos em diversas categorias: aqueles que tinham pertencido a partidos políticos, essencialmente a UDT e Apodeti, que tinham entrado em conflito com a Fretilin nos meses que antecederam a invasão em grande escala por parte da Indonésia, tanto como participantes na guerra civil como na qualidade de grupos coadjuvantes das forças indonésias que se infiltraram no território de Timor-Leste; membros da população civil em áreas da Fretilin suspeitos de manterem contactos com os indonésios ou de pretenderem render-se; suspeitos de colaboração e colaboradores conhecidos; e aqueles que foram apanhados do lado errado dos conflitos internos que tiveram lugar no movimento da Resistência.

No início de 1976, após os homicídios descritos na secção sobre Mortes após a queda das bases de apoio (supra) ocorridos nas semanas que se seguiram à invasão indonésia, membros da Fretilin continuaram a matar pessoas ligadas à UDT e a outros partidos políticos. Durante o ano de 1976, continuaram a surgir tensões dentro da Resistência entre a facção dominante da Fretilin e outros nacionalistas que se opunham às estratégias e à liderança dessa facção. Essas tensões culminaram no final do ano em confrontos que resultaram na execução de diversos membros proeminentes da oposição interna no interior da Fretilin e respectivos apoiantes. Na segunda metade de 1977, as diferenças que há muito existiam dentro da liderança relativamente à ideologia e estratégia militar deram origem a mais uma purga interna, em que aqueles que estavam ligados ao Presidente da Fretilin e da República Democrática de Timor-Leste, Francisco Xavier do Amaral, foram os alvos principais.

Embora seja possível identificar estas três grandes fases, elas não estão na verdade claramente delimitadas no tempo. Em 1976, um dos diferendos entre o mais proeminente dos dissidentes, Aquiles Freitas Soares, e o grosso da liderança da Fretilin, dizia respeito à disponibilidade da Resistência para trabalhar com membros da UDT e de outros partidos políticos. A Comissão ouviu relatos sobre pessoas anteriormente ligadas à UDT e a outros partidos que foram alvo de ataques depois de 1976. As diferenças quanto à estratégia a seguir que estiveram subjacentes às purgas de 1976 e 1977 foram em grande medida as mesmas, e por isso não surpreende que, com frequência, os sobreviventes da primeira fase de lutas internas em 1976 se tenham tornado de novo alvos um ano mais tarde.

A violência foi desencadeada por diferenças de opinião no seio da liderança. No entanto, tais diferenças foram, em grande medida, acerca do papel da população civil na Resistência, e tiveram com frequência um impacto negativo e por vezes fatal nas vidas já conturbadas das pessoas comuns que se tinham retirado com a Fretilin para as montanhas e para o mato. Ao longo desses anos, e tal como sucedia com os seus dirigentes, os civis comuns, em particular aqueles que eram suspeitos de pretenderem deixar as áreas onde se situavam as bases da Fretilin e regressar às suas habitações, corriam também o risco de serem apelidados de “traidores”, de que podia resultar a sua execução ou a morte em cativeiro.

Esta secção consiste em duas partes. Em primeiro lugar, descrevem-se os homicídios cometidos pela Fretilin/Falintil no seu contexto político. Na segunda parte faz-se uma síntese da informação reunida pela Comissão sobre o modo como as pessoas que eram membros comuns da população civil ou da Fretilin e das Falintil foram também vítimas de homicídios durante este período.

### **Mortes perpetradas pela Fretilin/Falintil: o contexto político**

#### *Mortes perpetradas pela Fretilin/Falintil de membros da UDT e Apodeti*

Durante o ano de 1976, a Fretilin manteve o controlo sobre vastas áreas do território de Timor-Leste. A Comissão recebeu informações sobre diversos homicídios cometidos durante este período pela Fretilin contra pessoas ligadas a outros partidos. A maioria das vítimas que são do conhecimento da Comissão estavam ligadas à UDT.<sup>358</sup> Os homicídios decorreram, de um modo

geral, em áreas onde o apoio tanto à UDT como à Fretilin fora forte e onde o nível de violência durante a guerra civil fora particularmente intenso.

Num caso descrito à Comissão, em 4 de Março de 1976, dez membros da Fretilin foram à casa de um membro da UDT chamado Pedro na aldeia de Matata (Railaco, Ermera) e detiveram-no. Os membros da Fretilin ataram-lhe as mãos e pernas com cordas e depois levaram-no num camião de caixa aberta para Mautimate em Matata, onde o mataram.<sup>359</sup> Outros depoentes referiram outros homicídios e desaparecimentos perpetrados na área de Matata pela Fretilin/Falintil por volta deste mesmo período.<sup>360</sup> Diversos depoentes referiram que durante o período do movimento armado da UDT e da insurreição armada da Fretilin em Agosto e Setembro de 1975, tanto a UDT como a Fretilin tinham morto pessoas pertencentes ao outro partido em Matata.<sup>361</sup>

A colaboração de membros da UDT e Apodeti com os indonésios no período que antecedeu a invasão de 7 de Dezembro de 1975, durante e após esta, acrescentou novos elementos à hostilidade entre a Fretilin e esses partidos.

Nalguns casos, membros da UDT foram mortos por elementos comuns da Fretilin motivados por um sentimento de vingança. Em Julho de 1976, em Carlilo (Aiteas, Manatuto), quatro elementos da Fretilin alegadamente mataram um casal de idosos, Francisco Soares e Ingrácia Soares, que tinham apoiado a UDT.<sup>362</sup> Noutras casos, existem provas do envolvimento de elementos com maior responsabilidade na organização nesses actos.

Pouco tempo depois do Batalhão 330 das *ABRI* ter passado por Venilale (Baucau), a caminho de Viqueque no final de Dezembro de 1975, os dirigentes locais da Fretilin em Venilale tomaram a iniciativa de deter, espancar e matar membros da UDT e Apodeti que acusavam de ter confraternizado com os indonésios. Em cinco incidentes distintos entre 1 de Fevereiro e 12 de Fevereiro de 1976, membros locais da Fretilin ordenaram o homicídio de um total de pelo menos nove pessoas que pensavam ser simpatizantes da UDT.<sup>363</sup> Entre as vítimas estavam seis membros de uma mesma família; um marido e a sua esposa, Claudino Guterres e Maria Boavida, três dos seus filhos, José (Azeca), Faustino e Crisogno, e o tio de Claudino.

Os homicídios de Venilale ataçaram o conflito entre a liderança da Fretilin no Sector Centro Leste, então baseada em Lobito (Vemasse, Baucau), e o grupo de dissidentes que se formara em Quelicai (Baucau) em torno de Aquiles Freitas Soares, o comandante regional adjunto das Falintil na Zona de Baucau. Maria Boavida era a irmã mais nova de um dos companheiros mais próximos de Aquiles, António Freitas. A 23 de Fevereiro, M231 foi com alguns dos seus homens a Uaimori, onde mataram a tiro dois comandantes, Januário Ximenes e Júlio da Silva, que M231 acreditava serem responsáveis pelos homicídios em Venilale.<sup>364</sup> Três dias mais tarde, a 26 de Fevereiro, Aquiles Freitas estabeleceu o Comando semi-autónomo de Boru-Quere com M231 como seu vice-presidente (ver adiante).

Certas pessoas previamente ligadas à UDT eram também suspeitas de espiares para os indonésios. Um antigo membro da UDT, Marçal da Costa, foi detido em Soibada (Manatuto) por cinco membros da Fretilin em 1977 e acusado de trabalhar como espião para as *ABRI*. Foi espancado e depois levado para interrogatório na presença de um comandante das Falintil, M232. Após cinco dias de cativo, Marçal da Costa foi amarrado, pendurado e morto a tiro por um membro da Fretilin, M233.<sup>365</sup>

Muitas vezes os alvos destes homicídios eram considerados culpados por associação, por estarem ligados à UDT ou Apodeti através de um familiar ou amigo que era membro desses partidos, e não por serem eles próprios militantes desses partidos. Tal como sucedera durante o conflito interno à Resistência em 1976, os ataques da Fretilin às pessoas associadas à UDT e Apodeti alimentaram as e alimentaram-se das tensões existentes no seio da Resistência em 1977.

A 8 de Maio de 1977, Maria Antónia, uma delegada da OPMT, foi presa em Haturui (Lacló, Manatuto), sob suspeita de ter estado em contacto com as *ABRI*, e foi trazida às instalações do Subcomité de Mahadik em Aldeia Fitun (Lacló). Aí encontrou os seus tios, Alexandre, Maharek, Masanak, Makai e Miguel, e outros membros da sua família, e os seus primos Maria Fátima e Paulino, que tinham sinais de já terem sido torturados. Todos eles foram interrogados, espancados e torturados com ferros quentes antes de serem amarrados a árvores. Toda a família foi acusada de traição. Maria Fátima e Maria Antónia foram acusadas de terem estado em contacto com o pai de Maria Antónia, António Gregório, que for a delegado da UDT. Depois foram levados para uma prisão da Fretilin em Welihumetan (Hatuconan, Lacló).

Passados alguns dias, foram levados para Roluli, também em Lacló, onde foram mantidos durante uma noite e interrogados, entre outros, pelo vice-presidente da Fretilin, M234. Maria Antónia confessou que estivera em contacto com o seu pai. Os presos foram depois levados para o centro de detenção da Fretilin (Campos de Reabilitação Nacional, Renal) em Aikurus (Remexio, Aileu).<sup>366</sup> Enquanto estavam na Renal, 12 membros da família morreram em consequência dos maus-tratos na prisão ou foram mortos.<sup>LXV</sup>

A escolha como alvos de antigos membros da UDT e Apodeti continuou, alegadamente, até 1978. Nesse ano, por exemplo, Matias Amari Pinto e o padre João Martins foram detidos pela Fretilin na Zona de Bautae em Uatu-Lari (Viqueque). Matias Amari Pinto contou à Comissão que os dois foram metidos numa pocilga juntamente com vários presos da Apodeti e UDT, e aí mantidos durante sete meses. Em alturas diferentes durante esse período, um preso da Apodeti, Alberto Maupelo, e um preso da UDT, João Brito, tentaram escapar; ambos foram apanhados e mortos a tiro.<sup>367</sup>

#### *Mortes resultantes do conflito interno na Fretilin em 1976*

Os conflitos no interior da Resistência emergiram pouco tempo após a invasão e prolongaram-se durante o período que terminou com a destruição das bases de apoio. No cerne dessas disputas, em última análise letais, estava a crença da maioria dos dirigentes da Fretilin de que “a política comanda o fuzil”. Uma implicação desta doutrina era que Fretilin estava simultaneamente envolvida numa guerra e numa revolução e que, para prosseguir ambos os objectivos, necessitava de manter uma ampla base de apoio junto da população. Ao mesmo tempo, diferenças ideológicas de outro tipo — em que medida a Resistência devia ser controlada centralmente, acerca da maior ou menor compatibilidade do marxismo com a cultura e religião timorenses, sobre o papel dos líderes tradicionais e sobre se o movimento nacionalista devia ser mais ou menos inclusivo — também alimentaram o conflito. Os depoimentos recebidos de várias fontes tornaram evidente para a Comissão que, embora tais disputas se exprimissem em termos ideológicos, elas tinham frequentemente uma base mais pessoal, fosse por causa de antagonismos ou ambições pessoais, fosse por diferenças sociais e culturais, geracionais ou de perspectiva. A evolução da guerra também exacerbou as diferenças existentes no seio da Resistência; os revezes militares sofridos pela Resistência e a degradação das condições de vida da população no interior levaram ambos os lados a endurecer as suas posições e acentuaram as suas divergências.

Tendo-se alargado o fosso entre a liderança da Fretilin associada ao Cascol (Comissariado do Sector Centro Leste) em Lobito e o sargento Aquiles Freitas Soares e os seus seguidores em Fevereiro de 1976, este último resolveu estabelecer o seu próprio comando semi-autónomo denominado Comando da Luta Boru-Quere, em Uaibitae nas vertentes de Matebian. O próprio

---

<sup>LXV</sup> Aqueles que foram mortos ou morreram no cativeiro foram Maria Fátima (uma prima de Maria Antónia), Paulino (outro primo), Libadasi (a sua avó), Maharek (um tio), Masanak (um tio), Makai (um tio), Miguel (um tio), Alexandre (um tio), Biliba (uma tia), Paulina (uma tia), Maria Sibak (uma tia) e Bikristi (uma tia). [HRVD, Testemunhos 06498 e 07990; e entrevista da CAVR com Maria Antónia, Lacló (Manatuto), 20 de Março de 2003].

Aquiles tornou-se presidente do Comando da Luta Boru-Quere com António Freitas como seu vice. A autoridade de Aquiles Freitas Soares derivava do seu estatuto enquanto herdeiro progressista do reino de Letemumu em Quelicai (Baucau) e dos 12 anos passados ao serviço do exército português, nomeadamente da sua mais recente participação na 6ª Companhia de Cavalaria em Atabae (Bobonaro), onde fortalecera o seu prestígio após a partida dos portugueses com o papel heróico que desempenhara na resistência às incursões indonésias em Bobonaro em Outubro e Novembro de 1975.<sup>368</sup>

Quando Atabae caiu nas mãos dos indonésios a 26 de Novembro, Aquiles, os seus seguidores e 64 crianças de Quelicai que tinham sido enviadas para Atabae para aí serem educadas sob a orientação de Aquiles, iniciaram uma longa caminhada para Leste através de Díli e Aileu que terminou quando alcançaram Quelicai no início de Janeiro de 1976. O grupo estava bem armado; armas e munições trazidas por Aquiles de Atabae, a que se juntaram as armas capturadas pelo seu aliado, o sargento Ponciano dos Santos, que dirigira um assalto ao arsenal do quartel-general português em Taibessi por ocasião da insurreição armada da Fretilin, e que entregara as armas capturadas maioritariamente, mas não na totalidade, às forças da Fretilin.

Ponciano dos Santos foi nomeado chefe do Comité de Segurança do Comando. Dois irmãos e antigos dirigentes da UDT, João Teodósio de Lima e Augusto Pires, foram nomeados responsáveis pelos Comités Político e Administrativo. Dois padres, o padre Elígio Locatelli e o padre Luís da Costa, foram nomeados consultores.<sup>369</sup>

Em Maio de 1976, o Comando da Luta Boru-Quere e representantes da Fretilin tiveram uma reunião de três dias no edifício da escola de Quelicai para tentarem resolver as suas diferenças. O comissário político para o Sector Centro Leste, Vicente Reis (Sa'he), dirigia a delegação da Fretilin. Na reunião, Aquiles propôs que fosse promovido a comandante da Região II (Baucau), recusou um pedido da Fretilin para que partilhasse as suas armas com outras unidades das Falintil, e pediu que os habitantes de Venilale que tinham procurado refúgio em Uaibitae após a violência de Fevereiro fossem autorizados a regressar às suas habitações. A orientação marxista-leninista da Fretilin também foi discutida.<sup>370</sup>

A atitude de Aquiles convenceu os membros do Comité Central da Fretilin: a sua recusa em entregar quaisquer armas do seu vasto arsenal convenceu alguns deles de que estava a preparar um golpe militar. Também se começaram a espalhar rumores de que Aquiles planeava assassinar Vicente Reis.<sup>371</sup>

A situação atingiu o clímax a 28 de Outubro de 1976 quando, após um confronto armado entre os dois lados, foi organizada nova reunião, desta vez em Uaibitae. Antes da reunião, o grupo de Boru-Quere tinha sido persuadido a desarmar-se. Então, o grupo de Lobito deteve Aquiles e os outros dirigentes do grupo Boru-Quere juntamente com vários seguidores e outros suspeitos de serem seus aliados, incluindo dois *liurai* do distrito de Viqueque, Fernando da Sousa de Uatu-Carbau e Adelino de Carvalho de Uatu-Lari.<sup>LXVI</sup> Alguns destes, incluindo António Freitas e Augusto Pires, foram levados para Bagueia (Baucau); outros, incluindo Aquiles, Ponciano dos Santos e João Teodósio de Lima, foram levados para Uлуу (Uatu-Lari, Viqueque), e depois para Lobito, onde foram entregues a membros do Comité Central da Fretilin.<sup>372</sup> O Comité Central estava aparentemente dividido quanto ao modo de lidar com Aquiles; uma facção queria que fosse executado, enquanto que outros sugeriam um processo de reabilitação.<sup>373</sup> Algures em Dezembro, membros do Comité Central decidiram executar Aquiles e os seus principais colaboradores.<sup>374</sup> Aquiles, Ponciano dos Santos e João Teodósio de Lima foram executados em Lobito, enquanto que António Freitas foi executado em Bagueia, em Dezembro de 1976 ou

---

<sup>LXVI</sup> Segundo Marito Reis, 36 elementos do grupo de Lobito foram detidos em Uaibitae [Entrevista da CAVR com Marito Reis, Baucau, 23 de Setembro de 2003]. Um documento na posse da CAVR refere os nomes de 34 pessoas que foram detidas, das quais seis foram executadas, mas inclui uma indicação de que a lista de presos não está completa [Documento: Quelicai Uaibitae, 28 de Outubro de 1976, apresentado à CAVR por Anthony Goldstone].

Janeiro de 1977.<sup>375</sup> Outros, incluindo Fernando da Sousa e Adelino de Carvalho, foram enviados para um programa de educação política.

Várias fontes referiram que Aquiles foi condenado por se opor à ideologia da Fretilin, ou porque traía a Resistência através da sua colaboração activa com as forças de ocupação indonésias.<sup>376</sup> A Comissão não encontrou quaisquer provas que sustentem esta acusação.

Os depoimentos recebidos pela Comissão implicam Vicente Reis, o comandante do Sector Centro Leste, Maubrani (Cirilo Nunes), o comandante da Região de Baucau, Kilik Uaigae (Reinaldo Correia), o comandante da Zona de Bautae, João Meneses (Darloi), e o comandante da força de intervenção, José Lemorai, na captura do grupo de Boru-Quere a 28 de Outubro de 1976. De acordo com depoimento recebido pela Comissão de Valente de Sousa Guterres, que foi preso com António Freitas em Baguia, aqueles que foram levados para Baguia foram interrogados por M278 e M279. O principal executor foi M280.<sup>377</sup> A Comissão não conseguiu estabelecer quem foi responsável pelas execuções de Aquiles Freitas, Ponciano dos Santos e João Teodósio de Lima em Lobito.

Enquanto estes acontecimentos se desenrolavam em Quelicai, um confronto análogo e relacionado com o primeiro estava em curso no subdistrito de Iliomar em Lautém. Esse confronto opunha outro chefe tradicional, Francisco Ruas Hornay, que também servira no exército português, à liderança local e no sector da Fretilin e das Falintil, e provocou uma divisão profunda nas aldeias do subdistrito de Iliomar.

Tal como Aquiles, Francisco Hornay demonstrara o seu empenhamento na causa nacionalista ao fazer frente às incursões indonésias em Bobonaro entre Setembro e Novembro de 1975. Ele defendera Balibó dos ataques indonésios, e depois da queda de Balibó em meados de Outubro, juntara-se a Aquiles Freitas em Atabae. Após a invasão em grande escala, também ele regressara à sua base em Iliomar onde rapidamente entrou em conflito com o Comité de Zona da Fretilin e o comando local das Falintil. Ele opunha-se à política da Fretilin de concentração da população de Iliomar em acampamentos, tanto por motivos militares como ideológicos. Em Junho de 1976, o comissário político para o Sector da Ponta Leste, Sera Key (Juvenal Inácio), e o seu adjunto, Fernando Txay, ordenaram a Francisco Hornay que fizesse uma autocrítica e enviaram-no, juntamente com os seus seguidores mais próximos, para a Renal em Belta Três próximo de Lospalos (Lautém) durante 14 dias para o “justo correctivo”.

No entanto, depois de Francisco Hornay e dos seus seguidores regressarem de Belta Três para Iliomar, o conflito reacendeu-se. Vários dos seus seguidores foram detidos numa reunião organizada pelo Comité Central no início de Outubro de 1976 e, acreditando que ele próprio estava prestes a ser detido, Francisco Hornay foi visitar Aquiles Freitas em Uaibitae. Aquiles acedeu a um pedido de Francisco Hornay para que lhe entregasse armas. Quando a situação se deteriorou, Francisco Hornay e os seus seguidores fugiram para o Monte Paitah. Sera Key e Fernando Txay mobilizaram a restante população de Iliomar para cercar os seguidores de Francisco Hornay no Monte Paitah. Em resultado desta operação, a maioria daqueles que tinham fugido para a montanha renderam-se e regressaram às suas aldeias, mas Francisco Hornay e várias dezenas dos seus seguidores escaparam para Kuladera em Uatu-Carbau (Viqueque).

Duas semanas mais tarde, em meados de Novembro de 1976 a Fretilin/Falintil mobilizou de novo a população de Iliomar, desta vez para capturar Francisco Hornay e os seus seguidores em Uatu-Carbau. A 13 de Novembro ocorreu o primeiro homicídio. A caminho de Uatu-Carbau, na região de Irafok na aldeia de Larimi (Cainliu, Iliomar, Lautém), a força da Fretilin capturou Paulo Hornay e golpeou-o até à morte.<sup>378</sup> Pouco tempo depois, a força entrou em Uatu-Carbau e capturou Francisco Hornay e os seus seguidores. A 17 de Novembro, oito deles — António Oliveira, Óscar Ferreira, Ângelo Pinto, António Soares, Silvino Ximenes, Libertino Barros, Bernardo Soares e Júlio Ximenes — foram alegadamente levados para Loré no subdistrito de

Lospalos e assassinados.<sup>379</sup> A 24 de Novembro de 1976 Francisco Hornay e cinco outros — Duarte Ximenes Pinto, José Nunes, Dinis de Castro, Marcos Pintos e Manuel Sarmento — foram alegadamente levados para um local chamado Muapitine (Lautém) para serem executados. Todos os seis, à excepção de um, Manuel Sarmento, foram alegadamente executados nesse local. Manuel Sarmento conseguiu escapar, mas foi encontrado e morto uma semana mais tarde.<sup>380</sup>

Em Outubro de 1976, no mesmo mês em que os confrontos com Aquiles Freitas e Francisco Hornay e os seus seguidores atingiram o seu clímax, uma outra disputa na Resistência, aparentemente não relacionada, teve lugar no Sector Fronteira Norte e também terminou com violência fatal, incluindo execuções. A 5 de Outubro, o vice-chefe de Estado-Maior das Falintil, José da Silva, e cerca de 40 seguidores, incluindo mulheres pertencendo à OPMT, deixaram a sua base em Fatubessi (Hatulia, Ermera) para Neorema (Assulai/Sare, Hatulia, Ermera), local da sede conjunta do comando militar do sector e do comissariado político. O objectivo de José da Silva era contestar a sua demissão do cargo de vice-chefe do Estado-Maior.

Fontes entrevistadas pela Comissão diferem quanto àquilo que José da Silva tencionava fazer quando chegasse a Neorema/Noerema: se discutir a sua demissão com a liderança, tendo actuado contra ela perante a sua recusa; ou se se dirigiu à localidade com uma intenção violenta.<sup>381</sup> Qualquer que fosse a sua intenção, houve um confronto violento pouco depois da sua chegada a Neorema, durante o qual ocorreram várias mortes, tendo o grupo de Fatubessi detido a totalidade da liderança do sector, incluindo o comissário político, Hélio Pina (Mau Kruma), o comandante do Sector, Martinho da Silva, e o seu adjunto, Sebastião Sarmento.

A 6 de Outubro, um grupo leal ao Comando de Neorema vindo de Poerema, no subdistrito de Ermera, e dirigido por Pedro Lemos, contra-atacou.<sup>382</sup> O grupo conseguiu libertar a liderança que estava presa e capturar muitos dos elementos da força de Fatubessi. José da Silva e vários outros elementos conseguiram escapar para Ponilala (Ermera, Ermera), mas foram aí capturados pelas tropas locais leais ao Comando do Sector e trazidos de volta a Neorema. Três daqueles que tinham sido capturados foram alegadamente executados em Neorema a 8 de Outubro.<sup>383</sup>

Durante o ano seguinte, os presos sobreviventes, que incluíam diversas mulheres da OPMT, foram constantemente deslocados de um local de detenção para outro, acabando alguns por serem libertados, morrendo outro em cativeiro e sendo outros ainda executados. A Comissão foi informada de que, em conjunto, cerca de 40 morreram das privações e maus-tratos ou foram executados.<sup>384</sup> José da Silva foi alegadamente morto a tiro a 15 de Agosto de 1977, em Fatubessi, alegadamente pelos guarda-costas de M281, M235 e M236.<sup>385</sup> Pelo menos uma outra pessoa, Mateus Alves, foi executada em Fatubessi por volta da mesma época.<sup>386</sup> José da Silva foi acusado de planear render-se às *ABRI* e de encorajar outros a fazer o mesmo, embora os seus seguidores que sobreviveram negassem à Comissão que ele tivesse feito tais coisas.<sup>387</sup>

### **Mortes resultantes do conflito interno na Fretilin em 1977**

A 14 de Setembro 1977, o Comité Central da Fretilin emitiu um comunicado anunciando a detenção de Francisco Xavier do Amaral 10 dias antes, bem como o seu julgamento próximo. Apelidando Francisco Xavier do Amaral de “o mais vil traidor que a nossa História conheceu”, o comunicado relatava um conjunto de graves delitos que ele e os seus seguidores tinham alegadamente cometido, incluindo um plano para eliminar a liderança do Comité Central e vários desvios à ideologia da Fretilin, incluindo uma tentativa para “separar as tarefas civis das tarefas militares”. O comunicado anunciava que o presidente da Fretilin tinha cometido o crime de alta traição e que fora expulso do partido.<sup>388</sup>

O comunicado de 14 de Setembro alegava que os apoiantes de Francisco Xavier do Amaral estavam concentrados na sua região de origem de Turiscai e Fahinehan em Manufahi, Remexio

e Lequidoe em Aileu, Lacló, Ilimano e Laclubar em Manatuto, e Maubisse em Ainaro.<sup>389</sup> A campanha contra os apoiantes de Amaral também se concentrou nestas áreas, embora alastrasse igualmente para Leste em direcção a Quelicai no distrito de Baucau e Uatu-Carbau e Uatu-Lari no distrito de Viqueque e tivesse atingido áreas tais como Alas (Manufahi), onde Amaral procurava alegadamente aumentar a sua influência.<sup>390</sup> Em todas estas áreas, alegados apoiantes de Amaral foram detidos, e muitos deles foram posteriormente executados ou morreram em cativeiro.

O comunicado também nomeava um conjunto de “traidores” que teriam actuado como “peões” de Amaral. Esses elementos incluíam dois membros do Comité Central e diversos quadros médios. A maioria daqueles que foram nomeados também foram executados ou morreram durante ou pouco tempo depois de um período de prisão.<sup>LXVII</sup>

O cepticismo entre os soldados profissionais que se tinham juntado à Resistência acerca da viabilidade de tentar manter uma população civil numerosa e, ao mesmo tempo, prosseguir a lutar militar, intensificou-se durante o ano de 1977, à medida que a situação militar e as condições de vida da população civil se deterioravam e se tornava claro que a Resistência não podia contar com auxílio externo para vencer a guerra. Embora de diferentes perspectivas, os soldados profissionais e Francisco Xavier do Amaral estavam de acordo sobre esta questão.<sup>LXVIII</sup> Vários comandantes de topo foram substituídos no âmbito da purga contra os apoiantes de Amaral que se iniciou em Agosto de 1977. Dois comandantes de sector, Martinho Soares do Sector Fronteira Norte e Agostinho Espírito Santo do Sector Fronteira Sul, cujas relações com o Comissário Político do seu sector se vinham tornando tensas há já algum tempo, foram vítimas deste exacerbamento do conflito. Martinho Soares foi feito prisioneiro em ou por volta de Outubro de 1977 e mantido prisioneiro pela Fretilin em Abat (Fatubessi, Ermera) por alegadamente estar a planear render-se aos indonésios. Uma testemunha contou à Comissão que a última vez que vira Martinho Soares vivo, ele estava a ser torturado, com a parte inferior do seu corpo enterrada no solo enquanto que a parte superior era queimada com borracha derretida. É provável que tenha depois sido executado.<sup>391</sup>

A decisão de afastar Agostinho Espírito Santo do lugar de comandante do Sector Fronteira Sul foi tomada na reunião do Comité Central da Fretilin que teve lugar em Herluli (Remexio, Aileu) no final de Julho de 1977, na qual também foi decidido expulsar Francisco Xavier do Amaral.<sup>LXIX</sup> A Comissão foi informada de que Agostinho Espírito Santo foi detido com cerca de 85 dos seus seguidores pouco tempo depois, na sequência de uma ordem emitida pelo comissário político para o Sector Fronteira Sul, César Mau Laka, e trazido para Zulo (Lepo, Mape/Zumalai, Covalima).<sup>392</sup> A tensão entre os dois vinha subindo há algum tempo a propósito da política da Fretilin relativamente aos civis. Agostinho Espírito Santo e o seu adjunto, João Baptista Soares de Jesus (Bere Loco Meo), eram favoráveis a que se autorizasse a rendição da população civil, tanto para aliviar o seu sofrimento como para conferir às forças da Resistência uma maior liberdade de acção.<sup>393</sup> João Baptista, que na sua qualidade de soldado regular do exército

---

<sup>LXVII</sup> Os membros nomeados do Comité Central eram: Mário Bonifacio do Rego, secretário do Comité Regional de Manatuto, e Diogo Monis da Silva, comandante na área de Laclubar. Os “quadros médios”, tanto civis como militares, referidos pelo nome eram: José Vicente, secretário da Zona de Lacló; o vice-secretário da Zona de Lacló, António Heu; o secretário da Zona de Laclubar, Afonso do Rego; o secretário da Zona de Remexio, Ananias da Silva, e o vice-secretário da Zona de Remexio, Tobias Mendonça (“A Nossa Vitoria”, p. 10). Foi referido à Comissão que pelo menos quatro destas sete pessoas nomeadas foram executadas ou morreram em resultado dos maus-tratos sofridos no cativeiro.

<sup>LXVIII</sup> Numa das suas entrevistas com a Comissão, Xanana Gusmão declarou estar convencido de que o pensamento de Francisco Xavier do Amaral sobre esta questão fora, na verdade, o resultado da pressão exercida por comandantes militares [Entrevista da CAVR a Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004]. O próprio Francisco Xavier do Amaral declarou que chegara independentemente à conclusão de que a população civil devia ser autorizada a render-se [Francisco Xavier do Amaral, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, Díli, 15 a 18 de Dezembro de 2003].

<sup>LXIX</sup> Entrevistas da CAVR com Lucas da Costa, Díli, 21 de Junho de 2004; e António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, 6 de Novembro de 2003. Não é claro se a decisão de afastar Martinho Soares foi tomada nesta reunião, embora uma pessoa que estava presente contasse à Comissão que o Comité Central decidira nessa reunião demitir diversos comandantes [Entrevista da CAVR a Lucas da Costa, Díli, 21 de Junho de 2004].

português combatera guerras de guerrilha na Guiné-Bissau, Moçambique e Angola, era considerado o maior defensor militar desta posição, embora não tivesse sido afectado pela purga.<sup>394</sup> Agostinho Espírito Santo foi levado para Fahinehan (Fatuberliu, Manufahi) onde ele e quatro outros (Juvenal Belo, Alexandre, Paul e Ramerio) foram alegadamente executados às ordens de dois membros do Comité Central, M170 e M171, num local em Mirik Lout na aldeia de Fahinehan.<sup>395</sup> Outros comandantes das Falintil e respectivas tropas foram detidos e executados ou morreram de maus-tratos em cativeiro durante a campanha anti-Amaral.

As detenções de simpatizantes de Amaral começaram em Agosto, pouco depois do Comité Central se ter reunido em Herluli. Só em Herluli havia, no final de Agosto, várias centenas de prisioneiros de Remexio, Lacló, Laclubar, Turiscaí e Maubisse, que eram mantidos numa prisão construída à pressa e que consistia em grandes buracos escavados cobertos por troncos.<sup>396</sup>

O próprio Francisco Xavier do Amaral foi detido pelo ministro da Segurança Pública e Informação da RDTL, M172, no final de uma reunião do Comité Central da Fretilin em Tutuloro (Turiscaí, Manufahi), a 9 de Setembro de 1977. A sua esposa e filhos, os seus companheiros mais próximos e os seus guarda-costas foram detidos na mesma altura.<sup>397</sup>

Francisco Xavier do Amaral contou à Comissão que no mês que se seguiu à sua detenção, ele e outros presos foram levados numa longa viagem a pé pelas aldeias de Soibada, Fatumakerek, Laclubar em Manatuto e de volta a Turiscaí, antes de terem sido levados para a Renal de Aikurus. Pelo caminho, a sua escolta deteve mais pessoas, pelo que o grupo crescera para cerca de 50 pessoas quando finalmente chegaram a Aikurus. Todos os dias morriam 4 a 5 pessoas e os prisioneiros que não conseguiam andar eram mortos.<sup>398</sup>

Amaral sofreu graves torturas e privações (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos, secção sobre Renal), mas conseguiu sobreviver. Muitos daqueles que lhe eram mais próximos, incluindo os seus guarda-costas, foram executados e dois dos seus filhos morreram alegadamente de fome durante o período de cativeiro.<sup>399</sup>

No entanto, a descoberta de “traidores” no seio da Fretilin e a sua execução pública não começou a 20 de Agosto de 1977. As divisões no seio do Comité Central tornaram-se patentes a partir da Conferência de Soibada em Março e Abril de 1976 e já se tinham tornado graves por ocasião da Conferência de Laline em Maio e Junho de 1977, que foi boicotada por Francisco Xavier do Amaral (ver Capítulo 5: Resistência: Estrutura e Estratégia).

As acusações de traição já eram comuns nessa época, em particular no Sector Centro Norte. Vários meses antes da purga dos apoiantes de Amaral, iniciada em Agosto, ocorreram alegadamente diversos homicídios entre Março e Junho na Renal de Nundamar (Remexio, Aileu). Em Março, um total de 26 pessoas foram alegadamente detidas em Aldeia Fitun em Lacló (Manatuto) e trazidas para a base da Fretilin de Lima Leu em Remexio (Aileu). Foram acusadas de serem traidores que tinham estado em contacto com antigos membros da UDT, incluindo Francisco Lopes da Cruz e Câncio Noronha, que por essa época estavam a trabalhar na administração indonésia. Três dos detidos — João Adolfo Conceição Cabral de Deus, Manuel Rodrigues Pereira e Mau-Huli — alegadamente morreram sob tortura na base de Lima Leu. Em Abril, o grupo foi deslocado para a Renal em Remexio, onde 21 dos seus membros foram alegadamente mortos. Durante o mês de Julho, houve mais detenções em Lacló. Três daqueles que foram detidos nessa época — Filomeno Faria Lobato, Bernardino Cárceres e Jacinto Correia — também foram alegadamente mortos.<sup>400</sup>

Diversas fontes relataram à Comissão a execução de duas pessoas durante este período, Maria Fátima e Zacarias.

Os dois foram detidos em Berahu, Aldeia 8 de Março (Liurai, Remexio) em Março de 1977, aparentemente porque tinham tentado fugir de uma base da Fretilin em Dali. Foram acusados de

serem espiões e levados para a Renal de Nundamar. A população das redondezas foi informada de que ia haver uma celebração. Durante a celebração, os dirigentes da Fretilin pediram voluntários para matar Maria Fátima e Zacarias. Ninguém se propôs fazê-lo, e por isso foi um comandante de pelotão das Falintil, M173, quem os matou a tiro. Maria morreu imediatamente, mas Zacarias não e acabou por ser morto pelo adjunto M176. Algum tempo após a execução de Maria Fátima, o seu irmão mais novo, Luís Pereira, que for a detido com ela, morreu na Renal, alegadamente do desgosto provocado pela morte da irmã.<sup>401</sup> Por volta da mesma época, uma outra pessoa de Liurai, João Freitas, foi detida e colocada na prisão clandestina de Renal Nundamar, por ordem do adjunto M176. A 20 de Maio foi levado da Renal e apunhalado até à morte por dois soldados das Falintil, M176 e M175.<sup>402</sup>

Segundo informações recebidas pela Comissão, a primeira execução em massa em Herluli teve lugar em público, a 20 de Agosto de 1977, no segundo aniversário da fundação das Falintil. Diversas testemunhas descreveram essa execução em massa à Comissão.<sup>403</sup>

António Amado J. R. Guterres forneceu a seguinte descrição:

*À meia-noite do dia 19 de Agosto de 1977, quando os dirigentes da Fretilin estavam reunidos, M311 anunciou ao público que existia um traidor. Nessa altura, o traidor ainda não fora capturado pela Fretilin. Nessa noite de 19 de Agosto de 1977, expulsou o traidor e a 20 de Agosto de 1977, exactamente ao meio-dia, a Fretilin matou sete pessoas de uma vez só num buraco no chão. Dos sete, a única que eu conhecia era Paulina Soares. Tínhamos sido professores ao mesmo tempo durante o período português.*

*As execuções tiveram lugar em Herluli. Antes de os assassinar, a Fretilin prendera essas pessoas. Foi no dia do aniversário das Falintil, a 20 de Agosto. Durante a cerimónia do hastear da bandeira, foi dada ordem para que fosse preparado um buraco. Uma vez terminada a cerimónia do hastear da bandeira, sete pessoas foram metidas no buraco e todos foram convidados a aproximar-se do local para assistir à execução. Uma vez metidos os sete no buraco, M311 disse-lhes: "Já não têm mais tempo. Agora têm de se preparar." Antes do massacre, Paulina Soares disse: "Camaradas, eu vou morrer e não tenho nada. Tudo o que tenho é uma peça de roupa que dou à minha mãe, que ficará convosco para lutar pela independência."*

*Depois de Paulina ter falado, despiu as roupas e entregou-as a alguém. Depois eles dispararam uma rajada de tiros. Eu vi-os todos morrer, à excepção de um homem corpulento. O homem disse: "Eu vou morrer, mas vocês não vão vencer." Depois disto, M311 pegou na sua baioneta e apunhalou o corpo da vítima, donde jorrou muito sangue. Ao ver tanto sangue a sair do corpo daquele homem, desmaiei. Devo ter estado inconsciente muito tempo porque não sei se aquelas sete pessoas foram sepultadas.<sup>404</sup>*

Uma outra testemunha disse que vários dos guarda-costas de Francisco Xavier do Amaral estavam entre aqueles que foram executados a 20 de Agosto.<sup>LXX</sup>

Domingos Maria Alves (Ambulan) descreveu à Comissão a execução de 10 pessoas que disse terem sido mortas por ordem do ministro da Segurança Pública e Informação da Fretilin, M172:

*No dia seguinte mandaram seis milícias cavar um buraco para enterrar os prisioneiros que iam ser mortos. Ao meio-dia, alinharam 20 pessoas e levaram 10 que iam ser mortas para as margens da ribeira, perto das instalações onde se encontravam...Depois as pessoas foram mandadas sair para assistirem [às execuções].*

*M310 ordenou às pessoas que rezassem. Só depois de terem terminado de rezar é que lhes mostrámos o local. Elas foram vendadas e [M178] foi quem as matou a tiro. Duas pessoas trouxeram mais um homem. [M177] ordenou que o vendassem, e depois M178 matou-a a tiro. E assim continuou até todas as 10 pessoas [terem sido executadas].*

*Entre as 10 pessoas encontrava-se uma mulher chamada Albertina. Quando foi levada, gritou insultos contra as pessoas importantes que se encontravam no local:*

*"Todos vós, pessoas importantes, estais a seguir uma linha política que está errada. O partido que vocês criaram é uma porcaria. Tudo o que fizeram foi levar-nos a abandonar as nossas famílias e os nossos bens. Nós vivemos juntos, comemos e bebemos juntos, mas estamos a matar-nos como animais. Aqueles que estão inocentes são considerados culpados, mas o que foi que eles traíram? Aqueles que procuram negociar também são chamados traidores"...*

*Depois eles [os dirigentes] disseram a Albertina que se pusesse em cima dos cadáveres dos seus amigos, mas ela recusou-se. Por isso atiraram-na para cima dos cadáveres, mas ela saiu de cima deles e continuou a insultar as figuras importantes. Eles mandaram que fosse vendada mas ela também isso recusou. Quando a mandaram dizer as últimas palavras, ela também recusou. Albertina recusou-se até a rezar quando lhe disseram para o fazer. Finalmente, M310 deu-lhe três tiros, mas Albertina não morreu. Ela continuou de pé e a falar, e por isso enterraram-na viva.<sup>405</sup>*

Seguiram-se várias outras execuções em massa em Herluli. Segundo Domingos Maria Alves (Ambulan), as execuções públicas transformaram-se num acontecimento semanal durante este período.<sup>LXXI</sup> A Comissão recebeu diversos testemunhos que referem a execução pública de um grupo de entre seis e 10 pessoas que foram detidas em Faturasa (Remexio, Aileu) e depois

<sup>LXX</sup> Entrevista da CAVR com Maria Antónia, Lacló, Manatuto, 20 de Março de 2003. Várias fontes reportaram a execução de um dos guarda-costas de Francisco Xavier do Amaral chamado Rafael, mas essa execução parece ter ocorrido depois de Amaral ter sido levado para Beutlala, Remexio, em Setembro de 1977 [HRVD, Testemunho nº 08010].

<sup>LXXI</sup> Domingos Maria Alves (Ambulan) contou à Comissão que depois de 20 de Agosto, "todas as semanas o meu nome estava na lista de pessoas que iam ser mortas, mas quando chegávamos ao local da execução, o meu nome era subitamente esquecido e chamavam alguém cujo nome aparecia depois do meu." [Domingos Maria Alves (Ambulan), depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003].

executadas próximo da Renal.<sup>LXXII</sup> Pelo menos alguns dos membros deste grupo, José Mendonça, Alarico, Manuel da Silva, Zacarias Mendonça e Francelino Mendonça, foram alegadamente presos depois de escreverem uma carta pedindo a demissão de Alarico Fernandes.<sup>406</sup> O vice-presidente da Fretilin, M234, que esteve presente na execução, disse alegadamente às pessoas reunidas para assistirem à execução que também elas teriam aquele destino se seguissem o exemplo dos homens que tinham acabado de ser mortos.<sup>407</sup>

De acordo com os testemunhos e entrevistas dados à Comissão, as execuções prosseguiram durante o resto do ano de 1977 e em 1978, em Herluli e noutros locais. Esses relatos indicam que membros importantes da Fretilin e das Falintil estiveram envolvidos directamente nos homicídios, sendo os nomes mais frequentemente referidos os de M172, M176, M177, M178 e M179. Durante uma reunião do Comité Central em Ailaran, a cerca de 10 quilómetros de Metinaro (Dili), em Outubro de 1977, Alexandre Lemos, que trabalhava como técnico na rádio da Fretilin, a Radio Maubere, foi alegadamente espancado até à morte por M172.<sup>408</sup> Por volta desta época, M172 também assassinou alegadamente um dos seus próprios guarda-costas chamado Alik em Beutlala, Liurai (Remexio, Aileu). Alik foi amarrado e enforcado, acusado de ser um traidor.<sup>409</sup> Provavelmente por volta da mesma época, cinco outras pessoas, Moisés, Mataran, Gaspar, Mauduan e Beremau de Lacló (Manatuto), foram alegadamente assassinadas por ordem de M176 perto da Renal em Nundamar. Antes de serem mortas, as cinco foram mandadas cavar as suas próprias sepulturas em forma de um “T” (de “traidor”).<sup>410</sup>

Para além dos homicídios em Herluli e Aikurus, a Comissão recebeu igualmente informações sobre diversos outros homicídios e mortes em cativeiro que ocorreram na zona de Remexio durante este período. Ananias da Silva, o secretário expulso da Zona de Remexio, o seu adjunto, Tobias Mendonça, e Beremau, um delegado da Fretilin, foram detidos por um comandante da Fretilin, M180, e pelos seus soldados em Aimetalau, Remexio, provavelmente em Agosto de 1977. Ficaram presos em Furi, Faturasa (Remexio, Aileu) onde os dois membros do Comité Central, Mário Bonifácio e Diogo Moniz, estavam também detidos. M172 alegadamente espancou Diogo Moniz e Ananias da Silva, e Diogo Moniz foi também alegadamente queimado com brasas. Ananias da Silva e Beremau morreram ambos alegadamente dos maus-tratos sofridos no cativeiro.<sup>LXXIII</sup>

Numa data desconhecida de 1977, M172 ordenou a detenção de duas mulheres, Ilda Mendonça e Domingas, que tinham cargos na OPMT em Aimetalau (Raimerhei, Remexio, Aileu). Ambas foram acusadas de traição. Foram levadas para uma base da Fretilin situada num local chamado Kaitasu (Aileu). Ilda Mendonça foi enforcada, enquanto que Domingas foi agredida com um pau por M172 até perder a consciência, mas sobreviveu.<sup>411</sup>

A Comissão recebeu relatos de execuções na área de Lebutu (Hautuho, Remexio, Aileu). Em 1976, o comandante de Sector, M179, ordenou a detenção de Gaspar, que acusou de ser um traidor. Este foi levado para Lebutu (Aileu), onde ficou preso num buraco no chão. Dois dias mais tarde, foi retirado do buraco e morto a tiro.<sup>412</sup> A 15 de Agosto de 1978, as Falintil alegadamente assassinaram cinco outras pessoas em Lebutu: Ana Maria Soares, Domingos Sávio dos Santos e a sua esposa, Elsa da Luz, João e um jovem não identificado de 16 anos.<sup>413</sup>

Os homicídios e mortes em cativeiro também foram reportados em relação a Lequidoe, o subdistrito de Aileu para onde a Fretilin deslocara grande parte da população vivendo no distrito

---

<sup>LXXII</sup> Os vários testemunhos que referem esta execução em massa [Testemunhos nº 05807, 08100, 05812 e 01502] nomeiam um total de 10 vítimas: José Mendonça, João Nenito, Francelino Mendonça, Sebastião Castro, Manuel da Silva, Alarico, Zacarias, João Rumão, Eduardo e Domingos. O comunicado do Comité Central de 14 de Setembro acusava Domingos Simões de ter tentado assassinar Alarico Fernandes a 7 de Agosto de 1977 (“A nossa Vitória é apenas questão de tempo”, p. 19).

<sup>LXXIII</sup> HRVD, Testemunhos nº 05811, 09120, 04815 e 04882; e entrevista da CAVR com António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 6 de Novembro de 2003. Segundo o HRVD, Testemunho nº 09120, Ananias da Silva morreu depois das feridas que tinha nas pernas em resultado das torturas sofridas terem ficado infestadas de larvas; um outro relato refere que foi uma mordedura de cobra não tratada que o matou [HRVD, Testemunho nº 04882].

sob o seu controlo no início de 1977.<sup>414</sup> Existem relatos de diversas detenções no subdistrito em Agosto de 1977 que resultaram em execuções, mortes em cativeiro e desaparecimentos.<sup>415</sup>

A Comissão também recebeu depoimentos acerca de diversas mortes, quer por execução, quer por maus-tratos, em Lacló (Manatuto). José Vicente (também identificado como Vicente Rodrigues Pereira), o antigo secretário da Zona de Lacló e o seu adjunto, António Heu, tinham ambos sido nomeados e denunciados como “traidores” no comunicado do Comité Central de 14 de Setembro de 1977. Com vários outros, incluindo Tomás de Carvalho, Frederico de Carvalho e Felipe dos Santos, foram alegadamente detidos na Zona Modok (Lacló). Foram mantidos presos na sede da Zona em Aslaran (Uma Kaduak, Lacló), onde todos acabaram por morrer, alegadamente depois de terem sido violentamente espancados e queimados por soldados das Falintil sob a direcção do comandante de Zona, M150, o seu adjunto, M157, um comandante de companhia, M226, e o seu adjunto, M237, que estavam alegadamente a cumprir ordens de M176 e do seu adjunto M178.<sup>416</sup>

Uma outra pessoa que esteve presa em Aslaran em 1977, Tomás António Ribeiro, contou à Comissão que estivera aí detido com cinco membros da família, António, Domingos, Marçal, Orlando e João, depois de todos terem sido declarados traidores pelo adjunto M178 e pelo adjunto M177. Enquanto estiveram presos, não foram alimentados. Tomás António Ribeiro foi o único elemento do grupo que sobreviveu.<sup>417</sup>

Embora Turiscaí (Manufahi), enquanto terra natal de Xavier do Amaral, fosse identificado pelo Comité Central como um bastião de apoiantes do presidente da Fretilin, a maioria dos presos provenientes de Turiscaí que morreram durante as purgas foi executada em Aileu. Contudo, num caso reportado à Comissão, membros de um grupo de presos de Aileta (Liurai, Aileu) morreram de maus-tratos ou foram mortos em Turiscaí. Um comandante da Fretilin, M193, ordenou a soldados da Fretilin que detivessem Manuel Oliveira de Aileta, suspeito de ser um traidor que queria levar a população de Aileta a render-se às *ABRI*. O comandante ordenou a execução de Jerónimo de Díli. Quando isso aconteceu, o depoente e seis outras pessoas foram para Turiscaí, na esperança de contarem a Francisco Xavier do Amaral aquilo que tinha acontecido. Depois de terem estado em Turiscaí durante uma semana, chegou o comandante M193, que os deteve. Foram mantidos presos numa pequena divisão durante sete dias. No oitavo dia, foram autorizados a sair e mandados procurar comida no mato para as tropas da Fretilin. Alguns dias mais tarde, um membro do grupo, Henrique de Díli, foi morto por M195 com uma lança. Um outro membro do grupo, Maunfoni, morreu de uma doença que não foi tratada. Passados quatro meses, o depoente foi libertado e regressou a Liurai.<sup>418</sup>

A Comissão também recebeu relatos de homicídios perpetrados em Laclubar e Barique (Natarbora, Manatuto), ambas consideradas também zonas que apoiavam Amaral, e em Metinaro (Díli), em 1977/1978, eventos que podem ter feito parte da campanha anti-Amaral. No entanto, os testemunhos não eram suficientemente pormenorizados para se determinar se essas mortes estiveram, de facto, relacionadas com a campanha contra Amaral e os seus seguidores nessas áreas.<sup>419</sup>

#### *A execução e morte em cativeiro de prisioneiros deslocados para Ermera e Viqueque*

À medida que os indonésios avançavam sobre a área no início de 1978, muitos dos prisioneiros foram deslocados da Renal em Remexio para outros locais de detenção. Um grupo de 10 a 15 prisioneiros foi deslocado para o distrito de Ermera, primeiro para Sare (Hatulia) e depois para Abat, no subdistrito de Fatubessi.<sup>420</sup> Um outro grupo de cerca de 30 prisioneiros, que incluía Francisco Xavier do Amaral, foi evacuado para Leste através de Barique e Natarbora em Manatuto, e depois para o distrito de Viqueque.<sup>421</sup> Alguns membros de ambos os grupos sobreviveram; mas outros não tiveram a mesma sorte.<sup>422</sup> Pelo menos cinco elementos do grupo de Ermera, incluindo Mário Bonifácio do Rego e Domingos, foram mortos num local chamado

Kehehe Mota Laran (Fatubessi, Ermera).<sup>423</sup> Três outros prisioneiros de Ermera, Maliban, Bernardino e Leki Liban, foram levados por um assistente chamado M282 e desapareceram.<sup>424</sup>

Após uma jornada árdua que os levou por Cairui, Barique, Natarbora (em Manatuto) e Uaimori (Viqueque), o grupo de prisioneiros que tinham sido evacuados para Leste com Francisco Xavier do Amaral acabou por ficar detido numa Renal em Wesoko, na zona de Cai-Ua (Dilor, Lacluta, Viqueque) onde o Comissariado do Sector Centro Leste (Cascol) estabelecera uma nova base após a Conferência de Laline.<sup>425</sup> Aí juntaram-se a diversos prisioneiros vindos da zona de Viqueque.<sup>LXXIV</sup>

A Comissão recebeu os nomes de 14 pessoas que não sobreviveram à transferência para Wesoko. Foram eles: João Bosco, Domingos Mendonça (o marido de Ilda Mendonça, que foi enforcada em Kaitasu), Mauhui, Maumali, Vicente, Berloek, Mauleki, Maune Fatu, Mateus, José Karamba, José dos Santos, Leki Timur, Lequibere e Mateus Mendonça.<sup>426</sup> Aqueles que reportaram estas mortes à Comissão ignoravam o modo como as vítimas tinham morrido. As dificuldades sentidas na jornada para Wesoko e a evacuação subsequente dos prisioneiros da Renal em Lacluta para a costa Sul de Viqueque com as forças indonésias no seu encaço poderão ter custado a vida a muitas destas vítimas, tal como muitos morreram alegadamente na jornada de Turiscai para Aikurus após a detenção de Xavier do Amaral e dos seus colaboradores mais próximos em Setembro de 1977.<sup>LXXV</sup>

#### *A execução e morte em cativeiro de prisioneiros nos distritos da região Leste*

O homicídio de pessoas que tinham alegadamente colaborado com Francisco Xavier do Amaral alastrou para Leste. Para além das mortes daqueles que tinham sido transferidos para Viqueque dos distritos de Manufahi, Aileu e Manatuto com Francisco Xavier do Amaral (ver supra), outras pessoas dos distritos de Viqueque, Baucau e Lautém, incluindo algumas que tinham sido detidas durante a ofensiva contra Aquiles Freitas e os seus aliados e seguidores no ano anterior, e pessoas da região também foram vítimas destas acções. Os homicídios que foram relatados à Comissão foram perpetrados em Uatu-Lari (Viqueque), Quelicai (Baucau) e Luro (Lospalos, Lautém). Ao contrário do que sucedera noutras partes do país, a intervenção de responsáveis da Fretilin, em particular de Xanana Gusmão, pôs fim aos homicídios em Dezembro de 1977. De acordo com uma fonte, a 17 de Dezembro de 1977, o secretário da Zona 17 de Agosto, João Meneses, ordenou o fim dos assassinatos, dizendo que a partir dessa data os campos seriam usados para educação e reabilitação e não para execuções.<sup>427</sup>

Em Outubro de 1977, Fernando da Sousa, o secretário de Zona em Uatu-Carbau (Viqueque), e vários outros elementos foram detidos e executados em Uatu-Lari (Viqueque) sob suspeita de serem apoiantes de Amaral. No ano que decorrera desde a sua detenção e transferência para Lobito com Aquiles Freitas, Fernando da Sousa tinha recebido educação política, sendo depois nomeado secretário da Zona. Foi acusado pelo comandante de Uatu-Carbau, David Lebre, de ter estabelecido contacto com as *ABRI* para discutir a rendição.<sup>428</sup> Segundo um informador que foi detido com 23 outras pessoas numa pocilga na Zona 17 de Agosto (Zona Bautae) em Uatu-Lari por ordem de três delegados, M238, M239 e M240, havia três mulheres entre aqueles que foram executados, chamadas Alice, Angelina e Coubae, que foram levadas e mortas a meio da noite. De acordo com outra fonte, Alice tornou-se suspeita por ter recebido uma carta da sua família na vila.<sup>429</sup> Os mesmos três delegados alegadamente também assassinaram Fernando da Sousa.<sup>430</sup>

<sup>LXXIV</sup> O Perfil da Comunidade, Aldeia de Ahic, subdistrito de Lacluta, distrito de Viqueque da CAVR identifica José Monteiro (ex-comandante da Região de Viqueque), António Guterres (de Ossu) e Lourenço dos Reis Amaral (de Luca) como os prisioneiros que estavam detidos com Francisco Xavier do Amaral em Wesoko.

<sup>LXXV</sup> O Comité Central da Fretilin de então decidiu que Francisco Xavier do Amaral e 20 outros elementos, incluindo Diogo Monis, deviam ser enviados para o Centro Leste. Nos locais onde paravam, os prisioneiros tinham de escavar buracos para si mesmos. Em Uaimori (Viqueque), Francisco Xavier do Amaral teve de permanecer num desses buracos durante 1 a 2 semanas porque as *ABRI* andavam por perto. Diogo Monis sobreviveu, e fazia parte do grupo que foi capturado pelas *ABRI* com Francisco Xavier do Amaral na costa Sul de Viqueque em 1978 [Ver Entrevista da CAVR a Francisco Xavier do Amaral, Díli, 18 de Junho de 2004].

A decisão da sua execução foi alegadamente delegada na Zona por elementos com posições mais elevadas na hierarquia da Fretilin.<sup>431</sup>

Para além de Fernando da Sousa e das três mulheres, a Comissão foi informada da existência de outras 15 pessoas que foram executadas ou morreram em resultado de graves maus-tratos na Zona 17 de Agosto durante este período: Mateus Alves (um comandante de pelotão das Falintil), o seu filho, Agustinho, Lino Mau-Saba (um soldado das Falintil), Mário Mascarenhas (da Secção de Propaganda Política da Zona), Loi-Siba, Sousa, Germano Xavier, Se-Boro, Germano dos Santos, Labi-Cati, Lobo-Loi, Mateus Cabral, Naua-Cai, Co'o-Nau e Uato-Labi (os últimos oito eram de Quelicai). Todas as vítimas tinham sido membros da Fretilin ou das Falintil.<sup>432</sup> Os homicídios alegadamente terminaram e os cerca de 300 prisioneiros detidos na base foram libertados depois de Xanana Gusmão ter repreendido a liderança local pelo tratamento dado aos prisioneiros.<sup>433</sup>

Por volta da mesma época, dois grupos de membros da hierarquia da Fretilin e das Falintil foram detidos como “agentes do Xavier”. A 19 de Dezembro, vários comandantes e membros da Fretilin da região oriental, incluindo o comandante do Sector da Ponta Leste, José dos Santos, o seu adjunto, Pedro Sanches, o secretário Regional para a Ponta Leste, os irmãos de Pedro, Afonso Sávio e Benedito Sávio, Adão Amaral, Gil Fernandes, Raul dos Santos e Victor Gandara, foram convocados para uma reunião na sede da Unidade Três no Monte Matebian, onde ficaram detidos por ordem de três membros do Comité Central da Fretilin, M208, M209 e M210. Um segundo grupo, incluindo José da Conceição, Dinis de Carvalho e João Ernestino de Andrade Sarmiento, foi detido pouco depois.<sup>434</sup> Todos estes prisioneiros, à excepção de um, escaparam à execução, embora alegadamente todos fossem brutalmente torturados. A Comissão recebeu depoimentos que referem que pouco tempo antes dos outros elementos serem libertados, José dos Santos foi despido, e depois espancado e queimado antes de ser morto a tiro.<sup>435</sup> Os outros foram libertados depois de Xanana Gusmão ter de novo intervindo em seu auxílio junto dos seus colegas do Comité Central e militares.<sup>LXXVI</sup>

Em Quelicai, pessoa suspeitas de simpatias pró-Amaral ou que simplesmente planeavam render-se foram também assassinadas durante estes meses. Algumas foram mortas nas suas aldeias. A 20 de Outubro de 1977, o comandante local, M200, alegadamente matou o *liurai* de Uaitame, Francisco Moreira, e dois chefes de povoação, Francisco Urbano Moreira e Manuel dos Santos, suspeitos de dizerem às pessoas de Uaitame para se renderem. M200 e a sua unidade, alegadamente mataram também 10 membros da estrutura de Fretilin em Laisorolai (Quelicai), incluindo duas pessoas chamadas Lucas e Paulo.<sup>436</sup>

Outros foram levados para a base da Zona 15 de Agosto em Osso-Mesa (Bualale, Quelicai) ou enviados para a Zona 17 de Agosto em Bautae (Uatu-Lari). Em Setembro de 1977, um comandante das Falintil, Manuel, e um dos seus homens, Ricardo, foram detidos na zona de Akauata (Uaioli, Venilale, Baucau) por uma unidade das Falintil comandada por M211. Acabaram por ser levados para a base da Zona 15 de Agosto, onde foram metidos numa pocilga com cinco outros prisioneiros durante 30 dias. Os dois foram sujeitos a espancamentos violentos durante seis dias em que regularmente perderam a consciência, enquanto eram interrogados acerca das suas alegadas actividades como espões dos indonésios. Uma noite em Novembro de 1977, por volta das 7 da tarde horas, seis dos prisioneiros — Alexandre, Loi-Tai, Clementino, Modo-Olo, Joaquim, Luliba e Loi-watu — foram levados, supostamente para receberem educação sobre a doutrina da Fretilin. Nunca mais foram vistos.<sup>437</sup> Uma outra depoente, Cecília da Costa, relatou o caso de Naha Boru Kili, que foi detido na sua horta e levado para a base da Zona de Bautae, onde foi mantido prisioneiro durante três meses e repetidamente espancado e pontapeado, até acabar por morrer.<sup>438</sup>

---

<sup>LXXVI</sup> Xanana Gusmão, *Timor Leste, Um Povo – Uma Pátria*, p. 35; e HRVD, Testemunho nº 00095. Todos os sobreviventes à excepção de três, Gil Fernandes, José da Conceição e Dinis de Carvalho, desapareceram em 1979 durante a campanha da Indonésia contra antigos dirigentes da Fretilin e comandantes das Falintil [ver 7.2.5.4].

A Comissão recebeu os nomes de 16 outras pessoas que foram alegadamente executadas ou que desapareceram na base da Zona 15 de Agosto em Outubro de 1977:

1. Manuel dos Santos (Lorico)
2. Mano-Sala
3. Gamo-Sala
4. Ce-Boro (Celestino)
5. Co'o-Quele
6. Gamo-Quele
7. Ano-Quele
8. Bernardino (Tai-Loi)
9. Afonso (Dara-Cai)
10. João dos Santos
11. Nuno Belo
12. Rafael Ximenes
13. Venâncio Ximenes
14. Rai-Loi
15. Sedelizio dos Santos
16. Cosme Sarmiento.<sup>439</sup>

Em Novembro de 1977, pouco depois da notícia da detenção de Xavier do Amaral ter chegado a Lautém, uma outra testemunha, Zeferino Freitas, foi presa por duas vezes em Luro (Lautém). Da segunda vez foi detido pelo membro do Comité Central e adjunto, M242, e levado com outro prisioneiro, Cristovão, e as suas famílias para Lalapu (Loré I, Lospalos, Lautém) depois para Kaulai, na linha de demarcação entre Loré I e Iliomar. Os ataques dos militares indonésios na região obrigaram à sua evacuação para Besi Manas no subdistrito de Luro com três outros prisioneiros: Horácio Sávio, Alcino Sávio e Julião. Os cerca de 40 prisioneiros mantidos à época em Besi Manas foram sujeitos a espancamentos contínuos e recebiam apenas uma pequena refeição por dia. Durante o mês que passaram nesse local, dois dos prisioneiros, Julião e Cristovão, morreram, alegadamente em consequência dos espancamentos. A testemunha atribui a libertação dos presos à chegada do adjunto Xanana Gusmão.<sup>440</sup>

### **O homicídio e desaparecimento de não combatentes perpetrado pela Fretilin/Falintil**

A Comissão recebeu depoimentos abundantes acerca da execução ou morte provocada de outro modo de pessoas acusadas de serem espiões das *ABRI*. Muitos destes casos são difíceis de avaliar, embora as datas e locais em que ocorreram sugiram por vezes que podem ter estado relacionados com os conflitos políticos internos à Fretilin.<sup>441</sup> No entanto, é também muitas vezes evidente que houve pessoas acusadas de estarem em contacto com os indonésios quando, na verdade, pretendiam apenas render-se ou, mantinham contactos inocentes com amigos ou familiares em áreas controladas pelos indonésios.

### **Mortes e execuções nas Renal e outros centros de detenção da Fretilin**

A Comissão recebeu depoimentos aprofundados que descrevem as experiências extremamente brutais dos prisioneiros que foram mantidos nas Renal e noutros centros de detenção da Fretilin. A Comissão recebeu numerosos depoimentos descrevendo vítimas que foram detidas sob a acusação de serem traidores e que subseqüentemente morreram em resultado dos maus-tratos sofridos, ou que foram executadas ou desapareceram.<sup>442</sup> As vítimas destes tratamentos eram, com frequência, pessoas comuns, membros da Fretilin ou soldados das Falintil. Tal como

sucedeu com os dirigentes, em diversos casos onde pessoas comuns foram vítimas das purgas, foram dirigentes de topo da Fretilin que ordenaram a execução das vítimas.

Um grande número dos depoimentos recebidos descreve mortes em cativeiro resultantes de maus-tratos e privações, bem como de execuções e desaparecimentos.<sup>443</sup> Por vezes, os prisioneiros eram condenados através de um processo grosseiro de aplicação da justiça que, em vez de proteger os direitos do arguido, violava de forma grosseira os seus direitos, mediante a sujeição dos suspeitos a interrogatórios que envolviam frequentemente espancamentos, utilização de ferros em brasa, suspensão dos suspeitos de árvores e outros tipos de maus-tratos, bem como a um processo de “justiça popular” sumária. António Amado de Jesus Ramos Guterres, que esteve presente em muitos interrogatórios como escrivão descreveu-os nos seguintes termos: “As vítimas eram obrigadas a confessar algo que desconheciam e a nomear pessoas que nada tinham que ver com o caso [sob investigação].”<sup>444</sup>

A vida ou morte de um prisioneiro era, em vários sentidos, uma questão de puro arbítrio. As condições nas Renal variavam mas eram, quase sempre, pouco propícias a sobrevivência dos prisioneiros, uma vez que a comida, abrigo, condições sanitárias e tratamento médico proporcionados eram geralmente impróprios, sendo que a sua falta de qualidade parecia fazer parte do sistema prisional instituído. Aqueles que morreram em cativeiro tanto podiam ter sido detidos pelo crime grave de traição como por um crime menor, tal como um furto ou serem encontrados em áreas proibidas à procura de comida. Podiam igualmente ter sido detidos simplesmente por terem uma relação familiar ou de outra natureza com uma pessoa acusada de traição ou de outro crime. A natureza do procedimento judicial a que os prisioneiros podiam ser sujeitos significava que as decisões sobre o seu destino eram frequentemente de natureza pessoal: eram as simpatias de dirigentes ou comandantes individuais que podiam determinar se um prisioneiro vivia ou morria.<sup>LXXVII</sup>

A Comissão recebeu um relato acerca do sistema de justiça da Fretilin de um antigo assistente da Fretilin que o recorda nestes termos:

*[A] pessoa culpada era trazida à presença do público. Então muitas pessoas diziam que ele era culpado; ninguém contestava isto, mesmo se a pessoa em causa estivesse inocente, e não havia um juiz para nos defender. Eu assisti a cerca de três casos. As pessoas que eram suspeitas eram capturadas nas zonas da guerrilha...o comandante acusava-as de serem espiões. O comandante disse: “Este homem foi capturado na zona da guerrilha. Ele é um espião.” Depois as pessoas diziam: “Se é um espião, tem de morrer.” O comandante das Falintil geralmente lidava com os casos assim e as pessoas iam atrás dele.<sup>445</sup>*

Uma execução pública conduzida com a maior das crueldades seguia-se frequentemente a estes procedimentos (ver, por exemplo, os relatos acerca das execuções em Herluli, supra). Mas as vítimas também podiam ser executadas sumariamente, sem serem sujeitas a um período de prisão seguido por um processo judicial.

A maioria das mortes ocorridas numa Renal e reportadas à Comissão não foram a consequência de tais procedimentos em que as vítimas eram condenadas à morte, mas o resultado quer de maus-tratos sofridos ou de uma execução não precedida de processo judicial.

---

<sup>LXXVII</sup> Para além das intervenções de Xanana Gusmão e de outros durante a purga dos apoiantes de Amaral na parte oriental do território, casos semelhantes são descritos no HRVD, Testemunho nº 02195 (Liquiça) e na Entrevista da CAVR com Elias Quintão Laclubar, Manatuto, 1 de Outubro de 2003.

Um depoente descreveu os acontecimentos que rodearam o homicídio do seu tio, Agapito Soares, em Lacló (Manatuto):

*Em Abril [Fevereiro] de 1979, o meu tio, Agapito Soares, que tinha 26 anos de idade e era um delegado da Fretilin, foi considerado suspeito por M243, comandante da Fretilin M95 e comandante da Fretilin M244 de ser um traidor [que estava a dar apoio às] ABRI...Uma noite, por volta da meia noite, M243, M95 e quatro homens de M244 vieram com armas...[Eles] ataram as mãos de Agapito Soares com corda e depois levaram-no a pé ao encontro do comandante M244...Agapito Soares foi amarrado a uma árvore e depois interrogado pelo comandante M244...Depois, o comandante M244 entregou Agapito Soares a M30, um membro da Fretilin de Sanarin, Laclubar, para que o matasse. Uma vez que se tratava de uma ordem do comandante M244, M30 acompanhou Agapito Soares a um local no cimo da montanha, com as mãos atadas...M30 espetou a sua baioneta em Agapito Soares...entre as costelas, três vezes do lado esquerdo e três vezes do lado direito, e depois uma vez no coração. Agapito Soares ainda falava com M30, dizendo: "Não fiz nada errado; não fiz nada para suspeitarem que colabore com as ABRI." M30 pontapeou Agapito Soares no estômago. Agapito Soares caiu e morreu.<sup>446</sup>*

Um caso corroborado de morte em cativeiro que foi referido como tendo ocorrido em Ossu (Viqueque) em 1977 apresenta muitos dos elementos acima descritos.

Em 1977, depois de um *liurai* chamado Gaspar Reis ter passado para a vila de Ossu (Viqueque), controlada pelos indonésios, um grupo de 11 pessoas, incluindo crianças, foi preso na Renal de Leki-Loho por ordem do adjunto M245 e de três dos seus assistentes, M246, M247 e M248. Por causa da sua ligação ao *liurai* Gaspar Reis, os 11 foram acusados de serem espiões e reaccionários. O grupo foi metido numa pocilga. Durante um período de tempo, os prisioneiros foram espancados, esbofeteados e pontapeados, sendo-lhes dada água salgada para beberem. Alegadamente em resultado deste tratamento, pelo menos dois dos prisioneiros, Ologari e Loi-Dasi, morreram. Aqueles que sobreviveram foram mantidos na pocilga durante um ano e quatro meses.<sup>447</sup>

Outros casos de mortes em cativeiro resultantes de maus-tratos foram referidos nas Renal dos distritos de Aileu, Manatuto, Viqueque, Liquiça, e Díli.<sup>448</sup>

Noutros casos, os depoentes referiram apenas que a vítima ou vítimas tinham desaparecido depois de terem sido feitas prisioneiras.<sup>449</sup>

Tal como sucedera durante o período inicial da invasão (ver secção sobre Mortes após a queda das bases de apoio), a aproximação das forças indonésias podia levar a Fretilin a matar os seus prisioneiros. Duas fontes referiram que em 1978, na Renal de Aikurus (Remexio, Aileu), membros da Fretilin mataram prisioneiros lançando granadas para os buracos onde os tinham metido. A esposa de uma das vítimas testemunhou:

*Ouvimos dizer que as ABRI iam atacar o local onde se situava a Renal. Por isso o meu marido foi colocado num buraco. Depois o assistente, M249, lançou uma granada para o buraco. Em consequência, o meu marido, Mau-Sera, morreu nesse buraco.<sup>450</sup>*

Prisioneiros mantidos pelos menos numa outra Renal foram também alegadamente executados ou feitos desaparecer quando as forças indonésias atacaram a área.<sup>451</sup>

Como o seu nome sugere, parte da suposta função das Renal era a reabilitação através da educação política de pessoas acusadas de diversos crimes, que podiam ser de natureza ideológica, tais como comportamentos reaccionários, a quebras de disciplina (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos).<sup>452</sup> A consequência da detenção numa Renal para “educação política” era frequentemente a morte sob tortura, execução ou desaparecimento da vítima.<sup>453</sup> Nalguns casos, a Comissão foi informada de que as vítimas não receberam a educação política que tinha sido indicada como a razão para a sua detenção; nestes casos, ser “levado para educação política” era na verdade um eufemismo para execução ou desaparecimento. Um desses casos foi o desaparecimento, já descrito, de sete pessoas levadas da base 15 de Agosto, em Bualale (Quelicai, Baucau), em Novembro de 1977, durante a purga de pessoas suspeitas de serem apoiantes de Francisco Xavier do Amaral.<sup>454</sup> Casos semelhantes foram reportados de Lequidoe (Aileu) e Lacló (Manatuto) no Sector Centro Norte e em Quelicai no Sector Centro Leste.<sup>455</sup>

Miguel Soares, e um marido e a sua esposa, Lourenço e Albertina, foram detidos separadamente por quadros da Fretilin em Lacló, em 1977. Foram levados declaradamente para receberem educação política. Nem Lourenço, nem Albertina receberam educação política. Em vez disso, foram levados para Hatuconan (Lacló, Manatuto) onde foram torturados e sujeitos a trabalhos forçados. Ambos sobreviveram. Contudo, Miguel, que também foi levado para Hatuconan “para educação política”, foi sujeito a torturas e posteriormente desapareceu.<sup>456</sup>

Aquilo que aparentavam ser meras diferenças ideológicas podiam também ser motivos para a condenação de alguém como traidor, seguida da sua execução. Um grupo de professores, António dos Santos, Domingos Temenai, Jorge, Domingos Pereira Montalvão e Domingos Sousa foram presos na Renal perto de Metinaro (Díli), onde morreram ou foram mortos. Segundo o depoente, todos foram detidos principalmente por causa da sua oposição à doutrina da Fretilin sobre propriedade.<sup>457</sup>

### **Mortes relacionados com a rendição de civis às forças indonésias**

A Comissão recebeu informações de casos em que civis que eram suspeitos de planearem a sua rendição, estavam em vias de se render, ou que na verdade já se tinham rendido, morreram em cativeiro depois de terem sido detidos ou foram executados.<sup>458</sup>

Os membros da Fretilin, soldados das Falintil e simples civis que eram suspeitos de planearem render-se corriam o risco de serem detidos, o que podia resultar na sua morte. A suspeita de que as pessoas estavam a planejar render-se podia ou não ter uma base sólida. Por vezes, o fundamento para uma detenção e posterior execução podia ser simplesmente a relação da vítima com alguém que se descobrira estar genuinamente a planejar render-se.

Em 1979, forçado pela fome, Elizio decidiu render-se às *ABRI*. O seu plano foi descoberto e ele foi preso em Talik-Wetin (Uma Beco, Barique, Manatuto). Pouco tempo depois, os seus pais, Camilo e Faustina, os seus três irmãos e dois dos seus amigos, Estêvão e Mateus, foram igualmente detidos. Enquanto estavam presos em Talik-Wetin, Estêvão e Mateus foram mortos a tiro.<sup>459</sup>

Nas áreas onde as divergências sobre se deviam ou não render-se eram particularmente acentuadas e a pressão dos militares indonésios se tornara intensa, tal como no Sector Fronteira Norte no final de 1978, os familiares de pessoas que já tinham sido capturadas ou que se tinham rendido podiam tornar-se suspeitos. Em Outubro de 1978, em Matata (Railaco, Ermera), dois soldados das Falintil, Félix da Conceição e Domingos Terlego, ficaram sob suspeita de pretender render-se pouco depois da mãe de Félix, Alda Exposto, e do seu primo, Agapito, terem sido

capturados pelas *ABRI* em Leorema (Bazartete, Liquiça). O secretário da Fretilin, M250, e um comandante de secção, M251, ordenaram aos soldados das Falintil que capturassem os dois. Ambos foram baleados e golpeados até à morte perto da ribeira de Tihar em Matata.<sup>460</sup>

Nalguns destes casos, as vítimas eram dirigentes locais da Fretilin ou das Falintil, ou membros destas organizações que tinham encorajado a população civil a render-se.

Em 1978, em Railaco (Ermera), a população civil encontrava-se numa situação de fome extrema e o seu delegado, Eduardo Madeira Soares, disse às pessoas que se rendessem. Por causa da sua acção, dois membros das Falintil detiveram-no e mataram-no em Fatumere (Taraso, Railaco) como traidor.<sup>461</sup>

A informação de que pessoas planeavam individualmente render-se podia não estar bem fundamentada, mas ainda assim resultar numa execução. Nalguns casos, existem também indicações de que as pessoas foram executadas simplesmente para desencorajar mais rendições.

Em Abril de 1977, pouco tempo depois da base da Fretilin em Tatabei (Atabae, Bobonaro) ter sido tomada pelos indonésios, levando à dispersão de muitos daqueles que nela habitavam, o comandante da Fretilin, M252, e o assistente, M253, em Guico (Maubara, Liquiça), ordenaram a detenção de três homens, Lacu Ana, Mateus e Mau-Busa, depois de terem recebido a informação aparentemente falsa de que planeavam render-se. Apesar de terem negado veemente no interrogatórios que planeavam render-se, os três foram executados.<sup>462</sup>

### **Homicídios durante a rendição**

As pessoas que tomavam a iniciativa de se render também se arriscavam a ser executadas se fossem interceptadas por tropas das Falintil.

Em 1977, uma família decidiu render-se depois de duas tias terem sido mortas durante um ataque aéreo indonésio. No entanto, quando caminhavam para se entregar, essas pessoas foram interceptadas por dois soldados das Falintil em (Covalima). Os soldados levaram-nas para as margens de uma ribeira próxima e mataram três a tiro. O depoente só sobreviveu porque caiu na ribeira e foi arrastado pela corrente para um local seguro.<sup>463</sup>

Em 1978, Zeferino Freitas e a sua família estavam escondidos no Monte Matebian. As pessoas que estavam na montanha estavam sujeitas a constantes ataques dos militares indonésios por terra, ar e mar. A família decidiu descer da montanha e render-se. Dirigiram-se para o Monte Builo (Ossu, Viqueque). Quando iam a caminho, foram mandados parar por cinco membros das Falintil, que mataram a tiro um membro do grupo que acusaram de espiar para os indonésios.<sup>464</sup>

### **Mortes após a rendição**

A Comissão recebeu diversos testemunhos acerca do homicídio pela Fretilin/Falintil de pessoas que se tinham rendido aos indonésios pouco depois da invasão.

Uma família de cerca de 12 pessoas foi autorizada pelas *ABRI* a partir para a vila de Manatuto sem escolta depois de se ter rendido em Casohan (Barique, Manatuto) em 1976. O grupo ainda não tinha saído da zona de Barique quando foi capturado por oito elementos das Falintil que ficaram com os seus bens e os levaram para o respectivo posto. Amarraram um dos membros da família a uma árvore da borracha e torturaram-no passando-lhe uma faca pelo rosto. No meio da noite levaram Leonardo e mataram-no. A restante família conseguiu escapar e chegar a Manatuto quando o posto das Falintil foi atacado pelas forças indonésias.<sup>465</sup>

A maior parte da população do suco de Raça (Lospalos, Lautém) rendeu-se às forças indonésias pouco tempo depois das *ABRI* terem entrado em Lospalos em Fevereiro de 1976. Na sequência da captura pelos indonésios de Raça, as pessoas da aldeia sofreram tanto às mãos das forças das *ABRI* como das Falintil. Durante esse período, tanto as *ABRI* como as Falintil mataram alegadamente aldeões suspeitos de trabalharem para o outro lado.<sup>466</sup>

As forças locais das Falintil não aprovaram a decisão de um grande número de pessoas do subdistrito de Bobonaro e descerem e se renderem aos indonésios na vila de Bobonaro em Fevereiro de 1976. As tropas das Falintil alegadamente mataram a tiro vários daqueles que se haviam rendido.<sup>467</sup>

A Comissão foi informada sobre vítimas que, após a rendição, foram mandadas regressar ao interior pelas *ABRI*, *Hansip* ou por membros da administração civil para tentar persuadir outras pessoas que ainda continuavam a resistir a render-se e que foram mortas pelas Falintil quando o fizeram.

Em Fevereiro de 1976, M254, então administrador do subdistrito de Moro (Lautém), mandou quatro homens da aldeia de Soloresi (Maina I, Moro), Albino da Cruz, Koupono, Celestino e Tito, persuadirem as pessoas de Paiahara a saírem do mato e a deslocarem-se para Soloresi. Quando os outros chegaram a Paiahara, foram detidos por um grupo de apoiantes da Fretilin dirigidos por M255. Celestino e Tito conseguiram fugir, mas Albino da Cruz e Koupono foram alegadamente levados para uma zona de mato em Leuro (Lospalos, Lautém) onde foram mortos.<sup>468</sup>

O pai de um depoente foi capturado pelas *ABRI* em Colocau (Wetare, Besusu, Uma Berloik, Alas, Manufahi) em 1978. Foi levado para o campo de trânsito de Uma Metan (Mahaquidan, Alas) (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos) e mandado procurar a restante família que continuava no mato. Enquanto procurava a sua família no mato, foi morto por ordem do adjunto da Fretilin, M256, suspeito de espiar para as *ABRI*.<sup>LXXVIII</sup>

As pessoas que se voltavam a juntar à Resistência depois de se terem rendido ou de terem sido capturadas pelos indonésios também podiam tornar-se suspeitas de estar a espiar para estes. Em Fevereiro de 1976, Miguel Marques, que se rendera aos indonésios, roubou armas das *ABRI* e regressou com elas ao mato. Quando aí chegou, encontrou dois antigos companheiros das Falintil, M257 e M258. M257 e M258 levaram Miguel Marques para a sua base em Uaimori (Viqueque), onde o entregaram a três outros membros das Falintil, e partiram. Os três mataram Miguel Marques por suspeita de estar a espiar para as *ABRI*.<sup>469</sup>

Em 1979, algum tempo depois de se ter rendido ao Batalhão 401 das *ABRI* na zona de Lacluta (Viqueque), Lauriano Marques, um guerrilheiro das Falintil, decidiu regressar ao mato com o seu irmão mais novo por recear que os soldados do batalhão o quisessem matar. Encontrou um grupo das Falintil, do qual não conhecia qualquer elemento. Foi manietado e levado para um local chamado Halifutu Manu, onde os elementos das Falintil pegaram nas suas catanas e o mataram. Também golpearam o pescoço do seu irmão mais novo mas este conseguiu sobreviver.<sup>470</sup>

Os homicídios também ocorreram muito tempo após a rendição. Nem sempre é claro o motivo por detrás desses homicídios: embora nalguns casos aqueles que foram alvo de tais acções estivessem claramente a colaborar com os indonésios, nem sempre tal acontecia.

---

<sup>LXXVIII</sup> HRVD, Testemunho nº 04303. Praticamente igual destino podem ter tido Duarte Almeida e outros em 1979 [ver HRVD, Testemunho nº 01587]. No entanto, dois outros relatos do homicídio e desaparecimento de Duarte Almeida indicam que os perpetradores não foram a Fretilin mas a *Hansip* de Alas sob o comando de Capela Ferrão [ver HRVD, Testemunhos nº 01506 e 01576].

Um caso que envolveu claramente o homicídio de um colaborador ocorreu em Fuat (Iliomar, Lautém), em 1979. O chefe da aldeia de Fuat, Francisco Ferreira, foi para a sua horta com cinco outros homens para apanhar milho. Soldados das Falintil comandados por M270 capturaram-nos, amararam-nos e levaram-nos para um local nos arredores de Fuat chamado Korufira. Foi-lhes dito que não seriam autorizados a regressar à aldeia porque, se o fizessem, Francisco Ferreira continuaria a oprimir o povo. O grupo foi levado para um local chamado A'hasan onde M270 e M271 mataram Francisco Ferreira e dois dos outros homens.<sup>471</sup>

Em muitos outros casos, os motivos para o homicídio não são claros. Após a sua rendição em 1978, Artur Moreira e a sua família partiram em busca de comida. Encontraram um membro da Fretilin chamado M260, que convidou dois deles, Gamulabi e Koubou, a procurarem comida na aldeia de Titilari (Ililai, Moro, Lautém). Os dois nunca regressaram. Mais tarde, outro membro da Fretilin que se rendera recentemente aos indonésios contou a Artur Moreira que a Fretilin matara ambos.<sup>472</sup>

À medida que as forças indonésias intensificaram as suas operações contra a Resistência em 1977 e 1978, tornou-se cada vez mais difícil para a Fretilin manter as suas bases. Em muitas áreas, as concentrações de população sob o controlo da liderança da Fretilin dispersaram-se, à medida que um número crescente de civis se espalhou por locais onde se sentia mais seguro, ou se rendeu.<sup>473</sup> Nalgumas áreas, como nos Sectores Centro Norte e Centro Sul, a Fretilin recorreu a métodos cada vez mais drásticos para evitar essa desintegração. A Comissão recebeu informações sobre casos em que grupos de pessoas que se afastavam do grosso da população eram capturados e alguns ou todos os seus membros executados.

O conjunto de mortes de maior dimensão reportada à Comissão foi a execução em massa de 43 civis em Manufahi, em 1978. Os 43 faziam parte de um grupo de civis que se tinham refugiado no mato na zona de Aituha (Alas, Manufahi) para escapar ao avanço das tropas indonésias. Foi aí que foram detidos por uma unidade das Falintil comandada por M272 e acusados de traição. Depois de serem espancados, os 43 foram manietados e levados para Laututo, na zona de Fahinehan (Fatuberliu, Manufahi) onde foram executados.<sup>LXXIX</sup>

Embora as execuções em Laututo constituíssem uma excepção no que se refere à sua dimensão, existiram outros homicídios deste tipo. No mesmo ano, em Lacló (Atsabe, Ermera), quando as forças indonésias se espalharam um pouco por toda a região, um grupo de 10 pessoas procurou refúgio numa zona isolada da floresta. Os soldados das Falintil vieram e levaram-nos do seu esconderijo. No dia seguinte, dois membros do grupo, Pedro e Celestino, foram mortos a tiro.<sup>474</sup>

### **Execuções relacionadas com ataques e ofensivas indonésias**

A Comissão recebeu relatos sobre homicídios de civis perpetrados pela Fretilin/Falintil quando as *ABRI* avançavam sobre uma área.

As tropas da Fretilin e grupos auxiliares alegadamente mataram cerca de 37 pessoas em Kooleu, na aldeia de Loré I (Lospalos, Lautém), enquanto os indonésios avançavam no subdistrito de Lospalos no início de 1976. Ângelo Araújo Fernandes, que perdeu nove familiares, contou à Comissão:

---

<sup>LXXIX</sup> Testemunhos apresentados à Comissão identificaram as seguintes 43 pessoas como as vítimas desta execução em massa: Graciano da Costa, Rui Luís da Costa, Anita da Costa, Augusto da Costa, Adriano da Costa, Inácia da Costa, Francisco da Costa, Eugénia da Costa, Jaimito da Costa, Leki Berek, Catarina da Costa, Carlos da Costa, Francisco Lourença, Hermenegildo, Castela da Costa, Anibal da Costa, Cristovão da Costa, Domingos Bere-Malik, Sialelok, Maria da Costa, Ernesto da Costa, Miguel da Costa, Cai Uka, Bi Malik, Loa Kolik, Sui Mauk, Coli Malik, Bere Leki, Seu Berek, Duarte Mau Seran, António da Costa, Marcos da Costa, António Bere Malik, Bere Colik, Luís, Filipe da Costa, Maria da Costa, Pedro da Costa, Juliana da Costa, Sara Mauk, Bui Leki e Bere Leki. Também identificaram os seguintes perpetradores: M272, M302, M303, M304, M305, M306, M307, M308, M309, M310, M311, M312, M313 e M314. [HRVD, Testemunhos n.ºs 04802 e 04776]

*As tropas da Fretilin, juntamente com a Brigada Lança dirigidas pelo comandante M303, mandaram-me e ao meu pai e dois irmãos mais velhos, juntamente com cinco dos nossos amigos, ir à aldeia de Pasikenu em Souro, Lospalos, para nos encontrarmos com dirigentes da Fretilin. Nós, os nove, partimos imediatamente com [as tropas], mas a meio da jornada ataram-nos as mãos atrás das costas com corda que na língua fataluco é chamada "tanu"...Quando chegámos a Pasikenu, o comandante M303 mandou-nos parar e ele foi ver se os dirigentes da Fretilin estavam lá ou não. Pouco tempo depois regressou e disse que os dirigentes da Fretilin não estavam. Depois ordenou aos seus homens que nos levassem para debaixo de uma árvore e nos atassem aos pares com corda para fazermos um, aquilo a que se chama "kawaha-waha" na língua fataluco.*

*Eu fui amarrado com o meu irmão mais velho. Cerca das 10 da manhã, começaram a atirar sobre nós e uma bala atingiu o meu irmão mais velho. Fomos levantados três a quatro metros do chão antes de cairmos numa ravina, onde a corda que nos atava se partiu. Eu comecei imediatamente a correr com as mãos atadas atrás das costas enquanto os meus amigos, incluindo o meu pai e dois irmãos mais velhos, eram mortos a tiro...Quando comecei a correr, os soldados da Fretilin e os da Brigada Lança começaram a disparar contra mim. Tirei a lipa que trazia e fiquei apenas com as cuecas. Continuei a correr e fui para uma ribeira onde não me podiam ver.*

*Passados 24 anos, ainda não consegui recuperar os [restos mortais dos] membros da minha família. Quero saber quem é que mandou [as tropas]...matar a minha família. Por que foi que os mandaram? Não posso dizer aos meus filhos quem foi que matou os seus avós. O meu filho pergunta-me "Pai, por que foi a nossa família morta?" Eu não posso explicar-lhe.<sup>475</sup>*

A Comissão recebeu diversos relatos de casos em que ataques falhados da Fretilin a bases indonésias e ataques bem sucedidos das tropas indonésias contra bases da Fretilin e Falintil foram seguidos pela detenção de alegados sabotadores.

Entre os muitos crimes que o Comité Central imputou a Francisco Xavier do Amaral e os seus seguidores, um dos mais graves foi a alegação de que tinham sabotado a capacidade da Resistência enquanto força de combate, especificamente nas áreas de Laclubar, Soibada, Turiscai e Maubisse. Os aliados de Amaral teriam alegadamente perpetrado a "eliminação física" de diversos comandantes, incluindo o lendário Leonardo Alves (Ramahana) em Setembro de 1976, e não teriam oposto resistência ao avanço dos indonésios em Turiscai e em direcção a Same (Manufahi).<sup>LXXX</sup> A Comissão não encontrou provas que fundamentem tais alegações.<sup>LXXXI</sup>

---

<sup>LXXX</sup> "A nossa Vitória é apenas questão de tempo", pp. 11 e 18-19; e Perfis das Comunidades das Aldeias de Liurai, Beremeana, Caimauk e Manumera da CAVR, todas no subdistrito de Turiscai, distrito de Manufahi, que indicam o avanço das forças indonésias sobre Turiscai como tendo ocorrido em Março e Abril de 1976.

<sup>LXXXI</sup> A versão indonésia sobre a morte de Ramahana é de que foi morto em Funar (Laclubar, Manatuto), a 23 de Setembro de 1976, numa operação indonésia em que participaram tropas indonésias do *Kopassandha* e timorenses que pertenciam ao *Tonsus* baseado em Laclubar [Ken Conboy, *Kopassus*, p. 268]. A mesma fonte descreve uma campanha de "difamação", conduzida pelo *Kopassus* em Dezembro de 1976. A campanha destinava-se a criar um clima de

No entanto, a Comissão recebeu um relato sobre uma execução na zona de Soibada (Manatuto) em que a vítima foi um soldado das Falintil que alegadamente ajudara os indonésios a preparar um ataque em que um importante comandante foi morto.

Em Outubro de 1976, tropas das Falintil sob o comando de António Lobato (Calohan, o irmão mais novo de Nicolau Lobato), foram a Lakero, Fatumakerek (Soibada, Manatuto), com a intenção de atacar as tropas indonésias que julgavam estar aí estacionadas. Quando entraram na aldeia, não havia sinais das tropas indonésias, e por isso os soldados das Falintil regressaram à sua base em Au-Abut. Nessa noite, as forças indonésias atacaram Au-Abut, e Calohan foi morto em combate.

Após o ataque, dois soldados das Falintil, João Nifa e João Manufahi, foram presos por suspeita de passarem informações aos indonésios. Por ordem do assistente, M261, foram amarrados a bambus e queimados com ferros quentes para serem obrigados a falar. Passado um mês, Boru Metan, Caicassa (Fatuberliu, Manufahi) foi atacada pelos indonésios e os dois foram transferidos com outros prisioneiros para um local chamado Kian-soru. João Manufahi foi trazido de volta para Au-Abut e morto por soldados das Falintil. Após dois meses em constante movimento para escapar às forças indonésias que avançavam, João Nifa e os outros detidos foram libertados por ordem do ministro da Justiça, Kakuk (Eduardo dos Anjos). Após a sua libertação, João Nifa descobriu que a sua esposa não fora capaz de encontrar comida suficiente enquanto ele estava detido e que em consequência disso dois dos seus filhos tinham morrido.<sup>476</sup>

Durante os bombardeamentos intensos sobre Matebian, que provocou muitas inúmeras mortes, houve casos em que soldados foram individualmente culpados pelos ataques e foram executados ou desapareceram.<sup>477</sup>

Qualquer tipo de contacto com pessoas nas áreas controladas pelos indonésios podia levantar suspeitas acerca da lealdade e ter consequências fatais. A execução de Alice em Uatu-Lari (Viqueque) em Novembro de 1977, depois de ter recebido uma carta de familiares que residiam na vila já foi aqui descrita. Mesmo acções aparentemente inocentes que podiam ser interpretadas como prova de que a vítima tivera contactos com os indonésios podiam ter consequências graves, incluindo a morte da vítima. Em pelo menos um caso, a posse de uma bola foi motivo para detenção e execução. Dois professores, Miguel dos Santos e Manuel Pereira, foram executados depois de trazerem para a base da Fretilin uma bola que haviam encontrado na sua proximidade. Os seus executores consideraram que a bola era prova de que tinham estado em contacto com as *ABRI*.<sup>LXXXII</sup>

Em Janeiro de 1976, tropas das *ABRI* entraram em Dare (Hatu Builico, Ainaro), levando muitos residentes a fugir para a floresta. O depoente pediu a dois membros da sua família, Benjamin e Bernardo, que regressassem a Dare para avaliar a situação e estabelecerem contacto com o padre local, o padre Ricardo. Contudo, a caminho de Dare foram interceptados por elementos das Falintil que pensaram que estavam a tentar estabelecer contacto com os militares indonésios e os mataram a tiro.<sup>478</sup>

Tal como sucedeu no caso da família de Maria Antónia (supra), a existência de familiares que estavam a colaborar com os indonésios também podia ter consequências fatais. Noutro caso que terminou em execuções, ocorrido em Lacló (Manatuto), de onde a família de Maria Antónia

---

desconfiança entre os dirigentes da Resistência, e alegadamente resultou na execução pela Fretilin/Falintil de, pelo menos, um comandante [*Ibid.*, pp. 269-270].

<sup>LXXXII</sup> Os Testemunhos nº 00124 e 00166 da HRVD descrevem a execução em Remexio de pessoas encontradas com uma bola. Não é claro se os testemunhos dizem respeito ao mesmo ou a incidentes distintos. A última situação é uma possibilidade: no primeiro testemunho, a data referida para o incidente é 1976, no segundo é indicado o ano de 1977; no primeiro testemunho existe uma vítima, no segundo duas. Noutro caso, também ocorrido no Sector Centro Norte, um homem chamado Gaspar foi detido em Março de 1977 e preso no Renal por ordem de M176, depois de regressar de Díli com roupas novas. No entanto, Gaspar, foi libertado ao fim de um ano.

também era originária, uns pais cujo filho fora recrutado para o Batalhão 744 das *ABRI* foram interrogados por suspeita de lhe estarem a passar informações e foram executados.<sup>479</sup>

### **Morte de civis após a queda das bases de apoio**

Após o colapso das principais bases no final de 1978 e no início de 1979 e a rendição da maioria dos civis, a Resistência iniciou um lento processo de reorganização. Apesar da política indonésia de reinstalar os civis em acampamentos fortemente guardados e de restringir os seus movimentos, os civis nesses acampamentos conseguiram organizar-se clandestinamente. Nalguns casos, membros do movimento clandestino emergente mataram pessoas que eram suspeitas de estarem a colaborar com os indonésios.

Uma vítima desses homicídios foi Alberto Correia, que tinha um papel activo no movimento clandestino em Vemasse (Baucau) mas sobre quem recaíram suspeitas de ser um agente dos serviços de informação indonésios. Numa reunião com as Falintil em Junho de 1979, foi morto a tiro por dois soldados das Falintil por ordem do comandante M304.<sup>480</sup>

Em Aubaca, Bucoli (Baucau, Baucau), em Janeiro de 1979, três membros clandestinos mataram uma pessoa suspeita de colaborar com os serviços de informação das *ABRI*. Um dos jovens pôs o seu braço em volta da vítima, enquanto outro o apunhalava nas costas, matando-o instantaneamente.<sup>481</sup>

As Falintil mataram um dirigente local proeminente com ligações às autoridades indonésias em Fuat (Iliomar, Lautém), em 1979. O chefe da aldeia de Fuat, Francisco Ferreira, fora para a sua horta com cinco outros homens apanhar milho. Soldados das Falintil comandados por M270 capturaram-nos, manietaram-nos e levaram-nos para um lugar nos arredores de Fuat chamado Korufira. They were told that they could be allowed just to return to the village because if they did, Francisco Ferreira would only oppress the people. Foram levados para um local chamado A'hasan onde M305 e M306 mataram Francisco Ferreira e dois dos outros homens.<sup>482</sup>

Um depoente contou à Comissão que depois de se ter rendido aos militares indonésios em 1979, ele e vários familiares foram autorizados a procurar os seus avós em Bibileo (Viqueque):

*Na estrada para Bibileo, em Fetu Beu, encontrámos sete soldados das Falintil comandados por M236. O comandante M236 disparou contra a minha avó, Sahe Naha, atingindo-a no peito. Uma vez que ela não estava morta, um soldado das Falintil chamado M264 cortou-lhe o pescoço com uma espada [surik] até [a cabeça] se separar e [ela] morrer. Entretanto, cinco membros da minha família, Cai Rubik, Laku Fonok, Napoleão, Noko Labu, Julião e Bosi Naha escaparam.*

*Os restantes membros da minha família foram amarrados uns aos outros com uma corda, e depois foram forçados a caminhar até um lugar chamado Wemaran. Em Wemaran, eles tiraram-lhes as cordas e obrigaram quatro das minhas irmãs, Luru Caik Etalina, Olinda Rangel, Petrolina Rangel, Clementina Gomes, a cozinhar para eles...O comandante M263 interrogou o meu pai, Cai Rubik...que foi acusado de ser um espião ou um guia para os militares indonésios. Com medo, ele admitiu a acusação. No dia seguinte, foram levados para Fatu Uani. Aí encontraram o meu tio e a minha tia, Lekí Bosi e Dasi Labu. Os dois foram apanhados e foi-lhes perguntado se alguma vez tinham encontrado ou dado comida às ABRI. Eles responderam: "Se encontrássemos as Falintil dávamos-lhes comida; a mesma coisa com as ABRI." Ao ouvirem isto, os soldados das Falintil usaram um bocado de bambu para lhes bater. Dasi Labu morreu imediatamente. Uma vez que Lekí Bosi ainda não estava morto, os soldados das Falintil aqueceram algum metal numa fogueira, e depois deitaram fogo ao seu corpo. O cadáver da minha tia foi simplesmente atirado para o lado.<sup>483</sup>*

### **Mortes de civis que procuravam comida ou realizavam as suas actividades diárias**

Muitos dos homicídios perpetrados pelas Falintil que foram descritos à Comissão ocorreram quando as unidades das Falintil encontraram civis que se tinham afastado das áreas onde estavam autorizados a deslocar-se.<sup>484</sup> Os civis mortos nestas circunstâncias eram, com frequência, pessoas que viviam nas bases da Resistência e que, impelidas pela fome, regressaram às suas hortas ou foram à procura de comida em áreas que não eram controladas por nenhum dos lados. Os homicídios também incluíram pessoas que viviam sob o controlo dos indonésios ou em áreas que não eram totalmente controladas por nenhum dos lados. Tecnicamente, qualquer pessoa que se aventurasse fora dos limites das zonas de Resistência e fosse encontrada podia ser acusada de estabelecer contacto com o inimigo.<sup>485</sup> Estes homicídios foram referidos à Comissão como tendo ocorrido regularmente numa grande diversidade de circunstâncias por todo o território, entre 1976 e 1979.

Durante este período, tanto as ABRI como as Falintil mataram civis apanhados em áreas que não controlavam, e a maioria dos homicídios parece ter sido motivada pela suspeita de que os civis estavam a trabalhar para o outro lado.<sup>486</sup> Contudo, do lado da Fretilin, o desejo de evitar uma dissolução da disciplina em geral e de estancar o fluxo de rendições constituiu também um factor importante, particularmente nos últimos anos do período referido. No final de 1977, o Comité Central da Fretilin introduziu formalmente restrições à liberdade de movimentos das pessoas, em resposta à pressão militar crescente por parte dos militares indonésios, a um número crescente de rendições não autorizadas num contexto de fome generalizada, e a divisões cada vez mais acentuadas entre a liderança acerca do direito do povo se render.<sup>487</sup> Um grande número de casos reportados à Comissão ocorreram em 1977/1978.

Um caso precoce de homicídio pela Fretilin de civis que tinham partido em busca de comida ocorreu no Monte Matebian em 1976. Feliciano da Costa e a sua família tinham sido evacuados pela Fretilin para o Monte Matebian porque as ABRI estavam a avançar sobre a área em que viviam. No entanto, a vida era difícil e quatro membros da família morreram devido à fome. Dois outros membros da família, Naha Saba e Luís Lequi, decidiram partir com um amigo, Augusto, e procurar comida na zona de Salaek-Lequeissi (Ossu, Viqueque). Soldados das Falintil encontraram e capturaram Naha Saba e Luís Lequi e trouxeram-nos de volta às instalações das Falintil onde ambos foram mortos. Depois dos homicídios, Feliciano da Costa e a irmã de Augusto, que tinham escapado, foram submetidas a tortura e interrogatórios pelos dirigentes da

Fretilin e comandantes das Falintil nas instalações da Zona16 de Agosto. Ambas foram especificamente questionadas sobre a lealdade dos três homens à causa da independência.<sup>488</sup>

Em 1977, muitas das pessoas da aldeia de Puno, Pairara (Moro, Lautém) estavam a morrer de fome na área para onde tinham sido evacuadas pela Fretilin. Em desespero, algumas foram procurar alimentos nas suas hortas em Sikai. No seu regresso, cinco delas foram detidas, e duas delas mortas a tiro por ordem do delegado da Fretilin.<sup>489</sup>

Em 1978, na área de Remexio (Aileu), a falta de comida levou um grupo de pessoas que incluía Bastião da Silva a ir procurar alimentos na zona de Lismori. Quando regressaram à base, o grupo foi detido por soldados das Falintil e colocados numa Renal. Algum tempo mais tarde, todos eles, à excepção de Bastião da Silva, foram libertados da Renal. Ele continuou preso por suspeita de ter estado em contacto com as ABRI, e acabou por morrer de doença na Renal.<sup>490</sup>

As pessoas que viviam em áreas controladas pela Indonésia e que iam trabalhar nas suas hortas também corriam riscos.<sup>LXXXIII</sup> Por exemplo, três civis foram mortos a tiro em 1977 pelas Falintil quando foram colher milho na zona de Betano, Manufahi, onde as Falintil estavam presentes:

*Em Março de 1977, as minhas três irmãs mais velhas — Seubere [15 anos], Cotu-Bau [15 anos] e Edumau [16 anos]...foram à nossa horta em Aidere, Bemetan [Betano, Manufahi] para apanhar milho. Subitamente, membros das Falintil que estavam em Bemetan emboscaram-nas no campo de milho. A minha irmã, Seubere, foi baleada e morreu ali mesmo. As minhas outras duas irmãs que ainda estavam vivas, Cotu-Bau e Edumau, choraram e gritaram e então as tropas das Falintil vieram e capturaram-nas na horta. Elas foram levadas pelas Falintil para outro local na região de Aidere. Foi aí que ambas foram mortas a tiro pelas Falintil. Depois de terem morrido, [as Falintil] tiraram-lhes as roupas.<sup>491</sup>*

Vários destes casos foram referidos como tendo ocorrido após a queda das bases de apoio. Tal como sucedera no caso do homicídio do chefe de aldeia de Fuat (Iliomar, Lautém) atrás referido, as vítimas nalguns destes casos podem ter sido escolhidas como alvos enquanto colaboradores. Num caso, a 25 de Outubro de 1979, em Mariasa, na aldeia de Uairoke (Luro, Lautém), Tomás Pinto e os seus dois irmãos mais novos estavam a apanhar tubérculos para comer quando foram detidos por um grupo de oito elementos das Falintil. O grupo das Falintil acusou-os de trabalharem para as ABRI. Os três foram manietados, e pouco depois libertados e mandados cavar uma cova pouco profunda. Depois foram manietados de novo e todos os três foram baleados. Tomás conseguiu escapar, mas os seus irmãos morreram.<sup>492</sup>

Contudo, não é muitas vezes possível determinar a partir da informação disponível aquilo que motivou os homicídios. Por exemplo, em 1979, Francisco Cardoso e o seu irmão António Tai foram a Omelai Guda em Lolotoe (Bobonaro, Bobonaro) à procura de comida. Aí foram detidos pelas Falintil, que as levaram para junto da ribeira de Tapa e os balearam. Francisco Cardoso morreu, mas António Tai sobreviveu.<sup>493</sup>

Num caso, os pais de um depoente foram mortos em dois incidentes distintos, ambos ocorridos quando executavam as suas actividades diárias. O pai, Ricardo Freitas, descrito como um homem comum, foi morto a tiro a 17 de Junho de 1977 na praia no suco de Lautém (Moro, Lautém) na presença da sua esposa, Felicidade de Xavier, quando se preparava para ir pescar. Dois anos mais tarde, em Agosto de 1979, Felicidade e uma amiga andavam à procura de

<sup>LXXXIII</sup> Para outros exemplos além daqueles que são citados no texto, ver também HRVD, Testemunhos n.ºs 01711, 03027, 05567 (Bobonaro 1979) e 06490 (Carliilo, Manatuto, Julho 1976).

tubérculos perto da sua aldeia de Solerasi (Maina I, Moro, Lautém) quando encontraram uma patrulha das Falintil. Felicidade foi detida e morta a tiro dois dias mais tarde.<sup>494</sup>

O homicídio de pessoas que estavam a trabalhar nas suas hortas estiveram por vezes associados a roubos. Recordando outro caso em que soldados das Falintil mataram civis que recolhiam comida, Marta Ximenes em Lautém contou à Comissão que:

*A 18 de Agosto de 1979, por volta das 6 da tarde, estávamos no campo de Paital, Bauro [Lospalos, Lautém]. Subitamente apareceram três soldados das Falintil...que pediram deslocações. Eu estava na cabana do campo na altura. Cecílio e Octávio [os meus filhos] estavam no campo com o pai, Luís. Ele deu os documentos a um [soldado das] Falintil chamado M307, mas ele rasgou-os e disparou contra o Luís, embora a bala não lhe acertasse. Finalmente, pegaram no linggis [barra de metal usada para cavar] e usaram-na espetando-a no peito do Luís...O Luís chamou o meu nome, "Marta." Eu olhei para fora [da cabana] e vi-o. Ele disse, "Estou a morrer. Toma bem conta das crianças." Quando ele parou de falar eles dispararam na direcção da cabana onde eu me encontrava e a bala raspou pela minha perna esquerda. A minha perna foi para o lado e eu caí. Depois os Falintil entraram na horta e levaram todo o nosso milho e mandioca.<sup>495</sup>*

### **Mortes relacionados infracções disciplinares**

A Comissão também recebeu testemunhos acerca de execuções de soldados das Falintil que se recusaram a executar ordens<sup>496</sup> e de alegados ladrões.<sup>497</sup>

Em Março de 1978, em Laclubar (Manatuto), Maukaho e Abraão foram detidos por M308 porque tinham roubado milho que pertencia a M308. Cinco soldados da Fretilin levaram os dois para a base da Zona Kalohan. Os homens foram amarrados e despídos. Depois, o adjunto, M309, anunciou às pessoas da Zona Kalohan que no dia seguinte dois búfalos seriam mortos para uma celebração. No dia seguinte, os dois homens e não os búfalos foram mortos.<sup>498</sup>

### **Outros homicídios**

Alguns dos homicídios reportados à Comissão não se encaixam em nenhuma das categorias anteriores. Por exemplo, a Comissão recebeu testemunhos descrevendo diversos incidentes que ocorreram em 1976 e 1979 em Natarbora e Soibada, subdistrito de Manatuto, nos quais membros da Fretilin alegadamente mataram pessoas acusadas de bruxaria (*buan, swanggi*).<sup>499</sup> Não é claro dos testemunhos prestados tais mortes tiveram o apoio institucional da Fretilin. No entanto, existe pelo menos um caso em que o Comité Central alegadamente banuiu uma seita chamada *Siloko Nailoko* que tinha seguidores em zonas controladas pela Fretilin na Região Central em 1977. Os seus apoiantes foram alegadamente detidos e alguns foram alegadamente mortos.<sup>LXXXIV</sup>

Alguns outros casos também desafiam qualquer categorização. Um desses casos é o de Alarico Tilman de Same (Manufahi), que tinha o hábito de sair de sua casa à noite enquanto dormia, era

---

<sup>LXXXIV</sup> Perfil da Comunidade, Suhu-Rama, Inur Fuik (Nain Feto, Dili).

sonâmbulo. Numa noite em 1978, foi a dormir para o mato e caminhou até um posto das Falintil. Os soldados das Falintil capturaram-no e mataram-no.<sup>LXXXV</sup>

### Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados pelas *ABRI/TNI* (1980/1984)

No início da década de 1980, as forças da Resistência começaram a reagrupar-se no interior e a atacar postos vulneráveis das Forças Armadas indonésias, como parte de uma estratégia que aliava a guerra de guerrilha à mobilização de redes clandestinas em centros urbanos, para obtenção de apoio material e informações secretas.<sup>500</sup> Os militares indonésios retaliaram, atacando não só os guerrilheiros da Resistência mas também as populações civis em todo o território e marcando como alvos a abater quer os combatentes quer os não combatentes do movimento de Resistência. A análise dos dados recolhidos pela Comissão mostra um aumento das mortes ilícitas e dos desaparecimentos entre 1982 e 1984, atingindo o auge em 1983. Em alguns depoimentos apresentados à Comissão sugere-se que o aumento das execuções no início da década de 1980 constituiu retaliação explícita contra ataques específicos das Falintil.

Entre 1980 e 1984, a Resistência armada continuou a organizar-se e a atacar postos vulneráveis dos militares indonésios em todo o território. Durante ataques realizados nos distritos de Díli, Ainaro, Covalima, Viqueque e Lautém, as Falintil mataram soldados indonésios. Os militares indonésios retaliaram de maneira indiscriminada, atingindo igualmente combatentes e civis. Após o fim do cessar-fogo de Março a Agosto de 1983, o recém-nomeado comandante-em-chefe das Forças Armadas indonésias, general Benny Murdani, anunciou que os militares indonésios iam lançar uma nova operação, chamada *Operasi Persatuan* (Operação Unidade) e que “desta vez vamos atingi-los sem misericórdia”.<sup>501</sup>

### Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados após os ataques da Resistência contra Díli, a 10 de Junho de 1980

Na noite de 10 de Junho, tropas das Falintil dos Sectores Fronteira Norte e Centro Sul, bem como membros das redes clandestinas de Díli, lançaram ataques contra o posto transmissor indonésio localizado em Marabia, perto de Dare, e fizeram uma incursão contra os blindados da Companhia B do Batalhão 744 em Becora, na zona oriental de Díli.<sup>LXXXVI</sup> No ataque contra Marabia foram mortos vários soldados indonésios.<sup>502</sup> No rescaldo dos ataques, centenas de pessoas foram detidas, numa operação de grande escala em que participou a quase totalidade do aparelho de segurança de Díli — incluindo unidades do exército territorial (*Korem, Kodim, Koramil* os *Babinsa*), o Batalhão 744, sediado em Díli, as Forças Especiais (*Kopassandha*) e a *Hansip*.

<sup>LXXXV</sup> HRVD, Testemunho nº 04087.

<sup>LXXXVI</sup> Segundo algumas fontes, no dia 10 de Junho houve também ataques lançados contra postos das *ABRI* em Dare e Lahane [HRVD, Testemunho nº 06983]. A Comissão não conseguiu esclarecer muitas dúvidas sobre os ataques. Por exemplo, não se sabe ao certo quem foram os membros da Resistência em Díli e nos distritos vizinhos que estiveram por detrás da decisão de antecipar para 10 de Junho os ataques, quando estes supostamente deveriam ter coincidido com a visita a Díli de uma delegação do Congresso dos EUA (a qual, de facto, nunca chegou a estar agendada). Houve uma forte participação do movimento clandestino nos ataques, mas não se sabe ao certo se estes tiveram o apoio unânime do movimento. Segundo Xanana Gusmão, a decisão de lançar os ataques a 10 de Junho foi tomada por um grupo de comandantes das Falintil, apesar da oposição da organização clandestina em Díli. Xanana Gusmão, que concordara em princípio com a operação e cujas próprias forças do Leste se encaminhavam para Díli quando ela teve lugar, criticou duramente a decisão de antecipar a data. Caracterizou o episódio como uma das “amargas experiências” da guerra, na qual o objectivo primordial do plano — capturar armas e munições — foi sacrificado em prol de objectivos menores como chamar a atenção da comunidade internacional. Também não se conhece ao certo o grau de apoio das tropas das Falintil, sobretudo do Sector Fronteira Norte. [Sobre os pontos de vista de Xanana Gusmão acerca do 10 de Junho, ver Xanana Gusmão, “Companheiro Terus” in *Timor Leste – Um Povo, Uma Pátria*, pp. 129-132; e a entrevista da CAVR a Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004. Entre outras fontes que ajudam a esclarecer os acontecimentos de 10 de Junho, ver a entrevista de Neil Barrett a David Ximenes; Entrevista da CAVR a Bernardino Villanova; Testemunhos nºs 05655 e 06983; e CAVR, Perfis Comunitários do suco de Nazaré, Dom Aleixo, distrito de Díli e do suco de Bairro Alto e do suco do Alto do Hospital, Vera Cruz, Mascarenhas, distrito de Díli].

Entre as pessoas detidas ou capturadas, havia comandantes e soldados das Falintil e outras pessoas que participaram nos ataques, membros das redes clandestinas e um grande número de pessoas que as forças de segurança indonésias consideraram ter simpatias pró-independência. A Comissão recebeu nomes de 121 pessoas que foram mortas, desapareceram ou morreram na prisão nas semanas seguintes a 10 de Junho, ou devido a tortura ou a privações graves. A maioria das vítimas morreram em Díli. No entanto, a Comissão recebeu igualmente informações sobre mortes ou desaparecimentos de pessoas nos distritos de Aileu, Manufahi e Manatuto, fora de Díli, que ou foram capturadas ao fugirem de Díli, após os ataques, ou eram suspeitas de pertencerem às redes clandestinas que haviam desempenhado um papel no planeamento dos ataques. Os ataques repercutiram-se gravemente na vida da população em geral, mas sobretudo dos civis residentes perto dos locais onde os ataques haviam tido lugar. Várias centenas de pessoas, muitas das quais mulheres e crianças sozinhas, foram enviadas para Ataúro.<sup>503</sup> Os militares indonésios reforçaram as já de si apertadas condições de segurança em que vivia o cidadão comum: no rescaldo dos ataques, as *ABRI* interrogaram mulheres e crianças e aumentaram a frequência dos deveres de guarda nocturna obrigatória.<sup>504</sup> Na zona oriental de Díli, várias comunidades viram-se sujeitas a deslocação forçada, à qual haviam sido poupadas até então.<sup>LXXXVII</sup>

Após os ataques, as forças de segurança reuniram indiscriminadamente pessoas com ligações à Resistência. Segundo as informações recebidas, em Becora e Culuhun, duas das áreas marcadas como alvos durante a repressão, as pessoas que haviam sido “marcadas” pelas *ABRI* aquando da sua rendição foram objecto de detenção em massa.<sup>505</sup> Os antecedentes das pessoas então desaparecidas ou executadas eram muito diversos, indo desde antigos membros do Comité Central da Fretilin até crianças.

**Table 17 - Pessoas reportadas como tendo sido executadas ou que “desapareceram” após os ataques de 10 de Junho de 1980**

Nome	Local de Nascimento	Local de Residência	Posição	Data de Detenção	Informação Adicional
Abílio Loli Rai	Manatuto	Manatuto		1/7/1980	Capturado em Manatuto; desapareceu na noite de 8 de Agosto de 1980
Adão Mendonça	Aileu	Díli	Ex-secretário distrital da Fretilin, Aileu; assistente e comandante	01/06/1980 (PL); detido em casa, em Lahane, a 12 de Junho por quarto soldados do <i>Koramil</i> de Becora, levado para o <i>Kodim</i> (Entrevista da CAVR a Maria de Fátima Martins, Aileu, sem	Desapareceu na Comarca; levado para o <i>Kodim</i> a 12 Junho (03217)

<sup>LXXXVII</sup> As pessoas que viviam nas áreas marginais de Balibar, Cristo Rei, Díli, e de Ailok, Becora, Cristo Rei, Díli foram concentradas em Fatu-Loda, em Balibar, onde se viram forçadas a permanecer até 1986 sob apertadas restrições de segurança, que causaram muitas mortes. Eram obrigadas a pedir licença ao *babinsa* (Oficial de Orientação do suco) quando queriam deslocar-se para fora da área e não eram autorizados de todo a sair da área entre as 4 da tarde e as 8 da manhã [CAVR, Perfil Comunitário de Balibar/Ailok, Becora, Cristo Rei, Díli]. Pouco depois dos ataques, membros da *Hansip* incendiaram habitações em Suhu-Rama, obrigando as pessoas do local a transferir-se para Santa Cruz (HRVD, Testemunho nº 08037). Condições semelhantes em muitos aspectos às relatadas no CAVR, Perfil Comunitário de Balibar/Ailok encontram-se igualmente descritas no CAVR, Perfil Comunitário de Florestal/Laulara e do Bairro 10 de Junho/Nahaek, Vera Cruz, Díli].

				data)	
Adriano dos Santos	Tutuala	Díli		11/06/1980 (HRVD)	Desapareceu na Comarca (PL); desapareceu do complexo do <i>Kopassandha Colmera</i> (HRVD)
Adriano Mesquita	Díli	Dare		1/6/1980	Desapareceu da Comarca; confirmado em HRVD 00072
Afonso Moniz	Díli	Santa Cruz		1/6/1980	Desapareceu na Comarca: desapareceu da Comarca algures após 18 de Junho juntamente com Augusto, Tomás, Mau Quinta, Camilo, Pedro Lemos e Jerónimo (HRVD 08063)
Agostinho Cabral					Desapareceu
Agusto Sousa	Díli	Balibar		1/6/1980	Desapareceu na Comarca; desapareceu da Comarca algures após 18 de Junho juntamente com Afonso Moniz, Tomás, Mau Quinta, Camilo, Pedro Lemos e Jerónimo (HRVD 08063)
Agustinho		Díli	Dare	1/7/1980	Morto pela <i>Hansip</i> em Dare
Agustinho Soares Laca		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu juntamente com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121 (ex-Hotel Askeu), na vila de Manatuto.
Alberto Monteiro	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Anastácio Sarmento	Díli	Dare		1/7/1980	Morto pela <i>Hansip</i> em Dare; morto no cemitério de Dare por três <i>Hansip</i> , Venâncio, Januário e Jorge, a 11 de Junho depois de ser detido em casa na noite anterior
Angelina Soares		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu juntamente com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121 (ex-Hotel Askeu), na vila de Manatuto.
António	Ossu	Díli/Bautu		1/6/1980	Desapareceu na Comarca; trata-se provavelmente de Emílio António conforme HRVD 08108
António de Carvalho		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu juntamente com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121 (ex-Hotel Askeu), na vila de Manatuto.
António da Cunha		Ailili, Manatuto	"Presidente da clandestina"	28/6/1980	Desapareceu juntamente com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121 (ex-Hotel Askeu), na vila de

					Manatuto.
António Leki Mali	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
António Soares Mau Lalan		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu juntamente com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121 (ex-Hotel Askeu), na vila de Manatuto.
Asubere					Desapareceu da Comarca (HRVD 00072)
Bere Loek					Reportado que foi morto pelo Batalhão 744
Bere Mali					Reportado que foi morto pelo Batalhão 744
Bere Mali Soares					Reportado que foi morto pelo Batalhão 744
Caetano Camilo	Quelicai	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
					Desapareceu da Comarca algures após 18 de Junho juntamente com Afonso Moniz, Tomás, Mau Quinta, Pedro Lemos e Jerónimo (HRVD 08063)
Carlos de Araújo	Díli/Madano	Madaheno		1/6/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Celestino Maubere	Aileu	Besilau, Aileu		1/8/1980	Desapareceu na Comarca
Daholo	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca; detido a 14 de Junho por dois soldados do Batalhão 744 e seis outros <i>TNI</i> , com outras seis pessoas: Joaquim RT, António Bernardino, Paulo <i>Hansip</i> , João <i>Hansip</i> , Amândio da Silva Carvalho e João Lacoto, e levados para o posto de Balibar. Foram torturados desde a manhã do dia da detenção à uma da tarde. Daholo morreu em resultado da tortura (HRVD 06983).
Danilo Coelho					Desapareceu da Comarca
Danilo da Silva	Ossu	Díli		1/6/1980	Desapareceu no <i>Korem</i>
Dau Molik Inan	Díli	Dare		1/7/1980	Morto pela <i>Hansip</i> em Dare
Domingos				1/6/1980	Desapareceu do <i>Kodim</i> Aileu
Domingos	Manatuto	Manatuto		1/6/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Domingos Borromeu	Same	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Domingos Caldeira	Turiscail	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Domingos Castro					Desapareceu após detenção em Toko Baru, Culuhun; Reportado que foi morto pelo Batalhão 744 juntamente com outras sete pessoas
Domingos	Dare/Díli	Tiluri		1/6/1980	Desapareceu no <i>Korem</i>

Fátima (Mau Nugo Aman)					
Domingos Mau Nuca	Díli	Hospital		1/6/1980	Desapareceu de sua casa
Domingos Soares		Culuhun		12/6/1980	Desapareceu após detenção em Toko Baru, Culuhun; 06955: Reportado que foi morto pelo Batalhão 744 com mais sete pessoas (Gaspar da Costa, Gaspar, Bere Mali, Bere Mali Soares, Bere Loek, Maurais e Vidal Soares); os corpos foram abandonados em Fatu Bangku.
Domingos Soares (Coli Lac)		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Domingos Soares Bac		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Edmundo	Ossu	Díli/Bautu		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Eduardo Freitas	Quelicai	Díli		1/6/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Elias Alves					Desapareceu da Comarca
Francisco	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Francisco Araújo	Atsabe	Atsabe		2/6/1980	Capturado em Atsabe; levado para Díli; desaparecido
Francisco Gusmão					Capturado em Atsabe; levado para Díli; desaparecido
Francisco Soares Laco		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto
Francisco Soares Luli		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto
Francisco Soares Mean		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto
Gaspar		Díli		1/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto
Gaspar Araújo				11/6/1980	Detido em Toko Baru, Culuhun, com 7 outras pessoas; desapareceu
Gaspar Carvalho					Desapareceu após detenção pelo Batalhão 744 em Taibessi, Díli.
Gaspar José Soares					Desapareceu da Comarca

Guterres					
Guilherme	Balibar	Díli/Bidau		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Hermenegildo	Same	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Isabel Soares		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto
Jerónimo					Desapareceu da Comarca
Joanico Soares		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto
João Batista				1/6/1980	Levado para o <i>Koramil</i> de Comoro; desapareceu
João Barreto	Díli	Vila Verde		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
João Bosco				11/6/1980	Desapareceu da Comarca a 13 de Junho depois de ter sido levado pelo capitão Mustari da <i>Intel</i> (05666)
João Cristo Rei	Manatuto	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
João da Costa	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
João Exposto	Díli	Balibar		1/6/1980	Desapareceu na Comarca; ferido por soldados do Batalhão 744 a 10 de Junho, entregue por Dom Martinho à Comarca a 19 de Junho, e depois desapareceu (04864)
João Mau Duan	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca;
Joaquim Assis					Referido no Perfil Comunitário de Hera como tendo sido morto juntamente com Mário do Carmo e Joaquim Soares; todos eram ex-comandantes das Falintil
Joaquim Soares					Referido no Perfil Comunitário de Hera como tendo sido morto juntamente com Mário do Carmo e Joaquim Soares; todos eram ex-comandantes das Falintil
Jordão Fernandes	Díli	Lahane		1/6/1980	Desapareceu no <i>Korem</i> ; confirmado como tendo sido no <i>Korem</i> de Mes, HRVD 00072, que também afirma que foi estrangulado na presença dos restantes prisioneiros, no dia 20 de Junho; HRVD 00076-5: afirma que Jordão e Mau Meta Luís foram mortos no <i>Korem</i> de Mes após submersão em água até à morte, algures entre a data da detenção do depoente a 10 de Julho e a sua transferência para a Comarca a 19 de Julho
José	Remexio	Remexio		17/8/1980	Morreu na Comarca após

					espancamento e fome
José da Sousa	Laleia	Díli		1/7/1980	Desapareceu a 8 de Agosto
José Manuel	Díli	Dare		1/7/1980	Morto pela <i>Hansip</i> em Dare
José Ramos Soares		Ailili, Manatuto	"Presidente da clandestina"	28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Leão Macedo	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Lino	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Luan Berek	Fatumean	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca; HRVD 00076-5: afirma que vários detidos foram levados da Comarca e desapareceram, entre eles, Luan Berek, Danilo Coelho e Elias Alves.
Luciano Soares	Manatuto	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Malaquias Alves	Díli	Bibi Ruak		1/6/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Mali Mau	Lequidoe	Fahisoi		17/8/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Manuel	Díli	Ramelau/Dare		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Marcos Soares	Díli	Dare		13/6/1980	Torturado no <i>Korem</i> ; todo o corpo foi esfaqueado; desapareceu; possivelmente morto em Balibar
Maria Barreto	Dare	Dare		1/7/1980	Morta pela <i>Hansip</i> em Dare
Maria Teresa		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Mariano Soares		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Mário do Carmo		Hera			Referido no Perfil Comunitário de Hera, Cristo Rei, como tendo sido morto juntamente com Joaquim Assis e Joaquim Soares; todos eram ex-comandantes das Falintil
Martinho Saldanha	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca; afirmado no Perfil Comunitário do suco de Nazaré, Dom Aleixo
Mateus da Costa					Desapareceu com outras quatro pessoas após detenção em Dulaco, Fatuberliu (Manufahi)
Mateus Saldanha	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu do <i>Korem</i>
Mateus Soares	Díli	Balibar		14/6/1980	Desapareceu após detenção em Balibar pelo Batalhão 744.
Mau Buti	Díli	Marabia		11/6/1980	Desapareceu na Comarca; descrito como sendo RT, no Perfil Comunitário de Suhurama, Inur Fuik, Nain Feto

Mau Leki	Lequidoe	Fahisoi		17/8/1980	Morreu em Aileu após espancamento e fome
Mau Mali	Lequidoe	Fahisoi		17/8/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Mau Malik Metan	Díli	Lacoto		17/8/1980	Morreu no <i>Korem</i> após espancamento e fome
Mau Quinta (Resta Parte)					Desapareceu da Comarca
Mau Ranek	Díli	Dare		1/7/1980	Morto pela <i>Hansip</i> in Dare
Mau Siri		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Maubere	Aileu	Besilau, Aileu		1/8/1980	Desapareceu na Comarca
Mausabu					Desapareceu do <i>Kodim</i> de Aileu <i>Kodim</i> após detenção em Rairema, Aileu
Moisés					Desapareceu com outras quatro pessoas após detenção em Dulaco, Fatuberliu (Manufahi).
Morais					Desapareceu após detenção pelo Batalhão 744 em Ailo'ok (Balibar)
Norberto Fernandes	Díli	Dare		10/6/1980	Esfaqueado até à morte pela <i>Hansip</i>
Paulo Xavier	Díli	Lahane		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Pedro Gusmão					Desapareceu após detenção em Dulaco, Fatuberliu (Manufahi)
Pedro Lemos	Ermera	Ermera		14/6/1980	Capturado em Ermera; Desapareceu da Comarca na noite de 8 de Agosto
Pedro Manek	Díli	Díli		1/8/1980	Desapareceu no <i>Korem</i>
Raimundo Fátima	Díli	Dare		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Romaldo	Lequidoe	Fahisoi		17/8/1980	Morreu na Comarca após espancamento e fome
Romão Nunes	Díli	Lahane		1/6/1980	Desapareceu no <i>Korem</i>
Rosalino Bonaparte Soares	Manatuto	Santana/Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Salvador da Rosa de Fátima (Salvador Fátima do Rego)	Tibar	Tibar		2/6/1905	Guerrilheiro capturado em Tibar; reportado que foi espancado até à morte, na Comarca
Sancho	Venilale	Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Sanchos Lasikona		Quintal Boot, Díli		12/7/1980	Desapareceu após detenção pela Polícia e <i>ABRI</i> em casa em Quintal Boot
Sertório Marques Soares		Ailili, Manatuto		28/6/1980	Desapareceu com outras 16 pessoas após três semanas de detenção no <i>Kotis</i> do Batalhão 121, na vila de Manatuto.
Silvério dos Santos		Díli		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Sismundo	Ossu	Díli/Bautu		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Tiago Loi Sara	Díli	Santa Cruz		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Tito	Ossu	Díli		1/6/1980	Desapareceu da Comarca
Tomás	Aileu	Besilau, Aileu		1/6/1980	Desapareceu da Comarca

Tomás					Reportada a sua morte
Tomás Soares	Díli	Dare		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Tomás Tilman	Díli	Lacoto		1/6/1980	Desapareceu na Comarca
Venâncio Gomes (Mau Seran)	Tibar	Díli		1/6/1980	Reportado que foi levado de sua casa em Remexio e executado
Vidal Soares		Culuhun		12/6/1980	Desapareceu após detenção em Toko Baru, Culuhun pelo Batalhão 744

Fontes: HRVD, Testemunhos nºs 03217, 03809, 01626, 08063, 06961, 00072, 00076, 06959, 05738, 05020, 05666, 04864, 08063 e 01439; Neil Barret, *Entrevista a Maria Imaculada Araújo, Díli [sem data]*; *Entrevista da CAVR a Maria Fátima Martins, Selo Malere (Aileu), [sem data]*; *Em Nome dos Presos de 10 de Junho de 1980, CRRN, Comunicado de 13 de Julho de 1983*; CAVR, *Perfis Comunitários de Suhurama, Inur Fuik, Nain Feto, Díli e de Balibar/Ailok, Díli*.

Segundo as informações recebidas, Venâncio Gomes (Mau Seran), antigo membro do Comité Central da Fretilin que fora detido e preso em Díli em Dezembro de 1975, foi levado de sua casa perto do mercado de Comoro, a 15 de Junho, por um membro da Apodeti chamado M281 e levado para o posto de comando do *Kodim* de Díli num táxi conduzido por M282. Nessa noite, foi levado de helicóptero para Remexio e abatido a tiro por um membro do *Koramil* local, de nome M283. Segundo um *TBO* que testemunhou a execução, o corpo foi deixado ao abandono e devorado pelos cães.<sup>506</sup>

Pedro Lemos (Teki), antigo comandante das Falintil no Sector Fronteira Norte, foi detido em Ermera a 14 de Junho e levado para Díli. Aparentemente esteve detido no *Kodim* de Díli, antes de ser transferido para o *Korem* de Mes e, depois, para a Comarca (Balide). Uma noite, possivelmente a 8 de Agosto, levaram-no da Comarca e desapareceu. Segundo alguns relatos, várias outras pessoas — entre elas Asubere, Jerónimo, Tomás, Afonso Moniz, Agosto, Mauquinta, Camilo e Adriano Mesquita — desapareceram ao mesmo tempo.<sup>507</sup> No mês que antecedeu os ataques, à semelhança de Adão Mendonça (ver em baixo), Pedro Lemos frequentara em Liquiça um curso de doutrina organizado pelas *ABR/* para antigos líderes e comandantes da Fretilin/Falintil, que aparentemente terminou após os ataques de 10 de Junho.<sup>508</sup>

Adão Mendonça, antigo secretário da Fretilin para o distrito de Aileu (ver secção sobre Mortes após a queda das bases de apoio, supra), foi detido na sua casa, em Lahane (Díli) por quatro militares do *Koramil* de Becora e levado para o *Kodim* de Díli. Nunca mais regressou.<sup>509</sup>

Quatro antigos comandantes das Falintil — Joaquim Soares, Mário do Carmo, Bernardo Soares e Joaquim Assis — que, segundo as informações recebidas, se renderam em Setembro de 1979, foram detidos em Hera, sendo-lhes dito que iam frequentar um curso de carpintaria nas instalações do subdistrito. Apenas um deles, Bernardo Soares, voltou a casa.<sup>510</sup>

Adriano dos Santos mudou-se recentemente para Díli, vindo de Tutuala (Lautém), onde desenvolvera actividade intensa no movimento clandestino. Vivia com o seu irmão em Colmera na altura dos ataques. No dia 11 de Junho foi detido por elementos das Forças Especiais e levado para o seu quartel, ali perto. Depois de o irmão o visitar com regularidade no quartel das *Kopassandha*, um dia disseram-lhe que Adriano já não estava lá. Nunca o descobriram nem souberam o que lhe aconteceu. Segundo outra fonte, foi levado para a Comarca (Balide) e desapareceu dali.<sup>511</sup>

No entanto, o facto de uma pessoa desaparecer ou ser executada era muito arbitrário. Os quatro presumíveis comandantes das Falintil que chefiaram os ataques foram todos capturados, mas só um deles, Pedro Manek, foi executado ou desapareceu. Os líderes clandestinos presumivelmente responsáveis pela concepção dos ataques, incluindo Mariano Bonaparte Soares e David Ximenes, sobreviveram. No entanto, entre as centenas de pessoas detidas havia

três irmãos originários de Ossu — António, de 20 anos, Sismundo de 18 e Edmundo de 16 — que desapareceram da Comarca.<sup>512</sup>

Como acontecera noutros tempos, as autoridades, quando contactadas por amigos ou parentes, diziam que a vítima “fora para a escola” ou se tornara *TBO*. A mulher de Adão Mendonça relatou à Comissão:

*Quando me dirigi a casa do chefe de suco e lhe perguntei o paradeiro do meu marido, ele respondeu-me: “Não se preocupe com ele. Os bapaks [honorífico indonésio para um ancião respeitado; os timorenses utilizavam-no indiscriminadamente para referir os militares indonésios] mandaram-no para a escola e ele ainda não voltou. Vamos esperar.” Até hoje, não sei ao certo a razão pela qual o meu marido se foi embora. Desapareceu para sempre.*<sup>513</sup>

Membros do aparelho de segurança provocaram desaparecimentos e execuções em várias zonas diferentes de Díli. Várias centenas das pessoas detidas foram conduzidas ao *Korem* de Mes (mais tarde, a clínica de Kartika Sari), em Mandarin. A Comissão recebeu os nomes de nove pessoas que, segundo as informações recebidas, foram mortas nesse local, ou daí desapareceram. Os sobreviventes ou foram libertados, ou enviados para Ataúro ou transferidos para a Comarca (Balide), onde, segundo as informações recebidas, mais 48 pessoas desapareceram ou morreram de maus-tratos — incluindo espancamentos graves e privação de alimentos.<sup>LXXXVIII</sup>

No dia 16 de Junho de 1980, quando David Ximenes foi conduzido ao *Korem* de Mes, estavam lá detidas cerca de 200 pessoas.<sup>514</sup> Segundo as informações recebidas, no *Korem* de Mes, os interrogatórios — que costumavam incluir, por rotina, tortura grave e, por vezes, fatal — foram conduzidos por um comandante das Forças Especiais (*Kopassandha*) chamado M284, por outro oficial das Forças Especiais chamado M285 e por oficiais das secções de serviços de informação do *Korem* e do *Kodim*, M286, M287 Ali Hassan e M288.<sup>515</sup> David Ximenes afirma que, ao chegar ao *Korem* de Mes, o seu primeiro interrogatório — durante o qual não foi torturado — foi conduzido pelo comandante do *Korem*, o coronel Adolf Sahala Rajagukguk. Entre os métodos de tortura utilizados contra os presos, incluíam-se electrochoques nos órgãos genitais e outras formas de tortura sexual, submersão em tanques de água e estrangulamento (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos). Segundo as informações recebidas, Jordão Fernandes foi estrangulado até à morte em frente de outros prisioneiros.<sup>516</sup> Segundo as informações recebidas, Luís Mau Metan morreu em virtude de ter sido submerso num tanque de água.<sup>517</sup>

Entre os finais de Junho e Agosto, houve transferências de presos do *Korem* de Mes para a Comarca, embora os suspeitos recém-detidos fossem levados para *Korem* de Mes até Novembro. Segundo as informações recebidas, uma vez ali chegadas, muitas pessoas eram sujeitas a tortura, por vezes fatal.<sup>518</sup> Em finais de Agosto, cerca de 200 pessoas presas devido aos ataques de Junho encontravam-se detidas no Bloco 2, enquanto que outras permaneciam no “Maubutar” e em celas de isolamento.<sup>519</sup> Durante este período, havia grupos de presos levados para fora da Comarca de noite, em conjunto, e que desapareciam.<sup>520</sup> Pelo menos nove outros presos ou foram espancados até à morte ou morreram de formas combinadas de maus-tratos — incluindo espancamentos e privação de alimentos.<sup>521</sup> O excesso de presos nas celas e a inexistência de fornecimento adequado de alimentos eram problemas graves. Segundo as informações recebidas, na melhor das hipóteses os novos presos eram alimentados uma vez ao dia: alguns queixaram-se de não serem de todo alimentados, o que provocou mortes por

<sup>LXXXVIII</sup> Segundo informações de testemunhos recebidos pela Comissão, houve também pessoas presas no *Kodim* de Díli antes de serem transferidas para o *Korem* de Mes, ou de desaparecerem [HRVD, Testemunhos nº 00949, 08275 e 08108].

fome.<sup>522</sup> O aumento da população prisional, aliado ao volume fixo dos alimentos afectados a cada prisão, implicou que os prisioneiros que se encontravam detidos antes de 10 Junho também viram a sua ração ser sujeita a cortes.<sup>523</sup>

Maria Imaculada, uma jovem mulher pertencente a uma célula clandestina, foi presa a 12 de Junho de 1980. Depois de ser interrogada e torturada no *Korem* de Mes, transferiram-na para a Comarca de Balide, onde viu outros prisioneiros serem levados para fora da prisão, de noite, desaparecendo em seguida:

*Depois das 10 da noite, começavam a levar pessoas para fora da prisão. Havia dois ou três carros à espera, fora da Comarca. Desligavam as luzes todas. Os presos levados para fora traziam mordagens na boca e vinham algemados. Depois, levavam-nos embora nas viaturas. Depois disso, voltavam a acender as luzes. Faziam duas ou três levadas de prisioneiros por noite. Entre os meus conhecidos que foram levados desta maneira, contavam-se Afonso Moniz, João Barreto e José de Sousa, que...pertencera à Polícia Militar e era filho de um enfermeiro chamado Tito...Os seus três irmãos, António, Sismundo e Edmundo também desapareceram.<sup>524</sup>*

Regra geral, a Comissão não recebeu informação corroborada sobre o local de execução das pessoas desaparecidas. Segundo as informações fornecidas pelos depoentes, as vítimas eram levadas para Areia Branca, a Leste de Díli, Tacitolu, a Oeste de Díli, Metinaro e Hera. Um deles afirmou ter sido levado da prisão no *Kodim* de Díli para Tacitolu, onde estava à espera de ser executado. Por razões que não ficaram bem claras, não foi de facto executado.<sup>525</sup>

No entanto, a Comissão crê haver provas sólidas de que muitas das pessoas desaparecidas foram executadas em locais situados em Hera. Um grande número de pessoas foram conduzidas a Hera após os ataques de 10 de Junho. Ficaram lá presas por um período máximo de 40 dias, durante o qual lhes foi exigida a prestação de trabalhos forçados. Aparentemente a maioria dos presos sobreviveu.<sup>526</sup> Um deles relatou à Comissão ter sido levado para Fatuahi, onde viu um camião carregado de pessoas com as bocas amordaçadas. Encarregou o irmão, um antigo comandante das Falintil, já falecido, que espiasse as execuções ali ocorridas. O irmão relatou-lhe que haviam tido lugar execuções em Besukaer, Fatu Banko e Rikalai Mate.<sup>527</sup> A Comissão foi informada que os corpos de oito pessoas detidas em Toko Baru foram, segundo as informações recebidas, eliminados em Fatu Banko (ver adiante).

As pessoas residentes em áreas como Dare e Becora, perto dos locais dos ataques, corriam riscos particularmente grandes de serem marcadas como alvos a abater pelas forças de segurança posicionadas na sua área.

Numa carta dirigida ao arcebispo D. Leo Sukata, em Jacarta, escrita a 12 de Julho de 1980, o Administrador Apostólico de Díli, Monsenhor D. Martinho da Costa Lopes, descreveu cinco dos homicídios perpetrados em Dare, no rescaldo dos ataques de 10 de Junho:

Sexta-feira, 13/6/80: Norberto [Fernandes] rendeu-se no comando militar (*Korem*), acompanhado pelo Bispo de Díli, monsenhor D. Martinho da Costa Lopes, pelo padre Ricardo, vigário-geral da Diocese de Díli e pelo padre J. Felgueiras SJ, reitor do Seminário de Nossa Senhora de Fátima [em Dare]. Monsenhor D. Martinho da Costa Lopes recomendou aos comandantes que protegessem Norberto, pedindo-lhe que não fosse espancado nem morto. O comandante concordou com este pedido e prometeu não maltratar Norberto.

Poucos dias depois, Norberto foi levado para Dare. Uma vez ali chegado, no salão de entrada do Seminário...membros da *Hansip* espancaram-no e torturaram-no até quase provocar a sua morte...

Sábado, 21/6/1980: Norberto foi morto e o seu corpo atirado de uma ribanceira, a Norte do Seminário de Nossa Senhora de Fátima.

Quarta-feira, 2/7/1980: Anastácio [Sarmento] sofreu maus-tratos brutais no pátio do seminário de Dare. Ataram-no a um poste de voleibol e espancaram-no, diante de uma grande multidão. Depois disso, levaram-nos para um local do jardim do Seminário para matá-lo. Tinha sido cavada ali uma sepultura para si: antes do espancamento em público, a *Hansip* ordenou aos habitantes locais que a cavassem.

Quinta-feira, 3/7/1980: José Manuel Martins (parente de Anastácio), Maria Barreto (mulher de José Manuel Martins) e Agustinho (parente desta) foram assassinados no Seminário de Dare, depois de serem sujeitos a torturas graves por membros locais da *Hansip*.<sup>528</sup>

Segundo as informações recebidas, Norberto Fernandes e Anastácio Sarmento foram mortos por elementos da *Hansip*, comandados por M289.<sup>529</sup> Segundo as informações recebidas, duas outras pessoas, Mau Ranik e Dau Molik Inan, foram mortas pela *Hansip* em Dare.<sup>530</sup>

Segundo as informações recebidas, outras pessoas de Dare foram conduzidas ao *Korem* de Mes e, depois, à Comarca, de onde desapareceram. Entre elas, incluíam-se Gaspar José Soares Guterres, Adriano Mesquita, Marcos Soares, Raimundo Fátima e Tomás Soares.<sup>531</sup>

Outras pessoas que se encontravam perto do local dos ataques também foram consideradas suspeitas e algumas delas desapareceram. No dia 10 de Junho, de manhã cedo, quando o ataque teve lugar, os três irmãos Augusto Monteiro, Alberto Monteiro e Francisco Restoparte estavam de guarda obrigatória ao posto de Fatuloda (Balibar, Díli). Quando estavam de guarda, ouviram tiroteio, mas não perceberam de onde vinham os disparos, nem qual a razão do mesmo. Na manhã seguinte, quatro elementos da *Hansip* e dois das *ABRI*, todos fortemente armados, vieram a casa deles e começaram imediatamente a espancar Augusto e Alberto. Os dois foram manietados e amarrados a uma árvore. Quando a irmã, Amélia, tentou intervir, foi esfaqueada e ameaçada de ser alvejada. Augusto e Alberto foram levados e desapareceram. Alguns dias mais tarde, Francisco foi detido e desapareceu também.<sup>532</sup> A mesma unidade da *Hansip* deteve outras pessoas em Balibar, entre elas António Xavier, Martinho Saldanha e Domingos Caldeiras, que também desapareceram.<sup>533</sup>

Elementos do Batalhão 744 detiveram muitas pessoas que viviam na mesma área das casernas da Companhia B, em Becora. Segundo as informações recebidas, várias pessoas então presas

pelo Batalhão 744 foram executadas ou desapareceram. Entre elas, um grupo de oito homens de Aiturilaran e de Mota Ulun — Vidal Soares, Domingos Soares, Bere Mali, Bere Mali Soares, Gaspar Araújo, Maurais, Bere Loek e Gaspar — que se haviam escondido numa casa em Toko Baru (Culuhun), foram detidos por membros do Batalhão 744 no dia 12 de Junho e desapareceram. Os soldados do Batalhão 744 mataram-nos em Becora e eliminaram os seus corpos em Fatu Banko, segundo um depoente que recebeu esta informação de um membro do Batalhão 744.<sup>534</sup> O Batalhão 744 também mobilizou efectivos do seu quartel-general em Taibessi, os quais também detiveram pessoas mais tarde desaparecidas. Em Suhu-Rama (Inur Fuik, Nain Feto, Díli), elementos do batalhão detiveram cerca de 40 pessoas, 5 das quais pelo menos desapareceram.<sup>LXXXIX</sup> <sup>535</sup> O Batalhão 744 também criou um posto numa capela em Balibar, onde prendeu pessoas depois do 10 de Junho. Uma delas, Mateus Soares, desapareceu depois de ter sido levado de sua casa, em Fatuloda, para a capela de Balibar.<sup>536</sup>

Os *Koramil* locais também efectuaram detenções. O *Koramil* de Becora mostrou-se particularmente activo. Algumas das pessoas detidas desapareceram posteriormente, ou morreram sob tortura.<sup>537</sup>

### **Setembro de 1981: Execuções em Aitana, durante a Operação Cerco de Pernas**

Entre Junho de Setembro de 1981, as Forças Armadas indonésias recrutaram à força dezenas de milhares de civis timorenses para participarem numa operação militar em grande escala lançada com o objectivo de descobrir e destruir o que restava da Resistência armada nas montanhas. A operação recebeu o nome oficial de Operação Segurança (*Operasi Keamanan*), mas é conhecida pela maioria dos timorenses como Operação *Kikis* (*Operasi Kikis*), a Operação Cerco de Pernas (*Pagar Betis*), ou Movimento de Aitana (*Gerakan Aitana*) (ver Capítulo 3: História do Conflito).

Segundo o relato feito à Comissão por algumas testemunhas, o grupo a que pertenciam não entrou em conflito armado com as Falintil, nem fez quaisquer detenções e não matou qualquer pessoa durante toda a operação. No entanto, a Comissão recebeu informações sobre diversas violações fatais ocorridas durante a operação. Por exemplo, Anselmo Fernandes Xavier relatou à Comissão que pertencia a um grupo de “Partidários” que detiveram e imediatamente executaram sete pessoas perto de Cacavem, no subdistrito de Lospalos (Lautém).<sup>XC</sup> Abílio Quintão Pinto relatou à Comissão que um membro das Falintil atacou o seu grupo de noite, matando quatro membros da *ABRI* antes de ele próprio ser morto a tiro.<sup>XCI</sup> Outro informado relatou à Comissão que os soldados cujo grupo integrava capturaram e mataram dois civis em Uatu-Carbau (Viqueque).<sup>XCII</sup> A Comissão ouviu igualmente o depoimento de Domingos Guterres, que foi recrutado à força para a operação Aitana. Ele assistiu à detenção e execução de um homem idoso e viu um cadáver decapitado, algures durante a marcha até Aitana.<sup>XCIII</sup> Outra testemunha relatou à Comissão o homicídio de uma professora, por membros do Batalhão 744, que depois lhe levaram os dois filhos. O seu paradeiro é desconhecido.<sup>XCIV</sup> Vários informadores relataram que, ao chegarem a Aitana, viram duas pessoas serem capturadas, amarradas e mortas.<sup>XCV</sup> Um

---

<sup>LXXXIX</sup> As cinco pessoas dadas como desaparecidas foram: Domingos de Fátima de Carvalho (desaparecido do *Korem* de Mes, segundo as informações recebidas) e Jerónimo, José de Sousa, Maubuti e Tomás (todos desaparecidos da Comarca, segundo as informações recebidas) [CAVR, Perfil Comunitário de Suhu-Rama, Inuk Fuik, Nain Feto, Díli; e “Em Nome dos Presos de 10 de Junho de 1980”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983].

<sup>XC</sup> Entrevista da CAVR a Anselmo Fernandes Xavier, Com, Lautém, 10 de Outubro de 2003.

<sup>XCI</sup> Entrevista da CAVR a Abílio Quintão Pinto, Iliomar, Lautém, 7 de Outubro de 2003.

<sup>XCII</sup> Testemunho escrito disponibilizado à CAVR por Fernando Ximenes, Ossu, Viqueque, 2 de Outubro de 2003.

<sup>XCIII</sup> HRVD, Testemunho nº 01459

<sup>XCIV</sup> HRVD, Testemunho nº 04877.

<sup>XCV</sup> Entrevistas da CAVR a João Bosco e Valdemar Sarmento, 14 de Julho de 2003; Raimundo Hornay Ximenes, Fatuberliu, Manufahi, 20 de Outubro de 2003; HRVD, Testemunho nº 00427.

informador relatou à Comissão que viu três cadáveres ao deslocar-se a pé de Aitana para Ossu.<sup>XCVI</sup>

A *Operasi Kikis* atingiu o auge em Setembro de 1981, quando unidades das Forças Armadas e TBO, incluindo membros dos Batalhões 321, 744 e 745, elementos da *Hansip* e unidades dos fuzileiros indonésios convergiram os seus esforços na região em torno do Monte Aitana, na acidentada fronteira entre os distritos de Viqueque e Manatuto. Um grande número de líderes e membros da Fretilin e das Falintil haviam-se reunido nessa área no mês de Maio anterior com familiares e outros civis, para organizar uma conferência em Muabuai.<sup>XCVII</sup> Durante a sua marcha desde Laleia (em Manatuto) para o lado Norte do Monte Aitana, o Batalhão 744 e, possivelmente, o Batalhão 745,<sup>XCVIII</sup> acompanhados por fuzileiros indonésios, defrontaram as Falintil perto da ribeira de Weladada, localizada mesmo abaixo do Monte Aitana e do Monte Santo António. Ali perto, a Fretilin/Falintil tinham recentemente terminado a sua conferência anual em Muabuai. Por volta de 17 de Setembro, só a Companhia 4 de Fera Lafaek permanecia na área de Aitana, com um grande número de civis. Segundo relatos recebidos pela Comissão, um grande número de civis, incluindo mulheres e crianças, foram mortos quando o Batalhão 744 chegou à região de Aitana e defrontou combatentes da Resistência armada, ao longo de um período de vários dias.<sup>XCIX</sup> Além disso, a Comissão recebeu informações de que pelo menos 20 deles foram executados perto da ribeira de Weladada, por membros do Batalhão 744.<sup>C</sup> Depoimentos igualmente recebidos pela Comissão sugerem que mais de 100 pessoas, incluindo mulheres e crianças, foram posteriormente mortas nas encostas do Monte Aitana e do Monte Santo António, ou a tiro ou queimadas pelo no fogo no capim atado pelas *ABRI*. Segundo as informações recebidas, após a rendição ou captura dos sobreviventes, mais 25 pessoas, todas feridas, foram mortas perto da ribeira Uaidada, e mais outras cinco também, no posto do *Kotis* em Uaidada.<sup>CI</sup>

---

<sup>XCVI</sup> Testemunho escrito disponibilizado à CAVR por Fernando Ximenes, Ossu, Viqueque, 2 de Outubro de 2003.

<sup>XCVII</sup> Xanana Gusmão, *Timor Leste – Um Povo, Uma Pátria*, pp. 48-50.

<sup>XCVIII</sup> Entrevistas da CAVR a José de Jesus dos Santos, Díli, 28 de Junho de 2004; e Câncio da Costa Viegas, 25 de Setembro de 1981.

<sup>XCIX</sup> Entrevista da CAVR a José de Jesus dos Santos, Díli, 28 de Junho de 2004. Segundo as suas afirmações, os combates travaram-se entre 1 e 10 de Setembro.

<sup>C</sup> Entrevistas da CAVR a Anacleto Ximenes, Cairui, Manatuto, 12 de Março de 2004; e Sebastião da Cunha, Manatuto, 12 de Maio de 2004.

<sup>CI</sup> Entrevistas da CAVR a Sebastião da Cunha, Manatuto, 12 de Maio de 2004; e José de Jesus dos Santos, Díli, 28 de Junho de 2004.

## **Testemunhas do homicídio em massa ocorrido em redor do Monte Aitana, em Setembro de 1981**

Sebastião da Cunha, um membro da *Hansip* que participou na Operação Cerco de Pernas, relatou à Comissão o massacre em Aitana:

*[Durante] a Operação Cerco de Pernas, em 1981, todos os membros da Hansip foram obrigados a participar. Durante dois ou três dias, as pessoas foram forçadas a participar nesta operação...Os meus colegas da Hansip que estavam de serviço em Laleia foram transportados comigo para Manatuto, onde ficámos dois dias. De Manatuto levaram-nos para Remexio, perto de Aileu. Depois de passarmos três dias em Remexio, o Batalhão 744 chegou...e dividiu-nos em grupos, para conduzir-nos até à Operação Cerco de Pernas. Destacaram dois membros da Hansip a cada grupo, ao qual se reuniram elementos das ABRI e outras pessoas...Então começámos a avançar a partir de Remexio, em direcção a Cribas. Andávamos todo o dia em operação, caminhando para Leste, descansando apenas de noite ...*

*Passados vários dias, chegámos ao Monte Betuto, perto de Aitana. O Monte Coibere fica situado entre o Monte Betuto e Aitana. Ficámos lá algum tempo, mas pouco depois ouvimos o som de armas de fogo. Parecia que havia contacto armado entre as Falintil e as ABRI em Uaidada. Mandaram-nos ficar para trás, com as pessoas. Como membros da Hansip, nada podíamos fazer. O contacto armado começou às 8 horas da manhã e durou até ao fim da tarde. As ABRI romperam as linhas, porque eram muito mais poderosas do que nós. Muitos elementos das Falintil foram mortos a tiro no local. O Batalhão 744 e as forças dos fuzileiros vindas de Barique avançaram...*

*Então as ABRI chamaram os membros da Hansip e os civis foram para a ribeira de Uaidada. Vimos lá muitos civis que haviam sido mortos, incluindo homens, mulheres e crianças. Não era possível contar o número de pessoas que tinham sido mortas ...*

*No dia seguinte, as ABRI lançaram outra operação na área e mataram muitos dos civis que haviam sobrevivido. Entre estas vítimas havia um homem branco alto que já tinha sido enterrado pelos habitantes locais. Mas as ABRI ordenaram-me a mim e a outros que exumássemos o cadáver e o levássemos para o Kotis, na ribeira de Uaidada, porque pensaram que este homem era Xanana Gusmão. Quando chegámos ao quartel-general do Kotis, vimos um grande número de corpos no chão, sem cabeça, em várias linhas. Não consegui contá-los. Muitos civis que tinham sobrevivido foram mandados comparecer ao quartel-general. Disseram que estas pessoas iriam ser embarcadas num helicóptero, mas isso não aconteceu. Foram mortas a tiro com uma metralhadora e ninguém sobreviveu. Eu estava bastante longe, mas vi a maneira como foram abatidas a tiro. Havia mais de 20 pessoas. As pessoas que foram mortas em Uaidada vinham de vários lugares. As pessoas que ficaram feridas durante o ataque não receberam qualquer tratamento médico: em vez disso, foram mortas no quartel-general ...*

*Ficámos em Uaidada durante três dias. Não podíamos comer nem beber, porque a nascente das águas estava cheia de sangue humano, das pessoas mortas pelas ABRI. Depois disso, fomos até um lugar chamado Santo António, perto de Aitana e de Laline. Ficámos em Aitana durante uma semana. Em Aitana também foram mortos muitos civis. Não consegui contá-los. Vi cinco civis trazidos para o Kotis e depois mortos...as mortes não tiveram lugar só em Uaidada, mas também na região circundante. Eu calcularia o número total de mortos em mais de cem pessoas. As mortes começaram em Santo António, continuaram em Uaidada, em Aitana e, finalmente, em Fatuk-Kado.<sup>CII</sup>*

Anacleto Ximenes tinha apenas dez anos quando assistiu a este homicídio em massa. Contava-se entre as centenas de civis que se encontravam com a Fretilin/Falintil no Monte Aitana:

<sup>CII</sup> Entrevista da CAVR a Sebastião da Cunha, Manatuto, 12 de Maio de 2004.

*Na manhã seguinte ouvimos tiros e percebemos que estávamos a ser cercados. Pouco depois, fomos atacados e dispararam sobre nós. Nessa época, as Forças Armadas indonésias andavam misturadas com civis. Os civis eram postos na linha da frente e, ao mesmo tempo, recebiam ordens para rufar tambores ao longo da estrada. Nós éramos muitos, nessa época, incluindo mulheres e crianças. Eles [ABRI] gritavam enquanto disparavam contra nós, mas nós nada podíamos fazer para nos defendermos. Eu tentei correr para a ribeira, mas as ABRI começaram a disparar contra as outras pessoas que estavam na ribeira e muitas morreram...Estava com um amigo da minha idade e com um soldado das Falintil, mas foram os dois atingidos por balas e morreram...Ainda me perseguiram e dispararam contra mim...Havia muito capim alto e eu escondi-me no meio do capim...*

*Ainda estava escondido no capim, quando ouvi a mulher do comandante Maukalo, que estava grávida, correr e cair debaixo de um eucalipto. Fora atingida a tiro no ventre...e o bebé ainda não nascido também foi atingido. Assisti a isto [do meu esconderijo] no capim, e tive tanto medo.*

*Eles [as ABRI] então gritaram: “Fogo no capim! Há gente escondida no capim!” Eu pensei que o fogo atearia num minuto. Em vez de morrer queimado como uma cobra, preferi levantar-me e levar um tiro. Muitos soldados estavam de vigia, à espera que saíssemos. Antes de sair, tirei quatro caixas de balas e uma faca do meu saco. Então saí e fiquei quieto, estendendo as mãos e dizendo: “Rendo-me, senhor.”*

*Vi e sei que havia 160 pessoas [mortas]. As 160 não eram só soldados das Falintil, mas também mulheres e crianças. Carregámos os corpos das vítimas e reunimo-los junto à ribeira de Uaidada...Mandaram-nos carregar os corpos ao ombro e levá-los para a ribeira de Uaidada. Então eles tiraram fotografias dos corpos mortos. Havia lá 25 pessoas que tinham sido capturadas, todas feridas. Receberam tratamento médico e foram presas pelas Forças Armadas. Eu fiquei sob controlo de Iswanto, o comandante do Batalhão 745. Estas 25 pessoas foram mortas a tiro naquele lugar. Vi com os meus olhos que eles as mandaram formar em linhas de quatro, matando-as a tiro.<sup>CIII</sup>*

A Comissão recebeu depoimentos sobre várias mortes ilícitas e desaparecimentos ocorridos em 1981/1982. Em 1981, membros do Batalhão 521 detiveram e executaram cinco civis em Bualale, distrito de Baucau.<sup>CIV</sup> Nesse mesmo ano, em Lautém, 13 pessoas foram enviadas para o ilhéu de Jaco, onde foram executadas. Havia dois grupos de seis homens, um de Luro, do qual só Mateus, João Reis, José Reis e Adelino Moreira foram identificados pelo nome, e um segundo grupo de Tutuala, incluindo Carlos, Coroso, Cristovão, Reimalai, Pailuan e Gilberto, além de um homem chamado Macário Ximenes, de Maluro (Loré I, Lospalos).<sup>CV</sup>

Em 1982, em Fuiloro (Lospalos, Lautém), um grupo de homens e mulheres foram detidos por membros da *Hansip*, sendo presos e torturados no *Kodim* de Lospalos; dois destes homens foram mortos e outro desapareceu.<sup>CVI</sup> Em Maio desse ano, membros do Batalhão 745 mataram uma mulher grávida que procurava tubérculos na floresta, em Uairoke (Luro, Lautém).<sup>CVII</sup> Em Junho, mais dois civis, que também procuravam tubérculos, foram mortos pelas tropas indonésias no subdistrito de Moro.<sup>CVIII</sup> Em Uatu-Carbau (Viqueque), o administrador do subdistrito (*camat*) ordenou aos membros locais da *Hansip* que detivessem 12 pessoas. Estes homens foram espancados e dois morreram enquanto estavam na prisão.<sup>CIX</sup>

<sup>CIII</sup> Entrevista da CAVR a Anacleto Ximenes, Cairui, Manatuto, 12 de Março de 2004.

<sup>CV</sup> HRVD, Testemunho nº 07101.

<sup>CVI</sup> HRVD, Testemunhos nºs 04424, 01628, 00801, 05346 e 05331.

<sup>CVII</sup> HRVD, Testemunho nº 07599.

<sup>CVIII</sup> HRVD, Testemunho nº 05340.

<sup>CIX</sup> HRVD, Testemunho nº 05358.

<sup>CIX</sup> HRVD, Testemunho nº 06780.

## Agosto a Dezembro de 1982: Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados após os ataques das Falintil na área do Monte Kablaki

Em finais de 1982, após os ataques das Falintil contra as forças de segurança indonésias em redor do Monte Kablaki (nos distritos de Ainaro e de Manufahi), a 20 de Agosto,<sup>CX</sup> os militares indonésios foram responsáveis pelo assassinato e desaparecimento de muitos civis no distrito de Ainaro.<sup>CXI</sup> Quando as unidades militares indonésias de Maubisse e Ainaro convergiram sobre Dare e Mauchiga (Ainaro) e Rotuto (Manufahi), os combatentes da Resistência e uma grande percentagem da população local fugiram para o Monte Kablaki. Muitos dos que não fugiram foram presos no *Kodim* de Ainaro. Depois de Mauchiga ser arrasado, numa acção de retaliação dos militares, várias centenas de pessoas foram transferidas para a ilha de Ataúro, deixando o suco quase deserto.<sup>CXII</sup> Durante as semanas e meses que se seguiram ao ataque, os membros os militares indonésios, em particular do *Kodim* de Ainaro, do *Koramil* de Dare e do 5º Batalhão de Combate de Engenharia (*Zipur 5*), realizaram muitas detenções, recorreram à tortura e violação sexual durante os interrogatórios, arrasaram pelo fogo centenas de habitações e mataram civis, por vezes em público (ver Capítulo 6: Perfil das Violações dos Direitos Humanos; Subcapítulo 7.3: Deslocação Forçada e Fome; Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos; Subcapítulo 7.7: Violência Sexual).

A Comissão recebeu muitos relatos de mortes ilícitas perpetradas durante este período. Segundo vários relatos, o comandante ou o vice-comandante do Batalhão *Zipur 5* executaram um homem em público decapitando-o com um machado, obrigando os membros do seu próprio batalhão a comerem partes da cabeça e mostrando fotografias da cabeça decapitada à população local.<sup>CXIII</sup> Um homem suspeito de ter fornecido géneros alimentares às Falintil foi detido pela *Hansip* e preso no *Koramil* de Dare. Após um ou dois meses de prisão, foi conduzido a um lugar público perto do posto do *Koramil*, desnudado e interrogado em público na presença de membros da *Hansip*, do *Koramil* e do Batalhão *Zipur 5*. A cada pergunta, um soldado golpeava-lhe os dedos, as mãos, os braços, o rosto e a testa. Segundo as informações recebidas, um aldeão local foi depois obrigado a matá-lo; as suas mãos foram então penduradas numa árvore e as pessoas tiveram medo de retirá-las do sítio.<sup>CXIV</sup> Entre outros relatórios de execuções recebidos pela Comissão, houve um homem que, depois de ser preso no *Koramil* de Dare, foi chicoteado contra um motociclo e queimado vivo, e outro, “amarrado como Jesus”, que foi morto a tiro na escola primária de Dare.<sup>CXV</sup> O CRRN (Conselho Revolucionário da Resistência Nacional), a organização da Resistência, relatou igualmente o caso de dois membros da Resistência armada que, após a sua captura ou rendição entre 22 e 24 de Agosto, foram torturados e executados no *Koramil* de Ainaro.<sup>CXVI</sup>

Como retaliação pelo ataque de Agosto, no suco vizinho de Rotuto (Manufahi), os militares indonésios mandaram os civis formar em linha em ameaçaram matá-los. Alberto Alves relatou à Comissão:

---

<sup>CX</sup> Os ataques foram realizados pelas Falintil e por habitantes de Mauchiga (Rotuto), tendo como alvos o *Koramil* de Dare, o *Koramil* e a *Kapolsek* de Hatu Bulico (Ainaro) e os postos da *Hansip* em Aitutu, Raimerhei e Rotuto (Manufahi).

<sup>CXI</sup> Entrevista da CAVR a Dinis Amaral, Dare, Ainaro, 1 de Junho de 2003.

<sup>CXII</sup> Entrevista da CAVR a Adelino de Araújo, Mauchiga, Ainaro, 29 de Maio de 2003.

<sup>CXIII</sup> Entrevista da CAVR a Ana Britos, Mauchiga, Ainaro, 31 de Maio de 2003.

<sup>CXIV</sup> HRVD, Testemunho nº6 da CAVR, Equipa de Investigação, Relatório de Campo de Ainaro, Díli, 16 de Janeiro de 2003; ver também CAVR, Perfil Comunitário do suco de Mulo, subdistrito de Dare, distrito de Ainaro, 2 de Fevereiro de 2004.

<sup>CXV</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Mulo, subdistrito de Dare, distrito de Ainaro, 2 de Fevereiro de 2004.

<sup>CXVI</sup> CRRN, Comunicado de Julho de 1983.

*Em 1982, as Falintil atacaram as ABRI no suco de Rotuto. Depois de as Falintil regressarem à floresta, as ABRI do Batalhão 745 e membros da Hansip obrigaram-me, e a outros habitantes de Rotuto, a formarmos em linha para sermos executados. As mulheres e as crianças foram separadas dos homens. As mulheres e as crianças foram separadas dos homens. No entanto, uma vez que um membro do Batalhão de Infantaria 745 de Bobonaro levantou objecções, o homicídio não foi por diante.<sup>CXVII</sup>*

As ABRI fizeram buscas dos civis que haviam fugido, matando alguns durante as operações de busca. Laurinda dos Santos recordou:

*Fugi com 95 civis para o Monte Kablaki, pelo lado da montanha virado para Same. As ABRI perseguiram-nos e mataram o meu amigo Domingos Lobato. Então, detiveram-me e a outros 95 civis.<sup>CXVIII</sup>*

Outro depoente relatou à Comissão que um timorense membro da *Hansip* que participava em operações com as tropas indonésias atingiu acidentalmente a tiro um soldado indonésio e foi imediatamente executado.<sup>CXIX</sup> Outras pessoas foram executadas quando se encontravam presas em Dare.

*No Posto de Same, vi o membro da Hansip M290, juntamente com membros do TNI do Batalhão 321, espancaram Alberto com armas e paus, até que a sua cabeça começou a sangrar e [pareceu] que ele tinha morrido ali mesmo. Quando M290, M291 e M302 se preparavam para enterrar o corpo de Alberto, ele voltou a viver de novo. M290 pegou numa catana e decapitou-o...Os seus dedos foram decepados por M291, para mostrá-los aos [outros] presos.<sup>CXX</sup>*

Segundo outro relato, um soldado do Batalhão 321 regou um homem com querosene e ateou-lhe fogo.<sup>CXXI</sup> Outras pessoas foram levadas pelas forças de segurança indonésias, incluindo membros das Forças Especiais (*Kopassandha*) e da *Hansip*, para Bulico, sendo executadas num lugar vulgarmente referido como Jakarta 2.<sup>CXXII</sup>

---

<sup>CXVII</sup> HRVD, Testemunho nº 07181.

<sup>CXVIII</sup> HRVD, Testemunho nº 07241.

<sup>CXIX</sup> HRVD, Testemunho nº 07242.

<sup>CXX</sup> HRVD, Testemunho nº 07253.

<sup>CXXI</sup> HRVD, Testemunho nº 07256.

<sup>CXXII</sup> HRVD, Testemunhos nºs 07177 e 07186 e lista da CAVR compilada a partir de lápides funerárias em Ainaro.

## Jakarta 2: Local de execução

Nas semanas que se seguiram ao ataque das Falintil contra Mauchiga, muitos civis suspeitos de serem simpatizantes da Resistência foram presos no *Kodim* de Ainaro e executados em Builico, uma falésia com cerca de 300 metros de altitude, situada a Sul da cidade de Ainaro, apelidada Jakarta 2 pelos militares indonésios.<sup>CXXIII</sup> A Comissão recebeu relatos provenientes de Mauchiga, Hatu Builico e Dare, de pessoas executadas e cujos corpos foram precipitados do alto da falésia em Jakarta 2, por vezes depois de serem queimadas vivas. Segundo outro relato, uma criança da escola em Dare foi embrulhada num saco de plástico, embebida em gasolina e deitada pelo precipício em Jakarta 2.<sup>538</sup> Outro relato ainda conta que quatro pessoas foram presas no *Kodim* de Ainaro e posteriormente levadas para Jakarta 2, onde três — uma de Zumalai e duas de Dare — foram executadas.<sup>539</sup> Segundo depoimentos prestados à Comissão, as pessoas presas em Ainaro eram normalmente amarradas e levadas a meio da noite para a falésia, onde eram esfaqueadas e atiradas do precipício.

*À 1 da manhã, os presos foram colocados em sacos, amarrados e levados numa viatura Kijang cor-de-laranja. A viatura imobilizou-se junto à estrada e os sacos foram abertos. Os presos receberam ordens para levantar-se e foram golpeados com facas...Estas pessoas foram simplesmente empurradas do alto do precipício.*<sup>540</sup>

A Comissão recebeu igualmente relatos sobre a execução de habitantes de Mulo, Nunomogue e Mauchiga em Jakarta 2, pouco depois do ataque de Agosto. Nessa época, para as mulheres a única alternativa a Jakarta 2 era a violação e a escravidão sexual.<sup>541</sup>

Além das execuções extrajudiciais em Jakarta 2, um grande número de pessoas de Ainaro desapareceram durante este período. Segundo depoimentos prestados à Comissão, ao longo das décadas de 1980 e 1990, militares indonésios e funcionários da administração civil indonésia continuaram a ameaçar as pessoas com a possibilidade de serem “levadas para Jacarta”. A Comissão recebeu informações indicativas da possibilidade de o *TNI* ter eliminado o corpo de pelo menos uma vítima da violência de Setembro de 1999, atirando o cadáver do alto do precipício em Jakarta 2:

*No dia 21 de Setembro de 1999, um membro da milícia/TNI chamado M304 e mais quatro pessoas forçaram a população a partir para Atambua. Dispararam contra o chefe de aldeia de Lebulau, Liqueça, mas falharam. Mandaram um homem chamado Félix de Aldoreida trepar a um pau de bandeira. Dispararam contra ele, até os intestinos lhe caírem do corpo e, depois, atiraram-lhe uma espada. Ele caiu. Livraram-se do corpo atirando-o do alto de Jakarta 2.*<sup>542</sup>

Os depoimentos recebidos pela Comissão relativamente aos ataques e represálias militares de Mauchiga relatam a morte ilícita de cerca de 20 homens. A Comissão recebeu igualmente uma lista onde se identificam 18 membros das Falintil e 18 civis que, segundo as informações recebidas, foram mortos ou desapareceram após o incidente.<sup>543</sup> Ao todo, a Comissão recebeu relatos segundo os quais os seguintes civis foram mortos ou desapareceram:

**Table 18 - Civis de Ainaro e Manufahi, mortos ou desaparecidos em 1982, segundo relatos apresentados à CAVR**<sup>544</sup>

Nome	Data	Local	Idade	Descrição	Fontes
1. Buimali	c. 20 de Agosto de 1982	Mauchiga	-	Baleado	07231

<sup>CXXIII</sup> Entre as pessoas presas no *Kodim* de Ainaro e mortas em Builico após o ataque de Agosto de 1982 contavam-se Ouei-Beri, Adelina Barbosa, Mateus Jerónimo, Leto-Mali, Cirilio Alves, Gabriel, Lorenzo, Daniel de Araújo, Óscar Araújo, António Mau Kura [ver Apêndice G, CAVR, Equipa de Investigação sobre Mulheres, Mulheres e Conflito, Abril de 1974 a Outubro de 1999, Fevereiro de 2004].

2. João Tilman	20 de Agosto de 1982	Mauchiga	32	Decapitado	07191, 07269
3. Ernesto	Agosto de 1982	<i>Kodim</i> de Ainaro	-	Baleado	07191, 07269
4. Domingos Lobato	1982	Kablaki	-	Baleado	07241
5. Gebo António José	1982	Kablaki	-	Desaparecido	09018
6. Trindade	1982	Kablaki	-	Decapitado	04923
7. Kusia	1982	Daisua	-	Decapitado	04923, Perfil Comunitário de Mauchiga
8. Alarico	1982	Daisua	25	Baleado	Lista; Perfil Comunitário de Mauchiga
9. Mau-Sur	1982	Daisua	50	Decapitado	Lista; Perfil Comunitário de Mauchiga
10. Mateus	1982	Daisua	55	Decapitado	Lista; Perfil Comunitário de Mauchiga
11. Manuel Berelau	1982	Daisua	-	Morto	Perfil Comunitário de Mauchiga
12. Verdial Lopes	1982	Daisua	-	Morto	Perfil Comunitário de Mauchiga
13. Armando	1982	Nunomogue	-	Baleado	07242; Perfil Comunitário de Nunomogue
14. Paulino	1982	Nunomogue	-	Baleado	07255
15. Alberto	1982	Dare	-	Decapitado?	07258, 07253
16. Tomás Tilman	1982	Dare	-	Queimado vivo	Equipa de Investigação sobre Mulheres
17. Quei-Bere	1982	Dare	35	Executado	Lista; Perfil Comunitário de Dare
18. Clementino Baloc	1982	Casa	-	Morto	06257
19. Cristina Lawa	1982	Casa	-	Morta	06257
20. António Mau-Kura	1982	Jakarta 2	-	Queimado vivo	Lista, 07256
21. Beremali	1982	Jakarta 2	-	Executado	04923
22. Berleki	1982	Jakarta 2	-	Executado	04923, 07204
23. Besimau	1982	Jakarta 2	-	Executado	04923
24. Mau Félix	1982	Jakarta 2	-	Executado	04923
25. Adelina Barbosa	1982	Jakarta 2	25	Executada	Lista
26. Mateus Jerónimo	1982	Jakarta 2	35	Executado	Lista
27. Leto Mali	1982	Jakarta 2	40	Executado	Lista
28. Daniel de Araújo	1982	Jakarta 2	50	Executado	Lista
29. Óscar Araújo	1982	Jakarta 2	25	Queimado vivo	Lista; Perfil Comunitário de Nunomogue
30. Cirílio Alves	1982	Jakarta 2	39	Executado	Lista, Perfil Comunitário de

					Dare
31. Lourenço Soares	1982	Jakarta 2	39	Executado	Lista, 07186
32. Gabriel da Costa	1982	Jakarta 2	41	Executado	Lista, 07177
33. Orlando Tilman	1982	Lisuati	50	Baleado	Lista
34. Rodolfo Tilman	1982	Lisuati Balisa	49	Baleado	Lista
35. Valente	1982	Hatuquero	35	Baleado	Lista
36. Bere Mau	1982	Rotuto	45	Baleado	Lista

Segundo relatos recebidos pela Comissão, as mortes ilícitas de apoiantes pró-independência, incluindo execuções públicas e homicídios na prisão, continuaram bem para além dos ataques de 1982. Por exemplo, a Comissão recebeu relatos segundo os quais, em 1983, um agente da Polícia timorense foi amarrado à retaguarda de uma viatura e arrastado pela cidade durante um dia inteiro, após o que o seu corpo foi queimado em frente do mercado de Ainaro.<sup>CXXIV</sup> A Comissão foi igualmente informada de que quatro homens suspeitos de serem membros do movimento clandestino — Moisés Araújo, Lourenço Araújo, João Xavier e Óscar — foram presos e mantidos sob custódia durante várias semanas,<sup>CXXV</sup> muito provavelmente por oficiais da Chandraca 11, uma unidade das Forças Especiais. Os homens foram executados por oficiais em Hatu Udo (Ainaro), em data incerta, entre Maio e Julho de 1984, e os seus corpos foram posteriormente enterrados em Hatu Udo.<sup>CXXVI</sup>

### Agosto a Outubro de 1983: Mortes em Viqueque após o incidente de Kraras

#### *Violações antes do levantamento de Kraras*

Entre 1976 e 1978/1979, a maioria dos moradores de Bibileo (Viqueque, Viqueque) viveram nas montanhas, fora do controlo indonésio. Os que se renderam, ou foram capturados, em 1978/1979 foram transferidos para a cidade de Viqueque, onde viveram durante vários anos. Em 1981, foram transferidos para uma área de planície a Norte da Estrada Viqueque-Luca, mas bem a Sul de Bibileo, que fica mais para Norte, nas montanhas. Este novo aldeamento recebeu o nome de Kraras.

A Comissão recebeu informações sobre violações dos direitos humanos cometidas na região de Kraras em 1982 e no início de 1983. As *ABRI* começaram a suspeitar que os membros da *Ratih* local colaboravam clandestinamente com a Resistência; em finais de 1982, 80 deles foram enviados para Tacitolu (Díli), onde ficaram sob supervisão de membros do Batalhão 744, que os “puniram”. Por volta da mesma época, duas pessoas de Kraras — Loi Rubik e Susukai — foram mortas por suspeita de terem “duas caras”; Loi Rubik pertencia à *Ratih*.<sup>CXXVII</sup>

Uma série de reuniões entre os militares indonésios e a Fretilin/Falintil conduziram, em finais de 1983, a um acordo de cessar-fogo, o qual resultou num acentuado abrandamento das hostilidades e numa relativa liberdade de movimentos, quer para os combatentes da Resistência quer para os civis (ver Capítulo 3: História do Conflito). Durante o cessar-fogo, os combatentes da Resistência que actuavam nas montanhas acima de Viqueque tiveram encontros com os militares indonésios e também organizaram cerimónias de hastear da bandeira, presenciadas pelas forças locais da *Hansip* e por civis de Bibileo/Kraras.

<sup>CXXIV</sup> Ver Equipa de Investigação da CAVR, Relatório de Campo de Ainaro, Díli, 16 de Janeiro de 2003.

<sup>CXXV</sup> Testemunhos nº 02803, 03343 e 09152.

<sup>CXXVI</sup> Entrevista da CAVR a Duarte Gaspar Corte Real, Ainaro, 22 de Outubro de 2003.

<sup>CXXVII</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Bibileo, subdistrito de Viqueque, distrito de Viqueque.

No entanto, as tensões entre os militares indonésios e os habitantes locais persistiram. Existem igualmente relatos de conflitos entre os membros timorenses da *Hansip* e os militares indonésios. Na época do cessar-fogo, os militares indonésios estavam a levar a efeito um processo de reorganização das diversas forças de defesa civil existentes em Timor Leste. Esta reorganização incluiu a despromoção de alguns elementos da defesa civil da *Hansip*, que eram armados e pagos, a elementos da defesa civil da *Ratih* (*Rakyat Terlatih*, “população treinada”), desarmados e que não recebiam um salário regular. A comunidade de Bibileo explicou à Comissão que os elementos da *Ratih* se haviam recusado a entregar as suas armas, depois de um destacamento do Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100 ter baleado e morto quatro habitantes locais.<sup>CXXVIII</sup> Várias fontes relataram igualmente à Comissão que, em Julho de 1983, soldados indonésios assediaram sexualmente as mulheres locais, incluindo a mulher de um membro timorense da *Ratih*.<sup>CXXIX</sup>

#### *Levantamentos em Viqueque*

No dia 8 de Agosto de 1983, forças das Falintil e elementos da *Ratih* local, comandados por Virgílio dos Anjos (Sihik Ular), lançaram um ataque conjunto contra um posto militar indonésio em Kraras. Catorze soldados indonésios do 9º Batalhão de Combate de Engenharia (*Zipur 9*) foram mortos; um ou dois escaparam com vida. Os membros da *Ratih* fugiram para as montanhas, juntamente com os restantes activistas clandestinos do suco, reunindo-se à Fretilin. Pouco depois, centenas de habitantes de Kraras e das aldeias vizinhas fugiram também para a floresta. Um dia mais tarde, outro grupo de *Ratih* do suco de Buanurak (Ossu, Viqueque), liderado por Domingos Raul (Falur), desertou igualmente das forças de segurança indonésias e aderiu à Fretilin/Falintil.<sup>CXXX</sup>

A Comissão recebeu relatos sobre quatro outros ataques das Falintil lançados no distrito de Viqueque, no primeiro mês que se seguiu ao ataque de Kraras. Segundo as informações recebidas, as Falintil atacaram um posto indonésio em Lacluta, matando três timorenses. No dia 10 de Agosto de 1983, as Falintil envolveram-se num tiroteio com militares do Batalhão 745 em Nahareka, durante o qual um timorense foi ferido e posteriormente executado pelas forças indonésias. Segundo as informações recebidas, no dia 19 de Agosto de 1983, as forças das Falintil lançaram um ataque contra Bahatata (Uatu-Carbau), matando um civil. Finalmente, no dia 6 de Setembro, as Falintil atacaram as tropas indonésias num lugar chamado Sukar Oan, no suco de Caraubalu, mas não houve baixas.<sup>CXXXI</sup>

#### *Retaliação indonésia nas proximidades de Kraras*

No dia 7 de Setembro de 1983, um dia após o ataque das Falintil em Caraubalu, as tropas indonésias entraram no quase deserto suco de Kraras, incendiando a maior parte das habitações. Segundo as informações recebidas pela Comissão, as 4 a 5 pessoas que haviam ficado no suco, incluindo uma mulher idosa, foram mortas no ataque. Os corpos das pessoas mortas foram alegadamente deixados nas suas habitações, que depois foram incendiadas.<sup>CXXXII</sup> Durante as semanas que se seguiram, os soldados indonésios patrulharam as montanhas vizinhas e obrigaram as pessoas que haviam fugido a regressarem aos sucos de Kraras e de Buikaren, bem como à cidade de Viqueque. Segundo relatos recebidos pela Comissão, várias pessoas foram executadas durante estas operações, incluindo um rapaz de 15 anos, a 12 de Setembro (ou por volta desse dia), e mais três pessoas a 15 de Setembro.<sup>CXXXIII</sup> Neste período,

---

<sup>CXXVIII</sup> *Ibid.*

<sup>CXXIX</sup> Entrevistas da CAVR a Silvino das Dores Soares, Viqueque, 10 de Março de 2004; Jerónimo da Costa Amaral, Viqueque, 10 de Março de 2004; e “Entrevista a Mário Carrascalão”, *Indonesia* 76, Outubro de 2003.

<sup>CXXX</sup> HRVD, Testemunhos nº 03072 e 06062.

<sup>CXXXI</sup> HRVD, Testemunhos nº 09035, 06039 e 07340; Entrevista da CAVR a Honório Soares de Gonzaga, Lalerek Mutin, Viqueque, 10 de Março de 2004.

<sup>CXXXII</sup> Entrevista da CAVR a Silvino das Dores Soares, Viqueque, 10 de Março de 2004.

<sup>CXXXIII</sup> *Ibid.*

um grande número de pessoas foram também presas e torturadas, muitas das quais em Olobai, onde estava estacionada uma companhia do Batalhão 745.

*Massacre em Caraubalu*

**Table 19 - Pessoas mortas na zona de Kraras, Setembro de 1983, conforme relatado à CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. Joaquim Amaral	7 de Setembro de 1983	Kraras	-		Baleado/queimado?
2. Funu Lequi	7 de Setembro de 1983	Kraras	-		Baleado / queimado
3. Ana Maria	7 de Setembro de 1983	Kraras	-		Baleado / queimado
4. Namó Funuk	7 de Setembro de 1983	Kraras	80		Baleado / queimado
5. Domingos Gomes	12 de Setembro de 1983	Uma Kí'ik	~15		Baleado
6. Euclides da Costa S.	15 de Setembro de 1983	Haiboho	-		Baleado
7. Wailiba	15 de Setembro de 1983	Haiboho	-		Baleado
8. Nahamodo	15 de Setembro de 1983	Olobai	-	<i>Ratih</i>	Baleado

Segundo relatos recebidos pela Comissão, ocorreu um homicídio em massa no suco de Caraubalu no dia 16 de Setembro de 1983.<sup>CXXXIV</sup> Segundo um dos relatos, um grande número de habitantes de Kraras que, a princípio, haviam fugido para Bibileo, foram capturados por soldados indonésios e levados para Viqueque, sendo alojados num edifício escolar em Beloi. Segundo as informações recebidas, na manhã de 16 de Setembro, soldados indonésios e membros da *Hansip* levaram 18 deles, incluindo mulheres e crianças, para o suco de Caraubalu. Segundo as informações recebidas, os aldeões foram entregues a soldados indonésios pertencentes a uma unidade diferente, sendo levados para um local chamado Welamo, onde os mandaram formar perto de um buraco formado por um desprendimento de terras, executando-os.<sup>CXXXV</sup> Muitos anos depois, uma testemunha ocular relatou o seguinte a investigadores da ONU:

<sup>CXXXIV</sup> Outros informadores referem um massacre em "Casese," mas este parece ser o incidente de Caraubalu. Ver entrevista da CAVR a José Gomes, Lalerek Mutin, Viqueque, 8 de Dezembro de 2003, o qual afirmou que 50 pessoas foram mortas em 15 e 16 de Setembro.

<sup>CXXXV</sup> Entrevista da CAVR a Jerónimo da Costa Amaral, Viqueque, 10 de Março de 2004.

*Três Hansip caminhavam à frente e os outros militares cercavam o grupo de pessoas, para que ninguém pudesse fugir...Começámos a caminhar por volta das 3 da tarde e chegámos ao local na montanha cerca das 4 da tarde...Sentámo-nos e, mais uma vez, os militares cercaram-nos, para evitar fugas...Então chegaram mais soldados indonésios...Quando chegaram, recebemos ordens para nos levantarmos. Eu estava de pé, como toda a gente, de frente para o vale. Então mandaram-nos caminhar. Dei um passo e os soldados indonésios abriram fogo sobre nós. Cai no chão, junto com o meu irmão. As pessoas atingidas a tiro caíram em cima de mim. Os soldados indonésios balearam toda a gente nas costas. Então o tiroteio parou e os soldados fizeram uma pausa para fumarem um cigarro. Um membro do exército indonésio ordenou a M303 [um comandante da Hansip] para falar na sua língua, Tétum, e mandar a quem estivesse ainda vivo...para se levantar. Ninguém respondeu a esta ordem. Então os soldados abriram fogo de novo, contra os corpos caídos no chão. Então ouvi duas crianças pequenas, uma rapariga e um rapaz, [que tinham] cerca de 1 a 2 anos de idade. Quando dispararam, não tinham acertado nas crianças. Então M303...aproximou-se dos dois bebés, pegou numa faca e esfaqueou-os mortalmente. Então os [soldados] indonésios e os Hansip fizeram outra pausa e fumaram o seu cigarro.<sup>CXXXVI</sup>*

Os informadores forneceram valores diferentes sobre o número de vítimas, entre um mínimo de 18 e um máximo de 54.<sup>CXXXVII</sup> A Comissão compilou a seguinte lista de vítimas executadas em Carubalu:

**Table 20 - Civis executados em Carubalu, Viqueque, 16 de Setembro de 1983, segundo as informações relatadas à CAVR**

Nome	Idade	Sexo	Nome	Idade	Sexo
1. Basi Nono	56	Masculino	28. Kai Uai	32	-
2. Bere Nahak	33	Masculino	29 Kena Kaik	3	Feminino
3. Bere Lirik	21	Masculino	30. Kena Liri	24	Feminino
4. Bosí Dasi	48	Masculino	31. Kena Liri	35	Feminino
5. Bosí Naha	16	Masculino	32. Lau Loi	35	Feminino
6. Bui Nahak	7	Feminino	33. Labu Olo	36	Feminino
7. Builai	50	Feminino	34. Leki Labu	61	Masculino
8. Builoi	29	Feminino	35. Leki Mono	48	Masculino
9. Dare Modo	-	Feminino	36. Leki Uai	2	Masculino
10. Dasi Leki	46	Feminino	37. Liba Bosí	21	Feminino
11. Filho de Dasi Leki	-	-	38. Loi Uai	1	Masculino
12. Filho de Dasi Leki	-	-	39. Madalena A. Sousa	31	Feminino

<sup>CXXXVI</sup> Entrevista da Unidade de Crimes Graves a José da Costa Carvalho, Entrevista da CAVR a José da Costa Carvalho.

<sup>CXXXVII</sup> Este relato baseia-se na entrevista feita pela Unidade de Crimes Graves a José da Costa Carvalho; ver também a Entrevista da CAVR a Jerónimo da Costa Amaral, Viqueque, 10 de Março de 2004, que afirmou terem morrido 18 vítimas; Filomena de Jesus Sousa, Lalerek Mutin, Viqueque, 10 de Março de 2004, que afirmou terem morrido 26 vítimas; e Silvino das Dores Soares, Viqueque, 10 de Março de 2004, que afirmou serem 54 as vítimas.

13. Dasi Rubik	35	Feminino	40. Martinha Amaral	27	Feminino
14. Filomena Amaral	27	Feminino	41. Martinha Tilman	26	Feminino
15. Francisca	19	Feminino	42. Naha Bosi	36	Masculino
16. Hae Boe	17	-	43. Naha Lirik	27	Masculino
17. Hare Kaik	28	Feminino	44. Olo Berek	61	Masculino
18. Hari Lequi	25	Feminino	45. Olo Bosi	4	Masculino
19. Hare Loi	46	Feminino	46. Olo Lohi	7	
20. Hare Modo	40	Feminino	47. Pai Rubik	31	Masculino
21. Hia Lequi	23	-	48. Sahe Mau	49	Feminino
22. José Soares	17	Masculino	49. Sahe Uai	40	Feminino
23. Kai Bosi	6	Masculino	50. Siba Labu	49	Feminino
24. Kai Ho'o	11	Masculino	51. Tali Bai	25	Feminino
25. Kai Ho'o	51	Masculino	52. Tali Bosi	16	Masculino
26. Kai Mui	14	Masculino	53. Tali Dasi	24	Feminino
27. Kai Rubik	28	Masculino	54. Tali Deki	34	Feminino
			55. Wono Kai	3	Masculino

### *Massacre em Tahu Bein*

No dia 17 de Setembro de 1983, militares indonésios aproximaram-se de um grande grupo de refugiados de Kraras que haviam fugido para o suco vizinho de Buikarin. O suco de Buikarin foi cercado e os habitantes de Kraras reunidos. Os homens foram separados das mulheres e informados que iriam caminhar até Kraras sob supervisão dos militares, para carregarem alimentos. Segundo um relato, 6 a 8 soldados indonésios e dois membros timorenses da *Hansip* escoltaram dezenas de homens até à ribeira de Wetuku, numa área conhecida como Tahubein, onde foram cercados e fuzilados. Segundo a informação recebida, apenas quatro pessoas sobreviveram ao massacre. Um informador forneceu a seguinte descrição:

*Os homens receberam ordens para marcharem de Buikarin até Kraras, a fim de buscar alimentos. Quando saímos de Buikarin [nós] fomos escoltados de perto por elementos da Hansip, da Polícia e de soldados do Kodim. Quando chegámos a uma área chamada Tahubein, as tropas ordenaram-nos que cantássemos o Foho Ramelau. Mas ninguém cantou a canção. Então mandaram-nos que contássemos. Começámos a contar "um", "dois", "três". Quando acabámos de contar até três, abriram fogo contra nós. Atirei-me para o chão. Os meus amigos caíram sobre mim e o meu corpo ficou cheio de sangue. Depois do fuzilamento, as ABRI começaram a verificar os corpos. Queriam ter a certeza de que estávamos todos mortos. Ouvi a voz de um [membro da] Hansip dizer que se alguém estivesse vivo para se levantar e segui-los, para colaborarmos juntos [com as ABRI]. Dois dos meus amigos moveram o corpo, levantaram-se e foram mortos a tiro. Por isso, não me mexi do lugar e fingi-me morto. Estava por baixo de corpos mortos. [Quando] eu percebi que já não havia soldados por perto, levantei-me e fugi para a floresta.*<sup>CXXXVIII</sup>

<sup>CXXXVIII</sup> Entrevista da CAVR a Olinda Pinto Martins, Lalerek Mutin, Viqueque, 8 de Novembro de 2003; ver também as entrevistas da Unidade de Crimes Graves a Jacinto Gomes (Leki Rubi), Viqueque, 11 de Abril de 2001, e António Soares (Toni Rubik), Viqueque, 11 de Abril de 2001.

A Comissão recebeu relatos sobre a participação de várias unidades das *ABRI* neste massacre, incluindo membros do *Kodim* 1630/Viqueque, dos Batalhões de Infantaria 328, 501 e 745 e do Comando de Operações Secretas (*Kopassandha*). Existem relatos contraditórios sobre o número de vítimas mortas em Tahubein, com os números variando entre um mínimo de 26 e um máximo de 181 pessoas.<sup>CXXXIX</sup> A Comissão recebeu nomes de 141 vítimas, todas do sexo masculino.

**Table 21 - Civis executados em Tahubein, Viqueque, 17 de Setembro de 1983, segundo relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Idade	Nome	Idade	Nome	Idade
1. Abel Soares	40	49. Gilberto	30	98. Naha Lirik	40
2. Abílio Baptista	28	50. Hana Rubik	60	99. Naha Mauk	20
3. Abílio Gomes	17	51. Heu Supu	50	100. Naha Rubik	35
4. Agustinho Gomes	31	52. Hia Bosi	34	101. Napoledo	43
5. Agosto Gomes	17	53. Ilídio	28	102. Noegeria Amaral	28
6. Alak Nahak	50	54. Jacob Gomes	60	103. Noema Baptista	24
7. Alfredo Nunes	28	55. Jaime de Jesus	24	104. Nono Kai	25
8. Alcino Gomes	15	56. João Gomes	33	105. Nono Kaik	38
9. Ana Maria	25	57. João Soares	28	106. Nono Modo	48
10. Ângelo Amaral	27	58. Joaquim Baptista	23	107. Olímpio Amaral	23
11. António	30	59. Joaquim Gomes	18	108. Olo Lirik	38
12. António Alves	28	60. Joaquim Guterres	-	109. Olo Susuk	46
13. Armando	29	61. Joolino (Filo Fuhuk)	70	110. Paulino Gomes	29
14. Armando Bau Dai	40	62. José Ole Leki	29	111. Pedro	42
15. Bai Alak	42	63. José Susu Nahak	34	112. Pedro de Araújo	38
16. Bai Lekik	15	64. Júlio Alves	40	113. Pedro F. Amaral	23
17. Basi Dero	58	65. Kai Dokik	40	114. Raimundo Baptista	62
18. Be Kikik	29	66. Kai Fromok	47	115. Rogério Amaral	23
19. Belarmino	31	67. Kai Labu	41	116. Rubi Berek	37
20. Beni Kaik	27	68. Kai Lirik	45	117. Rubi Dahik	60
21. Beni Nahak	18	69. Kai Mauk	-	118. Rubi Domok	30
22. Benjamin Alves	49	70. Kai Nahak	30	119. Rubi Fonok	39
23. Bosi Nahak	37	71. Kalti Leki	18	120. Rubi Heuk	45
24. Cai Fonok	29	72. Labu Dekik	62	121. Rubi Kaik	45
25. Camílio Guterres	39	73. Lau Kau	10	122. Rubi Katik	34
26. Cândio Gomes	20	74. Leandro Gomes	50	123. Rubi Laik	61
27. Carlos Soares	51	75. Leki Kaik	42	124. Rubi Lerik	40
28. César Rodrigues	29	76. Leki Lerik	20	125. Rubi Modo	27
29. Constantino Gomes	27	77. Leki Mauk	45	126. Rubi Nahak	39
30. Daniel Braz	25	78. Lemo Rai	29	127. Siko Loik	49
31. Daniel Gomes	20	79. Leopoldo Amaral	28	128. Susu Beik	35
32. Diku Funuk	49	80. Leopoldo Brandão	40	129. Susu Bosi	37
33. Dau Kaik	59	81. Lihu Modo	50	130. Tedi Susuk	35
34. Dirgo Amaral	33	82. Liku Lobu	45	131. Teófilo	30
35. Domingos Gomes	30	83. Loi Kaik	47	132. Tomás Brandão	20
36. Domingos Gomes	17	84. Lui Nahak	45	133. Tomás Guterres	50
37. Dom. Naha Fonok	30	85. Manuel Soares	49	134. Tomás Soares	49
38. Domingos Ventura	-	86. Manuk Sesan	45	135. Tomás Tilman A.	39
39. Duarte Tilman	35	87. Marcelino Gomes	29	136. Tui Saan	17
40. Ernesto A B	30	88. Marciano Baptista	40	137. Vasco Gomes	41

<sup>CXXXIX</sup> Entrevista da CAVR a Miguel Viana, Viqueque, 17 de Julho de 2003, que refere 181 mortos; Entrevista da CAVR a Silvano das Dores Soares, Viqueque, 10 de Março de 2004, que refere 143 mortos; Entrevista da CAVR a Manuel de Jesus Pinto, Buikaren, Viqueque, 20 de Março de 2004, que afirmou ter contado 82 corpos; ver também HRVD, Testemunho n° 04146, onde se afirma terem morrido 23 pessoas e sobrevivido três homens — António Naha Fahik, Toni Rubik e Leki Rubik; ver também HRVD, Testemunho n° 00155.

40. Eugénio Marques	17	89. Marcus Amaral	18	138. Vitolimo Ribeiro	54
41. Feliciano Amaral	20	90. Martinho Gomes	40	139. Vitorino Monteiro	23
42. Feliciano Gomes	50	91. Mau Kaik	25	140. Wai Dirik	36
43. Fernando	42	92. Miguel Gomes	51	141. Watu Bata	50
44. Fino Lekik	15	93. Miguel Rangel	25		
45. Fino Lekik	35	94. Miguel Soares	39		
46. Fino Olok	40	95. Modo Liba	54		
47. Fono Leik	37	96. Naha Dedak	27		
48. Gaspar Nunes	29	97. Naha Kaik	59		

#### *Outros homicídios na região de Kraras*

A Comissão recebeu igualmente informações sobre outras execuções de civis na região de Kraras, incluindo em Mali Aba Ulu e Kaken Kilat.<sup>CXL</sup>

Segundo informações recebidas pela Comissão, no dia 22 de Setembro, Hare Cae e Celestino dos Anjos, respectivamente a mulher e o pai do antigo comandante da *Ratih* em Kraras, Virgílio dos Anjos (Sihik Ular), foram mortos por membros da *Hansip* perto de Kaijun Laran e um homem chamado Abel foi executado nas redondezas.<sup>CXLI</sup> Um depoente relatou à Comissão que Cipriano Pereira foi detido em Kaijun Laran, preso no quartel-general do *Kodim* e desapareceu posteriormente.<sup>CXLII</sup> Outro depoente relatou à Comissão que soldados indonésios e o polícia do suco (*Bimpolda*) detiveram o seu marido, António Carada, e quatro amigos seus, Agustinho Amaral, Daniel Amaral, Cipriano Pereira e Serafim Soares, levando-os embora na direcção de Viqueque. Nenhum deles voltou a ser visto.<sup>CXLIII</sup>

**Table 22 - Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados na área de Kraras em 1983, segundo as informações recebidas pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. Susuki	19 de Setembro de 1983	Sukar Oan	-	-	Desaparecido
2. Hare Cae (Alda)	22 de Setembro de 1983	Kaijun Laran	-	-	Morta
3. Celestino dos Anjos	22 de Setembro de 1983	Kaijun Laran	-	-	Morto
4. Abel	22 de Setembro de 1983	Kaijun Laran	-	-	Morto
5. Albino Soares	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
6. Bosi Modo	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
7. Daniel	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
8. Lacaros	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
9. Manuel	17 de Outubro	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido

<sup>CXL</sup> Ver Entrevista da CAVR a José Gomes, Lalerek Mutin, Viqueque, 8 de Dezembro de 2003.

<sup>CXLI</sup> Entrevista da CAVR a Domingos Amaral, Luca, Viqueque, 18 de Julho de 2003. Ver também HRVD, Testemunho nº 06025.

<sup>CXLII</sup> HRVD, Testemunho nº 04203.

<sup>CXLIII</sup> HRVD, Testemunho nº 04205.

	de 1983				
10. Toni Siku	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
11. Rubi Bere	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
12. Wai Bosi	17 de Outubro de 1983	Lalerek Mutin	-	-	Desaparecido
13. Cipriano Pereira	1983	Viqueque	-	-	Desaparecido
14. António Carado	1983	-	-	-	Desaparecido

### Outras mortes ilícitas e desaparecimentos forçados na região Leste: 1983/1984

#### *Viqueque*

A Comissão recebeu cópias de listas de pessoas suspeitas de serem activistas da Resistência, elaboradas em finais de 1983 pelas autoridades dos sucos. A Comissão possui igualmente provas de que, com base nestas listas de membros do “GPK” (*Gerombolan Pengacau Keamanan*, Bando de Perturbadores da Segurança, ou seja as Falintil), os militares marcaram como alvos a abater pessoas que posteriormente foram executadas ou desapareceram. A Comissão possui listas de sete sucos no subdistrito de Uatu-Carbau (Viqueque), com um total de 182 nomes. Entre estas listas existe uma assinada por M305, chefe de suco de Bahatata, em 1983, onde se arrolam 13 nomes de antigos membros do “GPK”. Além dos nomes, a lista fornece informações sobre a idade, ano da rendição, antigos cargos detidos quando estavam nas montanhas, emprego actual e morada actual.

A Comissão recebeu indícios corroborados do papel desempenhado pelas forças de segurança indonésias no desaparecimento de pessoas classificadas como “GPK”. Por exemplo, um documento militar datado de 19 de Abril de 1984 ordenava a transferência de um grupo de 11 presos da *Piton 12*, uma unidade da *Kopassus*, para o Batalhão 511 em Viqueque e depois para Díli. A Comissão recebeu vários depoimentos que revelam que as 11 pessoas referidas neste documento desapareceram todas depois de serem entregues ao Batalhão 511.<sup>CXLIV</sup> Uma testemunha relatou à Comissão:

*No dia 19 de Abril de 1984, às 7 da tarde, soldados do Batalhão 511 trouxeram para fora Francisco Lebre, Ermenegildo, Jeremias, Gaspar e mais seis presos. Nessa altura eu vinha trazer uma refeição ao meu marido e perguntei a um membro do TNI: “Para onde vão levá-los?” O membro do TNI disse que iam ser levados para Viqueque, para serem responsabilizados pelas suas acções. Foi só uma desculpa, porque aquelas pessoas foram levadas e desapareceram. Ninguém sabe do seu paradeiro, até hoje.”<sup>CXLV</sup>*

Segundo um depoimento, estes homens receberam ordens para procurar elementos das Falintil nas florestas. Nessa altura, um dos homens, Ricardo Madeira, fugiu. Quando, no regresso, o

<sup>CXLIV</sup> Testemunhos nº 06050, 06001, 06809, 06798, 07332, 07522, 07523 e 07373.

<sup>CXLV</sup> Testemunhos nº 06957, 07335, 07521 e 06786. Os quatro nomes referidos figuram todos na “Daftar Nama Anggota Ex-GPK di Desa Bahatata Kecamatan Uatu-Carbau diturun Tahun 1978,” (Lista de Nomes de Antigos Membros do GPK no suco de Bahatata, subdistrito de Uatu-Carbau), assinada pelo chefe de suco de Bahatata, M305, e datada de 11 de Novembro de 1983. Ver também Entrevista da CAVR a Mateus Pinto, Uatu-Carbau, Viqueque, 5 de Outubro de 2003.

grupo se apresentou à unidade *Piton 12*, mandaram-nos procurar Ricardo e matá-lo. Foi morto em finais de Março de 1984 pelos seus amigos.<sup>CXLVI</sup>

A Comissão recebeu igualmente informações sobre outras mortes e desaparecimentos ocorridos no distrito de Viqueque. Em 1983, o comandante da *Hansip* em Ossu deteve Celestino dos Reis, que desapareceu posteriormente.<sup>CXLVII</sup> No dia 20 de Março de 1984, Cipriano Uala foi detido em Ossu por membros do *Kodim*, levado para um lugar chamado Leque Meta e executado.<sup>CXLVIII</sup>

Segundo as informações recebidas, em 1983, António, Manuel, Miguel, José e uma mulher chamada Hare Nahak foram mortos a tiro por membros do Batalhão de Infantaria 742 e do Batalhão de Fuzileiros 503 em Uma Ki'ik (Viqueque).<sup>CXLIX</sup> Segundo as informações recebidas, em Outubro desse ano, um homem chamado António foi detido e morto em Buikarin.<sup>CL</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 23 de Novembro de 1983 cinco homens foram detidos por elementos da Chandraca 7 e levados para o *Kodim* de Viqueque, tendo posteriormente desaparecido.<sup>CLI</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 28 de Março de 1983, ou por volta desse dia, dois homens, Jeremias Soares Pinto e Caetano de Fátima, desapareceram do *Kodim* de Viqueque.<sup>CLII</sup>

Segundo vários relatos recebidos pela Comissão, no dia 21 de Março de 1984, ou por volta desse dia, 16 a 18 pessoas desapareceram depois de serem levadas para detenção no posto da unidade Chandraca 7 em Uaitame.<sup>CLIII</sup>

Segundo as informações recebidas, dois homens chamados Domingos e Pedro foram mortos por membros do Batalhão 511 em Matahoi (Uatu-Lari, Viqueque).<sup>CLIV</sup> Segundo as informações recebidas, um homem chamado Júlio da Silva foi recrutado à força como *TBO* pelo Batalhão 406 em Macadique (Uatu-Lari, Viqueque), tendo depois desaparecido.<sup>CLV</sup>

Segundo as informações recebidas, em 1984, um combatente das Falintil capturado desapareceu do quartel-general do *Kodim* em Viqueque.<sup>CLVI</sup> Em Fevereiro de 1984, Calistro Soares, Benjamim e Paulo Gusmão foram detidos por membros das Forças Especiais (*Kopassus*), presos no posto do *Kodim* em Viqueque e posteriormente executados em Olobai.<sup>CLVII</sup>

**Table 23 - Pessoas executadas ou desaparecidas em Viqueque (1983/1984), segundo os relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. Celestino dos Reis	1983	Ossu	-	-	Desaparecido
2. António	1983	Uma Kiik	-	-	Morto
3. Manuel	1983	Uma Kiik	-	-	Morto
4. Miguel	1983	Uma Kiik	-	-	Morto
5. José	1983	Uma Kiik	-	-	Morto

<sup>CXLVI</sup> HRVD, Testemunho nº 07333.

<sup>CXLVII</sup> HRVD, Testemunho nº 04142.

<sup>CXLVIII</sup> HRVD, Testemunho nº 03134.

<sup>CXLIX</sup> HRVD, Testemunho nº 04140.

<sup>CL</sup> HRVD, Testemunho nº 03051.

<sup>CLI</sup> Entrevista da CAVR a Aleixo Rogério José, Lugasa, Viqueque, 14 de Dezembro de 2003.

<sup>CLII</sup> Entrevista da CAVR a Isabel da Silva, Beaço, Viqueque, 14 de Dezembro de 2003.

<sup>CLIII</sup> Testemunhos nº 06036, 07432, 07436, 07459, 07482, 07517 e 07518; ver também Entrevista da CAVR a Mateus da Silva, Uatu-Lari, Viqueque, 4 de Outubro de 2003.

<sup>CLIV</sup> HRVD, Testemunho nº 07465.

<sup>CLV</sup> HRVD, Testemunho nº 07354.

<sup>CLVI</sup> HRVD, Testemunho nº 04143.

<sup>CLVII</sup> Testemunhos nº 04123 e 04144.

6. Hare Nahak	1983	Uma Kiik	-	-	Morta
7. Domingos	1983?	Matahoi	-	-	Morto
8. Pedro	1983?	Matahoi	-	-	Morto
9. Júlio da Silva	1983	Makadique	28	-	Desaparecido
10. Manuel Soares	23 de Novembro de 1983	Lugasa	-	RK	Desaparecido
11. Manuel Soares	23 de Novembro de 1983	Lugasa	-	Secretário de suco	Desaparecido
12. Mariano Meneses	23 de Novembro de 1983	Lugasa	-	-	Desaparecido
13. Armindo Rangel	23 de Novembro de 1983	Lugasa	-	-	Desaparecido
14. Gregório da Cruz	23 de Novembro de 1983	Lugasa	-	-	Desaparecido
15. Calistro	11 de Fevereiro de 1984	Haderai	-	-	Executado
16. Benjamin	11 de Fevereiro de 1984	Haderai	-	-	Executado
17. Paulo Gusmão	11 de Fevereiro de 1984	Haderai	-	-	Executado
18. Cipriano Uala	20 de Março de 1984	Ossu	-	-	Executado
19. Jeremias S. Pinto	28 de Março de 1984	<i>Kodim</i> de Viqueque	-	-	Desaparecido
20. Caetano de Fátima	28 de Março de 1984	<i>Kodim</i> de Viqueque	-	-	Desaparecido
21. Mateus do Rosário	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
22. Katorje	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
23. Manuel	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
24. Alberto	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
25. Rui	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
26. Paulo 1	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
27. Paulo 2	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
28. Caetano	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
29. Angelina	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecida
30. Adriano	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
31. Lino	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
32. Luís	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
33. Afonso Pereira	Março de 1984	Uaitame	-	-	Desaparecido
34. Ricardo Maderia	31 de Março de 1984	Uani Uma	-	-	Espancado até à morte

#### Lautém

Durante o cessar-fogo de 1983, a Fretilin/Falintil manteve igualmente contactos com elementos timorenses da *Hansip* e da administração civil no subdistrito de Iliomar (Lautém), tendo sido preparado um levantamento de elementos da *Hansip*, marcado para o dia 8 de Agosto. No

entanto, antes que o plano pudesse ser levado adiante, membros da *Hansip* local fiéis às Forças Armadas indonésias mataram dois elementos da Resistência, Amílcar Rodrigues e Venâncio Sávio, durante uma reunião.<sup>CLVIII</sup>

Por volta da mesma data em que decorria o levantamento de Kraras e era descoberto o levantamento planeado para Iliomar, Miguel dos Santos, o *liurai* de Mehara (Tutuala, Lautém) organizou e chefiou a deserção de membros da *Hansip* no suco de Mehara. Segundo o relato de um depoente à Comissão, 33 elementos da *Hansip* desertaram das Forças Armadas indonésias e da Polícia, levando consigo as suas armas, na companhia de 40 civis, incluindo várias crianças.<sup>CLIX</sup> António dos Santos relatou à Comissão:

*Em 1982, muitas pessoas já sabiam da ligação entre o Raja [Rei] Miguel e Xanana, incluindo a reunião [de Xanana] com o bispo D. Martinho aqui realizada. Muitas pessoas forneceram também informações aos militares indonésios sobre as actividades do Raja Miguel. Por isso, depois da reunião com o bispo D. Martinho, o Raja Miguel foi aterrorizado e quase detido. Devido a esse facto, em 1983 fugiu...fugiu para a floresta, no dia 9 de Agosto. [Ele] levou consigo vários elementos da Hansip.*<sup>CLX</sup>

A Comissão recebeu igualmente informações sobre levantamentos em Leuro (Lospalos, Lautém), de onde dez elementos da *Hansip* desertaram no dia 8 de Agosto de 1983, e em Serelau, em Moro (Lautém).<sup>CLXI</sup>

As *ABRI* reagiram com extrema dureza a estes acontecimentos. A tática adoptada consistiu em purgar as fileiras da *Hansip* e da administração civil de possíveis simpatizantes das Falintil, executando pessoas suspeitas de serem membros do movimento clandestino, por vezes em público. Um grande número de civis foi também atingido pela repressão que se seguiu.

Após o homicídio de Amílcar Rodrigues e de Venâncio Sávio em Iliomar, os seus corpos foram trazidos para o quartel-general do *Koramil*. O comandante do *Koramil* ordenou aos elementos da *Hansip* que mandassem a população comparecer no local, fazendo tocar o sino. Quando as pessoas chegaram, começaram as detenções. Entre os detidos, encontravam-se todos os seis chefes de suco do subdistrito, que haviam participado nos contactos com a Fretilin durante o cessar-fogo.<sup>CLXII</sup>

A reacção dos militares em Iliomar foi particularmente brutal, incluindo numerosas detenções, o envio de cerca de 300 famílias do subdistrito para a ilha de Ataúro, maus-tratos e tortura, homicídios e execuções públicas. A repressão foi mais intensa nos sucos de Iliomar I, Cainliu, Fuat e Ailebere, embora atingisse todos os sucos do subdistrito.<sup>CLXIII</sup> Se bem que os funcionários dos sucos e os elementos da *Hansip* e da *Ratih* constituíssem os principais alvos desta repressão, as detenções ultrapassaram em muito o âmbito deste grupo e toda a população sofreu com a reposição das restrições à liberdade de movimentos, que muitas vezes

---

<sup>CLVIII</sup> Para uma descrição destes acontecimentos, ver CAVR — Perfis Comunitários de Cainliu, Ailebere, Iliomar I e Iliomar II (todos no subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém); CAVR, Relatório de Campo da Equipa de Investigação sobre Deslocação e Fome no subdistrito de Iliomar, 27 de Maio-4 de Junho de 2003; Testemunhos n° 03930 e 04008; e Ernest Chamberlain, *The Struggle in Iliomar: Resistance in Rural East Timor*, 2003, p. 24.

<sup>CLIX</sup> Entrevista da CAVR a Júlio dos Santos, Díli, 15 October 2004.

<sup>CLX</sup> Entrevista da CAVR a António dos Santos, Mehara (Tutuala, Lautém), 10 de Outubro de 2003; HRVD, Testemunho n° 00791.

<sup>CLXI</sup> Ver Entrevistas da CAVR a Gaspar Seixas e Fernando Amaral; e Documento n° 4/Ag/84, contribuição de Anthony Goldstone à CAVR, Arquivo da CAVR.

<sup>CLXII</sup> CAVR, Relatório de Campo da Equipa de Investigação sobre Deslocação e Fome no subdistrito de Iliomar, 27 de Maio-4 de Junho de 2003.

<sup>CLXIII</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Iliomar II, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém.

impossibilitaram a população de sair em busca de raízes e folhas para sobreviver. Segundo as informações recebidas, em 1983/1984, 97 pessoas morreram de fome e de doença.<sup>CLXIV</sup> Como acontecera em tempos anteriores, houve casos de pessoas mortas a tiro quando saíam em busca de alimentos.<sup>CLXV</sup>

Muitos elementos da *Hansip* e membros da administração civil foram detidos na segunda metade de Outubro. Entre eles contavam-se três colaboradores da administração local, incluindo o chefe da aldeia de Leilor, no suco de Ailebere, Francisco Serpa Rosa, e um quarto homem chamado Manuel da Costa, que era carpinteiro. Segundo as informações recebidas, os quatro haviam sido todos nomeados elementos de contacto entre as *ABRI* e as Falintil, durante o cessar-fogo.<sup>CLXVI</sup> Depois de serem os quatro duramente torturados por elementos da *Hansip* ligados ao *Koramil* de Iliomar, Francisco Serpa Rosa e Manuel da Costa foram entregues no posto do Batalhão 315, em Hilari, de onde foram levados e mortos.<sup>CLXVII</sup> Em Novembro de 1983, os membros da *Hansip* Carlos da Costa, Luís Lopes e Ernesto Madeira foram mortos por outros membros da *Hansip* em Dirilofo (Iliomar I, Iliomar).<sup>CLXVIII</sup> Provavelmente nesse mesmo mês, outro elemento da *Hansip*, Filomeno da Gama, igualmente empregado no posto do administrador subdistrital, foi executado, segundo as informações recebidas no campo de futebol de Iliomar.<sup>CLXIX</sup> Seguiram-se a detenção, libertação e nova detenção de várias pessoas, incluindo mulheres, que sofreram maus-tratos. No dia 3 de Dezembro, na presença do comandante do *Koramil* e de um oficial das Forças Especiais, o chefe de suco mandou a seis mulheres presas que espancassem com cacetes até à morte Belmonte Jerónimo, vice-chefe de suco. Uma das mulheres relatou à Comissão:

*Fui levada para o Koramil de Iliomar. Vi um homem chamado Belmonte ser espancado, torturado e cair inconsciente. Estavam lá também o chefe de suco, M306, e um elemento da Nanggala, chamado M307, de pé em frente à vítima. Então, M306 chamou-me, bem como M308 e M309. Foram-nos dados paus para batermos em Belmonte. Cumprimos a ordem e matámos a vítima.*<sup>CLXX</sup>

Pouco depois, possivelmente no dia seguinte, Fernando dos Santos foi morto por um membro da *Hansip* em Uatamatar (Ailebere, Iliomar) e Joaquim dos Santos foi morto por outro membro da *Hansip* no suco de Titililo.<sup>CLXXI</sup> No dia 9 de Dezembro, dois outros homens foram executados. Um depoente relatou à Comissão:

*Humberto e Marcelino foram também detidos e levados para interrogatório no suco de Cainliu. Durante o interrogatório, ambos deram o meu nome...como pessoa responsável pela organização das actividades clandestinas. Após o interrogatório, ambas as vítimas, Humberto e Martinho, foram levadas pela Hansip e mortas em Cainalor, na área de Cainliu.*<sup>CLXXII</sup>

<sup>CLXIV</sup> CAVR, Perfis Comunitários de Iliomar I, Ailebere e Fuat, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém.

<sup>CLXV</sup> CAVR, Perfis Comunitários de Tirilolo e Ailebere, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém.

<sup>CLXVI</sup> Documentos Judiciais de Zé Roberto Seixas Miranda Jerónimo (No: 57/PID/B/1984/PN.DIL).

<sup>CLXVII</sup> HRVD, Testemunho nº 04393 e CAVR, Perfil Comunitário de Ailebere (Iliomar, Lautém) Os outros dois, Américo Jerónimo e Fernando da Costa, foram levados para Díli e posteriormente julgados.

<sup>CLXVIII</sup> HRVD, Testemunho nº 04371; ver também Ernest Chamberlain, *The Struggle in Iliomar*, 2003, p. 25.

<sup>CLXIX</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Iliomar I, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém; Testemunhos nº 03918, 04446, 03973, 04371 e 03985; e Documentos Judiciais de Zé Roberto Seixas Miranda Jerónimo (No: 57/PID/B/1984/PN.DIL).

<sup>CLXX</sup> HRVD, Testemunho nº 03925; ver também Testemunhos nº 02113, 03924, 03912, 03949, 03986, 03997 e 04371; ver também Ernest Chamberlain, *The Struggle in Iliomar*, p. 25.

<sup>CLXXI</sup> HRVD, Testemunho nº 03928; ver também HRVD, Testemunho nº 09198.

<sup>CLXXII</sup> Testemunhos nº 03911 e 04406; ver também Ernest Chamberlain, *The Struggle in Iliomar*, 2003, p. 25.

As forças do *Koramil* e da *Hansip* também mandaram aos habitantes de Cainliu que espancassem até à morte Margarida da Costa e o seu marido, Paulo Fernandes. Um depoente relatou à Comissão:

*Em 1983, Margarida da Costa e o seu marido, Paulo Fernandes, foram detidos pelo elemento da Hansip M310 e presos no posto do suco de Cainliu, em Iliomar. Durante sete dias, ambos foram desnudados, sendo autorizados a vestir apenas roupa interior. Então M310 reuniu a comunidade de Cainliu e apresentou-lhes as duas vítimas sem roupa. Em seguida, as vítimas, marido e mulher, foram levadas para Suamutur e mortas com uma pancada na nuca. Margarida caiu para dentro do buraco que havia sido cavado antes de executarem Paulo Fernandes. M310, 311 e M312 mandaram a comunidade de Canliu assistir às execuções.*<sup>CLXXIII</sup>

Segundo as informações recebidas, logo após o homicídio de Margarida da Costa e de Paul Fernandes, a sua bebé de sete meses, Carsolita, morreu por falta de leite.<sup>CLXXIV</sup>

Por essa mesma época, o *Koramil* e *Hansip* de Iliomar também obrigaram civis em Cainliu a matarem Martinho, Venâncio e Américo em público.<sup>CLXXV</sup> Carlos Correia, Joaquim Sanches, José Anunciação e António Jerónimo foram igualmente espancados até à morte em público em Dirilofo (Iliomar I, Iliomar).<sup>CLXXVI</sup>

**Table 24 - Pessoas executadas em Iliomar (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. Filomeno da Gama	9 de Setembro de 1983	Iliomar	26	<i>Hansip</i>	Morto
2. Carlos da Costa	Novembro de 1983	Dirilofo	27	<i>Hansip</i>	Morto
3. Luís Lopes	Novembro de 1983	Dirilofo	24	<i>Hansip</i>	Morto
4. Ernesto Madeira	Novembro de 1983	Dirilofo	23?	<i>Hansip</i>	Morto
5. Manuel da Costa	Novembro de 1983	Larimata, Ailebere	-	-	Morto
6. Francisco Serpa Rosa	Novembro de 1983	Larimata, Ailebere	-	-	Morto
7. Belmonte Jerónimo	3 de Dezembro de 1983	Iliomar	-	Adjunto Chefe de suco	Espancamento fatal
8. Fernando dos Santos	4 de Dezembro de 1983	Tirililo	25	-	Baleado
9. Joaquim dos Santos	4 de Dezembro de 1983	Tirililo	20	-	Baleado

<sup>CLXXIII</sup> HRVD, Testemunho nº 03960; ver também Testemunhos nº 03946, 04008 e 03920; ver também Ernest Chamberlain, *The Struggle in Iliomar*, 2003, p. 25.

<sup>CLXXIV</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Cainliu, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém.

<sup>CLXXV</sup> HRVD, Testemunhos nº 03946, 04401, 04008 e 04406.

<sup>CLXXVI</sup> HRVD, Testemunhos nº 03997, 03973, 09171 e 04440.

10. Marcelino Hornay	9 de Dezembro de 1983	Cainliu	22	-	Baleado
11. Margarida da Costa	14 de Dezembro de 1983	Cainliu	24	-	Execução pública
12. Paulo Fernandes	14 de Dezembro de 1983	Cainliu	37	-	Execução pública
13. Martinho Monteiro	22 de Dezembro de 1983	Cainliu	-	<i>Hansip</i>	Execução pública
14. Humberto da Cruz	22 de Dezembro de 1983	Cainliu	-	<i>Hansip</i>	Executado
15. Venâncio da Costa	22 de Dezembro de 1983	Cainliu	24	-	Execução pública
16. Américo Cipriano	22 de Dezembro de 1983	Cainliu	25	-	Execução pública
17. Carlos Correia	22 de Dezembro de 1983	Dirilofo	35	Secretário da Fretilin	Execução pública
18. Joaquim Sanches	22 de Dezembro de 1983	Dirilofo	36	Catequista	Execução pública
19. José Anunciação	22 de Dezembro de 1983	Dirilofo	20	-	Execução pública
20. António Jerónimo	22 de Dezembro de 1983	Dirilofo	-	-	Execução pública
21. Cláudio Ferreira	Dezembro de 1983	Iliomar II	-	-	Desaparecido
22. Amílcar dos Santos	1983	Iliomar I	34***		
23. Ernesto dos Santos	1983	Iliomar I	35***		
24. Mateus Pinto	1983	Iliomar I	48***		
25. Alfredo Pinto	1983	Iliomar I	51***		
26. João Ruas	1983	Iliomar I	30***		
27. Raimundo Pinto	1983	Iliomar I	56***		
28. António da Costa	1983	Iliomar I	34***		

Em Mehara, de onde haviam desertado os membros da *Hansip* chefiados por Miguel dos Santos, houve igualmente represálias em larga escala. Segundo as informações recebidas, as tropas indonésias mataram João Albuquerque em finais de Agosto de 1983.<sup>CLXXVII</sup> Diversas unidades militares das Forças Armadas foram destacadas para o suco, incluindo *Sater* 515, o Batalhão 641, as Forças Especiais (*Kopassus*) e o Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100. Fizeram detenções e perpetraram tortura e violência sexual, bem como homicídios e desaparecimentos. Os habitantes das aldeias de Loikere e Porlamano foram transferidos para a escola primária de Mehara, sendo ali mantidos durante vários meses.<sup>CLXXVIII</sup>

Segundo as informações recebidas, o Batalhão 641 e o Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100 perpetraram numerosas execuções e desaparecimentos entre os aldeões. Segundo as

<sup>CLXXVII</sup> HRVD, Testemunho nº 00791.

<sup>CLXXVIII</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Mehara, subdistrito de Tutuala, distrito de Lautém.

informações recebidas, o Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100 executou um homem no dia 7 de Outubro,<sup>CLXXIX</sup> outro a 15 de Novembro e outro a 20 de Novembro,<sup>CLXXX</sup> além de dois outros a 25 de Novembro.<sup>CLXXXI</sup> Sabina das Dores falou à Comissão nestas execuções:

*No dia 14 de Novembro de 1983, detiveram-me e levaram-me para o posto do Batalhão de Infantaria 641 e do Batalhão Aerotransportado 100, em Mehara. Torturaram-me, queimando-me com cigarros...Nesse mesmo dia, Mateus foi morto. Atiraram fora o corpo dele e até hoje ninguém sabe onde está.*<sup>CLXXXII</sup>

Em Poros (Mehara, Tutuala, Lautém), nos finais de 1983, os militares indonésios realizaram execuções públicas e muitas pessoas desapareceram depois de serem detidas na prisão.<sup>CLXXXIII</sup> Em Outubro, sete pessoas, incluindo um membro da *Hansip*, foram levadas para o *Kodim* de Lospalos pelo Batalhão de Infantaria Aerotransportado 100 e desapareceram.<sup>CLXXXIV</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 13 de Novembro de 1983, cinco pessoas — Karasu Malay, Frederico do Carmo, Francisco Cristovão, Gilberto e Manuel de Jesus — foram executadas em público, uma a uma, perto da Gruta de Macakuro, em Poros, por membros do Batalhão 641. Segundo as informações recebidas, foram mortos como represália pela morte de um *TBO* pelas Falintil.<sup>CLXXXV</sup> No dia 25 de Dezembro de 1983, três homens, Óscar Lopes, Álvaro Gomes e Francisco Lopes foram detidos em Poros por membros do Batalhão 641 e levados para o quartel-general do *Kodim* em Lospalos e posteriormente desapareceram. A mulher de Óscar Lopes, Gracilda Guimarães, dirigiu-se à audiência pública nacional, falando sobre a prisão e desaparecimento do seu marido.

*O meu marido era professor da escola primária em Poros e líder de uma organização clandestina chamada Loriku Assuwain. Em 1983, um grupo formado por membros da Hansip de Poros reuniu-se às Falintil na floresta. Várias semanas mais tarde, o comandante militar de Tutuala obrigou o meu marido a participar na operação Cerco de Pernas durante um mês, para procurar os membros da Hansip que haviam fugido. No dia 13 de Novembro de 1983, a Hansip, juntamente com as ABRI 641 de Poros, chegaram a casa para deter o meu marido. Vários dias mais tarde libertaram-no. [Depois de estar preso durante três noites], o meu marido...e vários dos seus amigos foram levados para o Posto do Comando Militar (Kodim) 1629, em Lospalos. Até hoje, o meu marido e dois dos seus amigos nunca mais voltaram. Um terceiro amigo foi libertado e regressou a Poros, ali fazendo a sua vida.*<sup>CLXXXVI</sup>

A Comissão recebeu informações sobre a execução ou desaparecimento das seguintes pessoas em Mehara, em finais de 1983 e princípios de 1984:

<sup>CLXXIX</sup> HRVD, Testemunhos nºs 00737 e 00761.

<sup>CLXXX</sup> HRVD, Testemunho nº 09151.

<sup>CLXXXI</sup> HRVD, Testemunhos nºs 00761, 00726, e 00727.

<sup>CLXXXII</sup> HRVD, Testemunho nº 00707. Os homicídios de 25 de Novembro encontram-se descritos HRVD, Testemunhos nºs 00746, 00761, 07092, 00763 e 00755.

<sup>CLXXXIII</sup> Ver Documento nº 4/Ag/84, contribuição à CAVR de Anthony Goldstone, Arquivo da CAVR.

<sup>CLXXXIV</sup> Ver HRVD, Testemunho nº 07582.

<sup>CLXXXV</sup> HRVD, Testemunho nº 01646.

<sup>CLXXXVI</sup> Gracilda Guimarães, depoimento apresentado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Prisão por Motivos Políticos, 17 e 18 de Fevereiro de 2003; ver também HRVD, Testemunhos nºs 00777, 00784, 00787 e 09151.

**Table 25 - Pessoas executadas em Mehara (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. João Albuquerque	Agosto de 1983	Mehara	30	Camponês	Baleado
2. Jorge Nascimento	7 de Outubro de 1983	Loikere	~50	Camponês	Queimado até à morte
3. Mateus Gonzaga	15 de Novembro de 1983	Loikere	~63	-	Executado
4. Orlando	20 de Novembro de 1983	Tolofai	-	-	Baleado
5. Gaspar Nunes	25 de Novembro de 1983	Porlamano	37	-	Queimado até à morte
6. José Manuel Inácio	25 de Novembro de 1983	Loikere	42	-	Queimado até à morte
7. Alexandre Correia	1983	Porlamano	-	-	Baleado
8. Ernesto da Américo	1983	Loikere	-	-	Baleado
9. Francisco Lopes	Outubro de 1983	Poros	29	Chefe RT	Baleado
10. Cristovão Lopes	Outubro de 1983	Poros	30	-	Desaparecido
11. Constantino da Costa	Outubro de 1983	Poros	24	-	Desaparecido
12. Damião Lopes	Outubro de 1983	Poros	24	<i>Hansip</i>	Desaparecido
13. Loureiro	Outubro de 1983	Poros	28	-	Desaparecido
14. Álvaro dos Santos	Outubro de 1983	Poros	31	-	Desaparecido
15. António Soares	Outubro de 1983	Poros	19	-	Baleado
16. Karasu Malay	13 de Novembro de 1983	Poros	50	-	Executado
17. Francisco Cristovão	13 de Novembro de 1983	Poros	30	-	Executado
18. Frederico	13 de Novembro de 1983	Poros	32	-	Executado
19. Gilberto	13 de Novembro de 1983	Poros	28	-	Executado
20. Manuel de Jesus	13 de Novembro de 1983	Poros	34	-	Executado
21. Óscar Lopes	7 de Janeiro de 1984	Poros	25	Professor	Desaparecido
22. Álvaro Gomes	7 Jan. 84	Poros	32	-	Desaparecido
23. Mateus Pedro	11 de Janeiro de 1984	Poros	23	Comandante	Desaparecido
24. Raul dos Santos	11 de Janeiro de 1984	Poros	-	-	Desaparecido

25. Amâncio	11 de Janeiro de 1984	Poros	18	Estudante	Desaparecido
26. Joaquim	11 de Janeiro de 1984	Poros	17	Estudante	Desaparecido
27. Olinda	11 de Janeiro de 1984	Poros	22	-	Desaparecida
28. Ermelinda	11 de Janeiro de 1984	Poros	22	-	Desaparecida

A repressão alargou-se a lugares de Lautém onde não tinha havido qualquer levantamento. Os alvos preferidos foram os membros da *Hansip/Ratih* e da administração civil, as pessoas suspeitas de pertencerem a redes clandestinas e as famílias de pessoas com parentes na Resistência, incluindo sobretudo todas as pessoas que haviam recentemente fugido para a floresta.

Por exemplo, no dia 28 de Agosto de 1983, membros do Batalhão 745 detiveram o membro da *Hansip* Paulo Marques, de 24 anos, natural de Home, perto de Lospalos, e executaram-no posteriormente. No dia 5 de Setembro de 1983, elementos do *Kodim* detiveram Nicolau Flores, um membro da *Ratih* em Moro e executaram-no vários dias mais tarde. Em princípios de Janeiro, outro membro da *Ratih* chamado Tiago Bandeira dos Doreis foi detido e torturado. Em finais de Janeiro de 1984, em Moro, um terceiro membro da *Ratih*, chamado Alfredo Coutinho, foi detido e torturado. A sua mulher, que regularmente lhe levava as refeições, informou que ele desapareceu da prisão em Abril.<sup>CLXXXVII</sup>

Em Loré (Lospalos, Lautém), em Agosto de 1983, os militares indonésios reagiram ao levantamento da *Hansip* detendo várias mulheres suspeitas de terem parentes na Resistência. Pouco tempo depois, as Falintil atacaram as forças indonésias na área de Loré. O Batalhão 641 retaliou com tiros de morteiro contra o campo de reinstalação de Maluro (Loré I, Lospalos), matando nove pessoas com 3 a 50 anos de idade. Em Novembro de 1983, quatro pessoas foram detidas, uma das quais foram executadas.<sup>CLXXXVIII</sup> Em finais de 1983, elementos da *Kopassus* detiveram seis homens. O corpo de uma destas pessoas foi posteriormente exibido por todo o suco; segundo as informações recebidas, os outros cinco desapareceram. Segundo Raul da Costa Pite:

*Depois do ataque [das Falintil], dois elementos dos Comandos, chamados M313 e M314 trouxeram-me e aos meus amigos ao Posto de Comando...Quando chegámos ao posto, amarraram-nos as mãos e deixaram-nos expostos ao sol. Os membros dos Comandos apedrejaram-nos. No dia seguinte, reuniram os habitantes de Maluro numa assembleia e, então, queimaram o corpo de António em Maluro. Mas não sei do paradeiro dos outros.*<sup>CLXXXIX</sup>

Segundo as informações recebidas, duas outras pessoas, Amando Castanheira e Jeferino, foram mortos por um “Komando” (termo habitualmente aplicado aos membros das Forças Especiais, *Kopassandha/Kopassus*) e por membros da *Hansip* local, em Loré, em 1983.<sup>CXC</sup> Em Fevereiro de 1984, um homem foi executado e um membro da *Ratih* foi detido. Um depoente relatou à

<sup>CLXXXVII</sup> Ver Documento nº 4/Ag/84, Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone, Arquivo da CAVR.

<sup>CLXXXVIII</sup> *Ibid.*; ver também HRVD, Testemunho nº 05330.

<sup>CLXXXIX</sup> HRVD, Testemunho nº 02794; Entrevista da CAVR a Raul da Costa Pite, Loré (Lospalos, Lautém), 9 de Outubro de 2003.

<sup>CXC</sup> HRVD, Testemunhos nºs 05320, 05330 e 02794; Entrevista da CAVR a Raul da Costa Pite, Loré (Lospalos, Lautém), 9 de Outubro de 2003; e Documento nº 4/Ag/84, Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone, Arquivo da CAVR.

Comissão que, em 1984, membros das Forças Especiais detiveram cinco homens em Maluro, executando-os.<sup>CXCI</sup> Outro depoente relatou à Comissão que membros da *Hansip* mataram Mário Nogueira em Maluro, em 1984.<sup>CXCII</sup>

**Table 26 - Pessoas mortas em Loré (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. J. Levano	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	40	-	Fogo de morteiro
2. Ana Moe	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	18	-	Fogo de morteiro
3. Halu Palinu	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	12	-	Fogo de morteiro
4. Kaia Moe	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	20	-	Fogo de morteiro
5. Paia Moe	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	15	-	Fogo de morteiro
6. Jacinta Ximenes	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	26	-	Fogo de morteiro
7. Célia Ximenes	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	3	-	Fogo de morteiro
8. J Romono	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	16	-	Fogo de morteiro
9. Kulu Leve	4 de Novembro de 1983	Maluro, Loré I	50	-	Fogo de morteiro
10. Amândio Castanheira	17 de Novembro de 1983	Horo Lata, Loré I	28	Professor	Executado
11. Jaime Castelo	6 de Fevereiro de 1984	Loré 2	23	Mecânico	Executado
12. António Pinto	1984	Maluro, Loré I	-	-	Morto
13. Luís Bianco	1984	Maluro, Loré I	-	-	Morto
14. Ratunkia	1984	Maluro, Loré I	-	-	Morto
15. Mauromonu	1984	Maluro, Loré I	-	-	Morto
16. Letilere	1984	Maluro, Loré I	-	-	Morto
17. Mário Nogueira	1984	Maluro, Loré I	-	-	Morto

Segundo informações igualmente recebidas pela Comissão, muitas pessoas foram mortas ou desapareceram do quartel-general do *Kodim* de Lautém, em 1983. Entre elas incluiu-se um grupo de quatro pessoas presas no quartel-general do *Kodim*, que foram posteriormente executadas,<sup>CXCIII</sup> um grupo de seis pessoas que foram mortas ou desapareceram,<sup>CXCIV</sup> um homem chamado Armindo da Silva, que desapareceu,<sup>CXCV</sup> um homem chamado Damião Dias

<sup>CXCI</sup> HRVD, Testemunho n° 05399.

<sup>CXCII</sup> HRVD, Testemunho n° 05400.

<sup>CXCIII</sup> HRVD, Testemunho n° 07592.

<sup>CXCIV</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01674, 05350 e 07591, embora com ligeiras diferenças nos nomes.

<sup>CXCV</sup> HRVD, Testemunho n° 07595.

Martins, que foi preso e desapareceu,<sup>CXCVI</sup> e um homem chamado José, de Com, que desapareceu.<sup>CXCVII</sup> Em 1984, segundo as informações recebidas, Pedro Cardoso, Gabriel Correia e António Oliveira desapareceram do *Kodim* de Lospalos.<sup>CXCVIII</sup> Segundo as informações recebidas, três outras pessoas — António, Gabriel e Pedro — foram presas no *Kodim* de Lospalos e posteriormente executadas no dia 28 de Julho de 1984.<sup>CXCIX</sup> Por fim, segundo as informações recebidas, em Dezembro de 1984, um homem chamado Teodoro foi morto pelo 131º Batalhão de Infantaria no suco de Serlau (Lospalos, Lautém).<sup>CC</sup>

**Table 27 - Pessoas executadas ou desaparecidas em Lospalos (1983), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. José Monteiro	1983	-	-	-	Executado
2. Sebastião	1983	-	-	-	Executado
3. Raimundo	1983	-	-	-	Executado
4. Risantula	1983	-	-	-	Executado
5. Armindo da Silva	1983	-	-	-	Desaparecido
6. Damião Dias Martins	Setembro de 1983	Kerana	-	-	Desaparecido
7. António de Oliveira	14 de Outubro de 1983	-	-	-	Desaparecido
8. Pedro dos Santos	14 de Outubro de 1983	-	-	-	Desaparecido
9. Mário Pinto	14 de Outubro de 1983	-	-	-	Desaparecido
10. Orlando Mendes	14 de Outubro de 1983	-	-	-	Desaparecido
11. José Eurico	14 de Outubro de 1983	-	-	-	Desaparecido
12. António da Silva	14 de Outubro de 1983	-	-	-	Desaparecido
13. Fernão F. Gusmão	Fevereiro de 1984	-	-	-	Injecção mortal
14. António	28 de Julho de 1984	Kodim de Lospalos	-	-	Morto
15. Gabriel	28 de Julho de 1984	Kodim de Lospalos	-	-	Morto
16. Pedro	28 de Julho de 1984	Kodim de Lospalos	-	-	Morto

Em Fuiloro, um homem chamado Fernando da Conceição foi morto por um oficial da *Kopassandha* em 1983.<sup>CCI</sup> Também em Fuiloro, segundo as informações recebidas, um homem chamado Agustinho foi morto por militares da unidade *Nanggala* no dia 25 de Agosto de 1984.<sup>CCII</sup>

<sup>CXCVI</sup> HRVD, Testemunho nº 00768.

<sup>CXCVII</sup> HRVD, Testemunho nº 02295.

<sup>CXCVIII</sup> HRVD, Testemunhos nºs 07606 e 07613; HRVD, Testemunho nº 07604 relata que António e Pedro foram mortos em 1984.

<sup>CXCIX</sup> HRVD, Testemunho nº 07613.

<sup>CC</sup> HRVD, Testemunho nº 07801.

<sup>CCI</sup> HRVD, Testemunho nº 08748.

<sup>CCII</sup> HRVD, Testemunho nº 08726.

No suco de Raça, Luís Silveiro, membro do parlamento provincial, foi detido e levado para o quartel-general do *Kodim* de Lospalos, onde foi torturado, tendo posteriormente desaparecido no dia 4 de Dezembro de 1983, ou por volta desse dia. Um depoente relatou à Comissão:

*No dia 20 de Setembro de 1983, o Babinsa M315, o polícia M316 e um soldado do TNI entraram pela casa de Luís Silveiro adentro e levaram todos os documentos relacionados com o movimento clandestino. Horas mais tarde, um agente da Polícia Militar veio e deteve-o. No momento da detenção, os perpetradores disseram à mulher de Luís, Casilda Serra, que Luís fora levado para estudar...Luís foi levado para o Kodim de Lospalos e preso. Passado um mês, a cela estava vazia. Luís desapareceu, até hoje.*<sup>CCIII</sup>

---

<sup>CCIII</sup> HRVD, Testemunho nº 07618; ver Documento Nº 4/Ag/84, Documento disponibilizado à CAVR de Anthony Goldstone, Arquivo da CAVR; ver também Entrevista da CAVR a Júlio dos Santos, Díli, 15 de Outubro de 2004.

## Execução Pública em Muapitine

Num incidente particularmente brutal ocorrido em Muapitine (Lospalos, Lautém), em finais de 1983, os soldados indonésios obrigaram os habitantes locais a assassinar outros habitantes suspeitos de simpatizarem com as Falintil.<sup>CCIV</sup> O relato seguinte foi apresentado por Mariana Marques, mulher de uma das vítimas, durante a Audiências Pública Nacional da CAVR sobre Massacres:

*No dia 25 de Novembro de 1983, três membros das ABRI do Kodim 1629 de Lospalos apareceram e capturaram o meu marido, Ângelo da Costa, porque era representante da Resistência no suco de Muapitine. Dois dos seus amigos foram levados ao mesmo tempo: Lino Xavier, que era o vice-representante do suco de Muapitine, e Álvaro Pereira, um membro da Ratih que fornecia balas à Fretilin [sic, Falintil]. Logo depois disso, as ABRI detiveram também Gilberto, Leonel Oliveira, Alarico e José Vicente. No dia 6 de Dezembro de 1983, as ABRI libertaram Gilberto, Alarico e José Vicente. No dia seguinte, o chefe de suco de Muapitine anunciou que na manhã seguinte todo o povo do suco de Muapitine se devia reunir junto aos escritórios do suco para saudar o coronel das ABRI.*

*Por volta das 6 horas da manhã, o povo de Muapitine reuniu-se junto aos escritórios do suco para dar as boas-vindas ao coronel, com danças tebe-tebe. Às 7 da manhã, ele chegou com o Batalhão 1629, o administrador do distrito de Lautém, Cláudio Vieira, o meu marido e os quatro amigos do meu marido — Lino Xavier, Álvaro Pereira, Alberto e Leonel Oliveira.*

*Ao chegarem, o coronel das ABRI e o administrador do distrito de Lautém colocaram três garrafas de vinho de palma sobre a mesa e verteram-no para cinco copos. Então eles chamaram o meu marido e os outros quatro homens para bebê-lo. Quando acabaram de beber o vinho, o administrador do distrito levantou-se e disse que o meu marido e os seus quatro amigos tinham cometido crimes e iam ser mortos.*

*Então eles chamaram o meu marido e mandaram a Júlio, chefe de suco de Muapitine, que o matasse. Júlio deu um passo em frente e disse ao meu marido: “Ângelo, levanta a cabeça porque eu vou cortar-te a garganta.” O meu marido ergueu a cabeça e Júlio golpeou-lhe o pescoço com uma baioneta. O meu marido caiu no chão, ainda a respirar. Em seguida, chamaram Lino Xavier e mandaram a Armando que o matasse. Armando cravou a sua catana no peito de Lino, mas Lino não morreu. Armando ordenou às pessoas presentes que cortassem Lino em pedaços. Com medo, as pessoas fizeram o que ele lhes mandou.*

*Depois, trouxeram Leonel Oliveira. Aleixio cravou a baioneta no peito de Leonel até matá-lo. Então Veríssimo esfaqueou Alberto até à morte, por ordem das ABRI. A última pessoa a ser chamada foi Álvaro. Álvaro começou a chorar, dizendo: “Mas que crime fiz eu, para merecer ser executado em público?” Mas eles ignoraram-no e o chefe de suco de Muapitine matou Álvaro, cumprindo as instruções das autoridades.*

*Depois da execução dos cinco homens, o administrador do distrito de Lautém, Cláudio Vieira, mandou a comunidade de Muapitine levar os corpos para os respectivos sucos de origem, a fim de serem enterrados. [No entanto, o meu marido] Ângelo da Costa ainda não morrera. Um membro da Hansip do Kodim, Victor, recebeu ordens para esfaquear Ângelo. Victor trespassou o corpo de Ângelo com uma baioneta, mas mesmo assim Ângelo não morreu. Levei o Ângelo para a aldeia de Puakelu, com membros dessa comunidade. Quando chegámos a Puakelo, Ângelo ainda respirava. Às 5 da tarde, ainda não o tínhamos enterrado, porque ele ainda estava vivo.*

<sup>CCIV</sup> Ver Entrevista da CAVR a Gonçalo da Silva, 8 de Outubro de 2003.

Um membro do Batalhão 641 obrigou-os a enterrar Ângelo. Mas Ângelo disse: “Porque me vão enterrar, se ainda estou vivo?” Nessa altura, um membro do Batalhão 641, que também era professor de religião, mandou-me tirar a camisa de Ângelo, limpar-lhe o sangue e tratar-lhe das feridas.

Ângelo pediu-me que falasse com o comandante do Posto 641, para não o enterrarem. Fui ao Posto 641 e dei ao comandante o recado do meu marido. O comandante do Posto pediu-me que esperasse, enquanto relatava por rádio ao administrador do distrito de Lospalos a situação de Ângelo... O administrador do distrito insistiu que Ângelo devia ser enterrado. O comandante do Posto deu-me a resposta do administrador do distrito de Lautém, dizendo: “Mesmo que tivesse um só dos braços cortado, se o administrador do distrito manda que o enterrem, então ele deve ser enterrado”.

Guardado por dois membros do Batalhão 641, Ângelo, que ainda estava vivo, foi posto dentro de um buraco com meio metro de profundidade. Deitaram cinzas para dentro do buraco, para cobri-lo. Ângelo fez grandes esforços para tirar as cinzas de cima do corpo, mas não conseguiu. Eles insistiram em enterrar Ângelo [e] Ângelo ergueu as mãos e disse-me: “Beija-me a mão. Vai e toma conta dos nossos dois filhos, porque eu não quero que percamos a geração futura.” Eu escutei as últimas palavras de Ângelo, aproximei-me dele e beijei-lhe a mão. Depois disso, um membro do Batalhão levou-me para casa. Ângelo foi enterrado vivo às 6 da tarde, na aldeia de Puakelu.<sup>CCV</sup>

A Comissão compilou as seguintes informações sobre a idade e ocupações dos cinco homens executados em Muapitine.

**Table 28 - Pessoas executadas em Muapitine, em Dezembro de 1983, conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. Ângelo da Costa	7 de Dezembro de 1983	Malahara	29	Funcionário administrativo	Execução pública
2. Álvaro Freitas	7 de Dezembro de 1983	Muapitine	30	Ratih	Execução pública
3. Lino Xavier	7 de Dezembro de 1983	Pefitu	30	Vice-representante do suco	Execução pública
4. Alberto dos Santos	7 de Dezembro de 1983	Vailoro	31	Chefe RT	Execução pública
5. Leonel Oliveira	7 de Dezembro de 1983	Muapitine	36	-	Execução pública

<sup>CCV</sup> Mariana Marques, depoimento apresentado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.

Em Março de 1984, um grande número de civis, incluindo membros da *Ratih*, foram detidos em Luro por elementos das Forças Especiais. Várias destas pessoas foram executadas ou desapareceram posteriormente.<sup>CCVI</sup> A Comissão recebeu igualmente um relato, segundo o qual, em 1984, membros do Batalhão 315 mataram um homem chamado Félix da Costa em Lakawa,<sup>CCVII</sup> e Luís Adelaide foi detido e posteriormente desapareceu.<sup>CCVIII</sup>

**Table 29 - Pessoas executadas ou desaparecidas do subdistrito de Luro, 1984, conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Local	Idade	Ocupação	Descrição
1. Ilifai [Elifahi]	3 de Março de 1984	Luro	-	-	Baleado
2. João Freitas	3 de Março de 1984	Luro	28	-	Executado
3. Luís Ramos	3 de Março de 1984	Luro	-	<i>Liurai</i>	Morte por tortura
4. Félix da Costa	1984	Lakawa	-	-	Baleado
5. Luís Adelaide	1984	Luro	-	-	Desaparecido

Embora os primeiros homicídios em Lautém só tivessem lugar em finais de Agosto, princípios de Setembro de 1983, a grande maioria destes casos registaram-se nos últimos três meses de 1983, após o que se verificou um decréscimo abrupto das execuções extrajudiciais e desaparecimentos de civis.

**Table 30 - Violações fatais e desaparecimentos em Lautém, Agosto de 1983/Março de 1984, conforme relatos recebidos pela CAVR**

Local	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Mês?	Total
Mehara	1	-	8	9	-	8	-	-	2	28
Moro	-	1	-	-	-	1	-	-	1	3
Home	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Fuiloro	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Raça	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Muapitine	-	-	-	-	5	-	-	-	-	5
Lospalos	-	1	6	-	-	-	1	-	8	16
Loré	-	-	-	10	-	-	1	-	11	22
Iliomar	-	1	-	3	15	-	-	-	9	28
Luro	-	-	-	-	-	-	-	3	2	5
Total	2	3	14	22	21	9	2	3	35	111

#### *Baucau*

A Comissão recebeu informações sobre as mortes ilícitas e desaparecimentos de, pelo menos, 27 pessoas no distrito de Baucau em 1983/1984. Das 27 pessoas mortas ou desaparecidas de que a Comissão tomou conhecimento, em apenas oito casos a violação fatal não foi precedida

<sup>CCVI</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 02777, 02796 e 02797; ver também Documento n.º 4/Ag/84, Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone (Arquivo da CAVR), onde se relata o desaparecimento de várias pessoas que aparentemente foram detidas em Díli, mas que posteriormente foram libertadas.

<sup>CCVII</sup> HRVD, Testemunho n.º 02789.

<sup>CCVIII</sup> HRVD, Testemunho n.º 05355.

de prisão. Neste número não se incluem pelo menos 20 pessoas de Baucau que foram primeiro levadas para Díli e Kupang, onde foram mortas ou desapareceram. Estes casos são abrangidos pela subsecção dedicada a Díli, mais adiante. Porém, mesmo que essas pessoas sejam incluídas no número total de mortes ilícitas e desaparecimentos ocorridos no distrito de Baucau em 1983/1984, a Comissão crê ser provável que o total efectivo fosse consideravelmente mais elevado.

Segundo informações recebidas pela Comissão, em Ossoala (Vemasse), pelo menos dez pessoas foram presas em Setembro de 1983 por membros da *Hansip* local, destacados junto de uma unidade paramilitar chamada Tim Lorico, tendo desaparecido.<sup>545</sup> Francisco Sebastião Gomes relatou à Comissão:

*No dia 22 de Setembro de 1983, André Gusmão foi detido pelos militares indonésios nas instalações administrativas da aldeia de Ossoala, juntamente com o seu sobrinho Alexandre Gomes, às 3 da tarde. Foram detidos com outras 9 pessoas, nomeadamente Alexandre da Costa Freitas, Celestino Pereira, Raimundo Pereira, Feliciano Correia, Jacob Correia, Mário Pereira Gusmão, Raimundo Freitas Correia, Cosme Gusmão, [e] Rui Francisco Correia pelo Tim Lorico, um dos grupos da Hansip existentes em Baucau...Os 10 presos foram levados para Ostico. Caminharam pelo seu pé, com as mãos amarradas. Detiveram-nos porque [suspeitaram que] faziam reuniões frequentes com o Comandante-em-chefe das Falintil, Xanana Gusmão, em Diuk. Desde a sua detenção, nunca mais se conheceu o paradeiro destas pessoas.*<sup>546</sup>

**Table 31 - Pessoas desaparecidas da Aldeia de Ossoala (23 de Setembro de 1983), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. Mário P. Gusmão	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
2. Cosme Gusmão	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
3. Celestino Pereira	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
4. Raimundo Pereira	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
5. André Gusmão	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
6. Feliciano Correia	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
7. Alexandre da Costa	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
8. Raimundo F Correia	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido
9. Rui F. Correia	23 de Setembro de	Ossoala			Desaparecido

	1983				
10. Jacob Correia	23 de Setembro de 1983	Ossoala			Desaparecido

Segundo as informações recebidas, José Meneses foi torturado até à morte pelos militares indonésios em Julho de 1983, quando estava preso em Baucau.<sup>547</sup> Segundo as informações recebidas, um homem chamado Sies Co'o Saba foi detido em Tequinaumata (Laga) e levado para Lacudala, onde foi executado pelos militares indonésios.<sup>548</sup> Segundo as informações recebidas, em Garuai (Baucau), um homem chamado João Bosco e mais quatro pessoas foram executados pelos militares indonésios em 1983.<sup>549</sup>

Este padrão de prisões e homicídios, ou desaparecimento, manteve-se no distrito de Baucau até 1984. Segundo as informações recebidas, no dia 8 de Março de 1984, Simplisio Guterres foi detido em Uailili (Baucau) por membros da *Hansip* e desapareceu.<sup>550</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 24 de Março de 1984, Hermenegildo P. Guterres foi morto por membros do Batalhão 501 em Baguia.<sup>551</sup> Também em Março, os militares indonésios detiveram Joaquim Neto da Costa em Triloka (Baucau); segundo as informações recebidas, ele foi morto em Maio de 1984.<sup>552</sup> No dia 13 de Maio de 1984, tropas das Falintil atacaram Cairabela Taci (Vemasse) e mataram pelo menos dois soldados indonésios, dois membros da *Hansip* e três civis. Os militares indonésios retaliaram, detendo e matando um número não especificado de pessoas.<sup>553</sup> Em Bucoli (Baucau), no dia 30 de Maio de 1984, os militares indonésios detiveram Tomás da Silva, Jacinto da Silva e Vicente Freitas, levando-os para Baucau. Segundo as informações recebidas, foram mortos nessa mesma noite.<sup>554</sup>

Outro depoente relatou à Comissão que, em Maio de 1984, dois homens chamados António Ximenes e Domingos Castro desapareceram do *Kodim* de Baucau. Disseram às suas mulheres que ambos haviam sido enviados para a escola.<sup>555</sup> Segundo outro relato recebido pela Comissão, os dois homens foram mortos em Baguia por membros do Batalhão 501 e outro homem chamado Leão foi torturado e posteriormente morreu no hospital em Baucau.<sup>556</sup>

Uma ocorrência típica de prisão seguida de desaparecimento teve lugar no *Kodim* de Baucau, em Novembro de 1984. Segundo depoimentos de testemunhas, seis civis foram presos no *Kodim* de Baucau, dois dos quais desapareceram. Um depoente relatou à Comissão:

*No dia 1 de Novembro de 1984, por volta das 3 da tarde, num lugar chamado Ossoala, apareceram homens armados da Bimpolda do suco de Tasi e detiveram-nos: eu, Isabel Soares, Felizarda Soares, Juliana Soares, Faustino da Costa e Filomeno da Costa. Levaram-nos para o sítio da Nanggala em Loihubu e depois transferiram-nos de novo para o Kodim de Baucau. Um a um, fomos interrogados por um homem chamado M320. Fez-nos perguntas sobre os familiares que ainda se encontravam na floresta. No Kodim de Baucau ficámos presos em separado. Os dois outros, Filomeno da Costa e Faustino da Costa, e eu ficámos presos no posto da Nanggala durante três dias. [Porém] não se sabe do paradeiro dos outros dois até hoje.<sup>557</sup>*

A Comissão recebeu igualmente informações sobre a execução extrajudicial de um homem chamado Raimundo Ximenes, o qual, segundo as informações recebidas, estava preso trazido de Manatuto e foi executado no quartel-general do *Kodim* em Baucau, possivelmente por membros da *Hansip*.<sup>558</sup>

**Table 32 - Pessoas executadas ou desaparecidas em Baucau (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. João Bosco	1983	Gariuai			Executado
2. Sies Co'ó Saba	1983	Lakudala			Executado
3. José Meneses	Julho 83	Baucau			Morte por tortura
4. Simplisio Guterres	8 de Março de 1984	Uailili			Desaparecido
5. Filomeno Guterres	8 de Março de 1984	Ossoala			Desaparecido
6. Hermenegildo Guterres	24 de Março de 1984	Baguia			Morto
7. Joaquim N. da Costa	Maior de 1984	Triloka			Morto
8. Tomás da Silva	30 de Maio de 1984	Baucau			Executado
9. Jacinto da Silva	30 de Maio de 1984	Baucau			Executado
10. António	Maior de 1984	<i>Kodim</i> de Baucau			Desaparecido
11. Domingos	Maior de 1984	<i>Kodim</i> de Baucau			Desaparecido
12. Gaspar	1984	<i>Kodim</i> de Baucau			Morto
13. Jacinta	1984	<i>Kodim</i> de Baucau			Desaparecida
14. Hermenegildo	Agosto de 1984	Baguia			Morto
15. Leão	c. Agosto de 1984	Hospital de Baucau			Morte por tortura
16. Filomeno da Costa	Novembro de 1984	<i>Kodim</i> de Baucau			Desaparecido
17. Faustino da Costa	Novembro de 1984	<i>Kodim</i> de Baucau			Desaparecido
18. Raimundo Ximenes		<i>Kodim</i> de Baucau			Executado

### **Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados em Díli e na Região Centro (1983/1984)**

Em Díli e nos distritos centrais houve uma incidência relativamente baixa de violações fatais durante este período, quando comparada com o elevado número de homicídios e desaparecimentos relatados à Comissão para o mesmo período na região Leste.

#### *Díli*

No distrito de Díli, a maior parte das violações fatais seguiram-se a um período de prisão. Por exemplo, segundo um relato recebido pela Comissão, em 1983, onze civis não identificados que se encontravam detidos na Prisão de Balide foram levados e posteriormente desapareceram.<sup>559</sup>

Outro informador relatou à Comissão que um homem chamado António Mesquita desapareceu da Prisão de Balide em Outubro de 1983, sendo responsável o comandante do *Korem*.<sup>560</sup> Outro informador diferente relatou à Comissão que João Soares (de Viqueque), António Piedade (de Ossu, Viqueque) e Hélder Jordão (de Díli) desapareceram do centro prisional de Sang Tai Hoo, em Díli, em Dezembro de 1983 ou princípios de 1984.<sup>561</sup>

Outros desaparecimentos relatados à Comissão incluem o de um homem chamado Júlio Maia, desaparecido de Díli, segundo as informações recebidas por responsabilidade do Comando Especial de Guerra, em 1984.<sup>562</sup> No início de Janeiro de 1984, Francisco de Jesus foi detido e depois desapareceu do quartel-general do *Koramil* em Díli Leste.<sup>563</sup> No dia 4 de Fevereiro de

1984, Laurindo Sarmiento Tilman desapareceu, segundo as informações recebidas por responsabilidade dos militares indonésios em Díli.<sup>564</sup>

Muitas das pessoas apanhadas no meio da repressão a nível nacional foram trazidas dos seus distritos natais para Díli, a fim de serem interrogadas. Entre elas, algumas desapareceram ou foram mortas durante a detenção. Cerca de 25 membros de um grupo de cerca de 40 pessoas anteriormente preso em Díli foram mortas depois de serem transferidas para a Prisão de Penfui em Kupang (Timor Ocidental, Indonésia), em finais de Agosto de 1983. Entre elas contavam-se membros de organizações clandestinas de Viqueque, Baucau e da própria Díli, bem como cerca de 17 pessoas de Laga (Baucau), detidas com o comandante das Falintil Cância Gama (Lima Gama). Este grupo era composto por 15 soldados das Falintil, uma mulher e uma criança.<sup>CCIX</sup> Estas 17 pessoas foram os primeiros prisioneiros a serem retirados da prisão, desaparecendo em seguida. Segundo as informações recebidas pela Comissão, as outras pessoas que desapareceram foram cinco membros da rede clandestina de Baucau: António Espírito Santo, Isidoro Caibada, Benjamin Leki Osso, Carlos Nahareka (Carlos Alves) e Adolfo Fraga de Uailili. Além dos presos que foram retirados da Prisão de Penfui, desaparecendo em seguida, houve pelo menos um membro do grupo, Duarte Ximenes de Bazartete (Liquiça) que morreu devido às falhas graves de alimentação na prisão.

Apenas 14 pessoas do grupo original de 40 sobreviveram. Devem quase certamente essa sobrevivência aos prisioneiros de Ataúro, que preveniram o Comité Internacional da Cruz Vermelha das extremas dificuldades dos presos de Penfui. O CICV assegurou o seu regresso a Díli em Julho de 1984. Após o seu regresso, vários foram julgados e condenados.<sup>565</sup>

**Table 33 - Pessoas executadas ou desaparecidas após serem presas em Díli (1983/1984), segundo relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. António Mesquita	Outubro de 1983	Prisão de Balide			Desaparecido
2. João Soares	fim de 1983 ou 1984	Sang Tai Hoo			Desaparecido
3. António Piedade	fim de 1983 ou 1984	Sang Tai Hoo			Desaparecido
4. Hélder Jordão	fim de 1983 ou 1984	Sang Tai Hoo			Desaparecido
5. Júlio Maia	1984	Díli			Desaparecido
6. Francisco de Jesus	Janeiro de 1984	<i>Koramil</i>			Desaparecido
7. Laurindo S. Tilman	4 de Fevereiro de 1984	Díli			Desaparecido
8. Cância Gama	Entre Agosto e Setembro de 1983	Kupang, Timor Ocidental		Falintil	Desaparecido
9. António Espírito Santo	Março de 1984	Kupang, Timor Ocidental			Desaparecido
10. Isidoro Caibada	Março de 1984	Kupang, Timor Ocidental			Desaparecido
11. Benjamim Leki Osso	Março de 1984	Kupang, Timor Ocidental		Professor	Desaparecido

<sup>CCIX</sup> Segundo uma fonte, Cância Gama e o seu grupo foram capturados aquando do fim do cessar-fogo, por terem demorado demasiado tempo a abandonar Laga, onde tinham vivido durante grande parte do cessar-fogo [Entrevista da CAVR a Justo Talenta, 3 de Novembro de 2001]. O tratamento extremamente violento dado a Cância Gama e ao seu grupo pode ter-se devido ao seu encontro “ocasional” com uma delegação parlamentar australiana junto à estrada perto de Soba, no dia 29 de Julho de 1983, durante o qual ele conversou com o líder da delegação, o senador Bill Morrison, entregando-lhe uma carta [ver *Official Report of the Australian Parliamentary Delegation to Indonesia*, Anexo 22: Documentos Associados a um Encontro Ocasional com a Fretilin, Sexta-feira, 29 de Julho de 1983, em Soba, Timor Leste, pp. 154-171].

12 Carlos Nahareka	Março de 1984	Kupang, Timor Ocidental			Desaparecido
13. Adolfo Fraga	Março de 1984	Kupang, Timor Ocidental			Desaparecido
14. Duarte Ximenes	1983/1984	Kupang, Timor Ocidental			Morto na prisão

#### *Aileu*

Durante este período, de modo semelhante no distrito de Aileu, as operações militares provocaram a prisão e posterior homicídio ou desaparecimento forçado de civis. No dia 30 de Agosto de 1983, pelo menos 16 homens foram detidos e presos pelas Forças Armadas indonésias no quartel-general do *Kodim* de Aileu. Quatro deles foram mortos e um, Moisés Sarmiento, desapareceu. Segundo o depoimento de uma testemunha, foram presos por suspeita de terem ajudado as durante o cessar-fogo. Ronaldo Pereira relatou à Comissão:

*No dia 2 de Setembro de 1983, fui detido com os meus amigos Luís Mouzinho, Mariano de Deus, Agostinho Pereira, Caetano Soares, Joaquim Henrique, Crispim dos Santos, Paulo Soares, Moisés Sarmiento, Graciano Pinto, António de Deus, Bernardino, Victor Augusto, Afonso e Ananias pelos soldados do Kodim e por um membro da Hansip. Levaram-nos para Likerelau, no suco de Fatisi. Ali chegados, Luís Mouzinho foi espancado com uma barra de ferro até a testa abrir, sangrando. Depois, foi levado pelos soldados para Ruasu e morto a tiro.<sup>566</sup>*

Segundo as informações recebidas, quatro membros deste grupo de presos foram mortos ou desapareceram.<sup>567</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 16 de Outubro de 1983, Félix Amaral foi executado pelas Forças Armadas indonésias em Laulara (Díli, junto à fronteira com Aileu). A Comissão identificou as seguintes vítimas em Aileu:

**Table 34 - Pessoas executadas ou desaparecidas em Aileu (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. Luís Mouzinho	2 de Setembro de 1983				Baleado
2. Ananias Soares	3 de Setembro de 1983				Desaparecido?
3. António	Setembro de 1983				Espancado até à morte
4. Afonso	Setembro de 1983				Espancado até à morte
5. Moisés Sarmiento	1983				Desaparecido
6. Félix Amaral	16 de Outubro de 1983	Laulara			Executado

#### *Manufahi*

A prática seguida pelas forças de segurança indonésias de marcar como alvos famílias inteiras tinha como consequência que algumas famílias ficavam sujeitas a perdas e sofrimentos múltiplos, como decorre dos dois exemplos adiante citados, ambos do distrito de Manufahi. Romeo Gonçalves relatou à Comissão a prisão e desaparecimento de vários familiares seus:

*Em 1983, o TNI detiveram 12 civis, incluindo os meus familiares Francisco da Costa, Ermínia da Costa, Pedro da Costa, Frederico da Costa, Filomena da Costa e Maria da Costa. Não conheço os nomes das outras vítimas. Prenderam-nos na esquadra de polícia do distrito de Same e, depois, as ABRI levaram-nos embora, matando-os num local desconhecido. Só Maria da Costa sobreviveu a estes homicídios...*

*Então, nesse mesmo ano, membros do Kodim de Same e membros da Polícia do distrito de Same detiveram o meu irmão mais novo, Domingos Ribeiro, em Ailau, Letefoho. Disseram-me que ele fora “levado para a escola, para Díli”. Duas semanas depois, fui visitá-lo e levar-lhe comida, mas não estava lá. Mais tarde, alguém me contou que o meu irmão e mais duas pessoas morreram numa gruta em Same.<sup>568</sup>*

Moisés Fernandes relatou à Comissão a forma como ele e a sua família foram presos por soldados indonésios em Alas. Enquanto estava na prisão, testemunhou o homicídio de um preso, devido a espancamentos repetidos. A sua própria filha morreu de doença na prisão:

*No dia 1 de Maio de 1984, elementos do Batalhão 512 detiveram-me e às minhas familiares Lúcia Maria de Fátima e Nijela Libânia. Ficámos presos durante 4 dias em Taitudak [Alas, Manufahi], juntamente com mais [duas] pessoas, de nome Paulo e Zacarias. No dia 4 de Maio de 1984, eu, Paulo e Zacarias fomos transferidos à força para o Kodim de Manufahi. Fomos interrogados pelo chefe da Secção I do Kodim de Manufahi, chamado M321. Três dias mais tarde, um membro do TNI pôs-me dentro de uma poça de água durante 3 horas. Depois disso, espancaram-me, esmurraram-me e pontapearam-me. Queimaram-me com pontas de cigarros, bateram-me com um corno de búfalo e com [outras] armas. Fiquei preso no Kodim de Manufahi durante 3 meses. Por volta dessa época, um preso chamado João Guido foi torturado e pontapeado por um polícia, até morrer. Nesse mesmo ano, a minha filha Nijela morreu na prisão, devido a doença.<sup>569</sup>*

Segundo as informações recebidas, no dia 7 de Agosto de 1983, Domingos, Augusto e Leopoldino foram mortos por elementos das Forças Especiais (*Kopassandha*) em Holarua.<sup>570</sup> Em Setembro de 1983, membros do *Kodim* mataram Jaime da Costa, de 20 anos, e Américo Tomás, de 30 anos, em Tutuloro.<sup>571</sup> A Comissão recebeu igualmente um relato sobre a execução de três pessoas não referidas pelo nome em Babulo, Manufahi, em 1983.<sup>572</sup>

Segundo as informações recebidas, em Abril de 1984, Filomeno de Jesus Borges, Mateus e Manuel foram espancados até à morte por militares indonésios em Manumera.<sup>573</sup> Segundo as informações recebidas, em 1984, um homem chamado João Zino morreu quando se encontrava preso no quartel-general do *Kodim* de Same.<sup>574</sup>

**Table 35 - Pessoas executadas e desaparecidas em Manufahi (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. Domingos	7 de Agosto de 1983	Holarua			Morto

2. Agosto	7 de Agosto de 1983	Holarua			Morto
3. Leopoldino	7 de Agosto de 1983	Holarua			Morto
4. Jaime da Costa	Setembro de 1983	Tutuloro	20		Morto
5. Américo Tomás	Setembro de 1983	Tutuloro	32		Morto
6. Francisco da Costa	1983	Same			Morto
7. Ermínia da Costa	1983	Same			Morto
8. Pedro da Costa	1983	Same			Morto
9. Frederico da Costa	1983	Same			Morto
10. Filomeno da Costa	1983	Same			Morto
11. Domingos Ribeiro	1983	Same			Morto
12. Filomeno Borges	Abril de 1984	Manumera			Espancado até à morte
13. Mateus	Abril de 1984	Manumera			Espancado até à morte
14. Manuel	Abril de 1984	Manumera			Espancado até à morte
15. João Zino	Maio de 1984?	Same			Morto na prisão

#### Ainaro

A Comissão não recebeu relatos sobre violações fatais ocorridas no distrito de Ainaro em 1983. Porém, no primeiro semestre de 1984, as forças de segurança indonésias torturaram e executaram várias pessoas em Ainaro. Segundo as informações recebidas, no dia 20 de Fevereiro de 1984, Silvano de Araújo foi morto na sua horta no suco de Soro por um *Babinsa* e por um membro da *Hansip*.<sup>575</sup> No dia 19 de Março de 1984, um homem chamado Manuel, de 42 anos de idade, foi morto, e no dia 29 de Março de 1984, um homem chamado Nuno foi morto.<sup>576</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 29 de Maio de 1984, elementos da unidade de *Nanggala* detiveram e mataram Lourenço dos Reis em Hatu-Udo.<sup>577</sup>

Duarte Gaspar Corte Real relatou à Comissão que, em 1984, uma unidade de *Nanggala* entrou em Hatu-Udo e matou muitas pessoas. Na qualidade de chefe da unidade de segurança do suco (*Lembaga Keamanan Masyarakat Desa, LKMD*), Duarte recebeu ordens, em Maio de 1984, para elaborar uma lista de 50 nomes, a ser entregue ao comandante da unidade *Chandraca 11*.<sup>578</sup> Entre Junho e Julho de 1984, a unidade *Nanggala 11* matou pelo menos quatro civis em Hatu-Udo.<sup>579</sup> Segundo Duarte, mais quatro civis foram igualmente marcados como alvos a abater. Contudo, quando novas tropas chegaram para substituir a unidade *Chandraca 11*, os quatro nomes não foram transmitidos às novas tropas, uma vez que a comunidade organizou uma festa de despedida para distraí-los do desempenho desta tarefa.<sup>580</sup>

**Table 36 - Pessoas executadas em Ainaro, 1984, conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. Silvano de Araújo	20 de Fevereiro de 1984	Soro			Morto
2. Manuel	19 de Março de 1984	Ainaro	42		Morto
3. Nuno	29 de Março de 1984	Ainaro			Morto
4. Lourenço dos Reis	29 Maio de 1984?	Hatu-Udo			Executado
5. Valente Amaral	29 Maio de 1984	Hatu-Udo	50s		Executado
6. João Xavier	29 Maio de 1984	Hatu-Udo	60 e tal		Executado
7. Moisés Marineiro	29 Maio de 1984	Hatu-Udo	45		Executado

## Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados na Região Ocidental (1983/1984)

*Distritos de Covalima, Bobonaro e Liquiça*

Após um ataque lançado pelas Falintil, durante o qual elementos das Forças Armadas indonésias foram mortos em Zolo (Zumalai), no dia 7 de Dezembro de 1983,<sup>581</sup> membros das Forças Armadas indonésias do distrito de Bobonaro detiveram um grande número de pessoas no subdistrito de Bobonaro, bem como no subdistrito vizinho de Zumalai (Covalima). Posteriormente, estas pessoas foram presas no quartel-general do *Koramil* em Bobonaro.<sup>582</sup> Homens e mulheres foram sujeitos a detenção arbitrária, por vezes apenas porque os seus nomes eram semelhantes aos de pessoas suspeitas de ajudarem a Resistência. Entre os presos, muitos foram brutalmente espancados ou torturados, e outros foram executados ou desapareceram.<sup>583</sup>

Segundo alguns relatos, militares indonésios e membros da *Hansip* retiravam quatro presos de cada vez da prisão de Bobonaro, de noite, amarravam-nos com corda e levavam-nos para os executarem. Quando estes elementos das Forças Armadas e da *Hansip* regressavam à prisão, contavam aos outros presos que as pessoas levadas “já se tinham mudado para uma nova casa”. O professor de religião Armando dos Santos relatou à Comissão:

*Detiveram-me...no dia 20 de Abril de 1984. Antes da minha detenção, eu já ouvira dizer que [as ABRI] tinham levado pessoas para fora da prisão e as haviam matado, seis vezes num mês. Levavam quatro pessoas de cada vez. Vi isto com os meus próprios olhos, quando estava na prisão. As vítimas seguintes [do desaparecimento] foram José, Marcello, João Mauati e João Dasimau. Esta foi a última matança feita durante a Páscoa, em Bobonaro. Antes de eles serem mortos, reunimo-nos todos, abraçámo-nos uns aos outros e chorámos. Eu conhecia-os bem, porque eram meus alunos. Levaram-nos para fora da prisão para matá-los depois da Missa da Páscoa.*<sup>584</sup>

A Comissão tem razões para crer que cerca de 40 civis foram mortos ou desapareceram no *Koramil* de Bobonaro em 1984.<sup>CCX</sup>

**Table 37 - Nomes de pessoas executadas ou desaparecidas do *Koramil* de Bobonaro (1984), segundo relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Localização	Idade	Ocupação
Miguel Bere Loco	Colimau, Bobonaro	45	<i>Hansip</i>
Alcino Dato Daci	Colimau, Bobonaro	34	
Cipriano de Araújo	Malibu, Bobonaro	32	
Armindo Ati Mau	Malibu, Bobonaro	29	
Armindo Mau Mali	Malibu, Bobonaro	16	Estudante
Armando Malilesu	Malibu, Bobonaro	17	Estudante
Afonso Beremali	Malibu, Bobonaro	15	Estudante
Marcus Mauleto	Malibu, Bobonaro	56	
Abel Bere Dasi	Colimau, Bobonaro	24	

<sup>CCX</sup> Ver lista de 40 vítimas intitulada “*Daftar Nama Korban yang Dibantai Tahun 1984 di Bobonaro*” (“Lista com Nomes de Vítimas em Bobonaro, em 1984”) fornecida por Olandino Guterres, in “*Laporan Distrik Bobonaro, CAVR*” (Relatório de Investigação da CAVR, distrito de Bobonaro), 11 a 14 de Junho de 2003; ver também HRVD, Testemunhos n.ºs 05169, 08182 e 08143; ver também Relatório da Amnistia Internacional, 1985, pp. 216-217.

Manule Bere Sura	Colimau, Bobonaro	26	
Clementino Bere	Colimau, Bobonaro	36	
José Ati Mali	Colimau, Bobonaro	45	
Afonso Mali Tai	Kotabot, Bobonaro	46	<i>Hansip</i>
Florindo Mau Ati	Kotabot, Bobonaro	41	
Pedro Noronha	Kotabot, Bobonaro	14	Estudante
Júlio Mau Loko	Kotabot, Bobonaro	35	
José Rasi Bere	Kotabot, Bobonaro	21	
Mateus Sina Boe	Kotabot, Bobonaro	38	
Mariano Bere Tai	Colimau, Bobonaro	18	
Afonso Mau Pelu	Kotabot, Bobonaro	53	
Domingos Bere Tai	Carabau, Bobonaro	49	
Marcello Pereira	Carabau, Bobonaro	27	
João Manu Tai	Carabau, Bobonaro	24	
João Francolin	Carabau, Bobonaro	28	
Mateus Malimau	Carabau, Bobonaro	30	
Mateus Maia	Tasibalu Carabau, Bobonaro	45	
Daniel Maubere	Uduhai, Carabau, Bobonaro	16	Estudante
Carlito Tasi	Uduhai, Carabau, Bobonaro	18	Estudante
Tailoko Baluk	Tasibalu, Carabau, Bobonaro	35	
Anastácio A. das Neves	Tasibau, Carabau, Bobonaro	48	
Francisco Bere Mau	Lefo, Zumalai-Suai	48	
Angelino Mauleso	Lefo, Zumalai-Suai	19	
Martinho Bere Mau	Lefo, Zumalai-Suai	26	
Ernesto Bere Dasi	Lefo, Zumalai-Suai	39	
Félix Mau Loko	Lefo, Zumalai-Suai	15	Estudante
Alfredo Soares	Lefo, Zumalai-Suai	35	
Paul Bere	Lefo, Zumalai-Suai	49	
Fernando de Sena	Lefo, Zumalai-Suai	50	
Agustino L.	Lefo, Zumalai-Suai	53	
Feliciano Mau Ati	Lefo, Zumalai-Suai	42	

Segundo um informador, militares indonésios executaram Afonso Maia, Alfredo Nascimento, José de Sena e Martinho de Sena na ribeira de Lomea, em 1984.<sup>585</sup> Outro informador relatou à Comissão que, em 1984, Rojito dos Santos, Carlos Magno e João Magno foram presos no *Koramil* de Zumalai e posteriormente executados na ribeira Lomea.<sup>586</sup> Outro informador ainda relatou à Comissão que oito pessoas não identificadas foram executadas pelo Batalhão de Infantaria 412 em Talegol Lolo Leten, no início de 1984.<sup>587</sup> Em finais de Fevereiro de 1984, Afonso da Cruz foi detido, interrogado, obrigado pelas *ABRI* a procurar membros da Fretilin/Falintil e depois morto por elementos da *Hansip*, em Baganasa (Zumalai). No dia 8 de Março de 1984, José Cardoso foi detido no suco de Lour, por esconder em casa uma bandeira da Fretilin. Levado para as instalações do *Koramil*, torturaram-no e depois executaram-no.<sup>588</sup>

A Comissão recebeu relatos sobre mais detenções e homicídios em Lour, após um grande confronto aqui ocorrido entre as *ABRI* e as Falintil em Julho de 1984. No dia 13 de Julho, Simião Pereira, Miguel Pereira e Jaime de Jesus foram detidos em Lour e levados para Bobonaro, onde

os militares indonésios os mataram.<sup>589</sup> Os militares indonésios (incluindo as Forças Especiais estacionadas em Bobonaro) detiveram e mataram pelo menos 20 pessoas de Lour. Olandino Guterres relatou à Comissão:

*Em Julho de 1984, tropas das ABRI, do Batalhão de Infantaria 407, juntamente com membros da Hansip, vieram a Pelek, [Lour]... Vieram armados com SKS e AR-16. Detiveram cerca de 20 pessoas, algumas das quais eu conhecia: Vitorino, Joaquim e Luís. Depois de detidas, estas pessoas foram violentamente espancadas, sendo depois separadas: sete foram entregues ao Batalhão de Infantaria 412, para serem mortas, e outras pessoas foram levadas pelo Batalhão de Infantaria 407 para serem entregues ao administrador do subdistrito de Bobonaro. Sei apenas que todas as vítimas foram lá mortas, mas não sei como morreram.<sup>590</sup>*

**Table 38 - Pessoas executadas ou desaparecidas nos distritos de Covalima e Bobonaro (1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. Afonso Maia	1984	Lomea			Morto
2. Alfredo Nascimento	1984	Lomea			Morto
3. José de Sena	1984	Lomea			Morto
4. Martinho de Sena	1984	Lomea			Morto
5. Rojito dos Santos	1984	Lomea			Morto
6. Carlos Magno	1984	Lomea			Morto
7. João Magno	1984	Lomea			Morto
8. Afonso da Cruz	Fevereiro de 1984	Baganasa			Morto
9. José Cardoso	8 de Março de 1984	Zumalai			Executado
10. José	Entre Abril e Maio de 1984	Bobonaro			Executado
11. Marcello	Entre Abril e Maio de 1984	Bobonaro			Executado
12. João Mauati	Entre Abril e Maio de 1984	Bobonaro			Executado
13. João Dasimau	Entre Abril e Maio de 1984	Bobonaro			Executado
14. Simião Pereira	Julho de 1984	Bobonaro			Executado
15. Miguel Pereira	Julho de 1984	Bobonaro			Executado
16. Jaime de Jesus	Julho de 1984	Bobonaro			Executado
17. Vitorino	Julho de 1984	Bobonaro			Executado
18. Joaquim	Julho de 1984	Bobonaro			Executado
19. Luís	Julho de 1984	Bobonaro			Executado

A Comissão recebeu igualmente uma lista de 40 pessoas dos distritos de Bobonaro e Covalima que, segundo as informações recebidas, foram mortas pelas Forças Armadas indonésias em 1984.<sup>591</sup>

A Comissão recebeu informações sobre diversas pessoas executadas ou desaparecidas depois de serem levadas e presas pelo Batalhão de Infantaria 412. Alberto foi morto em Tibar (Liquiça), em 1984<sup>592</sup>; Domingos Lobato foi morto em Ulmera, em 1984<sup>593</sup>; no dia 14 de Fevereiro, membros deste batalhão fizeram desaparecer um homem chamado Lekimosu, em Tibar (Liquiça)<sup>594</sup>; em Abril, um homem chamado Mausera desapareceu em Riheu<sup>595</sup>; Afonso de Araújo desapareceu em Liquiça<sup>596</sup>; e, segundo as informações recebidas, em Novembro de 1984,

Cananti da Silva foi detido, levado para Díli e, depois, desapareceu.<sup>597</sup> Entre outros relatos de desaparecimentos ocorridos em Liquiça, recebidos pela Comissão, contam-se Manuel Soares, desaparecido de Ulmera em 1983<sup>598</sup>; a detenção e desaparecimento de João Martins Pereira de sua casa, em Tibar, no dia 22 de Abril de 1984; e, no dia 27 de Abril de 1983, a detenção e desaparecimento de Maubere e de Orlando, em Fahilebo (Bazartete), por responsabilidade de elementos das Forças Especiais (*Kopassandha*).<sup>599</sup>

**Table 39 - Pessoas executadas ou desaparecidas em Liquiça (1983/1984), conforme relatos recebidos pela CAVR**

Nome	Data	Localização	Idade	Ocupação	Descrição
1. Manuel Soares	1983	Ulmera			Desaparecido
2. Alberto	1984	Tibar			Morto
3. Domingos Lobato	1984	Ulmera			Morto
4. Lekimosu	14 de Fevereiro de 1984	Tibar			Desaparecido
5. Mautera	Abril de 1984	Riheu			Desaparecido
6. Afonso de Araújo	Abril de 1984	Liquiça			Desaparecido
7. João Martins Pereira	22 Abril de 1984	Tibar			Desaparecido
8. Maubere	27 Abril de 1984	Fahilebo			Desaparecido
9. Orlando	27 Abril de 1984	Fahilebo			Desaparecido
10. Cananti da Silva	12 de Novembro de 1984	Tibar			Desaparecido

#### Execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados perpetrados pelo TNI 1985/1989

Ao contrário do que sucedera no período anterior, as execuções extrajudiciais e os desaparecimentos forçados diminuíram acentuadamente a partir de 1985/1988. A maioria dos casos documentados pela Comissão ocorreu nos distritos da região oriental, em Lautém, Baucau e Viqueque. Muitas das vítimas durante os últimos anos da década de 1980 foram alvo destas acções por serem membros das redes clandestinas ou por estarem relacionadas com membros da Fretilin ou das Falintil. Durante este período, o organismo de cúpula do comando militar, *Koopskam*, era dirigido pela 1ª Divisão de Infantaria do *Kostrad*, que conduziu as Operações *Watumisa 1 e 2*. As publicações militares referem a detenção de um grande número de alegados “GPK” (*Gerombolan Pengacau Keamanan*, Bandos de Perturbadores da Segurança — a designação geralmente usada para referir os membros da Resistência ou aqueles que eram suspeitos de terem ligações com esta): 328 em 1985, 364 em 1986, 327 em 1987, e 98 entre Janeiro e 8 de Julho de 1988. Todavia, as escaramuças entre as Falintil e as forças indonésias prosseguiram durante este período. Durante esses anos, as *ABRI* perderam 122 homens em 1985, 169 em 1986, 92 em 1987 e 66 durante os primeiros seis meses de 1988.<sup>600</sup>

A decisão de Dezembro de 1988 de “abrir” Timor Leste foi acompanhada pela adopção de uma nova política militar, “mais suave” (ver Parte 4: Regime de Ocupação), que se reflectiu em novo decréscimo das violações fatais cometidas pelas *ABRI* no final da década de 1980.

#### Execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados na Região Leste (1985/1989)

A Comissão recebeu relatos de pelo menos 42 pessoas que foram assassinadas ou “desapareceram” durante este período nos distritos de Lautém, Baucau e Viqueque. A maioria destes casos envolveu a prisão e posterior homicídio ou desaparecimento da vítima, tal como se revela nos exemplos a seguir apresentados:

- Em 1988, uma mulher chamada Carmila Cabral foi levada de casa de Alcina Maria em Loré I (Lospalos, Lautém) por membros de um batalhão de engenharia militar (*Zipur*). Carmila residia em casa de Alcina Maria há dois meses, depois da sua mãe, Rosa Maria, ter procurado refúgio no mato. Foi entregue ao Batalhão 744, e nunca mais regressou.<sup>601</sup>
- A 15 de Agosto de 1985, Adolfo Fraga, um coordenador da rede clandestina em Baucau, foi detido por um oficial dos serviços de informação do *Kodim* na residência do administrador do subdistrito de Baucau em Bahu, Baucau, onde se encontrava escondido. Foi levado para o *Kodim* em Baucau, e posteriormente “desapareceu”.<sup>602</sup>
- Em Março de 1988, quatro homens foram detidos na aldeia de Fatulia (Venilale, Baucau) por membros do Batalhão de Infantaria 328 e pelo chefe da aldeia de Uatulia. Foram presos nas instalações do batalhão em Ubanaka (Venilale, Baucau) e torturados, quando se recusaram a fornecer informações sobre a localização das Falintil. Um deles, chamado Joaquim, foi alegadamente executado.<sup>603</sup>
- Em 1985, Miguel Soares e o seu amigo Luís, ambos activos no movimento clandestino, foram detidos em Babulo (Uatu-Lari, Viqueque) pelo chefe de povoação, e levados para o posto de segurança na aldeia de Aliambata. Foram ambos violentamente agredidos. Miguel faleceu em resultado das agressões.<sup>604</sup>
- A 8 de Março de 1985, José da Costa, chefe da aldeia de Iralafai (Bauro, Lospalos, Lautém), e cinco outras pessoas, Cristovão Caetano, Francisco dos Santos, João Graciano, Pancrácio Pereira e Leopoldino, foram convocados pelo *Babinsa* local e executados.<sup>605</sup>
- A 7 de Abril de 1986, um grupo de homens foi alegadamente detido em Buikarin, Bahalarauain (Viqueque, Viqueque) por uma unidade *Nanggala* (*Kopassus*, Forças Especiais). Luís Pinto foi alegadamente torturado e posteriormente morreu.<sup>606</sup>

Em Viqueque, em Dezembro de 1986, após um ataque das Falintil, membros do Batalhão 122 convocaram diversos homens em Beaço (Viqueque, Viqueque) para serem interrogados. Um informador contou à Comissão:

*A 16 de Fevereiro de 1986, forças da Fretilin atacaram diversos professores das escolas secundárias do primeiro e segundo ciclos em Wenara. Esses professores eram: Armindo Almeida, Júlio da Silva, Alípio Soares, Jerónimo, Lourenço, José Mariano e José. Durante o ataque, dois dos professores — Júlio da Silva e José Mariano — foram mortos pelas forças da Fretilin, enquanto os outros conseguiram escapar. Na sequência desse ataque, forças do TNI do Batalhão 122 detiveram a 18 de Dezembro de 1986 seis pessoas de Beaço; entre elas: Pedro Martins, Raul Isaac, Alberto Sequilari, Miguel Gusmão, Paulo de Araújo e Paulo da Silva. Não sei para onde foram levadas após a sua detenção, mas desapareceram e o seu paradeiro permanece desconhecido até hoje.*<sup>607</sup>

Um outro padrão de actuação foi o homicídio de civis que tinham sido recrutados à força para participarem em operações militares, tal como sucedera nos primeiros anos de ocupação. Por exemplo:

- Em Setembro de 1986, membros do *Kopassus* detiveram Martinho Madeira, o chefe de aldeia de Fuat (Iliomar, Lautém). Foi levado para Baucau e depois trazido de volta para Iliomar. No regresso a Iliomar, foi-lhe ordenado que procurasse membros das Falintil no mato, acompanhado por membros das forças militares. Uma vez no mato, os soldados assassinaram-no e queimaram o seu cadáver, de acordo com duas testemunhas oculares.<sup>608</sup>
- Em 1987, o sargento Bayani, comandante do posto do *Kopassus* em Mehara (Tutuala, Lautém) ordenou a duas mulheres que procurassem os respectivos maridos, ambos membros das Falintil, no mato. Quando uma das mulheres, Josefina, procurava o seu marido, foi encontrada por membros do Batalhão 144 e morta a tiro.<sup>CCXI</sup>
- Em Fevereiro de 1987, Elias Fernandes foi forçado a juntar-se a membros do *Hansip* em Vessoru (Uatu-Lari, Viqueque), mas foi depois morto por militares indonésios.<sup>609</sup>
- Em 1988, membros da Batalhão de Infantaria 726 e membros da *Tim Makikit* assassinaram alegadamente Luís da Cruz e Carlos da Silva quando estes se preparavam para fazer o seu turno de guarda em Lacluta (Viqueque).<sup>610</sup>

Também em Viqueque, a 14 de Julho de 1985, membros do Batalhão de Infantaria 321 assassinaram um homem timorense envolvido num exercício militar em Afaloicai (Uatu-Carbau). Um depoente explicou o que aconteceu:

*A 14 de Julho de 1985, militares indonésios do Batalhão 321 mataram a tiro Adelino Boro Kili no subdistrito de Uatu-Carbau, aldeia de Afaloicai. Para ser mais preciso, na área conhecida como Betu Ana. Nessa época, a vítima fora mandada receber formação antiguerilha pelo Batalhão 321. A formação foi dada em antecipação de um ataque das Falintil. Alguns elementos do TNI do Batalhão 321 disfarçaram-se de membros das Falintil e atacaram Afaloicai às 3 da madrugada. Nesse momento, a vítima e os seus amigos estavam a fazer a segurança à aldeia e a preparar um plano para capturar o Batalhão 321, que estavam disfarçados de elementos da Fretilin. Quando a vítima se preparava para capturar o inimigo, foi morta a tiro por um membro do Batalhão 321, na área de Betu Ana Ho'o.*<sup>611</sup>

A maioria das vítimas destas violações fatais tinha uma qualquer ligação à Fretilin/Falintil. Carlos dos Santos, por exemplo, foi assassinado por tropas das *ABRI* em Lautém em 1986, quando corria em direcção ao mato para se juntar às forças das Falintil.<sup>612</sup> A 4 de Março de 1987, em Mehara (Tutuala, Lautém), Francisco Teles encontrou-se com outro homem para combinarem, a criação de uma célula clandestina. O outro homem denunciou-o ao Batalhão 745. Elementos do Batalhão 745 vieram ter com Francisco Teles e mataram-no a tiro.<sup>613</sup>

Contudo, outras violações fatais parecem ter sido casos isolados de homicídio de civis que estavam simplesmente no local errado à hora errada, ou que por alguma razão antagonizaram um elemento das forças de segurança. Esses casos estão ilustrados no quadro que se segue.

distrito	Síntese
Lautém	Na sequência de um ataque da Fretilin à aldeia de Ailebere, Iliomar em Janeiro de 1985, um homem chamado Zeferino Hornay feriu-se numa perna quando estava a reconstruir a sua casa, que fora queimada, juntamente com muitas outras, durante o ataque. Membros das forças militares indonésias levaram-no em dias consecutivos ao

<sup>CCXI</sup> HRVD, Testemunho n° 01612; entrevista da CAVR a Júlio dos Santos, Díli, 15 de Outubro de 2004. Segundo Júlio dos Santos, Josefina foi assassinada em 1985.

	<p>posto de comando das suas forças em Iliomar, para receber tratamento. Após a segunda visita ao posto de comando, Zeferino Hornay nunca mais apareceu.<sup>614</sup></p> <p>Também em 1987, Infante Pereira foi assassinado por membros do Batalhão 327 em Loré (Lospalos). Foi assassinado na sua base no Monte Maureno, sendo trespassado no estômago com uma baioneta.<sup>615</sup></p> <p>Em Agosto de 1987, membros do Batalhão 745 assassinaram Manuel Mesquita em Fuiloro (Lospalos).<sup>616</sup> A 7 de Agosto de 1988, membros do Batalhão 511 alegadamente dispararam sobre um grupo de quatro homens de Duadere (Moro), que procuravam comida. Um dos quatro, Victor Morais, foi ferido numa perna e, ao contrário dos outros três, ficou impossibilitado de escapar. Membros do Batalhão 511 acabaram por matar Victor Morais a tiro.<sup>617</sup></p> <p>A 28 de Março de 1988, Lamberto Nunes, Ângelo Baptista e Albino foram mandados por tropas do <i>Kodim</i> 1629 buscar bambu no mato. A caminho de casa, Albino trepou a um coqueiro. Albino desafiou alguns soldados indonésios a atacá-lo. Subitamente, um membro do Batalhão 315 estacionado num forte a cerca de 300 metros de distância começou a disparar na sua direcção e Lamberto Nunes foi morto a tiro.<sup>618</sup></p>
Viqueque	<p>A 13 de Março de 1987, membros da unidade <i>Nanggala</i> 15 do <i>Kopassus</i>, alegadamente dispararam e mataram a tiro Domingos da Costa, que estava com o seu pai no seu quintal em Beto-Abu (Ossurua, Ossu, Viqueque).<sup>619</sup></p> <p>Algures em 1988, Júlio Amaral foi com o seu cão trabalhar no seu arrozal em Daibonubai (Uaibobo, Ossu). Pouco depois a sua família ouviu disparos, e algum tempo mais tarde o seu cão regressou sem o dono. A sua esposa dirigiu-se ao arrozal e encontrou o marido morto com uma venda a cobrir-lhe os olhos. A sua viúva suspeita que os responsáveis foram tropas dos Batalhões 328 e 215, uma vez que estavam a operar naquela área na altura.<sup>620</sup></p> <p>A 6 de Maio de 1988, membros do Batalhão 407 alegadamente dispararam sobre quatro civis em Ossu, matando um homem chamado Ernesto. Dois dos outros civis ficaram feridos e foram levados para o posto do Batalhão 407, enquanto o quarto homem escapava para o mato. Os dois homens capturados foram interrogados sobre a localização das Falintil e libertados após receberem tratamento para as suas feridas.<sup>621</sup></p>
Baucau	<p>Em 1986 ou 1987, membros do Batalhão 516 de Lariguto (Asalaitula-Ossu, Viqueque) alegadamente mataram a tiro Mateus do Rego e um outro homem também chamado Mateus. Depois de terem sido assassinados, as suas bocas e gargantas foram alegadamente golpeadas com catanas e as suas pernas perfuradas com balas. Um terceiro homem, Abel Sico Lai, que estava com os outros dois, foi levado pela tropa e "desapareceu". Os três homens estavam a plantar mandioca nos seus quintais na aldeia de Ro'o Isi (Uai-Oli, Venilale) quando os soldados abriram fogo sobre eles.<sup>622</sup></p> <p>Também em 1987, em Osso-huna, (Baguia), Domingos da Costa foi assassinado por membros do Batalhão 713 quando se dirigia para o seu quintal.<sup>623</sup></p> <p>Em 1988, membros do Batalhão de Infantaria 713 alegadamente ordenaram a Julião Ximenes de Samaguia (Tequinaumata, Laga) que os acompanhasse à Indonésia. Julião Ximenes nunca mais foi visto.<sup>624</sup></p> <p>A 12 de Janeiro de 1988, Francisco e Domingos foram alegadamente assassinados por membros do Batalhão 315 em Badoho'o (Venilale) quando se dirigiam para os seus arrozais.<sup>625</sup></p>

### Outros homicídios e desaparecimentos (1985/1989)

Muitas vítimas em distritos fora da região Leste foram também alvo de acções por causa das suas actividades clandestinas ou dos seus laços de parentesco com pessoas que permaneciam no mato. Contudo, outras vítimas incluem camponeses que tinham começado a trabalhar a terra longe dos centros populacionais e que foram assassinados ao acaso por militares frustrados ou que deles suspeitaram. O quadro que se segue apresenta violações fatais reportadas à Comissão durante o período em questão.

distrito	Síntese
Manufahi	<p>A 15 de Dezembro de 1985, membros do Batalhão 410 assassinaram alegadamente Júlio Tilman em Betano por suspeitarem que trabalhava com as Falintil.<sup>626</sup></p> <p>Em Janeiro de 1986, um membro da <i>Hansip</i> espancou Raimundo Sarmiento, de 58 anos de idade, em Raifusa (Betano, Same) por suspeitar que mantinha contactos com as Falintil. Raimundo Sarmiento foi levado ao hospital mas o médico disse que o seu estado era terminal; ele foi levado para casa e faleceu uma semana mais tarde.<sup>627</sup></p>
Ainara	<p>Em 1986, membros da <i>Hansip</i> em Manetu (Maubisse) detiveram Abraão Rodrigues por ordem do chefe de aldeia. Foi mantido na sede da aldeia durante um ano, sendo agredido continuamente e privado de alimentos e de água, até que acabou por morrer.<sup>628</sup></p> <p>Em Setembro de 1986, Julião de Araújo foi mandado para a caça com o chefe da aldeia e um elemento da <i>Hansip</i> em Hatu-Udo. Nunca regressou.<sup>629</sup></p>
Ermera	<p>Em 1987, militares indonésios assassinaram alegadamente seis jovens em Atara, (Atsabe, Ermera).<sup>630</sup></p> <p>A Comissão recebeu um relato não confirmado de que, em 1988, militares indonésios queimaram vivos Maubere Ketil e Alberto na aldeia de Leimea, Sarin Balu (Letefoho).<sup>631</sup></p>
Díli	<p>A 28 de Agosto de 1985, António Simões foi alegadamente assassinado por militares indonésios em Kampung Alor. Fora mandado para a escola em Díli por um soldado indonésio, mas aparentemente discutiu com este antes de ser assassinado.<sup>632</sup></p> <p>A 17 de Agosto de 1987, Paulo de Jesus, um membro da <i>Hansip</i>, foi morto a tiro em Vila Verde por militares indonésios que haviam descoberto que o seu pai era um dirigente clandestino.<sup>633</sup></p>

## Execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados perpetrados pelas forças de segurança indonésias, 1990/1998

A Comissão apurou que, entre o final da década de 1980 e a explosão de violência em 1999, foi reportado um número significativamente menor de mortes ilícitas e massacres, com a trágica excepção do Massacre de Santa Cruz de 12 de Novembro de 1991. Apesar do decréscimo em execuções reportadas, mesmo excluindo as execuções e desaparecimentos que ocorreram durante e após o Massacre de Santa Cruz, a Comissão recebeu depoimentos da maioria dos distritos relativos a, pelo menos, 185 homicídios e desaparecimentos durante esse período. Os militares indonésios responderam às actividades de um pequeno número de guerrilheiros armados da Resistência e de um movimento clandestino cada vez mais sofisticado, sujeitando os civis que manifestavam simpatia pela Resistência a prisões arbitrarias, tortura, maus-tratos, desaparecimentos forçados e homicídios. Os depoimentos de testemunhas a seguir apresentados demonstram que os militares indonésios continuaram a aterrorizar a população e a assassinar civis.

### Massacre de Santa Cruz (Novembro de 1991)

Na manhã de 12 de Novembro de 1991, forças de segurança indonésias abriram fogo sobre um milhar ou mais de manifestantes reunidos no Cemitério de Santa Cruz, em Díli. Esta manifestação contra a ocupação indonésia, dirigida por grupos clandestinos em Díli, foi a maior desde 1975. A tensão em Díli atingira um pico com o anúncio, em Agosto, de uma visita planeada de uma delegação parlamentar portuguesa. A Resistência estava a preparar uma grande manifestação para coincidir com a visita, que estava marcada para o dia 4 de Novembro. Contudo, a 25 de Outubro, o Parlamento português suspendeu a visita em protesto contra a exigência indonésia de que os jornalistas Jill Jolliffe e Rui Araújo não acompanhassem a delegação. O cancelamento da visita deixou a Resistência frustrada, especialmente tendo em conta que os preparativos do movimento clandestino por todo o território tinham corrido o risco de expor as suas redes aos serviços de informações indonésios. No final do mês de Outubro, a

pressão dos militares sobre os activistas acentuou-se em Díli, culminando com uma investida contra a Igreja de Motael a 28 de Outubro. O ataque provocou dois mortos, um “*intel*” timorense e um activista clandestino, Sebastião Gomes Rangel cujo funeral decorreu no dia seguinte. A Resistência decidiu utilizar a ocasião da missa para deposição de flores na sua campa a 12 de Novembro e manifestar-se a favor da independência, numa altura em que o Relator Especial das Nações Unidas para a Tortura, professor Peter Kooijmans, se encontrava também em Díli.

Cerca de 3.500 pessoas participaram numa missa na Igreja de Motael, que terminou por volta das 7 horas da manhã do dia 12 de Novembro. Formou-se então uma procissão na igreja que se dirigiu para o Cemitério de Santa Cruz. A procissão transformou-se imediatamente numa manifestação. Diversos activistas desfraldaram panos e bandeiras pró-independência. Depois de passarem diante da sede do gabinete do governador, os manifestantes viraram para Sul no entroncamento onde se localizava a sede do *Kodim*, uma vez que a estrada para o Hotel Turismo estava bloqueada pela *Brimob* (Brigada Móvel da Polícia). Por volta das 7.15 h, diante do gabinete da *Dharma Wanita*, ocorreu uma escaramuça em que o major Andi Gerhan Lantara foi apunhalado e o seu assistente, o Soldado Domingos, ficou também ferido. Leonardo de Araújo, um manifestante, contou à Comissão que também ele foi esfaqueado na perna direita por um homem envergando um camuflado, perto do *Kodim*.<sup>634</sup> A manifestação prosseguiu, e alguns manifestantes atiraram pedras contra o Summa Bank e a sede da Polícia Regional (*Polwil*) na Avenida Bispo Madeiros. Os manifestantes viraram para poente no cruzamento onde se situa a Igreja de Balide e ficava também o Destacamento da Polícia Militar, e chegaram ao Cemitério de Santa Cruz por volta das 7.50 h, onde já se encontravam cerca de 500 outros manifestantes.

Em 2004, a Comissão obteve seis documentos militares indonésios relativos aos acontecimentos de 12 de Novembro de 1991 que indicam as unidades que foram mobilizadas para a manifestação.<sup>635</sup> As unidades incluíam:

- Um pelotão da *Brimob* 5486 sob o comando do primeiro-tenente (Polícia) Maman Hermawan.
- Uma Companhia Combinada dirigida pelo segundo-tenente Sugiman Mursanib incluindo um pelotão da *Brimob* 5486 sob o comando do segundo-tenente Rudolf A Roja e três pelotões do Batalhão 303 incluindo a Companhia C sob o comando do segundo-tenente John Aritonang, a Companhia D sob o comando do tenente Handrianus Eddy Sunaryo e uma outra companhia cujo comandante não é conhecido.
- Um grupo de cerca de 24 soldados da Companhia A, Batalhão 303, sob o comando do capitão Yustin Dino. Esta companhia incluía pelo menos três *Milsas* (timorenses recrutados de unidades de defesa civil, tais como a *Hansip*, para a estrutura militar regular), nomeadamente os segundos-cabos Jorge Barreto, Domingos da Conceição e Finâncio Barreto.
- Um destacamento antimotim do Batalhão 744.

A investigação da Polícia Militar (*Pom*) identificou o primeiro-sargento Udin Syukur como o primeiro militar a abrir fogo.<sup>636</sup> No seu julgamento, o sargento Syukur disse que uma alteração entre si e os manifestantes, levava-o a disparar para um lado e para o outro da coluna de manifestantes, embora afirmasse que ninguém fora atingido. Marito Mota, coordenador do grupo clandestino de juventude *Fitun*, contou à Comissão que se encontrava no entroncamento, lado-a-lado com outros manifestantes e diante das tropas. Marito Mota contou que vira um dos manifestantes aproximar-se dos soldados e tentar dizer alguma coisa. Este manifestante foi o primeiro a ser baleado, e Marito Mota disse que, depois disso, os manifestantes começaram a fugir em pânico.<sup>637</sup>

Seguiram-se momentos de tiroteio intenso. Russell Anderson, uma das testemunhas oculares do massacre, descreveu esta súbita escalada da violência e dos disparos por parte dos soldados.

Bob Muntz e eu decidimos que devíamos ir-nos embora. Eu dera 10 passos rápidos ao longo do muro do cemitério em direcção a Norte e, olhando para trás, vi os capacetes da primeira fila de militares a subir e a descer, enquanto marchavam em direcção à multidão. A multidão começou a recuar, a afastar-se, alguns manifestantes estavam já a correr.

De repente, ouviram-se alguns disparos, a que se seguiram rajadas de espingardas automáticas que duraram dois ou três minutos. Dava a impressão de que os 15 soldados na linha da frente tinham todos os dedos a apertar os gatilhos. Estavam a disparar directamente contra a multidão.<sup>638</sup>

O terceiro Relatório da Polícia Militar concluiu que “elementos” dos dois pelotões do Batalhão 303, sob o comando do segundo-tenente Mursanib, juntamente com a companhia do Batalhão 303 de Taibessi, se colocaram à frente do pelotão da *Brimob*, uma vez que este parecia hesitar no modo como proceder. Estes “elementos” organizaram-se numa unidade diante do pelotão da *Brimob*. Mursanib ordenou que fossem disparados dois tiros de aviso, mas quando o segundo tiro foi disparado, as tropas, incluindo os três elementos coadjuvantes timorenses do Batalhão 303, já estavam a disparar directamente contra a multidão. Jacinto Alves, um activista clandestino envolvido na organização da manifestação, ouviu a ordem para disparar ser dada quando passou por tropas vindas de Taibessi. Muitos anos mais tarde, contou a investigadores da ONU:

*Ao alcançar uma ponte designada “dos Amigos”, que se situa a cerca de 100 metros do cemitério, vi passar por mim um grupo de soldados indonésios, armados e em tronco nu, que pararam dois metros mais à frente. Identifiquei-os como sendo do Batalhão 744 pela direcção donde provinham. Um deles, cuja identidade desconheço, instruiu os seus colegas para que disparassem sobre os manifestantes ali mesmo. Eu não esperava que as ordens fossem executadas por causa da presença em Dili naquela altura do relator [da ONU] para os direitos humanos...[Depois de] ouvir essas ordens voltei-me e comecei a dirigir-me para a minha residência. Depois de andar cerca de 200 metros, ouvi disparos de armas automáticas durante cerca de cinco minutos, seguidos de tiros isolados que se prolongaram muito depois de eu ter chegado a minha casa.<sup>639</sup>*

As tropas em tronco nu que Jacinto Alves vira avançar eram de facto um grupo de soldados sob o comando de Yustin Dino, do Batalhão 303. Pelo menos quatro membros da *Brimob* testemunharam perante os investigadores militares que viram os soldados de tronco nu disparar.<sup>640</sup> Também houve soldados que começaram a disparar de dentro do Cemitério dos Heróis para militares indonésios, do lado oposto ao Cemitério de Santa Cruz. Márcio Cipriano Gonçalves contou à Comissão que vira soldados dentro do Cemitério dos Heróis com as suas armas apontadas aos manifestantes e que fora quase atingido por uma bala disparada dessa direcção.<sup>641</sup>

Muitas testemunhas recordam-se de terem continuado a ouvir disparos durante algum tempo.<sup>642</sup> Simplício Celestino de Deus contou à Comissão que muitos foram mortos durante o primeiro tiroteio, mas que muitos outros foram também assassinados de diferentes modos no período que se lhe seguiu:

*Quando entrei no cemitério, as armas ainda estavam a ser disparadas e continuaram a sê-lo durante cerca de 10 minutos. Dentro do cemitério, procurei um local para me esconder. Depois, os militares entraram no cemitério, agredindo as vítimas com as espingardas e pontapeando-as. Muitas foram mortas no cemitério, mas muitas mais foram mortas no seu exterior quando tentavam fugir ou quando foram levadas das suas casas e de outros locais onde se tinham escondido, e assassinadas.*

*Os militares encontraram-me, agrediram-me e feriram-me numa orelha. Mais tarde veio um polícia que a cortou completamente...Por causa de todo aquele sangue, atiraram-me para a caixa de um camião militar cheio de cadáveres. Quando o camião começou a deslocar-se, percebi que uma das pessoas que iam na caixa ainda estava viva. Tentou levantar-se e pediu água aos guardas. Em vez de lhe dar água, o soldado que estava de guarda ao camião cortou-lhe a garganta com a baioneta.<sup>643</sup>*

Os ficheiros médicos apresentados no julgamento de Gregório da Cunha Saldanha, um dirigente clandestino envolvido na organização da manifestação de 12 de Novembro, indicam 19 mortos e 91 feridos. Esses ficheiros também fornecem indicações sobre o padrão geral do tiroteio.<sup>644</sup> Das 17 vítimas apresentadas como tendo sido alvejadas no cemitério, seis foram atingidas com balas disparadas à sua frente e que se alojaram na parte superior dos seus corpos, na maior parte dos casos junto ao peito. Estes factos sugerem uma intenção deliberada de disparar directamente contra os corpos dos manifestantes. Das 91 vítimas feridas, 43 apresentavam ferimentos provocados por balas; 21 daquelas que apresentavam ferimentos de balas tinham sido atingidas nas costas, nádegas, na parte de trás das pernas e na nuca por disparos feitos nas suas costas.

## A morte de Kamal Bamadhaj

Kamal bin Ahmed Bamadhaj, de 21 anos de idade, foi o único estrangeiro que perdeu a vida em Díli a 12 de Novembro de 1991. Ele estava a observar a manifestação no Cemitério de Santa Cruz juntamente com seis outros estrangeiros. É possível que estivesse perto da linha da frente dos manifestantes, na altura em que as forças de segurança se começaram a concentrar no entroncamento. Kamal conseguiu escapar ao massacre a alcançou a Avenida Bispo Medeiros, onde foi baleado por uma patrulha que passava. Um tribunal militar indonésio submeteu a julgamento dois soldados timorenses de baixa patente — o segundo Cabo Afonso de Jesus e o segundo Cabo Mateus Maia — acusando-os de responsabilidades na morte de Kamal.

Helen Todd, a mãe de Kamal, falou acerca da sua morte durante a Audição Pública sobre Massacres organizada pela Comissão:

*Kamal era um estudante nascido e educado na Malásia. Ele era muçulmano. Quando ocorreu o Massacre de Santa Cruz, estava no segundo ano da universidade na Austrália. Quando foi estudar para a Austrália, ficou chocado ao aperceber-se do que se passava em Timor. Na vizinha Malásia, nunca ouvira falar de Timor Leste.*

*Kamal não foi baleado em Santa Cruz. Depois do tiroteio no cemitério, ele caminhou ao longo da estrada do antigo mercado. Como sabem, um agente intel fora apunhalado algum tempo antes. A unidade das ABRI que o levava ao hospital estava a regressar, viu Kamal a andar sozinho e disparou sobre ele. Um membro da Cruz Vermelha Internacional tentou levar Kamal, que sangrava abundantemente, ao hospital civil, mas recusaram-lhe entrada e obrigaram-no a dirigir-se ao hospital militar, fazendo-o perder um tempo precioso. Kamal morreu pouco depois de ter sido admitido no hospital, da sua hemorragia. A morte de Kamal foi uma pequena parte na luta de milhares e milhares. Algo pequeno, mas como facilmente compreenderão, algo muito importante para mim.*

*Foram muitas as mentiras depois da morte de Kamal. Max Stahl foi muito gráfico quando se referiu às mentiras contadas depois do Massacre de Santa Cruz. Posso testemunhar que aquilo que ele disse é verdade. Durante três dias, os indonésios negaram que qualquer internacional tivesse sido morto. Depois, um relatório oficial indonésio indicou que Kamal fora morto no fogo cruzado. Depois foi sugerido que devia ser um turista estúpido, e que fora morto porque não devia ter estado ali.*

*O Governo da Nova Zelândia foi inicialmente muito colaborante quando se tratou de resgatar o corpo, mas uma vez concluída essa tarefa, voltou tudo à normalidade, [com o Governo a fazer] tudo o que podia para agradar à Indonésia. A Malásia praticamente não se referiu ao homicídio. O principal jornal de língua inglesa referiu-se ao acontecimento, publicando um editorial onde se escrevia em termos genéricos que os jovens não se deviam imiscuir na política, e que, se o fizessem, estavam a arranjar problemas.*

*A Cruz Vermelha em Díli foi uma grande ajuda. Kamal foi inicialmente enterrado numa sepultura não identificada em Hera. Foi apenas graças aos esforços do representante da Cruz Vermelha, Anton Mantí, que conseguimos exumar o seu corpo e sepultá-lo na Malásia.*

*Este ano, por ocasião do aniversário [do massacre], fui ao local onde Kamal fora abatido. Apareceram pessoas que me disseram que o local ficava um pouco mais adiante, na estrada. Mais tarde nesse dia, voltei ao local. Alguém viera entretanto e colocara flores e velas no local. Estou-lhe muito agradecida.<sup>645</sup>*

*Alegados homicídios no Hospital de Wira Husada*

Em 1994, duas pessoas afirmaram ter testemunhado o homicídio de pessoas que tinham sido levadas para o hospital militar de Wira Husada depois de terem sido feridas em Santa Cruz. Quando ocorreu o massacre, Aviano António Faria era aluno em S. José e João António Dias, um técnico de laboratório no Hospital de Wira Husada. Os dois foram retirados clandestinamente de Timor-Leste e depuseram perante a 50ª sessão da Comissão de Direitos Humanos da ONU 1994. A Comissão entrevistou as duas testemunhas e uma nova testemunha, Inocência da Costa Maria Freitas, que trabalhara para os serviços de informação do *Kodim* de Díli.

Aviano António Faria contou à Comissão que depois de ter sido ferido em Santa Cruz, fora levado do cemitério para o Hospital de Wira Husada e que pouco tempo depois fora colocado na morgue.<sup>646</sup> Dois soldados indonésios entraram na sala. Um trazia uma grande pedra e o outro tinha duas garrafas de plástico contendo água e um remédio qualquer. O soldado com a pedra fê-la cair sobre a cabeça daqueles que estavam gravemente feridos. Quando chegou a vez de Aviano Faria, este levantou-se subitamente e mentiu aos soldados, dizendo que era um informador do *Kopassus*, que fora enviado para monitorizar a manifestação. Os soldados deixaram-no partir, mas antes disso mandaram-no tomar o remédio. Depois de o remédio lhe ter induzido vômitos, foi levado ao hospital, onde recebeu tratamento. Na noite de 12 de Novembro, vieram soldados ao quarto onde Aviano António Faria e outros pacientes dormiam. Perguntaram qual deles tinha vindo da morgue. Aviano Faria manteve-se em silêncio e os soldados não o levaram.

João António Dias contou à Comissão que tinham sido dados comprimidos de formaldeído aos feridos.<sup>647</sup> Ele contou à Comissão que tinha sido mandado ajudar a levar os corpos que haviam chegado ao hospital nos camiões. Sentiu-se agoniado e foi à casa-de-banho do laboratório, onde ouviu uma conversa entre o seu supervisor e um grupo de quatro soldados que tinham vindo ao laboratório buscar ácido sulfúrico. Os soldados disseram que queriam matar os feridos rápida e silenciosamente. O seu supervisor disse-lhes que as pessoas gritariam se lhes fosse dado ácido sulfúrico, e por isso os soldados saíram e voltaram mais tarde com um medicamento. Quando este foi administrado às vítimas, muitas gritaram e depois ficaram silenciosas. Os soldados tiraram e queimaram as roupas e sapatos das vítimas diante da morgue. Depois veio um camião-cisterna que lavou o pavimento.

Inocência da Costa Maria Freitas, o membro dos serviços de informação do *Kodim*, contou à Comissão que fora nessa manhã ao Hospital de Wira Husada, para onde transportara o major Gerhan Lantara, que estava ferido.<sup>648</sup> Enquanto lá estava, foram trazidos para o hospital Kamal Bamadhaj e o ajudante de Gerhan Lantara, o soldado Domingos. Começaram a chegar camiões *Hino* e ele viu cerca de 200 corpos serem transportados para o hospital. Inocência dirigiu-se à morgue e viu dois soldados indonésios esmagarem com uma pedra as cabeças dos feridos que estavam deitados pelo chão.

#### *Culpabilidade*

As investigações civis e militares indonésias descreveram os manifestantes como “brigas” ou “selvagens” e afirmaram que estavam armados com espingardas, pistolas, granadas, catanas e facas. Ambas as investigações concluíram igualmente que os manifestantes tinham lançado uma granada e tentado apoderar-se das armas de fogo dos militares. Uma testemunha contou à Comissão que alguns dos manifestantes tinham granadas.<sup>649</sup> Fernando Tilman, uma testemunha no julgamento de Gregório da Cunha Saldanha, declarou perante o tribunal que vira um manifestante, Atino Brewok, disparar uma arma, e que vira dois outros manifestantes transportando espingardas.<sup>650</sup> Contudo, explicou à Comissão que o seu depoimento perante o tribunal fora falso.<sup>651</sup> As investigações indonésias foram incapazes de apresentar provas, tais como fotografias ou filmes que revelassem manifestantes armados. O facto da lista de armas alegadamente apreendidas pelos indonésios ter sido alterada com frequência contribuiu para consolidar o sentimento de que tais alegações tinham sido inventadas.

O massacre foi filmado pelo jornalista televisivo britânico Max Stahl e mostrado em todo o mundo, pelo que causou uma reacção de repúdio a nível internacional sem precedentes, que o Governo da Indonésia não pôde ignorar. A agência de informações estratégicas dos militares, *Bais*, iniciou imediatamente uma investigação interna, mas nunca anunciou publicamente as conclusões a que chegou.<sup>652</sup> O Presidente Suharto nomeou uma Comissão Nacional de Inquérito (*KPN*) para realizar uma investigação. O seu relatório preliminar, publicado a 26 de Dezembro de 1991, atribuía a maior parte da responsabilidade aos manifestantes. E concluía que a resposta dos elementos da segurança indonésia fora uma reacção espontânea de autodefesa e que, por ter ocorrido sem ordens superiores, resultara num número excessivo de disparos contra os manifestantes.<sup>653</sup> O relatório completo desta comissão não foi tornado público. Em 1992, dez membros de patente baixa das forças de segurança foram levados a tribunal militar e receberam sentenças entre oito e 18 meses de prisão. A 20 de Novembro de 1991, o Governo indonésio declarou que o número de mortos confirmados era de 19 e que havia 56 desaparecidos.<sup>654</sup> Contudo, outras fontes indicam um número de mortos muito superior. Por exemplo, a lista de vítimas compilada por duas organizações não governamentais portuguesas e publicada em 1993, contém os nomes de 271 mortos, 382 feridos e 250 desaparecidos.<sup>CCXII</sup>

O número de feridos que consta da lista compilada pelas ONG portuguesas foi confirmado por uma investigação militar interna indonésia, que conclui que o número de feridos levados para o Hospital de Wira Husada fora de cerca de 400.<sup>655</sup> Num breve inquérito realizado em bairros seleccionados de Díli, a Comissão pôde determinar que o paradeiro de 59 pessoas que constavam da lista portuguesa continuava a ser desconhecido. Além disso, a Comissão recebeu os nomes de mais 18 pessoas desaparecidas no decurso do seu processo de recolha de testemunhos. Excluindo os nomes que foram fornecidos à Comissão em duplicado através dos dois processos, a Comissão recolheu os nomes de um total de 72 pessoas que estão desaparecidas desde Novembro de 1991. Para a Comissão, parece evidente que o número total de pessoas desaparecidas deve ser muito mais elevado. O breve inquérito realizado pela Comissão esteve longe de ser completo, abrangendo apenas alguns bairros de Díli e excluindo grande parte da zona adjacente ao próprio Cemitério de Santa Cruz. Além disso, parece claro que muitos daqueles que se juntaram à manifestação vieram de fora de Díli e embora se saiba que várias dessas pessoas também foram mortas ou “desapareceram”, o seu número exacto não é conhecido.<sup>CCXIII</sup> A Comissão não tem forma de avaliar quantas pessoas ainda estão desaparecidas, mas acredita que um valor de 200 constitui uma estimativa razoável.

A Comissão também recebeu diversos relatos de execuções extrajudiciais ocorridas fora de Díli por volta da data do Massacre de Santa Cruz. Em Sorolau (Ainaro, Ainaro), quatro activistas clandestinos foram executados por soldados identificados como sendo membros do *Kopassus* e das *Milsas* timorenses.<sup>656</sup> Em Maubisse (Ainaro), um grupo de 14 homens foi detido por *Sukarelawan* timorenses actuando às ordens do *Koramil* de Maubisse. Os homens foram levados para o *Koramil* local, onde foram manietados e espancados e interrogados acerca das suas supostas ligações ao movimento clandestino. Dois dos homens morreram em resultado dos espancamentos.<sup>657</sup>

A Comissão é de opinião que é necessário encetar uma investigação mais exaustiva do que aquela realizada pela própria Comissão. A Comissão considera credíveis os relatos que referem a existência de pelo menos uma vala comum em Tibar (Bazartete, Liquiça) e possivelmente de uma outra em Hera, (Cristo Rei, Díli) e considera por isso ser necessária uma investigação mais rigorosa.<sup>658</sup> Por exemplo, a Comissão não dispôs de recursos para realizar exumações. A Comissão recorda que no seu relatório para as Nações Unidas sobre a missão realizada na Indonésia e Timor-Leste, o Relator Especial das Nações Unidas para as Execuções

<sup>CCXII</sup> Ver *Associação Oikoumenis* e *A Paz É Possível em Timor Leste* (Editor), *East Timor after Santa Cruz: Indonesia and the International Order*, Peace is Possible in East Timor, Lisboa, Portugal, Janeiro de 1993. Commission on Human Rights, Report of the Secretary-general on the Situation in East Timor, 31 January 1995, Annex I: Information provided by the Government of Indonesia. E/CN.4/1995/72. A estimativa do número de mortos varia entre 50 e 100 ou 200 ou 271.

<sup>CCXIII</sup> Ver, por exemplo, CAVR Perfil Comunitário Iliomar II, Iliomar, Lautém, que indica que 12 pessoas de Iliomar, que participaram na manifestação em Santa Cruz, foram mortas ou “desapareceram”.

Extrajudiciais, Sumárias e Arbitrárias, Bacre Waly N'Diaye, citou o artigo 17º, parágrafo 1 da Declaração sobre a Protecção de Todas as Pessoas contra os Desaparecimentos Forçados, onde se afirma: "Os actos que consubstanciam um desaparecimento forçado deverão ser considerados um crime continuado enquanto os seus autores continuarem a esconder o destino e o paradeiro das pessoas desaparecidas e estes factos não ficarem esclarecidos".<sup>659</sup>

## **Estudo de caso: Investigações indonésias sobre os acontecimentos no Cemitério de Santa Cruz a 12 de Novembro de 1991**

### *Introdução:*

Quando as imagens do filme sobre o massacre de Santa Cruz<sup>CCXIV</sup> foram divulgadas por todo o mundo, provocaram uma forte reacção de repúdio a nível internacional contra as práticas dos militares indonésios em Timor-Leste. E originaram uma pressão sem precedentes sobre a Indonésia e as acções das suas Forças Armadas em Timor-Leste. Contudo, como demonstra a investigação apresentada nesta secção, as práticas institucionais das *ABRI/TNI* proporcionaram à maioria dos perpetradores com maiores responsabilidades nos acontecimentos uma efectiva impunidade, apesar das fortes exigências internacionais para que aqueles que tinham assassinado manifestantes desarmados fossem julgados.

Como foi referido neste Subcapítulo, muitos manifestantes desarmados foram executados por membros fortemente armados das forças militares indonésias no decurso daquilo que ficou conhecido como o Massacre de Santa Cruz. As suas práticas incluíram balear civis pelas costas quando fugiam, apunhalar civis feridos até à morte, ou matar os feridos que estavam incapacitados com o impacto de objectos de peso sobre a cabeça. No entanto, as investigações que foram levadas a cabo subsequentemente pela Polícia civil, pela Polícia militar e pelo comando militar local resultaram em punições adicionais para alguns dos manifestantes que já tinham sido vítimas do massacre. Os manifestantes foram mortos, detidos, presos, ou sujeitos a julgamentos não justos concebidos para os condenarem a longas penas de prisão.

As investigações não foram realizadas por entidades independentes, mas por pessoas que estavam institucionalmente ligadas àqueles que estavam a ser investigados. As investigações foram concebidas para condenar os manifestantes e exonerar de responsabilidades aqueles que tinham provocado a violência. Em última análise, os oficiais militares que estiveram directamente envolvidos nos disparos ou que comandaram tropas que dispararam sobre os manifestantes desarmados foram protegidos, sendo sujeitos a julgamentos militares apenas alguns oficiais de baixa patente, acusados de crimes menores.

### **Contexto:**

Os acontecimentos que desembocaram no Massacre do Cemitério de Santa Cruz a 12 de Novembro de 1991, incluindo o próprio massacre, bem como os julgamentos de manifestantes, são analisados em detalhe noutras partes deste Relatório (ver, em particular, Subcapítulo 7.6 Julgamentos Políticos, Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos, e Capítulo 3: História do Conflito). O Relator Especial das Nações Unidas para as Execuções Extrajudiciais, Sumárias e Arbitrárias, Bacre Waly N'Diaye (Senegal) visitou a Indonésia e Timor-Leste entre 3 e 13 de Julho de 1994 e analisou os acontecimentos relacionados com o Massacre de Santa Cruz. Em Fevereiro de 1995, apresentou o seu relatório perante a Comissão dos Direitos Humanos da

---

<sup>CCXIV</sup> O operador de câmara Max Stahl filmou a manifestação e a reacção dos militares indonésios a 12 de Novembro de 1991. O filme foi retirado clandestinamente de Timor-Leste passados poucos dias e divulgado em estações de televisão de todo o mundo. A Comissão analisou as imagens do filme, e possui cópias do mesmo no seu Arquivo. José Ramos-Horta explicou à Comissão que essas imagens tinham mudado a percepção internacional sobre a situação em Timor-Leste [José Ramos-Horta, Discurso de Encerramento na Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Deslocação Forçada e Fome, 2003].

ONU.<sup>660</sup> Os factos apresentados perante esta a Comissão confirmam, genericamente, as conclusões do Relator Especial da ONU N'Diaye no seu relatório de 1994 sobre as execuções extrajudiciais em Santa Cruz.

Em particular, o Relator Especial da ONU concluiu que:

1. A procissão foi uma manifestação pacífica de oposição política.
2. As afirmações de alguns oficiais de que as forças de segurança teriam disparado em autodefesa e de que teriam respeitado os princípios de necessidade e proporcionalidade no uso de força letal não se confirmaram.
3. As forças de segurança usaram força desnecessária para lá daquilo que seria necessário para o desempenho das suas funções.
4. As forças de segurança receberam antecipadamente informações sobre os preparativos da manifestação.
5. Os manifestantes não transportavam armas de fogo.
6. O único acto de violência praticado pelos manifestantes, nomeadamente o esfaqueamento do major Andi Gerhan Lantara e do seu assistente, o soldado Domingos, aconteceu algum tempo antes de a multidão alcançar o cemitério de Santa Cruz.
7. Elemento algum das forças de segurança foi morto nas imediações do cemitério ou no seu interior, local onde abriram fogo sobre os manifestantes.<sup>661</sup>

Os padrões internacionais aceites para avaliação das investigações envolvendo possíveis violações do direito à vida estão consagrados nos Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias.<sup>662</sup>

De acordo com estes princípios, o Massacre de Santa Cruz exigia uma investigação aprofundada, imediata e imparcial. De acordo com o Princípio 9, o objectivo da investigação deveria ter sido:

A investigação terá como objectivo determinar a causa, a forma e o momento da morte, a pessoa responsável e o procedimento ou prática susceptível de a ter provocado. Durante a investigação será feita uma autópsia adequada, serão recolhidas e analisadas todas as provas materiais e documentais e serão ouvidos os depoimentos das testemunhas.

Com base neste princípio, as investigações indonésias deveriam ter procurado:

- Identificar o número e as identidades dos mortos e desaparecidos.
- Distinguir entre as diferentes causas de morte: morte natural, morte acidental, suicídio e homicídio.
- Determinar se o direito à vida de uma pessoa lhe foi ilegalmente retirado, ou seja, retirado de forma arbitrária, com uma finalidade ilícita, ou de um modo desproporcional, ou de forma sumária.
- Determinar com um grau de precisão suficiente a responsabilidade individual e/ou de comando da(s) pessoa(s) investigada(s) a fim de recomendar iniciativas ulteriores, sempre que estas se justificassem.

Esta secção analisa em que medida as diversas investigações acções levadas a cabo pelas autoridades indonésias em resposta aos homicídios no Cemitério de Santa Cruz cumpriram estes padrões e se, desse modo, a Indonésia cumpriu o seu dever de responsabilizar os

perpetradores pelos seus actos, através de um processo genuíno de investigação, acusação e punição dos perpetradores.

A Comissão analisou:

1. As investigações realizadas pela Polícia civil em Timor Leste.
2. As investigações realizadas pelos militares em Timor Leste.
3. As investigações realizadas pela Polícia militar sobre as acções do pessoal militar no incidente.
4. As investigações da Comissão Nacional de Inquérito (*KPN*), da Indonésia.
5. As acções tomadas contra membros das Forças Armadas, incluindo os julgamentos de elementos das Forças Armadas.

### **Investigação da Polícia civil<sup>CCXV</sup>**

O sistema jurídico indonésio não conferia à Polícia autoridade sobre as forças militares, pelo que a Polícia civil só pôde investigar as acções de civis. Neste caso, os civis eram os manifestantes e as vítimas dos crimes alegadamente cometidos pelas forças de segurança. Ainda assim, a Polícia tinha o dever de investigar com imparcialidade e diligência as circunstâncias que haviam rodeado os acontecimentos, antes de decidir se deviam ser iniciados procedimentos judiciais contra os manifestantes.

Parece evidente que a Polícia realizou uma investigação em larga escala. A 13 de Dezembro, o chefe da Polícia de Timor Leste (*Kepala Kepolisian Wilayah Timor Timur*), Ishak Kodijat, abriu formalmente uma investigação realizada por uma equipa de 28 pessoas.<sup>663</sup> No entanto, essa investigação preocupou-se, desde o início, em levar os manifestantes a julgamento. Com efeito, no próprio dia da manifestação e antes sequer de a investigação ter sido iniciada, a Polícia civil já concluíra que tinham sido cometidos crimes de subversão.<sup>664</sup> Por conseguinte, a investigação não foi completa nem foi conduzida de forma imparcial. A imparcialidade da Polícia ficou ainda mais comprometida pelo facto da força de Polícia fazer parte do aparelho das Forças Armadas indonésias.

As deficiências da investigação sobre o comportamento dos manifestantes foram discutidas em pormenor no Subcapítulo 7.6: Julgamentos Políticos. As provas examinadas pela Comissão, e que incluíram centenas de documentos oficiais dos tribunais e os depoimentos de testemunhas, demonstram claramente que os procedimentos judiciais foram concebidos e postos em prática de modo a garantir a condenação dos manifestantes que tinham sido acusados. Muitas confissões foram obtidas através da tortura, houve provas que foram fabricadas, na maior parte dos casos não foram chamadas a depor pelos advogados nomeados pelo tribunal quaisquer testemunhas de defesa, nenhum daqueles que foi acusado foi ilibado, e nenhum dos recursos apresentados teve provimento. As conclusões da Comissão incluem as seguintes:

---

<sup>CCXV</sup> A Comissão utiliza esta terminologia para distinguir a “polícia civil” da “polícia militar”. Na época em que ocorreu o incidente e até 1999, ambas faziam parte das Forças Armadas.

- A investigação foi orientada no sentido de punir os organizadores da manifestação pelo desafio que esta representou e para responsabilizar os manifestantes pelos acontecimentos ocorridos no cemitério. Os Registos dos Interrogatórios e as transcrições dos tribunais revelam que as autoridades fizeram um grande esforço para produzir pormenores acerca da alegada brutalidade dos manifestantes e do modo como as forças de segurança foram atacadas e provocadas a disparar em autodefesa, ao mesmo tempo que evitavam referir-se àquilo que realmente aconteceu no cemitério e ao modo como lidaram com os manifestantes e organizadores.
- Não existe nada na documentação incluída nos processos dos arguidos que indique que os investigadores da Polícia participaram, ou sequer criaram, as condições e realizaram, investigações médico-legais no local do massacre no Cemitério de Santa Cruz.<sup>CCXVI</sup> Além disso, os materiais examinados pela Comissão também não indicam que tenha sido realizada qualquer investigação sobre o alegado esfaqueamento dos dois soldados das *ABRI* no exterior do *Kodim*.<sup>CCXVII</sup>
- As confissões dos suspeitos durante os interrogatórios foram obtidas sob condições de coação física e psicológica, por vezes sob tortura, e na ausência de advogados de defesa, cuja presença era obrigatória (ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos).
- A documentação dos tribunais inclui os relatórios médicos dos dois membros das *ABRI* que foram atacados pelos manifestantes, mas não inclui quaisquer documentos acerca dos manifestantes que foram mortos ou feridos pelas forças de segurança. Não existem sequer informações acerca das 19 pessoas (18 pessoas não identificadas e os estudante da Malásia, Kamal Bamadhaj) que as autoridades alegaram terem sido as únicas pessoas mortas nesse dia. O Relator Especial da ONU, N'Diaye, conclui o seguinte:

---

<sup>CCXVI</sup> Os processos sobre Santa Cruz no Tribunal Distrital de Díli revelam que a 12 de Novembro a polícia estava a reunir itens relacionados com o apedrejamento do Summa Bank e da antiga Esquadra da Polícia Regional (*Polwil Lama*): Achmad Bey, Kebag Serse (chefe da secção de investigação), emitiu uma ordem para que fossem apreendidas uma pedra e estilhaços de vidro do Summa Bank e cinco pedras e estilhaços de vidro da *Polwil Lama* [Surat Perintah Penyitaan, No. Pol. SPPNY/ilegível/XI/1991/Serse, 12 de Novembro de 1991, Kebag Serse, Achmad Bey]. No dia seguinte, a Polícia informou o Tribunal Distrital de Díli que identificara José Francisco da Costa em relação com o apedrejamento e que pretendia que fosse legitimada a apreensão da pedra e dos estilhaços de vidro [Mohon Persetujuan Penyitàn Barang Bukti, No. Pol. B/1294/XI/1991/Serse. Ao abrigo do *KUHAP*, a apreensão de provas exige uma ordem de um tribunal. Uma apreensão imediata exige uma aprovação retrospectiva de um tribunal. Essa autorização foi fornecida pelo Tribunal Distrital de Díli a 17 de Dezembro de 1991 na sua *Penetapan* No. 154/Pen.Pid/1991/PN.DIL.]. O mesmo foi feito em relação a José Barreto, suspeito de ter atirado pedras contra a *Polwil Lama*. [Mohon Persetujuan Penyitaan Barang Bukti, No. Pol. B/1243/XI/1991/Serse. A autorização foi concedida pelo Tribunal Distrital e 17 de Dezembro de 1991 na sua *Penetapan* No. 153/Pen.Pid/1991/PN.DIL.].

<sup>CCXVII</sup> Contudo, o segundo Relatório Warouw, *infra*, declara que o major Gerhan Lentara foi esfaqueado por Mariano e Siko (testemunha Júlio da Costa) e o soldado Domingos da Costa foi atacado por Francisco Amaral, p.4.

De acordo com o chefe da Polícia de Timor Leste, os corpos das 19 vítimas confirmadas foram sepultados em Hera a 13 de Novembro, um dia depois da sua morte. Não foram realizadas quaisquer autópsias, nem tiradas fotografias aos cadáveres e, até hoje, 18 dos cadáveres permanecem por identificar. Não se sabe que medidas foram tomadas relativamente aos corpos das vítimas alegadamente sepultadas em valas comuns. Por isso, o Relator Especial chegou a uma conclusão idêntica à da *KPN*, que referiu que “houve um tratamento descuidado daqueles que morreram, porque embora o *visum et repertums* fosse realizado, os mortos não foram adequadamente identificados. Não foi dada oportunidade às famílias/aos amigos das vítimas para identificarem os corpos.<sup>CCXVIII</sup>

- Nos processos não foram incluídas fotografias dos manifestantes alegadamente armados, violentos e “brutais”, que desafiaram e atacaram as forças de segurança. Tal é particularmente surpreendente, tendo em conta o número de oficiais dos serviços de informação que estavam a fiscalizar os movimentos da multidão (um dos quais era o major Gerhan Lentara, que estava a tirar fotografias quando foi esfaqueado).<sup>CCXIX</sup> Só foram incluídos diagramas, desenhados à mão, dos acontecimentos. A Comissão nota que os registos áudio e visuais e respectivo equipamento foram confiscados e que existia um vídeo amplamente divulgado mostrando aquilo que acontecera em Santa Cruz – aquele que fora feito por Max Stahl e mostrado pela *Yorkshire Television* do Reino Unido. Este facto nunca foi tido em conta.<sup>CCXX</sup> Também os processos militares e da Polícia não contêm declarações de qualquer um dos estrangeiros que estiveram presentes.
- A Polícia não identificou adequadamente as armas alegadamente apreendidas no Cemitério de Santa Cruz e usadas pelos manifestantes contra as forças de segurança. Não existe qualquer indicação sobre quem encontrou o quê, onde e quando, e por conseguinte nada que indique que os itens foram realmente encontrados no cemitério ou nas pessoas dos manifestantes. Existe apenas uma lista de itens nos processos, acompanhada da seguinte descrição:

Alguns dos itens que constituem elementos de prova foram encontrados no *TKP* por membros da *Brimob*, e depois entregues à Polícia Sub-regional de Timor Leste, e depois confiscados pelos Investigadores.

---

<sup>CCXVIII</sup> Relatório N'Diaye, parágrafos 56 e 57. O Relator Especial referiu que todas as testemunhas timorenses com as quais se encontrara afirmaram que não houvera nenhum apelo público para que as famílias viessem identificar os corpos, tal como fora afirmado pelo chefe da Polícia de Timor Leste.

<sup>CCXIX</sup> A ausência deste material faz com que esta seja uma situação que sai fora do padrão habitual de praticamente todos os julgamentos políticos que a Comissão examinou. Por exemplo, o processo de Inácio de Jesus dos Santos relativo a uma manifestação ocorrida na Universidade de Timor Leste a 9 de Janeiro de 1995, contém diversas fotografias da manifestação e da detenção dos arguidos. [Inácio de Jesus dos Santos, Processo: 36/PID.B/1995/PN.DIL].

<sup>CCXX</sup> A Comissão nota que a não utilização de provas relevantes constituiu também uma característica dos julgamentos realizados em Jacarta e conduzidos pelo Tribunal *Ad Hoc* sobre Direitos Humanos em Timor Leste em 2002 e 2003 — sendo que a mais flagrante é talvez o facto do tribunal ter ignorado as imagens filmadas que mostram o chefe de uma milícia, Eurico Guterres dirigindo-se a uma multidão de milícias, na presença de altos funcionários indonésios, pouco antes das milícias iniciarem a destruição de Díli e terem atacado a casa de Manuel Carrascalão, onde mataram pelo menos 12 pessoas. A Comissão também examinou essas imagens de filme e possui cópias no seu Arquivo.

- Foram redigidas notas específicas acerca dos itens apreendidos no Summa Bank e na antiga Esquadra da Polícia Sub-regional, bem como acerca dos itens apreendidos nas residências dos manifestantes acusados Francisco Branco e Jacinto Alves.<sup>665</sup> A lista de itens que a Polícia apresentou como provas era diferente das diversas listas militares (ver adiante), sobretudo pelo facto de não incluir armas de fogo. Esta discrepância é importante, porque foi a Polícia civil que foi indicada pela Polícia militar como estando na posse de armas de fogo.<sup>666</sup>

O Relator Especial das Nações Unidas para as Execuções Extrajudiciais, Sumárias e Arbitrárias conclui que as investigações da Polícia civil tinham sido inadequadas porque:

- Sendo a instituição parte das Forças Armadas, não foram investigações independentes e imparciais.
- Os exames médico-legais, em particular as autópsias e testes balísticos, foram inadequados: “O chefe da Polícia afirmou ao Relator Especial que os meios tecnológicos necessários não estavam disponíveis em Timor Leste.”
- A investigação criminal foi inadequada, não identificando quer os perpetradores, quer as vítimas, nem mesmo o número de vítimas, ou determinando o número e paradeiro das pessoas desaparecidas. O Relator referiu, em particular, que a Polícia se concentrara simplesmente numa investigação sobre os manifestantes.<sup>667</sup>
- A forma de lidar com os corpos dos mortos foi descuidada, incluindo o enterro dos corpos um dia após o massacre, sem que fossem realizadas autópsias, feitas fotografias ou estabelecida a sua identificação de forma adequada.<sup>668</sup>
- Não foram feitos esforços para identificar os corpos e o Relator não aceitou a afirmação de que fora feito um apelo público às famílias dos desaparecidos para que examinassem os cadáveres depositados na morgue.<sup>669</sup>

### Relatórios do comando militar em Timor Leste

O comando militar em Timor Leste conduziu as suas próprias investigações sobre os acontecimentos em Santa Cruz. Foram preparados dois relatórios pelo chefe do Comando de Implementação de Operações em Timor Leste (*Komando Operasi Pelaksana Timor Timur, Kolakops Timor Timur, Kolakops*), brigadeiro-general Rudolf S. Warouw, que foram enviados ao Comando Militar Regional sediado em Bali. Estes relatórios, datados de 13 de Novembro de 1991 e de 30 de Dezembro de 1991, apresentaram a versão militar oficial daquilo que acontecera na manifestação e explicaram a resposta das forças de segurança.<sup>CCXXI</sup> São aqui referidos como o Primeiro e segundo Relatórios Warouw, respectivamente.<sup>CCXXII</sup> Não parece ter sido feita qualquer tentativa pelos militares para investigar as mortes ilícitas ocorridas a 12 de Novembro de 1991, ou as outras graves violações dos direitos humanos que tiveram lugar nessa data.

O distrito de Díli foi designado “Sector C” pelo *Kolakops* e o sector ficou sob o comando do coronel de Infantaria Binsar Aruan. O coronel Binsar formou uma Companhia Combinada na

<sup>CCXXI</sup> Estes documentos foram entregues à Comissão pelo ministro dos Negócios Estrangeiros e Cooperação da RDTL, José Ramos-Horta, e estão no Arquivo da CAVR. Fazem parte da documentação solicitada, mas nunca recebida, pelo Relator Especial N'Diaye.

<sup>CCXXII</sup> Laporan Khusus Lapsus/26/XI/1991 tentang Peristiwa '12 Nopember 1991' di Dili, Timor Timur, Relatório Especial Lapsus/26/XI/1991 relativamente ao 'incidente de 12 de Novembro' em Díli, Timor Leste com data de 13 de Novembro, do *Komando Pelaksanaan Operasi Timor Timur (Pangkolakops)*. O relatório de 22 páginas do chefe do *Kolakops* foi enviado ao comandante-em-chefe do Comando Militar Regional, sediado em Bali, com cópia para 10 outros comandantes, incluindo o comandante-em-chefe das Forças Armadas indonésias (*Panglima ABRI*), e o chefe de Estado-Maior do Exército (*Kepala Staf Angkatan Darat*); Laporan Khusus Tentang Pengungkapan Para Perusuh Yang Terlibat Dalam Peristiwa Demonstrasi 12 Nopember 1991 Di Santa Cruz, Dili, Timor Timur, [Relatório especial sobre a identificação dos perturbadores da ordem na manifestação de 12 de Novembro de 1991 em Santa Cruz, Díli, Timor Leste] datado de Dezembro de 1991 (não é indicado o dia) assinado e selado pelo *Komando Pelaksana Operasi*.

noite de 11 de Novembro para controlar a cerimónia de deposição de flores em memória de Sebastião Gomes Rangel, que os militares sabiam que iria ter lugar no dia seguinte. A Companhia Combinada era composta por um pelotão da Brigada Móvel da Polícia (*Brimob*) e dois pelotões de soldados do Batalhão 303. Aparentemente, juntaram-se também alguns soldados do Comando Militar Distrital de Díli (*Kodim Díli*), bem como do Batalhão 744.

O primeiro Relatório Warouw

O primeiro Relatório Warouw revela que as investigações militares foram realizadas imediatamente após o incidente, mas que apenas foram entrevistados membros das forças de segurança. O Relatório contém um documento de 22 páginas assinado pelo brigadeiro-general Warouw, que se baseia num documento apenso de 12 páginas do coronel Binsar Aruan. O coronel Binsar era o comandante do Sector C, a área militar que abrangia Díli. Ele formara a Companhia Combinada, que incluía dois pelotões do Batalhão 303 e um pelotão da *Brimob*, na véspera da manifestação. A Companhia Combinada era comandada pelo segundo-tenente Mursanib.

Para além dos dois documentos escritos, o primeiro Relatório Warouw contém ainda diagramas que mostram os movimentos das tropas relacionados com a visita do Relator Especial das Nações Unidas para a Tortura professor Pieter Koojimans que estava a ter lugar nessa altura, e em antecipação da manifestação e na sequência desta. O relatório contém pormenores sobre as armas apreendidas no Cemitério de Santa Cruz e relatórios indicando que os feridos foram levados para o hospital e que 308 pessoas foram levadas para a sede da Polícia. Destas, 49 ficaram detidas e 259 regressaram para junto das suas famílias.

É por demais evidente que esta investigação não foi imparcial. Em primeiro lugar, ela foi realizada pela pessoa responsável pelas Forças Armadas em Timor-Leste e, por isso, responsável pelas acções dos militares no cemitério. Em segundo lugar, os militares assumiram desde o início que a manifestação fora organizada pela Resistência, o que constituía uma justificação para a sua conduta. O objectivo declarado do primeiro Relatório Warouw era:

[R]eportar ao Comando a manifestação de um grupo anti-integração com o apoio da *GPK* Fretilin...com o objectivo de constituir material a ter em conta na definição da política a seguir.<sup>CCXXIII</sup>

A análise que os militares fizeram do incidente baseia-se no pressuposto de que a manifestação foi planeada por elementos radicais e criminosos; e de que não se tratou simplesmente de uma pacífica missa comemorativa. O primeiro Relatório Warouw afirma que “aqueles que tivemos de enfrentar não eram manifestantes mas guerrilheiros armados”. Duas das diferenças entre esta manifestação e uma missa pacífica assinaladas pelo primeiro Relatório Warouw foram simplesmente exemplos do exercício do direito à liberdade de expressão:

1. Tratou-se da primeira exibição pública de bandeiras da Fretilin e das Falintil.
2. Os manifestantes empunhavam cartazes e panos de dirigentes do *GPK* que afirmavam serem símbolos da unidade nacional de Timor Leste.

Foi alegado que a manifestação fazia parte de um plano mais vasto do *GPK* (isto é, da Resistência), para influenciar um pequeno número de pessoas, incluindo estudantes e jovens, no sentido de levarem a cabo actividades destrutivas anti-integração. Esse plano incluiria, alegadamente, estratégias para dar uma ênfase excessiva a determinadas questões e para usar a religião e a Igreja para influenciar as pessoas. O Relatório reconhecia que o cancelamento da

---

<sup>CCXXIII</sup> O comandante-em-chefe do *Kolakops*, brigadeiro-general Rudolf Warouw, ordenou uma “investigação do caso de uma manifestação por um grupo da Fretilin e seus apoiantes.” No primeiro Relatório Warouw de 13 de Novembro.

visita da delegação parlamentar portuguesa causara um grande desapontamento. Os militares concluíram que a liderança da Resistência utilizara a oportunidade para planear actos destrutivos, com a finalidade de provocar acções repressivas por parte das forças de segurança. É referido que a Resistência espalhou rumores falsos acerca das *ABRI*. O Relatório indica que os membros das *ABRI* encararam os manifestantes como fazendo parte da Resistência e, nessa qualidade, como inimigos. Os manifestantes foram por isso vistos como alvos merecedores, se não mesmo legítimos, de ataque.

A manifestação foi também considerada diferente porque “os manifestantes atacaram deliberadamente membros das *ABRI*, tentaram apoderar-se das suas armas e insultaram a sua honra. Este tipo de manifestação brutal foi um plano típico dos revoltosos.” O carácter supostamente armado e agressivo dos manifestantes foi o segundo ponto-chave na análise do incidente feita pelos militares. De acordo com o relatório, Mursanib deu ordens aos seus homens para que disparassem tiros de aviso para o ar, mas a multidão voltou a avançar, ouviram-se gritos incitando ao ataque e foram atiradas pedras. Após uma segunda rajada de tiros de aviso, uma granada ainda com a cavilha intacta foi alegadamente atirada contra os militares, tendo sido apanhada pelo segundo-tenente Mursanib. Houve escaramuças, quando os manifestantes tentaram tirar armas aos soldados e um soldado ficou ferido numa mão. Finalmente, dada a natureza crítica da situação, foram disparados tiros durante seis a oito segundos, a que se seguiu uma fuga desordenada da multidão em que muitos foram espezinhados.

O ponto de vista do Relatório, à luz desta versão dos factos, foi de que o pessoal de segurança actuara em autodefesa, sem premeditação, numa situação de grande pressão em que a multidão que os atacava constituía um perigo para a sua vida e gritava palavras muito insultuosas. O Relatório notava que dos soldados profissionais se espera que tomem acções firmes, rápidas e precisas em momentos críticos, quando as suas vidas e as suas armas estão ameaçadas. O Relatório referia que a evolução dos acontecimentos era de lamentar, mas que os acontecimentos em análise envolviam os esforços das *ABRI* para defender e honra e soberania da nação, uma vez que o *GPK/Fretilin* constituía um inimigo nacional que tinha de ser destruído.<sup>CCXXIV</sup>

As recomendações foram no sentido de:

- Accionar judicialmente os dirigentes e participantes nos distúrbios por actos de subversão.
- Levar a tribunal os membros das forças de segurança contra quem existiam provas, sancionando aqueles que tinham tomado parte nos acontecimentos mas contra os quais as provas eram insuficientes.
- Recusar entrada aos jornalistas que se fizessem passar por turistas, por razões operacionais.

#### *Deficiências nos métodos utilizados na investigação militar*

A Comissão identificou numerosos hiatos e deficiências no modo como os militares realizaram a sua investigação. Em primeiro lugar, existiam importantes conflitos de interesses. Os militares basearam-se nos oficiais responsáveis pela Companhia Combinada para estabelecerem a sua versão daquilo que acontecera no cemitério. Além disso, utilizaram as forças de segurança que tinham estado envolvidas no massacre para investigar o local do crime. No decurso da operação de “limpeza”, os soldados do Batalhão 303 e da *Brimob* reuniram provas contra os

---

<sup>CCXXIV</sup> O Relator Especial da ONU, que não teve acesso aos documentos examinados pela Comissão, pôde ainda assim concluir que: “[As] acções das forças de segurança não constituíram uma reacção espontânea contra uma multidão turbulenta, mas uma operação militar planeada e concebida para lidar com uma manifestação pública de oposição política de um modo que não está de acordo com as normas internacionais dos direitos humanos.” [Relatório N'Diaye].

manifestantes. Também removeram cadáveres e sobreviventes antes de poder ser realizada uma investigação médico-legal da cena do crime.

As oportunidades para colocar ou destruir provas numa situação desse tipo eram múltiplas. Não foi mantida uma cadeia adequada de registo e custódia das provas. Existe nos processos um diagrama genérico que indica onde foram encontradas certas armas, mas apenas uma arma (a granada de Mursanib) foi registada como tendo sido encontrada por um indivíduo. As outras armas foram simplesmente assinaladas como tendo sido encontradas por uma unidade militar, por exemplo, o Batalhão 303 ou a *Brimob*. Existiu também um elevado risco de destruição de provas. Os manifestantes referiram que antes das forças de segurança os terem retirado do cemitério, viram a estrada a ser lavada para fazer desaparecer as marcas de sangue.<sup>670</sup> Na verdade, esta destruição de provas prosseguiu nos dias seguintes, quando os corpos foram sepultados secretamente, sem um tratamento médico-legal adequado e sem terem sido devolvidos às famílias.

Não foi conservado qualquer registo do local onde fora encontrado cada corpo ou pessoa ferida. A localização das pessoas baleadas era particularmente importante, tendo em conta o argumento apresentado pelos militares de que tinham actuado em autodefesa. Se os militares tivessem disparado genuinamente em autodefesa, as vítimas teriam sido aqueles que estavam mais próximo das forças de segurança, e não haveria quaisquer vítimas com feridas provocadas por armas de fogo no interior do cemitério ou longe da “linha de confronto” entre as forças de segurança e os manifestantes.

#### *O segundo Relatório Warouw*

O segundo relatório do comandante-em-chefe do *Kolakops* de Timor Leste, datado de mais de seis semanas depois do primeiro relatório, concentrou-se na transmissão de informações obtidas de indivíduos acusados e interrogados acerca da Resistência em Timor Leste. O Relatório continha:

- Registos indicando quem tinha sido detido e libertado ou que ainda se encontrava preso, bem como as acusações formuladas contra certos presos.
- Diagramas feitos à mão sobre a estrutura da rede da Resistência.
- Relatórios dos serviços de informação acerca das actividades dos estrangeiros presentes na manifestação.

O Relatório não constituiu uma investigação das responsabilidades pelos homicídios ou outras violações graves dos direitos humanos perpetradas pelas forças de segurança em Santa Cruz. Em vez disso, através das descrições detalhadas que contém da estrutura e estratégias da rede clandestina, bem como das sínteses dos depoimentos extraídos aos manifestantes presos, o Relatório parece sugerir que esse triunfo dos serviços de informação constituiu uma justificação para o massacre no Cemitério de Santa Cruz.

#### **Investigações realizadas pela Polícia Militar**

As investigações sobre a conduta dos militares em Timor Leste em relação às mortes ocorridas em Santa Cruz foram levadas a cabo pela Polícia militar a partir do Comando Militar Regional (*Kodam*) em Bali. A Comissão teve acesso a três relatórios da Polícia militar, que fora incumbida de realizar uma investigação sobre as acções da Companhia Combinada.<sup>CCXXV</sup> Esses relatórios

---

<sup>CCXXV</sup> A Comissão analisou o relatório original sobre o massacre, feito para a Polícia Militar, e contido na *Berkas Perkara* do sargento Aloyisus Rani (ver adiante). O Relatório da Polícia nº LP-28/A-22/DESTACAMENTO DA POLÍCIA MILITAR IX/4/1991, foi redigido pelo segundo-sargento Zainuddin, e diz respeito a: “distúrbios entre as forças de segurança e

são aqui referidos como o primeiro, segundo e terceiro Relatórios da Polícia Militar, e estão datados de 26 de Novembro de 1991, Dezembro de 1991 e Janeiro de 1992, respectivamente.<sup>671</sup>

#### *O primeiro Relatório da Polícia Militar*

Os três relatórios aceitaram a versão dos factos do *Kolakops* acerca da manifestação, em particular o enquadramento político e a natureza perigosa dos manifestantes. O primeiro Relatório da Polícia Militar afirma, por exemplo:

O grosso dos manifestantes que levaram a cabo a manifestação de 12 de Novembro de 1991 teve um comportamento brutal, emotivo e selvagem em resultado da instigação do exterior por parte do grupo anti-integração, que é suspeito de ter estado por detrás do planeamento da manifestação.<sup>672</sup>

O relatório confirma que os membros da Companhia Combinada fizeram tudo o que estava ao seu alcance para controlar a multidão, usando meios persuasivos através do seu posicionamento e do disparo de tiros de aviso, de acordo com procedimentos pré-definidos. O relatório afirma que as forças de segurança não poderiam ter antecipado que a multidão se tornaria cada vez mais violenta e as atacaria com armas brancas, armas de fogo e granadas. As tropas foram obrigadas a disparar em autodefesa. O relatório sublinha que, de acordo com o artigo 49º do Código Penal (*KUHP*) não é punível uma pessoa que aja em autodefesa para se proteger de uma ameaça directa à sua integridade física, moral ou à sua propriedade. É admissível exceder os limites da autodefesa quando esta é o “resultado da ofensa [literalmente, perturbação do coração] provocada pelo ataque”. Por isso, conclui o relatório, as forças de segurança actuaram de acordo com a lei.

Além disso, o relatório afirmava que os ataques dos manifestantes ao major Gerhan Lentara e soldado Domingos eram actos criminosos que deviam ser objecto de procedimento judicial.

#### *O segundo Relatório da Polícia Militar*

O segundo Relatório da Polícia Militar, com sete páginas, apresenta uma nova explicação para as graves violações dos direitos humanos perpetradas em Santa Cruz. Refere membros da Companhia Combinada e outros membros das *ABRI* que actuaram fora da cadeia de comando. Três membros do *Kodim* de Díli deixaram alegadamente o *Kodim* sem para tal terem recebido ordem, dirigindo-se ao cemitério e disparando sobre a multidão. Os três homens eram o sargento-mor Petrus Saul Meta, primeiro-sargento Aloysius Rani e primeiro-sargento Udin Syukur. Um membro da polícia, o primeiro-cabo Marthin Alau, também se dirigiu ao local sem para tal ter recebido ordens e esfaqueou um manifestante em resultado do seu estado emocional ao ver o comportamento da multidão e o rasgar de uma bandeira indonésia defronte da Esquadra de Polícia de Díli. O relatório conclui que estes membros das forças de segurança actuaram por sua própria iniciativa, violando o artigo 103º do Código Penal Militar (*KUHPM*).

A Comissão considera não ser claro por que razão estes elementos da história só surgiram no segundo Relatório da Polícia Militar, em Dezembro de 1991. Todos os quatro “elementos que actuaram por sua própria iniciativa” dizem que se apresentaram imediatamente aos seus superiores ao regressarem às respectivas bases a 12 de Novembro, e que entregaram as armas que tinham levado consigo, ficando a aguardar as respectivas sanções disciplinares. Assim sendo, a sua actuação já seria conhecida quando foram elaborados os relatórios Warouw e o primeiro Relatório da Polícia Militar.<sup>673</sup>

---

manifestantes opositores à integração na Indonésia. A causa dos referidos distúrbios foi um grupo de jovens contrários à integração na Indonésia que realizou uma manifestação violenta e brutal, levando as forças de segurança a abrir fogo”.

Particularmente preocupante no segundo Relatório da Polícia Militar é a alteração ao depoimento original de uma testemunha, o segundo-tenente Mursanib, que acabou por ser demitido do seu posto. A Comissão examinou um exemplar original assinado da primeira transcrição do interrogatório de Mursanib. E comparou-o com o exemplar das suas declarações que constam do segundo Relatório da Polícia Militar, uma fotocópia do documento original. Em duas passagens do documento fotocopiado, onde são feitas referências à descoberta da granada, as palavras foram tapadas e escritas por cima. Essas alterações não foram rubricadas pelo depoente ou pelos interrogadores.

#### *O terceiro Relatório da Polícia Militar*

O terceiro Relatório da Polícia Militar tem apenas cinco páginas e introduz dois importantes elementos novos — o papel do Batalhão 303 de Taibessi e de seis outros soldados que actuaram por sua própria iniciativa. Contém resumos das declarações de 36 testemunhas e apresenta uma lista de 12 potenciais acusados. O Relatório sublinha o papel de:

- Soldado Mateus Maia e soldado Alfonso que mataram a tiro um jornalista estrangeiro (Kamal Bamadhaj) diante das instalações do Departamento de Informação de Díli.
- Três *Milsas* que estavam ligados ao Batalhão 303/SSM que dispararam sobre a multidão à passagem da *Brimob* pela Ponte dos Amigos (em Taibessi, próximo do cemitério).
- Três membros do Batalhão 303/SYB chamados Adolfo Tilman, Mustari e Gomboh, que alegadamente agrediram alguns manifestantes, usando as suas armas contra eles.
- O segundo-tenente Alex Penpada, comandante de pelotão responsável pelos serviços de informação no Comando Militar Sub-regional 164/*Wira Dharma*, que alegadamente agrediu manifestantes e viu um membro das milícias *Railakan* agredir manifestantes.

Foi feita uma nova análise que revelou o papel do Batalhão 303/SSM que saíra de Taibessi quando tivera notícias sobre o modo como estava a evoluir a situação no cemitério:

Uma unidade do Batalhão 303/SSM passou diante da *SST Brimob* vinda do lado de Taibessi e também do destacamento da Polícia militar, o que se suspeita terá ocorrido porque a *SST Brimob* parecia ter dúvidas sobre o modo de enfrentar o momento crítico acima descrito.<sup>674</sup>

O relatório afirma que, por causa disto, o Batalhão 303/SSM chegou antes da *Brimob* para confrontar os manifestantes:

[Por] ocasião dos segundos disparos, alguns soldados visaram directamente o seu alvo, alguns [dos soldados] eram ex-*Milsas* sob o comando do Batalhão 303, o que provocou mortes entre os manifestantes. Para além dos actos da Polícia antiotim acima referidos, e que não foram apropriados, alguns soldados, sem que para tal tivessem recebido ordens, exacerbaram o ambiente caótico e também dispararam sobre os manifestantes. Quando teve lugar a consolidação, e os prisioneiros foram reunidos, alguns membros das forças de segurança, fardados, sem estarem completamente fardados ou trajando à civil, continuaram a maltratar os manifestantes.<sup>675</sup>

Segundo o relatório, a alteração do estatuto e das tarefas atribuídas ao Batalhão 303/SSM desempenharam um papel importante e explicam a razão por que os seus membros se

comportaram do modo descrito. O Batalhão 303 fora inicialmente colocado em Timor Leste como força de combate “com a missão de caçar, encontrar e destruir o inimigo”. Foi referido que a unidade não fora treinada para tarefas de natureza territorial tais como o controlo de motins e que, dado o elevado patriotismo dos seus membros, as provocações de que foram alvo levaram-nos a actuar do modo que consideraram o melhor para resolver o problema.

#### *O método de investigação da Polícia militar*

A Polícia militar baseou as suas conclusões sobretudo nos interrogatórios realizados. O primeiro Relatório contém 38 Registos de Interrogatórios (Rdl) com as assinaturas originais dos interrogados. Foram realizados interrogatórios a 30 membros da Companhia Combinada, oito membros da *Brimob* e 28 soldados do Batalhão 303, quatro membros do Batalhão 744 e quatro civis. Estes civis, Victor Benevides (15 anos), Joanico dos Santos, Yose [sic] Francisco da Costa e Manuel Eduardo dos Santos, foram os primeiros civis a serem interrogados em qualquer uma das investigações militares e da Polícia. Os seus depoimentos foram feitos e assinados na Sede do Destacamento da Polícia Militar IX/4 mas não é claro se estavam presos nessa altura. Os Rdl confirmam que os manifestantes se comportaram de forma violenta e agressiva e que possuíam armas tais como paus, facas e pedras.

O segundo Relatório da Polícia Militar contém cinco Rdl adicionais – do chefe do Estado-Maior do *Kodim*, Pieter Lobo, e dos membros das *ABRI* suspeitos de actuarem fora da cadeia de comando.

A Comissão regista que os depoimentos dos membros das forças de segurança são extremamente consistentes, frequentemente coincidindo palavra-por-palavra na descrição da ameaça genuína às forças de segurança e no modo como estas actuaram em autodefesa. Todos os elementos das forças de segurança interrogados referiram o mesmo comportamento agressivo, “selvagem” e “brutal” da multidão; todos ouviram as mesmas provocações e viram ou ouviram as mesmas coisas. Uma tal consistência pode dever-se ao facto das suas declarações reflectirem a verdade; mas também pode reflectir uma perversão do curso da justiça através de um conluio entre todos sobre determinada versão dos acontecimentos ou de uma versão imposta pelos investigadores. Uma vez que testemunhas independentes, referidas por organizações internacionais, afirmam com igual consistência que os manifestantes não estavam armados, tiveram um comportamento não violento e nada fizeram para provocar as forças de segurança, que não deram qualquer pré-aviso antes de abrirem fogo, um investigador genuíno teria de considerar ambas as versões dos acontecimentos para fazer uma avaliação objectiva e justa dos factos. O facto da existência e consistência doutros relatos nunca terem sido consideradas nas investigações indonésias causa justificadas preocupações quanto à integridade de todo o processo.

A Polícia militar levou a cabo, aparentemente, uma investigação médico-legal no cemitério a 14 de Novembro de 1991, mas essa investigação esteve longe de ser exaustiva.<sup>676</sup> A investigação limitou-se a registar o número de marcas de balas num diagrama básico do local do crime. Foram contadas setenta e duas marcas de balas. Todas, à excepção de uma, encontravam-se fora do cemitério, no muro de entrada, nas árvores e postes de electricidade. No entanto, os ângulos de entrada não foram registados e comparados com a localização das tropas, e as balas encontradas nestes locais não foram retiradas a sujeitas a testes de balística. Parece não ter havido qualquer exame do local em busca de provas de outros maus-tratos que pudessem ter ocorrido, tais como marcas nas lápides resultantes de armas brancas ou coronhas de armas. Da investigação levada a cabo no local do crime não foram extraídas quaisquer conclusões.

## Questões por responder

As omissões nas investigações levadas a cabo pelos serviços de segurança indonésios fornecem importantes indicações acerca da credibilidade do processo.

A Comissão regista que algumas questões que deveriam ser questões básicas em qualquer investigação genuína e imparcial sobre a utilização letal da força por parte de oficiais das forças de segurança e manutenção da ordem não parecem ter sido colocadas e, quando o foram, as respostas não parecem ter recebido a consideração adequada. Isto é particularmente notório à luz das versões radicalmente contraditórias daquilo que aconteceu. Por exemplo, as seguintes questões nunca foram colocadas:

- Que tipo de forças foram colocadas no terreno para lidar com os manifestantes e que tipo de equipamento lhes foi distribuído? Essas forças e equipamentos eram apropriados para a situação? Por que razão não foram usados equipamentos antimotim habituais, tais como balas de borracha, canhões de água e gás lacrimogéneo?
- Qual era exactamente a ameaça com que se defrontavam as forças de segurança? Que provas existem de que os soldados actuaram em autodefesa?
- Se a utilização da força e de armas de fogo era inevitável, como alegam os militares e a CNI, será que as forças de segurança actuaram com contenção e de forma proporcional à ameaça com que deparavam e ao objectivo legítimo que pretendiam alcançar? Seria a ameaça tão substancial que justificasse o número de disparos feitos?<sup>CCXXVI</sup>
- Se a utilização da força era inevitável e resultou de um acto de autodefesa, por que razão, de acordo com as questões levantadas pelo Relator Especial da ONU:

[M]anifestantes que tentavam fugir foram atingidos nas costas. Por que razão, depois de terem terminado os disparos, os soldados continuaram a esfaquear, pontapear e espancar os sobreviventes (incluindo os feridos) no interior do cemitério, a caminho do hospital e nas aldeias vizinhas durante o resto do dia e, possivelmente, ao longo de vários dias?<sup>677</sup>

- Por que foram usados soldados de combate (Batalhão 303) e não simplesmente os elementos da *Brimob*, que estavam treinados para lidar com distúrbios?
- Havia alguém a controlar a situação no cemitério? Quem deveria ter sido responsável pelo controlo da situação? Quais eram os métodos de coordenação entre as diferentes forças presentes?
- O que aconteceu aos mortos e desaparecidos?

### Não interrogatório de intervenientes relevantes

<sup>CCXXVI</sup> Da leitura dos processos conclui-se que são referidos cerca de 140 disparos. A verificação das armas após o evento revela que os membros da Companhia Combinada do Batalhão 303 dispararam 73 vezes e os da *Brimob* dispararam 33 vezes. Nove tiros de aviso foram disparados pelo Batalhão 744. Pelos menos 25 disparos foram feitos pelo Batalhão 303 que veio de Taibessi. Deste modo, sabe-se que foram disparados 140 tiros. Além disso, foram encontradas no local pela Polícia militar 72 marcas de balas.

Embora os depoimentos recolhidos pelos investigadores militares junto de membros forças de segurança de baixa patente pareçam ter sido bastante exaustivos, alguns oficiais superiores envolvidos no incidente não foram interrogados pela Polícia militar. O comandante do Sector C, o coronel Binsar Aruan, e o comandante do Batalhão 303, Asril H. Tanjung, não parecem ter sido interrogados no âmbito das investigações de apuramento de factos cuja documentação a Comissão pôde consultar.<sup>CCXXVII</sup> Tal como não o foram outros actores relevantes como os comandantes do *Kodim* e do Batalhão 744, e aqueles que estiveram envolvidos no trabalho de recolha de informações. As questões-chave — Quem comandava? Quais foram realmente as ordens dadas a 12 de Novembro? O que foi feito para evitar a violência? — ficaram, por isso, por esclarecer. É significativo que tenha sido o coronel Binsar Aruan a pessoa responsável pela redacção da primeira versão dos militares dos acontecimentos, que foi, genericamente, adoptada por todos os investigadores posteriores, embora ele próprio acabasse por ser demitido.

Os testemunhos dos estrangeiros que estavam com os manifestantes não foram recolhidos. Eles foram testemunhas oculares daquilo que aconteceu e alguns, como Allan Nairn e Amy Goodman, estavam na linha da frente da manifestação e, embora não fossem baleados, foram atacados fisicamente pelas forças de segurança. Dos processos não se retira qualquer razão plausível que explique o facto de não terem sido interrogados, ou porque não foram as suas declarações públicas tidas em conta pelos investigadores.

### **Inconsistências nas provas**

Os investigadores não conseguiram esclarecer diversas inconsistências nas provas apresentadas. Algumas das principais inconsistências incluem:

- Cada um dos relatórios do *Kolakops*, da Polícia militar e outras declarações e registos de interrogatórios regista o número e tipos de armas recolhidas no local do incidente. Trata-se de um aspecto importante na medida em que permite estabelecer se os manifestantes estavam realmente armados e se as forças de segurança tinham motivos para disparar em autodefesa. A Polícia civil não encontrou armas de fogo, apenas armas brancas incluindo 26 catanas, 70 facas, uma lança e 19 foices. Um membro da *Brimob* que testemunhou no julgamento de Jacinto Alves também referiu apenas facas, lanças, catanas, tubos e bandeiras.<sup>678</sup> Outras testemunhas e relatórios referem numerosas armas de fogo que foram alegadamente recolhidas na zona onde ocorreu um incidente, mas esses relatos são também muito pouco consistentes. O comandante da Companhia Combinada, o segundo-tenente Mursanib, falou numa espingarda G3 e em duas pistolas FN.<sup>679</sup> Estes factos foram confirmados no primeiro Relatório da Polícia Militar, em finais de Novembro. O primeiro Relatório Warouw, no entanto, que foi preparado no dia seguinte ao da manifestação, referia que para além dessas armas de fogo haviam sido encontradas uma espingarda *Mauser* e uma pistola *Smith & Weston*, juntamente com balas. O segundo Relatório Warouw acrescentou mais uma espingarda *Mauser* e outra *Colt*, juntando os números de série de todas as armas. Os investigadores não parecem ter feito qualquer tentativa para determinar a razão de tais inconsistências.

---

<sup>CCXXVII</sup> A Comissão tem de partir do princípio que foi realizada uma investigação sobre o seu papel, uma vez que esses comandantes acabaram por ser punidos. No entanto, é notório que por alguma razão, o seu testemunho não foi tido em conta numa tentativa para obter uma imagem rigorosa daquilo que acontecera na manifestação.

- Também existiram inconsistências nos depoimentos prestados por indivíduos. O segundo-tenente Mursanib forneceu três depoimentos escritos aos investigadores da Polícia militar.<sup>CCXXVIII</sup> Estes depoimentos apresentavam graves contradições que nunca foram esclarecidas.<sup>CCXXIX</sup> Por exemplo, nos dois primeiros registos de interrogatório, Mursanib afirma que ordenou aos membros da Companhia Combinada que disparassem tiros de aviso para o ar. No seu terceiro depoimento, porém, ele nega ter ordenado quaisquer tiros de aviso. Em resposta à pergunta: “É verdade que deu ordem para que fosse disparado um tiro de aviso e como é que foi dado esse comando?” Mursanib respondeu:

“Eu não dei ordem para disparar um tiro de aviso naquele momento porque a multidão estava a provocar um tumulto. Ouvi gritos vindos de uma zona a Sul da pequena venda de comida, e o som de armas a serem carregadas e os membros do 303 que faziam parte da Companhia Combinada começaram a disparar. Eu vi membros do 303 a disparar e gritei-lhes que parassem” (resposta à pergunta 6b5).<sup>680</sup>

- O papel de Mursanib foi descrito de forma inconsistente. No primeiro Rdl de 17 de Novembro de 1991, Mursanib é claramente identificado como comandante da Companhia Combinada e é assim que ele é descrito no segundo Rdl de 25 de Dezembro de. Contudo, no terceiro Rdl de Março, ele descreve-se a si próprio como um mero oficial sócio-político, e afirma que nunca deu quaisquer ordens e que, na verdade, nunca existiu Companhia Combinada alguma, tendo o termo sido utilizado apenas por uma questão de conveniência.<sup>CCXXX</sup>

O facto de estas inconsistências terem sido ignoradas pelos investigadores, quando são claramente fundamentais para determinar se as forças de segurança actuaram de acordo com os procedimentos e como foram comandadas, revela, ou uma incompetência flagrante, ou um esforço deliberado para ocultar a verdade.

#### **Lacunas na investigação médico-legal**

Os investigadores também ignoraram lacunas importantes na investigação médico-legal. Os projecteis nos corpos dos feridos e mortos constituíam provas fundamentais que deviam ter sido preservadas e enviadas para testes balísticos, para poderem ser associadas às armas que foram disparadas pelas forças de segurança. Os processos não contêm qualquer informação sobre aquilo que aconteceu aos projecteis retirados dos corpos dos feridos nem sobre qualquer tentativas para os comparar com as armas das forças de segurança.

<sup>CCXXVIII</sup> 17 de Novembro de 1991 [Primeiro Rdl de Mursanib], incluído no Primeiro Relatório da Polícia Militar; 25 de Dezembro de 1991 [Segundo Rdl de Mursanib], incluído no processo Rani; 21 de Março de 1992 [Terceiro Rdl de Mursanib], incluído no processo Rani. A Comissão faz notar que, enquanto que os dois depoimentos mais tardios de Mursanib foram incluídos no processo contra Aloysius Rani, o Primeiro Rdl de Mursanib nunca foi apresentado ao Tribunal Militar.

<sup>CCXXIX</sup> As peças documentais examinadas pela Comissão sugerem que as alterações no depoimento de Mursanib podem não ter sido questionadas pelos investigadores porque todo o exercício foi fabricado. Esta opinião é fundamentada pela natureza enviesada das questões que lhe foram colocadas e pelo facto de determinadas questões serem retomadas em ocasiões posteriores, quando os assuntos pareciam ter ficado devidamente esclarecidos em interrogatórios anteriores, bem como pelo facto do depoimento original de Mursanib não ter sido admitido como prova no processo Rani.

<sup>CCXXX</sup> Segundo a *Asia Watch* in *East Timor: The Massacre Courts Martial*, p. 4, Mursanib era responsável pela secção social e política do *Kodim (Kasi Sospol)*.

Além disso, continua a não ser claro que tipo de trabalho médico-legal foi feito sobre os cadáveres. Embora membros do público tenham afirmado que não existiam instalações em Timor Leste para a realização de autópsias, o Primeiro Relatório da Polícia Militar refere ter sido realizada a autópsia de um corpo no próprio dia do massacre, e que a causa dessa morte fora uma bala que não tinha sido disparada por uma arma distribuída a militares. Existe também uma lista de 110 nomes no processo de Aloysius Rani no tribunal militar que é, alegadamente, de “relatórios de autópsia” (ver adiante uma análise deste processo). O Relator Especial da ONU foi informado pelo chefe da Polícia que os 18 corpos não identificados e o cadáver de Kamal Bamadhaj tinham sido enterrados a 13 de Novembro de 1991 porque a morgue do hospital só tinha espaço para três ou quatro corpos. O chefe da Polícia também disse ao Relator Especial que o hospital produzira certificados médicos relativamente a 19 corpos.<sup>681</sup>

É sabido que os corpos destas 19 pessoas foram apressadamente sepultados no cemitério de Hera e não devolvidos às respectivas famílias.<sup>CCXXXI</sup> Além do mais, eles não corresponde à totalidade dos mortos provocados pelo incidente, e os relatos de enterros em massa de pessoas mortas nos acontecimentos de Santa Cruz ou após estes nunca foram investigados. A KPN procedeu a uma exumação de uma sepultura com um tractor em Hera. O Relator Especial da ONU não ficou impressionado com esses esforços:

“O Relator Especial não pôde deixar de ficar surpreendido com a forma indiscriminada como se procedeu à escavação, contrária à metodologia básica utilizada em qualquer perito em exumações e muito provavelmente com efeitos negativos para qualquer análise médico-legal subsequente. As conclusões a que se chegou depois desta exumação foram irrelevantes: a vítima fora sepultada num caixão, completamente vestida, e existia apenas um cadáver na sepultura. Não foi realizada nenhuma autópsia do corpo e, por conseguinte, não foi obtida nenhuma informação pertinente, tal como a identidade do cadáver ou a causa da morte”.<sup>682</sup>

### **A investigação e o relatório da Comissão Nacional de Inquérito**

A 18 de Novembro de 1991, através do Decreto Presidencial nº 53, o Presidente Suharto nomeou uma Comissão Nacional de Inquérito (*Komisi Penyelidik Nasional, KPN*). A análise que a Comissão fez do inquérito levado a cabo pela KPN é limitada, uma vez que apenas teve acesso a uma página de conclusões de um relatório preliminar de nove páginas da KPN, datado de 26 de Novembro de 1991. Essas conclusões foram publicadas pela Amnistia Internacional e reproduzidas num anexo ao Relatório N'Diaye. O relatório integral da KPN nunca foi tornado público. No entanto, parece claro das conclusões do relatório preliminar e das críticas doutras organizações de direitos humanos que a investigação da KPN não foi exaustiva nem imparcial. Com efeito, a KPN aceitou a versão dos militares dos acontecimentos sem a questionar, embora existissem provas consideráveis que a contradiziam.

Uma das preocupações mais graves com o trabalho da KPN teve que ver com a sua falta de independência. A KPN era composta por sete pessoas representando diversos ramos do Governo e da instituição militar: era presidida por um juiz do Supremo Tribunal com um passado militar, e os restantes membros provinham do quartel-general das ABRI, do Conselho Consultivo

<sup>CCXXXI</sup> As normas internacionais consagradas pela ONU nos Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias para tais investigações exigem que os corpos não sejam sepultados até ter sido realizada uma autópsia adequada por um especialista devidamente qualificado. Aqueles que realizarem a autópsia terão o direito de acesso a todos os dados da investigação, ao local onde o corpo foi descoberto, e ao local onde se presume que a morte ocorreu. Se o corpo tiver sido sepultado e mais tarde uma investigação se revelar necessária, o corpo deverá ser exumado prontamente e de modo competente para realização de uma autópsia. O Princípio 13 afirma: “O corpo da pessoa falecida deverá estar à disposição de quem realize a autópsia durante um período suficiente para permitir uma investigação minuciosa. Na autópsia dever-se-á tentar determinar, pelo menos, a identidade da pessoa falecida e a causa e circunstâncias da morte. Na medida do possível, deverão precisar-se também o momento e o lugar em que ela ocorreu. Deverão incluir-se no relatório da autópsia fotografias pormenorizadas, a cores, da pessoa falecida, com o objectivo de documentar e corroborar as conclusões da investigação. O relatório da autópsia deverá descrever todas e cada uma das lesões apresentadas pela pessoa falecida e incluir qualquer indício de tortura.”

Superior do Presidente e da Assembleia Consultiva Popular, bem como dos ministérios da justiça, negócios estrangeiros e administração interna. A Amnistia Internacional referiu que esta composição representava talvez a maior fraqueza da *KPN* e, por isso, os timorenses não encararam a comissão como um organismo imparcial, mas como uma entidade representando o Governo e os militares indonésios.<sup>683</sup> A *KPN* reconheceu que tivera dificuldades em persuadir as testemunhas timorenses a colaborar com ela:

[P]or causa das dúvidas e receio de serem directamente incriminadas no incidente de 12 de Novembro de 1991 em Díli, ou por medo de serem encaradas como pertencendo ao grupo anti-integração.<sup>684</sup>

Os métodos de investigação da *KPN* são descritos no relatório do Relator Especial da ONU. O trabalho iniciou-se a 21 de Novembro de 1991 e, após uma semana de investigação em Jacarta, foi:

[S]eguido por uma investigação em Timor Leste entre 28 de Novembro e 14 de Dezembro de 1991. A Comissão Nacional de Inquérito [*KPN*] encontrou-se com diversos representantes das autoridades locais, membros da Igreja, membros das Forças Armadas, pessoas a título individual e testemunhas oculares; visitou hospitais e centros de detenção da Polícia; inspeccionou o Cemitério de Santa Cruz; procedeu à exumação de uma sepultura no Cemitério de Hera; e realizou inspecções e escavações em diversos locais em Pasir Putih, Tasi Tolu [sic], e Tibar que não forem bem-sucedidas, em resposta a informações recebidas de habitantes locais que alegavam existirem aí valas comuns com vítimas”.<sup>685</sup>

Entre os altos funcionários com que a *KPN* se encontrou estavam o governador Mário Carrascalão, o brigadeiro-general Rudolf Warouw e o bispo D. Carlos Ximenes Belo. A *KPN* também entrevistou 132 testemunhas.<sup>686</sup>

A Comissão regista que o Relatório Preliminar optou pela versão dos acontecimentos constante dos primeiros Relatórios Warouw e da Polícia Militar: a manifestação não fora uma cerimónia religiosa para homenagear o falecido Sebastião mas um acto criminoso cuidadosamente planeado e orquestrado pela Fretilin. Tal como os militares, a *KPN* atribui aos manifestantes a responsabilidade pelos ataques a dois elementos das forças de segurança no exterior do *Kodim*, e pelas provocações às forças de segurança com as suas bandeiras da Fretilin, cartazes e gritos, por terem uma atitude beligerante e agressiva, e por atacarem essas forças. As forças de segurança tinham, por isso, sido forçadas a defender-se.

Tal como sucedera nos relatórios da Polícia militar, o relatório da *KPN* concluiu que existira “um grupo” de forças de segurança descontroladas (*pasukan liar*) que actuara sem uniforme e fora de qualquer cadeia de comando. A *KPN* conclui que as mortes não tinham resultado de um acto premeditado nem reflectiam a política oficial. Aquilo que acontecera a 12 de Novembro de 1991 fora essencialmente uma tragédia que havia que lamentar profundamente. O relatório concluiu que tinham existido deficiências na implementação de procedimentos antimotim adequados, assim como alguns excessos por parte de elementos das forças de segurança. A *KPN* não aceitou o número oficial de 19 mortos e 91 feridos, citando “fortes indícios” não especificados para concluir que o número de mortos e feridos excedia 50 e 91 respectivamente, embora não identificasse essas vítimas.

A *KPN* criticou o modo como tinham sido tratados os mortos. Embora tivessem sido realizadas autópsias, as famílias não tinham sido adequadamente notificadas e a identificação dos cadáveres não fora feita de forma correcta. A *KPN* recomendou que:

[P]ara que seja feita justiça, é necessário iniciar procedimentos judiciais contra todos aqueles que estiveram envolvidos no Incidente de 12 de Novembro de 1991 em Díli e que são suspeitos de terem violado a lei, e que deverão ser julgados de acordo com os princípios do Estado de direito, a *Pancasila* e a Constituição de 1945 na qual se baseia a República da Indonésia.<sup>687</sup>

A *KPN* não sustentou esta afirmação com recomendações para que determinados indivíduos, devidamente nomeados, fossem objecto de investigação e procedimento judicial.

Baseando-se nas suas próprias investigações sobre a situação, a Amnistia Internacional foi particularmente contundente na sua condenação da *KPN* — afirmando que a sua composição e trabalho apresentavam deficiências de raiz e que as conclusões a que chegara eram “inaceitáveis”.<sup>688</sup> Segundo a Amnistia Internacional, a *KPN* dera crédito indevido a relatos dos militares ao mesmo tempo que ignorava ou deturpava provas independentes que apontavam em sentido contrário. Os interrogatórios das testemunhas oculares timorenses não foram conduzidos num ambiente seguro e de confidencialidade. Com efeito, das 132 testemunhas oculares, aquelas que não eram membros das forças de segurança estavam no hospital ou presas no momento em que foram interrogadas.

Além disso, a conclusão da *KPN* de que os manifestantes tinham provocado as forças de segurança era equivalente a afirmar que a expressão de divergências políticas pode servir de justificação para a utilização de força letal ou de outras medidas ilegais contra civis. As críticas da *KPN* às forças de segurança foram mínimas. A Amnistia Internacional acusou a *KPN* de não ter obtido informações rigorosas acerca do número e identidades dos mortos e desaparecidos, do modo como tinham morrido e sobre o seu paradeiro, e de não ter feito aquilo que era necessário quando procedeu à sua única exumação de uma sepultura. Não tinham sido feitas recomendações específicas sobre a abertura de procedimentos judiciais, para além da afirmação genérica de que deviam ser desencadeados procedimentos judiciais contra os “envolvidos” no “incidente”. A Amnistia Internacional também alegou que existira obstrução deliberada a uma investigação independente e monitorização da situação em termos de direitos humanos após o massacre.<sup>CCXXXII</sup>

O Relator Especial da ONU N'Diaye concluiu que, embora a primeira comissão de inquérito alguma vez criada na Indonésia para investigar graves violações de direitos humanos tivesse constituído uma iniciativa encorajadora, tinham existido falhas fundamentais que haviam tornado a investigação incompatível com as normas internacionais, em particular aquelas que estão consagradas nos Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias, da ONU:

---

<sup>CCXXXII</sup> A Amnistia Internacional alegou que o CICV fora impedido de falar em privado com aqueles que estavam presos sobre os acontecimentos, incluindo os que estavam hospitalizados; que “as autoridades tinham tomado medidas para garantir que as testemunhas, activistas dos direitos humanos e observadores independentes não ficassem em condições de poder disputar a versão oficial dos acontecimentos. Algumas testemunhas foram alegadamente mortas e muitas outras foram presas”; que as ONG tinham sido ameaçadas, as manifestações proibidas e os jornais ameaçados (num caso, três jornalistas de Jacarta foram despedidos depois do editor da publicação semanal em que trabalhavam ter sido oficialmente admoestado por ter publicado depoimentos de 12 timorenses que tinham testemunhado o massacre); que tinham sido impostas restrições severas aos cidadãos estrangeiros no acesso a Timor Leste e nos relatos sobre o território [Amnesty International, *Indonesia/East Timor – Santa Cruz: The Government Response*, AI Index: ASA 21/03/92, Fevereiro de 1992].

A instituição não tinha credibilidade, dado não ser independente do Estado, e os timorenses não depositavam confiança nela.

Os seus membros não possuíam as competências técnicas necessárias e não realizaram as suas investigações de um modo profissional, recorrendo, por exemplo, a um tractor para escavar locais onde alegadamente tinham sido sepultadas vítimas.

A maioria das investigações envolvendo testemunhas oculares foram realizadas na prisão ou no hospital militar, e parecem ter sido monitorizadas pelas forças de segurança.<sup>689</sup>

As preocupações do Relator Especial eram tão sérias que ele recomendou uma investigação adicional por uma nova comissão de inquérito.<sup>690</sup>

### **Medidas tomadas contra aqueles que foram considerados responsáveis**

Apesar de todas as deficiências no processo de investigação, foram tomadas medidas tanto contra oficiais superiores e como contra outros membros das forças militares em relação com o Massacre em Santa Cruz. Além disso, e embora a estrutura militar em Timor Leste não se alterasse durante os dois anos seguintes, houve mudanças de pessoal.

#### *Medidas contra oficiais superiores*

A 28 de Novembro de 1991, antes de a *KPN* ter publicado o seu relatório final, as figuras militares mais importantes na região, o major-general Sintong Panjaitan (comandante-em-chefe do Comando Militar Regional *Udayana IX*) e o brigadeiro-general Rudolf Warouw (comandante-em-chefe do *Kolakops* de Timor Leste), foram demitidos dos seus cargos.<sup>691</sup>

Em Fevereiro de 1992, o chefe do Estado-Maior do Exército considerou seis oficiais culpados de comportamento impróprio com base num relatório de uma Junta de Honra Militar que nomeara de acordo com instruções do Presidente Suharto. As medidas disciplinares tomadas, e reportadas pela Indonésia à Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, resultaram no seguinte: três oficiais foram demitidos do serviço militar, dois não foram nomeados para qualquer cargo na estrutura organizativa do Exército, embora permanecessem no serviço militar activo, e um não foi temporariamente nomeado para qualquer cargo na estrutura organizativa do Exército.<sup>692</sup> O Relator Especial da ONU, N'Diaye, foi informado de que estes seis oficiais eram responsáveis pelos serviços de informação em Timor Leste e que devia ter tomado medidas para evitar a manifestação.<sup>693</sup> A *Asia Watch* refere que estes oficiais eram:

- Demitidos: coronel de Infantaria Gatot Purwanto (oficial dos serviços de informação do *Kolakops* de Timor Leste); coronel de Infantaria Binsar Aruan (comandante do Sector C); brigadeiro-general Rudy Warouw (comandante-em-chefe do *Kolakops* de Timor Leste).
- Não nomeados para novos cargos, mas no serviço militar activo: coronel de Infantaria Sepang (comandante-em-chefe adjunto do *Kolakops* de Timor Leste e simultaneamente comandante do Comando Militar Sub-regional 164/WD); tenente-coronel de Infantaria Wahyu Hidayat (comandante do *Kodim* 1627/Dili).
- Temporariamente não nomeado para novo cargo, mas no serviço militar activo: major-general Sintong Panjaitan (comandante-em-chefe do Comando Militar Regional Udayana IX).<sup>694</sup> (Note-se que Sintong Panjaitan foi referido pela mesma organização como tendo sido demitido em 28 de Novembro de 1991).

A Comissão não conseguiu obter qualquer informação sobre o modo como decorreram estas acções disciplinares nem examinar quaisquer documentos ou materiais que pudessem esclarecer aquilo que nelas se passou. Contudo, a Comissão considera que não se tratou de um processo judicial aberto e transparente, a que as vítimas e famílias tivessem acesso ou no qual pudessem participar. Este facto, por si só, faz com que o processo não possa ser considerado uma reparação efectiva das graves violações de direitos humanos cometidas. A Comissão não está em condições de avaliar se os oficiais acusados tiveram direito a um processo justo e diligente no procedimento judicial que contra eles foi.

#### *Purgas internas*

Observadores independentes referiram que houve grandes movimentos de pessoal no comando militar de Timor Leste na sequência do massacre de Santa Cruz. A *Asia Watch* referiu que cada um dos seis assistentes do *Kolakops* foi transferido para fora de Timor Leste, juntamente com os comandantes do *Kodim*. O comandante do Comando Militar Sub-regional foi também substituído. O Batalhão 303 foi transferido para fora de Timor Leste em Novembro de 1991.<sup>695</sup>

A *Asia Watch* também indicou que três oficiais tinham recebido sanções administrativas: o tenente-coronel Cheri Bolang, chefe do Estado-Maior no Comando Militar Sub-regional; o coronel de Infantaria Dolgi Rondonuwu, assistente de operações no *Kolakops* de Timor Leste; e o coronel de Infantaria Michael Suwito, assistente territorial no *Kolakops* de Timor Leste.<sup>696</sup>

#### *Os julgamentos no tribunal militar de Bali*

Dez elementos de baixa patente das forças de segurança envolvidos nos acontecimentos de 12 de Novembro de 1991 foram julgados e condenados em processos no Tribunal Militar de Denpasar, Bali. As sentenças aplicadas foram dos oito aos 18 meses de prisão e todos aqueles que foram considerados culpados foram demitidos com desonra.

Nome	UNIDADE	Acusação	Veredicto e sentença	Notas
Udin Syukur	<i>Kodim</i> 1627	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 18 meses	Actuou por sua própria iniciativa. Disparou quatro tiros ou dois tiros <sup>CCXXXIII</sup> contra os manifestantes, mas não foi acusado de homicídio.
Aloysius Rani	<i>Kodim</i> 1627	Desobedecer ou exceder ordens	Condenado a 14 meses	Actuou por sua própria iniciativa.

<sup>CCXXXIII</sup> Informação contraditória com o Terceiro Relatório da Polícia Militar.

		(artigos 103º, 126º, 124º, nº 1 do <i>KUHPM</i> ); artigo 351º do <i>KUHP</i> .		Disparou dois tiros contra os manifestantes, mas não foi acusado de homicídio.
Petrus Saul Meda	<i>Kodim</i> 1627	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 12 meses	Actuou por sua própria iniciativa. Disparou 10 ou três <sup>CCXXXIV</sup> tiros contra os manifestantes, mas não foi acusado de homicídio.
Mateus Maya (sic)	<i>Kodim</i> 1627/Díli	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 8 meses	Em patrulha na qualidade de <i>Garnezun</i> , disparou sobre um estrangeiro (Kamal Bamadhaj). Não foi acusado de homicídio.
Afonso de Jesus	<i>Kodim</i> 1627/Díli	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 8 meses	Em patrulha na qualidade de <i>Garnezun</i> , disparou sobre um estrangeiro (Kamal Bamadhaj) que vira anteriormente na multidão de manifestantes. Falhou. Não foi acusado de tentativa de assassinio.
Mursanib	<i>Dan Ki Gab</i> ou oficial <i>Sospol</i> <sup>CCXXXV</sup>	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 14 meses	Perdeu o controlo das tropas.
John Harlan Aritonang	Chefe de pelotão no Batalhão 303 II	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 12 meses	Perdeu o controlo das tropas.
Handrianus Edi Sunaryo	Chefe de pelotão no Batalhão 303 III	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 12 meses	Perdeu o controlo das tropas.
Yohanes Alexander Penpada	Oficial <i>Intel</i> adjunto no <i>Korem</i> 164	Desobedecer ou exceder ordens (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 8 meses	Agrediu um manifestante depois dos disparos.
Martin Alau	Polícia	Agressão, (artigo 103º do <i>KUHPM</i> )	Condenado a 17 meses	Actuou por sua própria iniciativa. Esfaqueou por duas vezes, uma das quais cortando uma orelha a um

<sup>CCXXXIV</sup> Informação contraditória no terceiro Relatório da Polícia Militar.

<sup>CCXXXV</sup> Informação contraditória fornecida por Mursanib.

				manifestante identificado (Simplício Celestino de Deus). Todos os seus actos foram cometidos depois dos disparos.
--	--	--	--	---

*Decisão de acusar*

Houve pelo menos 72 membros das forças de segurança directamente envolvidos em actos de violência no Cemitério de Santa Cruz, mas apenas 10 foram levados a julgamento. Todos os membros da Companhia Combinada, à excepção dos dois comandantes de pelotão do Batalhão 303 e do segundo-tenente Mursanib, escaparam a ser submetidos a procedimentos judiciais. Registe-se que o comandante do pelotão da *Brimob*, cujos homens alegadamente dispararam 33 tiros sem terem recebido ordem para disparar, não foi acusado.

A não existência de procedimentos judiciais contra qualquer um dos membros do pelotão do Batalhão 303 de Taibessi merece também ser referida, considerando que o terceiro Relatório da Polícia Militar identificara especificamente soldados timorenses deste batalhão e o respectivo comandante como suspeitos. As investigações concluíram que eles tinham assumido a iniciativa, perante uma *Brimob* hesitante, e disparado contra os manifestantes. Os elementos referidos incluíam o soldado Jorge Barreto, soldado Antoni Beretus, Januário Guterres, Venâncio Barreto e Carlos Soares. Todos disseram que tinham recebido ordens do seu comandante de companhia para ir para Santa Cruz e que haviam disparado contra os manifestantes a uma ordem daquele.

Mesmo que estes homens não fossem acusados, com o argumento de que estavam a obedecer a ordens,<sup>CCXXXVI</sup> não é claro porque razão o oficial que os comandava, o capitão de Infantaria Justin Dino (NRP.30011) não foi levado a julgamento. O terceiro Relatório da Polícia Militar recomendou que fosse deduzida acusação contra ele e foi instruído um processo contra ele com base no facto de ter sido ele quem ordenara a cerca de 24 soldados do Batalhão 303 de Taibessi que se deslocassem para Santa Cruz e quem depois dera a ordem para dispararem sobre os manifestantes. Por alguma razão, este processo nunca foi por diante.

Em resultado disso, a responsabilidade pelos muitos mortos e feridos em Santa Cruz foi transferida para o segundo-tenente Mursanib, dois dos seus três comandantes de pelotão, e um conjunto de elementos individuais descontrolados incluindo elementos do *Kodim*, Polícia e serviços de informação e dois elementos da guarnição do *Kodim*, que teriam todos actuado “por sua própria iniciativa”.

*Adequação das acusações contra os membros das forças de segurança e das punições impostas*

Em Santa Cruz ocorreram violações graves de direitos humanos, incluindo mortes ilícitas, desaparecimentos forçados, tortura e maus-tratos graves de manifestantes civis. Estes factos não se reflectiram nas acusações formuladas contra os membros das forças de segurança que foram levados a julgamento. Apenas dois indivíduos foram processados relativamente a agressões cometidas no próprio cemitério, mas ambos só foram acusados de não terem seguido ordens ou de terem sido incapazes de controlar os seus subordinados.

A justificação fornecida ao Relator Especial da ONU, N'Diaye, para só terem sido formuladas acusações menores foi a de que era impossível associar homicídios individuais a soldados

<sup>CCXXXVI</sup> Ao abrigo do artigo 51º do *KUHP*, uma pessoa não será considerada culpada se tiver agido no cumprimento de ordens superiores em certas circunstâncias. Nos Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias, a ONU estabelece que uma ordem de um oficial superior ou de uma autoridade pública não pode ser invocada como justificação para execuções extrajudiciais, arbitrárias ou sumárias.

específicos. Essa justificação não é convincente por duas razões. Em primeiro lugar, teria sido possível realizar testes de balística com as balas retiradas dos corpos que foram submetidos a autópsia, fazendo corresponder as balas a armas específicas.<sup>CCXXXVII</sup> Em segundo lugar, alguns homicídios estavam claramente associados a perpetradores específicos. O terceiro Relatório da Polícia Militar concluiu que Kamal Bamadhaj, cidadão da Malásia, fora visado por dois soldados mas atingido pelo tiro do soldado Mateus Maia, que estava a realizar uma patrulha com a sua guarnição. Os relatos dos processos judiciais em Bali indicam, todavia, que este facto foi ignorado e que Mateus Maia foi descrito apenas como tendo disparado sobre manifestantes não identificados quando levava o major Gerhan Lentara, que estava ferido, para o hospital.<sup>CCXXXVIII</sup>

Os julgamentos militares subvalorizaram a gravidade daquilo que ocorrera em Santa Cruz a 12 de Novembro de 1991, e as sentenças aplicadas foram leves. A Comissão apoia a conclusão do Relator Especial da ONU N'Diaye, que escreveu:

[A] desadequação das acusações e as sentenças impropriamente leves impostas pelo tribunal militar aos poucos membros das Forças Armadas acusados de terem estado implicados no incidente de 12 de Novembro de 1991 não constituem de forma alguma uma realização da obrigação de punir os perpetradores e, desse modo, de proporcionar um elemento dissuasor da recorrência de uma tragédia semelhante no futuro. Bem pelo contrário, ele é de opinião que aquelas reflectem a pouca importância dada ao respeito pelo direito à vida pelos oficiais das forças de segurança e policiais indonésias em Timor Leste. Por outro lado, os 13 civis envolvidos na manifestação de protesto pacífica antes e depois de 12 de Novembro de 1991 receberam penas de prisão que foram até à prisão perpétua.<sup>697</sup>

A *Asia Watch* também criticou as sentenças leves e o secretismo que rodeou a questão de saber como tinham começado os disparos ou aquilo que acontecera aos corpos dos manifestantes que haviam morrido:

[A] breve imagem que fornecem do comportamento dos militares a 12 de Novembro é uma imagem cuidadosamente manipulada, que serve para fortalecer a “versão oficial dos acontecimentos”.<sup>698</sup>

#### *O processo contra Aloysius Rani*

A Comissão obteve uma tradução inglesa do processo contra Aloysius Rani no tribunal militar em Bali.<sup>CCXXXIX</sup> A Comissão também examinou os relatos da *Asia Watch* sobre o julgamento neste tribunal militar, que teve lugar em Bali entre 29 de Maio e 6 de Junho de 1992, bem como o seu relatório *Remembering History in East Timor*, a colecção de documentos militares da Comissão relacionados com Santa Cruz e o Relatório N'Diaye pelo Relator Especial da ONU.<sup>699</sup>

<sup>CCXXXVII</sup> A Comissão regista que uma bala retirada do corpo de João Mica Alves, de 19 anos, foi testada tendo-se concluído que viera de uma *Mauser*, facto que foi usado para incriminar os manifestantes.

<sup>CCXXXVIII</sup> *Asia Watch*, *The Massacre Courts-Martial*, p. 4. O momento em que os factos descritos ocorreram sugere que os disparos tiveram lugar quando regressavam do hospital, uma vez que os dois elementos do *Kodim* tinham sido feridos cerca de uma hora antes.

<sup>CCXXXIX</sup> Comando Militar Regional, *Udayana*, Polícia Militar, Processo de Investigação, N° DPP-10/A-09/Comando Militar da Polícia Regional IX/1992, Abril de 1992. Os documentos neste processo são consistentes com documentos incluídos na documentação militar sobre Santa Cruz que está na posse da Comissão [por exemplo, testemunhos numa data específica estão traduzidos satisfatoriamente quando comparados com a versão original]. A CAVR considera por isso que esta pode ser considerada uma tradução fidedigna da documentação de um processo que não citou na sua versão original.

Aloysius Rani era um membro do *Kodim* que trabalhava na manutenção de equipamento, e foi um dos quatro membros das forças de segurança que alegadamente actuaram “espontaneamente”. Ele foi julgado por ter retirado uma arma sem autorização, por ir por sua própria iniciativa ao Cemitério de Santa Cruz e por disparar contra os manifestantes por se sentir muito ofendido com seus actos e os seus ataques aos elementos do *Kodim*. Esta versão dos acontecimentos tem a sua origem no segundo Relatório da Polícia Militar.<sup>700</sup>

O processo contra Rani baseou-se essencialmente em depoimentos de testemunhas, das forças de segurança e civis, incluindo o organizador da manifestação Gregório Saldanha.<sup>CCXL</sup> As únicas provas do facto de Rani ter disparado sobre qualquer manifestante provêm da sua própria confissão de que disparara dois tiros. Nenhuma das testemunhas viu Rani disparar contra quem quer que fosse. A confissão de Rani foi “complementada” por uma fotografia da arma que alegadamente tinha consigo (G3, número da arma 059108, número na coroa 39) e dois cartuchos de balas. Não existem quaisquer testes de balística que comprovem que as balas foram disparadas dessa arma, nem qualquer descrição do momento, local e modo como essas balas foram encontrada, ou por quem, e como se conclui que as balas foram realmente disparadas por Rani.

A Comissão não ficou convencida com o conjunto de factos apresentado pelos militares no processo contra Rani. Não só este soldado do *Kodim* não fazia parte da Companhia Combinada, como trabalhava na manutenção de equipamento no *Kodim*. A Comissão faz notar que depois de ver os dois elementos feridos do *Kodim* chegarem às instalações militares, manteve a compostura suficiente para ir à cantina beber chá, não dando sinais de ter sentido uma emoção patriótica avassaladora, tal como foi sugerido. Enquanto se encontrava na cantina, alguém supostamente veio ter com ele para lhe dizer que fora deixado para trás. Por esse motivo, pegou sem autorização numa arma G3 que se encontrava na sala da guarda e dirigiu-se de táxi para o Cemitério de Santa Cruz. Depois, teve a calma suficiente para aguardar pela Companhia Combinada no táxi, e não pela sua própria unidade, para se lhes juntar na formatura. E finalmente disparou dois tiros, que não são demonstrativos da reacção emocional que lhe foi atribuída.

Esta explicação é tão inverosímil e conveniente que a Comissão concluiu que fora concebida pelos militares com o objectivo de encontrar um bode expiatório e desse modo evitar que fossem atribuídas responsabilidades à estrutura de comando militar.

## Conclusões

As autoridades indonésias realizaram investigações sobre o Massacre de Santa Cruz utilizando pelo menos quatro canais: a Polícia civil, o comando militar local, a Polícia militar regional e uma comissão de inquérito nomeada pelo Presidente. Apesar das pessoas envolvidas e dos relatórios produzidos, a Comissão considera que a Indonésia não actuou de modo a cumprir as normas estabelecidas nos Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias. Em particular, não existiram esforços adequados para “determinar a causa, a forma e o momento da morte, a pessoa responsável e o procedimento ou prática susceptível de a ter provocado. Durante a investigação será feita uma autópsia adequada, serão recolhidas e analisadas todas as provas materiais e documentais e serão ouvidos os depoimentos das testemunhas”. Para fundamentar esta sua opinião, a Comissão regista que:

---

<sup>CCXL</sup> Numa entrevista realizada em 2001 com a CivPol da UNTAET (Polícia), depois de relatar o modo como fora repetidamente agredido pelo sargento Martinus Wae e outro indivíduo enquanto estava preso, Gregório Saldanha declarou que “Não me recordo da data mas fui obrigado a assinar também uma declaração a propósito de Aloysius Rani, um soldado indonésio que foi acusado pelos seus superiores de ter agido sem ordens. Desconheço o nome da pessoa que me fez assinar a declaração”. [Gregório Saldanha, entrevista com a Civpol da UNTAET, 31 de Março de 2001].

- Nenhuma das investigações foi suficientemente imparcial ou independente para conduzir a resultados objectivos e credíveis. A Polícia civil, o comando militar local em Timor Leste e a Polícia militar faziam todos parte do aparelho que estava sob investigação. As suas conclusões e o modo como realizaram as suas investigações revelam ter existido, desde o início, a intenção de exonerar de responsabilidades os militares enquanto instituição e de condenar os manifestantes. Esta posição foi confirmada pelo relatório da *KPN*, que era composta por indivíduos que faziam parte da estrutura de Governo e militar da Indonésia e que, portanto, não tinham distanciamento suficiente do aparelho de Estado que estava a ser investigado.
- Todo o processo de investigação, incluindo a *KPN* e as várias investigações civis e militares, foi rodeado de grande secretismo e não foi transparente. Apenas o Relatório Preliminar da *KPN* foi tornado público.<sup>701</sup> Os julgamentos em tribunais militares de oito elementos militares de baixa patente foram públicos, mas os procedimentos judiciais contra oficiais superiores foram mantidos em segredo.
- Os documentos anteriormente de carácter confidencial que a Comissão examinou revelam que as investigações foram realizadas de modo enviesado para favorecer as forças de segurança, concentrando-se na justificação das suas acções. Não foram examinadas as afirmações de ambos os lados, tendo a versão dos acontecimentos fornecida pelos militares responsáveis pelo incidente sido aceite sem ter sido questionada. O primeiro Relatório Warouw, que forneceu a versão dos acontecimentos aqui descrita, foi concluído no dia a seguir ao massacre e baseou-se apenas em fontes militares.
- Todos os investigadores tiveram procedimentos extraordinariamente desadequados no local onde os crimes foram cometidos. A Polícia civil não realizou qualquer exame médico-legal no local onde ocorreram as mortes. Os esforços de “limpeza” por parte dos militares não foram adequadamente documentados, e realizados de tal modo que criaram múltiplas oportunidades para a fabricação e/ou destruição de provas.
- As provas fornecidas pelas testemunhas interrogadas pelos investigadores levantaram muitas questões acerca daquilo que acontecera no Cemitério de Santa Cruz que nunca foram tidas em conta pelos investigadores, ou sequer esclarecidas satisfatoriamente. Outras questões que seriam centrais para o argumento de autodefesa utilizado pelo pessoal militar nunca foram colocadas por qualquer investigador no decurso das investigações, produzindo uma imagem vaga e pouco convincente daquilo que se passou. Estas irregularidades são de tal ordem que a Comissão conclui que fizeram parte de uma tentativa para fabricar uma versão daquilo que acontecera a 12 de Novembro.
- As sentenças leves (desobediência a ordens, agressão) para as forças de segurança foram totalmente desproporcionadas em relação àquilo que acontecera e são particularmente criticáveis à luz das acusações graves e sentenças pesadas impostas aos manifestantes. Este facto revela não apenas um desequilíbrio mas uma manipulação deliberada e cínica do processo de justiça penal. Mesmo que os elementos das forças de segurança tivessem estado envolvidos em violações dos direitos humanos, parece provável que serviram de bodes expiatórios para proteger outros.

Em termos gerais, a tragédia complexa de Santa Cruz foi tornada ainda mais complexa por aquilo que parece ter sido um exercício de limitação de danos e tentativas deliberadas por parte de representantes das forças de segurança indonésias para fabricar uma versão dos acontecimentos. Os processos de identificação de responsabilidades pelo sucedido tiveram grandes falhas e foram desequilibrados, e envolveram uma colaboração entre militares, polícias e o sistema judicial. A Comissão está convencida de que foi apresentada e aceite pelos tribunais militares e civis que lidaram com o assunto uma versão deliberadamente manipulada dos acontecimentos em Santa Cruz. As investigações e os julgamentos não se destinaram a procurar a verdade sobre a razão por que ocorreu o Massacre de Santa Cruz, como se desenrolaram os

acontecimentos e as suas consequências em termos de vidas humanas. Também não se destinaram a identificar os responsáveis, antes serviram para manter e fortalecer os mecanismos institucionais de impunidade que protegeram membros das *ABRI/TNI* envolvidos em violações graves de direitos humanos.

Em 1994, o Relator Especial da ONU, N'Diaye, concluiu que as vítimas de violações de direitos humanos e os seus familiares não tinham recebido uma reparação efectiva.<sup>702</sup> O Governo da Indonésia ainda não forneceu às vítimas e suas famílias informações básicas sobre os mortos e desaparecidos nem justiça e reparação pelos danos sofridos. O Governo da Indonésia não tornou pública qualquer informação que contribuísse para o esclarecimento público daquilo que aconteceu, nem prestou qualquer auxílio na localização ou identificação das pessoas mortas ou desaparecidas. Esta incerteza é fonte de sofrimento continuado para as famílias das vítimas. A situação constitui uma violação continuada do direito a uma reparação efectiva, e a não resolução da questão dos desaparecidos constitui uma violação continuada de direitos humanos, bem como das obrigações internacionais da Indonésia.

O facto do Estado da Indonésia não ter reagido de forma adequada às acções ilegais das suas forças de segurança constitui uma violação das suas obrigações de investigar, processar e punir os responsáveis por graves violações contra civis ao abrigo da Convenção de Genebra, enquanto potência ocupante (artigo 146º, Convenção IV de Genebra).

#### **Execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados (1992/1995)**

Em 1992, o número de violações fatais cometidas pelas *ABRI* diminuiu novamente do seu nível anual da década anterior. Em Março de 1993, o Comando de Implementação de Operações (*Kolakops*) em Timor Leste foi abolido, tendo o *Korem* sido de novo constituído como comando militar de topo, responsável por toda a estrutura militar territorial bem como pelas tropas externas deslocadas de fora de Timor-Leste para funções tanto territoriais como de combate. Durante os anos de 1993 e 1994, os militares indonésios cometeram um número relativamente pequeno de violações fatais.

Em 1995, porém, não só houve um aumento nas violações fatais cometidas pelos militares indonésios como também uma deslocação assinalável das mesmas para Leste, para os distritos de Ermera, Bobonaro e Liquiça.

#### **Janeiro de 1995: Execuções em Gariana, Liquiça**

A 12 de Janeiro de 1995, membros do *Kodim* de Liquiça mataram seis homens desarmados junto da aldeia de Gariana, Vatuvou (Maubara, Liquiça), alegadamente quando procuravam combatentes da Resistência que tinham participado num confronto armado com as *ABRI* no dia anterior na aldeia de Leotela (Liquiça, Liquiça). Aqueles que foram mortos eram: José Nunes, chefe da aldeia de Gariana, Augusto Pinto, Abel Nunes, Victor, Américo de Araújo e Osório Soares. Testemunhas oculares que falaram mais tarde com a Comissão Nacional dos Direitos Humanos indonésia (*Komnas HAM*) acerca dos homicídios, relataram que cinco dos seis foram alinhados numa vala e executados.<sup>703</sup> Um depoimento prestado à Comissão confirma que os seis foram todos executados e que mais de um pode ter sido espancado antes de ser morto.<sup>704</sup>

## Depoimento de Jacinta Alves Correia

Jacinta Alves Correia foi testemunha do massacre em Gariana. Jacinta, a sua mãe e o seu pai foram agredidos por militares indonésios que revistaram a sua casa em busca de um elemento suspeito de pertencer às Falintil. Dois daqueles que foram mortos eram os seus irmãos mais novos, Américo e Osório. Jacinta prestou à Comissão o seguinte depoimento acerca do incidente:

*O meu pai, a minha mãe, a minha irmã mais velha, os meus irmãos mais novos Osório e Américo, e eu, tínhamos ido todos trabalhar no campo de milho. De tarde, por volta das 5 horas, regressámos a casa. A minha mãe e o meu pai mandaram-nos para casa primeiro. Quando chegámos a casa, os meus irmãos mais novos, Osório e Américo, guardaram o búfalo no estábulo. A minha irmã e eu pendurámos as roupas na vedação para secarem. Quando estávamos a estender a roupa e a trazer o sabão de volta para casa, vimos subitamente o meu tio António, transportando o seu saco e entrando a correr pela porta da frente. Atrás dele vinham muitos soldados.*

*O António era membro das Falintil. Ele entrou em casa. Os militares começaram a cercar a nossa casa. Os meus dois irmãos, que tinham acabado de tratar do búfalo, chegaram e cumprimentaram os soldados. Os soldados não retribuíram os cumprimentos, estavam zangados. A minha irmã, a sua filha de quatro anos Joaquina, os meus irmãos e eu, demos alguns passos e cumprimentámos os soldados, mas eles não disseram nada e não retribuíram os nossos cumprimentos. Entre os soldados que tinham vindo estava um chamado Custódio, que tinha a arma carregada, e perseguiu o António. Os dois estavam a lutar dentro da casa.*

*Nós os cinco limitámo-nos a ficar ali, espantados, a olhar. Depois o António fugiu a correr, não sei para onde. Os soldados dispararam contra ele por detrás mas ele não foi atingido. Depois os soldados voltaram para junto de nós com as suas armas e aproximaram-se do Osório e Américo. Os soldados agrediram os dois com as suas armas, pontapearam-nos com as botas, e atiraram-lhes pedras. Eu dirigi-me aos soldados para lhes pedir desculpa, e disse: “Desculpe, soldado, senhor, nós estávamos todos nos campos, acabámos de regressar, e os rapazes estavam a guardar o búfalo no estábulo”... Eles disseram “Mentirosa! Vocês estiveram a esconder guerrilheiros e a Fretilin”...*

*Eles bateram-me duas vezes nas costas com as armas, e duas vezes no rosto. Também me agrediram nos pés e noutras partes do corpo. Eles disseram: “Matem-nos todos, não deixem estes dois vivos”. Depois eles voltaram a correr com catanas para me matarem e à minha irmã. Mas felizmente só nos bateram. Depois disso vi os soldados começarem a bater nos meus dois irmãos mais novos. Bateram-lhes com as armas, deram-lhes pontapés e atiraram-lhes pedras, até o Osório cair. O Américo parecia ainda estar de pé, mas depois eles amarraram-nos com mais quatro pessoas de Maubara: Abel, Victor, Augusto e José.*

*Depois de serem atados juntos, eles foram levados. Só então a minha mãe e pai regressaram a casa. Ao aproximarem-se, um soldado ergueu a sua catana e disse: “Velho, tiveste sorte, se estivesses aqui há alguns minutos atrás, estarias morto agora.” O soldado bateu com a catana umas duas vezes na minha mãe e pai... Depois, arrastaram os cinco jovens para a valeta. Ataram os pés do Osório a um bambu, e arrastaram os seis para a valeta, onde os mataram a tiro...*<sup>705</sup>

Quatro dias mais tarde, os soldados indonésios regressaram e queimaram a casa de Jacinta Alves.<sup>706</sup> Em Junho de 1995, Jacinta Alves foi levada a Bali onde depôs perante uma comissão militar. Finalmente, dois dos perpetradores — primeiro-tenente Jeremias Kase e um timorense, o soldado Rusdin Maubere — foram condenados a quatro anos e meio e a quatro anos de prisão. Ambos os homens foram demitidos das Forças Armadas, mas não é claro se algum deles cumpriu a sua pena ou sequer parte dela.<sup>707</sup>

## **Execuções em Baucau e Manatuto durante a visita dos representantes da União Europeia (UE), Junho 1997**

A juventude timorense, em particular aqueles que participaram em manifestações e comícios, foram frequentemente alvo da violência dos militares indonésios durante este período. Por exemplo, quando uma delegação da UE chegou a Baucau a 29 de Junho de 1997 para se encontrar com monsenhor D. Basílio Nascimento, Bispo de Baucau, foi organizada no exterior da Igreja de Santo António uma manifestação de estudantes a favor da independência de Timor-Leste. De acordo com um relato, pouco antes de a delegação entrar na igreja, um grupo de cerca de cinco homens timorenses e indonésios, vestidos de preto e armados com armas dos militares indonésios, aproximaram-se dos manifestantes e começaram a ameaçar os jovens.<sup>708</sup> Um dos homens alegadamente disparou sobre um estudante chamado Orlando da Costa, matando-o. Nos confrontos ficaram feridos aproximadamente sete outros jovens.<sup>709</sup> Pouco tempo depois dos disparos, tropas indonésias do *Kodim* de Baucau, dirigidas pelo comandante do *Kodim*, tenente-coronel Wisnu, chegaram ao local. Em vez de recuperar o corpo e perseguir o assassino, o comandante avisou os funcionários da igreja para não darem abrigo aos apoiantes pró-independência dentro do templo. O padre da paróquia de Baucau teve de intervir para evitar novos confrontos entre os militares indonésios e os manifestantes.<sup>710</sup>

A 16 de Junho de 1997, pouco antes da visita da delegação da UE, um outro jovem foi morto a tiro pelos militares indonésios em Aitas (Manatuto). O seu homicídio provocou protestos em Díli e terminou com os militares indonésios a admitirem responsabilidade pelo sucedido.<sup>711</sup> Um terceiro jovem foi morto a 28 de Junho, durante um confronto entre forças militares indonésias e manifestantes que tentavam chegar a Díli para receberem a delegação da UE.<sup>712</sup>

## **Execuções e desaparecimentos em Alas, Manufahi (Novembro de 1998)**

Uma acção militar da Indonésia no subdistrito de Alas, distrito de Manufahi, em Novembro de 1998, resultou em numerosas execuções extrajudiciais, “desaparecimentos” e prisões ilegais. Estes homicídios parecem ter sido uma retaliação contra dois ataques da Resistência que tinham causado numerosas baixas entre os militares indonésios. No final de Outubro de 1998, membros da Resistência executaram quatro pessoas suspeitas de serem agentes de informações das Forças Especiais Indonésias em Same que alegadamente tinham tentado infiltrar uma reunião clandestina no campo de transmigração Weberek, perto de Alas, (Manufahi).<sup>713</sup> Os quatro homens foram alegadamente capturados, desarmados, atados com cordas e trespassados com lanças pelas tropas das Falintil. Três dos homens tiveram morte imediata. O quarto alegadamente escapou para Same mas acabou por morrer. Na sequência destes homicídios, a maioria dos aldeões fugiu para as montanhas com receio da retaliação das *ABRI*. Embora uma patrulha de soldados indonésios alegadamente visitasse Weberek pouco depois dos homicídios, não houve retaliação imediata até as Falintil terem atacado o *Koramil* em Alas.<sup>714</sup>

Na manhã de 9 de Novembro de 1998, combatentes das Falintil e jovens civis da aldeia de Lurik Taitudik, (Alas, Manufahi) atacaram o *Koramil* em Alas.<sup>715</sup> Três soldados indonésios foram mortos e pelo menos 11 foram feitos prisioneiros pelas Falintil. Após o ataque, o grupo de aproximadamente 50 atacantes fugiu em dois grupos em direcção a Turiscaí.

Imediatamente após o ataque das Falintil, os residentes fugiram para a igreja da vila de Alas, a cerca de 200 metros das instalações do próprio *Koramil*. Durante a tarde de 9 de Novembro Adriano Fernandes, que alegadamente participara no ataque mas estava desarmado, foi morto por soldados das *ABRI* provenientes do *Koramil* em Alas quando corria para a igreja em busca de protecção.<sup>716</sup> Alegadamente, o corpo de Adriano Fernandes foi despedaçado e deixado num pântano a 50 metros da estrada, por detrás da base militar de próximo de Dotik.<sup>717</sup> De acordo com um relato, pouco antes do homicídio de Adriano Fernandes, o comandante do *Koramil*, António Pereira, foi à igreja e exigiu saber onde estavam as armas roubadas ao *Koramil*.<sup>718</sup> Mais

tarde, os soldados do *Koramil* obrigaram aqueles que procuravam refúgio na igreja a ir para uma escola situada defronte do *Koramil*.<sup>719</sup>

Os militares indonésios intensificaram as suas operações após o ataque das Falintil ao *Koramil* de Alas, prendendo um grande número de pessoas nas semanas que se seguiram e destruindo os campos e gado de muitos residentes de Alas.<sup>CCXLI</sup> Pouco depois do ataque, soldados do Batalhão 744 chegaram a Alas e começaram a perseguir o grupo de atacantes, dirigindo-se para Norte, em direcção a Turiscaí.

Na manhã de 13 de Novembro, soldados indonésios do Batalhão 744 prenderam e executaram Vicente Xavier, chefe da aldeia de Taitudak (Alas, Manufahi), pelo seu alegado envolvimento no ataque de 9 de Novembro. Ele foi executado na casa de um amigo em Bakiri, Fahenean (Fatuberliu, Manufahi), para onde fugira após o incidente.<sup>CCXLII</sup> A 13 e 14 de Novembro, soldados das *ABRI* do Batalhões 744 e 745 também prenderam e agrediram numerosas pessoas na vila de Alas e Lurin, e tentaram matar outras. Num caso, um homem foi alegadamente amarrado durante uma semana, até ao dia 19 de Novembro, em Taitudak, altura em que foi apunhalado nas costas com uma faca que lhe atravessou o peito.<sup>720</sup> Durante esse período, Vicente Sarmento também desapareceu de Dotik. Suspeita-se que foi assassinado por soldados indonésios do *Koramil* de Alas. A Comissão recebeu depoimentos de que vários dias após o ataque, elementos militares também revistaram a casa de um indivíduo suspeito de ser simpatizante das Falintil na aldeia de Bubususu (Fatuberliu, Manufahi). Os soldados procuravam documentos e jovens feridos durante o ataque em Alas. Durante a revista mataram pelo menos uma pessoa.<sup>721</sup>

Após os homicídios em Alas e Fahenean, (Fatuberliu, Manufahi), o Batalhão 744 continuou a deslocar-se para Norte, em busca de membros da rede clandestina suspeitos de envolvimento no ataque. Num incidente a 17 de Novembro, membros do Batalhão 744 abateram Armando Enrique Pereira, também suspeito de envolvimento no ataque, bem como Patrício e outro homem que estavam com Armando na altura.<sup>722</sup> Patrício morreu da ferida provocada pela bala. Armando e um segundo homem, Remecio, sobreviveram e depois foram alegadamente agredidos e torturados com catanas, metidos num helicóptero militar e desapareceram.<sup>723</sup>

A Comissão tem razões para acreditar que vários outros residentes da região de Alas foram executados ou “desapareceram” no período entre 9 de Novembro e Dezembro de 1999. Nas semanas seguintes, crê-se que outras 13 pessoas foram assassinadas, todas elas conhecidas por pertencerem à Resistência.<sup>724</sup> Diversas pessoas que fugiram de Alas após o ataque estavam alegadamente entre os refugiados mortos durante o ataque à casa de Manuel Carrascalão a 17 de Abril de 1999.<sup>725</sup>

### **Antecedentes dos homicídios das milícias em 1999**

Embora a maioria dos grupos de milícias fossem formalmente criados em 1999, alguns grupos já estavam activos antes dessa data. A queda do Presidente Suharto e a emergência do espírito de *Reformasi* em Jacarta levou os apoiantes da independência a fazerem campanha de forma mais aberta em Timor-Leste, incluindo um aumento das actividades das Falintil (ver secção sobre Violações fatais cometidas pela Fretilin/Falintil, 1980/1999, adiante). A Comissão recebeu relatos de homicídios atribuídos às milícias ao longo de 1998. Vários destes grupos de milícias existiam há muito tempo, mas novos grupos começaram também a ser criados. Por exemplo, a Comissão recebeu relatos de homicídios em Janeiro de 1998, perpetrados pela milícia *Halilintar*, que actuava em Bobonaro desde 1994, incluindo o homicídio de quatro homens em Atabae pelos serviços de informação indonésios e um grupo de milícias da *Halilintar* dirigidos por Paulo

<sup>CCXLI</sup> Human Rights Watch, “East Timor Massacre Reports Still Unconfirmed, Both Sides Must Respect Rights”. [data não indicada], <http://www.hrw.org/press98/nov/etimor1123.htm> em 19 de Maio de 2005; segundo o HRVD, Testemunho nº 01531, duas pessoas foram presas durante sete dias a partir de 9 de Novembro.

<sup>CCXLII</sup> HRVD, Testemunhos nºs 01581 e 03483. O comandante do *Korem*, coronel Tono Suratman, confirmou a morte de Vicente Xavier numa declaração publicada no jornal diário de Díli *Suara Timor Timur*, em Novembro de 1998.

Gonçalves.<sup>726</sup> A actividade das milícias está documentada nos distritos de Bobonaro, Baucau, Liquiça, Oecusse, Covalima e Manufahi durante este período. A Comissão recebeu depoimentos que referem as milícias *Halilintar*,<sup>727</sup> *Tim Saka*,<sup>728</sup> *Dadurus Merah Putih*,<sup>729</sup> *Darah Merah*,<sup>730</sup> *Besi Merah Putih*,<sup>731</sup> *Sakunar*,<sup>732</sup> *Laksaur*<sup>733</sup> e *Ablai*<sup>734</sup> como tendo sido responsáveis por execuções extrajudiciais durante 1998. A maioria destes depoimentos refere homicídios que ocorreram nos últimos meses do ano.

**Table 40 - Violações fatais e desaparecimentos de civis perpetrados pelas ABRI, 1990/1994, reportados à CAVR**

Local	1990		1991		1992		1993		1994	
	Morto	Des.	Morto	Des.	Morto	Des.	Morto	Des.	Morto	Des.
Lautém	2	-	2	-	2	-	1	-	1	-
Viqueque	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Baucau	-	1	1	1	2	1	4	-	-	-
Manatuto	-	-	2	-	-	-	2	1	-	-
Manufahi	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-
Ainaro	2	-	7	-	-	-	-	-	-	-
Aileu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ermera	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-
Covalima	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-
Bobonaro	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-
Liquiça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Díli	1	1	21 a 34	6	-	-	-	-	-	-
Total	5	4	34 a 47	7	4	2	9	2	4	-
Combinado	9		41 a 54		6		11		4	

**Table 41 - Violações fatais e desaparecimentos de civis perpetrados pelas ABRI, 1994/1998, reportados à CAVR**

Local	1995		1996		1997		1998	
	Morto	Des.	Morto	Des.	Morto	Des.	Morto	Des.
Lautém	-	-	1	-	-	-	-	-
Viqueque	2	-	1	-	1	-	-	-
Baucau	?	-	1	-	2	1	4	-
Manatuto	-	-	3	-	-	-	4	-
Manufahi	3	-	-	-	-	-	10	-
Ainaro	-	-	-	-	-	-	-	-
Aileu	-	-	-	-	-	-	-	-
Ermera	6	1	5	1	12	2	4	-
Covalima	-	-	-	-	2	-	-	-
Bobonaro	1	-	2	-	5	-	15	1
Liquiça	7	-	-	-	2	-	-	-
Díli	-	5	1	-	4	1	1	-
Desconhecido	-	-	1	2	-	-	-	-
Total	19	6	15	3	28	4	38	1
Combinado	25		18		32		39	

### Violações fatais cometidas pela Fretilin/Falintil, 1980/1999

Entre 1980 e 1999, houve variações acentuadas no número de civis mortos pela Fretilin/Falintil. É difícil avaliar o número de mortes ilícitas de civis perpetrados pela Fretilin/Falintil em qualquer momento específico, por duas razões contraditórias. Por um lado, a Comissão reconhece que pode existir um sub-reporte das violações fatais cometidas pela Fretilin/Falintil porque os

sobreviventes, testemunhas ou membros das famílias podem ter relutância em implicar nelas pessoas e instituições que desempenharam um papel fundamental na luta pela independência.

Por outro lado, o facto da sociedade timorense se ter tornado fortemente militarizada durante a ocupação indonésia faz com que o estatuto de muitos dos civis que foram mortos pela Fretilin/Falintil seja frequentemente ambíguo. Essas pessoas incluem aqueles que foram postos em situações de risco, seja como *Hansip*, *TBO* (*tenaga bantuan operasi*, auxiliares de operações), membros de grupos de milícias ou pessoas a quem foi exigido que desempenhassem o papel de guardas durante a noite. A Comissão considera que a responsabilidade pelas mortes nessas circunstâncias reside primordialmente com aqueles que colocaram as vítimas em tais situações perigosas. Além disso, funções que na maior parte da Indonésia não estavam fortemente militarizadas, incluindo as de *Hansip* e de chefe de aldeia e outros membros da administração civil, tornaram-se altamente militarizadas no território ocupado de Timor-Leste.

Uma vez que a linha divisória entre combatentes e não combatentes era frequentemente imprecisa, não foi sempre possível à Comissão determinar, com base na informação de que dispunha, se uma violação ocorrera de facto e, no caso de ter ocorrido, quem tinha sido responsável. Todas as categorias de vítimas referidas nesta secção — "civis", "*Hansip*" e *TBO* — devem ser consideradas tendo em conta estas incertezas. Segundo os dados recebidos pela Comissão, o número mais elevado de violações fatais reportadas perpetradas pela Fretilin/Falintil ocorreu em 1982, 1984 e 1998/1999. Houve um decréscimo contínuo das violações reportadas entre 1985 e o início da década de 1990. No entanto, depois de 1995, o número de violações fatais continuou a aumentar, atingindo um pico em 1999. Em todos estes anos, todavia, o número de mortes ilícitas de civis perpetradas pela Fretilin/Falintil foi menor do que o das *ABRI/TNI* e dos seus grupos coadjuvantes e, em quase todos os anos, significativamente menor.

### **Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados perpetrados Fretilin/Falintil na década de 1980**

No início da década de 1980, as Falintil realizaram um grande número de ataques contra povoações controladas pelos militares, queimando frequentemente habitações. Tudo indica que estes ataques se destinavam a mostrar à população então sob controlo indonésio que as Falintil tinham sobrevivido e, em determinadas ocasiões, a avisar, ou mesmo ameaçar, que a resistência iria continuar.<sup>735</sup> À medida que um número crescente de timorenses era recrutado à força para tomar parte nas operações militares indonésias, começaram também a ser alvo dos elementos da Fretilin/Falintil durante as escaramuças com os militares indonésios.

Em Agosto de 1980, os militares indonésios obrigaram civis em Viqueque e Baucau a participar na *Operasi Kikis*, com o objectivo de encontrar o que restava das forças das Falintil ao redor do Monte Matebian.<sup>736</sup> Durante essa operação, diversos civis foram mortos, alguns pelas Falintil e outros no fogo cruzado quando as forças das *ABRI* e Falintil se envolveram em combate. Por exemplo, a Comissão ouviu o relato do homicídio pelas forças das Falintil de seis homens timorenses que tinham sido recrutados como *TBO* para a *Operasi Kikis* em Quelicai (Baucau).<sup>737</sup> Noutro depoimento, um depoente relatou à Comissão o homicídio do seu irmão, em circunstâncias semelhantes:

*Em Julho de 1980, o Batalhão 141 obrigou o meu irmão Miguel, juntamente com o seu amigo Abílio Kuluina, a pegar nos seus pertences e a partir para um lugar chamado Luturo, na floresta próximo de Laga. Uma vez aí chegados, ficaram três noites. Subitamente foram atacados pelas forças da Fretilin, e houve uma troca de fogo entre as ABRI/TNI e a Fretilin. O meu irmão foi atingido durante o ataque e morreu mais tarde das feridas recebidas.<sup>738</sup>*

A Comissão também recebeu informações acerca de vários casos em 1980 em que militares indonésios ordenaram a civis que procurassem sozinhos familiares no mato. Suspeitando da existência de informadores e com receio de serem atacadas, houve ocasiões em que as forças da Fretilin/Falintil detiveram, ameaçaram e por vezes mataram alguns civis. Em Macadique (Uatu-Lari, Viqueque), por exemplo, um informador contou à Comissão:

*A 6 de Setembro de 1980, as ABRI/TNI, nomeadamente José Fernandes e Afonso Mascarenhas, obrigaram Sebastião, Mau Leque, Manuel Kai Dana Lita, Lourenço, Júlio Bora Kumu e Valente Noco Rau [a ir] para o mato em busca das Falintil. Sebastião Mau Leque foi morto a tiro pelas Falintil. Este incidente foi testemunhado por quatro dos amigos da vítima, que tinham recebido ordens das ABRI/TNI para procurar as Falintil no mato.<sup>739</sup>*

Um outro depoente contou à Comissão um caso semelhante passado em Caicasa (Fatuberliu, Manufahi) em 1980.

*Em 1980, as ABRI/TNI obrigaram Miguel Maia, José Kehimau, e Domingos Berleik a procurar armas na floresta perto de Caicassa. Quando chegaram a Uma Creda, próximo de Caicassa, os três homens foram capturados pelas Falintil. Mas Miguel Maia fugiu, e foi atingido pelas Falintil. Ele ficou apenas ferido no braço direito. Os outros dois, no entanto, foram amarrados e depois mortos pelas Falintil. As suas cabeças foram cortadas e os corpos depois abandonados, no mesmo local.<sup>740</sup>*

A Comissão recebeu apenas um relato acerca da execução deliberada de um civil pelas Falintil em 1980. Neste caso, as Falintil executaram um homem chamado Bere Alas, que alegadamente se “opunha” politicamente à Fretilin, em Laclubar, Manatuto.<sup>741</sup>

Em contraste com o ano anterior, a Fretilin/Falintil realizou muito poucas operações militares em 1981. A Comissão recebeu apenas dois relatos de civis mortos pelas forças da Fretilin/Falintil, que ocorreram ambos no contexto da Operação Segurança (*Operasi Keamanan*, também conhecida como *Operasi Kikis*) e em ambos os casos foi referido que as vítimas eram TBO.<sup>742</sup>

Existem várias razões possíveis para esta pausa nos homicídios. Em primeiro lugar, em Março de 1981, a Fretilin organizou uma conferência nacional em Maubai (Lacluta, Viqueque), o que significa que muitos comandantes locais estavam, ou em viagem, ou envolvidos na reorganização política que se seguiu a essa conferência. Em segundo lugar, entre Junho e Setembro, os militares indonésios desencadearam a grande Operação Segurança, durante a qual as forças da Fretilin/Falintil foram forçadas a esconder-se e a encontrar formas de não serem detectadas. Em terceiro lugar, as Falintil sofreram grande número de baixas na região de Aitana em Setembro de 1981, após o que foi necessário algum tempo para consolidar de novo as forças e restabelecer contacto entre os comandantes.

Em 1982, no entanto, houve um aumento muito significativo dos ataques das Falintil contra alvos tanto militares como não militares. Essas ocorrências distribuem-se de igual modo pela metade oriental da ilha (Manatuto, Manufahi, Viqueque, Baucau e Lautém). Alguns desses ataques foram dirigidos contra postos de guarda nas aldeias, deles resultando a morte de membros das forças de defesa civil ou de outros civis destacados para funções de guarda. A Comissão ouviu o relato de uma vítima de um ataque das Falintil à aldeia de Manumera (Turiscai, Manufahi) em 1982. Essa vítima e três outros homens, Manuel de Jesus, Filomeno de Jesus e Mateus estavam de guarda num posto, à noite:

*Na altura, nós os quatro estávamos a dormir. [Subitamente] as Falintil acordaram-nos e amarraram as nossas mãos. Fomos mandados para o mato para que as ABRI/TNI fossem à nossa procura. Depois o comandante das Falintil pegou numa catana e cortou a garganta a Mateus; este caiu logo no chão. Depois voltou atrás e cortou a garganta ao Filomeno e empurrou-o para o chão. Depois começou a cortar-me a garganta. Ele deu-me três golpes e eu caí no chão. Mas a minha garganta não ficou cortada. Ainda consegui ver os meus três amigos, todos mortos. Tentei levantar-me e consegui andar cerca de 20 metros. Escondi-me numa vala até de madrugada. De manhã vieram pessoas que levaram os três corpos para Turiscai, e que me levaram para Díli para receber tratamento.<sup>743</sup>*

No início de 1982, as Falintil alegadamente atacaram e mataram também um membro da *Hansip* chamado Gaspar Soares, que regressava a casa vindo do mercado com a sua esposa, no subdistrito de Bagueia (Baucau).<sup>744</sup> Para além dos ataques contra postos de guarda, a Fretilin/Falintil também matou diversos civis na parte oriental do território. Por exemplo, a Comissão recebeu informações acerca deste ataque em Loré, onde foi morta uma mulher:

*Em 1982, um membro das Falintil, não conheço a sua identidade, entrou na aldeia de Loré na aldeia de Maloru [Loré 1, (Lospalos, Lautém)]. Ele aproximou-se da casa de Cecília Sarmento. Abriu a porta à força e agrediu os habitantes até estes começarem a gritar. Depois eles [vários membros das Falintil] levaram-nos para fora da casa e deitaram-lhe fogo. O marido de Cecília, Marcos Sarmento, que estava de serviço à noite no Posto de Segurança da Comunidade, chegou e lutou com os elementos da Fretilin. Contudo, Marcos foi ferido e eles ataram-lhe as mãos atrás das costas. Cecília Sarmento foi morta com um machado e o seu corpo atirado para o fogo. Os perpetradores entraram na cozinha e retiraram todos os utensílios, tais como pratos, tachos, garrações, e depois os membros da Fretilin saíram da aldeia, enquanto disparavam para todo o lado.<sup>745</sup>*

Em 1982, os habitantes de Timor Leste participaram numa eleição nacional indonésia pela primeira vez. As forças da Fretilin/Falintil realizaram vários ataques antes e por ocasião da eleição, aparentemente numa tentativa para embaraçar a Indonésia e demonstrar que a Resistência continuava activa. A 14 de Abril, as Falintil atacaram um posto de guarda em Leohat (Soibada, Manatuto), matando António Lopes e António da Costa.<sup>746</sup> A 24 de Abril de 1982, as Falintil atacaram a aldeia de Lugasa (Viqueque, Viqueque), queimando habitações e matando duas pessoas, João Soares e Labi Mau.<sup>747</sup> No dia anterior à eleição, as Falintil alegadamente

executaram diversos ataques em Viqueque, levando as autoridades a deslocar todas as assembleias de voto para a cidade de Viqueque.<sup>748</sup>

No dia da eleição, as Falintil alegadamente assassinaram quatro civis em Bahoik, Iliheu, Manatuto, Manatuto). Um depoente contou à Comissão:

*No dia 5 de Maio de 1982, as Falintil atacaram a comunidade civil, levando os seus bens e gado. Na mesma ocasião, mataram três pessoas: Casametan, Marac Cipriano, e Olosaba. Da parte da tarde em Metadolok, as Falintil mataram mais uma pessoa, Leki Mauk, embora outra pessoa conseguisse escapar a igual sorte. Após este incidente, as ABRI/TNI deslocaram as pessoas de Bahaoik para Lacló durante três dias. Passados três dias, a comunidade regressou à aldeia, uma vez que as ABRI/TNI se estabeleceram lá permanentemente para lhes garantir segurança.*<sup>749</sup>

As Falintil também realizaram ataques imediatamente antes ou no dia de feriados nacionais indonésios ou de datas importantes na história da Resistência.<sup>CCXLIII</sup> A 16 de Agosto, um dia antes da data de comemoração do Dia da Independência da Indonésia, as forças das Falintil mataram dois membros da *Hansip*, Teófilo e Júlio Mendes, que viajavam para a vila de Laga (Baucau).<sup>750</sup>

O ataque de maiores dimensões das Falintil teve lugar quatro dias mais tarde, a 20 de Agosto, que é o aniversário da fundação das Falintil, em vários locais dos distritos de Ainaro e Manufahi; no entanto, não existe qualquer informação disponível acerca de eventuais baixas civis (ver adiante a secção sobre o ataque a Mauchiga e a retaliação das ABRI). Um mês após o ataque, e numa altura em que os militares indonésios levavam a cabo uma acção contra civis em Ainaro, forças das Falintil realizaram mais um ataque no distrito de Manufahi. Um informador contou à Comissão:

*A 27 de Setembro de 1982, as Falintil atacaram e queimaram 13 residências civis na aldeia de Turin [Lurin, Taitudak (Alas, Manufahi)]. Detiveram Marçal, Domingos da Costa, Domingos e Bernardo, e levaram-nos para o mato. Passados vários dias, três dos homens detidos fugiram e regressaram à aldeia. O quarto, Bernardo, já tinha sido morto.*<sup>751</sup>

Os civis que assumiram lugares na estrutura de administração local indonésia foram alvo de acções das Falintil. A 5 de Outubro de 1982, o Dia das Forças Armadas Indonésias, as Falintil executaram um audacioso ataque a Com (Moro, Lautém), matando o secretário da aldeia, juntamente com dois membros da *Hansip*. Um depoente contou à Comissão:

---

<sup>CCXLIII</sup> De acordo com um antigo comandante das Falintil, uma razão porque as Falintil realizavam ataques nos feriados nacionais indonésios era porque as ABRI reduziam a sua vigilância nesses dias [ver entrevista da CAVR com José da Conceição, Díli, 19 de Outubro de 2004].

*A 5 de Outubro de 1982, à meia-noite, um grupo da Fretilin com 60 elementos, dirigido por Luís Hallasu, atacou a aldeia de Com. A comunidade foi reunida debaixo de uma árvore na aldeia de Vailovaia. Depois eles [os membros da Fretilin] chamaram diversas pessoas, Francisco, Orlando, e Modesto, de quem suspeitavam. O meu pai, Francisco, foi imediatamente morto a tiro por M231, porque naquela época o meu pai era membro da Hansip. A Fretilin considerava-os traidores que tinham de ser eliminados. Depois de terem cometido os homicídios e feito as detenções, eles [Fretilin] regressaram ao mato e não voltaram mais a Com.*<sup>752</sup>

Pouco tempo depois, os militares indonésios ordenaram a um grupo de civis que procurasse guerrilheiros das Falintil na floresta de Moro. Um depoente explicou à Comissão:

*Em Outubro de 1982, as ABRI/TNI 315 mandaram Manuel, José Cabral, José Celestino, Adão Soares, Nokomata e Paulo reunirem os seus amigos para irem para o mato em busca de elementos da Fretilin. Eles foram a Malauro, e no dia seguinte a Makaledo, próximo de Moro, e depois a Soruwaku, perto de Maina I. Passados quatro dias, a Fretilin apanhou um deles, José Celestino. Durante o dia os seus amigos foram-se embora para comer [mas quando regressaram] a Fretilin estava à sua espera. Foram mandados entregar todos os seus pertences. Depois [uma pessoa da] Fretilin apunhalou Paulo, e ele morreu ali mesmo. Os outros fugiram e reportaram o incidente às ABRI/TNI 315.*<sup>753</sup>

Algures durante o ano de 1982, as Falintil também atacaram a aldeia de Carlilo (Aiteas, Manatuto, Manatuto), matando duas ou três pessoas.<sup>754</sup>

Como estes casos ilustram, as Falintil executaram durante 1982 uma série de ataques contra as forças militares indonésias, membros da defesa civil e civis timorenses que tinham sido recrutados para participar em operações militares. Por vezes, as forças das Falintil também queimaram aldeias. No final de 1982, contudo, oficiais indonésios procuraram estabelecer contacto com membros da Resistência e houve um decréscimo nas violações fatais perpetradas tanto pelas *ABRI* como pela Fretilin/Falintil. As reuniões com vista a um cessar-fogo de Março de 1983 entre as *ABRI* e a Fretilin deram origem a um período de quatro meses durante o qual o número de homicídios cometidos, quer pelas *ABRI*, quer pelas Falintil, diminuiu acentuadamente. Após os levantamentos de Agosto de 1983 e as subseqüentes operações militares em grande escala levadas a cabo pelos militares indonésios, a Fretilin/Falintil cometeu alegadamente muito poucas violações fatais contra civis durante a segunda metade de 1983.<sup>755</sup>

Em 1984, contudo, houve um aumento acentuado dos ataques das Falintil, incluindo o homicídio de civis.<sup>756</sup> A maioria dos casos ocorreu em Lautém e Viqueque. Os dados disponíveis apontam claramente para o facto de, em resposta às acções brutais dos militares indonésios contra civis e às novas operações contra a Resistência, as Falintil terem decidido retaliar. A Comissão recebeu relatos acerca de oito ataques em que as Falintil queimaram habitações e mataram pelo menos um civil (dois casos em Lautém, três em Viqueque, dois em Baucau, e um em Ainaro). Os dados sugerem que o alvo principal desses ataques foram indivíduos conhecidos por colaborarem com as forças de ocupação indonésia (a maioria das vezes membros da *Hansip*), e o incendiar das habitações destinava-se a ser um aviso para o resto da comunidade acerca das consequências da colaboração. Por exemplo, a 10 de Fevereiro de 1984, forças das Falintil atacaram Uani Uma

(Uatu-Carbau, Viqueque), matando um membro da *Hansip* e três civis e queimando habitações. Um depoente contou à Comissão:

*A 10 de Fevereiro de 1984, forças das Falintil atacaram a base da Hansip na aldeia de Uani Uma, provocando a morte do membro da Hansip, Sico Ana, e de três outras pessoas, de feridas provocadas por balas. Enquanto isto acontecia, foram queimadas as casas de Pedro, Luís, Martinho Pinto, Bernardo Loirei, Pedro, Gregório, António e Alberto. Para além disso, roubaram 20 búfalos que se destinavam a ser partilhados por toda a comunidade. Essa noite, os aldeões tiveram medo e fugiram para outra aldeia até a situação ficar segura.*<sup>CCXLIV</sup>

Noutro caso, de Ainaro, um depoente explicou que as vítimas do ataque eram pessoas conhecidas por pertencerem a famílias ligadas ao partido político (pró-integração) Apodeti:

*Em Novembro de 1984, o comandante das Falintil M232, juntamente com os seus subordinados, atacou Cassa, queimou casas de civis e matou dois membros da Apodeti, Maukoli e Adolfo.*<sup>757</sup>

Noutros locais, houve civis que foram mortos por ocasião de ataques das Falintil contra elementos militares indonésios, como é ilustrado por este depoimento de Same (Manufahi):

*Em 1984, fui à Igreja de Same para organizar alguns documentos. Regressei a casa com dois soldados indonésios, Pak Dor, e Pak Usi, e com Manuel. Na Gruta de Bisakrem fomos atacados pelas Falintil, e Pak Usi e Manuel foram mortos. Eu fui atingido nas costas. Na altura havia muita chuva e nevoeiro, e não pude ver quais os membros das Falintil que dispararam contra mim. Quando recuperei a consciência, encontrava-me no Hospital de Same.*<sup>758</sup>

A ofensiva das Falintil de 1984 parece ter tido alvos estratégicos. Apesar do grande número de ataques executados pelas Falintil em 1984, a Comissão recebeu apenas dois relatos de civis que foram mandados pelos militares indonésios procurar elementos das Falintil e que foram subsequentemente mortos.<sup>759</sup> Um depoente relatou à Comissão um ataque das Falintil em Builale (Ossu, Viqueque), mas justificou-o em termos políticos:

*Em 1984, na aldeia de Builale, às 10 da noite, ocorreu um incidente, quando um membro [das Falintil]...atacou o povo de Builale, queimando as suas casas e destruindo os seus bens...Ele também matou alguém...chamado Olocai. Eles fizeram isto para provar à comunidade internacional que ainda havia guerra em Timor Lorosa'e [e que] as Falintil [ainda tinham] forças.*<sup>760</sup>

**Table 42 - Civis e *Hansip*/TBO mortos pela Fretilin/Falintil, 1980/1984, reportados à CAVR**

	1980		1981		1982		1983		1984	
	Civil	<i>Hansip</i>								
Lautém	-	-	-	-	3	2	1	1	8	-

<sup>CCXLIV</sup> Testemunhos nº 06001, 07521 e 07515, que referem o ataque como tendo ocorrido a 16 de Fevereiro de 1984.

Viqueque	1	-	-	-	2	-	1	-	10	7
Baucau	2	-	-	3	3	-	1	-	1	-
Manatuto	1	-	-	-	6	-	-	-	1	-
Manufahi	-	-	-	-	7	-	-	2	1	-
Ainaro	2	-	-	-	-	-	-	-	2	-
Aileu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ermera	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Covalima	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bobonaro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Liquiça	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-
Díli	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	6	-	-	4	21	2	3	3	24	7
Combinado	6		4		23		6		31	

### Violações fatais perpetradas pela Fretilin/Falintil, 1985/1989

Durante o período 1985 a 1989, as Falintil executaram grande número de ataques dirigidos contra as *ABRI* e as forças de defesa civil. Existem também muitos relatos de ataques das Falintil contra aldeões. Uma das razões para tal pode ser o facto das acções indonésias de 1983/1984 terem afectado, e nalguns locais destruído, as redes clandestinas que apoiavam a Resistência, obrigando por isso a Fretilin/Falintil a obter a comida e outras provisões pela força.

Se em 1984 houve um ressurgimento dos ataques das Falintil contra alvos civis e militares, em 1985 e 1986 houve uma passagem significativa para combates directos entre as forças das *ABRI* e das Falintil. Um publicação militar indonésia revela que as *ABRI* perderam 122 homens em 1985 e 169 em 1986, após o que as suas baixas passaram a ser muito mais reduzidas.<sup>CCXLV</sup> O ataque mais significativo das Falintil ocorreu em 1987, quando as Falintil mataram 30 elementos indonésios da engenharia militar em Iliomar, Lautém.<sup>761</sup> O aumento nos combates directos entre as *ABRI* e as Falintil foi acompanhado por um decréscimo correspondente no número de baixas civis da responsabilidade das Falintil.

Ainda assim, houve durante este período diversos desenvolvimentos significativos. Em primeiro lugar, houve uma diminuição acentuada dos ataques das Falintil em que eram queimadas residências de civis: quatro casos em 1985, nenhum em 1986, um em 1987, um em 1988 e nenhum em 1989.<sup>762</sup> Em segundo lugar, em 1985/1986, metade de todas as pessoas mortas pelas Falintil foram *Hansip*: dois em Iliomar, quatro em Viqueque, e sete em Manufahi. E, o que é mais significativo, as violações fatais perpetradas pelas Falintil, que ocorriam nos redutos tradicionais das Falintil em Lautém, Viqueque e Baucau passaram para os distritos de Manatuto e Manufahi. Por exemplo, um depoente relatou à Comissão um ataque das Falintil à aldeia de Manehat (Barique/Natarbora, Manatuto) em que foram queimadas habitações e diversos civis foram mortos:

*A 5 de Maio de 1985, as Falintil atacaram a área de Manehat durante a noite. Durante o ataque, as Falintil queimaram as casas de 15 pessoas, incluindo a casa de João de Carvalho. Para além do fogo posto, mataram a tiro dois civis e feriram uma pessoa. As Falintil também roubaram os pertences e a comida das pessoas.*<sup>763</sup>

O aumento de tais casos em Manatuto em 1985 pode estar relacionado com o conflito político que então tinha lugar no seio da Fretilin — incluindo o desaparecimento do comandante das

<sup>CCXLV</sup> 35 *Tahun Darma Bhakti Kostrad*, [não foi fornecida informação bibliográfica], pp. 86-88. Este padrão corresponde aproximadamente aos dados recolhidos pela Comissão das Lápides nos cemitérios militares indonésios em Timor-Leste, embora esses dados indiquem picos de 62 em 1985 e de 32 em 1986, após o que os totais anuais se situam pouco acima de 20.

Falintil, Kilik Uaigae, e a rendição subsequente de Mauk Moruk — e a nomeação de novos comandantes das Falintil na região.

Em 1987, ano durante o qual a Indonésia organizou outra eleição nacional, houve um aumento no número de civis mortos pelas Falintil mas não existem relatos de mortes de *Hansip*. Pelo menos um dos ataques das Falintil em 1987 (e talvez mais) está directamente relacionado com a eleição. Um depoente relatou à Comissão um ataque perpetrado pelas Falintil contra um grupo que transportava urnas eleitorais em Natarbora, Manatuto.

*O meu marido, João Óscar, com três dos seus amigos, Américo, Mário Belo e Sebastião Alves (Milsas), foi a Betano [Same, Manufahi] num tractor...com o objectivo de recolher urnas eleitorais. Quando regressavam, as Falintil bloquearam a estrada e mataram-nos a tiro. Isto foi-me contado por um amigo do meu marido, que recolheu os corpos no local e regressou a minha casa.*<sup>764</sup>

Como sucedera cinco anos antes, em 1987 as Falintil também realizaram ataques em 1987 no dia 17 de Agosto, Dia da Independência da Indonésia.

*A 17 de Agosto de 1987, às 9.00 horas da noite, a casa de Joaquina [em Besusu, Uma Berloik (Alas, Manufahi)] foi atacada por quatro membros das Falintil. A Joaquina conhecia-os, e sabia que eram das Falintil. Durante o ataque, a casa do seu vizinho foi queimada. Depois disso, os perpetradores vieram e ameaçaram [Duarte Vassalo] dizendo-lhe que saísse de casa. Nessa altura, Joaquina conseguiu gritar do arrozal para o marido, dizendo-lhe que saísse de casa depressa. Quando ele saiu de casa, foi morto a tiro. Ele morreu imediatamente, porque o tiro lhe atravessou o ouvido. Eles também queimaram outras três casas.*<sup>765</sup>

Em contraste com os anos tumultuosos de meados da década de 1980, a Comissão recebeu um número extremamente reduzido de relatos acerca de violações fatais cometidas pelas Falintil em 1988 e 1989. A maioria destes homicídios parecem ter tido como alvo indivíduos específicos que colaboravam com os militares indonésios ou, num caso particular, um antigo combatente das Falintil que se rendera e regressara para junto da sua comunidade.<sup>CCXLVI</sup>

**Table 43 - Civis e *Hansip*/TBO mortos pela Fretilin/Falintil, 1985/1989, reportados à CAVR**

	1985		1986		1987		1988		1989	
	Civis	<i>Hansip</i>								
Lautém	1	2	2	-	1	-	-	-	-	-
Viqueque	-	4	2	1	-	-	-	-	-	-
Baucau	3	-	-	-	-	-	3	-	-	-
Manatuto	6	-	-	-	9	-	1	-	3	1
Manufahi	-	-	1	7	1	-	-	1	1	-
Ainaro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aileu	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-
Ermera	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Covalima	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-

<sup>CCXLVI</sup> Relativamente a este último caso, ver o HRVD, Testemunho nº 00666. Registe-se também que um ataque e assassinio em 1989 ocorreram no Dia da Independência da Indonésia; ver HRVD, Testemunho nº 03037.

Bobonaro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Liquiça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Díli	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	10	6	5	8	11	-	5	1	4	1
Combinados	16		13		11		6		5	

### **Violações fatais perpetradas pela Fretilin/Falintil, 1990/1998**

Na sequência da tendência estabelecida no final da década de 1980, foram reportados à Comissão poucos casos de violações fatais perpetradas pelas Falintil na primeira metade da década de 1990. Esta tendência é explicada por diversos desenvolvimentos que estão relacionados. Em 1987, a Resistência armada, as Falintil, foi formalmente separada da Fretilin, e foi adoptada uma nova política, passando a luta a concentrar-se nos protestos urbanos. Embora as Falintil permanecessem activas e com capacidade militar, esta mudança política deu uma maior proeminência aos protestos públicos nas cidades do que à tática previamente favorecida pelas Falintil de demonstrar que ainda era uma força a ter em conta através de demonstrações de força nos meios rurais. Esta tendência foi acelerada pela decisão indonésia tomada no final de 1988 de “abrir” Timor Leste aos cidadãos indonésios, de permitir uma maior liberdade de movimentos e de permitir aos turistas estrangeiros que visitassem o território. Esta mudança de política por parte da Indonésia reforçou o novo enfoque nos protestos urbanos não violentos. Simultaneamente, a decisão de pôr em prática uma estratégia de “unidade nacional” e de construir uma base de apoio para a Resistência o mais ampla possível, atraindo inclusivamente timorenses que colaboravam com os indonésios, contribuiu provavelmente também para o declínio da violência nesses anos.

No entanto, entre 1996 e 1998, houve um aumento brusco no número de violações fatais cometidas pelas Falintil. Existem diversas características notórias nestes homicídios. Em primeiro lugar, e ao contrário do que acontecera na década de 1980, quando a maioria dos civis mortos pela Fretilin/Falintil eram da metade oriental do território, durante o final da década de 1990 esses casos dividiram-se por igual entre o Leste (Lautém, Viqueque e Baucau) e as regiões mais ocidentais (Ermera, Covalima, Bobonaro e Liquiça). Esta alteração reflecte a mudança na liderança no terreno em Timor-Leste, na sequência da captura de Xanana Gusmão. Embora Xanana Gusmão permanecesse Comandante-em-chefe das Falintil na prisão, Konis Santana, na sua qualidade de chefe do Estado-Maior das Falintil, passou a actuar como comandante das Falintil no dia-a-dia e estabeleceu a sua base em Ermera (ver Capítulo 5: Resistência: Estrutura e Estratégia).

Em segundo lugar, e ao contrário do que sucedera na década de 1980, quando as Falintil se tinham concentrado em membros das forças de defesa civil, postos de guarda ocupados por civis, indivíduos que procuravam ou tinham sido mandados em busca das Falintil, no final da década de 1990, a maioria das execuções extrajudiciais cometidas pelas Falintil teve como alvo colaboradores ou civis que trabalhavam como espiões para os militares indonésios.<sup>CCXLVII</sup>

No entanto, as Falintil continuaram a realizar ataques ocasionais contra militares indonésios e membros dos grupos de defesa civis, bem como contra civis desempenhando funções de guardas. Em Março de 1990, por exemplo, as Falintil atacaram um posto de guarda em Carlilo (Aiteas, Manatuto, Manatuto). Um depoente contou à Comissão:

<sup>CCXLVII</sup> Embora também tenham existido casos em que as Falintil mataram a pessoa errada [ver HRVD, Testemunho nº 04156].

*A 23 de Março de 1990, Mateus Soares Mauk, com os seus amigos José Soares Laka, Domingos Ramos, Sebastião Ximenes, António Coli, Domingos Larak, Hermenegildo Soares, Mateus Go'o e também o seu pai António Soares, estavam de guarda à noite no Posto de Segurança do Bairro. Cerca das 9 da noite, as Falintil atacaram o Posto. António Celso Soares morreu durante o ataque, enquanto Mateus e os seus amigos José Soares Laka e Domingos Larak ficaram feridos, respectivamente, na coxa, nádega e perna, em resultado dos disparos. Enquanto decorria o ataque, um grupo de elementos das Falintil roubou um porco que pertencia a Mateus Go'o, milho, arroz e roupas.*<sup>766</sup>

O ataque das Falintil e a execução em sua casa de um professor chamado Castelo em Fuiloro (Lospalos, Lautém) ilustra a estratégia de tomar como alvos aqueles que eram vistos como colaboradores. Na noite de 28 de Maio de 1997, Castelo, a sua família e diversos professores indonésios estavam a ver televisão quando chegaram a sua casa guerrilheiros das Falintil que lhe perguntaram por que razão tinham assinado documentos apoiando a integração de Timor Leste na Indonésia. Castelo, dois dos seus filhos e um amigo foram abatidos, e quando os outros professores tentaram fugir também eles foram abatidos. A Comissão recebeu o seguinte depoimento da esposa de uma das vítimas:

*A 28 de Maio de 1997, por volta das 6.20 h da tarde, na aldeia de Ira-Ara, [Fuiloro] em Lospalos, o meu marido, EP, foi a casa de C vê-los colocar a sua antena parabólica. Pouco depois, as Falintil atacaram a casa de C e perguntaram a Z, o meu irmão mais novo: "Onde está C?" Z disse-lhes que C estava em casa, e começámos a ouvir tiros vindo da direcção da casa do professor e da casa de C. Depois disso eu quis descobrir o que se passava na casa de C, mas ao ouvir os tiros tive de me esconder no mato. Depois de pararem os disparos, por volta 10 da noite, fui a casa de C ver o que tinha acontecido. Descobri o meu marido, EP, deitado no chão, morto, com os seus amigos C, V e B.*<sup>767</sup>

Outro exemplo de um ataque das Falintil contra civis que trabalhavam para os militares indonésios foi descrito por um depoente em Dilor (Lacluta, Viqueque):

*Em Julho de 1996...Manuel foi recrutado à força pelo Kopassus para ser espião, e incumbido de se juntar às Falintil no mato e trazer informações de volta para o Kopassus. Ele fez esse trabalho até...Julho de 1996. [Depois, um dia] o comandante do Koramil, Nicodemus, o Kopassus Raul, e Mamat ordenaram a Manuel de Araújo e ao seu amigo André Sarmiento que fossem ao mato recolher [materiais para] vinho de palma. Encontraram as Falintil, que os detiveram, ataram as suas mãos atrás das costas, penduraram-nos de uma árvore, bateram-lhes com paus, e apedrejaram-nos até ambos terem morrido.*<sup>768</sup>

A terceira característica notória dos ataques das Falintil durante este período foi a série de acções relacionadas com as eleições em Maio de 1997. No início de Maio, as Falintil atacaram um camião que transportava membros da *Brimob* (Brigada Móvel da Polícia) no subdistrito de Quelicai (Baucau), matando vários homens.<sup>769</sup> Alguns dias antes da eleição, que deveria ter

lugar a 25 de Maio, membros da rede clandestina, em colaboração com as Falintil, organizaram um audacioso ataque às instalações da *Brimob* no Bairro Pite, em Díli. Vários civis foram alegadamente mortos durante o ataque, embora os testemunhos recebidos pela Comissão indiquem que eles foram atingidos por fogo vindo das instalações da *Brimob* e não dos atacantes.<sup>770</sup>

Houve também ocasiões em que os membros das Falintil cometeram aquilo que só podem ser descritos como ataques criminosos contra civis. Um depoente de Akaderu Laran (Kakae Uma, Natarbora, Manatuto) contou à Comissão:

*No dia 13 de Fevereiro de 1994, por volta das 9 da noite, as Falintil atacaram. Nesse momento, a minha mãe, Faustina Soares, tinha acabado de sair da cozinha e estava a entrar em casa quando foi atingida pelas Falintil, duas vezes. Uma bala atingiu-a na cabeça e ela morreu imediatamente. No momento em que a minha mãe morreu, a minha mulher, Antoneta Lopes, saiu e viu um elemento das Falintil com cabelo encaracolado que se retirava. Esses Falintil também roubaram três sacos de fertilizante que julgavam que era arroz. Elízio e eu gritámos para eles “vocês não são homens, vocês não andam atrás do inimigo, vocês só matam pessoas pobres, inocentes”.<sup>771</sup>*

### **Violações fatais perpetradas pelas Falintil em 1999**

Tal como sucede com as execuções extrajudiciais perpetradas pelos militares indonésios e pelas milícias, os homicídios (e desaparecimentos) de civis da responsabilidade das Falintil em 1999 podem ser divididos em três períodos: (i) de Janeiro até ao final de Maio; (ii) o período da UNAMET desde o início de Junho até à Consulta Popular de 30 de Agosto; e (iii) de Setembro até ao final de Outubro.

Os padrões dos homicídios de civis cometidos pelas Falintil durante estes três períodos reproduzem aproximadamente os das forças militares indonésias e milícias, embora tivessem ocorrido numa escala muito menor: no primeiro e terceiro períodos foram reportados números relativamente elevados, enquanto existiu uma pausa quase completa durante o período da UNAMET entre Junho e a Consulta Popular de 30 de Agosto. Além disso, e tal como sucede com os homicídios perpetrados pelos grupos de milícias e pelos militares indonésios, as violações fatais perpetradas pelas Falintil concentraram-se fortemente nos distritos ocidentais, embora, no seu caso, particularmente em Ermera e Bobonaro. Durante quase todo o ano de 1999, as Falintil tinham ordens do seu comando supremo para não responderem nos mesmos termos à violência das milícias. Tendo em conta que estas ordens foram, de um modo geral, obedecidas, e que o número de incidentes reportados foi pequeno, o grau de responsabilidade institucional pelas violações que ocorreram pode não ser elevado.

A Comissão recebeu relatos de cerca de 11 violações fatais (homicídios e desaparecimentos) cometidos pelas Falintil entre Janeiro e Maio: em Fevereiro, três civis foram mortos em Covalima; em Março, dois civis foram mortos em Ermera, em Abril, dois civis “desapareceram” em Baucau e uma pessoa foi morta em Bobonaro; e em Maio, houve pessoas executadas isoladamente em Ermera, Covalima e Liquiça. Em termos do número de violações, identidade das vítimas e locais onde ocorreram, estes casos parecem ser uma continuação do padrão observável durante os três anos anteriores. De todos estes casos, aquele que teve maiores consequências durante a primeira metade de 1999 foi o homicídio de Manuel S. Gama, o antigo responsável pelo subdistrito de Cailaco (Bobonaro) e uma conhecida figura pró-autonomia, e de um soldado indonésio próximo da aldeia de Purogoa (Cailaco, Bobonaro) a 12 de Abril de 1999. A sua morte originou uma acção maciça de retaliação em Cailaco e noutras localidades por parte do TNI e dos seus aliados das milícias, e à mobilização de novos grupos de milícias no distrito de Bobonaro (ver adiante, para um relato completo).<sup>772</sup>

Durante o período da UNAMET, entre Junho e Agosto, as violações por parte das Falintil cessaram praticamente. A Comissão só recebeu um relatório acerca do desaparecimento de um homem no distrito de Baucau.<sup>773</sup> Deve-se notar também que a 16 de Maio, forças das Falintil no

subdistrito de Lolotoe (Bobonaro) atacaram pessoal militar indonésio e membros das milícias, matando três combatentes.<sup>774</sup>

Quando os resultados da Consulta Popular foram anunciados, os militares indonésios e as milícias lançaram um ataque em grande escala contra a população civil, destruindo edifícios públicos e residências privadas por todo o território. Embora as Falintil permanecessem acantonadas, nos distritos ocidentais de Ermera, Bobonaro e Liquiça, membros das Falintil levaram a cabo aquilo que parecem ter sido assassinios por vingança contra indivíduos identificados como sendo pró-autonomia, embora a sua cumplicidade na violência anterior não fosse sempre evidente.<sup>775</sup> Houve também casos em que as Falintil retaliaram contra grupos de milícias e unidades do *TNI* durante este período. Um depoente forneceu uma descrição de um incidente deste tipo ocorrido em Lautém:

*A 8 de Outubro de 1999, forças das Falintil, com o seu comandante M233, emboscaram alguns membros da [milícia] Tim Alpha. Eu conhecia um dos [Tim Alpha], Mário João Lopes. As forças das Falintil mataram a tiro Mário e os seus amigos neste incidente...porque eram suspeitos de terem morto as freiras. Obtive esta informação sobre os homicídios do comandante das Falintil M233.*<sup>776</sup>

A Comissão recebeu informações sobre um total de 22 execuções extrajudiciais e sete desaparecimentos perpetrados pelas Falintil em 1999, 17 dos quais no período após a Consulta Popular.

**Table 44 - Civis e *Hansip* (entre parêntesis) mortos pela Fretilin/Falintil, 1990/1999, reportados à CAVR**

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999 <sup>CCXLVIII</sup>
Lautém	2	-	1	-	-	-	1	7	-	1
Viqueque	-	-	-	-	-	-	10	1	2	-
Baucau	-	-	1	-	-	1	-	1	9	5
Manatuto	-(1)	-	-	-	1	-	-	-	-	-
Manufahi	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ainaro	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Aileu	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Ermera	-	-	1	-	-	-	7	3	5	10
Covalima	-	-	1	-	-	-	-	-	1	3
Bobonaro	-	-	-	-	2	1	1	2	-	9
Liquiça	-	-	-	-	-	-	3	1	-	1
Díli	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total	2(1)	-	4	-	3	2	22	15	17	29

<sup>CCXLVIII</sup> Os números relativos a 1999 incluem sete indivíduos alegadamente feitos desaparecer pelas Falintil: em Baucau dois indivíduos em Abril e um em Junho, e em Ermera quatro indivíduos em Setembro.

## Mortes ilícitas e desaparecimentos forçados, 1999

Segundo estimativa da Comissão, o *TNI* e as milícias foram responsáveis pelas mortes ilícitas de 1400 a 1500 civis em 1999.<sup>CCXLIX</sup> A Comissão recebeu testemunhos que documentam o homicídio de 785 pessoas, cometido pelo *TNI* ou pelas milícias em Timor-Leste entre 1 de Janeiro e 25 de Outubro de 1999. A Comissão recebeu ainda informação sobre mais 27 pessoas mortas em campos de refugiados em Timor Ocidental.<sup>CCL</sup> Bobonaro, Covalima e Oecusse foram os três distritos onde se registou o maior número de mortes ilícitas e desaparecimentos.

Todos os relatos são unânimes em afirmar que as mortes ilícitas e desaparecimentos ocorridos em 1999 se registaram em maior número no distrito de Bobonaro. A Comissão recebeu testemunhos que descrevem as mortes de 141 civis, assassinados ou desaparecidos nesse distrito.<sup>CCLI</sup> Em 1999 existiam em Bobonaro pelo menos nove milícias e em cada um dos seis subdistritos havia pelo menos um grupo. A mais antiga do distrito era a agressiva milícia *Halilintar*, chefiada pelo comandante supremo da Força de Combatentes pela Integração (*Pasukan Pejuang Integrasi, PPI*), João Tavares (ver Quadro das Milícias no Capítulo 4: Regime de Ocupação). A milícia *Halilintar*, com bases em Maliana e Atabae, actuava em todo o distrito — e, por vezes, fora dele. Entre os restantes grupos de milícias, os mais activos eram *Dadurus Merah Putih* (Maliana), *Firmi Merah Putih* (Balibó), *Saka Loromonu* (Balibó) e *Hametin Merah Putih* (Bobonaro). O *TNI* mantinha um relacionamento estreito com as milícias do distrito. O comandante do *Kodim*, tenente-coronel Burhanuddin Siagian, era um grande apoiante dos grupos de milícias. O tenente Sutrisno, chefe dos serviços secretos do *Kodim* de Maliana, foi outro oficial do *TNI* fortemente implicado na organização das milícias e na coordenação das suas actividades.

O distrito de Covalima foi quase tão gravemente afectado como o de Bobonaro. O número de mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão elevou-se a 131.<sup>CCLII</sup> A principal milícia do distrito, *Laksaur*, tornou-se activa logo em Janeiro de 1999 na região central e ocidental do distrito, enquanto o subdistrito oriental de Mape/Zumalai era abrangido, na sua maior parte, pela milícia *Mahidi*, originária do distrito vizinho de Ainaro. A milícia *Laksaur*, chefiada por Olívio Mendonça Moruk, recebeu fortes apoios das autoridades militares e civis locais, incluindo o comandante de *Kodim*, tenente-coronel Ahmad Mas Agus (substituído pelo tenente-coronel Liliek Koeshadianto nos finais de Agosto de 1999), e o administrador do distrito, coronel Herman Sedyono.

O distrito de Oecusse relatou à Comissão 125 mortes ilícitas e desaparecimentos.<sup>CCLIII</sup> A maioria das mortes ilícitas relatadas ocorreu na fase posterior ao acto eleitoral. A partida prematura dos

---

<sup>CCXLIX</sup> O valor estimado de 1.400 é citado, entre outros, no relatório de progresso do Secretário-Geral dirigido ao Conselho de Segurança sobre a UNMISSET, 18 de Fevereiro de 2005, S/2005/99. As acusações feitas pela Unidade de Crimes Graves em Timor-Leste abrangem 572 dos 1.400 assassinios incluídos na estimativa.

<sup>CCL</sup> Um estudo encomendado pelo Gabinete do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos ( *OHCHR*) e disponibilizado à Comissão calcula que tenham ocorrido entre 1.200 e 1.500 mortes ilícitas em 1999 (Geoffrey Robinson, *East Timor 1999 – Crimes against Humanity*, relatório encomendado pelo Gabinete do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (*OHCHR*), Julho de 2003, Documento disponibilizado à CAVR, Abril de 2004, p. 1).

<sup>CCLI</sup> O estudo do *OHCHR* calcula que tenham ocorrido 229 mortes ilícitas em Bobonaro (Documento disponibilizado pelo *OHCHR*, p. 142).

<sup>CCLII</sup> O estudo do *OHCHR* indica que ocorreram pelo menos 190 mortes ilícitas no distrito de Covalima (Documento disponibilizado pelo *OHCHR*, p. 149).

<sup>CCLIII</sup> O estudo do *OHCHR* calcula que tenham ocorrido pelo menos 170 casos em Oecusse ( Documento disponibilizado pelo *OHCHR*, p. 184).

funcionários da ONU e dos observadores internacionais, a ausência de grupos armados pró-independência e a chegada tardia da Interfet permitiram que o *TNI* e os grupos de milicianos tivessem rédea livre para desencadearem a destruição durante dois meses, após o anúncio do resultado do acto eleitoral. A proximidade geográfica do território indonésio também proporcionava refúgio seguro aos preparativos das operações. A milícia de Oecusse, denominada *Sakunar*, era chefiada por Simão Lopes, antigo administrador de subdistrito em Passabe e Oesilo na década de 1980, que em 1999 trabalhava no Organismo das Pescas do distrito de Oecusse. A milícia *Sakunar* recebeu apoio total das mais altas autoridades militares e civis do distrito — incluindo o Administrador do distrito, Filomeno Mesquita da Costa, o chefe da Polícia, tenente-coronel Wilmar Marpaung, e os comandantes de *Kodim*, tenente-coronel Kamiso Miran e tenente-coronel Bambang Sungesti, que substituiu o tenente-coronel Miran no início de Agosto de 1999.

Com base nos depoimentos recebidos pela Comissão, o número de mortes ilícitas foi muito superior nos distritos ocidentais — mais próximos da fronteira indonésia e onde as mais conhecidas milícias se encontravam sediadas — do que nos distritos de Leste. Além dos três distritos acima referidos, em Díli e Liquiça também se registaram níveis elevados de mortes e desaparecimentos em 1999. Os outros dois distritos que sofreram um número relativamente elevado de baixas foram Ermera e Lautém. Viqueque e Aileu foram os distritos menos afectados. Um dos principais factores determinantes do número de mortes era a força da milícia local em cada distrito. As milícias mais conhecidas — entre as quais *Dadurus Merah Putih*, *Laksaur*, *Aitarak*, *Tim Pancasila*, *Mahidi*, *Besi Merah Putih* e *Sakunar* — estavam sediadas nos distritos onde se registaram níveis mais elevados de violência mortal. Ao mesmo tempo, milícias como a *Aku Hidup untuk Integrasi*, em Aileu, e a *Tim Makikit*, em Viqueque, eram menos agressivas que os outros grupos de milícias.

As mortes ilícitas foram normalmente causadas por perpetradores múltiplos, utilizando vários tipos de armas — das catanas a armas de fogo de fabrico artesanal, a armas de fogo automáticas. As vítimas eram frequentemente marcadas como alvos a abater devido às suas ligações ao movimento pró-independência. Os estudantes eram particularmente vulneráveis, quer os que participavam abertamente nas actividades de campanha do CNRT, quer os funcionários timorenses da UNAMET. A violência não era apenas desencadeada contra as vítimas directas, destinando-se igualmente a intimidar outras pessoas da comunidade. Parece ser esta a razão pela qual as vítimas eram muitas vezes mutiladas — antes ou depois de serem assassinadas.

Existem indícios claros de que, na perpetração destes homicídios, existiu coordenação entre o *TNI* e as milícias. Essa coordenação observou-se a vários níveis — incluindo financiamento, formação, orientação e, até mesmo, comando da milícia na própria cena do ataque. Em alguns casos, membros do *TNI* viram-se directamente envolvidos na morte de civis. O padrão era geralmente o seguinte: os membros do *TNI* participavam de forma mais directa na violência em locais onde o grupo local de milícias ainda era fraco. Esta situação verificou-se em particular nos primeiros meses de 1999. Quando os membros do *TNI* não participavam directamente, era frequente encontrá-los na cena do ataque, nada fazendo para impedir os membros das milícias de cometerem atrocidades, dando apoio tácito à violência. Alguns chefes das milícias — por exemplo, Joanico Belo, comandante da milícia *Saka*, em Baucau, e Cesário Tilman, membro da milícia *Mahidi*, em Ainaro — eram de facto soldados do *TNI*. As autoridades civis — entre elas os administradores de distrito, os administradores de subdistrito e os chefes de suco — mostraram-se frequentemente empenhadas em apoiar, ou em conduzir, as actividades das milícias.<sup>CCLIV</sup> Alguns líderes civis locais eram igualmente membros dos grupos de milícias locais.

---

<sup>CCLIV</sup> As ligações entre os militares indonésios, as autoridades civis e as milícias são simbolizadas por indivíduos como Vidal Douel Sarmento - administrador distrital (*Bupati*) em Manatuto, membro das Forças Especiais do *TNI* (*Kopassus*) e fundador e conselheiro da milícia *Mahadomi* - e Olívio Mendonça Moruk - *Bupati* e comandante militar em Covalima,

As vítimas de homicídio perpetrado pelo *TNI* e pelas milícias eram, na sua maioria, apoiantes da independência — efectivos ou suspeitos. Muitos deles eram conhecidos apoiantes da independência, incluindo membros do CNRT, membros da frente clandestina, apoiantes das Falintil, activistas estudantis e os seus familiares. Por vezes, fora elaborada uma lista de pessoas a assassinar. Os líderes locais considerados simpatizantes da independência e os sacerdotes, freiras e frades católicos também eram por vezes marcados como alvos a abater. Entre as vítimas, encontravam-se igualmente pessoas que tentavam fugir do *TNI* e das milícias movidas apenas pelo medo, e aldeãos que fugiram para as montanhas depois do acto eleitoral, desobedecendo assim às ordens de marcha para Timor Ocidental (ver no Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos, a secção sobre deslocações antes e depois da Consulta Popular, em 1999). Devido a estas acções, estas pessoas tornavam-se suspeitas de simpatias pró-independência. Seguindo um padrão muito arbitrário, o *TNI* e as milícias atacavam também os sucos suspeitos de simpatias pró-independência, queimando habitações e assassinando civis. Registaram-se igualmente muitos homicídios totalmente aleatórios, sobretudo depois do anúncio do resultado do acto eleitoral, por soldados do Batalhão 745, nos finais de Setembro, à medida que retiravam de Lospalos para Díli.

A violência registada em 1999 — incluindo mortes e desaparecimentos — ocorreu em três fases distintas, cada qual com padrões de abuso característicos. A primeira fase desenrolou-se entre Janeiro e Maio, a segunda abrangeu os meses de Junho a 29 de Agosto e a terceira estendeu-se do dia do acto eleitoral, 30 de Agosto, até aos finais de Outubro — até a Interfet firmar o seu controlo sobre a totalidade do território.<sup>CCLV</sup> A maior parte das mortes ilícitas verificou-se durante os períodos que mediaram entre a chegada da UNAMET e após o acto eleitoral. Esta cronologia parece sugerir que estas mortes poderão relacionar-se de perto com a presença ou ausência das Nações Unidas e da vigilância do comportamento do *TNI* por parte dos intervenientes internacionais.

### **Janeiro a finais de Maio**

As milícias, muitas vezes em colaboração com as ABRI/*TNI*, cometeram muitas atrocidades graves, incluindo assassinios em massa e desaparecimentos — ocorridos antes de a UNAMET iniciar as suas operações em Timor-Leste. Foi durante este período que os grupos de milícias começaram a assumir a sua forma característica — através de recrutamento, formação, investidas e consolidação no âmbito de uma estrutura de cúpula. Neste período, as milícias marcaram como alvos a abater pessoas vistas como tendo simpatias pela independência. Segundo depoimentos apresentados à Comissão, entre Janeiro e finais de Maio de 1999, mais de 250 pessoas foram alvo de morte ilícita, ou desapareceram. Depois de iniciada, esta fase acelerou-se até atingir o auge em Abril e, depois, começou a abrandar em Maio. Foi marcada por vários ataques a locais de refúgio para deslocados internos, registados no momento em que atingiam a fase final as negociações conducentes aos Acordos de 5 de Maio, subscritos pelos Governos português e indonésio sob os auspícios da ONU.

### **Início de Junho até 30 de Agosto**

O número de pessoas assassinadas no decurso de actos de violência política diminuiu abruptamente à medida que a UNAMET, os observadores internacionais e os jornalistas consolidavam a sua presença em todo o território, a partir do início de Junho. As execuções perpetradas durante este período assumiram também uma forma diferente. Os homicídios eram

---

além de chefe da milícia *Laksaur*. A milícia *AHI* (*Aku Hidup untuk Integrasi*, Dou a Vida pela Integração), em Aileu, foi criada e apoiada pela administração civil do distrito.

<sup>CCLV</sup> Geoffrey Robinson propõe para estes três períodos a designação de período pré-UNAMET, período da UNAMET e período posterior ao acto eleitoral (pp. 44-47 de *East Timor 1999 - Crimes Against Humanity*, Relatório Encomendado pelo Gabinete do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos (*OHCHR*), Los Angeles, UCLA, Julho e 2003; Documento disponibilizado à CAVR, Abril de 2004).

cometidos principalmente pelas milícias timorenses, por vezes com o auxílio de membros indonésios do *TNI* trajando à civil. Durante este período, os militares indonésios tentaram aparentemente ocultar a sua participação directa em execuções e noutras violações. No final de Agosto, coincidindo com o período de campanha definido, registou-se um surto de violações de todos os tipos — mortes ilícitas incluídas. Os principais alvos destes assassinios foram estudantes e membros do CNRT que participavam em actividades de campanha. Foram participados à Comissão mais de 30 casos de mortes ilícitas ocorridas durante este período.

### 30 de Agosto a finais de Outubro:

Este período de relativa acalmia terminou dramaticamente logo após o termo do acto eleitoral, com as milícias e o *TNI* a executarem colaboradores locais da UNAMET nos dias 30 de Agosto e 2 de Setembro. Em grande parte do território, contudo, a violência começou a sério a 4 de Setembro — dia em que o resultado do acto eleitoral foi formalmente anunciado. O anúncio foi feito de manhã e, no início da tarde, as milícias, os soldados do *TNI* e a Polícia tinham invadido as ruas das cidades e sucros de todo o território, disparando as armas, atacando apoiantes da independência e incendiando habitações e edifícios públicos. Em termos formais, a responsabilidade pela manutenção da lei e da ordem foi transferida da Polícia para o *TNI* no dia 4 de Setembro. A 6 de Setembro, o Presidente Habibie declarou a lei marcial em Timor-Leste. Apesar destas medidas, ostensivamente tomadas para repor a ordem, o número de mortes ilícitas e de desaparecimentos atingiu o auge neste período, com 560 incidentes. A Comissão recebeu informação de 528 mortes ilícitas ocorridas neste período relativamente curto, de longe o número mais elevado de qualquer dos três períodos acima descritos.

**Table 45 - Mortes ilícitas e desaparecimentos de civis perpetrados pelas milícias e pelo *TNI* em 1999, relatados à CAVR**

Local	Janeiro a Maio*		Junho a Agosto		Setembro a Outubro		Total de violações mortais relatadas
	Mortes	Des.	Mortes	Des.	Mortes	Des.	
Lautém	4	-	1	-	41	-	46
Viqueque	4	-	3	-	4	-	11
Baucau	3	3		-	13		19
Manatuto	5	1		-	19	-	25
Manufahi	8	1	-	-	13	-	22
Ainaro	5	-	-	-	29	-	34
Aileu	-	-	-	-	15	-	15
Ermera	30		2	1	12		45
Covalima	22	10	1	-	98	-	131
Bobonaro	52	-	9	-	81	-	142
Liquiça	50	-	3	2	6	-	61
Díli	24		6	-	52		82
Oecusse	1	-	4	2	118	-	125
Timor Ocidental	-	-	-	-	27	-	27
Subtotais (incluindo mortes e desaparecimentos)	223		34		528		785

\* *Janeiro a Maio: mortes ilícitas e desaparecimentos antes da chegada da UNAMET*

Antes do início de Junho, era situação comum as mortes ilícitas serem perpetradas pelo *TNI* e pelos grupos milicianos, trabalhando em conjunto. A colaboração aberta entre o *TNI* e as milícias contrasta flagrantemente com o período em que a UNAMET se encontrava presente, durante o qual os militares indonésios fizeram algum esforço para ocultarem o seu papel na violência

cometida. A Comissão recebeu relatos de mortes e desaparecimentos ocorridos, durante os cinco primeiros meses de 1999, em 12 dos 13 distritos de Timor-Leste — com exceção do de Aileu.

A maioria das mortes e desaparecimentos ocorridos entre Janeiro e Maio que foram relatados à Comissão registaram-se nos distritos de Bobonaro e Covalima, respectivamente 52 e 50. A maioria dos casos relatados à Comissão relativamente a Bobonaro comprova a existência de estreita colaboração entre o *TNI* e os grupos milícias. Os quadros abaixo incluídos resumem estes casos — com exceção dos ocorridos em Abril de 1999, analisados em separado mais adiante.

**Table 46 - Mortes e desaparecimentos juntamente perpetrados pelo *TNI* e pelas milícias, Janeiro a Março, e Maio de 1999, distrito de Bobonaro**

Testemunho da HRVD	Síntese
1122	No dia 4 de Janeiro, membros da Unidade Conjunta dos Serviços Secretos (SGI) e a milícia <i>Halilintar</i> , liderados por M295, mataram um apoiante da Fretilin, Valentino Guilhermino, em Aipusra, Atabae (Atabae).
1828	No dia 27 de Janeiro, membros da SGI e da milícia <i>Halilintar</i> atacaram Abel Martins na sua casa, em Faturasen, Rairobo (Atabae). Foi morto a tiro. <sup>777</sup>
2485	No dia 16 de Março, membros da milícia <i>BMP</i> , juntamente com soldados do <i>TNI</i> do <i>Koramil</i> Atabae, estavam a revistar viajantes em Sukaer Laran (Atabae). Capturaram Armino Bento, um passageiro que seguia de autocarro para Díli, porque o seu bilhete de identidade perdera a validade. Segundo as informações recebidas, Armino Bento foi torturado com gravidade e depois executado.
2418, 2585	No dia 19 de Março, membros do <i>TNI</i> e da <i>Halilintar</i> irromperam numa reunião de membros da frente clandestina em Ritabou (Maliana). Testemunhas oculares citam a presença do comandante da <i>Halilintar</i> , M295, de M56 e de um membro do <i>TNI</i> , M57 [timorense]. Foram mortos a tiro durante o ataque Pedro dos Santos, Domingos dos Santos, José Barros e Fonseca Asu Mau. Os outros participantes na reunião escaparam.
8630	Em Maio, o líder do CNRT Bonifácio Barreto foi raptado por membros do <i>Kodim</i> de Maliana, da SGI e da milícia Saka Loromonu em Maio. Segundo as informações recebidas, foi conduzido a uma praia em Batugade, assassinado, posto dentro de um saco e atirado ao mar. <sup>778</sup>
2551	No dia 7 de Maio, a milícia <i>Halilintar</i> , chefiada por M295, matou Augusto Soares em Bea Horo, no suco de Ritabou. Segundo as informações recebidas, no dia 17 de Maio, Longuinhos Batu Mali foi apunhalado até à morte junto à ribeira Bulobu, em Ritabou, por membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> e por membros do Comando Militar Distrital de Maliana.

**Table 47 - Mortes e desaparecimentos perpetrados pelas milícias, Janeiro a Março, e Maio de 1999, distrito de Bobonaro**

Testemunho da HRVD	Síntese
1135, 1786, 1159	Segundo as informações recebidas, membros da milícia <i>Halilintar</i> , chefiados por M295, mataram Luciano de Hauba (Maliana), a 17 de Maio, e Petrus Santos, a 19 de Maio. Estiveram também implicados no desaparecimento, a 29 de Maio, de Eugénio da Silva Gonçalves, um estudante do ensino secundário de Maliana.
6683	Segundo as informações recebidas, a milícia <i>Hametin Merah Putih</i> matou Domingos Lole Mau em Edeoa, no suco de Kota Boot (Bobonaro, Bobonaro), a 9 de Maio.
8227	No dia 11 de Maio, a milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> , incluindo M58, matou Pedro de Jesus em Holgaul, suco de Leber (Bobonaro, Bobonaro).
8241-03	Segundo as informações recebidas, no dia 17 de Maio, membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> detiveram Fernando Correia na Igreja de Bobonaro, levaram-no até ao posto <i>DMP</i> em Bobonaro e depois para a aldeia de Manu Aman, Tunu Bibi (Maliana), onde foi assassinado.

Durante este mesmo período, duas outras milícias, *Mahidi* e *Laksaur*, desenvolveram actividades nos subdistritos do distrito de Covalima. A Comissão recebeu um depoimento em que se descrevia uma morte ilícita perpetrada na aldeia de Oebaba, Mape (Zumalai, Covalima), por um soldado do *TNI* e por três membros da milícia *Mahidi*. Segundo João da Costa Fernandes

Cardoso, no dia 24 de Janeiro Fernando Cardoso foi espancado pelo soldado e por dois membros da milícia *Mahidi*, antes de ser assassinado a tiro por um terceiro membro da *Mahidi* que lhe roubou a motocicleta e dinheiro no valor de 800 mil rupias.<sup>779</sup>

O quadro abaixo incluído resume todos os casos de mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão que tiveram lugar no distrito de Covalima entre Janeiro e Maio de 1999, com excepção dos incidentes de Abril de 1999, referidos abaixo em separado.

**Table 48 - Mortes e desaparecimentos perpetrados pelas milícias, Janeiro a Maio de 1999, distrito de Covalima<sup>CCLVI</sup>**

Testemunho da HRVD e Processo da SCU	Síntese
3684; e Processo da SCU nº 2003/06	No dia 24 (ou 25) de Janeiro, a milícia <i>Mahidi</i> , comandada por Cândia Lopes de Carvalho, atacou a aldeia de Galitas, suco de Mape/Zumalai, por se suspeitar que os seus habitantes forneciam alimentos às Falintil. Olandino Pereira, a sua filha Angélica de Jesus, grávida, e o seu irmão Luís Pereira, foram todos assassinados. Outro aldeão, Adelino Barreto, ficou gravemente ferido durante o ataque.
8446-02	No dia 27 de Fevereiro, as milícias <i>Mahidi</i> e <i>Laksaur</i> lançaram uma operação na vila de Suai e raptaram três pessoas, conhecidas como Pedro, Francisco e Vitorino. Depois de espancados, foram levados num carro e nunca mais ninguém os viu.
5117	No dia 3 de Março, a milícia <i>Mahidi</i> matou Luís dos Santos, a sua mulher Fátima Mesquita e a filha de ambos, Sabina Mesquita, no suco de Mape (Zumalai), porque Luís se recusara a ser recrutado pela milícia.
5163	No dia 24 de Março, membros da milícia <i>Mahidi</i> mataram Fernando Caldas em Raifila, Mape (Zumalai).
5115	Um comandante da milícia <i>Gadapaksi</i> contou ao depoente que os seus homens haviam assassinado um homem chamado Ernesto dos Santos. Segundo as informações recebidas, a vítima foi raptada no dia 14 de Março em Salele (Tilomar), quando ia a caminho de Díli visitar a sua mulher, doente.
Processo da SCU nº 2003/14	No dia 13 de Maio, ou por volta desse dia, José Afonso Amaral foi assassinado pela milícia <i>Laksaur</i> em Foloro (Fatululik), quando, na companhia de outros homens, tentava impedir o grupo de milicianos de levarem consigo o seu irmão, para matá-lo. <sup>780</sup>
Processo da SCU nº 2003/14	No dia 28 de Maio, a milícia <i>Laksaur</i> , sob comando de Egídio Manek, atacou uma cabana na floresta de Weisei, perto de Oegues (Maucatar, cidade de Suai), onde Domingos Martins e Gabriel Amaral se encontravam escondidos. Os dois homens, ambos apoiantes da independência, foram assassinados. <sup>781</sup>
Processo da SCU nº 2003/14	No dia 28 de Maio, ou por volta desse dia, um membro do movimento clandestino, Vasco Amaral, foi raptado em Fatumean por um grupo da milícia <i>Laksaur</i> , sob comando de Henrikus Mali. Henrikus Mali disse aos habitantes que não procurassem Vasco Amaral, porque "Vasco Amaral já não existia". O seu cadáver foi descoberto por volta de 30 de Maio. <sup>782</sup>

### Surto de violência coordenado em Abril de 1999: mortes ilícitas em Liquiça, Cailaco e Díli

A Comissão obteve dados comprovativos da ocorrência de violência coordenada em todo o território de Timor-Leste em Abril de 1999, durante o mês que antecedeu os Acordos de 5 de Maio. Em Abril de 1999, registaram-se três incidentes acompanhados de violações dos direitos humanos muito graves em Liquiça, Bobonaro e Díli.

O primeiro massacre de 1999 teve lugar na Igreja de Liquiça, a 6 de Abril. Este incidente, durante o qual foram assassinadas cerca de 60 pessoas refugiadas no interior da igreja,<sup>783</sup> é exemplificativo da natureza organizada da violência perpetrada pelo TNI/milícias. Antes deste incidente, no início de Abril, o TNI e a milícia *Besi Merah Putih (BMP)* haviam intensificado a sua

<sup>CCLVI</sup> As mortes e desaparecimentos ocorridos em Abril de 1999 são relatados na secção seguinte.

campanha de violência contra os activistas pró-independência e contra a população civil de Liquiça. No dia 5 de Abril, em três incidentes separados, três apoiantes da independência — Hermínio dos Santos, Ilídio dos Santos e Laurindo da Costa Gonçalves — foram raptados por membros da *BMP*.<sup>784</sup>

Em resposta a esta degradação das condições de segurança, pessoas vindas dos subdistritos de Liquiça e Maubara começaram a refugiar-se na igreja católica da vila de Liquiça (Liquiça, Liquiça). Por volta de 6 de Abril, cerca de 2 mil pessoas encontravam-se reunidas no complexo da igreja. No dia 6 de Abril, de manhã bem cedo, a milícia *BMP* chegou à igreja, acompanhada de soldados do *TNI* — incluindo tropas do Comando Militar Distrital de Liquiça, do Comando Subdistrital de Maubara, do Comando de Forças Especiais e do Batalhão 143, bem como Polícia Móvel (*Brimob*) de Díli e Polícia local. Dois oficiais de Polícia exigiram ao padre Rafael dos Santos que lhes entregasse Jacinto da Costa Pereira, chefe de suco de Dato (Liquiça, Liquiça), juntamente com outro homem — uma vez que ambos haviam sido identificados como líderes pró-independência.

A Comissão recebeu um elevado número de testemunhos referentes ao Massacre na Igreja de Liquiça.<sup>785</sup> Segundo uma testemunha, entre o meio-dia e a 1 da tarde, membros da *Brimob* dispararam tiros para o ar, após o que os membros da milícia entraram no complexo.<sup>786</sup> O gás lacrimogéneo atirado para o interior da residência do pároco forçou muita gente a fugir. Durante a fuga, eram brutalmente agredidos por membros do *TNI* e das milícias que os aguardavam no exterior. De acordo com o relato do padre Rafael, os agressores mataram os homens mas permitiram que as mulheres e as crianças deixassem a área.<sup>787</sup> Depois, entraram na residência do padre e executaram toda a gente que se encontrava no interior. O comandante da *BMP*, M61, foi visto dentro do complexo da igreja com os seus homens. Quando a maior parte dos refugiados já havia abandonado a igreja e a residência paroquial, os membros da *BMP*, a Polícia e os soldados — entre os quais o sargento M62 [timorense] — entraram em busca de vagabundos. Todos os que encontraram foram assassinados.<sup>788</sup> Algumas pessoas fugiram para casa do administrador do distrito, Leoneto Martins: no entanto, a milícia e os soldados perseguiram-nos e mataram-nos, ou deixaram-nos gravemente feridos.

É difícil calcular o número exacto de vítimas, porque os cadáveres dos mortos foram retirados do local.<sup>789</sup> Enquanto o relatório oficial da Polícia provincial ( *polda*) afirma que apenas 5 pessoas morreram durante o ataque e a seguir, outras estimativas apontam para entre 30 e mais de 100.<sup>790</sup> Depois de o Massacre na Igreja de Liquiça, muita gente fugiu para Díli e refugiou-se em casa de Manuel Carrascalão, onde foram atacados de novo pelas milícias *BMP* e *Aitarak* no dia 17 de Abril.

As mortes ilícitas de apoiantes efectivos ou suspeitos da independência continuaram em Liquiça após o massacre da igreja.<sup>791</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 7 de Abril, Fernando da Costa foi apunhalado até à morte no *Koramil* de Liquiça por membros das milícias.<sup>792</sup> Também segundo as informações recebidas, no dia 9 de Abril, um homem conhecido como Carlos foi detido, levado para a praia em Pala — perto do cemitério militar indonésio — e morto por ordem de M65 [timorense], comandante da *BMP* em Bazartete e Liquiça. Trazia no bolso documentos respeitantes às actividades do CNRT. No dia 14 de Abril, Henrique Borges, Carlos dos Santos da Costa e Leo Lakon foram assassinados na praia em Pilila, Leohata (Liquiça, Liquiça) por um membro do *TNI* indonésias, M302.<sup>793</sup> No dia 21 de Abril, Félix Barreto foi assassinado por membros da milícia *BMP* em Ulmera (Bazartete, Liquiça).<sup>794</sup> A 27 de Abril, ou por volta desse dia, Tobias Alves Coreia e Elias Ataidi foram mortos pela milícia em Tutuge, Loidahar (Liquiça, Liquiça), por terem sido identificados como apoiantes pró-independência. Segundo as informações recebidas, os seus nomes constariam de uma lista elaborada por um oficial do *TNI*, o sargento M62 [timorense], e por outras pessoas.<sup>795</sup> No dia 26 de Abril, em Maubara, um homem chamado Abel foi detido e levado para o lago para ser executado. Abel nunca mais foi visto desde então.<sup>796</sup>

## Uma sobrevivente do massacre da Igreja de Liquiça <sup>797</sup>

Na manhã do dia 5 de Abril de 1999, vinha a pé para casa do gabinete dos Assuntos Sociais e Políticos, em Liquiça, quando me encontrei com o meu amigo Lukas, da ilha de Flores, na Indonésia. Ele aconselhou-me a ir rapidamente para casa, dizendo-me: “Ouvi dizer que a milícia *Besi Merah* anda na fronteira entre Liquiça e Maubara.” Mas eu resolvi não ir para casa e, em vez disso, fui a Manatuto, a uma reunião de jovens comemorativa da Páscoa. Encontrei-me com as minhas amigas Jacinta, Suzi e Ermelita. Não tínhamos a certeza se seria boa ideia participar nas comemorações e, por isso, fomos pedir a opinião ao padre Rafael. Quando estávamos reunidas com o padre Rafael, o chefe de suco, Jacinto da Costa, chegou e disse-nos que um jovem fora morto e outros feridos durante um ataque das milícias e dos militares.

Deixámos a casa do padre Rafael ao princípio da tarde. Quando cheguei a casa fui ter com a Aquilina, para obter mais informação. A Aquilina vive ao pé do sinal de Boas-vindas, em Liquiça. Assim que cheguei a casa dela, ouvi mais tiros, vindos da direcção de Pukalaran. Fui direita a casa e descobri que a minha família já tinha fugido para a Igreja de Liquiça e fui lá ter com eles. Havia muitas pessoas escondidas na igreja, incluindo gente dos sucos de Dotasi, Guilu, Leopa, Caimeo de Cima e Caimeo de Baixo. Durante a tarde, a milícia e os militares saquearam e queimaram as habitações do administrador do subdistrito, João Bosco, e de Agustinho. Durante os dois dias em que permanecemos dentro da igreja nada fizemos senão rezar. De noite, não conseguíamos dormir, porque os membros da milícia nos incomodavam com ameaças e com linguagem desrespeitadora.

Às 9 da manhã do dia 6 de Abril, Eurico Guterres, comandante da milícia *Aitarak*, e os seus homens chegaram à Igreja de Liquiça — para conversar com o padre Rafael e com o padre José. Ouvimos que, durante essa reunião, Eurico Guterres afirmara que iria fazer um requerimento ao administrador do distrito, Leoneto Martins. Eurico disse que, se Leoneto satisfizesse as exigências da milícia, os seus homens deixariam toda a gente ir para casa em segurança. Mas a reunião de Eurico com Leoneto não permitiu obter essa garantia.

A princípio, a Brigada Móvel da Polícia chegou à igreja dando a ideia de que vinha socorrer as pessoas. A verdade é que os da *Brimob* é que começaram o tiroteio. Por volta da 1 da tarde, a milícia *Besi Merah* atacou a igreja, juntamente com a Polícia e as Forças Armadas. Dispararam tiros para o ar, dando sinal à milícia para entrar na igreja, e depois começaram a disparar contra as pessoas. A seguir, envergando máscaras que lhes tapavam a cara, a milícia e os militares atacaram com machados, espadas, facas, bombas e armas de fogo. A Polícia matou a tiro o meu irmão mais velho, Félix, e a milícia golpeou até à morte os meus primos Domingos, Emílio e um bebé de oito meses.

Uma vez que a *Brimob* e os militares estavam a matar as pessoas que se tinham refugiado no escritório do padre, toda a gente saiu da igreja a correr, em busca de lugares onde pudessem esconder-se e salvar a vida. Saí com a mulher do Emílio e fomos para o convento. Quando saí, vi que o Miguel ainda estava vivo, mas Loidahar e outra pessoa de Maubara estavam mortos no chão, ao pé do sino da igreja.

A milícia, a Polícia e os militares tinham preparado um camião para transportar as pessoas para a casa do administrador do distrito. Quando chegámos, a milícia continuava nas suas acções, sem parar de espancar e de esfaquear os civis. Algumas pessoas morreram na casa do administrador do distrito. Felizmente havia uma enfermeira que tratou dos feridos. Passadas cerca de três horas, Agustinho, um funcionário público em Maubara, fez um anúncio ao povo, dizendo: “Vão para casa e hasteiem a bandeira indonésia. E atem-na à vossa mão direita para mostrar que todos estamos preparados para morrer por esta bandeira.”

Uma semana depois do massacre, um soldado do *TNI* do sector Leste, chamado Pedro, disse-me que os militares do *Kodim* também estavam envolvidos. Ouvi dizer que os corpos das pessoas assassinadas foram transportados numa camioneta, mas não sei para onde eles os levaram.

O segundo acontecimento mais importante de Abril de 1999 teve lugar no subdistrito de Cailaco (Bobonaro). No dia 12 de Abril, os soldados do *TNI* e a milícia *Halilintar* executaram pelo menos sete pessoas.<sup>CCLVII</sup> Tratou-se de uma retaliação pelo assassinato de pelo menos um soldado do *TNI* e de uma figura local favorável à autonomia, Manuel Gama, no decurso de uma emboscada feita nesse mesmo dia, mais cedo, perto do suco de Purogoa.<sup>CCLVIII</sup> Após a morte de Manuel Gama, os soldados e a milícia fizeram uma busca à procura de suspeitos. A Comissão recebeu pelo menos um relato de tentativa de assassinio perpetrada durante estas buscas iniciais.<sup>798</sup> Um grupo composto por cerca de 30 pessoas foi levado da aldeia de Marco,<sup>799</sup> tendo algumas delas sido gravemente espancadas no posto de comando militar do subdistrito.<sup>800</sup>

Os moradores e os funcionários públicos tinham recebido ordens para se reunirem em casa de Manuel Gama, onde o corpo estava a ser preparado para o enterro. Vários altos funcionários civis e militares chegaram à dita casa, incluindo o administrador do distrito, M70 [timorense], o presidente da Assembleia Distrital dos Representantes do Povo, Jorge Tavares, o comandante militar do distrito, tenente-coronel Burhanuddin Siagian e o seu chefe dos serviços secretos, tenente Sutrisno, e o comandante da milícia, João da Silva Tavares. Sob ordens do tenente Sutrisno, quatro apoiantes pró-independência — Paulino Soares, José Pou Lelo, António Soares e Manuel Mau Lelo Araújo — foram levados da casa para o complexo da Unidade Conjunta dos Serviços Secretos, perto do quartel-general militar do subdistrito. O comandante do distrito, tenente-coronel Burhanuddin Siagian, e o chefe da milícia *Halilintar*, João Tavares, acompanharam o tenente Sutrisno ao posto de comando subdistrital, onde os detidos foram mortos a tiro por soldados do *TNI* e por milicianos da *Halilintar*. Após as execuções, os líderes regressaram a casa de Manuel Gama e ameaçaram matar outros apoiantes pró-independência.<sup>801</sup> Uma testemunha faz o seguinte relato:

---

<sup>CCLVII</sup> Os mortos foram identificados como sendo Paulino Soares (34 anos), José Pou-Lelo (37), António Soares (45), Manuel Mau Lelo Araújo, Carlito Mau Leto (32), Domingos Resi Mau (29) e João Evangelista Lima Vidal (40), (Documento disponibilizado pelo *OHCHR* à CAVR, Abril de 2004, p. 197). Segundo Adriano João, houve uma oitava vítima, João Matos, um lavrador de Meligo, do mesmo suco que Carlito Mau Leto [“Kasus Eksekusi 12-04-1999 di Cailaco”, manuscrito não publicado, Junho de 2004].

<sup>CCLVIII</sup> Crê-se geralmente que Manuel Gama morreu durante um ataque das Falintil (ver, por exemplo, os HRVD, Testemunhos 1116-04; 5535; a Acusação da SCU 02/2003, parágrafo 41); no entanto, segundo outra fonte, o *TNI* é outro possível suspeito do assassinio: “Até agora, a informação referente ao verdadeiro perpetrador do assassinio não bate certo com [com] as acusações trocadas entre o *TNI* e as Falintil na floresta.” [Entrevista da CAVR com Adriano João, Dili, 21 de Setembro de 2004].

*Não muito tempo depois, vários soldados vieram do quartel-general do comando subdistrital e arrastaram os [meus] amigos — António Soares, José Pou Lelo, Paulino [Soares] e Manuel Mau Lelo de Araújo — pelas mãos. Depois chegaram vários detentores de altos cargos civis e militares de Maliana, nomeadamente: o administrador do distrito de Bobonaro M70 [timorense], o presidente da Assembleia Distrital dos Representantes do Povo, Jorge Tavares, João da Silva Tavares, o comandante do distrito 1636 de Maliana, Burhanuddin Siagian e o chefe dos Serviços Secretos, Sutrisno. O administrador do distrito e o presidente da Assembleia Distrital dos Representantes do Povo entraram na casa do luto e o comandante Distrital do TNI, o chefe dos Serviços Secretos e João Tavares dirigiram-se directamente ao posto de comando subdistrital. Estávamos ocupados a pendurar toldos [para as exéquias] quando, de súbito, ouvimos disparos de armas de fogo. Toda a gente se assustou, porque quatro pessoas foram mortas a tiro em frente (e ao lado) do posto de comando subdistrital, mais ou menos a 100 metros de distância da casa do luto. Então João Tavares e o comandante distrital do TNI chegaram a casa do luto e gritaram: “Vocês todos que aí estão fazem parte do Bando de Perturbadores da Segurança; devíamos era matar-vos todos”.<sup>802</sup> CCLIX*

Nesse mesmo dia, três outras vítimas — Carlito Mau Leto, Domingos Resi Mau<sup>CCLX</sup> e João Evangelista Lima Vidal — foram levados sob detenção por soldados do TNI até ao local onde Manuel Gama fora assassinado, perto do suco de Purogoa.<sup>803</sup> Segundo as informações recebidas, o tenente Sutrisno estava presente enquanto os soldados e os milicianos espancavam os detidos. Segundo as informações recebidas, Carlito Mau Leto e Domingos Resi Mau foram trazidos de volta para o posto de comando subdistrital em Marco (Cailaco) e executados.<sup>CCLXI</sup> A mulher de João Evangelista assistiu ao homicídio do marido:

---

<sup>CCLIX</sup> Segundo a Acusação nº02/2003 da Unidade de Crimes Graves ( SCU), os funcionários militares de Bobonaro visitaram a casa de Manuel Gama, onde o tenente Sutrisno ordenou a detenção das quatro vítimas. Os funcionários dirigiram-se então para o posto de sub-comando, onde Sutrisno ordenou que os detidos fossem mortos. Em várias entrevistas feitas pela CAVR, parece sugerir-se que apenas os líderes civis foram directamente para casa de Manuel Gama, enquanto que a milícia e os chefes militares se dirigiram directamente para o posto de comando militar e abateram os detidos, que já ali se encontravam sob detenção.

<sup>CCLX</sup> Segundo o HRVD, Testemunho 1116-04, esta vítima chamava-se Domingos Leki Mau.

<sup>CCLXI</sup> Segundo o HRVD, Testemunho 1865 e de Adriano João (documento inédito, “Caso de execução em 12/04/99, em Cailaco”), todas as vítimas foram executadas frente ao gabinete de comando subdistrital do TNI em Marco, Cailaco; porém, a Acusação nº 02/2003 da SCU (parágrafos 76-83) descreve estas três vítimas a serem executadas numa colina perto do suco de Purogoa, não muito longe do local da morte de Manuel Gama.

*Nessa altura ouvimos o som de armas de fogo, mas não sabíamos o que era aquele tiroteio. Um pouco mais tarde, ouvimos dizer que alguém tinha matado Manuel Gama. Saímos imediatamente para a rua. Os militares indonésios do posto militar subdistrital de Cailaco apareceram, transportando o cadáver de Manuel Gama. Começaram a revistar todas as casas nas proximidades do assassinio. Os soldados do posto subdistrital de Cailaco detiveram o meu marido, João Evangelista Lima Vidal...Capturaram-no, espancaram-no na boca com as armas, deram-lhe pontapés e amarraram-no. Foi levado para o local da morte, em Purogoa, na aldeia de Meligo...Expulsaram-me, gritando: "Vai-te embora!" Nesse preciso momento, arrastaram o meu marido para longe e deram-lhe um tiro. O meu parente Pedro agarrou-me na mão e disse: "Anda, vamos embora para Marco, em vez de ficarmos aqui e apanharmos também um tiro."<sup>804</sup>*

Estes foram os primeiros de uma série de assassinios, ao longo das duas semanas seguintes, tendo por alvos apoiantes da independência no subdistrito de Cailaco.<sup>805</sup> Durante este período, os soldados e os membros das milícias saquearam habitações, detiveram e maltrataram centenas de pessoas, violaram mulheres e raparigas e mataram cerca de 20 pessoas. Entre as vítimas, contavam-se: Aprígio Mali Tae e Carlos Sama-Lelo, ambos assassinados a 17 de Abril, António Basílio e Armando Berlaku, ambos assassinados no suco de Manapa a 19 de Abril por membros da milícia *Dadurus Merah Putih*, e José Barros e Cornélio Rodrigues da Silva, ambos assassinados a 20 de Abril.<sup>806</sup>

Segundo as informações recebidas, os assassinios cometidos a 17 de Abril foram perpetrados pela milícia Guntur Batu-Laka, de Cailaco, pela milícia *Halilintar* e pela Unidade Conjunta de Serviços Secretos. Segundo as informações recebidas, a milícia *Dadurus Merah Putih*, criada imediatamente após os assassinios de 12 de Abril, foi responsável pelas mortes de António Maia e Armando Berlaku, a 19 de Abril, enquanto membros das milícias Guntur Batu-Laka e *Halilintar*, o Batalhão de Combate Territorial local (*Batalyon Tempur Teritorial, BTT*) e a Unidade Conjunta de Serviços Secretos cometeram os assassinios de 20 de Abril.<sup>807</sup>

Calistro da Cunha foi raptado no dia 24 de Abril por membros da milícia *Kaer Metin Merah Putih* e do *TNI*, incluindo M66 e M67 [ambos timorenses]. Depois de ser conduzido ao suco de Molop (Bobonaro), foi entregue a um grupo formado por milícias da *Halilintar* e soldados do *Koramil*. Foi assassinado por membros da milícia *Halilintar*, vindos de Maliana, em Omelai, Molop. O seu corpo foi sepultado no dia seguinte pela família no cemitério de Guda.<sup>808</sup>

Menos de duas semanas após o massacre na Igreja de Liquiça, no dia 17 de Abril de 1999, membros das milícias *BMP* e *Aitarak*, juntamente com o *TNI*, mataram pelo menos 19 pessoas<sup>CCLXII</sup> em Díli, na casa de Manuel Carrascalão.<sup>809</sup> Mais uma vez, este ataque revelou sinais inequívocos de cooperação entre os militares e as milícias.

O ataque teve lugar após um grande ajuntamento de cerca de 5.000 membros da Força dos Combatentes pela Integração (*Pasukan Pejuang Integrasi, PPI*), frente ao gabinete do governador, no centro de Díli. Durante a manifestação, o chefe da milícia *Aitarak*, M76, incitou a multidão a capturar e a matar as pessoas que não apoiassem a integração na Indonésia. A manifestação foi presenciada por altos responsáveis da administração pública, entre os quais o

---

<sup>CCLXII</sup> Segundo a Equipa de Investigação de Lápides Tumulares da CAVR, "...[a] entrevista foi seguida da contagem das lápides funerárias existentes no Cemitério Público [junto à praia] de Lebocoe-Maubara-Liquiça; 19 novas sepulturas pertenciam às vítimas de Maubara que haviam sido massacradas em casa de Manuel Carrascalão no dia 17 de Abril de 1999." (Relatório de Campo da CAVR, 21 de Outubro de 2003).

governador da Província, Abílio Soares, o administrador do distrito de Díli, Domingos Soares, o comandante militar de Timor-Leste, coronel Tono Suratman, o adjunto operacional do chefe do Estado-Maior do Exército, major-general Kiki Syahnakri e mais quatro oficiais de alta patente das Forças Armadas. Quando a manifestação terminou, M76 chefiou um grande grupo formado por membros das milícias que desfilaram pelas ruas de Díli, atacando vários alvos pelo caminho, antes de chegarem à casa de Manuel Carrascalão. Cerca de 150 pessoas encontravam-se ali refugiadas, tendo escapado de outros ataques — como o de Liquiça. Durante o ataque contra a casa, as milícias *Aitarak* e *BMP* mataram Manuelito, um adolescente, filho de Manuel Carrascalão. Outras pessoas foram mortas ou ficaram gravemente feridas pelos milicianos, que brandiam catanas e facas. Entre as pessoas mortas, contavam-se Eduardo de Jesus, Alberto dos Santos, António da Silva Soares, Januário Pereira, Raul dos Santos Cancela, João dos Santos, Crisanto dos Santos, Rafael da Silva, Afonso Ribeiro e César dos Santos. Augustinho Benito X. Lay, gravemente ferido durante o ataque, conseguiu sobreviver.<sup>CCLXIII</sup> Alguns dos refugiados tentaram saltar a vedação para fugirem mas não conseguiram, porque a casa se encontrava cercada por homens armados. Numerosas testemunhas confirmaram a participação no ataque de oficiais do *TNI* à paisana, vindos do *Koramil* em Maubara. Acresce que o oficial responsável pelo comando do *TNI* em Timor-Leste, coronel Tono Suratman, se recusou a intervir quando Manuel Carrascalão lhe pediu que parasse o ataque.<sup>CCLXIV</sup>

O massacre em casa de Manuel Carrascalão não foi o único incidente mortal registado nesse dia em Díli. Manuel Pinto, um membro da frente clandestina que acabara de chegar ao terminal de autocarros de Becora vindo de Baucau, foi morto durante o ataque perpetrado por membros do *TNI* e das milícias, incluindo M75. Levaram-no ferido para a Clínica de Motaél, onde viria a falecer.<sup>810</sup>

Após o massacre de 17 de Abril, o suco de Hera (Díli) transformou-se num foco de violência intensa. No dia 20 de Abril, Luís Dias, membro da Fretilin, foi morto em Hera por membros da milícia e do *TNI*.<sup>811</sup> A 1 de Maio, ou por volta desse dia, Longuinhos da Silva de Jesus, um bem conhecido apoiante da independência em Metinaro, foi detido e levado por M77, comandante da *Aitarak*. Alguns dias depois, o corpo era descoberto na praia, perto de Hera.<sup>812</sup> A 8 de Maio, ou por volta desse dia, Tomás Ximenes e Sebastião Gusmão foram assassinados por membros da milícia *Aitarak* em Hera.<sup>813</sup>

#### *Mortes ilícitas nos distritos de Covalima, Ermera e Manufahi em Abril de 1999*

Durante o mês de Abril, registou-se igualmente uma intensificação acentuada da violência noutros três distritos — Covalima, Ermera e Manufahi.

No distrito de Covalima, a escalada de violência instalou-se em meados de Abril, após a criação da milícia *Laksaur*. Ao mesmo tempo que, nesse período, diminuía o número de mortes perpetradas pela milícia *Mahidi* na região Leste do distrito, a milícia *Laksaur* reforçou as suas actividades nas regiões central e ocidental — por exemplo, na cidade de Suai, em Tilomar e em Maucatar. Na cidade de Suai, a 12 de Abril um grupo formado por membros da milícia *Laksaur*, dirigidos por M78, assassinou um membro da frente clandestina, Sabino Gusmão, junto ao posto de gasolina de Suai. Segundo as informações recebidas, M78 ordenou aos seus homens que matassem Sabino, o qual foi esfaqueado pelo membro da milícia M79, morrendo dos ferimentos.<sup>814</sup>

---

<sup>CCLXIII</sup> Testemunhos números 0354; 4629; 4661; 6940. Procurador-Geral Adjunto, Acusação contra Eurico Guterres e outros, Processo nº 02/2002, parágrafos 27-53. O HRVD, Testemunho nº 6940 alega que o membro da milícia M80, da aldeia de Leorema (Bazartete, Liquiça), participou activamente nas mortes ocorridas em casa de Manuel Carrascalão. O HRVD, Testemunho nº 4661 alega que o membro da milícia M80 participou no assassinio de Raul dos Santos.

<sup>CCLXIV</sup> Facto confirmado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros irlandês, David Andrews, e por Basílio Araújo, que presenciaram esta conversa.

No dia 13 de Abril, um grupo formado por membros da milícia *Mahidi*, dirigido por M81, entrou numa casa no suco de Dais (Maucatar, Covalima) onde alguns estudantes da Universidade de Timor-Leste (*Unitim*) residiam, integrados num programa de experiência de trabalho (*Kuliah Kerja Nyata, KKN*). Espancaram gravemente um dos estudantes, João da Silva Ximenes, que morreu pouco depois. Levaram igualmente consigo Bernardino Simão para a casa do comandante da *Mahidi* em Zumalai, Vasco da Cruz, onde várias pessoas se encontravam já detidas. Pouco depois, Bernardino Simão e Inácio Barreto, que também estava detido na casa de M82, foram levados pela milícia *Mahidi*. Nenhum dos dois voltou a ser visto.<sup>815</sup> Na aldeia de Zulo, Mape/Zumalai, a 18 de Abril, o comandante da *Mahidi* em Zulo, M82, ordenou aos seus homens que matassem Álvaro Tilman, o qual tentara fugir da prisão em casa de M82.<sup>816</sup>

Em Abril aumentou também de súbito o número de desaparecimentos, em muitos dos quais participaram membros do *TNI*, segundo as informações recebidas. Entre as vítimas contavam-se Mateus Gusmão<sup>817</sup>, Álvaro Barreto<sup>818</sup>, Marçal Amaral<sup>819</sup>, Félix Amaral, Abílio Mau Lear,<sup>820</sup> Justino Amaral, Amaro de Araújo<sup>821</sup> e Benedito do Nascimento<sup>822</sup>. Segundo as informações recebidas, Mateus Gusmão e Álvaro Barreto desapareceram no *Kodim* de Suai e Benedito do Nascimento no *Koramil* em Salele (Tilomar), enquanto Marçal Amaral e Félix Amaral eram levados por membros do *TNI* e Amaro de Araújo por membros do *TNI* e da Polícia.

No dia 23 de Abril, membros da milícia *Laksaur* dirigidos por Olívio Moruk e por soldados do *TNI* atacaram a aldeia de Nikir, Raihun (Tilomar), matando Tomás Cardoso, Paulo Ximenes e Aleixo Ximenes,<sup>823</sup> levando consigo para a floresta Rodificus Rabo. Este não voltou a ser visto e crê-se que foi assassinado.<sup>824</sup> Dois dias depois, o mesmo grupo andou à procura de pessoas que tinham fugido para as Colinas e matou Yosef Leki, Tito Mali e Januário Maia.<sup>825</sup>

Em Abril, registou-se um surto de violência no distrito de Ermera, a partir do momento em que foram armadas as milícias locais. Segundo informações recebidas pela Comissão, o antigo comandante da milícia *Darah Merah*, M83, recebeu sete carabinas automáticas e quatro veículos do comandante militar do distrito de Ermera, em Abril. M83 tinha cerca de 200 milicianos sob o seu comando em Hatulia.<sup>826</sup> Segundo as informações recebidas, durante o mês de Abril, foram assassinados Armando Gomes e Calistro em Hatulia, no suco de Leimea Kraik,<sup>827</sup> Marito Tavares e António de Deus, em Kukara, suco de Manusea, e um homem conhecido como Venâncio no suco de Ailelo (Hatulia). A Comissão recebeu igualmente informações de que, em Abril, o grupo de milicianos de M83 atacou apoiantes da independência e queimou habitações em Kukara, como retaliação pela morte de um dos seus homens pelo CNRT. A Comissão foi informada que M83 matou a tiro dois membros do CNRT, chamados Mau Laho e Domingos.<sup>828</sup> Segundo as informações recebidas, no início de Abril, em Lasaun (Atsabe), Adelino Magalhães e Velsior Pelo foram assassinados por um ou mais membros do *TNI* do *Koramil* de Atsabe.<sup>829</sup> Segundo uma testemunha ocular, Adelino foi vendado, atirado de uma ravina e morto a tiro.<sup>830</sup>

Segundo as informações recebidas, no dia 11 de Abril, Filipe dos Santos e outro estudante foram mortos a tiro pelo *TNI* e, a 14 de Abril, Hélder Martins foi morto a tiro pelo *TNI* e pela Polícia.<sup>831</sup> Segundo as informações recebidas, nos finais de Abril, Florindo de Deus foi detido, mantido em prisão durante duas semanas, em Atsabe, e assassinado a caminho de Gleno. Segundo informações fornecidas por uma testemunha, a milícia *Tim Pancasila* foi responsável pela morte de Florindo de Deus.<sup>832</sup> Segundo as informações recebidas, a 20 de Abril, ou por volta desse dia, um grupo de membros do *TNI* e da milícia lançaram uma operação em Lebu Rema, Samaleten (Railaco, Ermera), durante a qual um jovem aldeão, Manuel Piedade, foi morto por um auxiliar timorense do *TNI*.<sup>833</sup>

No distrito de Manufahi, a 17 de Abril, após a cerimónia de fundação da *PPI* e do ataque subsequente aos apoiantes pró-independência em Díli, a milícia *Ablai* deu início a uma campanha de violência.<sup>CCLXV</sup> Em Same, a 17 de Abril, a milícia *Ablai* sob o comando de

<sup>CCLXV</sup> A Comissão dispõe igualmente de indícios da ocorrência de quatro violações durante estes ataques (ver Subcapítulo 7.7: Violência Sexual).

Bernardino da Costa atacou a comunidade de Tirilolo, Holarua. Durante o ataque, mataram Luís Boco-Siri, cuja casa servira de esconderijo para os apoiantes da independência, e Agapito de Araújo.<sup>834</sup> Nesse mesmo dia, membros da milícia *Ablai*, entre os quais Bernardino da Costa, atacaram o suco de Gratu, no subdistrito de Same. Uma vez que os homens fugiram para as montanhas, as mulheres foram forçadas a pedir-lhes que regressassem. Alguns homens regressaram ao suco, vindos do seu esconderijo, entre os quais Carlito de Araújo, que, segundo as informações recebidas, foi interrogado e assassinado por M85 e M86.<sup>835</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 17 de Abril, Duarte Lopes (Duarte Bere Siri) foi morto por M87 em Orema, no suco de Holarua.<sup>836</sup> No dia 24 de Abril, Afonso da Costa, de 18 anos, estudante na Universidade de Timor Leste, foi detido em Anilumu, no suco de Holarua, levado para o cume da montanha e, segundo as informações recebidas, assassinado por M85 e M88.

### **Activistas pró-independência, membros do CNRT e estudantes marcados como alvos a abater**

Dos dados reunidos pela Comissão sobressai igualmente o seguinte padrão: durante este período, as Forças Armadas indonésias e as milícias marcaram especificamente como alvos a abater os activistas pró-independência. Isto aplicou-se em particular às pessoas que desenvolviam abertamente actividades em prol da independência e que participavam activamente na campanha — como membros do CNRT ou de outras organizações de formação cívica, como o Conselho de Solidariedade Estudantil de Timor-Leste (*ETSSC*, ou *Dewan Solidaritas Mahasiswa dan Pelajar Timor Timur, DSMPTT*). Neste particular, o distrito de Díli foi o mais duramente atingido. Por exemplo, Benedito de Jesus foi morto a 14 de Fevereiro, Joaquim de Jesus a 24 de Fevereiro e João Teixeira a 11 de Março. João Teixeira foi torturado e decapitado. Nos três casos, o grupo de homicidas integrava membros do *TNI* ou da força policial indonésia.<sup>837</sup> Mortes ilícitas semelhantes continuaram a registar-se em Abril e Maio, em Díli e Hera.<sup>838</sup>

Por exemplo, em Abril, havia estudantes da Universidade de Timor Leste (Untim) a participar num programa de trabalho social em Suai, no distrito de Covalima. A sua residência foi atacada por membros da milícia *Mahidi*, chefiados por M81, a 11 e 13 de Abril. O segundo ataque resultou na morte de dois estudantes, Bernardino e João, que foram espancados e esfaqueados.<sup>CCLXVI</sup> No dia 11 de Abril, em Maucatar, membros da milícia *Laksaur* e do *TNI* capturaram e espancaram Mateus Gusmão, por não o terem conseguido localizar outra pessoa de que andavam à procura. No dia seguinte, Mateus Gusmão foi levado de motociclo para o posto de comando militar distrital e nunca mais voltou a ser visto.<sup>839</sup>

O Instituto Politécnico de Hera (Díli) era considerado um centro de actividade estudantil pró-independência, tendo sido ocupado pelo *TNI* e por membros das milícias no dia 10 de Maio. Segundo as informações recebidas, no princípio de Maio, dois estudantes pró-independência do Instituto Politécnico, Augustino de Carvalho e Estêvão Xavier Pereira, foram torturados e assassinados quando se encontravam sob detenção do *TNI*/milícias no Instituto. Os cadáveres dos dois estudantes foram mais tarde recuperados em Akanunu, perto de Hera.<sup>840</sup>

Durante este período tiveram lugar em todo o território de Timor Leste homicídios esporádicos, tendo por alvo pessoas suspeitas de apoiarem a independência. Em Março de 1999, uma série de raptos e homicídios levados a efeito pela *BMP* ocorreram no distrito de Liquiça. Segundo as informações recebidas, um homem conhecido como Mau Kuru foi assassinado em Palistela, Guguleus (Maubara, Liquiça), por membros da milícia *BMP* — entre os quais M88 e M89 — por ter sido acusado de queimar uma bandeira indonésia.<sup>841</sup> Nesse mesmo mês, Domingos Carion foi morto a tiro por membros do *TNI* em Mato, suco de Lisadilia (Maubara, Liquiça). Domingos

---

<sup>CCLXVI</sup> HRVD, Testemunho n° 0085. Segundo relatório elaborado por um grupo dos direitos humanos de Timor-Leste, *Yayasan HAK*, estes dois estudantes foram raptados por membros da milícia *Mahidi* e desapareceram no dia 12 de Abril, quando se deslocavam de Suai para a aldeia de Beco.

Carion era membro de um grupo pró-independência que viajava para Galai, suco de Lisadilia, para ajudar a evacuar os aldeãos para as montanhas.<sup>842</sup>

Em Março desapareceram também em Baucau vários homens que se encontravam detidos pelo *TNI*. Num incidente, membros do *TNI* moveram perseguição a cinco homens que viajavam de Caicido para Buburaga, no subdistrito de Baucau. Dois desses homens — Carlito e Abreu — conseguiram escapar, mas Apeu, João e Marçal foram levados para o aeroporto de Baucau e nunca mais ninguém os viu com vida.<sup>CCLXVII</sup> Segundo outro depoimento, três homens — Marçal, Abrio e Angelino<sup>CCLXVIII</sup> — foram capturados por membros do Batalhão 745 por se suspeitar que eram membros das Falintil. Depois de serem conduzidos ao quartel-general do exército, desapareceram.<sup>843</sup>

A Comissão recebeu igualmente informações indicativas de que pelo menos três pessoas foram mortas ou desapareceram em Abril no distrito de Manatuto.<sup>CCLXIX</sup> A 16 de Abril, Aquilino da Costa Guterres, que planeava encontrar-se com um comandante das Falintil em Manatuto, foi capturado por soldados do *TNI* e nunca mais ninguém o viu.<sup>844</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 24 ou 25 de Abril, Marcelino Soares e um estudante numa escola do ensino secundário em Díli, de 16 anos, chamado Mateus Soares, foram detidos por auxiliares timorenses no suco de Pualaka e, depois de levados para o Monte Hatuharik, no suco de Manelima, subdistrito de Laclubar, foram executados nesse local.<sup>845</sup>

À medida que o CNRT ia abrindo sedes em vários distritos, estas passavam a ser ameaçadas pelas milícias e pelos militares. Pelo menos num caso, os ataques perpetrados contra escritórios do CNRT durante este período resultaram numa morte. No dia 9 de Abril de 1999, o comandante do distrito de Ermera (*Dandim*), tenente-coronel Muhamad Nur, encontrou-se com líderes das milícias *Darah Integrasi*, *FPDK* e *BRTT* na capital do distrito, Gleno. No dia seguinte, membros do *TNI* do *Kodim* 1637 e das milícias incendiaram a sede do CNRT em Gleno, assassinando um bem conhecido apoiante do CNRT e membro do parlamento local, António Salsinha Lima.<sup>846</sup>

Segundo as informações recebidas, no dia 9 de Maio, um membro do movimento clandestino, Eugénio António Castro, foi morto a tiro por membros da Polícia e pela milícia *Aitarak* em Bemori (Díli), ao juntar-se a uma multidão que queimava pneus na rua.<sup>847</sup> No dia seguinte, um grupo de milícias dirigiu-se a Bemori e atacou outro membro do movimento clandestino, Flávio Urbano Saldanha Ribeiro, em casa. Um parente alegou que os agressores pertenciam à milícia *Besi Merah Putih*, disparando contra a vítima, golpeando-lhe a cabeça, cortando-lhe a garganta e arrancando-lhe os órgãos genitais.<sup>848</sup>

No dia 16 de Maio, um grupo composto por membros do *TNI*, do *SGL* e da milícia *Tim Pancasila* lançou uma grande ofensiva contra o suco de Atara (Atsabe, Ermera), por volta das 5 da manhã. Do grupo faziam parte o comandante do *SGL* em Atsabe, M91 [timorense], dois *Babinsa*, M92 e M93 [ambos timorenses] e um membro timorense do *TNI*, M94. Durante o ataque, o grupo matou seis aldeãos. As vítimas eram suspeitas de actividades clandestinas, contando-se entre elas João Sarmiento, Urbano Pereira, Rogério Talo Ati, Abel de Jesus, Paulo Gonçalves e o tesoureiro local do CNRT, Justiliano Pereira.<sup>849</sup>

---

<sup>CCLXVII</sup> HRVD, Testemunho n.º 7675-02. Segundo o documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, cinco jovens do sexo masculino, anónimos, foram detidos a 17 de Março de 1999 como retaliação pela morte de um soldado do *TNI* ocorrida nesse mês. Mais tarde, segundo as informações recebidas, foram descobertos numa sepultura pouco profunda em Triloka, perto do aeroporto de Baucau (Abril de 2004), p. 140.

<sup>CCLXVIII</sup> No primeiro incidente, Abreu e Marçal são referidos pelo nome; no segundo, os nomes referidos são Marçal e Abrio (também escrito Abriu). Investigação mais aprofundada é necessária para apurar se estes testemunhos são versões diferentes de acontecimentos sucedidos aos mesmos indivíduos.

<sup>CCLXIX</sup> Segundo a apresentação do OHCHR, as tropas do *TNI* lançaram uma operação de grande envergadura em Laclubar, aparentemente como retaliação contra o alegado assassinio pelas Falintil do comandante da milícia *Tim Morok* e soldado do *TNI*, Filomeno Lopes da Cruz (p. 178).

## Mortes de pessoas detidas

Além dos relatórios referentes a detenções e tortura de prisioneiros em larga escala, a Comissão recebeu numerosos relatórios de mortes ocorridas quando as pessoas se encontravam detidas durante este período. Por exemplo, Fernando da Costa, um apoiante do CNRT, foi detido a 5 de Abril na vila de Liquiça por um grupo composto por membros do *TNI*, da milícia *BMP* e da Polícia. Depois de ser gravemente espancado fora de sua casa, foi conduzido à esquadra de polícia do distrito de Liquiça (*Polres*), onde permaneceu detido durante dois dias. Segundo as informações recebidas, a 7 de Abril, foi levado da sua cela e transportado para o Comando Militar Subdistrital de Maubara, acompanhado pelo sargento M62 e por um comandante da *BMP*, M65, aí tendo morrido depois de ser repetidamente esfaqueado.<sup>850</sup>

Segundo relatórios recebidos pela Comissão, no dia 15 de Abril Evaristo Lopes foi torturado e assassinado pelo *TNI* e pela milícia *Tim Alfa*, quando se encontrava preso e sob supervisão de um membro do *Kopassus*, o sargento indonésio M96, em Lautém.<sup>851</sup> A Comissão recebeu igualmente relatórios sobre a morte de pelo menos três pessoas, por terem sido torturadas durante o interrogatório por membros da milícia e do *Koramil* em Lacluta, Viqueque, no dia 30 de Abril.<sup>852</sup>

No dia 8 de Maio, no distrito de Bobonaro, membros do *TNI*, entre os quais o sargento timorense M97 da secção dos serviços secretos do *Kodim* de Maliana *Kodim* e membros da milícia *Dadurus Merah Putih*, detiveram Manuel Pinto Tilman e Abílio Cardoso em Lalebol (Bobonaro, Bobonaro), acusando-os de serem membros das Falintil. Segundo as informações recebidas, depois de os deterem na cidade de Bobonaro, no dia 15 de Maio ambos foram levados para a ponte de Nunura, em Maliana, e executados. A acusação do Procurador-Geral Adjunto para os Crimes Graves alega que Mau Buti disparou contra Manuel Pinto Tilman na parte inferior da anca, enquanto Inácio Conceição o esfaqueava. Na acusação alega-se também que Mau Buti deu um tiro na cabeça a Abílio Cardoso.<sup>853</sup>

Segundo as informações recebidas, durante este período, a milícia *BMP* em Liquiça assassinou também várias pessoas, depois as colocar sob detenção. Segundo as informações recebidas, no dia 5 de Maio, dois homens de nome António e Rosário foram torturados até à morte por um grupo de membros da *BMP*, no posto desta milícia (ou nas imediações do mesmo) na aldeia de Ediri, suco de Vatuvou (Maubara, Liquiça).<sup>854</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 10 de Maio, Albertino Martins foi morto a tiro por um membro da *BMP* na ribeira Gicu, em Maubara.<sup>855</sup> No dia 15 de Maio, um grupo de membros da *BMP* e do *TNI* desencadearam uma operação no suco de Asumanu, subdistrito de Liquiça. Nesse dia, três aldeãos de Asumanu, conhecidos apenas como Moisés, Martinho e Natalino, foram amarrados e vendados, sendo encontrados mais tarde mortos, no cemitério do suco.<sup>856</sup>

## Outras mortes ilícitas, Janeiro a Maio de 1999

No quadro seguinte fornece-se um resumo das mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão, ocorridos nos distritos em que o nível de violência mortal foi relativamente mais baixo.

Table 49 - Mortes ilícitas relatadas à Comissão, Janeiro a Maio de 1999

Distrito	Síntese
Ainaro	No dia 3 de Janeiro, em Manutasi (Ainaro), membros da milícia <i>Mahidi</i> construíram um posto de controlo em Fatuk Maria. Quando apoiantes pró-independência ali se dirigiram para se manifestar contra o novo posto, os membros da milícia – entre eles M99, M100 e M101 – dispararam sobre eles. Durante o ataque, Júlio de Araújo e Reinaldo Martins foram mortos a tiro e mais cinco pessoas ficaram feridas. <sup>857</sup> No dia 26 de Fevereiro, um grupo da milícia <i>Mahidi</i> – incluindo M102, M103 e M104 – matou Joanico Bianco, pessoa suspeita de ser apoiante da independência, em Cassa. <sup>858</sup>
Baucau	No dia 5 de Fevereiro, membros do <i>TNI</i> – pertencentes à unidade <i>Rajawali</i> –

	<p>capturaram Duarte Guterres em Loikiku, Uai Laha (Venilale). Os membros do <i>TNI</i> deram-lhe um tiro na perna, puseram-no numa gruta e fecharam-na com uma grande pedra. Guterres viria a morrer mais tarde.<sup>859</sup></p> <p>No dia 26 de Março, soldados do <i>TNI</i>, incluindo o primeiro-sargento M105 [indonésio] da secção de serviços secretos do <i>Kodim</i>, mataram a tiro dois homens que fugiam deles e uma mulher que trabalhava num campo ali perto, em Gariuai (Baucau). As vítimas eram Ildefonso Pereira (Eldefonso Faria), Nazarito Xavier e Estefânia Freitas. Todos eles eram apoiantes da independência, embora não haja certeza de que os perpetradores tivessem conhecimento do facto no momento dos assassinios.<sup>860</sup></p>
Díli	<p>Segundo as informações recebidas, a 25 de Janeiro, ou por volta desse dia, Lúcio Ribeiro de Comoro, Díli, que andava desaparecido havia três dias, foi morto numa antiga área de transmigração em Loes (Maubara, Liquiça).<sup>861</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, a 24 de Fevereiro, Joaquim de Jesus e outra pessoa foram mortos a tiro em Becora por membros da milícia <i>Aitarak</i>, acompanhados por membros do <i>TNI</i>.<sup>862</sup></p>
Ermera	<p>Em Maio, Albino da Costa<sup>863</sup> foi morto pelo <i>BTT</i> (Batalhão de Combate Territorial) e por Partidários do <i>TNI</i> e Constâncio Carvalho foi morto por membros da milícia <i>Darah Merah Putih</i> (<i>DMP</i>).<sup>864</sup> Segundo as informações recebidas, foram ambos mortos no suco de Mauabu (Hatulia).</p> <p>Em Kaiturloa, no suco de Uruhau, Albino de Carvalho foi morto por uma unidade do <i>BTT</i> do <i>TNI</i><sup>865</sup> e Abraão Salsinha Soares foi morto pela milícia <i>DMP</i>.<sup>866</sup> Barnabé Araújo<sup>867</sup> foi morto no suco de Asulau pela milícia <i>DMP</i>. Segundo as informações recebidas, em Junho, Luís Alves foi morto em Raitumura, suco de Urahou, pela milícia <i>DMP</i><sup>868</sup> e Francisco Alves Caralhera em Lilimau, suco de Manusea<sup>869</sup> também pela milícia <i>DMP</i>. Segundo as informações recebidas, a 30 de Maio, ou por volta desse dia, no suco de Hatugau (Letefoho), o secretário Nurep do CNRT, Luís Martins, foi espancado até à morte por membros do <i>SGI</i>.<sup>870</sup></p>
Lautém	<p>Segundo as informações recebidas, Rosa Maria, membro do movimento clandestino, foi morta em Janeiro por um membro da <i>Tim Alfa</i> quando se encontrava escondida na floresta.<sup>871</sup></p> <p>A 21 de Abril, ou por volta desse dia, um membro do movimento clandestino, Evaristo Lopes, foi torturado e esfaqueado até à morte por membros da milícia e por um membro do <i>TNI</i> no quartel-general da <i>Tim Alfa</i>, localizado no posto do <i>Kopassus</i> em Lauara (Lospalos). O membro da <i>Tim Alfa</i>, João da Costa, e o sargento M96 do <i>Kopassus</i> [indonésio] esfaquearam Evaristo Lopes.<sup>872</sup></p> <p>Em Somoco, Lospalos, Virgílio de Sousa foi morto em sua casa por membros da <i>Tim Alfa</i>.<sup>873</sup></p> <p>No dia 23 de Abril, numa colina chamada Panili Cacaven, no suco de Cacaven, Lospalos, o antigo membro das Falintil Lambertito da Silva foi morto por membros do Batalhão de Combate Territorial (<i>BTT</i>), pelo cabo timorense do <i>TNI</i> M165 e por outro timorense, M166.<sup>874</sup></p>
Manatuto	<p>Outro apoiante da independência, Humberto Casimiro Barros, foi morto a tiro por Filomeno Brito durante um ataque feito por membros da milícia <i>Mahadomi</i> à casa do conhecido activista pró-independência Gregório Sebastião Gusmão, no suco de Haturalan (Laleia).<sup>875</sup></p> <p>Durante este período que antecedeu o acto eleitoral, o administrador do distrito, M107, reuniu-se com cinco chefes de suco e o administrador do subdistrito de Soibada e interrogou-os sobre as suas actividades clandestinas. Após o inquérito, os chefes de suco foram autorizados a regressar a casa, mas o administrador do subdistrito, Zoalino Soibada, ficou. Ele e um professor chamado Vicente foram mortos mais tarde.<sup>876</sup> CCLXX</p>
Manufahi	<p>Moisés Soares foi feito prisioneiro pela milícia <i>Mahidi</i> no suco de Beikala (Hatu-Udo, Ainaro). No dia 28 de Abril, um grupo composto por membros da milícia <i>Ablai</i> e do <i>Kopassus</i>, sob comando do capitão M108 [indonésio] deslocou-se de Same a Beikala para deter Moisés Soares, suspeito de ter morto um membro do <i>Kopassus</i> em Alas. Os membros da <i>Ablai</i> e do <i>Kopassus</i> levaram Moisés Soares numa viatura, na direcção do subdistrito de Same. No dia seguinte, Soares foi encontrado morto em Betano (Same).<sup>877</sup></p> <p>No subdistrito de Alas, em Maio, José António foi detido por um membro do <i>Koramil</i>, M104 [timorense], na ribeira Kelan. Foi levado para Dotik (Alas) e nunca mais foi visto.<sup>878</sup></p> <p>Em Feriksare, Taitudal (Alas), Domingos Sanches de Jesus foi capturado e conduzido ao <i>Koramil</i>. Foi gravemente espancado e, segundo consta, morreu devido ao</p>

CCLXX A Comissão recebeu relatos não confirmados de que o ex-administrador do subdistrito está vivo e a viver em Kupang, Timor Ocidental, Indonésia.

	espancamento. <sup>879</sup> No subdistrito de Turiscaí, um homem chamado Angelito foi morto em Maio, quando um grupo de membros das milícias, juntamente com membros do Batalhão 743, lançou uma operação no suco de Liurai (Turiscaí), por ordem do comandante do <i>Koramil</i> , M105 [indonésio]. <sup>880</sup>
Oecusse	Em Abril de 1999, depois da fundação formal da milícia <i>Sakunar</i> , um membro do movimento clandestino de nome Bobo Noni, no subdistrito de Passabe, foi morto pelos comandantes da <i>Sakunar</i> M111 e M11. Segundo as informações recebidas, as circunstâncias da morte não são claras, mas na mesma ocasião foram roubados aos aldeãos animais de criação. <sup>881</sup>
Viqueque	No dia 30 de Abril, no subdistrito de Lacluta, chefes do suco de Ahic foram espancados e pontapeados por <i>Babinsa</i> e por <i>Milsas</i> . Pedro da Costa Araújo morreu dos ferimentos. Segundo depoimento de testemunhas oculares, havia membros do <i>TNI</i> presentes no local, incluindo o comandante do <i>Koramil</i> M113. <sup>882</sup> A Comissão recebeu informação de que Vicente Alves e Caetano Duarte Gusmão foram mortos por um ou mais indivíduos desconhecidos no dia 28 de Maio, num local desabitado conhecido como Weasin-Wehasan Mota Laran, perto do suco de Ahic (Lacluta). <sup>883</sup>

### Junho a 30 de Agosto: execuções extrajudiciais entre a chegada da UNAMET e a Consulta Popular

No período posterior à chegada da UNAMET e dos observadores internacionais, em Junho, mas anterior ao anúncio dos resultados da Consulta Popular, no dia 4 de Setembro, registou-se um número significativamente menor de casos de execução e desaparecimento. No entanto, mesmo durante este período houve ocasiões em que a violência recrudescceu – por exemplo, durante o período de campanha e nos dias posteriores ao acto eleitoral. Em termos globais, durante este período a Comissão recebeu relatórios de execuções e desaparecimentos em 8 dos 13 distritos: Bobonaro, Díli, Oecusse, Liquiça, Ermera, Viqueque, Lautém e Covalima.

Os distritos com maior número de mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão foram Oecusse (dez mortos e dois homens desaparecidos), Bobonaro (oito mortes) e Díli (cinco mortes e um desaparecimento).

**Table 50 - Mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão, entre Junho e 30 de Agosto de 1999**

Bobonaro	Segundo as informações recebidas, a milícia <i>Halilintar</i> matou dois homens no subdistrito de Atabae durante este período: Agostinho Ximenes foi capturado a 6 de Julho no suco de Aidabaleten, levado para casa de João Tavares, onde foi torturado, e depois levado para as montanhas, onde foi assassinado. <sup>884</sup>  Feliz Tabesi Maria foi capturado no suco de Hataz, a 28 de Agosto, quando tentava fugir para as montanhas, e mataram-no. <sup>885</sup>  Segundo as informações recebidas, em Agosto, membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> , possivelmente na companhia de membros do <i>TNI</i> , mataram um grupo de quatro apoiantes da independência em Anapal, suco de Molop (Bobonaro). As quatro vítimas eram Cipriano Espírito Santo, José Efi, Armindo Barreto Moniz e Natalino Moniz. <sup>886</sup>  No subdistrito de Maliana, a 18 de Agosto, a milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> , sob comando do sargento do <i>TNI</i> M114, timorense, levou de um autocarro, num posto de controlo no suco de Lahomea, o estudante universitário Augusto Martins, participante na campanha pró-independência. Foi conduzido a casa do sargento Manuel Lopes, onde foi espancado e esfaqueado. Morreu nessa noite. A Civpol da UNAMET acompanhou a Polícia indonésia ao local onde o corpo foi encontrado, mas a Polícia não realizou qualquer investigação. <sup>887</sup> Segundo as informações recebidas, no dia seguinte membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> mataram o estudante universitário Augusto Marques, no suco de Lahomea. <sup>888</sup>
Díli	Segundo as informações recebidas, a 19 de Junho foram mortos em Becora três homens jovens, cujas identidades se desconhecem. <sup>889</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 25 de Julho José Soares foi morto por tiros disparados de uma viatura em marcha, perto de Fatu-Ahi. <sup>890</sup> No dia 1 de Agosto,

	<p>Angelino Amaral (Sabino) foi morto a tiro perto da sede distrital da UNAMET em Lahane.<sup>891</sup></p> <p>No dia 27 de Agosto, Francisco Nascimento desapareceu depois de ter ido ao seu escritório. Em depoimento apresentado à Comissão, a sua mulher afirmou crer que o marido fora torturado no Hotel Tropical, sede da milícia <i>Aitarak</i>, e que o seu cadáver for a enterrado por detrás do heliporto de Díli, com os cadáveres de duas outras pessoas.<sup>892</sup></p>
Oecusse	<p>Em Junho, um conhecido activista pró-independência foi raptado no suco de Lalisuk (Pante Makasar) e desapareceu. Segundo as informações recebidas, José Talua'e, líder local do grupo clandestino de juventude <i>Fitun</i>, recebeu a visita de um membro dos serviços secretos do <i>Kodim</i>, chamado Bertolomeu, que lhe pediu para ir a Kefamenanu, em Timor Ocidental, para comprar um amortecedor para uma motocicleta. Quando a sua mulher voltou a casa, descobriu que ele ainda não havia regressado. Desde então nunca mais foi visto.<sup>893</sup></p> <p>Inácio Haumetan, apoiante do CNRT em Oecusse, foi morto a 20 de Agosto pela milícia <i>Sakunar</i>.<sup>894</sup></p> <p>Entre 28 e 30 de Agosto, a milícia <i>Sakunar</i> e as Forças Armadas indonésias mataram pelo menos seis apoiantes da independência, detiveram e espancaram muitos outros e causaram destruição em larga escala em bens imóveis. Pelo menos dois membros do CNRT foram mortos em 28 de Agosto quando a milícia <i>Sakunar</i>, juntamente com o <i>TNI</i>, a brigada móvel da Polícia e a milícia <i>Aitarak</i>, de Díli, e a milícia <i>BMP</i>, de Liquiça, atacaram pessoas que faziam campanha a favor da independência.<sup>895</sup> No dia 29 de Agosto, dois homens conhecidos por serem membros do CNRT desapareceram depois de serem detidos em Malelat (Passabe) pela milícia <i>Sakunar</i>, chefiada por M115.<sup>896</sup></p>

Entre outras mortes relatadas à Comissão incluem-se as execuções de pessoas suspeitas de pertencerem ao movimento clandestino em Hatulia (Ermera), perpetrada pela milícia *Darah Merah Putih* a 8 de Junho<sup>897</sup> e 16 de Junho.<sup>898</sup> A 8 de Agosto, Mariano da Costa, funcionário da UNAMET, foi alegadamente detido por um grupo formado por membros da milícia *BMP* e do *TNI* em Dato (Liquiça, Liquiça) e, por ordem do sargento M62 [timorense] e de um comandante da *BMP*, M65, foi alegadamente executado por membros da milícia *BMP*. O seu corpo nunca foi encontrado.<sup>899</sup>

Embora houvesse menos mortes relatadas durante o período de recenseamento eleitoral, o assédio e intimidação à população continuaram. Segundo as informações recebidas pela Comissão, um homem chamado Filipe foi raptado por um grupo composto por cerca de 10 membros da milícia *BMP*, depois de se ter recenseado no centro de recenseamento eleitoral da UNAMET de Kailema, em Lebuhei, suco de Dato (Liquiça). No seu depoimento, a mulher de Filipe afirmou:

*No dia 24 de Julho, o meu marido e eu fomos recensear-nos para votar na Consulta Popular. Depois de nos recensearmos, estávamos só a descansar um bocadinho quando, de repente, vieram ter connosco 10 pessoas...Capturaram o meu marido e levaram-no na direcção de Fatukesi [Liquiça]. Desde então e até agora o meu marido nunca mais voltou e eu não sei se ele está morto, se está vivo.*<sup>900</sup>

Durante o período de campanha, que decorreu entre 14 e 27 de Agosto, ocorreram muitas situações de violência, incluindo homicídios selectivos de activistas, estudantes e outras pessoas que faziam campanha pela independência. Por exemplo, no dia 11 de Agosto, um dia após a abertura da sua sede em Viqueque, membros do Conselho de Solidariedade Estudantil (ETSSC) foram atacados pela milícia.<sup>CCLXXI</sup> Em três ataques separados, três estudantes foram mortos:

<sup>CCLXXI</sup> O documento disponibilizado pelo OHCHR à Comissão, Robinson, *East Timor 1999*, descreve igualmente o ataque à sede do CNRT em Viqueque, ocorrido a 11 de Agosto. Segundo as informações recebidas, no distrito de Viqueque (suco de Beasu) foram também assassinados Domingos Aparício e outro homem de nome Idelfonso, por membros da milícia *Naga Merah*, durante o período que precedeu o acto eleitoral, embora não haja datas precisas disponíveis (HRVD, Testemunho n° 4127; Amnistia Internacional, ASA 21/49/99).

Rogério Soares (Rogério Amaral), Mariano Soares Pinto (Mariano Gusmão) e Carlos Sarmiento.<sup>901</sup>

A 26 de Agosto, último dia da campanha para os apoiantes da autonomia, estes organizaram grandes manifestações em Díli. Atacaram e queimaram edifícios, feriram dois jornalistas e mataram oito pessoas. Um incidente com tiroteio, que teve lugar nessa tarde em Kuluhun, foi precedido de um confronto nessa área entre pessoas que faziam campanha pela autonomia e jovens pró-independência. Quando um grupo de pessoas que faziam campanha pela autonomia passou pela ponte de Kuluhun, jovens apoiantes da independência começaram a atirar-lhes pedras. Num ambiente carregado de tensão, um homem de nome Marcus, vestido com uma camisa pró-autonomia, foi perseguido e esfaqueado pelas costas, sendo de imediato conduzido ao hospital, em Bidau. Três membros da brigada móvel da Polícia indonésia (*Brimob*) principiaram a disparar tiros. A multidão começou a fugir em pânico. Durante o tiroteio do incidente, quatro homens jovens foram mortos. Um deles era Bernardino Joaquim Afonso Guterres, estudante na Universidade de Satya Wacana em Salatiga, que regressara a Timor-Leste para a Consulta Popular. A morte foi filmada e uma fotografia do seu corpo, já morto, apareceu na capa da *Time Magazine*, em Dezembro de 1999. Uma testemunha ocular contou à Comissão:

*De repente, vi o Bernardino a correr, vindo da ponte na nossa direcção. Ele passou à nossa frente. Espontaneamente gritei-lhe: “Bedinho [Bernardino], cuidado!” Muitos polícias vinham a correr atrás dele. Dois polícias preparavam-se já para atirar. Um deles, à esquerda, perto da loja Virgo, disparou para o ar; o outro, à direita, perto do Convento da Santa Caridade, disparou directamente contra Bernardino. Isto passou-se a cerca de oito metros de distância do local onde eu me encontrava.*

*O polícia disparou contra Bernardino pelas costas. Não sei em que parte do corpo acertou, mas o Bernardino caiu imediatamente no chão. Muito sangue derramou-se pela rua. Os braços e as pernas dele ainda se mexeram durante uns cinco minutos e, depois, os movimentos pararam.*<sup>902</sup>

As outras três vítimas foram Adelino de Jesus da Silva (23), Virgílio da Costa Rodrigues (Azildo) (26) e Atanázio Moniz de Jesus (Ameta) (23). As famílias e amigos das vítimas relataram à Comissão que os três eram membros do movimento clandestino na área, tendo sido atingidos por balas respectivamente no rosto, no peito e no pescoço.<sup>903</sup>

Noutros distritos, a situação também se degradou. Em Covalima, a 27 de Agosto, ou por volta desse dia, Damianus da Costa Nunes e José Pereira, membros da milícia *Laksaur* em Fatumean, sob comando de Henrikus Mali, mataram alegadamente Jaime da Costa Nunes, um conhecido activista pró-independência. No dia seguinte, José Pereira e outro membro da milícia *Laksaur* dirigiram-se a casa de Jaime da Costa Nunes e mostraram-lhe duas orelhas humanas e órgãos genitais humanos, dizendo-lhe que pertenciam ao seu marido.<sup>904</sup>

Em Lautém, na noite de 27 de Agosto, último dia de campanha para os apoiantes da independência, um grupo de membros do *TNI* e do *Tim Alfa* atacaram a sede do CNRT em Lospalos. Dispararam contra a casa de Veríssimo Dias Quintas e atearam fogo à sede do CNRT. Cerca de 30 apoiantes do CNRT encontravam-se no interior das instalações.<sup>905</sup> Durante o ataque, Veríssimo Dias Quintas foi agredido com catanas e morreu.

Segundo as informações recebidas, no distrito de Liquiça, a 26 de Agosto, uma pessoa chamada Henrique foi morta por um grupo de quatro membros do *Kodim* em Filita, suco de Lauhata

(Bazartete). Nesse mesmo dia, segundo as informações recebidas, outros três jovens foram mortos em Filita por membros da milícia *BMP*, mas as suas identidades não são conhecidas.<sup>906</sup>

A Comissão recebeu igualmente informações de que no dia 27 de Agosto, as milícias *Dadurus Merah Putih* e *Halilintar*, na presença de membros de militares e da Polícia indonésios, atacaram pessoas que faziam campanha eleitoral no suco de Tapo Memo (Maliana, Bobonaro), matando pelo menos quatro pessoas: Raúl dos Santos, Paulino, Félix Laku e Jaime.<sup>907</sup> Uma testemunha de um dos homicídios contou o seguinte:

*Nesse momento, vieram ter connosco dois membros da milícia Dadurus Merah Putih, chamados M118 e M119, que realizavam uma operação militar em Memo. O meu marido estava escondido em casa, mas M118 descobriu-o. Mataram-no de imediato, porque pensaram que o meu marido era Deker, um dos comandantes das Falintil da Companhia Sul. Da primeira vez que dispararam contra ele não morreu, correndo até cair na ribeira de Uluhati, onde lhe deram mais tiros. Levei-o para o hospital de Maliana, onde morreu ao chegar...Eles queimaram-nos a casa com tudo lá dentro.*<sup>908</sup>

### **30 de Agosto a Outubro: mortes ilícitas e desaparecimentos após a Consulta Popular**

O dia do acto eleitoral, 30 de Agosto, foi em geral pacífico. Houve no entanto várias excepções importantes, como o assassinio de funcionários da UNAMET em Ermera (ver adiante) e a violência permanente em vários distritos – entre os quais Oecusse, Ermera e Manufahi.

De Oecusse, a Comissão recebeu informações de ataques a 30 de Agosto, incluindo a tentativa de assassinio de um homem activo no movimento clandestino, no subdistrito de Pante Makassar.<sup>909</sup> A Comissão recebeu numerosos testemunhos a descrever um ataque lançado por um grupo da milícia *Sakunar*, dirigido por M120, M121 e M112, contra o suco de Bobometo no dia 31 de Agosto. Queimaram mais de 100 casas. Segundo se diz, o chefe local Horácio Tabes foi morto durante o ataque. Segundo as informações recebidas, ele teria sido decapitado.<sup>910</sup>

A Comissão recebeu também informações de que a milícia *Ablai* matou dois homens que regressavam de um posto de voto perto de Same (Manufahi). A *Tim Sasurut* e a milícia *Ablai*, chefiada por Bernardino da Costa, interceptaram um grupo que vinha de votar em Holarua, conduzindo as pessoas às instalações da milícia em Datina, Holarua (Same, Manufahi). Separaram Armindo da Costa e Carlito da Costa, conduziram-nos a uma plantação de café nas redondezas, torturaram-nos e cortaram-lhes a cabeça.<sup>911</sup>

Do distrito de Ermera, a Comissão recebeu provas referentes ao desaparecimento de um professor chamado Carlos, de Baboe Kraik (Atsabe). Segundo as informações recebidas, ele foi detido nas instalações do suco de Malabe e levado embora, nunca mais voltando a ser visto.<sup>912</sup> Manuel Oliveira foi morto por membros da milícia *Tim Pancasila* e do *TNI* em Atara.<sup>913</sup> FO, do suco de Lauala (Ermera) era outra activista pró-independência. No dia 6 de Setembro, ela foi detida, levada para as instalações da milícia *Darah Integrasi* e, depois, para uma casa onde foi alegadamente violada por um comandante da milícia *Naga Merah*, M123, e por três dos seus subordinados. Levada de volta às instalações da milícia, ali foi ameaçada por M123, empunhando uma carabina automática, amarrada com uma corda e, depois, executada em Manten Nunutali, uma zona desabitada de Lauala.<sup>914</sup>

Marcar como alvos a abater pessoas suspeitas de terem simpatias pró-independência, líderes do CNRT, estudantes e colaboradores da UNAMET, foi um padrão desenvolvido pelo *TNI* e pelas milícias, em muito maior escala, depois do anúncio dos resultados do acto eleitoral, a 4 de Setembro. Após a evacuação da maior parte dos representantes da comunidade internacional e

com o restante pessoal da UNAMET confinado ao seu complexo em Díli, o *TNI* e as milícias começaram a desenvolver operações conjuntas abertamente, tal como tinham feito no período anterior à UNAMET. Acresce que, durante este período, as execuções se tornaram cada vez menos discriminadas, passando a violência a definir como alvos não só os activistas pró-independência mas também os seus familiares e amigos. Os líderes religiosos e o pessoal que trabalhava nas igrejas começaram igualmente a ser alvos de ataques. O *TNI* e as milícias atacaram e mataram deslocados internos que procuravam refúgio em edifícios da igreja e da administração pública. Em alguns casos, todos os indivíduos jovens do sexo masculino de uma comunidade eram marcados como alvos a abater.

Segundo as informações dos depoimentos recebidos pela Comissão, houve pelo menos 501 pessoas mortas ou desaparecidas durante o período posterior ao acto eleitoral nos 13 distritos e 27 pessoas assassinadas ou desaparecidas em Timor Ocidental (ver Quadro 1, supra). Vários casos adiante referidos ilustram os diversos padrões de violência registados neste período, mas não fornecem uma descrição abrangente das numerosas vítimas da violência perpetrada pelo *TNI* e pelas milícias nesse período. No final da presente secção, fornecem-se resumos de casos conhecidos da Comissão.

### **Funcionários timorenses da UNAMET marcados como alvos a abater**

No dia do acto eleitoral e nos dias imediatamente a seguir, os funcionários timorenses da UNAMET tornaram-se particularmente vulneráveis à violência do *TNI* e das milícias, à medida que a ONU se apressava a retirar os seus colaboradores internacionais dos distritos. Na semana entre o final da campanha e o anúncio dos resultados eleitorais, quatro funcionários da UNAMET foram executados pelas milícias e pelo *TNI*.

A 30 de Agosto, dia do acto eleitoral, soldados do *TNI* e membros da milícia *Tim Pancasila* atacaram um posto de voto em Baboe Leten, (Atsabe, Ermera). O grupo, do qual fazia parte um membro timorense do *TNI*, M106, agrediu três funcionários da UNAMET — Orlando Gomes, João Lopes e Álvaro Lopes. Os dois primeiros morreram, enquanto o terceiro sobreviveu, embora ficasse gravemente ferido. Orlando Gomes era o representante do CNRT no suco. João Lopes foi agredido quando transportava uma urna de voto para um veículo da UNAMET que o aguardava. Assistiram à cena um membro do *TNI*, Pedro dos Santos, o chefe de suco de Malabe, M125, e um membro da milícia, M126. M106 participou alegadamente nos dois assassinios. Segundo as informações recebidas, Orlando Gomes foi esfaqueado por M126, M125 e M106.<sup>915</sup>

Três dias mais tarde, a 2 de Setembro, soldados do *TNI* — entre os quais o tenente M68 [indonésio] e o sargento M128 — e membros da milícia *Darah Merah Putih* foram a casa do funcionário da UNAMET Ruben Soares. Os membros da *Darah Merah Putih* entraram pela casa adentro, arrastaram-no para a rua e esfaquearam-no. Esmagaram a cabeça a Ruben Soares com uma pedra. Outro funcionário da UNAMET, Domingos Pereira, saiu da casa ao lado e, segundo as informações recebidas, foi atingido a tiro pelo sargento M128 e também esfaqueado. Ambos morreram dos ferimentos sofridos.<sup>916</sup>

O assassinio de EO, de Gleno, exemplifica o tipo de violência infligida às mulheres activistas da pró-independência que não temiam exprimir-se em público. EO era professora e secretária da OMT (Organização de Mulheres Timorenses), organização de mulheres filiada no CNRT, em Ermera. Pertencia a uma família de apoiantes bem conhecidos da independência e o irmão era comandante das Falintil. Trabalhou igualmente como funcionária da UNAMET em Ermera. Um antigo membro da milícia *Darah Merah* relatou à Comissão que, no dia 13 de Setembro, o comandante da milícia *Darah Merah*, M129, lhe deu ordens — e a outros membros da milícia — que matassem EO. A milícia levou-a para a região fronteiriça de Tokoluli (Railaco, Ermera), onde um membro do grupo a esfaqueou até à morte.<sup>917</sup> Antes de ser assassinada, foi detida na sede da *Darah Merah* e também numa casa onde foi tratada como escrava. Um membro do *TNI*,

M130, foi visto com EO num camião.<sup>918</sup> Segundo as informações recebidas, EO disse a uma amiga íntima que fora violada por um oficial das Forças Armadas.<sup>919</sup> Crê-se também que dois membros do *TNI*, M131 e M132, participaram nos maus-tratos infligidos a EO e na sua morte.<sup>920</sup>

Segundo o documento disponibilizado pelo OHCHR à Comissão, pelo menos 14 funcionários locais da UNAMET foram mortos em 1999: João Lopes, Ruben Barros Soares, Domingos Pereira, José Ernesto Jesus Maia, Orlando Gomes, Leonel Silva de Oliveira, Manuel de Oliveira, Mariano da Costa, EO, Carlos Maia, Abruí da Costa, Hilário Boavida da Silva, Francisco Taek e Paulos Kelo. O documento concluiu: “Não é claro que todos eles fossem marcados como alvos a abater só por serem funcionários da UNAMET, mas na sua maioria foram-no”.<sup>921</sup>

### **Ataque à residência do bispo e a outros locais de refúgio em Díli**

Além de marcarem como alvos a abater pessoas ligadas à Resistência, o *TNI* e as milícias fizeram o mesmo com pessoas que se escondiam em locais de refúgio. Após o anúncio dos resultados eleitorais, à medida que a violência ia aumentando em todo o território, milhares de pessoas procuraram refúgio nas igrejas, em terras da Igreja e, por vezes, em edifícios da Polícia e da administração pública, na esperança de garantirem alguma protecção. Em vez disso, o *TNI* e as milícias marcaram estes locais como alvos específicos, sendo o caso do massacre da Igreja de Suai, ocorrido a 6 de Setembro de 1999 o mais conhecido.

Nos dias 5 e 6 de Setembro, em Díli, cerca de 15 pessoas morreram ou desapareceram durante — e após — ataques conjuntos do *TNI* e das milícias contra o complexo de edifícios (Câmara Eclesiástica) da Diocese de Díli, contra a residência do bispo D. Carlos Ximenes Belo, contra o Convento das Canossianas e contra a sede do Comité Internacional da Cruz Vermelha.<sup>CCLXXII</sup> No dia 5 de Setembro, por volta do meio-dia, cerca de 50 homens armados da milícia *Aitarak*, chefiados por M298, atacaram as cerca de 300 pessoas que se encontravam refugiadas no complexo da Diocese de Díli, destruindo e incendiando os edifícios. Um grande número de membros do *TNI* e da Polícia presenciaram a cena, mas não tomaram qualquer medida para evitar o ataque, havendo alguns que participaram nele. Todos os refugiados foram forçados a abandonar o complexo e a atravessar a estrada para a zona do porto de Díli; aí chegados, os que se pensava serem estudantes, funcionários da UNAMET ou membros do CNRT foram seleccionados para serem alvo de tratamento mais duro. Depois de separarem os homens, conduziram as mulheres e as crianças para a sede da *Polda* (Polícia provincial) em Comoro, deixando os homens para trás. Agrediram alegadamente oito homens considerados apoiantes da independência e tentaram levá-los num camião de caixa aberta. Mas os membros da Polícia ordenaram aos membros da milícia que os conduzissem ao hospital militar de Wira Husada. Vários homens que tinham sido trazidos do complexo da Diocese de Díli foram levados para longe e desapareceram. Entre as vítimas encontravam-se Cassiano Morais, Hilário Boavida, Lourenço Boavida, Jorge Mesquita da Costa Rego, Mário Belo, Tomás Belo, Tiago Kofi, Alexandre Mesquita da Costa Rego, Vergílio Fernandes Augusto da Costa, Marito Mesquita, José Martins de Sousa, Francisco Boavida, Eugénio da Costa e Leonel da Silva de Oliveira. José Fernando Nilton da Costa era outro dos homens que foi levado para fora dos edifícios da Diocese de Díli, sendo transportado numa carrinha de caixa aberta *Kijang*. Conseguiu escapar mas, devido às facadas recebidas, morreu na Clínica de Motael no dia 5 de Setembro.<sup>922</sup>

No dia seguinte, 6 de Setembro, novos ataques foram lançados contra três outros locais de refúgio em Díli — o Convento das Canossianas, o complexo do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) e a residência do bispo D. Carlos Ximenes Belo. Cerca de 100 pessoas e nove freiras encontravam-se refugiadas no Convento das Canossianas. Calcula-se que cerca de 2.000

---

<sup>CCLXXII</sup> Segundo a Acusação nº 13/2003 da Unidade de Crimes Graves, Eurico Guterres e Mateus de Carvalho foram responsáveis pelo assassinio de nove pessoas e pelo desaparecimento forçado de seis outras a 5 de Setembro de 1999, ou por volta desse dia, no decurso do ataque ao complexo da Diocese de Díli (Procurador-Geral Adjunto para os Crimes Graves, Acusação contra Eurico Guterres *et al.*, Processo nº 13/2003, VII. Acusações, A., Quesitos 3-5).

peçoas se tivessem reunido no complexo do Comit  Internacional da Cruz Vermelha (CICV) durante os dias que se seguiram ao acto eleitoral. Disparando as armas e gritando, os membros da milícia obrigaram os refugiados a sair do complexo do CICV. Mais uma vez, as peçoas suspeitas de serem apoiantes da independência foram separadas das restantes, antes de serem levadas para outro lugar. Destes três ataques, o mais amplamente divulgado e profundamente documentado teve como alvo as cerca de 5.000 peçoas que se encontravam refugiadas na residência do bispo D. Carlos Ximenes Belo. Pelo menos 15 peçoas ficaram com ferimentos graves, sabendo-se que 1 foi morta durante o ataque. A Comissão recebeu também informações de que Vicente da Costa Carlos Tilman, que se crê ter-se refugiado na residência do bispo, desapareceu após o ataque de 6 de Setembro.<sup>923</sup> Mário Correia Fernandes foi levado de Bidau Santana por um grupo de quatro homens mascarados, depois de ter escapado ao ataque contra a residência do bispo, a 6 de Setembro, tendo também desaparecido.<sup>924</sup>

### **Massacre da Igreja de Suai**

Um dos piores massacres registados durante este período ocorreu na Igreja de Nossa Senhora do Rosário a 6 de Setembro, em Suai. O massacre foi um acto premeditado de assassin io em massa perpetrado contra população civil desarmada. Tratou-se igualmente de uma operação coordenada entre membros do *TNI* e da milícia *Laksaur*, com utilização de instalações do *TNI* — tais como o posto de comando militar subdistrital em Salele (Tilomar, Covalima) e o posto de comando militar distrital em Suai.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário fora o local onde a população civil de todos os subdistritos de Covalima procurara refúgio entre Janeiro e Setembro de 1999, enquanto membros das milícias *Laksaur* e *Mahidi* e do *TNI* aterrorizavam as peçoas suspeitas de serem apoiantes da independência.<sup>925</sup> Durante a Consulta Popular, a igreja tornou-se alvo de manifestações de hostilidade por parte dos apoiantes da autonomia na zona. Após o anúncio dos resultados do acto eleitoral, membros do *TNI* e das milícias intensificaram as suas ameaças disparando armas para o ar nas imediações da igreja. No dia 5 de Setembro, o padre Dewanto pediu ao comandante distrital da Polícia, tenente-coronel Gatot Subyaktoro, que garantisse a segurança às peçoas refugiadas no complexo da igreja, uma vez que as milícias haviam começado uma campanha de violência na cidade de Suai. A Comissão recebeu informações indicativas de que, nos dias 4 e 5 de Setembro, pelo menos cinco peçoas foram mortas, aumentando a partir de então o número de peçoas que procuraram refúgio nos terrenos da igreja.<sup>926</sup> O comandante garantiu ao padre que lhe daria a segurança pedida . Nesse mesmo dia, o padre Hilário Madeira aconselhou as peçoas refugiadas na igreja a procurarem refúgio noutra lugar, uma vez que a igreja deixara de ser segura para elas. Cerca de 500 peçoas abandonaram o complexo da igreja e foram esconder-se nas florestas da vizinhança.

Na manhã de 6 de Setembro, um grupo da milícia *Laksaur* comandado por M78 e M59 reuniu-se no *Koramil* de Salele — igualmente sede da milícia. Após a chegada de um camião cheio de soldados do *TNI*, M78 preveniu os seus homens de que iriam atacar a igreja nesse dia. O grupo da milícia, sob o comando de M78 e M59, dirigiu-se ao *Kodim* de Suai e depois   residência do administrador do distrito, coronel M133 [timorense]. De tarde, por volta das 14.30h, o grupo de milicianos saiu da residência e dirigiu-se   igreja. M133 seguia-os de perto, vestido com o uniforme do *TNI* e armado de carabina.

Ao chegarem, os membros do *TNI* e das milícias cercaram a igreja. O ataque começou com duas granadas a serem atiradas para o interior do complexo da igreja, seguindo-se tiroteio. Entraram no complexo da igreja e começaram a atacar as peçoas que ali se encontravam refugiadas, matando muitos civis — entre os quais três padres, o Padre Hilário Madeira, o Padre Tarsisius Dewanto e o Padre Francisco Soares.<sup>927</sup> Entre 27 e 200 peçoas foram mortas durante o ataque, além de mais 30 homicídios de peçoas marcadas como alvos a abater após o

ataque.<sup>CCLXXIII</sup> A Comissão recebeu numerosos relatos de execuções perpetradas durante o ataque, incluindo vários testemunhos de violação e execução de mulheres e crianças.<sup>CCLXXIV</sup> Uma testemunha contou à Comissão que os membros da milícia decapitaram duas pessoas, Benjamin e Carlito de Zumalai.<sup>928</sup> Outra testemunha contou à Comissão que o pescoço de Jacinta Gusmão foi degolado com uma espada.<sup>929</sup> Segundo as informações recebidas, o padre Francisco Soares também foi golpeado no pescoço e no estômago.<sup>930</sup>

O coronel M133, o tenente M134 [indonésio], M78, M59, M135 e M136 [todos timorenses] estavam presentes e participaram no ataque. Uma mulher que se encontrava refugiada na igreja afirmou no seu depoimento que, durante o ataque, havia uma coordenação estreita entre as autoridades civis e a milícia:

*Em Março de 1999, toda a minha família saiu de casa. Alugámos um miniautocarro para nos levar à Igreja de Suai, porque um soldado do comando militar do distrito, o soldado de segunda classe Afonso Mau, costumava frequentemente espiar-nos em casa.*

*[P]ermanecemos na igreja até Agosto.*

*Depois do acto eleitoral, regressámos à igreja. A 6 de Setembro, a igreja foi atacada pela milícia. O meu marido fugira para a floresta no dia anterior. Eu estava na casa de jantar do padre Hilário, com a minha sogra e a minha cunhada. Ouviu-se tiroteio entre as 2 e as 3 da tarde. Então o administrador do distrito, M133, e o chefe de suco [do suco de Foholulik, subdistrito de Tilomar], M78, apareceram e disseram: “Matem todos os homens e poupem as mulheres,” à frente de todos nós.<sup>931</sup>*

---

<sup>CCLXXIII</sup> Não se conhece o número exacto de mortos. O Estudo do *OHCHR* aponta para pelo menos 40. A Comissão Indonésia sobre as Violações dos Direitos Humanos em Timor-Leste (*KPP-HAM*) calcula que tivessem sido mortas 50 pessoas, enquanto que *Yayasan HAK* aponta para números variáveis entre 50 e 200. Cerca de 27 cadáveres foram recuperados de sepulturas colectivas em Timor Ocidental, a 22 de Novembro de 1999, ou por volta desse dia, sob a direcção da *KPP-HAM* (ver Procurador-Geral Adjunto para os Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, parágrafo 311).

<sup>CCLXXIV</sup> M167 e M168 abateram a tiro 10 civis, incluindo uma mulher de nome Matilde grávida de sete meses, provocando portanto a morte do seu bebé [HRVD, Testemunho n° 3624]. Entre os restantes mortos, contavam-se Eufraja Gusmão Amaral, filha de Mário Gusmão [HRVD, Testemunho n° 7390], Paulus Seran [HRVD, Testemunho n° 3638], Patrício Mau e Carlos Yosep [HRVD, Testemunho n° 8577]. Segundo o depoimento de Miguel da Cruz de Conceição, Benjamin e Alito, de Zumalai, dois de oito amigos assassinados durante o ataque, foram decapitados [HRVD, Testemunho n° 6351]. Uma mulher violada na igreja viria a morrer depois, devido a esta agressão [HRVD, Testemunho n° 8459]; outra mulher atingida a tiro sobreviveu [HRVD, Testemunho n° 3637].

## Feliciana Cardoso, testemunha do Massacre na Igreja de Suai <sup>932</sup>

*Depois de participar no referendo de 30 de Agosto de 1999, a minha família refugiou-se de imediato na igreja. Nessa época, Suai estava sob controlo de um grupo conjunto das milícias Laksaur e Mahidi (Vida ou Morte pela Integração na Indonésia), do TNI e do Contingente Lorosa'e da Polícia. No final da tarde de 6 de Setembro, a milícia conjunta deu início ao tiroteio. O ataque que lançaram contra a escola secundária matou muitas pessoas. Depois, encaminharam-se para a igreja. Todas as janelas foram destruídas e a porta arrombada. Entraram pela igreja adentro e mandaram as pessoas sair e render-se. Algumas pessoas permaneceram na igreja, entre elas eu e os meus três filhos. Outras saíram, entre elas o meu marido. A milícia começou a disparar sobre quem ia saindo da igreja. Não sei como, mas o meu marido conseguiu escapar e fugiu para o quarto do padre Hilário, localizado nas traseiras da igreja. Os outros foram todos mortos pelo grupo Laksaur/Mahidi...*

*Quando a milícia começou a incendiar a igreja, corremos para a residência do padre, que ficava ao lado. Foi então que deixei de ver o meu marido. Vi o padre Francisco erguer as duas mãos e dizer à milícia: "Basta. Não disparem. Somos todos timorenses. Parem." O padre gritou, quando viu o número de vítimas que jaziam no chão. Mas a milícia não ligou nada aos seus gritos. Então o membro da milícia M137, oriundo do suco de Raimea, em Covalima, aproximou-se do padre Francisco. Fingiu que o abraçava e conduziu-o à imagem de Nossa Senhora. Quando regressaram, M137 disparou contra o sacerdote. Mas o padre Francisco ainda não estava morto e, por isso, M137 pegou numa espada e trespassou-lhe o peito. Então o padre Francisco morreu.*

*Vi o meu marido correr para fora do quarto do padre quando ouviu os tiros. Ficou muito emocionado ao ver que o sacerdote fora morto a tiro. Havia um grupo de membros da milícia no exterior da igreja, [incluindo] M138 e M139, empunhando armas de fogo — AR-16, SKS — e uma espada. Começaram a atirar na direcção do meu marido, mas as armas não disparavam. Um dos membros da milícia perguntou ao meu marido: "Porque não foges?" E o meu marido respondeu-lhe: "Sou um homem. Deixem-me morrer na minha própria terra! Viva Xanana Gusmão! Viva Timor-Leste!" Então M139 pegou na espada, trespassou o meu marido junto à anca esquerda e a espada saiu pela anca direita. Cortaram-no também no ombro esquerdo, no pé esquerdo e na mão direita, duas vezes em cada sítio. Por volta das 4 da tarde, o meu marido deu o último suspiro.*

*[A]queles de nós que sobreviveram foram mandados sair [da igreja]. Fomos empurrados, pontapeados com botas, espezinhados e espancados. Percorremos todo o caminho desde a igreja até ao edifício do Kodim 1635 com armas e catanas apontados na nossa direcção...Havia muitas pessoas no Kodim, entre elas Domingas, mulher do chefe de zona do [CNRT] no subdistrito de Zumalai (Covalima), com as suas filhas Zulmira, Fátima, Agustinha, Cinta e Mónica...Enquanto permaneceram no Kodim, foram objecto de abusos verbais, ridicularizadas e alimentadas com restos. As outras mulheres e eu não comemos, com medo que nos envenenassem. No dia 13 de Setembro de 1999...o Kasdim (chefe do Estado-Maior do Kodim) ordenou a nossa transferência para Betun [Timor Ocidental] em quatro camiões...mas ao chegarmos à encruzilhada de Camenasa (Suai, Covalima), fomos deixadas à beira da estrada.*

*A 14 de Setembro de 1999, cerca das 7 da tarde, um membro timorense da milícia Laksaur, M169, levou consigo uma rapariga que estava comigo nessa altura. Foi forçada a entrar num jipe de capota dura e levaram-na. Nessa mesma tarde, às 7.30h, uma amiga e eu também continuámos, com a ajuda de um membro da milícia Mahidi nosso conhecido...Levou-nos a pé até Betun. Fomos escoltadas por dois oficiais de polícia em motocicletas. Andando a pé desde a encruzilhada de Camenasa e Betun, em Timor Ocidental, demorámos oito horas. Chegámos no dia 15 de Setembro de 1999, às 10 da manhã. [Quando estávamos mesmo a chegar] a rapariga foi trazida de volta pelo membro da milícia Laksaur M169, num motociclo. Ao descer da moto, não conseguia caminhar, porque fora violada. Como trazia lesões e sangue nos órgãos genitais, tratei dela...bebeu [uma mistura feita de] água e folha de bétele (sirih), lavei-a com água de sirih e folhas que tinha fervido.*

*Mandaram-nos que nos apresentássemos ao Comando Militar de Betun. Vivemos durante dois meses na esquadra de polícia de Betun. Enquanto ali permanecemos, nunca nos sentimos em segurança, porque éramos aterrorizadas pela milícia durante todo o dia. O nosso desejo de regressar a casa tornou-se mais forte quando ouvimos dizer que alguns refugiados haviam voltado a Suai. Fugimos discretamente e regressámos a Suai no dia 11 de Novembro de 1999.*

### **Procurando refúgio junto da Polícia: execuções na esquadra de polícia de Maliana**

Em alguns casos, pessoas isoladas ou comunidades inteiras pediram ajuda à Polícia, a qual, nos termos dos Acordos de 5 de Maio, era responsável pela segurança — facto que fora componente-chave da campanha pública de informação feita pela UNAMET durante os preparativos para o acto eleitoral. Por vezes, os agentes da polícia tentavam proteger os timorenses, a título individual. Por exemplo, movido pela compaixão, um agente da *Brimob* em Gleno (Ermera) fez várias tentativas para esconder da milícia a funcionária da UNAMET EO, embora esta acabasse por ser violada e assassinada.<sup>933</sup> Na maioria dos casos, a polícia indonésia absteve-se por completo de intervir para evitar a violência. Houve casos em que os agentes de polícia se tornaram alvos da violência, quando tentavam intervir. Por exemplo, a 6 de Setembro, um agente da polícia, Barnabé de Jesus, em Hatupal (Maubisse, Ainaro) foi morto a tiro pela milícia e pelo *TNI* do *Koramil* de Maubisse ao intervir para impedir que a milícia saqueasse e incendiasse o suco.<sup>934</sup>

A cooperação entre o *TNI* e a milícia, bem como a cumplicidade da Polícia indonésia, são bem exemplificadas em termos gráficos pelos exemplos sucedidos na esquadra distrital da Polícia (*polres*) em Maliana, Bobonaro, onde um grande número de residentes de Maliana procurou refugiar-se da violência após o acto eleitoral.

No dia 8 de Setembro, membros do *TNI* e da milícia perpetraram homicídios de pessoas consideradas apoiantes da independência, que se haviam reunido junto ao complexo da Polícia, em Maliana. Mataram pelo menos 13 pessoas, incluindo um rapaz de 12 anos. No dia seguinte, o *TNI* e os milicianos moveram caça às pessoas que tinham conseguido escapar-se do complexo policial de Maliana, matando pelo menos mais 13 pessoas. Os assassinios de 8 e 9 de Setembro podem ser interpretados como o culminar de operações sistemáticas e bem coordenadas levadas a efeito pelo *TNI* e pelas milícias ao longo dos meses anteriores, com o objectivo de eliminar os apoiantes da independência em Maliana. Sem uma presença internacional na área, as autoridades militares puderam participar abertamente no planeamento e concretização das execuções das pessoas que há muito consideravam serem suas inimigas. Indicam-se a seguir excertos da acusação deduzida pelo Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, em 10 de Julho de 2003.<sup>935</sup>

Foram preparadas listas das pessoas que se haviam refugiado no complexo da Polícia. A 6 de Setembro, realizou-se neste complexo uma reunião, à qual assistiram, entre outros, o comandante policial do distrito, major Budi Susilo, o comandante militar do distrito, tenente-coronel Burhanuddin Siagian, o administrador do distrito, Guilherme dos Santos, o chefe do comando distrital dos serviços secretos, tenente Sutrisno, o comandante da milícia *Halilintar*, João Tavares, o presidente da assembleia distrital (*DPRD*) e da secção distrital do Fórum Unido para a Democracia e Justiça (*FDPK*), Jorge Tavares e Natalino Monteiro Gonçalves e Marcos Tato Mali, comandante e comandante adjunto da milícia *DMP* em Maliana. Após esta reunião foi ordenado aos deslocados internos, que até então haviam acampado em áreas por todo o complexo, que se concentrassem na parte de trás do complexo.

Na tarde de 8 de Setembro, soldados das unidades forneceram instruções às unidades da milícia *Dadurus Merah Putih* sob seu comando, em lugares dentro da cidade de Maliana e em seu redor — incluindo os sucos de Holsa, Lahomea e Ritabou. Numa reunião em Ritabou, um membro da unidade conjunta dos serviços secretos (*SGI*), M140 [indonésio], forneceu à milícia ali reunida uma lista de nomes e disse aos seus membros que fossem à esquadra da polícia, identificassem

as pessoas da lista e as matassem. Todos os membros da milícia destacados para tomarem parte na operação reuniram-se então no posto de comando militar subdistrital de Maliana, onde vários membros do *TNI*, incluindo o tenente M68 [indonésio], também estavam presentes. O sargento M141 [timorense] ordenou aos membros da milícia *Dadurus Merah Putih* que se dividissem em vários grupos e, pouco depois das 5 da tarde, atribuiu a cada grupo tarefas específicas — por exemplo, localizar e matar os apoiantes da independência identificados e formar um cordão humano em volta do complexo, para evitar fugas.

Depois de iniciado, o ataque durou cerca de três horas e meia. As treze pessoas mortas foram: Manuel Barros, Júlio Barros, Domingos Gonçalves Pereira, José da Costa Guterres, José Abel, Francisco Paixão Fátima Martins, Martinho Marques, José Barros Soares, Lourenço dos Santos Gomes, Joaquim Monteiro Gonçalves, José Moniz da Cunha, Damião da Cruz e Daniel Barreto. Manuel Barros era membro da *DPRD II* e líder do CNRT. Júlio Barros era um antigo administrador do subdistrito de Maliana. Domingos Gonçalves Pereira era o chefe de suco de Ritabou. José Barros Soares tinha apenas 12 anos e foi provavelmente morto por ser filho do líder do CNRT Augustinho Soares. Durante o ataque, o tenente M68 [Indonésio] e os sargentos timorenses do *TNI* M75, M97, M142, M141, M143 e M144 comandavam a milícia.

A eliminação dos cadáveres das pessoas mortas foi levada a efeito em coordenação com a milícia de Batugade, *Saka Loromonu*, sob a direcção de M145, comandante da milícia e do seu vice-comandante, M148. Os corpos foram levados para a praia junto da Antiga Fortaleza Portuguesa em Batugade.<sup>936</sup> Então, sob o comando do sargento M141 [timorense], do membro do *SGI*, de M140 [indonésio] e dos dois comandantes da milícia *Saka Loromonu*, os cadáveres foram amarrados a sacos cheios de areia, carregados a bordo de barcos de pesca, levados para o mar e deitados à água.

Além disso, segundo o Procurador-Geral Adjunto para os Crimes Graves, no dia 9 de Setembro o sargento timorense M147, que estava em casa de Natalino Monteiro Gonçalves, no suco de Ritabou (Maliana), recebeu informação de um habitante que um grupo de pessoas fugidas à Polícia tinham sido descobertas junto à margem da ribeira, num lugar chamado Mulau,<sup>CCLXXV</sup> a cerca de 2km de Ritabou. O sargento M147 ordenou então a um grupo da milícia *Dadurus Merah Putih* que o acompanhasse a Mulau. Nesta operação foram mortos 13 apoiantes da independência. As vítimas foram: Lamberto de Sá Benevides, Abílio Marques Vicente, Augusto dos Santos Marques, José Barreto, Pedro Luís, Lucas dos Santos, Luís Soares (Luís dos Santos), Jeroni Lopes,<sup>CCLXXVI</sup> Domingos Titi Mau, Manuel Magalhães, Carlos Maia, Ernesto da Coli e Paulo da Silva. O sargento M147 ordenou aos primeiros nove do grupo, de Lamberto de Sá Benevides a Domingos Titi Mau, que se ajoelhassem e levantassem as mãos. O sargento M147 matou-os a tiro, um por um, com uma carabina automática. Os outros quatro foram capturados separadamente e assassinados. Manuel Magalhães e Ernesto da Coli foram baleados e depois esfaqueados. Carlos Maia foi esfaqueado até à morte e Paulo da Silva foi baleado várias vezes, enquanto tentava render-se. Manuel Magalhães era líder do CNRT e Carlos Maia um destacado activista pró-independência. Todos os cadáveres, excepto o de Paulo da Silva, foram levados para a praia em Batugade. Sob o comando dos dois comandantes da milícia *Saka Loromonu*, os corpos também foram deitados ao mar. O corpo de Paulo da Silva foi descoberto na zona de Mulau em Setembro de 1999 e sepultado. Os restos mortais de Carlos Maia e Lamberto de Sá Benevides foram descobertos na praia, em Batugade, e sepultados.<sup>937</sup> Um dia após as mortes de Mulau, a 10 de Setembro, dois polícias timorenses, Filomeno Guterres e Martinho Lopes Amaral, foram mortos a 150 metros de distância da margem da ribeira, de maneira semelhante, por se suspeitar que eram simpatizantes do CNRT.<sup>938</sup>

<sup>CCLXXV</sup> Na Acusação do Procurador-Geral Adjunto, Mulau é referido como suco, mas não se trata nem de uma aldeia nem de um suco.

<sup>CCLXXVI</sup> Segundo o HRVD, Testemunho nº 2587, o nome completo de Jeroni era Jerónimo Lopes.

## Execuções na esquadra de polícia de Maliana

Seguem-se excertos de relatos de testemunhas oculares das mortes ilícitas ocorridas na esquadra de polícia de Maliana, ambos exemplificativos da incapacidade de intervenção da Polícia indonésia. O primeiro é feito por uma mulher que perdeu seis familiares em 24 horas, incluindo três irmãos mais novos e o seu marido, mortos na esquadra de polícia ou perseguidos posteriormente e assassinados em Mulau, perto do suco de Ritabou:

*Dirigimo-nos à esquadra da polícia no dia 3 de Setembro de 1999. Saímos de casa sem trazermos nada connosco. Quando lá chegámos, a situação na esquadra da polícia parecia normal, com excepção de que os polícias sob suspeita haviam sido desarmados pelos seus superiores. No dia 4 de Setembro de 1999, reunimo-nos para ouvir os resultados do referendo, anunciados pela UNAMET. Nessa noite, vários membros da milícia vieram ter ao lugar onde nós estávamos, porque havia lá muitos jovens. E perguntaram-nos, "Porque vieram para a esquadra da polícia?" Permanecemos silenciosos. Um dos meus irmãos mais novos quis responder, mas também ficou calado. Momentos mais tarde, perguntou-nos: "Têm medo de morrer?" Mas todos ficámos em silêncio.*

*Na noite de 8 de Setembro de 1999, pouco depois das 5 da tarde...a milícia começou as suas acções no complexo da Polícia. [Disseram:] "A Polícia não faz nada e, por isso, temos direito a tomar medidas." Começaram a atacar, a partir de todas as direcções. Muitos membros da milícia entraram na zona onde nós estávamos. Pouco depois, ouvi a voz de um homem que gritava: "Ai, que me matam." Depois vi quatro membros da milícia a passarem por mim, a dois ou três metros de distância, muito perto, carregando um cadáver. Embora houvesse uma sebe de flores pelo meio, passaram muito perto, mesmo ao meu lado. À minha frente jaziam seis corpos, até ao anoitecer, e não me lembro de mais, apenas que um deles trazia vestidos uns calções e um casaco preto, e era bastante gordo. Quando carregaram aquele corpo, encostei-me à sebe, para ver melhor. [Quando se aproximaram dos] muros de uma casa, ele recuperou os sentidos e gritou. Pisaram-no violentamente. De cada vez que arrastavam um cadáver, eram precisos quatro membros da milícia, um só não chegava. Foi assim que trataram os cadáveres na esquadra da polícia de Maliana.*

*Nesse período, o Contingente Lorosa'e não tomou qualquer medida. Depois de assistirem àquelas cenas de assassinio, entraram no seu gabinete e limitaram-se a assistir, sem fazer nada. Estavam mesmo ao nosso lado, mas nada faziam. Quando viam pessoas a correr para eles, pedindo-lhes protecção, fechavam-lhes as portas. Não as deixavam entrar. Foi por isso que vi tantas pessoas juntas, à porta do Contingente Lorosa'e. As portas estavam fechadas.<sup>939</sup>*

Entre os alvos a abater encontrava-se Manuel Barros — figura destacada do movimento pró-independência em Maliana, antigo presidente do grupo PDI-P na assembleia distrital (DPRD II) — que se refugiara, a 2 de Setembro, na esquadra da polícia juntamente com o seu irmão Júlio Barros, antigo administrador do subdistrito de Maliana. Pelo menos quatro pessoas presenciaram o seu assassinio, incluindo um homem que se encontrava a um ou dois metros de distância quando foi perpetrado. Pouco antes de Manuel Barros ser assassinado, os dois homens pediram aos agentes de polícia indonésios do Contingente Lorosa'e que interviessem, mas eles recusaram-se:

*O meu amigo e eu ficámos em pânico. Momentos mais tarde encontrámos Manuel Barros. Ele [Barros] e eu corremos na direcção do Contingente Lorosa'e, pedindo-lhes ajuda. Quando entrámos no gabinete do Contingente Lorosa'e, um grupo de pessoas seguiu-nos aos dois. Consegui entrar no escritório, mas eles expulsaram-me e berraram: "Fora daqui! Rua! Isto não é o vosso esconderijo. Se não querem sair daqui, nós disparamos." As pessoas na esquadra da polícia haviam depositado as suas esperanças no Contingente Lorosa'e, porque foram eles que receberam das Nações Unidas mandato para garantirem a segurança em Timor-Leste naquele período.*

*Todas as pessoas que conseguiam entrar-lhes no escritório eram imediatamente expulsas. Manuel Barros saiu primeiro e eu segui-o. Quando ainda estávamos lá fora, de pé, encostados ao muro do edifício, vimos membros da milícia a arrastarem o cadáver de Domingos Pereira, que tinha o posto de primeiro-cabo e era chefe de suco de Ritabou, no subdistrito de Maliana. Chocado ao ver a cena, Manuel Barros fugiu correndo, de imediato. Ambos corremos para as nossas tendas. Ao chegar à sua tenda, Manuel Barros foi imediatamente trespassado por uma espada de samurai por um membro da milícia Dadurus Merah Putih, morrendo mesmo ali. As suas últimas palavras foram: “Meu Deus, vou mesmo morrer.” Naquela situação, nada pude fazer. A minha parente, Natália Verdial, puxou-me e meteu-me debaixo do seu colchão. Fiquei lá até à noite.*<sup>940</sup>

### **Instituições: Igreja e clero marcados como alvos a abater**

Embora antes da Consulta Popular alguns membros do clero já tivessem sido intimidados pelas Forças Armadas indonésias e pela milícia, após o acto eleitoral tornaram-se vítimas de alguns dos assassinios mais brutais. Além do assassinio do padre Hilário Madeira, do padre Francisco Soares e do padre Tarsisius Dewanto na Igreja de Suai, noutras regiões do país o clero também foi atacado. No dia 11 de Setembro, em Díli, o padre Carolus Albrecht, cidadão germano-indonésio, e director do Serviço Jesuíta de Refugiados de Timor-Leste, foi atingido a tiro em sua casa.<sup>941</sup> Num dos mais horrendos incidentes do período posterior ao acto eleitoral, um grupo de cinco religiosos e quatro leigos foram emboscados e mortos por um bando da milícia *Tim Alfa*, perto de Lospalos.

O assassinio de nove pessoas a 25 de Setembro por membros da milícia *Tim Alfa*, chefiados por Joni Marques, na estrada entre Lautém e Baucau, perto da ribeira de Verokoco,<sup>CCLXXVII</sup> causou o maior número de mortes num só incidente ocorrido no distrito de Lautém após o acto eleitoral de 1999. Entre as vítimas, contavam-se cinco religiosos — a saber, a irmã Erminia Cazzagina, a irmã Celeste de Carvalho, o irmão Jacinto Xavier, o irmão Fernando dos Santos e o irmão Valério da Conceição — e, também, o jornalista indonésio Agus Muliawan, e Cristovão Rudy Barreto e Titi Sandra Lopes, que viajavam na mesma viatura com as freiras e os frades. Izinho Freitas Amaral foi capturado separadamente no mesmo local pelos membros da milícia e morto com os outros oito. Segundo disseram, a irmã Erminia foi morta enquanto rezava, de joelhos. O chefe do grupo, Joni Marques, afirmou terem-lhe dito que os membros das ordens religiosas católicas eram também apoiantes da independência e que, portanto, deviam ser eliminados.<sup>CCLXXVIII</sup>

### **Mortes ilícitas e desaparecimentos durante a retirada do Batalhão 745**

Embora as forças militares indonésias estacionadas por todo o país fossem responsáveis por execuções extrajudiciais e desaparecimentos em locais específicos, em alguns casos uma unidade militar a título individual, ou um grupo de unidades, cometeram assassinios em vários lugares. Segundo informações recebidas pela Comissão, membros do Batalhão 745, sob o comando do major M148 [indonésio], além de serem responsáveis por várias mortes perto de Lospalos, após o acto eleitoral,<sup>CCLXXIX</sup> foram também responsáveis pelo assassinio de pelo

<sup>CCLXXVII</sup> Na acusação do Procurador-Geral da UNTAET lê-se o seguinte: “Por volta das 4 da tarde, o mini-autocarro passou pelo cruzamento de Lautém e aproximou-se da vizinhança do suco de Verokoco. A estrada passa ao longo da ribeira Malailana.” (Processo nº 09/2000, parágrafo 36). Não existe qualquer suco chamado Verokoco, mas há uma ribeira com esse nome.

<sup>CCLXXVIII</sup> HRVD, Testemunho nº 2285. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Joni Marques *et al.*, Processo nº 09/2000, parágrafos 33-40. Painel Especial para Crimes Graves, Sentença, 11 de Dezembro de 2001. Sete membros da milícia, incluindo Joni Marques, foram considerados culpados pelo Painel Especial para Crimes Graves.

<sup>CCLXXIX</sup> De acordo com o documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 240, o Batalhão 745 foi responsável pelo homicídio de 10 pessoas entre 8 e 13 de Setembro, no distrito de Lautém. A base de dados da CAVR contém apenas dois testemunhos que atribuem responsabilidade directa ao Batalhão 745 durante este período: HRVD, Testemunho nº 8747 (a 10 de Setembro, Jaime e Marito são detidos e conduzidos ao quartel do Batalhão 745 no suco de

menos 18 pessoas nos distritos de Baucau, Manatuto e Díli, durante a retirada do batalhão para Timor Ocidental nos finais de Setembro.

No dia 20 de Setembro, cerca de 120 membros do Batalhão 745, juntamente com soldados do comando militar do distrito de Lautém, formaram uma caravana para escoltarem veículos militares ao longo da costa, rumo a Timor Ocidental. Segundo depoimentos de testemunhas apresentados ao Painel Especial para Crimes Graves, antes de a caravana sair da cidade de Lautém, soldados do Batalhão 745, na presença do major Jacob Djoko Saros e do tenente Camilo dos Santos, comandante de Pelotão, detiveram três homens (Amílcar Barros, João Gomes e Augusto Venâncio Soares), mataram-nos a tiro e queimaram os seus corpos perto de um armazém de arroz.<sup>942</sup>

Quando a caravana atravessou Laga, em Baucau, várias habitações foram destruídas. Dois jovens foram mortos a 21 de Setembro perto de Boile, no suco de Bahú (Baucau, Baucau), na estrada entre Laga e Baucau<sup>CCLXXX</sup> por soldados do Batalhão 745 e mais quatro pessoas — incluindo duas mulheres — foram mortas quando a caravana atravessava Buruma e Caibada, na cidade de Baucau.<sup>943</sup> Além disso, crê-se que os soldados do mesmo batalhão também mataram quatro homens em Laleia, no distrito de Manatuto, e detiveram mais três pessoas nas redondezas, que nunca mais voltaram a ser vistas.<sup>944</sup>

No dia 21 de Setembro, o Batalhão 745 chegou a Becora, nos arredores de Díli. Um carro que transportava um jornalista britânico, cujo nome não é referido, e um operador de câmara norte-americano, um intérprete timorense e um motorista timorense foi forçado a imobilizar-se. Sancho Ramos de Ressurreição, o motorista, foi espancado na cabeça com a coronha de uma carabina e a força do golpe fez-lhe saltar o olho direito da órbita. Anacleto da Silva, o intérprete, foi levado e nunca mais voltou a ser visto. Quando a caravana descia a estrada de Becora, os membros do batalhão atingiram a tiro um grupo de três homens que iam a pé pela rua, ferindo um deles e matando o outro, Manuel Andreas. Sander Thoenes, um jornalista holandês que chegara a Díli nessa tarde para fazer a cobertura da entrada da Interfet para o *Financial Times*, também foi assassinado por soldados do Batalhão 745. O motorista timorense do motociclo em que Sander Thoenes viajava tentou fazer inversão do sentido de marcha para fugir, mas os soldados obrigaram-no a parar. O motorista conseguiu escapar mas Sander Thoenes foi morto a tiro por um de dois soldados, um dos quais foi identificado como sendo o tenente Camilo dos Santos.<sup>945</sup> Cortaram-lhe as orelhas e parte do rosto foi retalhada e removida.<sup>946</sup>

A caravana prosseguiu, dirigindo-se ao quartel militar subdistrital (*Korem*) no centro de Díli e daí para a cidade de Balibó, chegando a Kupang no dia 22 de Setembro. Embora o major Jacob Djoko Saros e dois outros oficiais fossem posteriormente entrevistados pela Polícia militar, nenhum oficial do *TNI* foi alvo de acção disciplinar ou judicial relativamente a mortes ilícitas cometidas a partir de Agosto de 2005.<sup>947</sup>

### **Comunidades marcadas como alvo: mortes ilícitas em Mau-Nunu, Passabe e Maquelab**

Como já foi sublinhado, as execuções perpetradas pelo *TNI* e pela milícia foram-se tornando cada vez menos selectivas, começando a marcar como alvos comunidades, no todo ou em parte. A violência orientou-se para o clero, para as famílias dos membros do CNRT e, até, para membros da Polícia indonésia que tentavam interceder pelas vítimas. Em Setembro e Outubro, comunidades inteiras foram marcadas como alvos a abater, ora por terem sido consideradas

---

Fuiloro, nunca mais voltando a ser vistos) e o HRVD, Testemunho nº 8742 (a 12 de Setembro, quatro pessoas foram executadas por membros do Batalhão 745, que primeiro havia incendiado habitações na aldeia de Kanto, no suco de Fuiloro). Os outros testemunhos que relatam execuções e desaparecimentos no distrito de Lautém, entre 4 e 20 de Setembro, são os seguintes: nºs 3941; 7626; 2261; 7620; 8734; 8747; 7622; 8738; 8742; 8743; 8752 e 2255.

<sup>CCLXXX</sup> A Acusação do Procurador-Geral de Timor-Leste (Processo nº 10/2002) faz referência a um suco de Buile no subdistrito de Laga, distrito de Baucau.

simpatizantes da independência, ora porque certas figuras conhecidas do movimento clandestino ali haviam vivido, ora por se saber que as Falintil tinham actividades conhecidas na zona.

Por exemplo, após o anúncio dos resultados do acto eleitoral em Ainaro, o *TNI* e a milícia *Mahidi*, chefiada por M81 e pelo seu irmão, M151, provocaram a morte ou o desaparecimento de mais de 20 pessoas,<sup>CCLXXXI</sup> culminando as suas acções com um ataque brutal conta civis no suco de Mau-Nunu (Ainaro, Ainaro). O ataque teve lugar a 23 de Setembro, depois de a Interfet ter chegado a Díli. Os membros da milícia que participaram no ataque haviam fugido para Atambua, regressando para atacar Mau-Nunu, reunir os habitantes e deportá-los à força para Timor Ocidental.<sup>948</sup> Na manhã de 23 de Setembro, cerca de 60 timorenses, na sua maioria membros da milícia *Mahidi*, e, pelo menos, dois soldados indonésios, atacaram o suco de Mau-Nunu. Segundo as informações recebidas, no grupo de milícias incluíam-se M152, M153 e M154. Depois de entrarem em Mau-Nunu, vindos de várias direcções, os membros da milícia começaram a disparar armas de fogo para o ar, ordenando aos moradores que saíssem das casas para serem deportados para Timor Ocidental. Alguns membros do grupo traziam consigo latas de gasolina e começaram a atear fogo às habitações e a matar os animais de criação.

Segundo informações colhidas em entrevistas com testemunhas, em testemunhos apresentados à Comissão e em alegações feitas numa acusação deduzida pelo Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves em Díli, a milícia *Mahidi* matou 13 pessoas — incluindo mulheres e crianças — durante o ataque. Uma família fugiu ao ataque inicial, escondendo-se no leito pouco profundo de uma ribeira que subia até uma cumeeira por detrás de Mau-Nunu. Uma jovem mulher, Francisca Maria Almeida, refugiou-se ali na companhia do seu filho de dois anos, Isadoro, dos seus pais, Ernestina e Francisco Bianco, e da sua cunhada, Isabel Maria Almeida. Esconderam-se num buraco no chão, perto de um riacho, mesmo sob a cumeeira. Quando vários membros da milícia *Mahidi* de Cassa (Ainaro, Ainaro) os descobriram, atingiram-nos a tiro e mataram Ernestina e Francisco Bianco e Isabel Maria Almeida. No momento em que Francisca Maria Almeida foi baleada, a bala atravessou-lhe o corpo, ferindo-a com gravidade, e trespassou o corpo do seu filho de dois anos, Isadoro, que também foi baleado na cabeça e morto. Outra mulher e a sua jovem filha, escondidas nas redondezas, foram igualmente baleadas e mortas. As outras vítimas assassinadas em Mau-Nunu foram Armando, Jacob Bianco, Lobotina, Jorge Correia Barros Xavier, João Nunes, Lucinda da Silva Bianco, Afonso Ramos, Miguel Moniz e Alcino Araújo. Cerca de 75 habitantes foram deslocados à força, primeiro para Cassa, sendo depois deportados para Atambua, em Timor Ocidental.<sup>CCLXXXII 949</sup>

Num caso extraído de uma apresentação feita à Comissão em Julho de 2004, Regina Bianco descreveu o homicídio da sua mãe, Belinha da Silva Bianco Lopes.

---

<sup>CCLXXXI</sup> Todos os números entre parêntesis correspondem a Testemunhos da HRVD: Jonino Gomes morto em Ainaro pela milícia *Mahidi* [3321]; vários dias depois de ser capturado por membros da milícia *Mahidi* e levado para a sede da milícia em Beikala, no dia 4 de Setembro Moisés foi levado pela milícia *Ablai* e não voltou a ser visto [1312]; Félix de Araújo foi morto em Mulo a 4 de Setembro pelo *TNI* [7408]; Fernando Gomes, morto em Cassa, a 4 de Setembro, pela milícia *Mahidi* [7414]; Domingos Guro, morto pelo *Kodim* de Ainaro do *TNI* e pela milícia *Mahidi* em Beikala, a 6 de Setembro [1375; 1308; 1329; 1373; 1374]; Bernabé de Jesus, morto em Maubisse pelo *TNI* a 6 de Setembro [5965; 5955]; Avelino Magno, morto pela milícia *Mahidi* em Ainaro, a 9 de Setembro [3336]; Moisés e Octávio, mortos pela milícia *Mahidi* a 12 de Setembro, em Hatu-Udo [2002]; Carlito, Lúcio da Costa e Henrique, mortos em Aituto a 9 de Setembro [7416]; Constâncio Araújo, morto em Leolima a 12 de Setembro [2017]; Paulino Maria Bianco, morto pela milícia *Mahidi* em Cassa a 12 de Setembro [2676; 2731; 2008]; Américo Soares, morto pelo *TNI* em Ainaro [3362]; Sancho, morto pela milícia *Mahidi* e pelo *TNI* em Ainaro, a 16 de Setembro [9118]; Ramiro e José Guterres, morto em Ainaro pela milícia *Mahidi*, a 17 de Setembro [3359] e três jovens mortos em Beikala pelo Batalhão 301 do *TNI*, a 19 de Setembro [1399].  
<sup>CCLXXXII</sup> A Acusação do Procurador-Geral Adjunto não se refere a Armando, nem a Lobotina, e Lucinda da Silva Bianco é chamada Lúcia da Silva.

*Na manhã do dia 23 de Setembro de 1999, a minha mãe e eu estávamos em casa quando, de repente, a milícia Mahidi entrou pela casa adentro, em Mau-Nunu. Entre os membros da milícia estavam M138, M155, M158, M159, M161 e M164, vestidos com t-shirts com a palavra Mahidi escrita e armados com SKS [espingardas automáticas], granadas e [espadas] samurai. Entraram-nos em casa, destruíram todos os nossos bens, levaram-nos para a rua e incendiaram tudo.*

*Depois disso [eles] forçaram as pessoas do suco a acompanhá-los a Betung [sic], em Atambua. Os aldeãos viram-se forçados a ir com eles sem levarem nada, por terem medo que os matassem. Atravessámos a ribeira a pé, sem tempo para descansar nem comer. Então quatro membros da milícia tiraram granadas do bolso e preparavam-se para atirá-las na direcção dos aldeãos; por isso, estes assustaram-se e puseram-se de joelhos [suplicando] para não serem mortos. Mas os da milícia não se importaram e disseram: “Se for preciso, matem-nos.”*

*A maioria dos membros da milícia estavam relacionados uns com os outros porque vinham todos do mesmo suco, como nós, conheciam a minha mãe e, por isso, mencionaram o nome do meu pai. A minha mãe respondeu-lhes: “Onde estão os documentos do meu marido? Mostrem-mos, para eu poder lê-los.” Os da milícia responderam: “Nunca te daremos esses documentos.” Depois, a milícia ordenou aos aldeãos que caminhassem à sua frente, para aguardarem uma viatura que ia para Atambua. A [minha] mãe caminhava na retaguarda do grupo de aldeãos e foi morta a tiro pelo membro da milícia M138, perto da ribeira Bui-Liku. A [minha] morreu de imediato e eu fui forçada por M322 a entrar sozinha para o carro que ia para Betung [sic]. O milícia M322 é família do [aparentado com o] meu pai.<sup>950</sup>*

### **Execuções em massa em Passabe e Maquelab, Oecusse**

As execuções ocorridas em Passabe e Maquelab, perto da fronteira indonésia, no enclave de Oecusse, são igualmente exemplificativas dos extremos a que o TNI e as milícias chegaram para punirem comunidades inteiras por terem preferido separar-se da Indonésia. Em ambos os casos, o TNI e as milícias escolheram os sucos onde viviam vários líderes pró-independência, levando a efeito purgas maciças entre a população masculina jovem.

Os mortos do massacre de Passabe, ocorrido a 10 de Setembro, eram pessoas que haviam fugido de três sucos no subdistrito de Oesilo.<sup>951</sup> No dia 9 de Setembro, um grupo da milícia *Sakunar* foi mandado a Imbate, em Timor Ocidental (subdistrito de Miomafo Timur, distrito de Timor Tengah Utara), por ordem de M115. Segundo as informações recebidas, a caminho de Imbate, num lugar chamado Puput, em Timor Ocidental, membros da milícia golpearam até à morte um civil, Neti Lafu, do suco de Usitakeno (Oesilo, Oecusse).<sup>952</sup> Entretanto os habitantes dos três sucos que haviam fugido para as montanhas em Imbate receberam ordens para se deslocarem ao suco de Imbate para registarem os seus nomes. Ao chegarem, cerca de 55 homens jovens, considerados apoiantes da independência, foram separados das outras pessoas. Eram eles, entre outros: Francisco Sufa, Lambertu Punef, Paulinus Neno, José Ulan, Zacarias Mauno, Adriano Neno, Zacarias Tolo, Kolo Lopo, None Sufa, Kobus Henas, Dominikus Obe, Yohanes Suni, Baptista Elo, Poto Ulan,<sup>953</sup> Poto Mauno, Martinho Bobo, Ili Afoan e Poto

Sufa.<sup>CCLXXXIII</sup> Segundo o relato de uma testemunha à Comissão, Ernesto Bobi tentou escapar pelo caminho, mas foi golpeado até à morte.<sup>954</sup> Foram forçados a partir de Imbate a pé. Por volta das 3 da manhã do dia 10 de Setembro, chegaram à fronteira entre Timor-Leste e Timor Ocidental, em Teon Lasi. Depois de o grupo atravessar a ribeira Noel Passabe, num lugar chamado Nifu Panef, a milícia começou a matar os jovens. No total, mais de 47 foram mortos, enquanto sete ou oito conseguiam escapar. Gabriel Kolo, André Ulan, Anton Sabraka, Florenço Tacaqui, Tomás Bubun António Sila, Mateus Ceus, Agustinho Eko e Bonifácio Bobo, todos membros da milícia *Sakunar*, participaram alegadamente no homicídio dos jovens. Os mesmos milicianos dirigiram-se a Passabe e ordenaram aos habitantes que fossem ao local e enterrassem os corpos. Os habitantes foram igualmente ameaçados de que seriam mortos, se não guardassem segredo sobre o que haviam feito.<sup>955</sup>

A Comissão recebeu numerosos testemunhos de sobreviventes, testemunhas e familiares das vítimas do massacre.<sup>956</sup> Um membro da milícia *Sakunar* que acompanhou os prisioneiros prestou o seguinte depoimento à Comissão:

*Em Setembro de 1999, fui chamado por M182 e pelo seu filho M183 para aderir à milícia Sakunar, em Meocona, suco de Usitasae [Oesilo, Oecusse]. Depois de aderir, M165 deu-me fósforos para incendiar as casas das pessoas do subdistrito de Passabe...No dia 9, vi M299, M187, M190, M191, M194 e M115, todos de Passabe, com três soldados do TNI, também de Passabe, M165, M196 e M198, levando as suas armas, acompanhados por um grande número de membros de milícias — mais do que fui capaz de contar. Iam...a caminho de Imbate, em Timor Ocidental, para capturarem membros do CNRT que lá se escondiam. Capturaram os membros do CNRT e trouxeram-nos à sede do suco de Imbate. Nessa ocasião, eu fui com a milícia para Imbate. Depois de trazerem as vítimas do CNRT para a sede do suco de Imbate, amarraram-nos uns aos outros, em cadeia. Havia cerca de 70 pessoas atadas umas às outras. Vieram do suco de Bobometo [Oesilo, Oecusse]. Depois, de noite, levaram-nos para a zona de Teon Lale, no suco de Abani. Por volta das 3 da manhã, as vítimas foram mortas a tiro pelos soldados do TNI e algumas foram golpeadas até à morte por M115, o chefe da milícia Sakunar. Eu também golpeei um homem no pescoço, mas ele não morreu. Cerca de 69 pessoas foram mortas pela milícia Sakunar em Teon Lale, suco de Abani, no subdistrito de Passabe.<sup>957</sup>*

Um sobrevivente destes homicídios também apresentou testemunho à Comissão:

---

<sup>CCLXXXIII</sup> HRVD, Testemunho n° 6909. Segundo parece, Martinho Bobo teria escapado com sucesso (ver HRVD, Testemunho n° 2828).

*Nessa ocasião, estávamos cerca de 70 pessoas amarradas umas às outras. Depois de sermos amarrados, mandaram-nos sair da sede do suco para Nefopana [Passabe, Oecusse]. Mas os membros da milícia Sakunar espancaram-nos pelas costas com tacos, até ficarmos cheios de nódoas negras. Às 3 da manhã, chegámos a Nefopana, onde M201 e M204 começaram por cortar a garganta a Marcos Kono. Ele morreu imediatamente. Então M206 disse aos seus amigos que se livrassem do corpo. Quando o ouvimos falar assim, Lafu Seco e eu deitámo-nos logo ao chão. Então, duas vítimas caíram em cima de nós e o seu sangue cobriu-nos, parecendo que também estávamos mortos.<sup>958</sup>*

Por volta das 6 da manhã, cerca de 100 homens do suco de Passabe receberam instruções dos membros da milícia para pegarem em ferramentas próprias para obras de reparação de estradas. Então, levaram-nos ao local das mortes e ordenaram-lhes que enterrassem os corpos caídos no chão.

Uma segunda execução em massa teve lugar na vizinhança de Maquelab (Pante Makassar, Oecusse) a 20 de Outubro. No início da tarde desse dia, homens armados da milícia, transportados em 8 camiões, chegaram àquela zona em busca de pessoas que haviam fugido de Maquelab, procurando a segurança das montanhas. Descobriram um grande grupo de cerca de 300 pessoas daquele suco e disseram-lhes que tinham de regressar com a milícia a Maquelab, para poderem viajar em segurança para Timor Ocidental. Então, a milícia obrigou-os a percorrer a pé os cinco quilómetros de regresso ao suco. Ao chegarem a Maquelab, o comandante da milícia, Bonifácio Bobo, agarrou em dois líderes do CNRT, Atili da Costa e Paulus Cussi, levou-os para trás do mercado de Maquelab e matou-os a tiro.<sup>CCLXXXIV</sup>

Cerca de 30 minutos mais tarde, o vice-comandante da milícia *Sakunar*, Laurentino (Moko) Soares, chegou ao local, escolheu quatro homens, mandou-os levantar-se e matou-os a tiro. As vítimas eram o chefe da segurança do CNRT e funcionário local da UNAMET, Francisco Taek; outro funcionário local da UNAMET, Paulos Kelo; um estudante partidário da independência, Mateus Ton;<sup>CCLXXXV</sup> e um líder do CNRT, João Talias.<sup>959</sup> Imediatamente após estas execuções, e claramente depois de receberem instruções, os homens da milícia *Sakunar* começaram a incendiar todas as habitações e edifícios de Maquelab, sem excepção. Durante a tarde, mataram ainda mais seis, possivelmente sete, pessoas no suco, antes de partirem para Timor Ocidental.<sup>960</sup>

Uma testemunha relatou à Comissão:

---

<sup>CCLXXXIV</sup> Testemunhos números 0377 e 0865; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação Alterada contra Laurentino Soares (também conhecido por Moko) e Bonifácio Bobo (também conhecido por Bone), Processo nº 13/2002 (OE-4-99-SC), parágrafos 14-29. Existem ligeiras variações ortográficas no nome das vítimas. De acordo com o HRVD, Testemunho nº 0377, os nomes das vítimas eram Atili da Costa e Paulus Cussi. Dos outros constam Atilio Costa e Paulo Cusi [HRVD, Testemunho nº 0865] e Justílio da Costa e Paulus Kusi [Acusação do Procurador-Geral Adjunto, parágrafo 22].

<sup>CCLXXXV</sup> Na Acusação do Procurador-Geral Adjunto, o nome da vítima é Mateus Tone (Processo nº 13/2002, parágrafo 18).

*No dia 20 de Outubro de 1999, um grupo com cerca de vinte pessoas, composto por membros do TNI, da Polícia e das milícias Sakunar e Aitarak desencadeou um grande ataque contra os habitantes de Taiboco [Pante Makassar, Oecusse]. Nessa época, eu e a minha família tínhamo-nos refugiado em Neten Abas. Mesmo assim, o comandante da milícia Sakunar, M213, conseguiu descobrir-nos. Depois de nos capturarem, forçaram-nos a dar-lhes dinheiro. Conseguimos reunir cerca de Rp. 300 mil, que lhes demos para não nos matarem. Depois de lhes termos dado o dinheiro, ficámos sob vigilância apertada da milícia Sakunar. Forçaram-nos a caminhar durante cerca de cinco quilómetros, desde o lugar do esconderijo em Neten Abas até ao mercado de Maquelab. Quando chegámos ao mercado de Maquelab, havia lá um membro da milícia Sakunar, chamado M212, que tentou matar-me fazendo girar sobre si a catana embainhada; bateu-me directamente na boca e nos dentes. Devido à pancada, perdi três dentes, sangrei abundantemente e senti tonturas. Mas fiquei calado, não gritei nem chorei. Depois disso sentámo-nos e, cerca de 30 minutos mais tarde, o comandante da Sakunar, M213, chegou e levou consigo Atili da Costa e Paulus Cussi. Os dois foram conduzidos às traseiras do mercado, perto das casas de banho, e ali foram mortos a tiro e os seus corpos deitados para um buraco de lixo.*

*Cerca de 30 minutos mais tarde, chegou de motociclo um vice-comandante da Sakunar, M120. Não houve discussão. Ele chamou de imediato quatro pessoas, João Talias, Paulus Kelu, Mateus Ton e Francisco Taek. Depois de os quatro serem mandados avançar, M120 apontou com o dedo e disse, "Tu, levanta-te!" para a primeira pessoa, João Talias. Mal se tinha levantado e dado apenas dois passos, foi logo baleado...no peito. Depois, a mesma coisa foi feita às duas pessoas a seguir, e ainda à última, Francisco Taek...Então mandaram a todos os seus familiares e outras pessoas ali reunidas que inclinassem as cabeças, mas não gritassem nem chorassem. As quatro vítimas foram postas num carro, pertencente a Moro Soares, e levados para outro lado, não sei onde. Então disseram-nos a todos que subíssemos para um camião, para sermos evacuados para Kefa [Kefamenanu, Timor Ocidental].<sup>961</sup>*

### **Outras execuções em massa**

A Comissão recebeu igualmente depoimentos sobre outras execuções em massa ocorridas durante a violência posterior ao acto eleitoral. A 12 de Setembro, registou-se uma execução em massa no distrito de Covalima, suco de Lactos (Fohoren, Covalima), depois de os habitantes se recusarem a serem levados para Timor Ocidental. Após o anúncio do resultado eleitoral, os habitantes de Lactos foram esconder-se nas colinas. Um grupo da milícia *Laksaur* em Lactos, chefiado pelo comandante, M111, e pelo vice-comandante, M220, recebeu ordens do comandante supremo da *Laksaur*, M78, em Salele (Tilomar, Covalima) para levarem toda a população civil para Timor Ocidental.

A 12 de Setembro, ou por volta desse dia, depois de uma conversa privada com o tenente M222, o comandante da unidade do *TNI* em Lactos (Fohorem, Covalima), Cosmos Amaral, mandou os seus homens reparar uma conduta de água avariada. Depois de repararem a conduta, um grupo composto pelo tenente M222, por cerca de 20 soldados do *TNI*, por M220 e por numerosos membros da milícia e por auxiliares timorenses com formação militar (*milsas*), chefiados por M224, descobriram os aldeãos e disseram-lhes que tinham de ir para Timor Ocidental.<sup>CCLXXXVI</sup>

Armados com catanas, os aldeãos disseram-lhes que não iriam. Quando os aldeãos avançaram, de repente os membros do *TNI*, os auxiliares timorenses (*milsas*) e os membros da milícia desataram a disparar, matando 14 habitantes. Outro homem foi esfaqueado até à morte. As vítimas dos homicídios foram: António Amaral Bau, Alberto Ferreira, Ernesto Carvalho Letto, Anito Coli, Anito Mali, Anito Bau, Daniel Monis Aci, Domingos Amaral, Eurico Bau, Daniel Taek, Abel Soares Gomes, José do Rego, Geraldo Amaral e Boaventura de Araújo. O homem esfaqueado até à morte chamava-se Boaventura.<sup>962</sup>

Outro homicídio em massa teve lugar em Becora (Díli), um bastião pró-independência, a 4 de Setembro. Segundo as informações recebidas, grupos de membros das milícias *Aitarak* e *Besi Merah Putih*, juntamente com membros do Batalhão 744 do *TNI* e polícias, mataram oito homens. Entre as vítimas contavam-se André de Araújo, Cristovão da Silva, Domingos Martins da Silva, Joaquim da Costa, Filipe dos Santos e Carlos Martins Oliveira. As outras duas vítimas são conhecidas apenas como Marcelo e Aceng, ou Asam.<sup>963</sup>

---

<sup>CCLXXXVI</sup> É necessário realizar mais investigação para apurar o local desta execução em massa. O HRVD, Testemunho nº 6270 localiza-a no suco de Lactos, enquanto que a Acusação do Procurador-Geral Adjunto (Processo nº 9/2003) descreve a deslocação de membros do *TNI* e *milsas* a Rai Ulun, em Lactos. No entanto, Rai Ulun é uma aldeia do suco de Leohitu (Balibó, Bobonaro).

## Depoimento de uma criança sobrevivente

A milícia *Dadurus Merah Putih* lançou ataques cruéis contra o suco de Lourba (Bobonaro, Bobonaro) dias depois de os resultados do acto eleitoral serem anunciados. Uma família sofreu um horrível ataque em sua casa, do qual resultou a morte, por arma de fogo e arma branca, do pai, da mãe e de uma filha de 17 anos. Outra filha, de 9 anos, cujas palavras se incluem adiante, foi golpeada com uma catana no nariz. A cicatriz ainda hoje é visível. A prima, então com 7 anos, foi golpeada com uma catana na boca, ficando com os dentes esmagados. A filha sobrevivente apresentou o seguinte relato à Comissão:

*O meu nome é A, e sou a mais nova de quatro irmãos. Não percebo mesmo nada de política. Os meus pais costumavam colaborar frequentemente com o movimento clandestino e, por vezes, ajudavam as Falintil. A minha família inteira era a favor da independência, mas eu não sei muita coisa. A situação em Bobonaro era má. Os meus pais estavam a ficar angustiados, mas nós, os filhos, nada sabíamos de política e, por isso, sentíamos-nos como de costume. No dia 30 de Agosto de 1999, disseram-nos que não saíssemos de casa porque, senão, seríamos baleados pela milícia e pelo TNI. Por isso, ficámos em casa. Quando os resultados do referendo foram anunciados, os meus pais ficaram felizes porque tínhamos vencido e porque a situação já não era tão má como antes do referendo. Por isso, em casa todos nos descontraímos.*

*No dia 6 de Setembro de 1999, a milícia Dadurus Merah Putih (DMP) e o TNI chegaram ao suco de Lourba e começaram a disparar brutalmente para o ar e a maltratar os habitantes do sítio. No dia 7 de Setembro, de manhã bem cedo, o suco estava cercado pela DMP e pelo TNI, mas nem os meus pais nem eu sabíamos. A minha mãe percebeu que o TNI nos tinham cercado a casa e gritou para a minha tia, que vive ali perto. Depois, disse-nos que corréssemos para a rua, porque as casas estavam cercadas. A minha tia fugiu para a rua e foi logo atingida a tiro pelo TNI. Balearam-na na anca esquerda, mas mesmo assim conseguiu escapar.*

*A nossa família ficou toda em casa. Não podíamos sair, porque o TNI estavam à nossa espera. Os outros vizinhos fugiram por todos os lados, uns deles escondendo-se nas hortas, outros no mato cerrado. Ainda assim, a minha mãe disse que não podíamos ir lá para fora, que era preciso ficarmos quietos, para quê fugir? Por fim, todos tentámos sair pela porta das traseiras. O meu pai tentou correr e o TNI e a milícia perseguiram-nos e atingiram-no a tiro. Depois, golpearam-no até à morte no sítio onde caiu.*

*Eu ia atrás da minha mãe, que me levava pela mão, mas eles golpearam-na no peito, trespassando-a de um lado ao outro. Então, golpearam-na na coxa e ela deixou de me segurar na mão. Quando senti que me largara a mão, comecei a chorar e dei-lhe um abraço porque ela estava muito ferida. Mas eles golpearam-me no nariz. Antes de morrer, ela disse-me: “Calma filha, podem matar-nos a todos, mas vamos ter a independência.” Então, ela deu o último suspiro, enquanto apertava a mão do meu pai. Havia muito sangue provocado pelas feridas feitas com as facas e, por isso, desmaiei a seguir à minha mãe. Os da milícia pensaram que eu estava morta e, por isso, foram-se embora.*

*De repente, o espírito da minha mãe levantou-me, colocou-me ao pé de casa e recuperei os sentidos. Então, olhei para a casa da minha tia e vi-os atirar com o corpo da minha prima. Tinha o corpo coberto de sangue, devido a uma ferida no estômago. A minha prima mais velha morrera e a minha tia tinha-se escondido numa vala. Como a minha família estava toda morta ou gravemente ferida, a milícia e o TNI foram-se embora.*

*Uma hora mais tarde, os nossos vizinhos vieram socorrer-nos, aos que estavam gravemente feridos, e recuperar os corpos da minha mãe, do meu pai e de Lúcia. Nessa noite, foi possível fazer o “hader mate” (ficar de vigília com os mortos, até à manhã seguinte), mas logo de manhã a milícia e o TNI voltaram a atacar. Fechámos os cadáveres numa sala e fugimos para a rua.*

*Depois, partimos para o Monte Lour. Quando lá chegámos, as Falintil trataram-nos das feridas com medicamentos tradicionais. Passado algum tempo, descemos da montanha e descobrimos que a milícia e o TNI tinham destruído a casa. Os cadáveres haviam sido arrastados para fora e devorados por cães e por outros animais. Durante quatro meses tentámos recolher o que restava das suas ossadas.*

*Como filha, sinto que tenho de ajudar os meus irmãos mais velhos a recuperar as ossadas dos nossos pais, que ainda não estão completas. Não sei qual vai ser o nosso futuro, uma vez que ainda somos muito novos. Quem irá cuidar de nós? Embora os meus pais tenham morrido, acredito que os seus espíritos ainda estão connosco. Um dia, as pessoas que os mataram hão-de ser punidas. É isso que eu quero, que haja punição e justiça.<sup>964</sup>*

### **Morte ilícita de refugiados nos campos de Timor Ocidental**

Milhares de pessoas foram forçadas pelas forças de segurança indonésias e pelas milícias a embarcar em camiões e barcos para serem evacuadas para Timor Ocidental (ver também Subcapítulo 7.3: Deslocação Forçada e Fome). Algumas partiram de livre vontade, em busca de segurança. A maioria foi transportada para campos. As condições de segurança nos campos de refugiados em Timor Ocidental eram confrangedoras. A maior parte dos campos de refugiados foram organizados pelas autoridades indonésias e as Forças Armadas ou as milícias controlavam os campos como “coordenadores de campo”.<sup>965</sup> Foram criados mais de 200 campos de refugiados nos quatro distritos de Belu, Timor Tengah Utara (TTU), Timor Tengah Selatan (TTS) e Kupang. Segundo o Órgão de Coordenação do Socorro aos Refugiados da Província (*Satkorlak PBP NTT*), no dia 4 de Setembro havia 336.043 refugiados (56.334 agregados familiares) em Timor Ocidental. Em meados de Outubro, o número descera para 264.454 refugiados.<sup>966</sup> O ACNUR indica um total de 250.000 a 280.000 pessoas.<sup>967</sup> Para além das pessoas levadas para campos de refugiados, inúmeros timorenses fugiram ou foram levados à força, individualmente ou em grupo, para Timor Ocidental. Todos os refugiados, independentemente da categoria em que estariam integrados, estavam em risco, em particular, se fossem identificados com a causa da independência.

Existe apenas informação fragmentária sobre as violações dos direitos humanos perpetradas por membros do *TNI* e das milícias nos campos de refugiados, e em outros locais, em Timor Ocidental durante os meses de Setembro e de Outubro de 1999. Quase nenhuma dessas violações dos direitos humanos foi objecto de investigação adequada pelas autoridades responsáveis. Entre as pessoas que se crê terem sido mortas ou que desapareceram em Timor Ocidental, encontra-se o dirigente do CNRT Mau Hodu Ran Kadalak (José da Costa). Contudo, a Comissão não conseguiu apurar as circunstâncias do seu desaparecimento ou da sua morte e, neste caso, o local exacto onde o seu corpo foi enterrado. O quadro geral mantém-se, assim, limitado, mas os relatos fornecem indicações fortes de que muitas violações graves dos direitos humanos foram perpetradas contra apoiantes efectivos ou supostos da independência em Timor Ocidental. A Comissão recebeu informações sobre 27 mortes ilícitas e desaparecimentos em dois distritos, Belu e Timor Tengah Utara.

#### *Belu*

Foi no distrito de Belu — e na sua capital, Atambua — que se concentrou o maior número de refugiados durante este período. Em Belu pelo menos 20 pessoas foram assassinadas ou desapareceram. Agostinho Martins Trindade fora recrutado à força pela milícia *Aitarak*. Segundo as informações recebidas, foi morto quando se encontrava em Atambua.<sup>968</sup> Segundo as informações recebidas, Armando da Silva foi detido por três agentes da polícia: a mulher foi à esquadra da polícia e fez perguntas sobre o marido. Mas fizeram-lhe ameaças e perguntaram-

lhe se queria morrer como o marido. Armando da Silva nunca mais foi visto.<sup>969</sup> Venâncio do Rego, chefe de suco de Fatumean, distrito de Covalima e membro do movimento clandestino, foi detido por membros da milícia *Laksaur* em Nenuk, não voltando a ser visto.<sup>970</sup> Vong Neong Song e a sua família procuraram protecção na esquadra regional da polícia em Díli, a 9 de Setembro, tendo embarcado a bordo de um navio militar indonésio. Vong Neong Song desapareceu a caminho de Atambua.<sup>971</sup>

Celestino Correia foi alegadamente morto num campo de refugiados em Kolam Susu (Subdistrito de Atapupu, distrito de Belu), em Timor Ocidental, no dia 14 de Setembro. Um filho de M295, comandante das milícias *Halilintar* e *Armui*, tentou forçar Celestino Correia a aderir à milícia, mas ele recusou-se. O filho de M295 ficou ligeiramente ferido durante o incidente e foi levado para uma clínica. Aparentemente em retaliação, M295, Anastácio Martins e duas outras pessoas descobriram Celestino Correia. Anastácio e os outros dois espancaram Celestino até à morte, na presença de outros refugiados.<sup>972</sup>

Georgina Tilman foi uma das refugiadas de Ermera que permaneceu em Siskoe, Atambua. No dia 18 de Setembro, um soldado chamou Domingos Maia — um motorista do governo em Ermera que fora forçado a trabalhar como motorista para a milícia *Darah Merah* — e pediu-lhe que fosse com ele ver que refugiados de Ermera estavam a residir em Siskoe. Domingos viu lá Georgina Tilman a lavar a cara, com um homem armado a guardá-la.<sup>CCLXXXVII</sup> Dois dias mais tarde, informaram Domingos Maia que Georgina fora levada e deixada junto ao cruzamento de Mandoki (Atabae, Bobonaro). Ele foi lá e descobriu os corpos mortos de Georgina e dos seus cinco filhos. Os corpos foram enterrados no local.<sup>973</sup>

No dia 19 de Setembro, Manuel Soares e Mário de Araújo jogavam voleibol no campo desportivo de Atambua (Timor Ocidental), quando, segundo as informações recebidas, foram forçados a entrar num carro e levados para Buas por membros da milícia *AHI* de Aileu, comandados por M160. Uma vez ali chegados, foram amarrados, levados para uma floresta de bambu e, segundo as informações recebidas, assassinados.<sup>974</sup>

Segundo as informações recebidas, um antigo membro das Falintil, Pascoal da Costa Calau, foi raptado da escola primária de Tanah Merah por um grupo de cerca de 30 membros da milícia *Aitarak*, no dia 30 de Setembro. Nunca mais foi visto.<sup>975</sup>

Apolinário Maujoni encontrava-se entre os refugiados de Bobonaro que se instalaram em Lakmaras (Atambua, Timor Ocidental). No dia 12 de Outubro, foi detido juntamente com outro homem e, segundo as informações recebidas, foi assassinado. Nunca mais foi visto.<sup>976</sup>

No dia 15 de Outubro, Edmundus Bere, que trabalhava para o Conselho de Solidariedade Estudantil de Timor-Leste (*ETSSC* — ou *Dewan Solidaritas Mahasiswa dan Pelajar Timor Timur, DSMPTT*), foi detido e levado para o posto da milícia *Laksaur* em Lakmaras (Atambua, Timor Ocidental), onde foi espancado e lhe foi posto sal numa ferida aberta. Segundo as informações recebidas, no dia 17 de Outubro foi morto, num local chamado Bora (Timor Ocidental).<sup>977</sup>

As pessoas que tentavam contactar os seus familiares em Mota'ain (Belu, Timor Ocidental), perto da fronteira, eram igualmente marcadas como alvos a abater. Augusto Soares encontrou-se com a irmã no dia 20 de Outubro, em Mota'ain. Segundo as informações recebidas, depois do encontro Augusto Soares foi morto pela milícia *Darah Merah Putih* de Ermera.<sup>978</sup> O membro do movimento clandestino Celestino Soares, que estava com a sua família em Tenu Bo'ot (Timor Ocidental), foi levado por membros da milícia *Aitarak*. No dia 30 de Outubro, o seu corpo foi descoberto em Saloreh (Timor Ocidental).<sup>979</sup>

---

<sup>CCLXXXVII</sup> Georgina Tilman era *alin sarani* ou irmã de “baptismo” mais nova de Domingos Maia. Isto significa que os pais biológicos de Domingos Maia eram padrinhos de Georgina e estavam presentes como testemunhas quando Georgina foi baptizada.

*Timor Tengah Utara (TTU)*

O distrito de Timor Tengah Utara (TTU) faz fronteira com o enclave de Oecusse. A maior parte das mortes ilícitas ocorridas em TTU e relatadas à Comissão implicam a milícia *Sakunar*, que marcou como alvos a abater refugiados de Oecusse com ligações conhecidas ao CNRT. A Comissão recebeu depoimentos de pelo menos sete refugiados que foram mortos ou desapareceram.

Firmino No'o era um estudante partidário da independência. Um dia, em Setembro, quando regressava a Oecusse vindo de Hali, foi obrigado a parar no posto da milícia em Oel Faub, Kefamenanu, porque trazia vestida uma *t-shirt* com as letras CNRT. Membros da milícia *Sakunar*, entre os quais o comandante, M120, amarraram-no e espancaram-no. Segundo as informações recebidas, foi levado para Oelfaub, Iri, onde foi morto. Crê-se que o corpo foi enterrado em Timor Ocidental e nunca foi recuperado.<sup>980</sup>

Segundo as informações recebidas, nos finais de Setembro o membro do CNRT Horácio Auni foi levado do campo de refugiados de Bu'uk pelo comandante da milícia *Sakunar*, M120, e nunca mais voltou a ser visto.<sup>981</sup>

Constâncio Seni, habitante do subdistrito de Oesilo, distrito de Oecusse, fugiu para Oeneno, Kefamenanu (Timor Ocidental), quando o seu suco foi atacado pela milícia *Sakunar*, no dia 8 de Setembro. Segundo as informações recebidas, foi levado por um grande grupo, composto por cerca de 70 membros. Nunca mais voltou a ser visto.<sup>982</sup>

Batista Bobo, habitante de Tumin, suco de Bobometo, fugiu para Bu'uk, em Kefamenanu, para escapar de um ataque perpetrado pela milícia *Sakunar* contra o seu suco, a 8 de Setembro, mas, segundo as informações recebidas, foi morto em Bu'uk a 9 de Setembro.<sup>983</sup>

## Outras mortes ilícitas e desaparecimentos após o acto eleitoral, relatados à Comissão

No quadro que se segue, a Comissão sumariou outros incidentes de 1999 que lhe foram relatados, envolvendo mortes ilícitas e desaparecimentos forçados.

Subdistrito, distrito	Síntese
Aileu, Aileu	<p>Segundo as informações recebidas, no dia 4 de Setembro, membros da milícia <i>AHI</i> mataram António Ribeiro em Malere, suco de Selo.<sup>984</sup> Segundo as informações recebidas, nesse mesmo dia outro grupo de membros da milícia <i>AHI</i>, chefiados pelo liurai M163, matou um homem conhecido como Marçal, oriundo de Viqueque, no lugar de Mantane, suco de Lausi.<sup>985</sup></p> <p>No dia 5 de Setembro, um grupo de membros da milícia <i>AHI</i> baleou dois jovens irmãos, Guilherme e Gabriel de Deus Lobato, que morreram ambos depois de chegarem a Rihui, no suco de Madabeno (Laulara).</p> <p>No dia 6 de Setembro, o <i>Babinsa</i> de Aisirimou, sargento Domingos Alberto Carlos, matou a tiro o membro do CNRT Elias de Araújo. O sargento Carlos teria alegadamente mandado matar Evaristo Lere Barreto a dois chefes da milícia <i>AHI</i> que o acompanhavam, Carlos José e Almeida Martins. Os dois homens golpearam Evaristo Barreto até à morte com catanas.<sup>986</sup> Um homem conhecido por Maulere foi encontrado morto na ribeira de Manutane. Crê-se ter sido morto por um grupo pró-integração.<sup>987</sup></p> <p>No dia 9 de Setembro, um membro do <i>TNI</i>, Gaspar Leite, matou alegadamente a tiro Domingos Maukinta<sup>CCLXXXVIII</sup>, durante um ataque ao suco de Hohulu.<sup>988</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 11 de Setembro, um membro da milícia <i>AHI</i> matou Tomé Araújo em Malere, suco de Selo.<sup>989</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 13 de Setembro, foi morto no campo de base do <i>Kodim</i> de Aileu, por um membro do <i>TNI</i>.<sup>990</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 16 de Setembro, um membro da milícia <i>Darah Integrasi</i> matou um homem conhecido como Domingos.<sup>991</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 17 de Setembro João da Conceição Tilman foi morto a tiro por membros do <i>TNI</i> na ribeira de Kodtalirei, quando se dirigia a um lugar chamado Maurusa.<sup>992</sup></p>
Laulara e Lequidoe, Aileu	<p>No dia 6 de Setembro, o membro do <i>TNI</i> Adolfo Amaral matou Francisco Aleixo (também conhecido como Carvalho) na encruzilhada rodoviária Díli-Aileu, perto do suco de Koto Lau (Laulara). Morreu no local e o corpo foi encontrado cerca de um mês mais tarde.<sup>993</sup></p> <p>No dia 17 de Setembro, um grupo conjunto formado por membros da milícia <i>AHI</i> e do <i>TNI</i> matou a tiro Marçal Alves na aldeia de Urbada, suco de Fucuculau (Laulara).<sup>994</sup></p> <p>No Subdistrito de Lequidoe, após o anúncio do resultado do acto eleitoral, um grupo da unidade <i>Rajawali</i> alegadamente chefiado por M175 [timorense] matou Miguel F. Soares.<sup>995</sup></p>
Ainaro, Ainaro	<p>No dia 5 de Setembro, um grupo formado por membros da milícia <i>Mahidi</i>, incluindo Fernando Lopes e Anigio de Oliveira, atacaram Fernando Gomes em sua casa, em Cassa. Fernando Lopes matou-o alegadamente a tiro.<sup>996</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 13 de Setembro membros da milícia <i>Mahidi</i> mataram a tiro Paulino Maria Bianco. Paulino Bianco fora detido no dia anterior e, no dia 13 de Setembro, foi entregue ao chefe da milícia <i>Mahidi</i>, M81. Cobriram-lhe a cabeça com um saco de plástico e, por ordem de M81, foi levado para um lugar chamado Sildena Hare Kain e morto.<sup>997</sup></p>
Hatu Builico, Ainaro	<p>Segundo as informações recebidas, no dia 4 de Setembro, Diogo de Araújo e Félix de Araújo, ambos suspeitos de serem simpatizantes do CNRT, foram mortos pelo <i>TNI</i> e pela milícia <i>Mahidi</i> na sede desta em Calihata, suco de Mulo.<sup>998</sup></p>
Hatu-Udo, Ainaro	<p>No dia 4 de Setembro, um homem conhecido como Moisés foi capturado por membros da milícia <i>Mahidi</i> e detido na sede da milícia no suco de Beikala durante vários dias. A milícia <i>Ablai</i> levou-o para Same. Nunca mais voltou a ser visto.<sup>999</sup></p> <p>No dia 6 ou 7 de Setembro, um homem conhecido como Domingos Guru foi baleado e golpeado até à morte por um grupo formado por membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Mahidi</i> no suco de Beikala. Os relatos parecem indicar que um soldado do <i>TNI</i>, Syamsudin, participou no homicídio de Domingos Guru.<sup>1000</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 30 de Setembro, um grupo formado por</p>

<sup>CCLXXXVIII</sup> Segundo HRVD, Testemunho nº 4861, o nome da vítima é Domingos de Jesus Mesquita.

	cerca de 10 membros da milícia <i>Ablai</i> , chefiado por M186, matou Maria Imaculada perto de uma gruta em Lesso, suco de Beikala. <sup>1001</sup>
Maubisse, Ainaro	Segundo as informações recebidas, Joana Soares e o seu filho, Eusébio Nurega, foram mortos aquando do incêndio de habitações em Aihou, suco de Aituto. Não se conhece a data exacta deste incidente. <sup>CCLXXXIX</sup>
Quelicai, Baucau	No dia 10 de Setembro, o <i>TNI</i> e a milícia <i>Tim Saka</i> mataram alegadamente Sebastião dos Reis no suco de Guruça. No dia 11 de Setembro, um grupo formado por membros da milícia <i>Tim Saka</i> , chefiado pelo comandante Manuel Ariate, pelos vice-comandantes Cosme Moreira e Virgílio Soares e pelo comandante da unidade <i>Rajawali</i> , Cristiano Ximenes, aproximaram-se de Pedro da Cruz Soares, apoiante da independência residente na aldeia de Abo Lir. Cosme Moreira matou-o a tiro. <sup>1002</sup> Segundo as informações recebidas, a milícia <i>Tim Saka</i> , chefiada por Manuel Ariate, também matou a tiro um jovem de Guruça, conhecido como M300, no dia 9 de Setembro. <sup>1003</sup>
Laga, Baucau	Um grupo formado por soldados do <i>TNI</i> matou pelo menos duas pessoas em incidentes separados. O primeiro-sargento Faustino dos Santos, o primeiro-cabo Agostinho Soares e o segundo-sargento Tomás Cardoso (também conhecido como Tomás Maurade), todos pertencentes a divisão de serviços secretos do <i>Kodim</i> , mataram alegadamente Armindo Belo Pires na praia de Laga, no dia 11 de Setembro. Morador no suco de Soba, Armindo Belo Pires caminhara até à praia para visitar alguns parentes, que ali se haviam reunido para apanhar um barco para Timor Ocidental. Segundo as informações recebidas, os soldados acusaram Pires de ser membro da Fretilin e mataram-no à vista das pessoas que aguardavam os barcos. <sup>1004</sup> No dia seguinte, Faustino dos Santos e Agostinho Soares chefiaram uma patrulha ao suco de Tekinomata. Quando chegaram perto do suco, Agostinho Soares ordenou aos seus homens que matassem qualquer homem ou mulher que avistassem. Faustino dos Santos aproximou-se de uma casa onde se encontrava Marcela Buti Fátima, com um bebé ao colo atrás da porta meio aberta. Segundo as informações recebidas, ele disparou a arma contra o outro lado da porta e atingiu Fátima na perna, tendo a mesma morrido dos ferimentos nessa noite. <sup>1005</sup> No dia 21 de Setembro, seis aldeãos foram mortos em Laga por membros do Batalhão 745, comandado pelo major Jacob Djoko Sarosa, quando as tropas passaram pela estrada principal entre Laga e Baucau. O Batalhão 747 perpetrara homicídios em Lautém, antes de entrar no distrito de Baucau. Dois irmãos, Egas da Silva e Abreu da Costa, dirigiram-se ao suco de Buruma, perto da cidade de Baucau, e avisaram os aldeãos para não se aproximarem da estrada principal, porque os soldados do <i>TNI</i> andavam a matar pessoas. Quando regressavam de motociclo ao seu suco, Buile, encontraram a caravana do Batalhão 745. Saltaram do motociclo e tentaram fugir para um arrozal, mas foram atingidos a tiro por membros do Batalhão 745. No suco de Buruma, Lucinda da Silva e Elisita da Silva foram mortas a tiro e, no suco de Caibada, Victor Belo e Carlos da Costa Ribeiro foram arbitrariamente mortos a tiro. <sup>CCXC</sup>
Venilale, Baucau	No dia 11 de Setembro, um grupo formado por soldados do <i>TNI</i> e por membros da milícia <i>Tim Sera</i> – entre os quais Agostinho – capturaram Faustino dos Santos, um membro do movimento clandestino pró-independência. Crê-se que ele foi levado para Baucau e morto ali. <sup>1006</sup> Segundo as informações recebidas, no dia seguinte um grupo formado por membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Tim Sera</i> disparou repetidamente contra Francisco Guterres no suco de Uato Haco, quando trabalhava nos campos com a mulher, matando-o. A sua mulher ouviu os perpetradores acusá-los, a si e ao seu marido, de alimentarem os soldados das Falintil. <sup>1007</sup>
Atabae, Bobonaro	Segundo as informações recebidas, um grupo da milícia <i>Halilintar</i> comandado por M203 matou Rui-Mau no dia 15 de Setembro. <sup>1008</sup> A milícia <i>Halilintar</i> matou também um membro do movimento clandestino, Estêvão, no suco de Hataz (Atabae). <sup>1009</sup>
Balibó, Bobonaro	Segundo as informações recebidas, num dia indeterminado do mês de Setembro, a milícia <i>Halilintar</i> matou um membro do movimento clandestino, Francisco Nafan, na ribeira de Badut Mean, no suco de Batugade. <sup>1010</sup>

<sup>CCLXXXIX</sup> HRVD, Testemunho n.º 5957. O testemunho aparentemente refere que o incêndio das habitações ocorreu em Agosto mas é mais provável que tenha ocorrido em Setembro.

<sup>CCXC</sup> Acusação do Procurador-Geral Adjunto de Timor-Leste contra o major Jacob Djoko Sarosa e o tenente Camilo dos Santos, Processo n.º 10/2002, parágrafos 62-86. Os corpos sem vida de Egas da Silva, Abreu da Costa, Elisita da Silva e Victor Belo, jazendo junto às respectivas casas, foram filmados pelo jornalista indonésio Agus Muliawan, que seria assassinado quatro dias mais tarde em Lautém por membros da milícia *Tim Alfa*. O material filmado foi mais tarde recuperado e apresentado num documentário japonês sobre a morte de Agus Muliawan, difundido no dia 25 de Novembro de 2000, “NHK Special – East Timor: Records of the Dark September”.

	<p>À meia-noite do dia 6 de Setembro, um grupo da milícia <i>Firmi</i>, chefiado pelo comandante M205, levou oito prisioneiros da residência existente dentro da velha fortaleza de Balibó, que era a sede e centro de detenção da milícia. Nenhum dos oito voltou a ser visto. As vítimas foram Aleixo Pacheco, Francisco Maia, Patrício dos Santos, Cornelis Calouz, Gabriel dos Santos, Carlos de Carvalho, Benjamin Lucas e Francisco Pacheco.<sup>1011</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 7 de Setembro, o membro do <i>TNI</i> Francisco dos Santos Laku deu ordens a Armindo dos Santos, Mário de Carvalho e outros membros do <i>TNI</i> para matarem Celestino Fernando num posto de controlo rodoviário na estrada perto da aldeia de Berame, suco de Balibó. Segundo as informações recebidas, Celestino Fernando foi então levado para o leito seco de uma ribeira próxima e esfaqueado até à morte por Armindo dos Santos e Mário de Carvalho.<sup>1012</sup></p> <p>A milícia <i>Firmi</i> raptou alegadamente de suas habitações no suco de Leo Lima três activistas pró-independência — incluindo Jorge Mau Loe e Elias Pires — a 10 de Setembro, ou por volta desse dia. Os três ficaram detidos em casa do comandante da milícia <i>Firmi</i>, João Oliveira, durante uma noite e em casa de Marcos Leo Soro durante quatro noites. A 15 de Setembro, foram transferidos para Batugade por membros da milícia <i>Firmi</i>, incluindo o seu vice-comandante, Joaquim Maia. Numa clareira junto à estrada para Atambua, Jorge Mau Loe e Elias Pires foram alegadamente esfaqueados até à morte por membros da milícia <i>Firmi</i> — incluindo Francisco Pedro (Geger) — enquanto o terceiro homem fugiu.<sup>1013</sup></p>
Bobonaro, Bobonaro	<p>Segundo as informações recebidas, no dia 5 de Setembro a milícia <i>Halilintar</i> matou João Morais no suco de Oe-Leu.<sup>1014</sup></p> <p>No dia 10 de Setembro, membros da milícia e do <i>TNI</i> raptaram Lucinda Saldanha no suco de Lourba e o membro do <i>TNI</i> Paulino de Jesus esfaqueou-a alegadamente nas costas, matando-a.<sup>1015</sup> Um grupo de membros do <i>TNI</i>, no qual se incluía Paulino de Jesus, também matou alegadamente dois apoiantes da independência, Egas Cardoso e a sua mulher Aliança de Jesus, em Lourba Leten, suco de Lourba, no dia 16 de Setembro.<sup>1016</sup></p> <p>As milícias <i>Halilintar</i> e <i>Dadurus Merah Putih</i> também mataram alegadamente Samuel Guterres, Marcelina de Jesus e António Barreto em Lourba Leten, no dia 22 de Setembro, pelas suas ligações às Falintil.<sup>1017</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, Afonso Pereira e Armindo Guterres foram mortos no suco de Ai-Assa a 14 de Setembro por um grupo da milícia comandado por um homem conhecido como M217.<sup>1018</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 14 de Setembro um grupo formado por membros da milícia <i>Hametin Merah Putih</i> — entre os quais M219, M221 e M223 — matou Martina Maia.<sup>1019</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 20 de Setembro um grupo formado por membros da milícia <i>Hametin Merah Putih</i> — entre os quais M225 e M221 — raptou Luís Maia no suco de Tebabui Village, levou-o para Carabau e matou-o ali.<sup>1020</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no suco de Maliubu, um grupo formado por membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Halilintar</i> matou Henrique de Araújo em frente de sua casa, em Raimatete, no dia 16 de Setembro.<sup>1021</sup> Segundo as informações recebidas, no suco de Cota Bo'ot, Florindo Cardoso Gomes de Dili foi baleado até à morte no dia 16 de Setembro, no lugar conhecido por Hauba, em Cota Bo'ot, pelo <i>TNI</i> ou por elementos que se creê estarem ligados ao <i>SGI</i>.<sup>1022</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, foi morto por um grupo da milícia referido por Koboi 55 — talvez outro nome para a milícia <i>Harimau 55</i> — no dia 22 de Setembro.<sup>1023</sup></p> <p>José Godinho foi detido por membros do comando militar subdistrital de Bobonaro e da milícia <i>Hametin Merah Putih</i> e, segundo as informações recebidas, foi baleado até à morte por um membro do comando militar subdistrital de Bobonaro no dia 22 de Setembro.<sup>1024</sup></p>
Cailaco, Bobonaro	<p>Em Setembro, dois irmãos, Armando e Quintilião, dirigiram-se ao suco de Miligo em busca de alimentos e, segundo as informações recebidas, foram detidos pelo chefe de suco. Nunca mais voltaram a ser vistos.<sup>1025</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas a 21 de Setembro, membros da milícia <i>Halilintar</i> terão, alegadamente, morto Daniel Leal em Airae, suco de Meligo, porque o seu filho prestava apoio as Falintil.<sup>1026</sup></p>
Lolotoe, Bobonaro	<p>No dia 8 de Setembro, membros da milícia <i>Kaer Metin Merah Putih</i>, chefiados pelo seu comandante, José Cardoso Ferreira (Mouzinho), mataram Mariana da Costa e Carlito Freitas em Sibi, suco de Opa.<sup>1027</sup></p> <p>No dia 16 de Setembro, membros da milícia <i>Kaer Metin Merah Putih</i>, chefiados por José Cardoso Ferreira, mataram Augusto Noronha e António Franca em Raimea, no</p>

	<p>suco de Opa.<sup>1028</sup></p>
Maliana, Bobonaro	<p>No dia 2 de Setembro, membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> cercaram a sede da organização juvenil Juventude Lorico Assuwin (JLA). Os membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> começaram a atirar pedras contra o edifício. Quando os membros da JLA ripostaram, atirando as mesmas pedras para a estrada, os soldados do <i>TNI</i> abriram fogo sobre o grupo. Mateus de Conceição foi atingido a tiro duas vezes pelo sargento M227 [timorense] e Silvano Mali Talo também foi atingido a tiro. Mateus foi levado para casa de um amigo e Silvano conduzido para a sede da JLA. Membros da milícia <i>Darah Merah Putih</i> atearam fogo à sede onde se encontrava Silvano. Mateus morreu mais tarde, nesse mesmo dia, e os restos mortais carbonizados de Silvano foram descobertos na sede destruída da JLA em Outubro.<sup>1029</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 7 de Setembro, um grupo de membros da milícia <i>Halilintar</i> — entre os quais M228, M229 e M230 — mataram Ermino Xavier Viana, Venâncio César Mouzinho, Leoneto Gusmão Pereira e Martino de Fátima na ribeira Mesak, suco de Odamau.<sup>1030</sup> Também a 7 de Setembro, ou por volta desse dia, membros da milícia <i>Halilintar</i> — entre os quais João Maia<sup>CCXCI</sup> e Augusto Asameta Tavares — dirigiram-se a Tapo Memo. Ali chegado, João Maia, auxiliado por Augusto, descobriu Paulino escondido num tecto e golpeou-o até à morte com uma lança.<sup>1031</sup> Segundo as informações recebidas, a milícia <i>Halilintar</i> foi igualmente responsável pelo assassinio de Mário dos Santos em Nunura, em dia indeterminado do mês de Setembro.<sup>1032</sup> No dia 7 de Setembro, a milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> matou pelo menos duas pessoas — possivelmente três — em Mugis, suco de Odamau. Segundo as informações recebidas, a milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> matou num incidente Abílio Soares e outro homem que se recusavam a ir para Timor Ocidental.<sup>1033</sup> Segundo as informações recebidas, noutra caso a milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> matou Faustino Martins Mota.<sup>1034</sup> A 9 de Setembro, ou por volta desse dia, um grupo formado por cerca de 20 homens — entre os quais o sargento Frederico Pires, o cabo Romeu da Silva do <i>Kodim</i> 1636 e Baptista de Sousa, membro da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> — entraram em Genuhaan, suco de Odamau. Uma vez ali chegados, feriram o membro do CNRT Avelino Tilman e um apoiante da independência, Vítor dos Santos. Avelino Tilman morreu dos ferimentos por volta do dia 10 de Setembro. A 14 de Setembro, ou por volta desse dia, Baptista de Sousa, da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i>, dirigiu-se à casa onde se encontrava Vítor dos Santos e, depois de mandar toda a gente sair, entrou lá dentro e degolou Vítor dos Santos com um catana.<sup>1035</sup> Segundo as informações recebidas, a 8 de Setembro, ou por volta desse dia, em Tunubibi, a milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> também matou Tito Franca Barros de Lesu, suco de Memo.<sup>1036</sup> No dia 13 de Setembro, membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> mataram duas pessoas que haviam fugido da esquadra da polícia, regressando com as suas famílias a Rokon, a aldeia em Holsa onde residiam. Numa reunião realizada a 13 de Setembro, em Holsa, na qual participaram o sargento Frederico Pires, do <i>TNI</i>, e os membros da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i> João Coli, Baptista de Sousa e outros, foi decidido matar Francisco Terezão e Lemos Guterres. Os membros da milícia esfaquearam-nos até à morte.<sup>1037</sup> Segundo as informações recebidas, no dia 21 ou no dia 22 de Setembro, um grupo formado por membros da milícia <i>Halilintar</i>, comandado por M295, matou dois apoiantes das Falintil, Manuel Moniz e Casimiro Viana, em Beremau.<sup>1038</sup> Em dia indeterminado nos finais de Setembro, Manuel Gonsales Bere [sic], membro da milícia <i>Dadurus Merah Putih</i>, esfaqueou até à morte João Gonçalves, do suco de Lahomea, na ponte de Nunura — subdistrito de Maliana. A vítima, acusada de simpatizante da independência e apoiante das Falintil, fora capturada em Haikesak, Timor Ocidental.<sup>1039</sup></p>
Fatumean, Covalima	<p>No dia 30 de Agosto, o grupo da milícia <i>Laksaur</i> em Fatumean começou a procurar três conhecidos apoiantes da independência — Raimundo de Oliveira, Martinho do Rego e Abel Pereira. Os três — dois deles na companhia das suas mulheres — fugiram para o subdistrito de Fohoren, mas todos foram capturados e trazidos de volta para a sede da milícia no <i>Koramil</i> de Beluluik Leten (Fatumean). A 4 de</p>

CCXCI Talvez João Maia. Membro da milícia *Halilintar*, João Maia também está implicado no processo do assassinio de Santara Tavares [ver HRVD, Testemunho nº 1164].

	<p>Setembro, os três foram alegadamente mortos por Henrikus Mali e por dois outros membros da milícia <i>Laksaur</i>, na sede da milícia.<sup>1040</sup></p> <p>Após o anúncio dos resultados do acto eleitoral, o grupo da milícia <i>Laksaur</i> em Fatumean, sob o comando de Henrikus Mali, começou a registar os habitantes do suco para conduzi-los a Timor Ocidental. A 5 de Setembro, ou por volta desse dia, um apoiante da independência da aldeia de Manekiik, no suco de Beluluik Leten, Agapito Amaral, dirigiu-se a um comandante de pelotão da milícia <i>Laksaur</i> em Fatumean, Yakobus Bere, de catana em punho, porque não queria que a sua família fosse levada para Timor Ocidental. Foi alegadamente baleado no estômago por Yakobus Bere, sendo mais tarde degolado por um membro da milícia, por ordem de Yakobus Bere. A mãe de Agapito Amaral, Rosalina Cardoso Belak, também foi alegadamente morta por se ter dirigido à sede da milícia gritando insultos contra a milícia, por esta lhe ter morto o filho.<sup>1041</sup></p> <p>No dia 8 de Setembro, o soldado do <i>TNI</i> Simão Nahak ordenou alegadamente a outros soldados do <i>TNI</i> e membros da milícia que matassem o membro do movimento clandestino Suri Atok e o seu filho adoptivo, José Ramos, no suco de Dato Rua (Fohoren).<sup>1042</sup></p>
Zumalai, Covalima	<p>Segundo as informações recebidas, a milícia <i>Mahidi</i> atacou um grupo de cerca de 10 pessoas que tentava contactar com as Falintil, matando Daniel Cardoso, Albru Amaral e Francisco Ribeiro.<sup>1043</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 10 de Setembro Luís da Conceição foi morto no suco de Zulo por um membro do grupo paramilitar <i>Gadapaksi</i>.<sup>CCXCII</sup></p> <p>Em Fatuletu, dois membros da milícia <i>Mahidi</i> foram buscar a casa um membro do movimento clandestino, Mateus Mota, e levaram-no consigo. Nunca mais voltou a ser visto.<sup>1044</sup></p>
Suai, Covalima	<p>A 6 de Setembro, ou por volta desse dia, Albino Nahak foi alegadamente levado por dois membros da milícia <i>Laksaur</i>, Baltazar Moruk e Damião da Costa Nunes. O seu corpo foi mais tarde descoberto num local chamado Legore.<sup>CCXCIII</sup></p> <p>A 7 de Setembro, ou por volta desse dia, Domingos Bau Koli (Domingos Andrade), do suco de Kamenasa, foi alegadamente morto por membros da milícia <i>Laksaur</i>, chefiados por Olívio Tatro Bau.<sup>1045</sup></p> <p>No dia 8 de Setembro, Olívio Tatro Bau matou alegadamente Simplício Doutel Sarmento, que se dirigia para Timor Ocidental, esfaqueando-o no posto de controlo de Salele (Tilomar, Covalima).<sup>1046</sup></p> <p>No dia 9 de Setembro, o tenente Sugito, membro do <i>TNI</i>, comandante do posto militar de comando subdistrital de Suai, juntamente com alguns membros da milícia <i>Laksaur</i>, detiveram um grupo de cinco apoiantes da independência em Suai. O tenente Sugito e o comandante operacional da milícia <i>Laksaur</i>, Alípio Gusmão, teriam alegadamente decidido que os cinco seriam executados. Três dos cinco homens foram alegadamente baleados pelo membro da milícia <i>Laksaur</i> Américo Mali, tendo sido alegadamente degolados pelo membro da milícia Saulus. Paulus Ximenes e Johanes Talu morreram em virtude destas agressões, mas o terceiro homem sobreviveu. Os outros dois foram autorizados a partir, por serem aparentados com Eurico Guterres, comandante da milícia <i>Aitarak</i>.<sup>1047</sup></p> <p>A 7 de Setembro, ou por volta desse dia, o membro do movimento clandestino Alfredo Nahak foi detido num posto de controlo da milícia dirigido por Olívio Tatro Bau e levado para o <i>Kodim</i>. Em Novembro, a família descobriu os seus restos mortais em Fatukuan.<sup>1048</sup></p> <p>No dia 8 de Setembro, Olívio Tatro Bau e Américo Mali, supervisores de um posto de controlo, descobriram Manuel Noronha e arrastaram-no para fora do camião em que viajava. Algum tempo após o seu homicídio, a família de Manuel Noronha descobriu os seus restos mortais.<sup>1049</sup></p> <p>Elizário Martins e Mateus Amaral, do suco de Kiar (Maucatar), dirigiram-se ao posto do comando militar distrital de Suai, depois de receberem ordens para ali se reunirem a fim de serem levados para Timor Ocidental. Uma vez que não queriam ser conduzidos a Timor Ocidental, fugiram do posto de comando distrital. Pouco depois, eram capturados. Alegadamente por ordem do tenente Sugito e de Olívio Moruk, comandante da milícia <i>Laksaur</i>, foram levados para a floresta e mortos.<sup>1050</sup></p> <p>No dia 26 de Setembro, membros da milícia <i>Laksaur</i>, sob o comando de Egídio Manek — entre os quais Silvestre Atai — alegadamente atacaram um lugar na</p>

<sup>CCXCII</sup> HRVD, Testemunho n.º 5207. Neste caso, *Gadapaksi* significa talvez algum membro da milícia.

<sup>CCXCIII</sup> Acusação do Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves contra Damião da Costa Nunes, Processo n.º 1/2003, parágrafos 21-25. A acusação identifica Legore como suco.

	<p>floresta de Wesei, onde os aldeãos se haviam escondido, matando Domingos Barros. Silvestre Atai decapitou alegadamente Domingos Barros.<sup>1051</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, dois jovens, conhecidos como Mário e Domingos, foram mortos na sede da milícia <i>Mahidi</i> em Beco, na cidade de Suai, a 5 de Setembro.<sup>1052</sup> Duas pessoas conhecidas como José e Quintinho foram mortas na Telkom (Cidade de Suai), no dia 5 de Setembro.<sup>1053</sup> Félix Mali, líder do grupo clandestino <i>Korenti Mate Fatin</i>, em Debos (Cidade de Suai) foi morto por Joanico Gusmão no dia 5 de Setembro.<sup>1054</sup></p> <p>Uma mulher conhecida como Verónica foi morta em Matai no dia 9 de Setembro.<sup>1055</sup> Um homem conhecido como Paulo foi morto no <i>Koramil</i> de Suai (1635-01) a 9 de Setembro.<sup>1056</sup></p> <p>Manuel Mali foi morto em Kamanasa, a 10 de Setembro.<sup>1057</sup></p> <p>Manuel Amaral Tilman foi morto em Debos, a 11 de Setembro.<sup>1058</sup></p> <p>Luís Amaral foi morto em Debos, a 13 de Setembro.<sup>1059</sup></p> <p>Terezinha Bete foi morta em Kamanasa, a 24 de Setembro.<sup>1060</sup></p> <p>Um homem conhecido como Lourenço foi morto em Debos, a 4 de Outubro.<sup>1061</sup></p> <p>Um homem conhecido como Alcino foi morto em Feras, em data indeterminada.<sup>1062</sup></p> <p>A Comissão recebeu igualmente informação sobre os desaparecimentos de Ilizardo Martins de Debos,<sup>1063</sup> Carlito Barros de Lakorak,<sup>1064</sup> Moisés Barros de Kamanasa,<sup>1065</sup> Paulus Berbesin,<sup>1066</sup> Félix Amaral e Marçal Amaral Corte Real de Debos,<sup>1067</sup> e José Soares de Wedare.<sup>1068</sup> Na sua maioria, desapareceram em Setembro.</p>
Tilomar, Covalima	<p>A 15 de Setembro, no posto de comando militar subdistrital de Salele, Egídio Manek ordenou alegadamente a cerca de 150 membros da milícia <i>Laksaur</i>, regressados de Timor Ocidental, que atacassem os bairros de Kulit e Aidere, na Cidade de Suai. Tinham ordens para deter todos os aldeãos e para matar todos aqueles que tentassem fugir. Durante o ataque a Aidere, Carlos Yosep e Patrício de Jesus Ximenes foram mortos.<sup>1069</sup></p> <p>No dia 25 de Setembro, membros da milícia <i>Laksaur</i> — entre os quais Simão Nahak (<i>TNI</i>), Illídio Gusmão, Marcel Mendonça e Yosep Leki — atacaram a floresta de Wea, onde se encontravam escondidos aldeãos de Nikir. Durante o ataque, foram mortos Titus Mali, Damião Ximenes e Januário Maia.<sup>1070</sup></p> <p>A 26 de Setembro, ou por volta desse dia, seguindo um padrão semelhante, membros da milícia <i>Laksaur</i> — entre os quais Ilídio Gusmão, Norberto Ximenes e Yosep Leki — atacaram um grupo de aldeãos de Wetabe que se escondiam na floresta de Mudasikun e, durante o ataque, Paulino Cardoso foi morto.<sup>1071</sup></p>
Maucatar, Covalima	<p>A 7 de Setembro, ou por volta desse dia, José dos Reis, que se recusara a ser levado para Timor Ocidental, foi alegadamente morto por Damião da Costa Nunes e pelo membro do <i>TNI</i> Simão Nahak, numa estrada não longe do suco de Matai, em Maucatar.<sup>CCXCIV</sup></p> <p>A 9 de Setembro, ou por volta desse dia, em dois incidentes separados, Paulus Amaral e Mário Martins, ambos aldeãos de Loho Rai, Matai, foram levados por membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Laksaur</i> — entre os quais Américo Sefan (<i>TNI</i>), Olívio Tatoo Bau, Henrikus Nahak e Paulus Berbosi. Os corpos dos dois homens foram mais tarde encontrados a flutuar na ribeira, em Loho Rai.<sup>1072</sup></p> <p>A mesma milícia manteve-se activa em Outubro. Três homens do suco de Lookeu — Frederico Barros, Lourenço Gusmão e Nazário Guterres — foram alegadamente mortos por membros deste grupo.<sup>1073</sup></p>
Fatululik, Covalima	<p>A 19 de Setembro, ou por volta desse dia, o membro do <i>TNI</i> Simão Nahak levou consigo um apoiante da independência, José Pereira Coli, da sede da milícia em Alastehen. Em dia indeterminado de Janeiro de 2000, os aldeãos descobriram os seus restos mortais e enterraram-nos.<sup>1074</sup></p> <p>Em Outubro, duas pessoas conhecidas apenas como Joni e Anis foram levadas de Wemer, no suco de Fatuloro, subdistrito de Fatululik. Segundo as informações recebidas, foram conduzidas a Atambua, em Timor Ocidental, por membros do Comando Estratégico do Exército (<i>Kostrad</i>) e ali foram mortas.<sup>1075</sup></p>
Díli Ocidental, Díli	<p>No dia 1 de Setembro, Guido Alves Coreia, membro do CNRT originário de Mascarenhas, Díli, foi alegadamente morto por membros da milícia <i>Aitarak</i> chefiados pelo comandante da Companhia C da milícia, Beny Ludji.<sup>1076</sup></p> <p>No dia 7 de Setembro, Rui Abel foi morto em Dare.<sup>1077</sup></p> <p>No dia 13 de Setembro, cerca de 20 membros da milícia <i>Naga Merah</i> e do <i>TNI</i> detiveram Afonso Gonçalves, baleando-o e matando-o em Bairro Pite porque não</p>

<sup>CCXCIV</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Damião da Costa Nunes, Processo nº 1/2003, parágrafos 26-31; HRVD, Testemunho nº 7385. Segundo a acusação, José dos Reis foi capturado numa casa no suco de Mota Air [sic] e morto no caminho para o suco de Maucatar. Matai é um suco no subdistrito de Maucatar.

	<p>conseguiram encontrar o seu irmão, de quem andavam à procura.</p> <p>Por volta de 14 de Setembro, Francisco Besi Cano foi decapitado na sede da milícia <i>Aitarak</i> em Kampung Alor, Díli. O chefe de suco de Fatuhada, Mário Aitade, encontrava-se alegadamente presente no local.<sup>1078</sup> Armando Barros, um estafeta das Falintil, fugiu de Aileu para Colmera, em Díli, onde se diz ter sido morto.<sup>1079</sup></p> <p>Tomás Américo, um bem conhecido desportista de boxe, que entrara em competições internacionais pela Indonésia, de Vila Verde, foi levado para um jipe <i>Kijang</i> pertencente ao antigo chefe de suco de Hera, no edifício da ACAIT, a 7 de Setembro. Membros da milícia <i>Aitarak</i>, chefiados por um homem chamado M259, levaram-no no jipe. Américo nunca mais voltou a ser visto.<sup>1080</sup></p> <p>Carlos Manuel da Silva foi levado do quartel-general da <i>Polda</i>, por volta do dia 10 de Setembro, e nunca mais voltou a ser visto.<sup>1081</sup></p> <p>No dia 12 de Setembro, Abílio Pacheco foi detido e levado primeiro para o quartel-general da milícia <i>Aitarak</i> no Hotel Tropical e, depois, para a sede da <i>Aitarak</i> em Surik Mas. Dali, levaram-no na direcção de Timor Ocidental. Segundo as informações recebidas, a caminho de Timor Ocidental, perto da ribeira de Loes, no suco de Guico (Maubara), ele foi retirado da viatura e entregue à milícia <i>Besi Merah Putih</i>. Crê-se que o teriam morto depois disso.<sup>1082</sup></p>
Díli Oriental, Díli	<p>No dia 31 de Agosto, em Hera, um membro do CNRT, Mantus de Araújo, e um membro da organização dos direitos humanos <i>Kontras</i>, Martinho Vidal, foram detidos e levados para casa de Mateus de Carvalho, comandante da Companhia D da milícia <i>Aitarak</i>. Mateus de Carvalho alegadamente disse aos seus homens “vão e façam o vosso trabalho”. Os dois foram levados para a sede da milícia, do outro lado da estrada, e ali foram alegadamente esfaqueados, morrendo dos ferimentos.<sup>1083</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 1 de Setembro, Marcelino Fausto de Oliveira foi agredido e queimado com gasolina por membros da milícia <i>Aitarak</i>, em presença de membros da <i>Brimob</i> e do <i>TNI</i>. A família encontrou o seu corpo no hospital em Toko Baru e enterrou-o em Matadouro.<sup>1084</sup> Segundo as informações recebidas, nesse mesmo dia João Xavier Fernandes foi morto a tiro por membros do <i>TNI</i> e o seu corpo enterrado em frente de sua casa.<sup>1085</sup></p> <p>José Barbosa morreu depois de ser atingido por uma bala disparada de um jipe <i>Kijang</i>, conduzido por membros da milícia <i>Aitarak</i>, perto do cemitério chinês de Taibessi.<sup>1086</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, José Pinheiro foi morto por um membro da milícia <i>Aitarak</i> e por um agente da polícia perto de Gedung Negara, que fora residência do governador no tempo dos portugueses.<sup>1087</sup> No dia 4 de Setembro, Marcelo Agosto foi morto a tiro por membros das milícias <i>Besi Merah Putih</i> e <i>Aitarak</i> em Masaur Debu, Becora.<sup>1088</sup></p> <p>Por volta de 4 de Setembro, Luciano Sequira foi morto a tiro por membros da milícia <i>Aitarak</i> em Camea.<sup>1089</sup></p> <p>No dia 6 de Setembro, em Hera, Domingos Nuno Alves, acusado de ajudar as Falintil, foi alegadamente morto a tiro por um soldado do <i>TNI</i>, António Pinto.<sup>1090</sup></p>
Metinaro, Díli	<p>António Fernandes foi detido por volta de 5 de Setembro em Metinaro, conduzido à esquadra da polícia e, segundo as informações recebidas, morto mais tarde.<sup>1091</sup></p> <p>No dia 7 de Setembro, António Saldanha Fernandes, director da escola primária de Metinaro e também um membro activo do CNRT, foi morto a tiro por um soldado do <i>TNI</i>, José Soares, no <i>Koramil</i>. O comandante do <i>Koramil</i>, tenente Untung, encontrava-se presente no <i>Koramil</i> nessa ocasião.<sup>1092</sup></p>
Ermera, Atsabe	<p>No dia 31 de Agosto, no suco de Lasaun, membros da milícia <i>Tim Pancasila</i>, actuando por ordem de soldados do <i>TNI</i>, detiveram Manuel de Oliveira, funcionário da UNAMET no centro de voto de Lasaun. Um grupo de membros da milícia — entre os quais Agustino da Costa — espancou gravemente Manuel de Oliveira. Agustino da Costa baleou-o alegadamente duas vezes, provocando-lhe a morte.<sup>1093</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, também em Lasaun, em meados de Setembro, o apoiante da independência Domingos Remkulit foi morto a tiro por um membro da milícia.<sup>1094</sup></p>
Hatulua, Ermera	<p>Em Hatulua, a violência instalou-se imediatamente após o acto eleitoral. No dia 31 de Agosto, no suco de Manusea, o comandante da milícia <i>Naga Merah</i>, M265, esfaqueou alegadamente até à morte Marcelo Soares.<sup>1095</sup></p> <p>M265 também deteve alegadamente José Martins em Setembro. José Martins foi levado para Santa Cruz, Hatulua, onde foi morto, segundo as informações obtidas.<sup>1096</sup></p>
Railaco, Ermera	<p>O comandante da milícia <i>Darah Merah</i>, M266, e o comandante da milícia <i>Naga Merah</i>, M265, foram igualmente responsáveis pela morte de um funcionário público da administração distrital de Ermera, Agostinho Soares dos Reis, no dia 9 de Setembro, em Bugasa Atas, Gleno.<sup>1097</sup></p> <p>Membros da milícia <i>Darah Merah</i>, entre os quais Jakel e Abraão Martins, mataram</p>

	<p>um jovem, Moisés Soares, em Riamori (Letefoho), em Setembro.<sup>1098</sup> Em Setembro, o comandante da milícia <i>Darah Merah</i>, M266, e o membro da milícia M269 foram alegadamente responsáveis pela morte de um homem chamado Ameu no suco de Railaco Kraik.<sup>1099</sup></p>
Lospalos, Lautém	<p>Segundo as informações recebidas, no suco ocidental de Cacaven, Mateus Nunes foi morto na sede do <i>TNI</i> do suco, a 9 de Setembro, ou por volta desse dia. Degolaram-no e o seu corpo atirado para dentro de um poço.<sup>1100</sup> Segundo as informações recebidas, no suco setentrional de Raça, Joaquim Ovimarais,<sup>1101</sup> António Oliveira,<sup>1102</sup> Marito Bernardino, Paul e Serafim<sup>1103</sup> foram mortos entre 10 e 13 de Setembro. Testemunhos alegam que membros do <i>TNI</i> estacionados em Mauloho, suco de Raça, participaram nestes homicídios. No suco de Fuiloro, onde se encontrava estacionado o Batalhão 745, Martinho Branco, Marcelio Jerónimo, Julião de Azis e Hélder de Azis foram capturados no seu esconderijo e levados para Poihoro, Fuiloro, aí sendo alegadamente mortos a 13 de Setembro, ou por volta desse dia.<sup>1104</sup> Aleixo Oliveira foi alegadamente morto por um soldado do Batalhão 745, atrás da base do batalhão, no dia 11 de Setembro.<sup>CCXCV</sup> Acresce a esta lista que, entre 8 e 10 de Setembro, soldados do Batalhão 745 mataram alegadamente António da Costa, Ambrósio Bernardino Alves, Júlio de Jesus, Florêncio Monteiro e Florentino Monteiro.<sup>1105</sup> Vários apoiantes da independência em Fuiloro foram levados para o quartel-general do <i>Kodim</i>, aí sendo executados ou desaparecendo. Entre as vítimas contavam-se Afonso dos Santos,<sup>1106</sup> Norberto da Luz Nato, João, Sikito, Olantino,<sup>1107</sup> Serpa Pinto, Jaime, Marito<sup>1108</sup> e Francisco dos Santos<sup>1109</sup>. Alguns foram alegadamente atirados para dentro de um poço em Sawarika, Fuiloro.<sup>1110</sup></p>
Moro, Lautém	<p>No subdistrito de Moro, foram relatados homicídios nos sucos de Parlamento, Lautém e Com, ao longo da costa Norte. No dia 20 de Setembro, soldados do <i>TNI</i>, alegadamente pertencentes ao Batalhão 745, detiveram Augusto Soares e João Gomes e torturaram-nos até à morte na praia, em Parlamento. As vítimas tinham-se dirigido à praia para verem se conseguiam ir para Timor Ocidental.<sup>1111</sup> Os corpos dos dois homens e de uma terceira vítima, Amílcar Barros, foram alegadamente queimados por detrás do <i>Dolog</i>, um armazém de arroz na cidade de Lautém.<sup>1112</sup> No dia 21 de Setembro, um grupo de homens que procurava alimento numa plantação de coqueiros na aldeia de Ira-Ara, suco de Parlamento, encontrou-se com um grupo formado por membros da milícia <i>Tim Alfa</i> — entre os quais Joni Marques, comandante da milícia <i>Tim Alfa</i><sup>CCXCVI</sup>, e um membro do comando das forças especiais do <i>TNI</i> (<i>Kopassus</i>), e Paulo da Costa. Membros da milícia dispararam contra eles e, então, Joni Marques matou alegadamente Alfredo Araújo a tiro. Paulo da Costa matou alegadamente Calisto Rodrigues a tiro.<sup>1113</sup> Em Com, João Viela deixou a gruta onde se encontrava escondido com a sua família, em Luaira, em busca de água, mas não regressou. Mais tarde foi encontrado morto. A sua mulher ouviu dizer que fora baleado, embora não se saiba quem o fez.<sup>1114</sup> Benedito Marques Cabral, de Moro, foi alegadamente morto por um grupo formado por membros da milícia <i>Tim Alfa</i> — incluindo José Valente — quando desceu das montanhas em busca de alimentos.<sup>1115</sup></p>
Bazartete, Liquiça	<p>No suco de Metagou, a 3 de Setembro, um grupo de soldados do <i>TNI</i> e de membros da milícia <i>BMP</i> deteve vários residentes — entre eles, Jacinto dos Santos, Pedro Alves e Francisco da Silva — por suspeitar que fossem apoiantes do CNRT. No dia seguinte, os três homens foram levados para trás da escola, onde outros aldeãos haviam recebido instruções para cavar uma sepultura. Os três foram executados, um por um, pelos membros da milícia — entre os quais Anastácio Martins e Domingos Gonçalves (Domingos Liman Sanak). Os aldeãos receberam ordens para enterrarem os corpos imediatamente após as execuções.<sup>1116</sup> No dia 5 de Setembro, membros da milícia <i>BMP</i> — entre os quais, mais uma vez, Anastácio Martins e Domingos Gonçalves — dirigiram-se a um local chamado Muka</p>

<sup>CCXCV</sup> Procurador-Geral de Timor-Leste, Acusação contra o major Jacob Djoko Sarosa e o tenente Camilo dos Santos, Processo nº 2002/10, parágrafos 35-40. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Joni Marques e outros, Processo nº 2000/9, parágrafos 26-28. No entanto, a decisão do Painel Especial para Crimes Graves afirma que a causa da morte de Aleixo Oliveira não pode ser apurada com base nas provas existentes e que, portanto, o acusado pelo homicídio da vítima não era culpado. Ver Painel Especial para Crimes Graves, Sentença, 11 de Dezembro de 2001.

<sup>CCXCVI</sup> A milícia *Tim Alfa* é por vezes também conhecida por milícia *Jati Merah Putih*.

<sup>CCXCVII</sup> Os testemunhos números 0919 e 0957 referem-se ao lugar de Buku Merah, enquanto que o Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Anastácio Martins e Domingos Gonçalves, Processo nº 11/2001, menciona um lugar chamado Muka Bera nos parágrafos 34-45.

	Bera e queimaram ali habitações. Regressaram ao suco a 7 de Setembro e alegadamente mataram três apoiantes da independência, Paulo Gonçalves, Guilherme Gonçalves e Clementino Gonçalves. <sup>CCXCVII</sup>
Maubara, Liquiça	Segundo as informações recebidas, no dia 6 de Setembro Bruno Cardoso foi conduzido à sede da milícia <i>BMP</i> em Aliatu, Lubulogor, suco de Guguleur, onde foi morto. <sup>1117</sup>
Manatuto, Manatuto	Segundo as informações recebidas, Armando da Cunha, do suco de Mabat, foi raptado no dia 5 de Setembro e, alguns dias depois, foi morto a tiro por um soldado do <i>TNI</i> . <sup>1118</sup> No dia 8 de Setembro, Filipe Soares foi levado da antiga esquadra da polícia ( <i>Polres lama</i> ) onde se refugiara e, segundo as informações recebidas, foi morto a tiro pelo chefe da milícia <i>Mahadomi</i> M274. <sup>1119</sup> No dia 11 de Setembro, Francisco Gusmão foi morto a tiro por um soldado do <i>TNI</i> em Manatuto, quando procurava alimentos com mais cerca de 20 pessoas. <sup>1120</sup> Segundo as informações recebidas, em data indeterminada, Atai da Costa foi levado para a praia, no suco de Sau, e morto ali pelos chefes da milícia <i>Mahadomi</i> , M275 e M276. <sup>1121</sup> No dia 11 de Setembro, membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Mahadomi</i> atacaram mais de 100 civis do suco de Mabat que se escondiam nas montanhas em redor de Kakurut Liden. Durante o ataque, António Pinto foi morto a tiro. No dia 13 de Setembro, o coordenador do CNRT no suco de Sau, Nazário Lino Pereira Belo, foi capturado na ponte de Manatuto por membros da milícia <i>Mahadomi</i> e levado para a sede da milícia em Manatuto onde alegadamente foi esfaqueado até à morte por eles. No dia 16 de Setembro, o activista do movimento clandestino Sebastião da Costa foi morto na praia, em Manatuto, depois de ter sido detido no complexo do <i>TNI</i> . <sup>1122</sup>
Lacló, Manatuto	Segundo as informações recebidas, no dia 7 de Setembro, em Lacló, membros da milícia <i>Mahadomi</i> , enquanto aparentemente os soldados andavam a fazer patrulha, mataram Jacinto Correia, Gilberto Madai, Domingos Cárceres e André Cárceres. <sup>1123</sup> Segundo as informações recebidas, em Wehau, Aniceto Santos foi detido e morto a tiro por um agente da polícia <sup>1124</sup> e Aleixo da Cunha foi esfaqueado até à morte. <sup>1125</sup>
Soibada, Manatuto	Segundo as informações recebidas, Mauleki foi baleado na perna e depois esfaqueado até à morte por soldados do <i>TNI</i> enquanto trabalhava no campo. <sup>1126</sup>
Same, Manufahi	A 3 de Setembro, ou por volta desse dia, por ordem do comandante da milícia <i>Ablai</i> , Guilhermino Marçal, membros da milícia detiveram Bendito Moniz na sua casa no suco de Letefoho, <sup>CCXCVIII</sup> levaram-no para o quartel-general da <i>Ablai</i> , em Same, e mataram-no. <sup>1127</sup> No dia 9 de Setembro, Lourenço Tilman foi alegadamente morto por João Sarmento e Benjamin Sarmento, por se ter recusado a subir para um camião para ser transportado para Timor Ocidental. <sup>1128</sup> No dia 9 de Setembro, João da Silva, juntamente com outros aldeãos de Fahlulan, Holarua, desceram das montanhas em busca de alimentos e encontraram-se em Fatu Maromak, Holarua, com um camião que transportava membros do <i>Kopassus</i> e da milícia <i>Ablai</i> . Dispararam sobre eles e João da Silva foi atingido, mas não morreu imediatamente. Por ordem de um membro do <i>Kopassus</i> que ia no camião, o membro da milícia Clementino Alves esfaqueou João da Silva até à morte. <sup>1129</sup> No dia 12 de Setembro, quando os membros da milícia <i>Ablai</i> incendiavam habitações em Ailule, Letefoho, um aldeão doente na sua cama, Lourenço da Costa, não conseguiu sair de casa e morreu no fogo. <sup>1130</sup> Segundo as informações recebidas, Lourenço da Costa gritou bem alto que o tirassem dali, mas sem resultado. <sup>1131</sup> No dia 16 de Setembro, um grupo formado por membros da milícia <i>Ablai</i> matou alegadamente um apoiante da independência, Marcelino Verdial, em frente da sua filha de 8 anos de idade. <sup>1132</sup> No dia 24 de Setembro, quatro pessoas foram mortas por um grupo formado por membros do <i>TNI</i> e da milícia <i>Ablai</i> , chefiado pelo tenente do <i>TNI</i> Sumino, no suco de Betano. <sup>1133</sup> O grupo regressava a Betano vindo de Atambua, para deportar mais pessoas para Timor Ocidental, e todos estes homicídios ocorreram durante a sua viagem de regresso a Betano. As quatro pessoas foram aparentemente marcadas como alvo a abater pelo grupo, mas não eram necessariamente activistas conhecidos do movimento pró-independência. Florindo Pereira Soares, um doente mental, foi avistado, detido e morto à facada. <sup>1134</sup> Marten Gaspar Soares foi avistado, perseguido

<sup>CCXCVIII</sup> Segundo o Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazario Vital dos Santos Corte Real e outros: "Bendito Moniz foi a sua casa na aldeia de Letefo [sic], suco de Holarua, para recolher os seus pertences" (Processo nº 13/2004, parágrafo 52). Letefoho e Holarua são dois sucos diferentes no subdistrito de Same.

	e baleado no peito pelo próprio tenente Sumino. Remezio da Costa foi mandado parar e baleado pelas costas, quando ainda estava a ser interrogado. <sup>1135</sup> Por fim, Egas Monis Tilman foi avistado, perseguido, esfaqueado e baleado.
Betano, Manufahi	Em dia indeterminado do mês de Setembro, um grupo formado por membros da milícia <i>Ablai</i> , chefiado pelo <i>Babinsa</i> de Betano, Mohammad Ruri, e pelo membro do <i>Kopassus</i> Gualter Vidigal, incendiou habitações no suco de Betano. Guilhermino Tilman conseguiu arrastar-se para fora, embora sofresse de paralisia das duas pernas. Ficou gravemente queimado e morreu, três dias mais tarde. <sup>1136</sup>
Oesilo, Oecusse	Após o anúncio dos resultados do acto eleitoral, um grupo formado por membros do <i>TNI</i> e da milícia em Passabe planeou um ataque em larga escala contra lugares considerados bastiões da pró-independência no subdistrito de Oesilo. <sup>1137</sup> A 7 de Setembro, durante uma reunião realizada no quartel-general do comando militar distrital, foram dadas ordens à milícia para atacar os sucos em redor de Passabe e Oesilo. Simão Lopes, comandante geral da milícia <i>Sakunar</i> , deveria chefiar o grupo encarregado de atacar os sucos em redor de Passabe. Laurentino Soares (Moko) ficou encarregado de chefiar outro ataque contra os sucos da região de Oesilo. O grupo chefiado por Simão Lopes dirigiu-se a Nibin, no suco de Usitakeno, onde alegadamente matou o chefe de suco, partidário da independência, Armando Sani. <sup>1138</sup> Um subgrupo formado por membros da milícia, chefiado por Quelo Mauno, matou alegadamente Domingos Kolo na aldeia de Nitasr, suco de Usitakeno. <sup>CCXCIX</sup> A milícia ateou igualmente fogo às habitações e matou animais de criação pertencentes aos habitantes. Então o grupo atacou Quibiselo, Bobo Manat, tendo morrido durante o ataque Victor Punef, Yacobus Siki, Yosep Noni Maknaun, Augustino Ulan, Zacharias Ena, Mikhael Sasi, Yacobus Oki e José Siki. Segundo um testemunho, o ataque contra Quibiselo realizou-se a partir de quatro direcções: Pure, Noel Ekate, Imbate (Timor Ocidental) e Passabe. <sup>1139</sup> Depois de destruir a aldeia de Quibiselo, o grupo chefiado por Simão Lopes seguiu para Tumin, Bobo Manat. Entretanto, o grupo chefiado por Laurentino Soares atacou também Tumin, incendiando habitações e matando animais de criação. Segundo um testemunho, a aldeia de Tumin foi atacada a partir de três direcções. <sup>1140</sup> Durante o ataque a Tumin, foram mortos Marcos Sufa Afoan, Filippus Tualaka, Laurentino Ulan Cono, Augustino Neno, Naub Lape, Alberto Afoan, Nenu Catu, Ciprianus Anin e Francisco Elu. No decurso destes três ataques, cerca de 18 habitantes foram mortos No dia 10 de Setembro, ocorreu um massacre de 47 jovens destes sucos num lugar do subdistrito de Passabe. Foram relatados muitos outros homicídios em Oesilo. Entre as vítimas, contavam-se quatro irmãos — Bonat Afoan, Paul Ase, Kusi One e Punef Bonat <sup>1141</sup> — Francisco Kefi, <sup>1142</sup> Firmino Nahak, <sup>1143</sup> Sufa Tabun <sup>1144</sup> , Neno Katu <sup>1145</sup> , Francisco Sani, Francisco Sanan e Cipriano Kono. <sup>1146</sup> A 11 de Setembro, Paulo Sequeira, chefe da aldeia de Pune (suco de Usi Tasai), e um membro do CNRT e outro apoiante do CNRT no suco, Stanislaw Bala, foram alegadamente mortos por um grupo formado por soldados do <i>TNI</i> , incluindo Jorge Ulan, João Gomes e Blasus Manek. <sup>1147</sup>
Passabe, Oecusse	Em Naetuna, suco de Abani, um grupo formado por membros da milícia <i>Sakunar</i> — entre os quais Umbertus Ena (também conhecido como Mala Cloe) — incendiou habitações em Nakome, a 9 de Setembro, ou por volta desse dia. Um ou dois dias mais tarde, o mesmo grupo da milícia regressou a Nakome e ordenou aos aldeãos que se reunissem frente a uma casa que não estava incendiada. Os membros da milícia cercaram os aldeãos, para que ninguém pudesse fugir, e então começaram a apedrejá-los. Os membros da milícia marcaram como alvos três homens suspeitos de serem apoiantes da independência, a saber, Ernesto Lafu, Serafim Tolo e Vicente Quelo (Mala Quelo), golpeando-os repetidamente com catanas. Ernesto Lafu e Vicente Quelo morreram dos ferimentos sofridos. <sup>1148</sup>
Nitibe, Oecusse	A 16 de Setembro, ou por volta desse dia, um grupo formado por membros da milícia <i>Sakunar</i> , chefiado por Laurentino Soares (Moko), atacou o suco de Usi Taco, incendiando muitas casas, e, segundo as informações recebidas, matou Lázaro Bano, Celestino Cab e Seni Tui Anin. <sup>1149</sup> Segundo as informações recebidas, nesse mesmo dia Leonardo Anin e António Beto foram mortos no suco de Lela Ufe. Anin era um <i>Hansip</i> e activista do CNRT, com responsabilidades pelos serviços secretos. Beto também era membro do CNRT. <sup>1150</sup> Segundo as informações recebidas, César Guterres foi morto por membros do <i>Kodim</i>

CCXCIX Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Quelo Mauno, Processo nº 3/2003, parágrafos 10-22. No parágrafo 14, lê-se: “Domingos Kolo e a sua família viviam na aldeia de Nitas, suco de Nibin.”

	<p>de Kefamenanu (Timor Ocidental) no suco de Bene Ufe, em dia indeterminado do mês de Setembro.<sup>1151</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, Silvester Saco foi morto no suco de Suni Ufe, em dia indeterminado do mês de Setembro.</p> <p>Segundo as informações recebidas, muito mais tarde, no dia 20 de Outubro, em Suni Ufe, Umberto Taek e Berta Bala foram mortos por se suspeitar que eram membros do CNRT.<sup>1152</sup></p>
Pante Makassar, Oecusse	<p>Segundo as informações recebidas, entre 22 e 28 de Setembro as seguintes pessoas foram mortas durante ataques perpetrados por membros das milícias ou do <i>TNI</i>: Maria Au,<sup>1153</sup> En Labi,<sup>1154</sup> António Hunu,<sup>1155</sup> Óscar Francisco da Costa,<sup>1156</sup> João Eko, Fagundo Bano, Leovigildo Bano,<sup>1157</sup> Ambrósio Bobo,<sup>1158</sup> Ângelo Caet,<sup>1159</sup> Tuin Cab,<sup>1160</sup> Ernesto Cab<sup>1161</sup> e Tolo Cusi.<sup>1162</sup> Segundo as informações recebidas, Luís Cofitalan e Domingos Vaz foram mortos no suco de Lifau em Outubro,<sup>1163</sup> e Neon Colo, Puin Tanessi e Neon Sufa nos arrozais de Letefoho, suco de Lifau.<sup>1164</sup></p> <p>Além das execuções em massa ocorridas na aldeia de Maquelab (suco de Taiboco) e em seu redor no dia 20 de Outubro, já referidas em cima, no dia 22 de Outubro — o próprio dia da chegada das tropas da Interfet a Oecusse — registou-se outro incidente. Um pequeno grupo formado por cerca de 12 membros da milícia <i>Sakunar</i>, chefiado por M292 dirigiu-se à aldeia de Nus Lao, suco de Bobocasae, e capturou Francisco Anton, Frimino Anton e Marcelino Cono. Segundo as informações recebidas, o grupo levou os três homens para o suco de Naimeco e matou-os ali.<sup>1165</sup></p>
Lacluta, Viqueque	<p>Segundo as informações recebidas, no dia 10 ou no dia 11 de Setembro, Jerónimo de Carvalho foi morto por um homem chamado António ou Amtuno no suco de Dilor (Lacluta). O perpetrador fingiu ser um homem louco, aproximou-se da vítima e bateu-lhe na cabeça com um pau, fugindo em seguida para a floresta.<sup>1166</sup> Segundo as informações recebidas, em investigação posteriormente realizada pelo grupo pró-independência ele confessou ter recebido dinheiro de membros da milícia e do <i>TNI</i> para perpetrar o homicídio.<sup>1167</sup></p> <p>Segundo as informações recebidas, no dia 26 de Setembro, o membro do CNRT Sirílio Bosco foi espancado até à morte. Quando ele e mais quatro pessoas se dirigiam ao encontro de um comandante das Falintil em Kadoras foram emboscados por um grupo de cinco homens.<sup>1168</sup></p> <p>A Comissão recebeu informações sobre homicídios de apoiantes da independência no suco de Dilor (Lacluta), primeiro a 10 ou 11 de Setembro e, mais tarde, de novo a 26 de Setembro.<sup>1169</sup></p>
Ossu, Viqueque	<p>Segundo as informações recebidas, no dia 11 de Setembro o apoiante da independência Manuel Carvalho foi morto a tiro por membros da milícia Naga Merah no suco de Builale.<sup>1170</sup></p>

## 7.2.4 Conclusões

Com base na análise quantitativa dos dados reunidos ao longo do processo de recolha de testemunhos e do recenseamento de cemitérios, a Comissão concluiu que aproximadamente 18.600 timorenses não combatentes (com uma margem de erro de +/- 1.000) foram mortos ou desapareceram durante o período do conflito.

[g\\_combinedcnt\\_M1.pdf](#) [pedir a PB, número total de mortes calculadas, gráfico com a escala compatível e os números totais por região. PENDENTE]

A Comissão conclui que o número mais elevado de mortes e desaparecimentos de não combatentes ocorreu entre 1975 e 1983 e em 1999. A esmagadora maioria de todas as mortes ilícitas e desaparecimentos forçados documentados através do processo de recolha de testemunhos da Comissão foram perpetrados pelas forças de segurança indonésias, incluindo os seus auxiliares timorenses: 57% foram perpetrados pelas Forças Armadas e pela Polícia

indonésias; quase um terço, 32%, foram perpetrados por auxiliares timorenses sob o controlo das forças de segurança indonésias.<sup>CCC</sup>

A Comissão conclui que a Resistência também foi responsável por mortes ilícitas e desaparecimentos durante o período do conflito. De todos os casos de mortes e desaparecimentos relatados à Comissão através do seu processo de recolha de testemunhos, 29,6% foram atribuídos a membros da Resistência.

Os desaparecimentos em larga escala ocorreram em 1979/1980 nas regiões central e oriental, e em 1983/1984 na região oriental. Dos desaparecimentos relatados à Comissão, 70% foram atribuídos às forças de segurança indonésias e 27% aos auxiliares timorenses das Forças Armadas indonésias.

Embora as forças de segurança indonésias tenham sido responsáveis pela esmagadora maioria de violações fatais ocorridas sob o seu controlo, a Comissão observa que timorenses, actuando sozinhos ou como membros das forças de segurança indonésias, participaram na perpetração de mais de um quarto destes crimes.

### Conflito interno, 1974/1976

A Comissão conclui que vários factores desfavoráveis estiveram na origem da violência descontrolada durante o período do conflito interno, nomeadamente:

- A demora de Portugal em criar um calendário amplamente aceitável para levar a efeito a descolonização.
- A interferência cada vez mais deliberada da Indonésia nos assuntos do território.
- O fracasso de todos os intervenientes internacionais que poderiam ter reprimido a Indonésia e afirmar, de maneira inequívoca, que uma aquisição de controlo à força do Timor português por parte da Indonésia seria uma violação inaceitável do princípio do direito à autodeterminação.
- A falta de experiência política dos partidos políticos recém-formados, incluindo a sua tolerância em relação à violência.
- A formação e armamento de milícias filiadas em partidos políticos.
- O abandono da neutralidade política por parte dos membros timorenses e portugueses do exército e da polícia colonial.
- O fracasso das entidades responsáveis, no Governo português pela, aplicação da lei em controlar as explosões de violência durante o formar da tensão anterior a 11 de Agosto de 1975 e após esta data.

A Comissão observa que as poucas instituições do território que poderiam ter desempenhado um papel de mediação e promover o diálogo, incluindo a Igreja Católica, não conseguiram fazê-lo. Em vez disso, tomaram partido e atearam as chamas do conflito.

A Comissão conclui que as diferenças comunitárias arraigadas, frequentemente baseadas em personalidades e interesses económicos, influenciaram consideravelmente a forma dos acontecimentos políticos nos meses que antecederam o conflito interno armado. Enquanto os partidos políticos lutavam entre si pelo domínio local, através de intimidação, retórica violenta e violência propriamente dita, criou-se o clima para os homicídios e homicídios por vingança que

---

<sup>CCC</sup> Os auxiliares incluem grupos de "defesa civil" (incluindo *Hansip*, *Ratih*, *Wanra* e *Kamra*), membros da administração local, grupos paramilitares [como o *Tonsus* e as várias "Equipas (*Tim*)"] que antecederam as milícias formadas em 1998/1999), e os próprios grupos de milícias.

caracterizaram o conflito interno armado de Agosto e Setembro de 1975. Embora a vida política de todo o território tenha sido desfigurada desta forma, os distritos de Liquiça, Ermera, Manatuto, Aileu e Manufahi foram os mais afectados.

A Comissão conclui que os actos da Indonésia a partir de 1974 contribuíram bastante para a deterioração de uma situação que, já por si, era volátil. Estes actos culminaram nas incursões de Setembro a Novembro de 1975 e na invasão em larga escala de 7 de Dezembro de 1975, durante a qual a Indonésia explorou e exacerbou as divisões timorenses mobilizando forças anti-Fretilin para se juntarem à sua ofensiva contra o território. A execução de presos, que já caracterizara o conflito entre Agosto e Outubro de 1975, ocorreu a uma escala sem precedentes em Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976, quando a Fretilin executou presos como reacção ao avanço das forças indonésias.

## **UDT**

A Comissão conclui que:

6. Os membros e apoiantes da UDT perpetraram mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de civis em Díli, Ainaro, Liquiça, Ermera e noutros distritos, depois de o partido lançar o seu movimento armado a 11 de Agosto de 1975. A maioria das vítimas era membros e apoiantes da Fretilin. Algumas vítimas eram espectadores inocentes, mortos em vez de um membro da Fretilin que conseguia fugir, e pessoas que tinham a infelicidade de encontrarem um grupo de apoiantes armados da UDT.
7. Os membros e apoiantes da UDT perpetraram mortes ilícitas entre Agosto e Outubro de 1975, marcando como alvos pessoas suspeitos de serem membros da Fretilin em Liquiça, Díli, Ermera, Manatuto, Manufahi, Bobonaro, Oecusse e noutros distritos. Este aumento repentino do número de violações fatais perpetradas pela UDT ocorreu sob a pressão dos avanços que a Fretilin estava a registar.
8. Os líderes, membros e apoiantes da UDT mataram pessoas identificadas como filiadas na Fretilin em várias circunstâncias. Imediatamente após o início do movimento armado, os apoiantes da Fretilin foram capturados, mortos e frequentemente decapitados em Manufahi, Liquiça e Ermera, por vezes por multidões da UDT que agiam sob ordens dos seus líderes. Por vezes, os guardas prisionais matavam pessoas por iniciativa própria em centros de detenção da UDT, como em Palapaço (Díli); outras vezes, agiam sob ordens dos líderes do partido, como aconteceu em Aifu e Ermera. Pessoas que tinham estado presas nos dias após o início do movimento armado da UDT foram executadas em Manufahi e em Ermera, em finais de Agosto e início de Setembro de 1975, quando as forças da Fretilin avançaram para essas áreas.
9. As vítimas destas mortes ilícitas perpetradas pela UDT eram predominantemente homens em idade militar com ligações à Fretilin, ou suspeitos de as terem. No entanto, a Comissão também recebeu relatos segundo os quais existiam crianças entre grupos de presos executados.
10. Os métodos de morte ilícita incluíam:

- Grupos armados de membros da UDT balearem grupos de civis desarmados
- Execução de civis com armas tradicionais, como catanas, lanças e facas
- Realização de cerimónias rituais antes e depois dos homicídios
- Decapitação e exibição das cabeças decapitadas como troféus
- Amputação de partes do corpo, como mãos e estripamento
- Exibição dos cadáveres em frente às casas de membros da Fretilin
- Colocação de cadáveres com corpos com ferimentos mortais em desfiladeiros e ribeiras
- Execução de presos em centros de detenção e em locais rurais isolados, incluindo plantações de café. As mãos de alguns presos eram amarradas com arame na altura da execução. Outros eram levados para fora dos centros de detenção em grupos pequenos e depois executados.
- Espancamento antes da execução
- Desaparecimento

A Comissão não acredita que o Comité Central da UDT tenha ordenado a morte de civis, incluindo a execução de presos. No entanto, contribuiu para um clima em que era provável que esses homicídios acontecessem, incitando os seus apoiantes a deter adversários políticos através da rádio, enquanto parte de uma purga dos “comunistas”. Contudo, a Comissão tomou conhecimento de que membros individuais do Comité Central da UDT desempenharam um papel directo na instigação da violência a nível distrital. Outros membros do Comité Central da UDT teriam conhecimento de que comandantes, membros e forças da UDT estavam a perpetrar mortes ilícitas, como é evidente pelos esforços esporádicos de alguns para as impedir.

## **Fretilin**

A Comissão conclui que:

11. Antes da acção armada da UDT a 11 de Agosto, membros e apoiantes tanto da Fretilin como da UDT fizeram ataques esporádicos a sucos rivais, em que foram mortos civis. Estes ataques ocorreram com maior regularidade na área de Laclubar (Manatuto), Turiscai (Manufahi) e Maubisse (Ainaro). O mais grave destes ataques foi um assalto da Fretilin ao suco de Maulau (Maubisse, Ainaro), no qual foram mortas cerca de 40 pessoas, na sua maioria apoiantes da UDT.
12. A reacção da Fretilin à acção armada da UDT de 11 de Agosto foi uma “insurreição geral” armada, na qual os seus membros mataram ilicitamente líderes, membros e apoiantes da UDT e de outros partidos da oposição. Entre Agosto e Outubro de 1975, membros e apoiantes da Fretilin cometeram mortes ilícitas como actos de retaliação em números que ultrapassavam os das vítimas dos homicídios perpetrados pela UDT.
13. As vítimas destas mortes ilícitas perpetradas pela Fretilin eram predominantemente homens em idade militar com ligações à UDT, ou suspeitos de as terem. Os líderes, membros e apoiantes da Apodeti também foram marcados como alvos em algumas partes do país, embora a uma escala menor.
14. Os membros e apoiantes da Fretilin fizeram execuções esporádicas de presos, tanto individualmente como em grupos, nos distritos de Aileu e Liquiça, no espaço de uma semana após a acção armada da UDT. Entre os executados, encontravam-se combatentes e civis rendidos. Houve instâncias, incluindo nos distritos de Liquiça e de Manufahi, em que líderes locais da Fretilin interromperam a execução de presos.

15. Os líderes da Fretilin ordenaram a evacuação dos presos de Díli e de outras áreas para Aileu em Setembro, Outubro e Dezembro de 1975. À medida que as tropas indonésias avançavam, a situação deteriorava-se cada vez mais, conduzindo a uma atmosfera de medo descontrolado e ressentimento violento contra aqueles que eram considerados colaboradores, ou potenciais colaboradores, dos invasores. Foram executados centenas de presos pelas forças da Fretilin em Aileu, Maubisse (Ainaro) e Same (Manufahi) em Dezembro de 1975 e Janeiro de 1976. A Comissão pensa que essas execuções, várias delas em massa, resultaram num número de mortes muito superior ao verificado no período inicial do conflito interno.
16. As mortes ilícitas foram perpetradas recorrendo aos seguintes métodos, entre outros:
- Agressão mortal durante um ataque contra uma comunidade suspeita de apoiar o partido adversário
  - Espancamento antes da execução
  - Fuzilamento com *Mausers*, G3 e outras armas de fogo
  - Eliminação dos corpos atirando-os para uma casa em chamas
  - Falta de tratamento para os presos feridos
  - Decapitação
  - Amarrar a vítima a um poste de bandeira, mandá-la formar em linha ou amarrá-la antes da execução
  - Agressão mortal com armas tradicionais, como catanas, lanças e facas
  - Lançamento de granadas para espaços fechados com presos no interior
17. Embora as mortes ilícitas perpetradas pelos membros e apoiantes da Fretilin fossem retaliações a actos de violência perpetrados anteriormente pela UDT, os líderes da Fretilin não conseguiram controlar as suas forças de maneira a impedir que fosse perpetrado um excesso de violações fatais por todo o país.

#### **ABRI/TNI**

A Comissão conclui que:

18. As operações secretas dos serviços de informação indonésios, os contactos de alto nível com líderes dos partidos políticos timorenses e o treino militar de timorenses em Timor Ocidental exacerbaram as crescentes tensões entre os partidos políticos e foram, provavelmente, decisivas para a decisão da UDT de lançar a sua acção armada.
19. As operações militares secretas indonésias foram directamente responsáveis pelas mortes ilícitas de dezenas de civis nos distritos de Bobonaro, Covalima e Ermera de Agosto a Novembro de 1975. O treino dado pelo pessoal militar indonésio a membros da Apodeti e da UDT em Timor Ocidental e a integração destes "Partidários" nas tropas indonésias durante as incursões de Agosto a Novembro de 1975 e durante e depois da invasão em larga escala de 7 de Dezembro de 1975, agravaram a hostilidade entre a Fretilin e aqueles partidos, tendo, por conseguinte, desempenhado um papel nos homicídios de pessoas ligadas à UDT e à Apodeti perpetrados pela Fretilin, antes e depois da invasão.

#### **ABRI, UDT e Apodeti**

A Comissão conclui que:

20. As *ABRI* utilizaram membros da UDT, da Apodeti e de outros partidos para várias funções durante e depois da invasão, incluindo: auxiliares, tradutores, informadores e administradores. Os membros e apoiantes da UDT e da Apodeti recrutados e treinados pelos militares indonésios ajudaram e foram cúmplices das *ABRI* na perpetração de mortes ilícitas e desaparecimentos forçados durante e depois da invasão.

Ocupação indonésia 1975/1999

### **A Resistência**

A Comissão conclui que:

21. A Resistência também foi responsável por mortes ilícitas e desaparecimentos ao longo de todo o período do conflito, desde a invasão indonésia. Durante este período, menos de um terço, 29%, de todos os casos de mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão através do seu processo de recolha de testemunhos foram perpetrados por forças filiadas no movimento da Resistência. Além disso, estas violações estiveram bastante concentradas nos primeiros anos do conflito. Enquanto 49% (561/1.145) dos casos de mortes e desaparecimentos documentados em 1975 foram atribuídos à Fretilin/Falintil, a sua parcela do total decaiu para 16,6% (563/3.398) no período de 1976/1984 e continuou a diminuir durante os restantes anos do conflito, até atingir 3,7% (18/488) dos casos de mortes e desaparecimentos em 1985/1998, e 0,6% (5/898) em 1999.

A Comissão ouviu inúmeros testemunhos sobre o homicídio de não combatentes perpetrado pela Fretilin e pelas Falintil durante o período de Fevereiro de 1976/1979. Durante este período, dirigentes e membros de ambas as organizações participaram em violações fatais na maioria dos distritos do território. Altos responsáveis da Fretilin e comandantes das Falintil ordenaram muitos dos homicídios relatados à Comissão e, em alguns casos, eles próprios os perpetraram. Embora algumas dos mortos fossem civis anteriormente associados à UDT e à Apodeti, que colaboravam com os indonésios, a maioria das pessoas mortas, desaparecidas, ou mortas por privação, ou devido a outros tipos de maus-tratos, durante este período, eram membros da Fretilin ou das Falintil ou membros da população civil que viviam em bases da Fretilin.

Entre 1980 e 1999, a escala dos homicídios atribuídos às Falintil não só foi muito inferior à registada em 1976/1979, como o padrão dos homicídios foi muito diferente do observado no período anterior. As vítimas tendiam a ser pessoas que não faziam parte da Resistência e que colaboravam com os indonésios (por vezes, contra a sua vontade) ou mortas aleatoriamente em ataques das Falintil.

A Comissão tomou conhecimento de vários homicídios perpetrados pela Fretilin após Fevereiro de 1976 e até 1979. As vítimas foram pessoas ligadas a outros partidos — a maioria das vítimas conhecidas pela Comissão pertencia à UDT. Os homicídios ocorriam tendencialmente em áreas como os distritos de Ermera, Baucau e Manatuto, onde o apoio à UDT e à Fretilin fora forte e o nível de violência durante a “guerra civil” fora particularmente intenso.

Em alguns casos, membros da UDT foram mortos por membros comuns da Fretilin, motivados por sentimentos de vingança. Noutros casos, como no homicídio de, pelo menos, nove pessoas em Venilale (Baucau), ocorrido entre 1 e 12 de Fevereiro de 1976, há provas de um maior nível de envolvimento. A Comissão também recebeu relatos sobre o homicídio de antigos membros da UDT suspeitos de espiar para os indonésios e de pessoas que foram executadas por, alegadamente, manterem contacto com familiares filiados na UDT em áreas controladas pela Indonésia.

Em 1976/1977, cerca de 60 pessoas foram executadas ou morreram na prisão, devido aos conflitos no interior da Resistência. Algumas delas foram:

- Aquiles Freitas, comandante do Comando de Bero-Quero em Quelicai (Baucau), e vários dos seus adjuntos principais, incluindo Ponciano dos Santos, António Freitas e João Teodoso de Lima, foram executados em Lobito (Vemasse, Baucau) e em Bagaia (Bagaia, Baucau) em Dezembro de 1976 e Janeiro de 1977
- Francisco Ruas Hornay e, pelo menos, 14 dos seus seguidores, foram executados em Iliomar (Lautém) em Novembro de 1976
- O antigo vice-chefe do Estado-Maior das Falintil, José da Silva e, possivelmente, 40 dos seus seguidores, foram executados ou morreram na prisão entre Outubro de 1976 e Agosto de 1977, depois de serem detidos no distrito de Ermera em Outubro de 1976.

Durante o conflito interno da Fretilin, que rebentou em 1977, várias centenas de apoiantes e pessoas suspeitas de apoiarem o presidente da Fretilin, Francisco Xavier do Amaral, foram executados ou morreram devido à tortura e maus-tratos sofridos na prisão. A purga concentrou-se em Aileu e em Manufahi, nos sectores Centro-Norte e Centro-Sul, e a menor escala, em Quelicai, no distrito de Baucau, e em Uatu-Carbau e Uatu-Lari, no distrito de Viqueque, no sector Centro-Leste, e em Covalima e Ermera, nos sectores da Fronteira Sul e da Fronteira Norte. Os alvos incluíram membros do Comité Central da Fretilin, altos comandantes militares e quadros médios da Fretilin e das suas organizações filiadas, bem como membros comuns da Fretilin, soldados das Falintil e membros da população civil que viviam nas bases da Fretilin.

Muitas das vítimas destas purgas morreram em circunstâncias terríveis, nomeadamente:

- Execuções em massa feitas em público realizadas com extrema brutalidade
- Como resultado de privação grave em centros de detenção extremamente rudimentares, incluindo Renal, onde a alimentação, a habitação, as condições sanitárias e o tratamento médico dispensado aos presos eram profundamente inadequados
- Como resultado de tortura grave sofrida na prisão, através de métodos que incluíam queimar a vítima com ferros quentes, espancá-la repetidamente e de forma violenta, pendurá-la numa árvore e cortar-lhe o corpo.

A Comissão conclui que altos responsáveis pela liderança da Fretilin não só tinham conhecimento e aprovavam estas práticas, que geralmente ocorriam em locais onde o Comité Central da Fretilin e as administrações Sectorial e de Zona tinham as suas bases ou perto desses locais, como em muitos casos foram eles próprios os perpetradores directos.

Além das mortes e homicídios relacionados com o conflito político interno da Fretilin, houve outras circunstâncias em que a Fretilin/Falintil cometeu estas violações. Entre as categorias de vítimas que, segundo as informações fornecidas à Comissão, foram executadas ou morreram por privação — ou devido a outros tipos de maus-tratos — na prisão, refiram-se as seguintes:

- Civis que planeavam render-se, ou eram suspeitos de querer render-se, que estavam em processo de rendição ou que se tinham rendido
- Líderes ou membros locais da Fretilin ou das Falintil que tinham incentivado a população civil a render-se
- Pessoas que fugiam das principais concentrações de população e eram capturadas
- Presos mortos quando as forças indonésias se aproximavam das áreas onde se encontravam presos
- Aldeões pertencente a partidos “pró-integração”, ou suspeitos de o serem, mortos à medida que as forças indonésias avançavam para uma determinada área
- Pessoas com pontos de vista ideológicos dissidentes
- Pessoas que, após a rendição, recebiam ordens das *ABRI*, da *Hansip* ou de membros da administração civil para voltar às montanhas ou à floresta e tentar convencer os que ainda lá estavam a render-se
- Pessoas que se juntavam à Resistência depois de se terem rendido ou de terem sido capturadas pelos indonésios
- Familiares de colaboradores e os próprios colaboradores
- Pessoas culpadas pelo fracasso de ataques das Falintil a bases indonésias e pelo sucesso de ataques indonésios a bases da Fretilin e das Falintil.
- Pessoas que viviam em bases da Fretilin que tinham mantido contacto com familiares ou outras pessoas de áreas controladas pela Indonésia
- Pessoas que viviam em bases da Resistência, sob controlo indonésio, ou em áreas que não se encontravam completamente sob controlo de nenhuma das partes e foram encontradas em busca de alimento ou a realizar as suas actividades quotidianas

Embora reconhecendo a pressão intensa gerada pelas ofensivas indiscriminadas dos indonésios contra as suas bases, sobretudo nos anos finais do período 1976/1979, a Comissão considera a liderança da Fretilin/Falintil, nessa época, responsável por ter favorecido uma atmosfera de violência e de intolerância de base ideológica, a qual criou as condições prévias em que esta gama variada de homicídios ocorreu. Além disso, a Comissão conclui que os líderes e comandantes da Fretilin/Falintil foram responsáveis por terem ordenado — ou perpetrado directamente — muitos destes homicídios.

1980/1999

Entre 1980 e 1999, o número de homicídios atribuídos à Fretilin/Falintil diminuiu acentuadamente. Uma vez que a sociedade timorense se tornou fortemente militarizada neste período, o estatuto de muitos dos civis mortos pela Fretilin/Falintil era frequentemente ambíguo. Entre eles, contavam-se pessoas postas à força em perigo, ou como *Hansip*, como pessoas recrutadas à força como *TBO* (*tenaga bantuan operasi*, auxiliares de operação) ou para participarem nas várias *Operasi Kikis*, ou pessoas obrigadas a desempenhar tarefas de guarda no turno da noite, ou recruta contra vontade das milícias. A Comissão entende que as responsabilidades pelas mortes ocorridas nestas circunstâncias pertencem essencialmente às pessoas que colocaram a vítima em perigo — ou seja, as forças de segurança indonésias. Além disso, muitas das vítimas dos homicídios perpetrados pelas Falintil eram *Hansip*, chefes de suco e outros membros da administração civil, ocupando postos de trabalho que — ao contrário do que sucedia na maior parte da Indonésia — se haviam tornado altamente militarizados no território ocupado de Timor-Leste.

Uma vez que a linha divisória entre combatentes e não combatentes era frequentemente pouco nítida e que a informação disponível nem sempre permite determinar com clareza se determinada vítima foi especificamente marcada como alvo, a Comissão nem sempre conseguiu, com base na informação disponível, apurar se havia ou não ocorrido uma violação — e, em caso afirmativo, sobre quem recai a responsabilidade.

A tendência decrescente das mortes ilícitas perpetradas pela Resistência, particularmente acentuada na década final da ocupação indonésia, explica-se por vários aspectos inter-relacionados. Foi adoptada uma nova política, que passava a centrar a luta no protesto urbano. Embora as Falintil se mantivessem vivas e militarmente capazes, esta mudança de política deu maior proeminência aos protestos públicos nos centros urbanos, em detrimento da tática anteriormente favorecida pelas Falintil — a saber, provar ser ainda uma força com que era preciso contar, através de demonstrações de força nas zonas rurais. Esta tendência reforçou-se com a decisão tomada pela Indonésia nos finais de 1988 de “abrir” parcialmente o território a estrangeiros. Ao mesmo tempo, a decisão de prosseguir com a estratégia de Unidade Nacional e de criar uma base de apoio tão ampla quanto possível para a Resistência — conquistando mesmo o apoio de timorenses que colaboravam com os indonésios — provavelmente também contribuiu para o declínio da violência nesses anos. Enquanto componente desta estratégia, em 1987, a Resistência armada, Falintil, foi formalmente separada da Fretilin.

Durante este período, de 1980/1998, as Falintil mataram civis nas seguintes circunstâncias:

- No decurso de ataques contra aldeamentos sob controlo indonésio, no início da década de 1980, aparentemente destinados a mostrar à população então sob controlo indonésio que as Falintil tinham sobrevivido
- No decurso de operações militares indonésias para as quais haviam sido recrutados timorenses, geralmente à força
- No decurso de ataques contra sucos, em meados da década de 1980, aparentemente lançados como resposta contra grandes operações indonésias e destinados a provar que as Falintil ainda tinham capacidade militar para lançá-los; os guardas dos sucos e os membros da *Hansip* tornavam-se particularmente vulneráveis a ser mortos durante esses incidentes
- No decurso de ataques lançados em datas especiais, sobretudo em dias comemorativos (por exemplo, o Dia da Independência da Indonésia ou a data de fundação das Falintil) e em dias de eleições nacionais (em 1987 e em 1997), datas em que previsivelmente conseguiriam atrair a atenção a nível internacional, na Indonésia e em Timor-Leste.

Estes homicídios registaram-se no contexto de operações militares e, como acima se referiu, foi muitas vezes difícil à Comissão determinar se os civis mortos nestas circunstâncias haviam sido especificamente marcados como alvos.

Segundo as informações recebidas, houve casos de homicídios contra alvos previamente definidos durante este período — por exemplo, quando as Falintil mataram civis enviados sozinhos pelas ABRI/TNI à floresta em busca de familiares, quando assassinavam membros da *Hansip* e outros colaboradores, e antes e depois da Consulta Popular de 1999. Em vários destes casos, a Comissão recebeu informação credível de que o Comando Supremo das Falintil não aprovou institucionalmente estas violações.

### **Forças de segurança indonésias e os seus auxiliares**

A Comissão conclui que:

22. Os membros das forças de segurança indonésias e os seus auxiliares cometeram e consentiram execuções extrajudiciais e desaparecimentos forçados de maneira generalizada e sistemática durante o período de ocupação indonésia de Timor-Leste
23. De todos os casos de mortes ilícitas e desaparecimentos relatados à Comissão através do seu processo de recolha de testemunhos, pouco mais de 70% (4.174/5.944) foram atribuídos aos militares e à Polícia indonésios e aos seus auxiliares timorenses, actuando sozinhos ou em conjunto.

**Table 51 - Estimativa do número de mortes ilícitas perpetradas pelas forças de segurança indonésias e seus auxiliares**

I100M\_exclperp.pdf

Violações perpetradas por:	Militares e polícias indonésios e auxiliares timorenses, actuando sozinhos ou em conjunto	Auxiliares timorenses, actuando sozinhos	Militares e polícias indonésios actuando sozinhas	Militares e polícias indonésios actuando juntamente com auxiliares timorenses
Todas as violações	71.917 84,40%	14.704 17,30%	43.323 50,90%	13.550 15,90%
Mortes ilícitas	3.455 67,60%	835 16,30%	1.972 38,60%	630 12,30%
Desaparecimentos	719 86,30%	105 12,60%	494 59,30%	120 14,40%

24. As forças de segurança indonésias, actuando sem os seus auxiliares timorenses, foram responsáveis pela maioria dos homicídios de civis ao longo do período da ocupação, durante os anos de 1975, 1979 e 1983. Estes picos coincidem com períodos de operações militares em larga escala, em que milhares de pessoas foram presas, deslocadas ou sofreram devido a escassez de alimentos.
25. Os auxiliares timorenses actuando sem membros das forças de segurança indonésias foram responsáveis por um número menor de homicídios de civis ao longo do período da ocupação, durante os anos de 1975, 1979 e 1983. No entanto, os auxiliares timorenses actuando sem membros das forças de segurança indonésias foram responsáveis pela maioria dos homicídios de civis em 1999, durante a época da Consulta Popular. Isto revela uma mudança na estratégia das forças de segurança indonésias, que armaram, treinaram e orientaram as milícias locais para perpetrar mortes ilícitas e desaparecimentos forçados em sua substituição.
26. As mortes ilícitas e os desaparecimentos forçados perpetrados pelas forças de segurança indonésias e os seus auxiliares ocorreram em todos os 13 distritos, sendo o maior número registado nos distritos orientais.
27. As vítimas de mortes ilícitas e desaparecimentos forçados eram predominantemente homens em idade militar com ligações, reais ou suspeitas, a grupos que resistiam à ocupação, nomeadamente a Fretilin/Falintil, redes clandestinas, ou outros grupos pró-independência. Mulheres e crianças que se pensava serem familiares das pessoas acima mencionadas também eram vítimas destas violações fatais, embora em menor escala. Geralmente, as mulheres e as crianças eram mortas durante os massacres, quando ataques e tiroteios indiscriminados resultavam num grande número de mortes.

28. As forças de segurança indonésias e os seus auxiliares utilizaram os desaparecimentos forçados como estratégia para controlar actividades de contra-insurreição, sobretudo nas regiões central e Leste. A estratégia foi particularmente eficaz para instilar medo na comunidade geral, perturbando as vidas das famílias da vítima.

1975/1984

29. As forças indonésias foram responsáveis por mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de civis durante a invasão de Timor-Leste. Em Díli, foram executados centenas de civis, aparentemente como vingança pela morte de soldados indonésios. A maioria destes homicídios ocorreu entre 7 e 9 de Dezembro em áreas como Colmera, Vila Verde, Matadouro e ao longo da ribeira de Maloa até Ailok Laran, onde as forças da Fretilin resistiam activamente às forças invasoras. Dezenas de pessoas de etnia chinesa, que viviam em redor de Colmera, foram executadas junto ao porto, bem como líderes e membros capturados da Fretilin e familiares seus, incluindo Isabel Barreto, esposa de Nicolau Lobato, o Vice-presidente da Fretilin e Primeiro-ministro da RDTL.
30. A Comissão recebeu vários relatos sobre as forças indonésias matarem civis à medida que avançavam para outras zonas do território. Por vezes, as pessoas mortas tinham sido denunciadas como membros da Fretilin, mas muitas das vítimas destes homicídios eram elementos da população civil escolhidos aleatoriamente. Os civis eram marcados como alvos em várias outras circunstâncias: enquanto procuravam víveres ou faziam as suas actividades quotidianas, após encontros com as forças de segurança indonésias em operações, como retaliação a ataques das Falintil e sob suspeita de trabalharem ou terem conhecimentos sobre a Fretilin/Falintil.
31. Ao longo dos primeiros anos da ocupação, mas sobretudo entre 1978 e 1979, comandantes das *ABRI/TNI*, tropas e auxiliares perpetraram mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de civis e combatentes rendidos de maneira generalizada e sistemática.

Além das execuções de pessoas e de grupos pequenos, as forças de segurança indonésias e os seus auxiliares realizaram uma campanha generalizada e sistemática de mortes e desaparecimentos contra membros rendidos e capturados da Fretilin e das Falintil. A Comissão conclui que estas mortes e desaparecimentos foram perpetrados enquanto parte de um plano sistemático, planeado aos mais altos níveis da estrutura de comando militar e em coordenação com o recém-criado *Korem*, sob o comando do então coronel Adolf Sahala Rajagukguk, cujo objectivo era eliminar os líderes sobreviventes da Resistência. A Comissão chega a esta conclusão com base nos seguintes factores:

- A campanha ocorreu em vários locais diferentes ao mesmo tempo e resultou na execução ou no desaparecimento de, pelo menos, 600 pessoas entre Março e Setembro de 1979.
  - Os seus alvos eram sobretudo pessoas que, antes de se renderem ou serem capturadas, tinham sido activistas da Fretilin, embora pouco frequentemente detentores de altos cargos na organização, ou membros das Falintil, também não exclusivamente comandantes.
  - A época específica em que estas mortes e desaparecimentos ocorreram foi um período de transição, quando o Comando da Força de Intervenção Conjunta da *Operasi Seroja* estava a ser desmantelado e substituído pelo Comando Sub-regional de Timor Leste (*Korem*), uma alteração que tinha por finalidade assinalar a normalização da situação em Timor Leste.
  - Muitos dos que foram vítimas da campanha tinham sido capturados ou tinham-se rendido muito antes de serem executados ou desaparecerem e, em alguns casos, tinham sido integrados nas unidades auxiliares indonésias, como o *Tonsus* e a *Hansip*, ou na administração civil.
  - A Comissão tomou conhecimento de que foram elaboradas listas com alvos individuais em vários dos distritos onde ocorreram execuções e desaparecimentos.
  - O tratamento dado às vítimas era uniforme: a maioria das vítimas ficava presa em centros de detenção específicos, dos quais eram levadas para locais de execução específicos, onde eram mortos por membros de determinadas unidades das Forças Armadas ou de unidades auxiliares.
  - A Comissão também concluiu que um preso que viesse a ser executado podia ser transferido de um local de detenção para outro, frequentemente num distrito diferente, antes de ser executado — uma indicação de coordenação a nível geral.
  - Outra indicação de coordenação era a diversidade de instituições implicadas na execução e no desaparecimento de presos, incluindo as unidades da estrutura territorial, desde o *Korem* até ao *Koramil*, os batalhões de combate e os regimentos regionais de combate (*Resimen Tim Pertempuran*) que os comandava, a *Hansip*, equipas paramilitares como a *Tim Nuklir* e o *Tonsus*, e a administração civil.
  - Na época, os homicídios eram geralmente conhecidos, quer pelos presos, quer pela população em geral, e ambos os consideravam uma campanha coordenada.
  - A linguagem utilizada pelos perpetradores em diferentes distritos para fazer referência ao desaparecimento das vítimas era frequentemente uniforme: os presos que tinham sido levados para serem executados eram referidos como “foram tomar banho” ou “foram para a escola”.
32. Ao longo da ocupação, comandantes das *ABRI*, tropas e membros da administração civil recrutaram à força dezenas de milhares de civis para participarem em operações militares, conhecidas como *Operasi Kikis*, para procurar e destruir o que restava da Resistência armada nas montanhas. A maioria destas operações desenrolou-se entre Junho e Setembro de 1981, época em que aproximadamente 60.000 timorenses foram recrutados para atacar as posições das Falintil.

A Comissão conclui que em Setembro de 1981, aquando da conclusão da *Operasi Kikis* de Junho a Setembro de 1981, os Batalhões 321, 744 e/ou 745, as Unidades de Fuzileiros e as forças da *Hansip* reuniram-se na área do monte Aitana, na fronteira de Manatuto-Viqueque, e subsequentemente executaram mais de uma centena, possivelmente várias centenas, de tropas das Falintil e civis, incluindo mulheres e crianças que as acompanhavam. Na altura em que foram mortas, estas vítimas encontravam-se à mercê das forças indonésias ou sob a sua custódia, após se terem rendido ou terem sido capturadas.

Ao longo da ocupação, mas sobretudo no início da década de 1980, comandantes das *ABRI/TNI*, tropas e auxiliares perpetraram mortes ilícitas e desaparecimentos forçados de civis de maneira generalizada e sistemática, para punir as comunidades que eram suspeitas de apoiar as forças das Falintil. A punição indiscriminada de pessoas que se sabia terem estado ligadas à Resistência e a punição colectiva de comunidades foi particularmente grave no rescaldo de ataques das Falintil a alvos militares. Por exemplo:

- Após os ataques da Resistência a alvos militares em Marabia e em Becora, Díli, a 10 de Junho de 1980, foram presas centenas de pessoas. A Comissão compilou os nomes de 119 pessoas que desapareceram, foram executadas (por vezes em público) ou morreram na prisão devido a tortura grave ou privação de alimentação e tratamento médico nas semanas após o ataque. Este valor não inclui as pessoas que foram seleccionadas para serem transportadas para a ilha de Ataúro, entre Julho de 1980 e Agosto de 1981, devido à sua alegada participação nos ataques. Para estas pessoas, que formaram os primeiros grupos a ser enviados para Ataúro depois da invasão, as condições eram particularmente duras e sabe-se que muitas delas morreram na ilha.
- Após ataques das Falintil em Mauchiga (Hato Builico, Ainaro) e em Rotuto (Same, Manufahi), na zona do monte Kablaki, a 20 de Agosto de 1982, tropas e comandantes do *Kodim* de Ainaro, do *Koramil* de Dare, do 5º Batalhão de Engenharia de Combate (*Zipur 5*), e *Hansip*, prenderam centenas de homens e mulheres de Mauchiga e das comunidades circundantes. Um projecto especial levado a efeito pela Comissão registou que mais de 50 pessoas do suco de Mauchiga foram executadas ou desapareceram nos meses seguintes. Muitas delas foram mortas de maneira brutal, em público e num local de execução, chamado Jakarta 2, em Buילו, junto à cidade de Ainaro, onde as vítimas eram atiradas para uma ravina funda. Outras foram violadas sexualmente e cerca de 600 pessoas da zona foram deslocadas à força para a ilha de Ataúro e outros locais, onde muitas morreram devido a privação.
- Após o ataque conjunto das Falintil e *Ratih* (defesa civil) timorenses em Kraras (Viqueque), a 8 de Agosto de 1983, tropas e comandantes do *Kopassandha*, do *Kodim* de Viqueque, dos Batalhões 328, 501 e 745 e *Hansip*, perpetraram várias execuções, nas quais foram mortos mais de 200 civis, sobretudo homens, que tinham fugido do suco e estavam escondidos em vários locais em redor de Kraras, nos meses de Setembro e Outubro de 1983.
- Após a deserção de mais de 30 membros armados da *Hansip*, com as suas famílias, e de membros de um grupo de juventude clandestino, em Mehara (Lautém) a 9 de Agosto de 1983, de deserções em menos escala em Loré, no subdistrito de Lospalos (Lautém) e em Serelau, no subdistrito de Moro (Lautém), e da descoberta de um plano para uma acção semelhante em Iliomar, as forças militares indonésias prenderam centenas de homens e mulheres em todo o distrito. Entre Agosto de 1983 e Março de 1984, cerca de 100 civis, sobretudo homens, foram executados em vários locais do distrito.

- Os “levantamentos” em Viqueque e em Lautém assinalaram o fim de um cessar-fogo que fora acordado entre as forças indonésias e a Resistência em Março de 1983 e o início de uma operação, a *Operasi Persatuan* (Operação Unidade), que o recém-empossado comandante-em-chefe das Forças Armadas indonésias, general Benny Murdani, disse ter por objectivo a erradicação total da Resistência. Um dos principais alvos desta operação eram civis com actividades clandestinas. A Comissão recebeu depoimentos sobre a execução e o desaparecimento de mais de 250 civis nos distritos de Lautém, Viqueque, Baucau, Díli, Aileu, Manufahi, Ainaro, Bobonaro e Covalima entre Agosto de 1983 e meados de 1984 (excluindo os que foram mortos em Viqueque imediatamente após o ataque de Kraras), bem como a detenção, prisão, tortura e maus-tratos de muitos outros, incluindo a sua prisão a longo prazo, sem julgamento, em Ataúro e noutros locais, ou após julgamentos manifestamente injustos. A natureza sistemática destas execuções é evidente para a Comissão devido aos comentários do comandante-em-chefe das Forças Armadas indonésias, à sua dimensão e também devido a provas documentais recebidas pela Comissão, segundo as quais os chefes dos sucos e membros das forças de defesa civil receberam ordens para elaborar listas de pessoas que tinham sido membros activos da Resistência — listas estas que estiveram na origem das violações que se seguiram. Além disso, tal como as execuções e desaparecimentos de 1978/1979, a operação de 1983/1984 implicou a mobilização de diversas instituições do aparelho de segurança e da administração civil, incluindo as Forças Especiais (*Kopassus*), todos os níveis da estrutura territorial, batalhões de combate, forças de defesa civil, equipas paramilitares, Polícia civil e militar e funcionários da administração local.

1985/1998

1. No período de 1985/1998, o número de mortes e desaparecimentos perpetrados pelas *ABRI* e os seus auxiliares diminuiu em relação aos anos anteriores da ocupação. No entanto, as forças de segurança indonésias continuaram a matar e a provocar o desaparecimento de civis com ligações, reais ou suspeitas, a grupos que resistiam à ocupação, incluindo membros da Fretilin/Falintil, das redes clandestinas e de outros grupos pró-independência.

Embora o número de violações fatais tenha diminuído, aquelas que ocorreram não podem ser consideradas actos excepcionais provocados por “elementos marginais”. A impunidade criou um clima em que as seguintes práticas institucionais eram toleradas e consentidas:

- Executar civis que eram recrutados à força para participar em operações militares ou em exercícios durante acções militares
- Executar civis em substituição de combatentes que conseguiam fugir
- Abrir fogo sobre um grupo ou pessoas desprevenidas que faziam as suas actividades quotidianas, sem razão aparente
- Abrir fogo sobre uma multidão de manifestantes desarmados.

Estas práticas são ilustradas pelos seguintes casos:

- No dia 12 de Novembro de 1991, as forças de segurança indonésias abriram fogo contra um grupo de manifestantes que exibiam estandartes e bandeiras pró-independência no cemitério de Santa Cruz, em Díli. Os manifestantes tinham-se dirigido ao cemitério para prestar homenagem a Sebastião Gomes Rangel, um activista clandestino, morto durante um ataque à Igreja de Motael, a 28 de Outubro de 1991. Pelo menos 75 civis (e, quase de certeza, muitos mais) foram mortos no cemitério e depois da manifestação.
  - No dia 12 de Janeiro de 1995, membros das *ABRI/TNI* não conseguiram capturar uma pessoa suspeita de ser combatente das Falintil em Gariana (Maubara, Liquiça). Em resposta a este fracasso, os membros das forças de segurança arrastaram seis civis até uma vala e executaram-nos
  - Em Outubro e Novembro de 1998, em Alas (Manufahi), as forças de segurança indonésias e auxiliares seus prenderam centenas de civis, em retaliação pela execução de pessoas suspeitas de serem informadores e por um ataque contra alvos militares levado a efeito pelas Falintil, e executaram, ou fizeram desaparecer, vinte pessoas nas semanas seguintes.
2. Reagindo à pressão nacional e internacional, os militares indonésios realizaram investigações internas e moveram processos judiciais contra pessoal de nível hierárquico relativamente baixo, em pelo menos dois casos: após o Massacre de Santa Cruz em Díli, em 1991, e o homicídio de seis civis em Gariana (Maubara, Liquiça) em 1995. Em ambos os casos, os processos do tribunal militar resultaram na aplicação de penas leves, entre oito meses e quatro anos de prisão, aos militares de baixa patente. Os processos não foram realizados de maneira a apurar a verdade do que acontecera durante estes incidentes, nem a atribuir responsabilidade pelas atrocidades cometidas.
  3. A prática institucional das forças de segurança indonésias sofreu uma alteração na década de 1990, resultando numa nova diminuição dos números de mortes ilícitas e desaparecimentos forçados, sobretudo após o massacre de Santa Cruz, em Novembro de 1991. A alteração foi influenciada por vários factores, incluindo um movimento clandestino cada vez mais arrojado e sofisticado — que utilizava a os meios de comunicação social internacionais, os mecanismos de direitos humanos e a diplomacia — , um maior escrutínio internacional após o Massacre de Santa Cruz, a criação da Comissão de Direitos Humanos Indonésia, o aparecimento de uma sociedade civil indonésia e timorense centrada nos direitos humanos e, por último, a *Reformasi* (Reforma) na Indonésia. No final da década de 1990, em resposta à crescente afirmação pública do movimento pró-independência, o número de mortes ilícitas e desaparecimentos forçados voltou a aumentar. No entanto, a maioria destes actos já não eram directamente cometidos por membros das forças de segurança indonésias, mas pelos seus auxiliares.

1999

4. Em 1999, as forças de segurança indonésias e os seus auxiliares realizaram uma campanha de violência coordenada e sustentada, com o objectivo de intimidar o movimento pró-independência e depois de assegurar que o resultado da Consulta Popular organizada pelas Nações Unidas fosse favorável à Indonésia. Milhares de civis foram presos, centenas de milhares foram deslocados à força e entre 1.400 e 1.500 foram mortos ou desapareceram ao longo do ano. A maioria das violações fatais ocorreu em Abril, antes da assinatura do Acordo de 5 de Maio, e em Setembro e Outubro, após o anúncio do resultado da votação.

A impunidade criou um contexto em que as mortes ilícitas ou o desaparecimento forçado de civis eram tolerados, apoiados e consentidos. Tal como em anos anteriores, quando as *ABRI/TNI* lançaram operações contra a população civil, foram mobilizados todos os ramos do aparelho de segurança, incluindo auxiliares, e grande parte da administração civil para concretizar os seus objectivos. Ao longo deste período, as *ABRI/TNI*, a Polícia e os grupos de milícias actuaram de maneira coordenada. As bases militares foram abertamente utilizadas como quartéis-generais

das milícias e foi distribuído equipamento militar, incluindo armas de fogo, aos grupos de milícias. Alguns funcionários das *ABRI/TNI* eram também comandantes membros de milícias. Agentes dos serviços de informação das *ABRI/TNI* forneceram listas com nomes de pessoas a serem marcadas como alvos e coordenaram ataques. As autoridades civis canalizaram abertamente fundos para os grupos de milícias e participaram em comícios das milícias e noutras actividades.

A dimensão deste conluio é ilustrada pelos seguintes casos:

- No dia 6 de Abril de 1999, cerca de 2.000 civis refugiados na Igreja de Liquiça foram atacados pela milícia *Besi Merah Putih*, juntamente com soldados do *Kodim* de Liquiça e membros da *Brimob* (Brigada Móvel da Polícia). Foram mortos pelo menos 30 a 60 civis e os seus corpos foram transportados em camiões militares e eliminados em locais secretos.
- No dia 12 de Abril de 1999, como retaliação pela alegada morte pelas Falintil de um soldado das *ABRI/TNI* e de um líder pró-autonomia, centenas de civis nos sucos do subdistrito de Cailaco (Bobonaro) foram reunidos, recebendo ordens para assistirem às exéquias do líder pró-autonomia. Pelo menos sete pessoas suspeitas de serem apoiantes da independência foram executadas por soldados do *TNI* e por membros da milícia *Halilintar* no *Koramil*, a 100 metros do local onde decorriam as cerimónias fúnebres. Outras 13 pessoas foram executadas nas semanas seguintes.
- No dia 17 de Abril de 1999, no final de um comício pró-autonomia frente ao gabinete do governador em Díli — presenciada pelo governador de Timor Leste, pelo administrador do distrito de Díli, pelo comandante militar da província, coronel Tono Suratman, pelo assistente de operações do chefe do Estado-Maior do Exército, major-general Kiki Syahnakri, o comandante militar regional (*Udayana*), Adam Damiri, e por mais dois oficiais superiores — a milícia *Aitarak* provocou uma onda violenta de devastação, que culminou com o ataque à residência de Manuel Carrascalão, onde centenas de pessoas deslocadas se haviam refugiado.
- No dia 6 de Setembro de 1999, a milícia *Laksaur*, juntamente com membros das forças de segurança indonésias, atacaram milhares de refugiados que haviam procurado segurança na Igreja de Suai (Covalima). Pelo menos 27 pessoas foram mortas, incluindo três sacerdotes, e possivelmente até mais. Os corpos foram queimados e alguns transportados para Timor Ocidental (Indonésia), a fim de serem enterrados em local secreto.
- Nos dias 5 e 6 de Setembro de 1999, a milícia *Aitarak*, juntamente com membros das forças de segurança indonésias, atacou centenas de pessoas que se haviam refugiado em locais relacionados com a Igreja, nomeadamente as instalações da Diocese de Díli, a residência do Bispo de Díli, conventos e os escritórios do Comité Internacional da Cruz Vermelha. Pelo menos 19 civis foram mortos, ou desapareceram destes locais de refúgio. No dia anterior, 4 de Setembro, a milícia tinha atacado o bastião pró-independência de Becora, em Díli, matando pelo menos 7 homens.
- No dia 8 de Setembro de 1999, a milícia *Dadurus Merah Putih* e outras milícias, sob o comando das forças de segurança indonésias, atacaram milhares de pessoas que se haviam refugiado na esquadra de polícia de Maliana, perseguindo e matando os que conseguiram fugir no dia seguinte. Antes do ataque, líderes do CNRT pediram aos membros da Polícia indonésia que lhes dessem protecção, mas os seus apelos foram ignorados. Pelo menos 26 civis foram mortos ou desapareceram, sobretudo líderes locais do CNRT e pessoas suspeitas de serem apoiantes da independência, incluindo um rapaz de 12 anos. Os corpos foram levados para um local secreto e eliminados.
- No dia 12 de Setembro de 1999, durante uma tentativa de deportar à força os aldeões do suco de Laktos, Fohorem (Covalima), a milícia *Laksaur* e as forças de segurança indonésias mataram 14 homens que resistiram a ser deslocados para Timor Ocidental.
- No dia 21 de Setembro de 1999, soldados das *ABRI/TNI* do Batalhão 745, mataram aleatoriamente civis durante a sua retirada de Lospalos (Lautém) para Díli e posteriormente para Kupang (Timor Ocidental, Indonésia). Pelo menos oito pessoas, incluindo um jornalista estrangeiro, foram mortas ou desapareceram durante o trajecto dos soldados, desde Lospalos até Díli.

- No dia 20 de Outubro de 1999, as milícias *Sakunar* e *Aitarak*, juntamente com membros das forças de segurança indonésias, ao reunirem os habitantes de Maquelab (Pante Makassar, Oecusse) para os deportarem para Timor Ocidental, executaram seis homens no mercado de Maquelab. Seis outros foram mortos mais tarde, durante um ataque contra o suco.
- 5. Em 1999, as vítimas de mortes ilícitas e desaparecimentos forçados eram predominantemente homens em idade militar com ligações a grupos pró-independência — como o CNRT, o movimento clandestino e organizações de juventude e estudantis — ou suspeitos de as terem. No entanto, como o objectivo dos militares e dos seus aliados era intimidar a população em geral para que votasse a favor da “integração” na Indonésia, o seu alvo era muito alargado e os seus métodos indiscriminados. Por conseguinte, as mulheres e as crianças que procuravam refúgio junto das suas famílias também eram mortas durante os massacres. Outros grupos suspeitos de apoiar grupos pró-independência, como o clero, os estudantes e os funcionários locais da UNAMET, também foram marcados como alvos, sobretudo após o anúncio do resultado da votação.
- 6. Ao longo do período da ocupação (1975/1999), os métodos e as circunstâncias em que as mortes ilícitas foram perpetradas incluíram:

- Fuzilamento indiscriminado de grupos de civis desarmados
  - Dividir grupos de civis desarmados por género e fuzilar indiscriminadamente os homens
  - Ordenar às vítimas que escavassem as suas próprias sepulturas antes da execução
  - Ordenar às vítimas que formassem em linha antes de executá-las, linha a linha
  - Execução de pessoas desarmadas à queima-roupa
  - Eliminação dos cadáveres através de fogo, enterros secretos rápidos, ou atirando-os para um poço, um lago ou para o mar, sem tentar identificar a vítima e os seus familiares mais próximos
  - Atirar granadas para o meio de um grupo de civis desarmados
  - Morte sob custódia devido a espancamento e tortura
  - Execução imediata após a captura durante operações militares
  - Decapitação em público
  - Actos públicos de canibalismo, reais ou encenados
  - Corte de partes do corpo em público
  - Exibição pública de cabeças decapitadas ou de membros ou partes do corpo amputados
  - Forçar um civil a matar outro civil sob coacção
  - Amarrar a vítima a um veículo motorizado e arrastá-la até à morte
  - Imolação
  - Amarrar a vítima a uma cruz antes da execução
  - Atirar a vítima de um penhasco, por vezes depois de ferida
  - Enterrar uma vítima ferida ainda viva
  - Execução em público de marido e mulher, depois de os desnudar, batendo-lhes em seguida na nuca e derrubando-os para dentro de uma sepultura
  - Espancar as vítimas em público até à morte
  - Exibição de cadáveres em público
  - Agressão mortal com armas tradicionais, como catanas, lanças e facas
  - Morte devido a actos de tortura
  - Rapto seguido de desaparecimento, sendo a vítima vendada e amarrada em alguns casos
  - Execução selectiva pelas milícias, baseada em listas elaboradas por funcionários militares
  - Execução de presos nos centros de detenção e em locais isolados na zona rural, como lagos e pontes rurais
  - Mostrar orelhas e órgãos genitais dos desaparecidos aos familiares das vítimas
  - Violação sexual antes do homicídio de vítimas do sexo feminino
7. No meio desta litania de atrocidades, houve um pequeno número de pessoas corajosas que evitaram deliberadamente a ordem para executar civis desarmados, tentando impedir estes crimes.

- Um membro do Batalhão 745 de Bobonaro recusou-se a executar um grupo de civis, que incluía mulheres e crianças, impedindo um massacre em Rotuto (Manufahi), em 1982.
- Um membro indonésio da *Brimob* levou secretamente uma líder do CNRT para um local seguro no dia após a votação, em Gleno, Ermera, em 1999. Embora ela tenha ficado segura no início, acabou por ser violada sexualmente e morta pela milícia quando tentou regressar a casa uma semana mais tarde.
- Um agente timorense da Polícia foi morto a tiro pela milícia e pelas *ABRI/TNI* quando tentou impedir membros da milícia de saquear e queimar um suco em Maubisse (Ainaro).

Ao longo da ocupação, os comandantes militares indonésios ordenaram, apoiaram e consentiram, de maneira generalizada e sistemática, a morte ilícita e o desaparecimento forçado de milhares de civis em Timor-Leste. O elevado número de fatalidades, a prova de que muitas ocorreram durante operações coordenadas e realizadas por todo o território e os esforços desenvolvidos por organizações não governamentais, nacionais e internacionais, para informar as autoridades militares e civis em Jacarta de que estas atrocidades estavam a ser cometidas, elimina a possibilidade de as mais altas esferas das Forças Armadas, da Polícia e da administração civil indonésias não saberem o que se estava a passar. O fracasso sistemático da liderança militar e civil indonésia em impedir e travar estes actos, dos quais tinham necessariamente conhecimento, e punir os perpetradores directos destes crimes, é, por si só, prova de cumplicidade.

8. Sem uma completa divulgação da informação, os militares indonésios ainda hoje continuam a perpetuar e a apoiar os actos de desaparecimento forçado. Com efeito, os actos que constituem desaparecimento forçado devem ser considerados infracção contínua, enquanto os perpetradores continuarem a esconder o destino e o paradeiro das pessoas desaparecidas.

---

<sup>1</sup> Memorando dirigido por A. Pasquier ao Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) em Genebra, intitulado *International Committee of the Red Cross, East Timor Relief Operation, Concerning: Situation in Timor, Report of the activities of the delegation from 1-15 September*. Darwin, 16 de Setembro de 1975.

<sup>2</sup> Xanana Gusmão, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.

<sup>3</sup> Domingos Oliveira, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.

<sup>4</sup> João Carrascalão, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.

<sup>5</sup> Mari Alkatiri, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.

<sup>6</sup> Mário Carrascalão, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.

<sup>7</sup> Francisco Xavier do Amaral, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.

- 
- <sup>8</sup> Domingos Oliveira, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>9</sup> Mari Alkatiri, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>10</sup> Mário Carrascalão, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003,
- <sup>11</sup> Mari Alkatiri, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>12</sup> Rogério Lobato, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>13</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Mulo, subdistrito de Hatu Bulico, distrito de Ainaro, 2 de Fevereiro de 2004; CAVR, Perfil Comunitário de Kasabauk [então Maudemo], subdistrito de Tilomar, distrito de Covalima; CAVR, Perfil Comunitário de Uaitame, subdistrito de Quelecai, distrito de Baucau, 12 de Dezembro de 2003; CAVR, Perfil Comunitário de Orlalan/Batara, subdistrito de Laclubar, distrito de Manatuto, 24 de Janeiro de 2003; CAVR, Perfil Comunitário de Bibileo, subdistrito de Lacluta, distrito de Viqueque, 5 de Junho de 2003; CAVR, Perfil Comunitário de Saburai, subdistrito de Maliana, distrito de Bobonaro, 13 de Janeiro de 2003.
- <sup>14</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 1003, 1670, 3576, 8427, 8130, 4990 e 4993.
- <sup>15</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Maluau, subdistrito de Maubisse, distrito de Ainaro, 26 de Maio de 2003; ver também HRVD, Testemunhos n.ºs 4993, 4990 e 8130.
- <sup>16</sup> HRVD, Testemunho n.º 6443.
- <sup>17</sup> HRVD, Testemunho n.º 2507.
- <sup>18</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Vila Verde, Mascarenhas e Rumbia, distrito de Díli, 10 de Junho de 2003.
- <sup>19</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Asucaí Lorosa'e, distrito de Díli (sem data).
- <sup>20</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Bemori, distrito de Díli, (sem data).
- <sup>21</sup> Entrevistas da CAVR a Carlos Vicente de Sousa, Guilherme Martins e Manuel Henrique Ena, Darulete, Liquiça, 8 de Março de 2004; ver também CAVR, Perfil Comunitário de of Darulete, distrito de Liquiça, 13 de Fevereiro de 2003.
- <sup>22</sup> Entrevista da CAVR a Guilherme Martins, Darulete, Liquiça, 8 de Março de 2004; ver também HRVD, Testemunho n.º 3570.
- <sup>23</sup> Entrevistas da CAVR a Adelina Freitas, Vicente de Sousa, Guilherme Martins e Henrique Ena, Darulete, Liquiça, 8 de Março de 2004.
- <sup>24</sup> HRVD, Testemunho n.º 3003.
- <sup>25</sup> HRVD, Testemunho n.º 5428.
- <sup>26</sup> HRVD, Testemunho n.º 3570.
- <sup>27</sup> HRVD, Testemunho n.º 2054.
- <sup>28</sup> Entrevista da CAVR a Brigida Martins, Liquiça, 10 de Março de 2004. Corroborada por HRVD, Testemunho n.º 3003.
- <sup>29</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Manelobas, subdistrito de Maubisse, distrito de Ainaro, 23 de Maio de 2003.
- <sup>30</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Manetu, subdistrito de Maubisse, distrito de Ainaro, 8 de Julho de 2003.

- 
- <sup>31</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Edi, subdistrito de Maubisse, distrito de Ainaro, 9 de Junho de 2003.
- <sup>32</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Maluau, subdistrito de Maubisse, distrito de Ainaro, 26 de Maio de 2003; ver também HRVD, Testemunho n° 4993.
- <sup>33</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Asumano, distrito de Liquiça, 6 de Fevereiro de 2003.
- <sup>34</sup> Entrevista da CAVR a Manuel Luís, Lisboa, Portugal, 10 de Março de 2004; ver também HRVD, Testemunho n° 0280.
- <sup>35</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Asumano, subdistrito de Liquiça, distrito de Liquiça, 6 de Fevereiro de 2003.
- <sup>36</sup> HRVD, Testemunho n° 4882.
- <sup>37</sup> HRVD, Testemunho n° 5467.
- <sup>38</sup> HRVD, Testemunho n° 1071.
- <sup>39</sup> HRVD, Testemunho n° 6199.
- <sup>40</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Barbosa, Turiscai, distrito de Manufahi, 8 de Setembro de 2003.
- <sup>41</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Xavier do Amaral, Díli, 18 de Junho de 2004.
- <sup>42</sup> Mateus Soares, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>43</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Orlalan/ Batara, Laclubar, distrito de Manatuto, 24 de Agosto de 2003; ver também Entrevista da CAVR a Francisco Barbosa, Turiscai, distrito de Manufahi, 8 de Setembro de 2003.
- <sup>44</sup> HRVD, Testemunho n° 01413.
- <sup>45</sup> HRVD, Testemunho n° 1468.
- <sup>46</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Asumano, subdistrito de Liquiça, distrito de Liquiça, 6 de Fevereiro de 2003.
- <sup>47</sup> Entrevistas da CAVR a Manuel Henrique Ena e Carlos Vicente, Darulete, Liquiça, 8 de Março de 2004.
- <sup>48</sup> Entrevista da CAVR a Carlos Vicente, Darulete, Liquiça, 8 de Março de 2004.
- <sup>49</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Darulete, subdistrito de Liquiça, distrito de Liquiça, 13 de Fevereiro de 2003.
- <sup>50</sup> HRVD, Testemunho n° 1088.
- <sup>51</sup> Entrevista da CAVR a Mário Nicolau dos Reis, Díli, 17 de Janeiro de 2002 e 27 de Julho de 2003; Entrevista da CAVR a Maria José Fátima Ximenes, Díli, [sem data]; Entrevista da CAVR a Manuel Agustino Freitas, Bobonaro, 12 de Junho de 2003; ver também HRVD, Testemunhos n° 3742, 5698 e 03715.
- <sup>52</sup> Entrevista da CAVR a Mário Nicolau dos Reis, Díli, 17 de Janeiro de 2002 e 27 de Julho de 2003; corroborada por HRVD, Testemunho n° 5698.
- <sup>53</sup> Entrevista da CAVR a Mário Nicolau dos Reis, Díli, 17 de Novembro de 2002 e 27 de Julho de 2004.
- <sup>54</sup> Em geral, ver Mário Lemos Pires, *Descolonização de Timor*, Capítulo sobre o movimento armado da UDT.
- <sup>55</sup> Entrevista da CAVR a João da Costa, antigo prisioneiro da UDT, Same, 24 de Junho de 2003; ver também HRVD, Testemunho n° 06465-01; Entrevista da CAVR a Francisco Gonçalves, então prisioneiro da Fretilin, Díli, 14 de Junho de 2003.
- <sup>56</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Lacló, subdistrito de Atsabe, distrito de Ermera, 16 de Junho de 2003.

- 
- <sup>57</sup> HRVD, Testemunho n° 2223.
- <sup>58</sup> HRVD, Testemunho n° 8345; ver também HRVD, Testemunho n° 8384.
- <sup>59</sup> Entrevista da CAVR a Elidio Maria de Jesus, Díli, 24 de Junho de 2003.
- <sup>60</sup> Monis da Maia, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974-1976, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>61</sup> Monis da Maia, *ibid.*
- <sup>62</sup> Monis da Maia, *ibid.*
- <sup>63</sup> Entrevista da CAVR a Rosa Pina Meneses, [mulher da vítima] Díli, 22 de Agosto de 2003; ver também Entrevista da CAVR a Laura Pina Meneses Belo, Díli, 22 de Agosto de 2003.
- <sup>64</sup> Entrevista da CAVR a Lucas da Costa, Díli, 21 de Junho de 2004.
- <sup>65</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Xavier do Amaral, Díli, 18 de Junho de 2004.
- <sup>66</sup> HRVD, Testemunho n° 9182.
- <sup>67</sup> Manuel Duarte, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974-1976, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>68</sup> Manuel Duarte, *ibid.*
- <sup>69</sup> Entrevista da CAVR a Florentino de Jesus Martins, Talimoro, Ermera, 25 de Agosto de 2003.
- <sup>70</sup> Entrevista da CAVR a Lorenço dos Santos, Poetete, Ermera, 25 de Agosto de 2003; ver também Entrevista da CAVR a Manuel Duarte, Urahou, Hatulia, Ermera, 23 de Setembro de 2003; ver também Entrevista da CAVR a Florentino de Jesus Martins, Poetete, Ermera, 25 de Agosto de 2003.
- <sup>71</sup> Entrevista da CAVR a Eufrázia de Jesus Soares, Gleno, Ermera, 25 de Setembro de 2003.
- <sup>72</sup> HRVD, Testemunho n° 9016.
- <sup>73</sup> HRVD, Testemunho n° 7946.
- <sup>74</sup> Entrevista da CAVR a Adelino Maia, [sem data]; ver também Testemunho n° 1688; ver ainda Entrevista da CAVR a Carolino Madeira, Lauana, Letefoho, 24 de Setembro de 2003.
- <sup>75</sup> HRVD, Testemunho n° 1082.
- <sup>76</sup> HRVD, Testemunho n° 1082.
- <sup>77</sup> HRVD, Testemunho n° 2610.
- <sup>78</sup> HRVD, Testemunho n° 6990.
- <sup>79</sup> Apresentação à CAVR, *Operasi Militer ABRI Wilayah Timor Timur, 1974-1999*, Lembaga Studi dan Advokasi Masyarakat (Operações militares das ABRI em Timor-Leste, 1974-1999, Instituto para a Representação e Estudos Comunitários), Elsam, Jakarta, Março de 2004.
- <sup>80</sup> HRVD, Testemunhos n° 1107, 1164, 1123, 179, 2004, 2574, 2589, 2468, 4221, 4280, 4285 e 4348.
- <sup>81</sup> Entrevista da CAVR a Cláudio Vieira, Bairro Pite, Díli, 10 de Junho de 2004.
- <sup>82</sup> HRVD, Testemunho n° 1136.
- <sup>83</sup> HRVD, Testemunho n° 4607.
- <sup>84</sup> *Ibid.*
- <sup>85</sup> Entrevista da CAVR a Florentino de Jesus Martins, Talimoro, Ermera, 25 de Agosto de 2003.
- <sup>86</sup> *Ibid.*
- <sup>87</sup> Entrevistas da CAVR a Tomás Gonçalves, 8 de Junho de 2004 e 13 de Setembro de 2004.

- 
- <sup>88</sup> *Sydney Morning Herald*, 29 de Maio de 1999. ÀP, 20 de Outubro de 1999.
- <sup>89</sup> Ball and McDonald, *op. cit.*, p. 101.
- <sup>90</sup> Publicado em *The Canberra Times*, a 29 de Outubro de 1975.
- <sup>91</sup> Tom Sherman, Relatório de 1996, p. 89.
- <sup>92</sup> Entrevista, gravada em vídeo, da CAVR a Guido dos Santos, Balibó, Bobonaro, 21 de Julho de 2004.
- <sup>93</sup> Ver depoimento juramentado do investigador da CAVR sobre a conversa havida com Guido dos Santos.
- <sup>94</sup> Entrevista da CAVR a Olandino Luís Maia Guterres, Díli, 7 de Junho de 2004.
- <sup>95</sup> Ver Relatório Sherman de 1996, pp. 62-63.
- <sup>96</sup> Sobre este assunto, ver Relatório de Tom Sherman de 1996, p.110; Ball and McDonald, p. 115; e “The Balibo Mortes 1975 and intelligence handling - a report of an inquiry by the Inspector-general of Intelligence and Security” (“The Blick Report”), Junho de 2002.
- <sup>97</sup> Ver, por exemplo, Conboy, *Kopassus*.
- <sup>98</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], 24 de Agosto de 2004, Díli. Ver também James Dunn, *Timor: a People Betrayed*, Jacaranda Press, The Jacaranda Press, Milton, Queensland, 1983, p. 284; ver ainda Amnesty International, *East Timor Violations*, p. 26.
- <sup>99</sup> Entrevista da CAVR a Lay Kuo Nhen, Díli, 23 de Fevereiro de 2004; Entrevista da CAVR a W2, Díli, 24 de Agosto de 2004; ver também documento disponibilizado à CAVR, Entrevista a Chong Kui Yan, Anthony Goldstone, Austrália, 1984.
- <sup>100</sup> Entrevista da CAVR a Afonso Luís Silveira, Díli, 14 de Dezembro de 2003.
- <sup>101</sup> Entrevista da CAVR a Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, Indonésia, 9 de Agosto de 2004.
- <sup>102</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], 24 de Agosto de 2004, Díli; ver também apresentação à CAVR, “East Timorese Morto as a direct result of the Indonesian Invasion of East Timor in 1975 and the subsequent occupation of East Timor by Indonesian Military Forces,” Anthony Goldstone.
- <sup>103</sup> *Ibid.*
- <sup>104</sup> Depoimento de Chong Kui Yan, citado em Amnesty International, *East Timor Violations*, p. 26.
- <sup>105</sup> Entrevista da CAVR a Alberto de Oliveira Camra, Díli, 17 de Agosto de 2004. Este relato é corroborado pela entrevista da CAVR a Francisco da Cunha, Díli, 3 de Fevereiro de 2004.
- <sup>106</sup> Entrevista da CAVR a Francisco da Cunha, Díli, 3 de Fevereiro de 2004; ver também Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 16 de Agosto de 2004..
- <sup>107</sup> Entrevista da CAVR a Felismina dos Santos da Conceição, Díli, 19 de Novembro de 2003.
- <sup>108</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Soriano, Díli, 4 de Julho de 2004.
- <sup>109</sup> *Ibid.*
- <sup>110</sup> Entrevista da CAVR a Francisco da Cunha, Díli, 3 de Fevereiro de 2004; ver HRVD, Testemunho nº 2566.
- <sup>111</sup> HRVD, Testemunho nº 2566.
- <sup>112</sup> Entrevista da CAVR a Felismina dos Santos da Conceição, Díli, [sem data], Novembro de 2003.
- <sup>113</sup> Entrevista da CAVR a Domingos Freitas, Díli, 29 de Junho de 2004.
- <sup>114</sup> Entrevista da CAVR a Filomeno Gomes, Díli, 25 de Junho de 2004
- <sup>115</sup> Entrevista da CAVR a Alexandrino do Rego, Díli, 22 de Agosto de 2004.
- <sup>116</sup> Entrevista da CAVR a Sebastiana Henrique Guterres Soares Belo, Díli, 14 de Agosto de 2004.

- 
- <sup>117</sup> Entrevista da CAVR a Alberto de Oliveira Camra, Díli, 15 de Agosto de 2004.
- <sup>118</sup> HRVD, Testemunho nº 3708.
- <sup>119</sup> Entrevista da CAVR a Maria Filomena Godinho Isaac, Díli, 13 de Agosto de 2004.
- <sup>120</sup> HRVD, Testemunho nº 3708.
- <sup>121</sup> Entrevista da CAVR a Acácio da Costa Carvalho, Díli, 16 de Agosto de 2004; ver também HRVD, Testemunho nº 5072.
- <sup>122</sup> HRVD, Testemunho nº 5073.
- <sup>123</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 16 de Agosto de 2004, Díli; ver também Testemunhos nº 5072, 5069, e 5070.
- <sup>124</sup> Entrevista da CAVR a Felismina dos Santos da Conceição, Díli, [sem data] Novembro de 2004.
- <sup>125</sup> Entrevista da CAVR a Iria de Araújo, Díli, 4 de Agosto de 2004.
- <sup>126</sup> Entrevista da CAVR a Daniel João Batista, Kupang, Timor Ocidental, Indonésia, 21 de Julho de 2004.
- <sup>127</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 13 de Agosto de 2004.
- <sup>128</sup> Depoimento de Chong Kui Yan, em Amnesty International, *East Timor Violations*, p. 26.
- <sup>129</sup> Entrevista a Laurinha Guterres Ximenes em *Vox Populi*, No. 14, Minggu IV, June, 2004, p. 14.
- <sup>130</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], Díli, 24 de Agosto de 2004. Ver também Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 13 de Agosto de 2004; Entrevista da CAVR a Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, Indonésia, 9 de Agosto de 2004; Entrevista da CAVR a Daniel João Batista, Kupang, Timor Ocidental, Indonésia, 21 de Julho de 2004 e “Isabel dos Santos Barreto Lobato: Putri Bangsa yang Dilupakan,” (Isabel dos Santos Barreto Lobato: Uma filha esquecida da Nação) *Vox Populi*, No. 14, June, 2004, p. 14.
- <sup>131</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], Díli, 24 de Agosto de 2004.
- <sup>132</sup> Entrevista da CAVR a Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, Indonésia 9 de Agosto de 2004.
- <sup>133</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], 13 de Agosto de 2004. Corroborada pelo depoimento prestado por Chong Kui Yan, in Amnesty International, *East Timor Violations*, p. 26.
- <sup>134</sup> Entrevista da CAVR a Daniel João Batista, Kupang, Timor Ocidental, Indonésia, 21 de Julho de 2004 e entrevista da CAVR a Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, Indonésia, 9 de Agosto de 2004.
- <sup>135</sup> Ver Julius Poer, *Benny Murdani, Portrait of a Soldier Statesman*, Yayasan Keuangan Panglima Besar Sudirman, Jakarta, 1993, p. 400; ver também Saleh Kamah, *Seroja*, p. 154; ver também Hendro Subroto, *Eyewitness to Integration of East Timor*, Pustaka Sinar Harapan, Jakarta, 1997, p. 182; ver ainda entrevista da CAVR a Hermínio da Costa da Silva, Jacarta, Indonésia, 9 de Agosto de 2004.
- <sup>136</sup> Entrevista da CAVR a Hermínio da Costa da Silva, Jacarta, Indonésia, 9 de Agosto de 2004.
- <sup>137</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [A3], Díli, 16 de Agosto de 2004.
- <sup>138</sup> Entrevista da CAVR a Alexandrino do Rego, Díli, 4 de Fevereiro de 2004
- <sup>139</sup> Ibid.
- <sup>140</sup> Entrevista da CAVR a Alberto de Oliveira Camra, Díli, 17 de Agosto de 2004.
- <sup>141</sup> Entrevista da CAVR a Alexandrino do Rego, Díli, 4 de Fevereiro de 2004.
- <sup>142</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], Díli, 24 de Agosto de 2004.
- <sup>143</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo, Melbourne, Australia, [sem data].
- <sup>144</sup> Entrevista da CAVR a Iria de Araújo, Díli, 4 de Agosto de 2004.

- 
- <sup>145</sup> *Ibid.*
- <sup>146</sup> *Ibid.*
- <sup>147</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Soriano, Díli, 4 de Julho de 2004.
- <sup>148</sup> Entrevista da CAVR a Iria de Araújo, Díli, 4 de Agosto de 2004.
- <sup>149</sup> Entrevista da CAVR a informador anónimo [W2], Díli, 24 de Agosto de 2004; ver também HRVD, Testemunho nº 05064.
- <sup>150</sup> HRVD, Testemunho nº 09068.
- <sup>151</sup> Alexandre da Costa Araújo, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>152</sup> Entrevista da CAVR a Humberto Martins da Cruz, Díli, [sem data].
- <sup>153</sup> Alexandre da Costa Araújo, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>154</sup> Entrevistas da CAVR a João da Costa, Letefoho, Same, 24 de Junho de 2003; Francisco Gonçalves, Díli, 14 de Junho de 2003; e Aleixo Ximenes, Díli, 2 de Fevereiro de 2004; e Testemunhos nºs 09016, 09068 e 04742.
- <sup>155</sup> Entrevistas da CAVR a João da Costa, Letefoho, Same, 24 de Junho de 2003; e Assis dos Santos, Maliana [sem data].
- <sup>156</sup> Entrevista da CAVR a Monis da Maia, Díli, 5 de Dezembro de 2004; ver também Monis da Maia, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>157</sup> *Ibid.*
- <sup>158</sup> Entrevista da CAVR a Assis dos Santos, Maliana.
- <sup>159</sup> HRVD, Testemunho nº 09026.
- <sup>160</sup> Entrevista da CAVR a João da Costa, Same, 24 de Junho de 2004. Sobre o papel decisivo desempenhado por César Mau Laka, ver também entrevistas da CAVR a Luís Filipe Aquino Caldas, Díli, [sem data], e Francisco Gonçalves, Díli, 14 de Junho de 2003.
- <sup>161</sup> Ver também Testemunhos nº 09016 e 09026.
- <sup>162</sup> Entrevistas da CAVR a Manuel Gaspar (Torado), Uaitame, Uatu-Lari, Viqueque, 19 de Setembro de 2003; Agostinho Boavida Ximenes (Sera Malik), Soe, Timor Ocidental, 28 de Agosto de 2004.
- <sup>163</sup> Entrevista da CAVR a Agostinho Boavida Ximenes (Sera Malik), Soe, Timor Ocidental, 28 de Agosto de 2004. Ver também Xanana Gusmão, *Timor-Leste – Um Povo, Uma Pátria*, Edições Colibri, Lisboa, 1994, p. 26.
- <sup>164</sup> Entrevista da CAVR a Jacinto Alves, Díli, 11 de Maio de 2004.
- <sup>165</sup> Francisco Xavier do Amaral, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>166</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Gonçalves, Díli, 14 de Junho de 2003.
- <sup>167</sup> Entrevista da CAVR a Humberto Martins da Cruz, Díli, [sem data].
- <sup>168</sup> Entrevista da CAVR a Lucas da Costa, Díli, 21 de Junho de 2004.
- <sup>169</sup> Entrevistas da CAVR a José Catarino Gregório Magno Trindade de Melo (Labut Melo), Kupang, 23 de Julho de 2004; e Hermínio da Silva da Costa, Jacarta, 9 de Agosto de 2004.
- <sup>170</sup> Entrevista da CAVR a José Catarino Gregório Magno Trindade de Melo (Labut Melo), Kupang, 23 de Julho de 2004.

- 
- <sup>171</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Gonçalves, Díli, 14 de Junho de 2003.
- <sup>172</sup> Entrevistas da CAVR a Francisco Gonçalves, Díli, 14 de Junho de 2003; Luís António de Aquino Caldas, Díli, [sem data]; e Agostinho Boavida Ximenes (Sera Malik), 28 de Agosto de 2004, Soe, Timor Ocidental, Indonésia.
- <sup>173</sup> Xanana Gusmão, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>174</sup> Mari Alkatiri, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>175</sup> Francisco Xavier do Amaral, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>176</sup> Rogério Lobato, depoimento prestado à Audiência Pública Nacional sobre o Conflito Político Interno 1974/76, 15 a 18 de Dezembro de 2003.
- <sup>177</sup> HRVD, Testemunho n° 00166.
- <sup>178</sup> HRVD, Testemunho n° 05040.
- <sup>179</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02208 e 03564.
- <sup>180</sup> HRVD, Testemunho n° 03554.
- <sup>181</sup> HRVD, Testemunhos n°s 05027 e 05018.
- <sup>182</sup> HRVD, Testemunho n° 04191.
- <sup>183</sup> HRVD, Testemunho n° 04068.
- <sup>184</sup> HRVD, Testemunho n° 02079.
- <sup>185</sup> HRVD, Testemunho n° 00464.
- <sup>186</sup> HRVD, Testemunho n° 04517.
- <sup>187</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n°s 05058 e 03254.
- <sup>188</sup> Padre José Tavares, *Tuba Rai Metin*, Bases da Resistência, 27 de Março de 2002.
- <sup>189</sup> HRVD, Testemunho n° 03829.
- <sup>190</sup> HRVD, Testemunho n° 00537.
- <sup>191</sup> HRVD, Testemunho n° 05363.
- <sup>192</sup> HRVD, Testemunho n° 03897.
- <sup>193</sup> HRVD, Testemunho n° 03067.
- <sup>194</sup> HRVD, Testemunho n° 05235.
- <sup>195</sup> HRVD, Testemunho n° 03551.
- <sup>196</sup> HRVD, Testemunho n° 01669.
- <sup>197</sup> HRVD, Testemunho n° 00447.
- <sup>198</sup> HRVD, Testemunho n° 00487.
- <sup>199</sup> HRVD, Testemunho n° 04495.
- <sup>200</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01347 e 03152.
- <sup>201</sup> HRVD, Testemunho n° 05052.
- <sup>202</sup> HRVD, Testemunho n° 08909.

- 
- <sup>203</sup> HRVD, Testemunho n° 06409.
- <sup>204</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01311, 03372, 01043, 01687, 01311, 03372 e 03252; ver também Lúcio Meneses Lopes, depoimento à CAVR, Audiência Pública nacional sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>205</sup> HRVD, Testemunho n° 04531.
- <sup>206</sup> HRVD, Testemunho n° 05493.
- <sup>207</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n°s 02238, 00503, 07411, 04984, e 04995.
- <sup>208</sup> HRVD, Testemunho n° 03372.
- <sup>209</sup> HRVD, Testemunho n° 08536.
- <sup>210</sup> HRVD, Testemunho n° 03091.
- <sup>211</sup> HRVD, Testemunho n° 07210.
- <sup>212</sup> HRVD, Testemunho n° 04474.
- <sup>213</sup> HRVD, Testemunho n° 04200.
- <sup>214</sup> HRVD, Testemunhos n°s 05264 e 05279.
- <sup>215</sup> HRVD, Testemunho n° 06547. Para outros homicídios perpetrados pelo *Tonsus* nesta área, ver os HRVD, Testemunhos n°s 05296, 08014, 06480, 01938 e 06553.
- <sup>216</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n°s 08538, 08538, 00543, 06179, 06179, 07696, 07676, 07076, 03165, 03252, 05336, 05263, 08345, 06179, 07988, 00446, 02510, 07803, 03091, 08950 e 04185-05.
- <sup>217</sup> HRVD, Testemunho n° 00543.
- <sup>218</sup> HRVD, Testemunho n° 07431.
- <sup>219</sup> HRVD, Testemunho n° 04216.
- <sup>220</sup> Ver os HRVD, Testemunhos n°s 02323, 05288, 05365, 03429, 05408, 00079, 03401, 03224, 04073, 02257, 02264, 05324, 06961, 05408, 04073, 03429 e 04085; e CAVR, Perfil Comunitário de Debu-Waen, Mahaquidan, subdistrito de Alas, distrito de Manufahi, CAVR, Perfil Comunitário de Hera, distrito de Díli e CAVR, Perfil Comunitário de Liurai, vila de Aileu, distrito de Aileu.
- <sup>221</sup> HRVD, Testemunho n° 08911.
- <sup>222</sup> Para o ano de 1980, ver HRVD, Testemunho n° 06961 ; CAVR, Perfil Comunitário de Liurai, Aileu, vila de Aileu, distrito de Aileu; e CAVR, Perfil Comunitário de Hera, Cristo Rei, distrito de Díli; para 1983-84, ver os HRVD, Testemunhos n°s 04772 (Manufahi), 01447 (Aileu), 02323 (Baucau), 02359 (Baucau) e 03834 (Baucau).
- <sup>223</sup> HRVD, Testemunhos n°s 04073, 04085 e 03219; e Entrevista da CAVR a Florindo Sarmiento, Aileu, [não datada].
- <sup>224</sup> HRVD, Testemunhos n°s 03224, 03218, 03219, 92979 e 02082.
- <sup>225</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02257, 02252, 02264 e 02259; CAVR, Perfil Comunitário de Iparira/Laiara, vila de Parlamento, subdistrito de Moro, distrito de Lautém.
- <sup>226</sup> Amnesty International, *Annual Report 1985*.
- <sup>227</sup> Ver, por exemplo, os HRVD, Testemunhos n°s 05395, 06802, 07781, 09188, 07076, 07930 e 07117.
- <sup>228</sup> HRVD, Testemunho n° 01810.
- <sup>229</sup> HRVD, Testemunho n° 01659.
- <sup>230</sup> HRVD, Testemunho n° 08529.

- 
- <sup>231</sup> HRVD, Testemunho n° 02224.
- <sup>232</sup> HRVD, Testemunho n° 03828.
- <sup>233</sup> HRVD, Testemunho n° 03019.
- <sup>234</sup> HRVD, Testemunho n° 08089.
- <sup>235</sup> HRVD, Testemunho n° 07699.
- <sup>236</sup> HRVD, Testemunho n° 07696.
- <sup>237</sup> HRVD, Testemunho n° 07497.
- <sup>238</sup> Ver CAVR, Perfil Comunitário de Liurai and Manumera, subdistrito de Turiscaí, distrito de Manufahi.
- <sup>239</sup> CAVR, *Case Summary: Massacre in Foholau*, Turiscaí, Manufahi; e HRVD, Testemunhos n°s 06640 e 07532.
- <sup>240</sup> Ver, por exemplo, os HRVD, Testemunhos n°s 01810, 03551, 01669, 01659, 08529, 05434, 02214, 07532 e 07485.
- <sup>241</sup> HRVD, Testemunho n° 01379.
- <sup>242</sup> HRVD, Testemunho n° 02214.
- <sup>243</sup> HRVD, Testemunho n° 05985.
- <sup>244</sup> Ver, por exemplo, os HRVD, Testemunhos n°s 01484 e 04765.
- <sup>245</sup> Entrevista da CAVR a Luís Pereira, Laclubar, 12 de Abril de 2003.
- <sup>246</sup> HRVD, Testemunho n° 01757.
- <sup>247</sup> HRVD, Testemunho n° 02294.
- <sup>248</sup> HRVD, Testemunho n° 08897.
- <sup>249</sup> HRVD, Testemunho n° 04765.
- <sup>250</sup> HRVD, Testemunho n° 07906.
- <sup>251</sup> HRVD, Testemunho n° 04146.
- <sup>252</sup> Entrevista da CAVR a José Francisco Pires I. Silva, Dili, 12 de Janeiro de 2004.
- <sup>253</sup> HRVD, Testemunho n° 02127.
- <sup>254</sup> HRVD, Testemunho n° 04448.
- <sup>255</sup> HRVD, Testemunho n° 05324.
- <sup>256</sup> Entrevistas da CAVR a Pedro Pinto, Uatu-Carbau, Viqueque, 14 de Dezembro de 2003 e Tomás da Cruz and HRVD, Testemunho n° 07367 da HRVD, que também refere Carlos, Manuel Kaimuadee, Delin e Francisco Borulau como vítimas.
- <sup>257</sup> Sobre *Pasmar 9*, ver o HRVD, Testemunho n° 07699; sobre *Pasmar 10*, ver o HRVD, Testemunho n° 02385; sobre o Batalhão 315, ver os HRVD, Testemunhos n°s 02798 e 06059; sobre o Batalhão 328, ver os HRVD, Testemunhos n°s 03898 e 07329; sobre o Batalhão 721, ver HRVD, Testemunhos n°s 00490, 00494, 00481 e 03829; sobre o Batalhão 312, ver o HRVD, Testemunho n° 02294; sobre o Batalhão 202, ver HRVD, Testemunhos n°s 04200, 07431, 04456, 00487, 06032, 07455.
- <sup>258</sup> HRVD, Testemunho n° 03083. Outros desaparecimentos das instalações do Batalhão 202 em Uaida são referidas em HRVD, Testemunhos n°s 03085, 03154, 03122 e 03138.
- <sup>259</sup> CRRN, Depoimento de Onu Bu, Comunicado de Julho de 1983, p. 34.
- <sup>260</sup> Entrevista da CAVR a Carmen da Cruz, Dili, sem data.

- 
- <sup>261</sup> Entrevista da CAVR a Meria Montalvão, Díli, sem data.
- <sup>262</sup> Padre José Tavares, *Tuba Rai Metin*, sessão sobre Bases de Apoio, 27 de Março de 2002.
- <sup>263</sup> Entrevista da CAVR a Izidora da Costa Boavida, Joana M. Dulce Victor, Díli, 25 de Maio de 2004; Aleixo Ximenes, Díli, 2 de Fevereiro de 2004.
- <sup>264</sup> Entrevista da CAVR a Aleixo Ximenes, Díli, 2 de Fevereiro de 2004.
- <sup>265</sup> Ver HRVD, Testemunhos n.ºs 08041, 05671, 03759, 08037, 03742, 08115, 05775 e 03529.
- <sup>266</sup> Entrevista a Justino Mota, Lisboa, 4 de Julho de 1984 (Documento disponibilizado à CAVR por Anthony Goldstone).
- <sup>267</sup> Entrevista da CAVR a Maria de Fátima Vaz de Jesus, Bebora, Díli, 23 de Setembro de 2004.
- <sup>268</sup> Entrevista da CAVR a Merita Alves, antiga prisioneira e membro do Comité Central da Fretilin. Díli, 19 de Setembro de 2003.
- <sup>269</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 05671 e 03759; e Entrevista a Justino Mota, Lisboa, 4 de Julho de 1984 (Documento disponibilizado à CAVR por Anthony Goldstone).
- <sup>270</sup> Entrevistas da CAVR a Constantino dos Santos, Quelicai (Baucau), 28 de Novembro de 2002 e a Zeferino Armando Ximenes, Baucau, 13 de Junho de 2003; CRRN, Depoimento de Onu Bu, Comunicado de 23 de Julho de 1963; Gatimor n.º 6; e entrevista a Justino Mota, Lisboa, 4 de Julho de 1984.
- <sup>271</sup> Entrevista da CAVR a Maria de Fátima Vaz de Jesus, Bebora, Díli, 23 de Setembro de 2004.
- <sup>272</sup> Ibid.
- <sup>273</sup> Entrevista da CAVR a Constantino dos Santos, antigo membro da *Hansip*, Quelicai, 23 de Março de 2004.
- <sup>274</sup> Amnistia Internacional, *East Timor: Violations of Human Rights*, Londres, 1985.
- <sup>275</sup> Entrevistas da CAVR a João da Costa, Baucau, 10 de Dezembro de 2003 e a Merita Alves, Díli, 19 de Setembro de 2003.
- <sup>276</sup> Entrevistas da CAVR a Rui Lopes, Camenassa, Covalima, 31 de Outubro de 2003; e a Merita Alves, Díli, 19 de Setembro de 2003.
- <sup>277</sup> Entrevista a Virgínia da Cruz Dias Quintas, Lisboa, 6 de Abril de 1985 (Documento disponibilizado à CAVR por Anthony Goldstone).
- <sup>278</sup> CAVR, Case Summary: **Penghilangan** Maria Goreti Joaquim.
- <sup>279</sup> Entrevista da CAVR a Merita Alves, Díli, 19 de Setembro de 2003.
- <sup>280</sup> Entrevistas da CAVR a Constantino dos Santos, Letemumu, (Quelicai, Baucau), 28 de Novembro de 2002; a Cipriano Ximenes (Quelicai, Baucau), 28 de Novembro de 2002; e a Leonel Guterres (Quelicai, Baucau), 28 de Novembro de 2002.
- <sup>281</sup> Xanana Gusmão, *Timor-Leste – Um Povo, Uma Pátria*, p. 42.
- <sup>282</sup> Entrevistas da CAVR a Fernando José Freitas Soares e a Venâncio dos Santos Alves, Quelicai, 2 de Maio de 2004, e a Zeferino Armando Ximenes, Baucau, 13 de Junho de 2003; Gatimor n.º 6 (Documento disponibilizado à CAVR por Anthony Goldstone) e CRRN, Comunicado de Julho de 1983.
- <sup>283</sup> Entrevistas da CAVR a Constantino dos Santos, Letemumu (Quelicai, Baucau), 13 de Junho de 2003; e a José Correia (Calala), Tirilolo (Baucau, Baucau), 24 de Março de 2004.
- <sup>284</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 00595 e 00597; e Gatimor n.º 6.
- <sup>285</sup> HRVD, Testemunho n.º 00187.
- <sup>286</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 00572 e 07800.

---

<sup>287</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07092 e 07800.

<sup>289</sup> Entrevista da CAVR a Zeferino Armando Ximenes, Baucau, 13 de Junho de 2003; e CRRN, Depoimento de Onu Bu, Comunicado de Julho de 1983.

<sup>290</sup> Entrevista da CAVR a Constantino dos Santos, Letemumu, Quelicai (Baucau), 28 Novembro 2002

<sup>291</sup> Entrevista da CAVR a Zeferino Armando Ximenes, Baucau, 13 Junho 2003.

<sup>292</sup> *Ibid.*

<sup>293</sup> Entrevistas da CAVR a Constantino dos Santos, Letemumu (Quelicai, Baucau), 13 de Junho de 2003; e a José Correia (Calala), Tirilolo (Baucau, Baucau), 24 de Março de 2004.

<sup>294</sup> Ver, por exemplo HRVD, Testemunho n.º 00597 [Celestino Peloy e Agapito Gama].

<sup>295</sup> HRVD, Testemunho n.º 00528.

<sup>296</sup> HRVD, Testemunho n.º 06113.

<sup>297</sup> HRVD, Testemunho n.º 05324.

<sup>298</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07715 e 02363.

<sup>299</sup> HRVD, Testemunho n.º 07682. Para outras mortes e desaparecimentos no subdistrito de Baucau por volta desta altura, ver HRVD, Testemunhos n.ºs 07826, 07930 e 07805.

<sup>300</sup> HRVD, Testemunho n.º 07079. Para outros desaparecimentos no subdistrito de Laga em 1978-79, ver HRVD, Testemunhos n.ºs 07699, 02362, 00536 e 05729.

<sup>301</sup> HRVD, Testemunho n.º 00538.

<sup>302</sup> HRVD, Testemunho n.º 00556.

<sup>303</sup> HRVD, Testemunho n.º 04448.

<sup>304</sup> HRVD, Testemunho n.º 02364.

<sup>305</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Uaitame, subdistrito de Quelicai, distrito de Baucau, 12 de Dezembro de 2003

<sup>306</sup> HRVD, Testemunho n.º 02361.

<sup>307</sup> HRVD, Testemunho n.º 06099.

<sup>308</sup> HRVD, Testemunho n.º 06104.

<sup>309</sup> HRVD, Testemunho n.º 07787.

<sup>310</sup> Entrevista da CAVR a Maria Teresa Corvelo Ávila Marçal Sarmento, Díli, 4 de Outubro de 2005.

<sup>311</sup> *Ibid.*

<sup>312</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Bauro, subdistrito de Lospalos, distrito de Lautém; e CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.

<sup>313</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 05332, 05660 e 04422; e CAVR, Perfil Comunitário do suco de Fuiloro, subdistrito de Lospalos, distrito de Lautém.

<sup>314</sup> CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.

<sup>315</sup> Xanana Gusmão, *Timor Leste – Um Povo, Uma Pátria*, p. 45.

<sup>316</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 00737, 00740, 00741, 00713, 00702, 00706, 07586 e 00788; Xanana Gusmão, *Timor-Leste -Um Povo, Uma Pátria*, p. 45; e CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.

- 
- <sup>317</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 02257, 02252, 02264 e 02259; e CAVR, Perfil Comunitário das aldeias de Iparira e Laiara, Parlamento, subdistrito de Moro, distrito de Lautém, 6 de Março de 2003.
- <sup>318</sup> HRVD, Testemunho n.º 01623 e CAVR, Perfil Comunitário do suco de Loro, subdistrito de Tutuala, distrito de Lautém, 22 de Novembro de 2002
- <sup>319</sup> HRVD, Testemunho n.º 01623; ver também CAVR, Perfil Comunitário do suco de Loro, subdistrito de Tutuala, distrito de Lautém, 22 de Novembro de 2002.
- <sup>320</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 01618, 00615, 01622, 01636, 00740, 01649 e 02286.
- <sup>321</sup> HRVD, Testemunho n.º 02254.
- <sup>322</sup> CAVR, Perfil Comunitário das aldeias de Pitileti, Etipiti e Ira-Onu, cidade de Com, subdistrito de Moro, distrito de Lautém, 6 de Março de 2003.
- <sup>323</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 01604 e 01638.
- <sup>324</sup> HRVD, Testemunho n.º 02300.
- <sup>325</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 02262 (que menciona a data como sendo 1978) e 02293 (que menciona a data como sendo 1979).
- <sup>326</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 02115 e 03979.
- <sup>327</sup> HRVD, Testemunho n.º 03968.
- <sup>328</sup> HRVD, Testemunho n.º 01650.
- <sup>329</sup> HRVD, Testemunho n.º 02130.
- <sup>330</sup> HRVD, Testemunho n.º 07586.
- <sup>332</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 05364, 05365, 05369 e 05376.
- <sup>332</sup> *Ibid.*
- <sup>333</sup> HRVD, Testemunho n.º 00703; CAVR, Perfil Comunitário do suco de Raça, subdistrito de Lospalos, distrito de Lautém, e CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>334</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Loré I, subdistrito de Lospalos, distrito de Lautém; e HRVD, Testemunho n.º 05345.
- <sup>335</sup> Entrevistas da CAVR a Saturnino Tilman e a Mateus Conceição.
- <sup>336</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 01506, 01576 e 01587; e CAVR, Perfil Comunitário de Manus, suco de Taitudak, subdistrito de Alas, distrito de Manufahi, 4 de Outubro de 2002.
- <sup>337</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 04750 e 05410; CAVR, Perfil Comunitário de Letefoho, subdistrito de Same, distrito de Manufahi; e CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>338</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 05153, 03429, 04071 e 03427; e CAVR, Perfil Comunitário de Debu-Waen, suco de Mahaquidan, subdistrito de Alas, distrito de Manufahi, 3 de Dezembro de 2003.
- <sup>339</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03401, 03403, 03429, 04071 e 04088; CAVR, Perfil Comunitário de Uma Metan, suco de Mahaquidan, subdistrito de Alas, distrito de Manufahi; e CAVR, *Case Summary: Massacre em Uma Metan.*
- <sup>340</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 04073, 04081 e 04085; e Entrevista da CAVR a Saturnino Tilman. .
- <sup>341</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 04088, 04071, 04069 e 04100; e CAVR, *Case Summary: Massacre em Uma Metan.*
- <sup>342</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 06621, 06525, 06610; e CAVR, Perfil Comunitário do suco de Manumera, subdistrito de Turisca, distrito de Manufahi, 12 de Agosto de 2003.

- 
- <sup>343</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03491 e 03790; e CAVR, Perfil Comunitário do suco de Manumera, subdistrito de Turiscaí, distrito Manufahi, 12 de Agosto de 2003.
- <sup>344</sup> HRVD, Testemunho n.º 03464; e CAVR, Perfil Comunitário do suco de Caicasa, subdistrito de Fatuberliu, distrito de Manufahi.
- <sup>345</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Fatucahi, subdistrito de Fatuberliu, distrito de Manufahi.
- <sup>346</sup> HRVD, Testemunho n.º 03424.
- <sup>347</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03482 e 03278; CAVR, Perfil Comunitário do suco de Clacuc, subdistrito de Fatuberliu, distrito de Manufahi.
- <sup>348</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03474 e 03492.
- <sup>349</sup> HRVD, Testemunho n.º 03471.
- <sup>350</sup> HRVD, Testemunho n.º 05759; e CAVR, Entrevistas a Bernardo da Costa e a Elízio Teófilo e Maria José da Costa, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Fome e Deslocação, 28 e 29 de Julho de 2003.
- <sup>351</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n.ºs 04185, 04200, 07450 e 07458.
- <sup>352</sup> HRVD, Testemunho n.º 04815.
- <sup>354</sup> HRVD, Testemunho n.º 06093; ver também e CAVR, Entrevistas ao Brigadeiro-general Taur Matan Ruak, Díli, 9 de Junho de 2004.
- <sup>354</sup> Ver Informação Sobre a Situação de Algumas Zonas de Timor Leste, Díli, 13 de Maio de 1982 (documento apresentado à CAVR por Anthony Goldstone); e *Informações*, documento disponibilizado por Napoleão de Almeida à CAVR, 25 de Maio de 2004.
- <sup>355</sup> *Informações, op.cit.*
- <sup>356</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Macadique, subdistrito de Uatu-Lari, distrito de Viqueque, (sem data).
- <sup>357</sup> Lúcio Meneses Lopes, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>358</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03894, 00552, 03888, 03514 e 05112.
- <sup>359</sup> HRVD, Testemunho n.º 03514.
- <sup>360</sup> Ver HRVD, Testemunhos n.ºs 02166 e 03759.
- <sup>361</sup> Ver HRVD, Testemunhos n.ºs 01020, 03509, 03510 e 06203, e Secção 7.2.4.4, supra.
- <sup>362</sup> HRVD, Testemunho n.º 06490.
- <sup>363</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 06068, 03894 e 03888; e Entrevista da CAVR a Aleixo Ximenes, Díli, 2 de Fevereiro de 2004.
- <sup>364</sup> Entrevista da CAVR a Aleixo Ximenes, Díli, 2 de Fevereiro de 2004; e HRVD, Testemunho n.º 03733.
- <sup>365</sup> HRVD, Testemunho n.º 03033.
- <sup>366</sup> Para mais informações sobre os Renal, ver Capítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos, secção sobre os Renal.
- <sup>367</sup> HRVD, Testemunho n.º 09004.
- <sup>368</sup> Ver Shepard Forman, depoimento perante o US Congress Sub-committee on International Organisations, Hearings on Human Rights in East Timor, 28 de Junho de 1977, p. 1719.
- <sup>369</sup> *Laporan Kegiatan di Uaibitae (Relatório das Actividades em Uaibitae)*, contribuição anónima enviada à CAVR.

---

<sup>370</sup> *Laporan Kegiatan di Uaibitae (Relatório das Actividades em Uaibitae)* ; e entrevistas da CAVR com Abílio Quintão Pinto, Díli, 7 de Outubro de 2003 e Augusto Pires, Díli [não datada].

<sup>371</sup> Entrevista da CAVR a Marito Reis, Baucau, 23 de Setembro de 2003.

<sup>372</sup> Entrevista da CAVR a Jacinto A. Júnior, Baucau, 28 de Maio de 2004; Helena Freitas da Silva e J. Francisco, Díli, 2004; Luís da Costa, Lisboa [não datada] e Augusto Pires, Díli [não datada].

<sup>373</sup> Entrevista da CAVR a Marito Reis, Baucau, 23 de Setembro de 2003.

<sup>374</sup> Entrevista da CAVR a Luís da Costa, Lisboa [não datada].

<sup>375</sup> Entrevista da CAVR a Marito Reis, Baucau, 23 de Setembro de 2003; Aleixo Ximenes, 28 de Maio de 2004; Luís da Costa, Lisboa [não datada].

<sup>376</sup> Entrevista da CAVR a Luís da Costa, Lisboa, [não datada]; John G Taylor, *East Timor: The Price of Freedom*, Zed Books, Londres, 1991, p. 96

<sup>377</sup> HRVD, Testemunho n° 00570; e Entrevista da CAVR a Agostinho Boavida Ximenes (Sera Malik), Soe (Timor Ocidental), 28 de Agosto de 2004.

<sup>378</sup> HRVD, Testemunho n° 04444.

<sup>379</sup> CAVR, Perfil da Comunidade, Iliomar II, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém; e HRVD, Testemunhos n°s 03962 e 03969.

<sup>380</sup> CAVR, Perfil da Comunidade, Iliomar II, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém; e HRVD, Testemunho n° 03982.

<sup>381</sup> Sobre estes pontos de vista diferentes, ver a Entrevista da CAVR a Celestino de Carvalho Alves e o HRVD, Testemunho n° 08385.

<sup>382</sup> HRVD, Testemunhos n°s 06386 e 09471.

<sup>383</sup> HRVD, Testemunhos n°s 09471, 06354, 06395 e 06407.

<sup>384</sup> Entrevistas da CAVR a Eduardo de Jesus Barreto, Ermera, 12 de Agosto de 2003, e Celestino Alves, Fatubessi, Ermera, 6 de Outubro de 2003.

<sup>385</sup> Entrevista da CAVR a Jerónimo Albino, Ermera, 10 de Setembro de 2003; ver também HRVD, Testemunho n° 08385.

<sup>386</sup> HRVD, Testemunho n° 06395.

<sup>387</sup> Entrevistas da CAVR a Celestino de Carvalho Alves, Fatubessi, Ermera [não datada], e Fatubessi, Ermera, 27 de Junho de 2004.

<sup>388</sup> “A nossa Vitoria é apenas questão de tempo”, Comunicado do Comité Central da Fretilin de 14/9/77, Edições Comité de 28 de Novembro, Lisboa, Março 1978, pp. 8-9 e 15.

<sup>389</sup> “A nossa Vitoria é apenas questão de tempo”, p. 14, e Domingos Maria Alves (Ambulan), depoimento à CAVR na Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003

<sup>390</sup> “A nossa Vitoria é apenas questão de tempo”, p. 15.

<sup>391</sup> Entrevistas da CAVR a Jerónimo Albino, Ermera, 10 de Setembro de 2003; e Eduardo de Jesus.

<sup>392</sup> Entrevista da CAVR a João Soares, Atara, Atsabe, Ermera, 24 de Setembro de 2003.

<sup>393</sup> Entrevista da CAVR a Maria Fátima Vaz de Jesus, Bebora, Díli, 23 de Setembro de 2004.

<sup>394</sup> Entrevistas da CAVR a Maria Fátima Vaz de Jesus, Bebora, Díli, 23 de Setembro de 2004; e Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004.

<sup>395</sup> Entrevistas da CAVR a Bernardo da Costa, 5 de Setembro de 2003; e Maria Fátima Vaz de Jesus, Bebora, Díli, 23 de Setembro de 2004.

- 
- <sup>396</sup> HRVD, Testemunho n° 05758.
- <sup>397</sup> Tomás Araújo, CARV, *Case Summary* 908 , Kotomori, (Remexio Aileu) [sem data].
- <sup>398</sup> Entrevista da CAVR a Francisco Xavier Amaral, Díli 18 de Junho de 2004.
- <sup>399</sup> HRVD, Testemunhos n°s 08100 e 05812.
- <sup>400</sup> HRVD, Testemunho n° 07902.
- <sup>401</sup> HRVD, Testemunhos n°s 00166, 09120, 04882, 04875, 04878 e 05745.
- <sup>402</sup> HRVD, Testemunho n° 04878.
- <sup>403</sup> Domingos Maria Alves (Ambulan), depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003; Entrevista da CAVR a António de Amado Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 11 de Dezembro de 2003; António Amado de Jesus Ramos Guterres, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003; e HRVD, Testemunhos n°s 05758, 09120 e 05063.
- <sup>404</sup> António Amado JR Guterres, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003
- <sup>405</sup> Domingos Maria Alves (Ambulan), depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003
- <sup>406</sup> HRVD, Testemunho n° 08100.
- <sup>407</sup> HRVD, Testemunho n° 05807.
- <sup>408</sup> Entrevista da CAVR a António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 6 de Novembro de 2003; António Amado de Jesus Ramos Guterres, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003
- <sup>409</sup> HRVD, Testemunho n° 08100.
- <sup>410</sup> HRVD, Testemunho n° 05812.
- <sup>411</sup> HRVD, Testemunho n° 05810; e CAVR, Perfil da Comunidade, aldeia de Faturasa, subdistrito de Remexio, distrito de Aileu, 20 de Junho de 2003.
- <sup>412</sup> HRVD, Testemunho n° 05760.
- <sup>413</sup> Entrevista da CAVR a António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 6 de Novembro de 2003.
- <sup>414</sup> Ver 7.4.4.2 e CAVR, Perfis das Comunidades, Hoholau, subdistrito de Aileu, distrito de Aileu; e Lausi/Bandudato, subdistrito de Aileu, distrito de Aileu, 16 de Fevereiro de 2004
- <sup>415</sup> HRVD, Testemunhos n°s 06995, 04830 e 05063.
- <sup>416</sup> HRVD, Testemunhos n°s 06504, 07902, 08002 e 08010.
- <sup>417</sup> HRVD, Testemunho n° 05712.
- <sup>418</sup> HRVD, Testemunho n° 03203.
- <sup>419</sup> Sobre Laclubar e Natarbora, ver HRVD, Testemunhos n°s 05771, 05056 e 05279; sobre Metinaro ver HRVD, Testemunho n° 05056 da HRVD e Entrevista da CAVR a António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 6 de Novembro de 2003.
- <sup>420</sup> Domingos Maria Alves (Ambulan), depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003; e HRVD, Testemunho n° 00802.
- <sup>421</sup> HRVD, Testemunho n° 04815.

- 
- <sup>422</sup> Entre os sobreviventes encontravam-se Tobias Mendonça, Jorge e Tomás Araújo [HRVD, Testemunhos n.ºs 04882 e 04815 da HRVD]; e Entrevista da CAVR a Tomás Araújo, 14 de Outubro 2003
- <sup>423</sup> Domingos Maria Alves (Ambulan), depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003; e Tomás Araújo, entrevista com a CAVR 2003
- <sup>424</sup> HRVD, Testemunho n.º 08002.
- <sup>425</sup> HRVD, Testemunho n.º 04815; CAVR, Perfil da Comunidade, aldeia de Ahic, subdistrito de Lacluta, distrito de Viqueque, 22 de Novembro de 2002
- <sup>426</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 05807, 05810 e 05811.
- <sup>427</sup> Entrevista da CAVR a Jacinto A. Júnior, Baucau, 28 de Maio de 2004; *Quelicaí, Uaibitae*, Documento apresentado à CAVR por Anthony Goldstone; e HRVD, Testemunhos n.ºs 07442, 07443 e 07588.
- <sup>428</sup> Entrevista da CAVR a Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004.
- <sup>429</sup> Entrevista da CAVR a Jacinto A. Júnior, Baucau, 28 de Maio de 2004.
- <sup>430</sup> HRVD, Testemunho n.º 07512.
- <sup>431</sup> Entrevista da CAVR a Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004.
- <sup>432</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 04158, 07442 e 07443; entrevistas da CAVR com Jacinto A. Júnior, Baucau, 28 de Maio de 2004; e *Quelicaí, Uaibitae*, Documento apresentado à CAVR por Anthony Goldstone.
- <sup>433</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07442 e 07443.
- <sup>434</sup> Xanana Gusmão, *Timor Leste - Um Povo, Uma Pátria*, pp. 34-36.
- <sup>435</sup> HRVD, Testemunho n.º 00095.
- <sup>436</sup> CAVR, Perfil da Comunidade, Uaitame, subdistrito de Quelicaí, distrito de Baucau; Entrevista da CAVR a Agostinho Boavida Ximenes (Sera Malik), Soe (Timor Ocidental), 28 de Agosto de 2004.
- <sup>437</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03804 e 03818.
- <sup>438</sup> HRVD, Testemunho n.º 06033. Ver também HRVD, Testemunho n.º 07443.
- <sup>439</sup> *Quelicaí Uaibitae*, Documento apresentado à CAVR por Anthony Goldstone.
- <sup>440</sup> HRVD, Testemunho n.º 07588.
- <sup>441</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n.ºs 02992, 08225, 05771, 07837, 07990 e 08022.
- <sup>442</sup> Sobre alguns destes casos, ver HRVD, Testemunhos n.ºs 04899, 06995, 02231, 08022, 05712, 06938, 00128 e 03900.
- <sup>443</sup> Ver, por exemplo, entrevistas da CAVR com António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 11 de Dezembro de 2003; José Manuel do Santos, Remexio, Aileu, 6 de Outubro de 2004; e José Manuel Monteiro, Remexio, 6 de Outubro de 2004; e HRVD, Testemunhos n.ºs 06033, 00114, 05056, 07902, 01502, 06995, 02086, 03818, 02056, 07902 e 04878, 02195, 03160, 03179, 02056, 06498, e 00200.
- <sup>444</sup> António Amado de Jesus Ramos Guterres, depoimento à CAVR Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>445</sup> Entrevista da CAVR a Egas da Costa, Díli, 19 de Maio de 2004.
- <sup>446</sup> HRVD, Testemunho n.º 06641.
- <sup>447</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03157 e 03160.
- <sup>448</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07704, 06033, 05056, 02195 e 05056.
- <sup>449</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 00114, 02086, 03818 e 00200.
- <sup>450</sup> HRVD, Testemunho n.º 00200 e Entrevista da CAVR a Maria Fátima Pinto, Díli, 31 de Maio de 2004.

- 
- <sup>451</sup> HRVD, Testemunho n° 06938 (Metinaro).
- <sup>452</sup> Ver também Entrevista da CAVR a Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004.
- <sup>453</sup> Entrevista da CAVR a António Amado de Jesus Ramos Guterres, Lacló, Manatuto, 11 de Dezembro de 2003; e HRVD, Testemunhos n°s 03804, 03818, 05842 e 08024.
- <sup>454</sup> HRVD, Testemunhos n°s 03804 e 03818.
- <sup>455</sup> HRVD, Testemunhos n°s 05842, 08024, 03804 e 03818.
- <sup>456</sup> HRVD, Testemunho n° 08024.
- <sup>457</sup> HRVD, Testemunho n° 00128.
- <sup>458</sup> HRVD, Testemunhos n°s 03179, 09093, 03562 e 03597.
- <sup>459</sup> HRVD, Testemunho n° 03179.
- <sup>460</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02123 e 03858.
- <sup>461</sup> HRVD, Testemunho n° 02203.
- <sup>462</sup> HRVD, Testemunho n° 04675.
- <sup>463</sup> HRVD, Testemunho n° 02043.
- <sup>464</sup> HRVD, Testemunho n° 03159.
- <sup>465</sup> HRVD, Testemunho n° 03045.
- <sup>466</sup> CAVR, Perfil da Comunidade, aldeia de Raça, subdistrito de Lospalos, distrito de Lautém.
- <sup>467</sup> Ver Entrevista da CAVR a irmã Consuelo Martinez, Díli, 4 de Julho de 2003. Para um relato mais completo, ver Subcapítulo 7.4: Prisão, Tortura e Maus-Tratos.
- <sup>468</sup> HRVD, Testemunho n° 02137.
- <sup>469</sup> HRVD, Testemunho n° 03824.
- <sup>470</sup> HRVD, Testemunho n° 00418.
- <sup>471</sup> HRVD, Testemunho n° 04384.
- <sup>472</sup> HRVD, Testemunho n° 02021. Outros casos semelhante são descritos em HRVD, Testemunhos n°s 03562 e 03597.
- <sup>473</sup> Muitos Perfis de Comunidades da Comissão descrevem este processo. Exemplos representativos incluem os Perfis das Comunidades do suco de Hoholau, subdistrito de Aileu, distrito de Aileu; do suco de Liurai, subdistrito de Turiscaí, distrito de Manufahi; do suco de Baboi Leten, subdistrito de Atsabe, distrito de Ermera; do suco de Beidasi e do suco Beco, subdistrito de Fatululik, distrito de Covalima; do suco de Defawasi, subdistrito de Bagueia, distrito de Baucau District, do suco de Orlalan, subdistrito de Laclubar, distrito de Manatuto, Aldeia Puno, do suco de Pairara, subdistrito de Moro, distrito de Lautém; e do suco de Bibileo, subdistrito de Viqueque, distrito de Viqueque.
- <sup>474</sup> HRVD, Testemunho n° 04479 da HRVD e CAVR, Perfil da Comunidade, Lacló, subdistrito de Atsabe, distrito de Ermera, 26 de Junho de 2003
- <sup>475</sup> Ângelo Araújo Fernandes, depoimento à CAVR, Audiência Pública Nacional sobre Massacres, CAVR, Díli, 19 a 21 de Novembro 2003.
- <sup>476</sup> HRVD, Testemunhos n°s 00633 e 03033.
- <sup>477</sup> HRVD, Testemunho n° 03906.
- <sup>478</sup> HRVD, Testemunho n° 05028.
- <sup>479</sup> HRVD, Testemunho n° 08013.

- 
- <sup>480</sup> HRVD, Testemunho n° 03808.
- <sup>481</sup> HRVD, Testemunho n° 08607.
- <sup>482</sup> HRVD, Testemunho n° 04384.
- <sup>483</sup> HRVD, Testemunho n° 4610.
- <sup>484</sup> HRVD, Testemunhos n°s 00403, 02719, 04187, 04992, 03974, 05771, 02056, 01902, 04095, 01711, 03027, 06950, 04604, 05567, 02148, 06950, 06490, 04384, 07612, 09093 e 03114.
- <sup>485</sup> Entrevista da CAVR a Xanana Gusmão, Díli, 7 de Julho de 2004.
- <sup>486</sup> Ver, por exemplo, HRVD, Testemunhos n°s 06950, 04604, 09093 e 04148.
- <sup>487</sup> “A nossa Vitoria é apenas questão de tempo”, p.20.
- <sup>488</sup> HRVD, Testemunho n° 04148.
- <sup>489</sup> CAVR, Perfil da Comunidade, Puno, aldeia de Pairara, subdistrito de Moro, distrito de Lautém, sem data.
- <sup>490</sup> HRVD, Testemunho n° 02056.
- <sup>491</sup> HRVD, Testemunho n° 04095. Para outros exemplos, ver HRVD, Testemunhos n°s 02179, 04498, 03114 e 01902.
- <sup>492</sup> HRVD, Testemunho n° 02778.
- <sup>493</sup> HRVD, Testemunho n° 07149.
- <sup>494</sup> HRVD, Testemunho n° 02148.
- <sup>495</sup> HRVD, Testemunho n° 07612.
- <sup>496</sup> HRVD, Testemunho n° 02098.
- <sup>497</sup> HRVD, Testemunhos n°s 05783 e 04188.
- <sup>498</sup> HRVD, Testemunho n° 04188.
- <sup>499</sup> HRVD, Testemunhos n°s 00615 e 00616.
- <sup>500</sup> Xanana Gusmão, *Timor Leste - Um Povo, Uma Pátria*, p. 58.
- <sup>501</sup> Murdani, artigo publicado no jornal *Sinar Harapan*, 17 de Agosto de 1983, citado in Taylor, *Indonesia's Forgotten War*, p. 143.
- <sup>502</sup> Entrevista da CAVR a Bernardino Villanova, Ataúro, Díli, 7 de Março de 2002.
- <sup>503</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Dare, Vera Cruz, distrito de Díli .
- <sup>504</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Benamauk, Camea e Fatuah, Cristo Rei, distrito de Díli.
- <sup>505</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Becora/Culuhun, Cristo Rei, distrito de Díli.
- <sup>506</sup> HRVD, Testemunho n° 00177; ver também Entrevista a Justino Mota, Lisboa, 3 de Julho de 1984 (Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone).
- <sup>507</sup> HRVD, Testemunhos n°s 09471, 08311, 08063 e 08275; Entrevista de Neil Barrett a David Ximenes; e “Em Nome de Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983; Entrevista a António Barbosa, Lisboa, 5 de Abril de 1985 (Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone).
- <sup>508</sup> HRVD, Testemunho n° 00072; e Entrevista a António Barbosa, Lisboa, 5 de Abril de 1985 (Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone).
- <sup>509</sup> Entrevista da CAVR a Maria de Fátima Martins, Selo Malere (Aileu), sem data; e HRVD, Testemunho n° 03217.
- <sup>510</sup> CAVR, Perfil Comunitários de Hera, Cristo Rei, Díli e de Becora/Culuhun, Cristo Rei, Díli Leste.

- 
- <sup>511</sup> HRVD, Testemunho nº 01626; e “Em Nome dos Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>512</sup> Entrevista de Neil Barrett a Maria Imaculada Araújo; Relatório da Amnistia Internacional, 1985; e “Em Nome dos Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>513</sup> Entrevista da CAVR a Maria de Fátima Martins, Selo Malere (Aileu), sem data; para outros exemplos de pessoas desaparecidas que foram “mandadas para a escola” após os ataques de 10 de Junho, ver HRVD, Testemunho nº 06961; e CAVR, Perfil Comunitário do suco de Liurai, vila de Aileu, distrito de Aileu; HRVD, Testemunho nº 00949 da HRVD refere o caso de uma pessoa desaparecida que disse ter-se tornado *TBO*.
- <sup>514</sup> Entrevista de Neil Barrett a David Ximenes.
- <sup>515</sup> HRVD, Testemunho nº 05655; Entrevistas de Neil Barrett a Maria Fátima Pinto e Maria Imaculada Araújo.
- <sup>516</sup> HRVD, Testemunho nº 00072.
- <sup>517</sup> HRVD, Testemunho nº 00076.
- <sup>518</sup> HRVD, Testemunho nº 00949 da HRVD e mais oito pessoas referidas em “Em Nome dos Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>519</sup> Entrevista de Neil Barrett a David Ximenes.
- <sup>520</sup> Entrevistas de Neil Barrett a David Ximenes e Maria Fátima Pinto; e HRVD, Testemunhos nºs 00076, 04864 e 08063.
- <sup>521</sup> HRVD, Testemunhos nºs 03490 e 06983; e “Em Nome dos Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>522</sup> HRVD, Testemunho nº 03490; e Entrevista de Neil Barrett a David Ximenes.
- <sup>523</sup> HRVD, Testemunho nº 08735.
- <sup>524</sup> Entrevista de Neil Barrett a Maria Imaculada Araújo.
- <sup>525</sup> HRVD, Testemunho nº 08275.
- <sup>526</sup> HRVD 08031; e CAVR, Perfil Comunitário de Suhu-Rama, Inur Fuik, Nain Feto, distrito de Díli.
- <sup>527</sup> Entrevista da CAVR a José Simões, Díli, 9 de Março de 2004.
- <sup>528</sup> Carta de Monsenhor Dom Martinho da Costa Lopes a Leo Sukata, Arcebispo de Jacarta, 12 de Julho de 1980 (Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone).
- <sup>529</sup> HRVD, Testemunhos nºs 09011 e 05010.
- <sup>530</sup> “Em Nome dos Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>531</sup> HRVD, Testemunhos nºs 03121 e 00072; e “Em Nome dos Presos de 10/6/80”, CRRN, Comunicado de 23 de Julho de 1983.
- <sup>532</sup> HRVD, Testemunho nº 06961.
- <sup>533</sup> HRVD, Testemunho nº 06941.
- <sup>534</sup> HRVD, Testemunhos nºs 05735, 06959 e 06995.
- <sup>535</sup> CAVR, Perfil Comunitário de Suhu-Rama, Inur Fuik, subdistrito de Nain Feto, Díli Leste; HRVD, Testemunhos nºs 05078 e 08031.
- <sup>536</sup> HRVD, Testemunho nº 06956.
- <sup>537</sup> HRVD, Testemunhos nºs 05666, 06983 e 08037. Segundo as informações recebidas, o Comoro também deteve uma pessoa que desapareceu [HRVD, Testemunho nº 05020]. *Koramil* de

- 
- <sup>538</sup> Testemunho n° 6 da CAVR, Equipa de Investigação, Relatório de Campo de Ainaro, Díli, 16 de Janeiro de 2003.
- <sup>539</sup> *Ibid.*
- <sup>540</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Mauchiga, subdistrito de Hatu Bulico, distrito de Ainaro, 17 de Setembro de 2004.
- <sup>541</sup> Entrevista da CAVR a XH, Mauchiga, Ainaro, 17 de Março de 2003.
- <sup>542</sup> CAVR, Perfil Comunitário do suco de Nunomogue, subdistrito de Hatu Bulico, distrito de Ainaro, 4 de Fevereiro de 2004.
- <sup>543</sup> “Lista de vítimas de Mauchiga”, 1982, Documento disponibilizado à CAVR de Abílio dos Santos Belo, 3 de Junho de 2003.
- <sup>544</sup> HRVD, Testemunhos n° 07177, 07186, 07204, 07230, 07231, 07241, 07242, 07253, 07255, 07256, 07258, 07191, 07269, 04923, 06257 e 09018; Lista de vítimas de Mauchiga, 1982, Documento disponibilizado à CAVR por Abílio dos Santos Belo, 3 de Junho de 2003.
- <sup>545</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02344, 02310, 02369, 00567 e 06098.
- <sup>546</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02310 e 0609.
- <sup>547</sup> HRVD, Testemunho n° 06114.
- <sup>548</sup> HRVD, Testemunho n° 00584.
- <sup>549</sup> HRVD, Testemunho n° 08117.
- <sup>550</sup> HRVD, Testemunho n° 00553.
- <sup>551</sup> HRVD, Testemunho n° 07050.
- <sup>552</sup> HRVD, Testemunho n° 08601.
- <sup>553</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02401 e 03808.
- <sup>554</sup> “Letter from a priest in East Timor of July 14<sup>th</sup>, 1984”, Contribuição à CAVR de Anthony Goldstone; e HRVD, Testemunhos n°s 07679 e 08610.
- <sup>555</sup> HRVD, Testemunho n° 03834.
- <sup>556</sup> HRVD, Testemunho n° 07060.
- <sup>557</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02374, 02373 e 02388.
- <sup>558</sup> HRVD, Testemunho n° 05234.
- <sup>559</sup> HRVD, Testemunho n° 08762.
- <sup>560</sup> HRVD, Testemunho n° 08039.
- <sup>561</sup> HRVD, Testemunho n° 00182.
- <sup>562</sup> HRVD, Testemunho n° 06767.
- <sup>563</sup> HRVD, Testemunho n° 05776.
- <sup>564</sup> HRVD, Testemunho n° 05024.
- <sup>565</sup> HRVD, Testemunhos n°s 03602 e 07064; Entrevista da CAVR a Henrique Belmiro, 25 de Maio de 2004, Comoro, Díli; Apresentação da Assepol à CAVR: Prisioneiros Políticos em Timor Leste, 25 de Abril de 1974-Setembro de 1999; Entrevista a António Tomás Amaral da Costa (Aitahan Matak), Díli, 16 de Outubro de 1984
- <sup>566</sup> HRVD, Testemunho n° 01437.

- 
- <sup>567</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 01410, 04154, 01407, 01408, 01454 e 01471.
- <sup>568</sup> HRVD, Testemunho n.º 04772.
- <sup>569</sup> HRVD, Testemunho n.º 03430.
- <sup>570</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 04807 e 04783.
- <sup>571</sup> HRVD, Testemunho n.º 04787.
- <sup>572</sup> HRVD, Testemunho n.º 04772.
- <sup>573</sup> HRVD, Testemunho n.º 09044.
- <sup>574</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03437, 03452, 03476, 03430 e 04024.
- <sup>575</sup> HRVD, Testemunho n.º 03782.
- <sup>576</sup> “Relatos dos acontecimentos ocorridos no Concelho de Ainaro, em especial durante o mês de Maio de 1984,” fotocópia na posse da CAVR, com data de Junho de 1984.
- <sup>577</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 02803 e 02051.
- <sup>578</sup> Entrevista da CAVR a Duarte Gaspar Corte Real, Ainaro, 22 de Outubro de 2003.
- <sup>579</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 03341, 03343 e 09152.
- <sup>580</sup> Entrevista da CAVR a Duarte Gaspar Corte Real, Ainaro, 22 de Outubro de 2003.
- <sup>581</sup> Entrevista da CAVR a Olandino Guterres, Díli, 7 de Junho de 2004.
- <sup>582</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 05156, 05157, 05169, 06681, 07168, 07172, 08143, 08182 e 08187 relatam casos de pessoas presas em Bobonaro e Zumalai em 1984 e levadas para o *Koramil* de Bobonaro.
- <sup>583</sup> Entrevista da CAVR a Lúcio Dinis Marques, Raifun, Maliana, Bobonaro, 13 de Junho de 2003.
- <sup>584</sup> Entrevista da CAVR a Armando dos Santos, Maliana, 13 de Junho de 2003.
- <sup>585</sup> HRVD, Testemunho n.º 05156.
- <sup>586</sup> HRVD, Testemunho n.º 05203.
- <sup>587</sup> HRVD, Testemunho n.º 08553.
- <sup>588</sup> HRVD, Testemunho n.º 03695.
- <sup>589</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07172 e 08143.
- <sup>590</sup> HRVD, Testemunho n.º 07172. Entrevista da CAVR a Olandino Guterres, Díli, 7 de Junho de 2004.
- <sup>591</sup> “Relação de acusados e mortos pelas forças da Indonésia em *Koramil* de Bobonaro no Ano de 1984,” Documento disponibilizado à CAVR por Armando dos Santos, Maliana, Bobonaro, 13 de Junho de 2003.
- <sup>592</sup> HRVD, Testemunho n.º 00924.
- <sup>593</sup> HRVD, Testemunho n.º 02108.
- <sup>594</sup> HRVD, Testemunho n.º 00965.
- <sup>595</sup> HRVD, Testemunho n.º 00970.
- <sup>596</sup> HRVD, Testemunho n.º 00992.
- <sup>597</sup> HRVD, Testemunho n.º 00946.
- <sup>598</sup> HRVD, Testemunho n.º 01000.
- <sup>599</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 00205 e 03547.
- <sup>600</sup> *35 Tahun Darma Bakti Kostrad*, [não existe informação bibliográfica disponível], pp. 86-88.

- 
- <sup>601</sup> HRVD, Testemunho n° 05323.
- <sup>602</sup> HRVD, Testemunho n° 07661.
- <sup>603</sup> HRVD, Testemunho n° 03902.
- <sup>604</sup> HRVD, Testemunho n° 07444.
- <sup>605</sup> HRVD, Testemunho n° 07602.
- <sup>606</sup> HRVD, Testemunho n° 04161.
- <sup>607</sup> HRVD, Testemunho n° 06022; Entrevista da CAVR a Roque Soares Pinto, Beaço (Viqueque, Viqueque) 3 de Outubro de 2003.
- <sup>608</sup> HRVD, Testemunho n° 03916.
- <sup>609</sup> HRVD, Testemunho n° 06029.
- <sup>610</sup> HRVD, Testemunho n° 00427.
- <sup>611</sup> HRVD, Testemunho n° 06052.
- <sup>612</sup> HRVD, Testemunho n° 01605.
- <sup>613</sup> HRVD, Testemunho n° 01640; Entrevista a Júlio dos Santos, Díli, 15 de Outubro de 2004.
- <sup>614</sup> HRVD, Testemunho n° 04437; CAVR, Perfil da Comunidade, Ailebere, subdistrito de Iliomar, distrito de Lautém, 24 de Julho de 2003; e Ernest Chamberlain, *The Struggle in Iliomar: Resistance in Rural East Timor*, pp.27-28.
- <sup>615</sup> HRVD, Testemunho n° 05320.
- <sup>616</sup> HRVD, Testemunho n° 06073.
- <sup>617</sup> HRVD, Testemunho n° 02136.
- <sup>618</sup> HRVD, Testemunho n° 05349.
- <sup>619</sup> HRVD, Testemunho n° 03138.
- <sup>620</sup> HRVD, Testemunho n° 09163.
- <sup>621</sup> HRVD, Testemunho n° 00436.
- <sup>622</sup> HRVD, Testemunhos n°s 03899 e 02337.
- <sup>623</sup> HRVD, Testemunho n° 06122.
- <sup>624</sup> HRVD, Testemunho n° 00585.
- <sup>625</sup> HRVD, Testemunho n° 03873.
- <sup>626</sup> HRVD, Testemunho n° 04102.
- <sup>627</sup> HRVD, Testemunho n° 04716.
- <sup>628</sup> HRVD, Testemunho n° 03388.
- <sup>629</sup> HRVD, Testemunho n° 01357.
- <sup>630</sup> HRVD, Testemunho n° 02164.
- <sup>631</sup> HRVD, Testemunho n° 01674.
- <sup>632</sup> HRVD, Testemunho n° 09189.
- <sup>633</sup> HRVD, Testemunho n° 03771.
- <sup>634</sup> Entrevista da CAVR a Leonardo de Araújo, 27 de Novembro de 2004.

---

<sup>635</sup> Dois dos documentos foram produzidos pelo Comando Militar Regional Udayana IX, Comando de Implementação de Operações (*Kolakops*) de Timor Leste como se segue: 1: *Relatório Especial sobre o Incidente de 12 de Novembro de 1991 em Díli, Timor Leste, No. Lapsus/26/XI/1991*, 13 de Novembro de 1991; 2: *Relatório Especial sobre a Identificação dos Agitadores envolvidos no Incidente da Manifestação de 12 de Novembro de 1991 em Santa Cruz, Díli, Timor Leste, Dezembro de 1991*.

Quatro documentos foram produzidos pelo Comando Militar Regional Udayana IX, Destacamento da Polícia Militar IX/4: 1. *Relatório Especial sobre o Resumo da Investigação sobre os Oficiais Anti-Motim relacionado com a Manifestação do Grupo Anti-Integração e seus Apoiantes em 12 de Novembro de 1991, No. Lapsus/487/XI/1991*, 26 de Novembro de 1991; 2. *Relatório sobre a Investigação do Incidente de 12 de Novembro de 1991, No. R/488/XII/1991*, Dezembro de 1991; 3. *Relatório Especial sobre o Resultado da Investigação sobre os Oficiais Anti-Motim na Manifestação de 12 de Novembro de 1991, No. Lapsus/03/XII/1991*, Janeiro de 1992; 4. *Dossier de Investigação relativo ao Processo contra o Acusado: Primeiro sargento Aloysius Rani, Denpasar, No. DPP-10/A-09/Military Comando Regional da Polícia IX/1992*, Abril de 1992.

<sup>636</sup> *Relatório Especial sobre o Resultado da Investigação sobre os Oficiais Anti-Motim na Manifestação de 12 de Novembro de 1991, No. Lapsus/03/XII/1991*, Janeiro de 1992

<sup>637</sup> Entrevista da CAVR a Marito Mota, 28 de Novembro de 2004.

<sup>638</sup> Russell Anderson, Depoimento sobre o Massacre em Timor Leste a 12 de Novembro de 1991, primeiro apresentado à Comissão Parlamentar Conjunta para o Comércio e a Defesa (Austrália), 2 de Dezembro de 1991.

<sup>639</sup> UNPOL [Polícia das Nações Unidas] Unidade de Crimes Históricos, entrevista Jacinto Alves, 11 de Junho de 2001.

<sup>640</sup> Ver a matriz de entrevistas anexada ao *Relatório Especial sobre o Resultado da Investigação sobre os Oficiais Anti-Motim na Manifestação de 12 de Novembro de 1991, No. Lapsus/03/XII/1991*, Janeiro de 1992

<sup>641</sup> Entrevista da CAVR a Márcio da Graça Ximenes Cipriano Gonçalves, 28 de Novembro de 2004. Ver também United Nations Transitional Authority in East Timor [UNTAET] National Investigations Unit [NIU, Polícia Civil], Entrevista a José João Lemos Aniceto, 21 de Março de 2001.

<sup>642</sup> Ver, por exemplo, Russell Anderson, Depoimento sobre o Massacre em Timor Leste a 12 de Novembro de 1991, primeiro apresentado à Comissão Parlamentar Conjunta para o Comércio e a Defesa (Austrália), 2 de Dezembro de 1991.

<sup>643</sup> Simplicio Celestino de Deus, depoimento à CAVR na Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003.

<sup>644</sup> Tribunal do Estado em Díli, Pasta do Processo (Maço A), No. 13/Pid/B/1992/PN DIL.

<sup>645</sup> Helen Todd, depoimento à CAVR na Audiência Pública Nacional sobre Massacres, Díli, 19 a 21 de Novembro de 2003.

<sup>646</sup> Entrevista da CAVR a Aviano António Faria, Portugal 16 de Outubro de 2003.

<sup>647</sup> Entrevista da CAVR a João António Dias, Lisboa, Outubro de 2003.

<sup>648</sup> Entrevista da CAVR a Inocêncio da Costa Maria Freitas, Díli, 27 de Novembro de 2004.

<sup>649</sup> Entrevista da CAVR a Aviano António Faria, Portugal, 16 de Outubro de 2003.

<sup>650</sup> Tribunal do Estado em Díli, *op. cit.* Pasta do Processo (Maço A), No. 13/Pid/B/1992/PN DIL. p. 93.

<sup>651</sup> Entrevista da CAVR a Fernando Tilman, Díli, 28 de Novembro de 2004.

<sup>652</sup> *Asia Watch, East Timor: The November 12 Massacre and its Aftermath, Asia Watch Report, Vol. 3, No. 26*, 12 de Dezembro de 1991.

---

<sup>653</sup> Relatório Preliminar da Comissão Nacional de Inquérito sobre o Incidente de 12 de Novembro de 1991 em Díli, 26 de Dezembro de 1991, in Heike Krieger (ed.), *East Timor and the International Community: Basic Documents*, 1997, pp. 256-259.

<sup>654</sup> *Komisi Penyelidikan Nasional*, Comissão Nacional de Inquérito, da Indonésia.

<sup>655</sup> Ver Suspeito n° 9 em *Relatório Especial sobre o Resultado da Investigação sobre os Oficiais Anti-Motim na Manifestação de 12 de Novembro de 1991, No. Lapsus/03/XII/1991*, Janeiro de 1992

<sup>656</sup> HRVD, Testemunho n° 02049.

<sup>657</sup> HRVD, Testemunhos n°s 02049 e 04964.

<sup>658</sup> Sobre as sepulturas em Tibar, ver United Nations Transitional Authority in East Timor [UNTAET] National Investigations Unit [NIU, Polícia Civil], entrevistas com Paulo da Silva de Jesus, 7 de Abril de 2001; Matias Guterres, 30 de Março de 2001; e Manuel Soares *alias* Amanu, 11 de Agosto de 2001.

<sup>659</sup> United Nations, "Report by the Special Rapporteur Bacre Waly N'Diaye, on his mission to Indonesia and East Timor from 3 to 13 July 1994", E/CN.4/1995/61/Add.1, 1 de Novembro de 1994, parágrafo 69.

<sup>660</sup> Documento da ONU E/CN4/1995/61/Add.1. Referido como Relatório N'Diaye.

<sup>661</sup> *Ibid.*

<sup>662</sup> Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias, recomendados pela Resolução do Conselho Económico e Social 1989/65 de 24 de Maio de 1989. Anexo, 1989 UN ESCOR Supp. (No. 1) em 52, Documento ONU E/1989/89 (1989).

<sup>663</sup> *Surat Perintah Penyidikan* (Ordem de Investigação) N° POL: SPRIN/1090/XI/1991/SERSE.

<sup>664</sup> Relatório da Polícia N° POL:LP/611/XI/1991/PAMAPTA.

<sup>665</sup> *Daftar Barang Bukti* (Lista de Provas), preparada por M. Tutuhunewa.

<sup>666</sup> Segundo Relatório da Polícia Militar, *infra*.

<sup>667</sup> Relatório N'Diaye, parágrafo 52.

<sup>668</sup> *Ibid.* parágrafo 56.

<sup>669</sup> *Ibid.* parágrafo 57.

<sup>670</sup> Testemunho de Joana Dias, 4 de Agosto de 2001, prestado à Civpol, UNTAET; testemunho de Simão Pedro Ribeiro, 12 de Agosto de 2001, prestado à Civpol, UNTAET.

<sup>671</sup> Primeiro Relatório da Polícia Militar: Relatório Especial: Breve Resumo dos Resultados da Investigação sobre os Oficiais em funções na Manifestação do Grupo Anti-integração e seus Apoiantes em 12 de Novembro de 1991, datado de 26 de Novembro de 1991, pela Polícia Militar para a Região Militar Udayana IX. (*Laporan Khusus Nomor Lapsus/487/XI/1991, Resume Singkat Hasil Pemeriksân Para Petugas Pengendali Unjuk Rasa Kelompok Anti Integrasi dan Pendukungnya pada tanggal 12 Nopember 1991*, datado de 26 de Novembro de 1991, pela Polisi Militer Daerah Militer Udayana IX, Detasemen IX/4); segundo Relatório da Polícia Militar: *Relatório da Investigação sobre os acontecimentos de 12 de Novembro de 1991*, pela Polícia Militar, datado de Dezembro de 1991 (não tem indicação de dia). [*Laporan Pengusutan Ke Dalam Peristiwa 12 Nopember 1991 Nomor: R/488/XII/1991, Polisi Militer Daerah Militer IX, Udayana Detasemen-IX/4*], e terceiro Relatório da Polícia Militar: Relatório Especial sobre os Resultados da Investigação acerca dos oficiais do PHH na Manifestação de 12 de Novembro de 1991, datado de Janeiro de 1992, pela Polícia Militar para a região de Udayana. [*Laporan Khusus Tentang Hasil Penyelidikan Terhadap Petugas PHH pada Demonstrasi tanggal 12 Nopember 1991*], Janeiro de 1992, Polisi Militer Daerah Militer Udayana IX, Detasemen IX/4]. Este relatório consiste num documento de cinco páginas assinado e selado pelo comandante adjunto major Hawas Mu'in.

<sup>672</sup> Primeiro Relatório da Polícia Militar: Relatório Especial: Breve Resumo dos Resultados da Investigação sobre os Oficiais em funções na Manifestação do Grupo Anti-integração e seus Apoiantes em 12 de

---

Novembro de 1991, datado de 26 de Novembro de 1991, pela Polícia Militar para a Região Militar IX, *Udayana*.

<sup>673</sup> Relatório da Polícia n°: LP-28/A-22/Destacamento da Polícia Militar Unidade IX/4/1991, 12 de Novembro de 1991.

<sup>674</sup> Terceiro Relatório da Polícia Militar: Relatório Especial sobre os Resultados da Investigação acerca dos oficiais do PHH na Manifestação de 12 de Novembro de 1991, datado de Janeiro de 1992, pela Polícia Militar para a região de *Udayana*.

<sup>675</sup> *Ibid*, p. 4.

<sup>676</sup> Registo no Local do Incidente, 14 de Novembro de 1991, ficheiro no processo contra Aloysius Rani.

<sup>677</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 47.

<sup>678</sup> *Berita Acara Persidangan* (Transcrição da audiência) No.15/Pid/B/1992/PN.DIL, 7 de Maio 1992, p.100.

<sup>679</sup> Primeiro registo do interrogatório do segundo tenente Mursanib\*\*

<sup>680</sup> Terceiro registo do interrogatório do segundo tenente Mursanib, 21 de Março de 1992, resposta à pergunta 6b5.

<sup>681</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 29.

<sup>682</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 57 (d).

<sup>683</sup> Amnesty International, *Indonesia/East Timor – Santa Cruz: The Government Response*, AI Index: ASA 21/03/92, Fevereiro de 1992, Capítulo 2.2.

<sup>684</sup> Relatório Preliminar da Comissão Nacional de Inquérito, 26 de Novembro de 1991, Jacarta, reproduzido em Anexo ao Relatório N°Diaye.

<sup>685</sup> Relatório N°Diaye.

<sup>686</sup> Amnesty International, *Indonesia/East Timor – Santa Cruz: The Government Response*, AI Index: ASA 21/03/92, Fevereiro de 1992, Capítulo 2.2.

<sup>687</sup> Relatório Preliminar da Comissão Nacional de Inquérito, 26 de Novembro de 1991, Jacarta, reproduzido em Anexo ao Relatório N°Diaye.

<sup>688</sup> *Ibid*.

<sup>689</sup> Princípios relativos a uma Prevenção Eficaz e à Investigação das Execuções Extrajudiciais, Arbitrárias ou Sumárias, recomendados pela Resolução do Conselho Económico e Social 1989/65 de 24 de Maio de 1989. Annex, 1989 UN ESCOR Supp. (No. 1) em 52, documento da ONU E/1989/89 (1989).

<sup>690</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 79.

<sup>691</sup> *Asia Watch, The Massacre Courts-Martial*, June 23 1992, Vol. 4, Number 16, p.2.

<sup>692</sup> Carta datada de 27 de Fevereiro de 1992 do Representante Permanente da Indonésia ao Presidente da Comissão dos Direitos Humanos, ver documento da ONU E/CN.4/1992/79.

<sup>693</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 35.

<sup>694</sup> Apêndice 3: Officers Disciplined After the Santa Cruz Massacre, in *Asia Watch, Remembering History in East Timor: the Trial of Xanana Gusmão and a follow-up to the Díli Massacre*, Vol.5, no.8, Abril de 1993.

<sup>695</sup> *Asia Watch, The Massacre Courts-Martial*, p.6.

<sup>696</sup> *Ibid*.

<sup>697</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 70 (g).

- 
- <sup>698</sup> *Asia Watch, The Massacre Courts-Martial*, p.1.
- <sup>699</sup> *Asia Watch, The Massacre Courts-Martial ; Remembering History in East Timor: the Trial of Xanana Gusmão and a follow-up to the Dili Massacre*.
- <sup>700</sup> Segundo Relatório da Polícia Militar, p.6.
- <sup>701</sup> *Ibid.* parágrafo 60.
- <sup>702</sup> Relatório N°Diaye, parágrafo 70.
- <sup>703</sup> Amnesty International, *Indonesia and East Timor: Twenty years of violations: statement before the United Nations Special Committee on Decolonization*, 1995, p. 7.
- <sup>704</sup> HRVD, Testemunho n° 02994.
- <sup>705</sup> Entrevista da CAVR a Jacinta Alves Correia, Gariana, Maubara, Liquiça, 19 de Junho de 2004; e HRVD, Testemunhos n°s 02994 e 03004.
- <sup>706</sup> HRVD, Testemunho n° 02994.
- <sup>707</sup> Entrevista da CAVR a Clementino Amaral, Díli, 11 de Junho de 2004.
- <sup>708</sup> Entrevista da CAVR a o padre Rui Gomes, Baucau, 28 de Maio de 2004.
- <sup>709</sup> ETISC (East Timor International Support Centre), “ From the road to Díli to the shootings in Baucau”, 1 de Julho de 1998.
- <sup>710</sup> Entrevista da CAVR a o padre Rui Gomes, Baucau, 28 de Maio de 2004.
- <sup>711</sup> Ver “Indonesian army apologizes for Timorese death; East Timorese protest against death of youth, Díli, East Timor”, Reuters, 17 de Junho de 1998; ver também “A Legacy of Bitterness”, *Asiaweek*, 8 de Agosto de 1998.
- <sup>712</sup> Testemunho de Constâncio Pinto perante o Comité Especial de Descolonização das Nações Unidas em nome da Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste (RENETIL), Nova Iorque, Julho de 1998; Nações Unidas A/AC.109/2111/Add.1 Assembleia Geral, 30 de Junho de 1998, Comité Especial sobre a Situação da Implementação da Declaração sobre a Concessão da Independência aos Países e aos Povos Coloniais, documento de trabalho sobre Timor Leste preparado pelo Secretariado.
- <sup>713</sup> Documento da Amnistia Internacional , ASA 21/108/98; ETHRC (East Timor Human Rights Centre) Report, 28 de Fevereiro 1999, p. 166.
- <sup>714</sup> HRVD, Testemunho n° 03461.
- <sup>715</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01507, 01521 01545 e 09019.
- <sup>716</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01558; 01603; 03402 e 01583; Entrevista da CAVR a Anibal Franca da Costa, Manufahi, [não datada].
- <sup>717</sup> HRVD, Testemunho n° 03402.
- <sup>718</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01558, 01603, 03402 e 01583.
- <sup>719</sup> HRVD, Testemunho n° 01531.
- <sup>720</sup> HRVD, Testemunho n° 01522.
- <sup>721</sup> HRVD, Testemunho n° 04042.
- <sup>722</sup> HRVD, Testemunho n° 04061.
- <sup>723</sup> HRVD, Testemunhos n°s 01572; 03467 e 04042.
- <sup>724</sup> OHCHR, Documento disponibilizado à CAVR, Abril de 2004, p. 181
- <sup>725</sup> OHCHR, Documento disponibilizado à CAVR, Abril de 2004, p. 202.

- 
- <sup>726</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 01197; 01115; 01156; 01140; 04317 e 01116.
- <sup>727</sup> HRVD, Testemunho n.º 08161.
- <sup>728</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07820 e 07051.
- <sup>729</sup> HRVD, Testemunho n.º 08167.
- <sup>730</sup> HRVD, Testemunho n.º 06177.
- <sup>731</sup> HRVD, Testemunho n.º 08161.
- <sup>732</sup> HRVD, Testemunho n.º 02912.
- <sup>733</sup> HRVD, Testemunho n.º 02641.
- <sup>734</sup> HRVD, Testemunho n.º 03476.
- <sup>735</sup> Ver Entrevista da CAVR a Agostinho Boavida Ximenes (Sera Malik), 28 de Agosto de 2004, Soe (Timor Ocidental Indonésia).
- <sup>736</sup> HRVD, Testemunho n.º 07758.
- <sup>737</sup> HRVD, Testemunho n.º 05043.
- <sup>738</sup> HRVD, Testemunho n.º 08916.
- <sup>739</sup> HRVD, Testemunho n.º 07280.
- <sup>740</sup> HRVD, Testemunho n.º 04033.
- <sup>741</sup> HRVD, Testemunho n.º 05278.
- <sup>742</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 09020 e 04883.
- <sup>743</sup> HRVD, Testemunho n.º 06622, Entrevista da CAVR a Martinho de Jesus, Matorek, Manufahi, 6 de Junho de 2003.
- <sup>744</sup> HRVD, Testemunho n.º 07078.
- <sup>745</sup> HRVD, Testemunho n.º 05335.
- <sup>746</sup> HRVD, Testemunho n.º 00638.
- <sup>747</sup> Entrevista da CAVR a Aleixo Rogério José, Lugasa (Viqueque, Viqueque), 14 de Dezembro de 2003.
- <sup>748</sup> Entrevista a Jacobs, datada de 4 de Agosto de 1982, Anthony Goldstone, contribuição escrita enviada à CAVR. Arquivo da CAVR.
- <sup>749</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 08028 e 08030.
- <sup>750</sup> HRVD, Testemunho n.º 00522.
- <sup>751</sup> HRVD, Testemunho n.º 01570.
- <sup>752</sup> HRVD, Testemunho n.º 02299; ver também HRVD, Testemunhos n.ºs 02296 e 01620 (que incorrectamente refere o ataque como tendo ocorrido em 1983); ver também Entrevista da CAVR a Anselmo Fernandes Xavier e Edmundo da Cruz, Com, Lautém, 10 de Outubro 2003.
- <sup>753</sup> HRVD, Testemunho n.º 05371.
- <sup>754</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07840, 08719 e 06515.
- <sup>755</sup> Ver HRVD, Testemunho n.º 07340 (homicídio de um homem chamado Cosme em Bahatata (Uatu-Carbau, Viqueque), HRVD, Testemunho n.º 07776 (homicídio de um chefe de aldeia chamado Eugénio em Maluro (Quelical, Baucau), e HRVD, Testemunho n.º 07615 (homicídio de um membro da *Hansip* chamado Sico Hornay e de uma mulher chamada Joana em Home (Lospalos, Lautém).
- <sup>756</sup> Fretilin/Conselho Nacional de Resistência Maubere (CNRM), Mensagem de Saudação, Lisboa 1985.

- 
- <sup>757</sup> HRVD, Testemunho n° 02719.
- <sup>758</sup> HRVD, Testemunho n° 04767.
- <sup>759</sup> HRVD, Testemunho n° 01931 (em Manatuto) e HRVD, Testemunho n° 04439 (em Lautém).
- <sup>760</sup> HRVD, Testemunho n° 00425.
- <sup>761</sup> HRVD, Testemunho n° 04008.
- <sup>762</sup> HRVD, Testemunhos n°s 09198 (Iliomar, Lautém), n° 04154 (Bibileo, Viqueque), n° 03822 (Vemasse, Baucau) e n°s 09002, 09015, 09019 e 06022 (Tautudak, Manatuto), e n° 05810 (Faturasa, Aileu).
- <sup>763</sup> HRVD, Testemunho n° 01931.
- <sup>764</sup> HRVD, Testemunho n° 03197.
- <sup>765</sup> HRVD, Testemunho n° 03420.
- <sup>766</sup> HRVD, Testemunho n° 06483.
- <sup>767</sup> HRVD, Testemunho n° 02301. Ver também “Soal Tewasnya Dua Guru di Timtim, Dunia Pendidikan Sesalkan Tindakan Brutal,” (As mortes de dois professores em Timor Leste, o mundo da educação lamenta o acto brutal), *Jornal Republika*, 7 de Junho de 1997, e Human Rights Watch.
- <sup>768</sup> HRVD, Testemunho n° 00474.
- <sup>769</sup> HRVD, Testemunho n° 07783.
- <sup>770</sup> Ver HRVD, Testemunho n°s 05766, 05078 e 05074 para mais informações sobre as detenções que se seguiram ao ataque.
- <sup>771</sup> HRVD, Testemunho n° 03179.
- <sup>772</sup> HRVD, Testemunhos n°s 04231, 01116 e 05532; e entrevistas da CAVR com Rosana Barros, Bendito Gomes Aldeia e Iria Paula (todos Cailaco, Bobonaro, 14 de Junho de 2004) e Adriano João, Dili, 21 de Setembro de 2004.
- <sup>772</sup> Entrevista da CAVR a Rosana Barros, Cailaco (Bobonaro) 14 de Junho de 2004.
- <sup>772</sup> HRVD, Testemunho n° 05532.
- <sup>773</sup> HRVD, Testemunho n° 03813.
- <sup>774</sup> HRVD, Testemunho n° 05626.
- <sup>775</sup> Os exemplos incluem HRVD, Testemunhos n°s 08259, 08244 e 03530 (todos de Ermera).
- <sup>776</sup> HRVD, Testemunho n° 00710.
- <sup>777</sup> Igualmente referido em Amnesty International, “East Timor: Seize the Moment”, AI Index: ASA 21/49/99, 21 de Junho de 1999.
- <sup>778</sup> *Ibid.*
- <sup>779</sup> HRVD, Testemunho n° 6740.
- <sup>780</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra o coronel Herman Sedyono *et al.*, Processo n° 14/2003, parágrafos 215-225.
- <sup>781</sup> *Ibid.*, parágrafos 226-230.
- <sup>782</sup> *Ibid.*, parágrafos 231-236.
- <sup>783</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 192.
- <sup>784</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Leoneto Martins *et al.*, Processo n° 21/2001, parágrafos 85-95.

- 
- <sup>785</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 0082; 1823; 1963; 4644; 4669; 5876; 9191; 0276; 2326; 4614; 5860; 5944 e 0196
- <sup>786</sup> Hermínia Mendes, depoimento apresentado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>787</sup> Depoimento do padre Rafael dos Santos, gravado e compilado em Sydney, Austrália, a 27-28 de Outubro de 1999, p. 8, citado no Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 194.
- <sup>788</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, pp. 192-196
- <sup>789</sup> HRVD, Testemunho n.º 0082.
- <sup>790</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 195.
- <sup>791</sup> Sobre as três mortes referidas em seguida, ver Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Leoneto Martins *et al.*, Processo n.º 2001/21, parágrafos 80-84, 126, 129-132.
- <sup>792</sup> HRVD, Testemunho n.º 0196.
- <sup>793</sup> HRVD, Testemunho n.º 2983.
- <sup>794</sup> HRVD, Testemunho n.º 1001.
- <sup>795</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Leoneto Martins *et al.*, Processo n.º 2001/21, parágrafos 133-136.
- <sup>796</sup> HRVD, Testemunho n.º 4701.
- <sup>797</sup> Hermínia Mendes, depoimento apresentado à Audiência Pública Nacional da CAVR sobre Massacres, 19 a 21 de Novembro de 2003.
- <sup>798</sup> HRVD, Testemunho n.º 4231.
- <sup>799</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 198.
- <sup>800</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Burhanuddin Siagian *et al.*, Processo n.º 02/2003, parágrafo 51.
- <sup>801</sup> *Ibid.*, parágrafos 84-101; Entrevista da CAVR a Bendito Gomes Aldeia, Marco, Cailaco, Bobonaro, 14 de Junho de 2004.
- <sup>802</sup> Entrevista da CAVR a Rosano Barros, Marco, Cailaco (Bobonaro), 14 de Junho de 2004.
- <sup>803</sup> HRVD, Testemunho n.º 5535; Entrevista da CAVR a Adriano João, Dili, 21 de Setembro de 2004.
- <sup>804</sup> Entrevista da CAVR a Iria Paula, Purogoa, Meligo (Cailaco, Bobonaro), 14 de Junho de 2004.
- <sup>805</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, pp. 197-200.
- <sup>806</sup> No que respeita à detenção de Aprígio Mali Tae e Carlos [Sama-Lelo], bem como às execuções de Cornélio Rosa [sic] da Silva, António Basílio e Armando [Berlaku], ver a Entrevista da CAVR a Bendito Gomes Aldeia, Marco, Cailaco (Bobonaro), 14 de Junho de 2004; sobre a execução de Aprígio Mali Tae e Carlos Sama-Lelo, ver Adriano João, “Kasus eksekusi 12-04-99 di Cailaco” [“Case of 12-04-99 execution in Cailaco”], manuscrito inédito, 10 de Junho de 2004 (Arquivo da CAVR), e Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Burhanuddin Siagian *et al.*, Processo n.º 02/2003, parágrafos 121-126; sobre a execução de Armando Berlaku, ver HRVD, Testemunho n.º 2544; sobre as execuções de José Barros e Cornélio Rodrigues da Silva, ver o testemunho ocular fornecido pela mulher de Cornélio, no HRVD, Testemunho n.º 5507.
- <sup>807</sup> Entrevista da CAVR a Bendito Gomes, Marco, Cailaco (Bobonaro), 14 de Junho de 2004; Adriano João, “Kasus eksekusi 12-04-99 di Cailaco” [“Case of 12-04-99 execution in Cailaco”], manuscrito não publicado, 10 de Junho de 2004, Arquivo da CAVR.
- <sup>808</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 5639-02; 6749; 6680; 6687.

- 
- <sup>809</sup> CAVR, Equipa de Investigação de Lápides Tumulares, (Maubara, Liquiça), 21 de Outubro de 2003; HRVD, Testemunho n.ºs 4661 e 6940.
- <sup>810</sup> HRVD, Testemunho n.º 05732; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Eurico Guterres *et al.*, Processo n.º 02/2002, parágrafo 26.
- <sup>811</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 0116; 0159; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Marcelino Soares, Processo n.º 11/2003, parágrafos 14-20.
- <sup>812</sup> HRVD, Testemunho n.º 0135; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Mateus de Carvalho *et al.*, Processo n.º 24/2003, parágrafos 34-39.
- <sup>813</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Mateus de Carvalho *et al.*, Processo n.º 24/2003, parágrafos 40-49.
- <sup>814</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra o coronel Herman Sedyono *et al.*, Processo n.º 14/2003, parágrafo 180.
- <sup>815</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Câncio Lopes de Carvalho *et al.*, Processo n.º 06/2003, parágrafos 29-60.
- <sup>816</sup> *Ibid.*, parágrafos 61-73.
- <sup>817</sup> HRVD, Testemunho n.º 3655.
- <sup>818</sup> HRVD, Testemunho n.º 5206.
- <sup>819</sup> HRVD, Testemunho n.º 8423; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra o coronel Herman Sedyono *et al.*, Processo n.º 14/2003, parágrafo 167.
- <sup>820</sup> HRVD, Testemunho n.º 6258.
- <sup>821</sup> HRVD, Testemunho n.º 8544; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra o coronel Herman Sedyono *et al.*, Processo n.º 14/2003, parágrafo 195.
- <sup>822</sup> *Ibid.*, parágrafo 201.
- <sup>823</sup> *Ibid.*, parágrafo 204.
- <sup>824</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.*, Processo n.º 9/2003, parágrafo 131.
- <sup>825</sup> Testemunhos da HRVD n.ºs 8578; 8414; 8595.
- <sup>826</sup> HRVD, Testemunho n.º 9031.
- <sup>827</sup> HRVD, Testemunho n.º 4585.
- <sup>828</sup> HRVD, Testemunho n.º 9031.
- <sup>829</sup> HRVD, Testemunho n.º 2530.
- <sup>830</sup> HRVD, Testemunho n.º 4597.
- <sup>831</sup> HRVD, Testemunho n.º 9471.
- <sup>832</sup> HRVD, Testemunho n.º 4598.
- <sup>833</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 3557; 3573.
- <sup>834</sup> HRVD, Testemunho n.º 5485. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Bernardino da Costa, Processo n.º 03/2002, parágrafos 30-36.
- <sup>835</sup> HRVD, Testemunho n.º 5488. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Bernardino da Costa, Processo n.º 03/2002, parágrafos 24-29.
- <sup>836</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo n.º 13/2004, parágrafos 28-31.

- 
- <sup>837</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 155.
- <sup>838</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 8104 e 0135 [morte perpetrada pela milícia *Aitarak* em Metinaro, em Abril]; 0159 [João Bosco, Luís Dias desaparecido em Hera]; 3757 [Luís Dias em Hera]; 0116 [Luís Dias em Hera]; 3886; 8068 e 8104.
- <sup>839</sup> HRVD, Testemunho n.º 3655.
- <sup>840</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, pp. 206-207; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Mateus de Carvalho *et al.*, Processo n.º 2003/24, parágrafos 50-56.
- <sup>841</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Armando dos Santos, Processo n.º 2001/16, parágrafos 13-16.
- <sup>842</sup> HRVD, Testemunho n.º 4678.
- <sup>843</sup> HRVD, Testemunho n.º 7825.
- <sup>844</sup> HRVD, Testemunho n.º 3883-03.
- <sup>845</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 6493 e 6496.
- <sup>846</sup> Robinson, *East Timor 1999*, Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, pp. 162; HRVD, Testemunhos n.ºs 8385; 8296; 8295; 3510 e 1705.
- <sup>847</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 3886; 8068. O nome da vítima é referido, em alternativa, por Eugénio Fátima.
- <sup>848</sup> HRVD, Testemunho n.º 8104.
- <sup>849</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 2163; 2502; 2503; 2522; 2558 e 3551.
- <sup>850</sup> Robinson, *East Timor 1999*, Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 172.
- <sup>851</sup> *Ibid.*, p. 166, citando sentença do Tribunal do distrito de Díli, Joni Marques *et al.*, em 53-57; 08739.
- <sup>852</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 0404; 0467; 0469; 0470; 0471; 0475 e 0477.
- <sup>853</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo n.º 2003/18; HRVD, Testemunhos n.ºs 6756; 6760 e 8241-03.
- <sup>854</sup> HRVD, Testemunho n.º 4645.
- <sup>855</sup> HRVD, Testemunho n.º 1831.
- <sup>856</sup> HRVD, Testemunho n.º 0290.
- <sup>857</sup> HRVD, Testemunho n.º 2700; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Câncio Lopes de Carvalho *et al.*, Processo n.º 2003/06.; Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 136.
- <sup>858</sup> HRVD, Testemunho n.º 2007.
- <sup>859</sup> HRVD, Testemunho n.º 6132.
- <sup>860</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Richard Hutadjulu *et al.*, Processo n.º 33/2003.
- <sup>861</sup> East Timor Human Rights Centre, SR1/99.
- <sup>862</sup> HRVD, Testemunho n.º 3779. East Timor Human Rights Centre, SR 1/99.
- <sup>863</sup> HRVD, Testemunho n.º 6418.
- <sup>864</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 6429 e 6436. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Sérgio da Costa, Processo n.º 2001/12.
- <sup>865</sup> HRVD, Testemunho n.º 6421.

- 
- <sup>866</sup> HRVD, Testemunho n° 6360.
- <sup>867</sup> HRVD, Testemunho n° 4520.
- <sup>868</sup> HRVD, Testemunho n° 6211.
- <sup>869</sup> HRVD, Testemunho n° 6209.
- <sup>870</sup> HRVD, Testemunho n° 1021.
- <sup>871</sup> HRVD, Testemunho n° 5323.
- <sup>872</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Joni Marques *et al.*, Processo n° 9/2000, parágrafos 18-20; HRVD, Testemunho n° 8739.
- <sup>873</sup> SR 1/99.
- <sup>874</sup> HRVD, Testemunho n° 2661.
- <sup>875</sup> Procurador-Geral, Acusação contra Vidal Doutel Sarmiento *et al.*, Processo n° 11/2002, parágrafos 22-25.
- <sup>876</sup> HRVD, Testemunho n° 0643.
- <sup>877</sup> HRVD, Testemunho n° 1312; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo n° 13/2004, parágrafos 35-42.
- <sup>878</sup> HRVD, Testemunho n° 1603.
- <sup>879</sup> HRVD, Testemunho n° 1512.
- <sup>880</sup> HRVD, Testemunho n° 9045.
- <sup>881</sup> HRVD, Testemunho n° 6899.
- <sup>882</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0404; 0467; 0469; 0470 e 0475.
- <sup>883</sup> HRVD, Testemunho n° 0479.
- <sup>884</sup> HRVD, Testemunho n° 1872.
- <sup>885</sup> HRVD, Testemunho n° 1169.
- <sup>886</sup> HRVD, Testemunho n° 8219.
- <sup>887</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo n° 18/2003; HRVD, Testemunho n° 0241.
- <sup>888</sup> HRVD, Testemunho n° 8204.
- <sup>889</sup> HRVD, Testemunho n° 5743.
- <sup>890</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 156.
- <sup>891</sup> *Ibid.*, p. 156.
- <sup>892</sup> HRVD, Testemunho n° 5096.
- <sup>893</sup> HRVD, Testemunhos n°s 8943; 8946; 8951; 2947 e 8943.
- <sup>894</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0374; 0876.
- <sup>895</sup> HRVD, Testemunho n° 00876 (Inácio Haumetan morto, outra tentativa de assassinio); 2632 (Hendrikus Oki morto por *BMP*, *Aitarak*, *TNI* e polícia); 2857 (Henrik Oki morto pela *BMP*).
- <sup>896</sup> HRVD, Testemunhos n°s 6896; 6901 e 8940 – Saturlino e Tomás Nino.
- <sup>897</sup> HRVD, Testemunhos n°s 6211 e 6377.
- <sup>898</sup> HRVD, Testemunho n° 6209.

- 
- <sup>899</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Leoneto Martins *et al.*, Processo nº 21/2001, parágrafos 141-147; HRVD, Testemunho nº 2985.
- <sup>900</sup> HRVD, Testemunho nº 1997.
- <sup>901</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, pp. 189-190; HRVD, Testemunho nº 4127.
- <sup>902</sup> Entrevista da CAVR a Helena de Araújo, Dili, 17 de Setembro 2003.
- <sup>903</sup> Equipa de Investigação da CAVR, *A CAVR research report on the Kuluhun shooting incident*, 19 de Março de 2005. Arquivo da CAVR.
- <sup>904</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra o coronel Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 237-253.
- <sup>905</sup> Procurador-Geral da República Democrática de Timor-Leste, Acusação contra Edmundo da Conceição da Silva *et al.*, Processo nº 12a/2002, parágrafos 21-45.
- <sup>906</sup> HRVD, Testemunho nº 0923.
- <sup>907</sup> HRVD, Testemunhos nºs 2434 ; 2451 (Raúl dos Santos, Paulino); 2462 (Jaime, Félix Laku)
- <sup>908</sup> HRVD, Testemunho nº 2451.
- <sup>909</sup> HRVD, Testemunhos nºs 2917; ver também 2919 e 2943.
- <sup>910</sup> HRVD, Testemunhos nºs 2615; 2616 2617; 2619; 2625; 2634 e 2635.
- <sup>911</sup> HRVD, Testemunhos nºs 5463, 5464. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Bernardino da Costa, Processo nº 3/2002, parágrafos 40-44.
- <sup>912</sup> HRVD, Testemunhos nºs 4578 e 6448.
- <sup>913</sup> HRVD, Testemunhos nºs (Manuel Oliveira) – 2160; 2163; 2509 e 4553.
- <sup>914</sup> HRVD, Testemunho nº 6200.
- <sup>915</sup> HRVD, Testemunhos nºs 4545; 4562 e 6201.
- <sup>916</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo nº 18/2003.
- <sup>917</sup> HRVD, Testemunho nº 2221.
- <sup>918</sup> HRVD, Testemunho nº 8335.
- <sup>919</sup> Amnesty International, “Timor-Leste: Victims of crimes against humanity still wait for justice”, 29 August 2003 with update 8 January 2004, <http://web.amnesty.org/pages/tmp-290803-background-eng> at 18 July 2005.
- <sup>920</sup> HRVD, Testemunho nº 9471.
- <sup>921</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 217, n. 68.
- <sup>922</sup> *Ibid.*, pp. 221-224; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Eurico Guterres *et al.*, Processo nº 13/2003, parágrafos 27-77. HRVD, Testemunhos nºs 5664 (desaparecimento de Vicente da Costa Carlos Tilman da residência do bispo); 5678 (desaparecimento de Bidau Santana, depois de ser transferido da residência do bispo, após o ataque).
- <sup>923</sup> HRVD, Testemunho nº 05664.
- <sup>924</sup> HRVD, Testemunhos nºs 05734 e 05678.
- <sup>925</sup> HRVD, Testemunho nº 6351 (ataque a Aidila obrigou refugiados a refugiarem-se na igreja, a 6 de Setembro).
- <sup>926</sup> HRVD, Testemunhos nºs 6333; 7219; 7276e 8435.

- 
- <sup>927</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 07390; 08345 e 09009.
- <sup>928</sup> HRVD, Testemunho n.º 6351.
- <sup>929</sup> HRVD, Testemunho n.º 1266.
- <sup>930</sup> HRVD, Testemunho n.º 7219.
- <sup>931</sup> *Fokupers, Gender-based Violations of 1999*, Apresentação à CAVR, Julho de 2004, HRVD, Testemunho n.º F9323.
- <sup>932</sup> Feliciano Cardoso, Testemunho preparado pela CAVR a partir da entrevista com Feliciano Cardoso, 12 de Abril de 2003, para a Audiência Pública Nacional da CAVR sobre As Mulheres e o Conflito, 28 e 29 de Abril de 2003.
- <sup>933</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, pp. 237-239.
- <sup>934</sup> HRVD, Testemunho n.º 5965; Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 135.
- <sup>935</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo n.º 18/2003, parágrafos 128-190.
- <sup>936</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 233; Entrevista da CAVR a Domingas Verdial, Mugis, Maliana, 15 de Junho de 2004.
- <sup>937</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo n.º 18/2003, parágrafos 191-220.
- <sup>938</sup> HRVD, Testemunho n.º 2587; Entrevista da CAVR a Adriano João, Dili, 21 de Setembro de 2004.
- <sup>939</sup> Entrevista da CAVR a Domingas Verdial, Mugis, Maliana, 15 de Junho de 2004.
- <sup>940</sup> Entrevista da CAVR a Adelino G. Brito, 15 de Junho de 2004.
- <sup>941</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p.158.
- <sup>942</sup> Procurador-Geral da República Democrática de Timor-Leste, Acusação contra o major Jacob Djoko Saros e o tenente Camilo dos Santos, Processo n.º 10/2002, parágrafos 54-57.
- <sup>943</sup> *Ibid.*, parágrafos 62-86.
- <sup>944</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 242.
- <sup>945</sup> Procurador-Geral da República Democrática de Timor-Leste, Acusação contra o major Jacob Djoko Saros e o tenente Camilo dos Santos, Processo n.º 10/2002, parágrafos 95-107.
- <sup>946</sup> Documento disponibilizado pelo OHCHR à CAVR, Abril de 2004, p. 243.
- <sup>947</sup> *Ibid.*, p. 244.
- <sup>948</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 2675; 2718; 5005; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Câncio Lopes de Carvalho *et al.*, Processo n.º 6/2003, parágrafos 36-58; F. Rawski, "Truth-Seeking and Local Histories in East Timor", *Asia Pacific Journal on Human Rights and the Law* 1:77-96, 2002.
- <sup>949</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 2675, 2718 e 5005.
- <sup>950</sup> *Fokupers, Apresentação à CAVR*, Julho de 2004, HRVD, Testemunho n.º 99AIN007.
- <sup>951</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Simão Lopes *et al.*, Processo n.º 20/2001, parágrafos 56-63.
- <sup>952</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 2832 e 2836.
- <sup>953</sup> HRVD, Testemunho n.º 2804.
- <sup>954</sup> HRVD, Testemunho n.º 2828.
- <sup>955</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Simão Lopes *et al.*, Processo n.º 2001/20.

- 
- <sup>956</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 2804; 2806; 2832; 2814; 2819 ; 2837; 6895; 6893; 6901 e 6910.
- <sup>957</sup> HRVD, Testemunho n.º 6893.
- <sup>958</sup> HRVD, Testemunho n.º 2837.
- <sup>959</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 0372; 0375; 0377; 0811; 0831; 0832; 0833; 0834; 0838; 0839; 0840; 0865; 0869; 2972 e 0384; Procurador-Geral da República Democrática de Timor-Leste, Acusação Revista contra Laurentino Soares (também conhecido como Moko) e Bonifácio Bobo (também conhecido como Bone), Processo n.º 13/2002 (OE-4-99-SC), parágrafos 17-22.
- <sup>960</sup> Para os outros homicídios de 20 de Outubro, ver também HRVD, Testemunhos n.ºs 0368; 0371; 0377; 0384; 0389; 0841; 0865; 0870 e 8952.
- <sup>961</sup> HRVD, Testemunho n.º 0377 (Testemunho de Matias Slaen).
- <sup>962</sup> HRVD, Testemunho n.º 6270; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egidio Manek *et al.*, Processo n.º 9/2003, parágrafos 302-316.
- <sup>963</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 6940; 8981 e 8993.
- <sup>964</sup> *Fokupers, Apresentação à CAVR*, Julho de 2004, HRVD, Testemunho n.º F9367.
- <sup>965</sup> Sugeng Prayudi, Winston Rondo and Matheus Krivo, “‘Not Eno’: Documentation of information dissemination program on CAVR by Timor Ocidental NGO Coalition”, apresentação da West Timor NGO Coalition à CAVR, Junho de 2003, p. 29.
- <sup>966</sup> “Upaya Penuntasan Penyelesainya Penanganan Pengungsi Eks Timor Timur (sejak tahun 1999 s/d 2003)”, [“Effort at Total Solution to Handling Former East Timor Refugees (from 1999-2003)”]; document Satkorlak PBP NTT, Kupang, 2003.
- <sup>967</sup> Dolan, C., Large, J. and Obi, N., *Evaluation of UNHCR’s Repatriation and Reintegration Programme in East Timor, 1999-2003*, Geneva: UNHCR, Evaluation and Policy Analysis Unit, February 2004, p. 12.
- <sup>968</sup> HRVD, Testemunho n.º 3513.
- <sup>969</sup> HRVD, Testemunho n.º 5675.
- <sup>970</sup> HRVD, Testemunho n.º 5188.
- <sup>971</sup> HRVD, Testemunho n.º 8095.
- <sup>972</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Anastácio Martins e Domingos Gonçalves, Processo n.º 11/2001, parágrafos 46-52.
- <sup>973</sup> HRVD, Testemunho n.º 8335.
- <sup>974</sup> HRVD, Testemunho n.º 4836.
- <sup>975</sup> HRVD, Testemunho n.º 5718.
- <sup>976</sup> HRVD, Testemunho n.º 7153.
- <sup>977</sup> HRVD, Testemunho n.º 7155.
- <sup>978</sup> HRVD, Testemunho n.º 2588.
- <sup>979</sup> HRVD, Testemunho n.º 3706.
- <sup>980</sup> HRVD, Testemunho n.º 2645.
- <sup>981</sup> HRVD, Testemunhos n.ºs 2820 e 2880.
- <sup>982</sup> HRVD, Testemunho n.º 2825.
- <sup>983</sup> HRVD, Testemunho n.º 2887.
- <sup>984</sup> HRVD, Testemunho n.º 4835.

- 
- <sup>985</sup> HRVD, Testemunho n° 4907.
- <sup>986</sup> HRVD, Testemunhos n°s 3266; 3269 e 4839. Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Domingos Alberto Carlos, Carlos José e Almeida Martins (também conhecido como Almeida Soares), Processo n° 20/2003, parágrafos 17-41.
- <sup>987</sup> HRVD, Testemunho n° 3269.
- <sup>988</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Gaspar Leite, Processo n° 05/2001.
- <sup>989</sup> HRVD, Testemunho n° 3230.
- <sup>990</sup> HRVD, Testemunho n° 3227.
- <sup>991</sup> HRVD, Testemunho n° 3580.
- <sup>992</sup> HRVD, Testemunho n° 3229.
- <sup>993</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Adolfo Amaral, Processo n° 35/2003.
- <sup>994</sup> HRVD, Testemunho n° 2089.
- <sup>995</sup> HRVD, Testemunho n° 5789.
- <sup>996</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Anigio de Oliveira, Processo n° 07/2001.
- <sup>997</sup> HRVD, Testemunhos n°s 2008 e 2676.
- <sup>998</sup> HRVD, Testemunho n° 7408.
- <sup>999</sup> HRVD, Testemunho n° 1312.
- <sup>1000</sup> HRVD, Testemunhos n°s 1308, 1329, 1373 e 1375.
- <sup>1001</sup> HRVD, Testemunho n° 1353.
- <sup>1002</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Richard Hutadjulu *et al.*, Processo n° 2003/33.
- <sup>1003</sup> HRVD, Testemunho n° 7089.
- <sup>1004</sup> HRVD, Testemunho n° 2362. Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Richard Hutadjulu *et al.*, Processo n° 33/2003.
- <sup>1005</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Richard Hutadjulu *et al.*, Processo n° 2003/33. Ver também testemunhos números 2362 e 0563.
- <sup>1006</sup> HRVD, Testemunho n° 2329.
- <sup>1007</sup> HRVD, Testemunho n° 2335.
- <sup>1008</sup> HRVD, Testemunho n° 4248.
- <sup>1009</sup> HRVD, Testemunho n° 4254.
- <sup>1010</sup> HRVD, Testemunho n° 8947.
- <sup>1011</sup> HRVD, Testemunhos n°s 8633 e 8806.
- <sup>1012</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Francisco dos Santos Laku, Armindo dos Santos e Mário de Carvalho, Processo n° 2001/08.
- <sup>1013</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Francisco Pedro alias Geger, Processo n° 2001/01. Ver também HRVD, Testemunho n° 06873.
- <sup>1014</sup> HRVD, Testemunho n° 8145.
- <sup>1015</sup> Procurador-Geral Adjunto da UNMISSET, Acusação contra Paulino de Jesus, Processo n° 2002/06.

- 
- <sup>1016</sup> HRVD, Testemunho nº 8230.
- <sup>1017</sup> HRVD, Testemunho nº 8230.
- <sup>1018</sup> HRVD, Testemunhos nºs 6759 e 8224.
- <sup>1019</sup> HRVD, Testemunho nº 6727.
- <sup>1020</sup> HRVD, Testemunho nº 6745.
- <sup>1021</sup> HRVD, Testemunho nº 6747.
- <sup>1022</sup> HRVD, Testemunho nº 4491.
- <sup>1023</sup> HRVD, Testemunho nº 6743.
- <sup>1024</sup> HRVD, Testemunho nº 5541.
- <sup>1025</sup> HRVD, Testemunho nº 2545.
- <sup>1026</sup> HRVD, Testemunho nº 4297.
- <sup>1027</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Lolotoe , Processo nº 04/2001; HRVD, Testemunho nº 5541.
- <sup>1028</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Lolotoe , Processo nº 04/2001; HRVD, Testemunho nºs 5538 e 5545.
- <sup>1029</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo nº 18/2003.
- <sup>1030</sup> HRVD, Testemunhos nºs 2405, 2584 e 2590.
- <sup>1031</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves , Acusação contra Augusto Asameta Tavares, Processo nº 02/2001.
- <sup>1032</sup> HRVD, Testemunho nº 8810.
- <sup>1033</sup> HRVD, Testemunho nº 1153.
- <sup>1034</sup> HRVD, Testemunho nº 2582.
- <sup>1035</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves , Acusação de Maliana, Processo nº 18/2003; HRVD, Testemunho nº 2595.
- <sup>1036</sup> HRVD, Testemunho nº 2430.
- <sup>1037</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação de Maliana, Processo nº 18/2003, parágrafos 234-246.
- <sup>1038</sup> HRVD, Testemunho nº 5519.
- <sup>1039</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Manuel Gonsales Bere, Processo nº 10/2000.
- <sup>1040</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.* , Processo nº 9/2003, parágrafos 199-206.
- <sup>1041</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.* , Processo nº 9/2003, parágrafos 242-254.
- <sup>1042</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra coronel Herman Sedyono *et al.* , Processo nº 14/2003, parágrafos 364-367.
- <sup>1043</sup> HRVD, Testemunho nº 5113.
- <sup>1044</sup> HRVD, Testemunho nº 3673.
- <sup>1045</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.* , Processo nº 9/2003, parágrafos 265-279.

- 
- <sup>1046</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 361-363.
- <sup>1047</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.*, Processo nº 9/2003, parágrafos 295-301.
- <sup>1048</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 354-360.
- <sup>1049</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 368-371; HRVD, Testemunho nº 8440.
- <sup>1050</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 372-377.
- <sup>1051</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek, Processo nº 9/2003, parágrafos 340-343.
- <sup>1052</sup> HRVD, Testemunho nº 8435.
- <sup>1053</sup> HRVD, Testemunho nº 7219.
- <sup>1054</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Joanico Gusmão, Processo nº 7/2003, parágrafos 15-22.
- <sup>1055</sup> HRVD, Testemunho nº 2049.
- <sup>1056</sup> HRVD, Testemunho nº 8958.
- <sup>1057</sup> HRVD, Testemunho nº 8439.
- <sup>1058</sup> HRVD, Testemunho nº 7386.
- <sup>1059</sup> HRVD, Testemunho nº 6345.
- <sup>1060</sup> HRVD, Testemunho nº 8424.
- <sup>1061</sup> HRVD, Testemunho nº 7247.
- <sup>1062</sup> HRVD, Testemunho nº 7396.
- <sup>1063</sup> HRVD, Testemunho nº 3653.
- <sup>1064</sup> HRVD, Testemunho nº 6261.
- <sup>1065</sup> HRVD, Testemunho nº 8593.
- <sup>1066</sup> HRVD, Testemunho nº 3672.
- <sup>1067</sup> HRVD, Testemunho nº 3628.
- <sup>1068</sup> HRVD, Testemunho nº 8525.
- <sup>1069</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.*, Processo nº 9/2003, parágrafos 317-324.
- <sup>1070</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 424-428.
- <sup>1071</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Egídio Manek *et al.*, Processo nº 9/2003, parágrafos 337-339.
- <sup>1072</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 378-386.
- <sup>1073</sup> *Ibid.*, parágrafo 344.

- 
- <sup>1074</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Herman Sedyono *et al.*, Processo nº 14/2003, parágrafos 417-421.
- <sup>1075</sup> HRVD, Testemunho nº 2040.
- <sup>1076</sup> HRVD, Testemunho nº 5046. Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Beny Ludji e José Pereira, Processo nº 2003/16.
- <sup>1077</sup> HRVD, Testemunho nº 5084.
- <sup>1078</sup> HRVD, Testemunho nº 7024.
- <sup>1079</sup> HRVD, Testemunho nº 5755.
- <sup>1080</sup> HRVD, Testemunho nº 5060.
- <sup>1081</sup> HRVD, Testemunho nº 0197.
- <sup>1082</sup> HRVD, Testemunhos nºs 2433 e 3711.
- <sup>1083</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Mateus de Carvalho *et al.*, Processo nº 2003/24, parágrafos 57-61.
- <sup>1084</sup> HRVD, Testemunho nº 5054.
- <sup>1085</sup> HRVD, Testemunho nº 5053.
- <sup>1086</sup> HRVD, Testemunho nº 5775.
- <sup>1087</sup> HRVD, Testemunho nº 8048.
- <sup>1088</sup> HRVD, Testemunho nº 6933.
- <sup>1089</sup> HRVD, Testemunho nº 6932.
- <sup>1090</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Mateus de Carvalho *et al.*, Processo nº 24/2003, parágrafos 66-70.
- <sup>1091</sup> HRVD, Testemunho nº 0103.
- <sup>1092</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Mateus de Carvalho *et al.*, Processo nº 24/2003, parágrafos 71-75.
- <sup>1093</sup> Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Agustino da Costa, Processo nº 7/2000.
- <sup>1094</sup> HRVD, Testemunho nº 4467.
- <sup>1095</sup> HRVD, Testemunho nº 6159.
- <sup>1096</sup> HRVD, Testemunho nº 6363.
- <sup>1097</sup> HRVD, Testemunho nº 8335.
- <sup>1098</sup> HRVD, Testemunho nº 1057.
- <sup>1099</sup> HRVD, Testemunho nº 3536.
- <sup>1100</sup> HRVD, Testemunho nº 7626.
- <sup>1101</sup> HRVD, Testemunho nº 7620.
- <sup>1102</sup> HRVD, Testemunho nº 7622.
- <sup>1103</sup> HRVD, Testemunho nº 8752.
- <sup>1104</sup> HRVD, Testemunho nº 8742. Procurador-Geral de Timor-Leste, Acusação contra o major Jacob Djoko Sarosa e o tenente Camilo dos Santos, Processo nº 10/2002, parágrafos 44-49.

- 
- <sup>1105</sup> Procurador-Geral de Timor-Leste, Acusação contra o major Jacob Djoko Sarosa e o tenente Camilo dos Santos, Processo nº 10/2002, parágrafos 15-34.
- <sup>1106</sup> HRVD, Testemunho nº 8734.
- <sup>1107</sup> HRVD, Testemunhos nºs 8734 e 8743.
- <sup>1108</sup> HRVD, Testemunho nº 8747.
- <sup>1109</sup> HRVD, Testemunho nº 8738.
- <sup>1110</sup> HRVD, Testemunho nº 8743.
- <sup>1111</sup> HRVD, Testemunho nº 2255.
- <sup>1112</sup> HRVD, Testemunho nº 2147. Procurador-Geral de Timor-Leste, Acusação contra o major Jacob Djoko Sarosa e o tenente Camilo dos Santos, Processo nº 2002/10, parágrafos 57-64.
- <sup>1113</sup> HRVD, Testemunho nº 2285. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Joni Marques *et al.*, Processo nº 9/2000, parágrafos 29-32. Painel Especial para Crimes Graves, Sentença, 11 de Dezembro de 2001.
- <sup>1114</sup> HRVD, Testemunho nº 2298.
- <sup>1115</sup> HRVD, Testemunho nº 2127. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra José Valente, Processo nº 3/2001.
- <sup>1116</sup> HRVD, Testemunhos nºs 0249, 0250, 0227 e 0228. Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Anastácio Martins e Domingos Gonçalves, Processo nº 11/2001, parágrafos 25-33.
- <sup>1117</sup> HRVD, Testemunho nº 6476.
- <sup>1118</sup> HRVD, Testemunho nº 6565.
- <sup>1119</sup> Testemunhos números 06497 e 8282.
- <sup>1120</sup> HRVD, Testemunho nº 7897.
- <sup>1121</sup> HRVD, Testemunho nº 6486.
- <sup>1122</sup> HRVD, Testemunho nº 6486. Procurador-Geral, Acusação contra Vidal Doutel Sarmiento *et al.*, Processo nº 11/2002, parágrafos 80-103.
- <sup>1123</sup> HRVD, Testemunhos nºs 7949 e 7533.
- <sup>1124</sup> HRVD, Testemunho nº 7902.
- <sup>1125</sup> HRVD, Testemunho nº 7903.
- <sup>1126</sup> HRVD, Testemunho nº 1912.
- <sup>1127</sup> HRVD, Testemunho nº 1371; Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo nº 13/2004, parágrafos 50-55.
- <sup>1128</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo nº 13/2004, parágrafos 56-59.
- <sup>1129</sup> Idem, parágrafos 60-69.
- <sup>1130</sup> Idem, parágrafos 70-71.
- <sup>1131</sup> HRVD, Testemunho nº 5414.
- <sup>1132</sup> HRVD, Testemunho nº 5428. Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo nº 13/2004, parágrafos 72-73.
- <sup>1133</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo nº 13/2004, parágrafos 74-85.

- 
- <sup>1134</sup> HRVD, Testemunho n° 4059.
- <sup>1135</sup> HRVD, Testemunhos n°s 4740 e 5440.
- <sup>1136</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Nazário Vital dos Santos Corte Real *et al.*, Processo n° 2004/13, parágrafos 86-87.
- <sup>1137</sup> Sobre os ataques aos três sucos, ver Procurador-Geral da UNTAET, Acusação contra Simão Lopes *et al.*, Processo n° 20/2001, parágrafos 42-55.
- <sup>1138</sup> HRVD, Testemunho n° 2838.
- <sup>1139</sup> HRVD, Testemunho n° 2828.
- <sup>1140</sup> HRVD, Testemunho n° 2901.
- <sup>1141</sup> HRVD, Testemunho n° 2901.
- <sup>1142</sup> HRVD, Testemunho n° 2854.
- <sup>1143</sup> HRVD, Testemunho n° 2895.
- <sup>1144</sup> HRVD, Testemunho n° 6904.
- <sup>1145</sup> HRVD, Testemunho n° 2901.
- <sup>1146</sup> HRVD, Testemunho n° 2645.
- <sup>1147</sup> Procurador-Geral Adjunto para Crimes Graves, Acusação contra Jorge Ulan *et al.*, Processo n° 32/2003.
- <sup>1148</sup> HRVD, Testemunho n° 2840; Procurador-Geral da República Democrática de Timor-Leste, Acusação contra Umbertus Ena e Carlos Ena, Processo n° 5/2002.
- <sup>1149</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0857, 0860 e 0330.
- <sup>1150</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0311, 0383 e 0392.
- <sup>1151</sup> HRVD, Testemunho n° 0307.
- <sup>1152</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0843 e 0850.
- <sup>1153</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0828 e 0818.
- <sup>1154</sup> HRVD, Testemunho n° 0829.
- <sup>1155</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0357, 0814 e 0881.
- <sup>1156</sup> HRVD, Testemunhos n°s 2894, 0871 e 2943.
- <sup>1157</sup> HRVD, Testemunho n° 2919.
- <sup>1158</sup> HRVD, Testemunho n° 2939.
- <sup>1159</sup> HRVD, Testemunho n° 0877.
- <sup>1160</sup> HRVD, Testemunho n° 2944.
- <sup>1161</sup> HRVD, Testemunho n° 0867.
- <sup>1162</sup> HRVD, Testemunho n° 0376.
- <sup>1163</sup> HRVD, Testemunho n° 8949.
- <sup>1164</sup> HRVD, Testemunho n° 2648.
- <sup>1165</sup> HRVD, Testemunhos n°s 0355 e 0817.
- <sup>1166</sup> HRVD, Testemunho n° 00453.
- <sup>1167</sup> HRVD, Testemunho n° 00452.

---

<sup>1168</sup> HRVD, Testemunho n° 00461.

<sup>1169</sup> HRVD, Testemunhos n°s 00452, 00453 e 00461.

<sup>1170</sup> HRVD, Testemunho n° 00425; Tim Relawan Flores untuk Kemanusiàn, *Pasukan Sipil Integrasi - Kekerasan dan Pengungsian Warga Timor Leste* [Flores Volunteer Team for Humanity, *Integration Civilian Forces – Violence and Displacement of East Timorese*], Apresentação à CAVR, Julho de 2003, p. 52.